

OPAL REYNE

A SOUL TO
KEEP

DUSKWALKER BRIDES BOOK 1

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



OPAL REYNE

A SOUL TO
KEEP

DUSKWALKER BRIDES BOOK 1

DUST WALKER BRIDES

ORDEM DE LEITURA



SINOPSE

TUDO O QUE REIA SEMPRE QUIS FOI LIBERDADE.

Conhecida como um prenúncio de maus presságios e culpada por demônios comerem sua família, Reia é evitada por toda sua aldeia. Quando a próxima oferenda é feita e o monstruoso Caminhante do Crepúsculo é visto na direção deles, sua aldeia lhe oferece uma escolha impossível - ser jogada nas celas da prisão ou se permitir ser sacrificada a um monstro sem rosto.

No entanto, ele não é o que parece. Seu rosto de crânio e seus olhos brilhantes são etéreos, e ela se vê involuntariamente encantada por ele.

TUDO O QUE ORPHEUS SEMPRE QUIS FOI UMA COMPANHEIRA.

A cada década, em troca de uma barreira de proteção contra os demônios que aterrorizam o mundo, Orpheus leva uma oferta humana ao Véu - o lugar onde ele vive e o lar dos demônios. A breve companhia pouco faz para aliviar sua solidão, e suas vidas sempre foram, infelizmente, cortadas.

Ele pensava que era um esforço sem esperança, até que a conheceu. Ela não tem medo dele, e seu desejo insaciável se aprofunda dentro de cada momento de sua presença.

MAS SERÁ QUE ORPHEUS CONSEGUIRÁ CONVENCER REIA A FICAR ANTES QUE ELA SE PERCA PARA ELE PARA SEMPRE?

PRÓLOGO

Desde que ela conseguia se lembrar, havia monstros.

Demônios que espreitam nas sombras. Na neve, nas árvores, em todas as fendas sombrias possíveis. As criaturas nojentas procuravam a escuridão enquanto ouviam e esperavam por suas presas. Engolidos pela profundidade escancarada que o luar não tocava sob a copa das folhas, eles se escondiam dentro de arbustos com garras prontas para agarrar presas inocentes.

Eles eram maus. *Profanos*.

Eles aterrorizavam a humanidade.

Eles assombravam perto de chalés, casas e cidades para cultivar aquele delicioso cheiro de medo de dar água na boca para si mesmos, como se encontrassem suas presas mais doces se estivessem com medo. Uivando e emitindo crepitações, cliques, como o chocalhar de ossos secos juntos, eles farfalhavam árvores e quebravam galhos à distância – qualquer coisa para garantir que os humanos soubessem que estavam esperando por eles.

As cidades atraíam os Demônios apenas pela força do cheiro, criando um campo de alimentação. Como um contágio, um humano apavorado espalhava um fedor por toda a vila.

Juntamente com os guardas humanos, paredes feitas de altas estacas de madeira circundavam as cidades e as mantinham afastadas.

Mas, às vezes, não era o suficiente para mantê-los seguros.

Eles vinham em vários tamanhos diferentes, o que informava às suas presas se o monstro à sua frente garantiria sua morte ou não. Quanto menor o Demônio, menos provável que eles tivessem se alimentado de um humano antes. Com os Demônios maiores, só se podia imaginar quantos humanos eles consumiram para crescer até sua altura, estrutura e força monstruosas.

Sua pele era negra como um vazio, e eles geralmente rastejavam com uma cabeça em forma humana e um corpo repugnantemente mesclado com partes de animais. Seus rostos tinham ângulos humanos, exceto ao redor de suas bocas, onde ao invés disso, eles tinham presas monstruosas com algum tipo de focinho.

Alguns tinham chifres na cabeça, outros espinhos. Alguns tinham penas ou pelo, e outros nada.

Depois, havia aqueles com asas de morcego brotando de suas costas que eram considerados antigos. Raros, mas alguns dos mais mortais por causa do número de humanos que eles comeram para obter asas para o verdadeiro vôo. Esses Demônios antigos desciam de cima, e antes mesmo que uma pessoa soubesse que haviam sido tirados do chão, uma boca grande e cheia de presas se estendia ao redor de sua cabeça e se fechava com uma explosão de sangue e matéria cerebral.

Havia apenas duas maneiras de evitar ser pego nas garras desses monstros. As pessoas podiam viver isoladas das cidades que atraíam a atenção dos Demônios, ou viver confinadas dentro de seus muros.

Se alguém escolhesse viver dentro das cidades, eles só poderiam andar da relativa segurança das muralhas da cidade durante o dia, quando a luz do sol mantinha os monstros afastados. Era seu único conforto, que a maioria, mas não todos, dos Demônios não podiam suportar a luz.

Os que viviam isolados o faziam com famílias pequenas e erguiam suas casas no meio de clareiras para protegê-los ao longo do dia.

À noite, as janelas tinham que ser fechadas, as portas trancadas, e era melhor não fazer muito barulho ou criar muita luz para ficar escondido. Eles também contavam com feitiços colocados nas paredes por Sacerdotes e Sacerdotisas humanas que viajavam pelo mundo para ajudar as muitas cidades e seus residentes. Os feitiços eram fracos e facilmente quebrados, mas mantinham os Demônios menores afastados. A proteção não pararia uma torrente deles, no entanto - ou os mais fortes.

Felizmente para a humanidade, a maioria dos Demônios que aterrorizavam o mundo eram pequenos. Era a única coisa que eles estavam agradecidos por considerar o estado horrível do mundo.

Todos esses monstros viviam no Véu, o lugar que chamavam de lar e onde se acreditava que foram criados. Era uma grande

extensão de floresta, até onde a vista alcançava, constituindo um quarto de todo o continente. Cercado por bordas de penhascos, a sombra das árvores parecia nunca deixar espaço para o sol tocar o chão. Era um lugar onde todas essas criaturas podiam vagar livremente – mesmo durante o dia.

Esse era o único consolo para os humanos. Os demônios não suportavam a luz direta do sol e muitas vezes fugiam para a segurança do Véu ao longo do dia.

Ninguém ousava se aventurar perto daquele lugar assustador, e ninguém que nunca tivesse retornado. Ninguém sabia o que havia dentro do Véu.

Era um lugar de pesadelos.

Mas, apesar dos Demônios e do Véu, havia seres ainda mais aterrorizantes. Havia criaturas de pesadelo que vagavam pelo mundo como presságios terríveis. Aqueles que podiam andar na luz do sol. Eles não eram nada como os Demônios, acreditavam ser algo completamente diferente.

Caminhantes do Crepúsculo.

Ver um significava que a morte estava próxima. Não apenas para os humanos, mas também para os Demônios, animais – tudo. Eles eram terrivelmente inteligentes. Eles podiam falar, podiam barganhar e podiam destruir se seu humor decidisse.

Algumas aldeias, muito, muito longe de onde ela morava, nunca haviam encontrado um. A maioria dos humanos viveria suas vidas inteiras e nunca veria um, nem falaria com alguém que o tivesse visto. Infelizmente, esse nunca foi o caso da cidade que ela chamava de lar.

Mesmo quando ela era pequena, ela sabia sobre os Caminhantes do Crepúsculo. Que se ela visse um à distância, era para correr.

A maneira mais fácil de identificar um Caminhante do Crepúsculo era seu rosto, ou melhor, a falta dele.

O Caminhante do Crepúsculo que presumivelmente vivia mais próximo a eles no Véu andava com roupas pretas que cobriam seu corpo do pescoço aos pés. Ele também usava um manto preto que

cobria sua cabeça.

Alguém poderia presumir que era um humano por trás, com base em seu traje, se não fosse pelo fato de ter dois metros de altura com chifres de antílope projetando-se através de dois orifícios cortados em seu capuz preto. Se ele o encarasse, você veria um crânio de lobo de nariz comprido olhando para você com orbes azuis brilhantes que flutuavam em suas órbitas vazias.

O Caminhante do Crepúsculo nunca viajava sozinho, sempre acompanhado por dois lobos etéreos negros que tinham chamas azuis passando por seus pelos. Seus rostos também tinham caveiras - como se eles copiassem seu mestre - e eles eram perturbadoramente silenciosos. Suas patas nunca trituravam a neve no inverno ou farfalhavam nas folhas no verão. Eles não bufavam. Eles não uivavam.

Eles apenas faziam um latido estranho e distorcido de um animal que soava como se estivesse morrendo, e eles só o faziam por ordem de seu mestre.

Ver um Caminhante do Crepúsculo e seus companheiros vagando acima do Véu em território humano significava que fazia dez anos desde que foi visto pela última vez, e estava procurando fazer uma barganha em uma de suas cidades mais uma vez.

E aparentemente, *Reia Salvias* ia ser oferecida em sacrifício.

— Desde que podemos nos lembrar, existem monstros, — Reia disse com uma voz severa, mas monótona. Erguendo os braços, ela permitiu que a Sacerdotisa a vestisse para vesti-la habilmente com um vestido branco. — Por que eles acreditam que eu sou a razão deles agora?

O vestido deslizando sobre seu corpo era bastante simples.

Ele abraçou suas curvas ao redor de seu torso antes de pendurar frouxamente em torno de seus quadris e pernas. Os punhos de renda eram cheios de babados enquanto se enrolavam longos e largos em torno de seus pulsos, balançando cada vez que ela movia as mãos. Embora suas mãos parassem no meio das coxas, as mangas com babados caíam logo abaixo dos joelhos.

Além das mangas compridas com renda, o único outro lugar onde havia renda era em volta da cintura, que descia na frente dela, chegando a um V até os joelhos.

Parecia terrivelmente feito, mas era incrivelmente macio, como uma nuvem de algodão, contra sua pele sensível.

— Você sabe por quê, — a Sacerdotisa respondeu com um tom curto. — Eles nos disseram que você é um prenúncio de maus presságios.

A Sacerdotisa - já que isso era tudo que Reia poderia chamá-la, já que elas não compartilhavam seus nomes - estava vestida com uma capa branca que tinha grandes símbolos rúnicos roxos pintados nas costuras da capa. Cada costura ao redor do capuz, as mangas, a abertura no centro e até a bainha que dançava logo acima do solo estavam cobertas de runas roxas.

Todas usavam máscaras de argila branca com detalhes em ouro decorando cada uma. A mulher que a vestia decidiu pintar um desenho de olho de gato ao redor dos olhos cobertos de malha branca da máscara, enquanto os lábios, que tinham apenas uma pequena abertura para que ela pudesse ser ouvida, eram pintados de dourado como batom.

A Sacerdotisa parecia muito mais velha do que os vinte e seis

anos de idade de Reia, mas em vez da gentileza com que ela falava em sua voz envelhecida para o resto da aldeia, ela falava grosseiramente com Reia.

Ela foi forçada a se ver sendo vestida no espelho oval deste pequeno quarto que era toda a sua casa. O vestido da Sacerdotisa perturbou toda a poeira escondida que Reia não conseguiu encontrar e limpar. A poeira brilhava ao sol da manhã que banhava o quarto com piso de madeira, não dando nenhuma indicação de quão horrível o dia seria para ela.

Em vez disso, parecia lindo, pacífico, quente - apesar de ser tão cedo na primavera que nem uma única flor poderia desabrochar sob a neve restante.

Na frente dela estava o espelho de corpo inteiro, enquanto ao lado dele estava sua cama de solteiro esculpida em madeira que continha o colchão mais desconfortável conhecido na criação. Deveria ser feito de penugem, pele e lã; em vez disso, era feito de palha e feno.

Do outro lado havia uma pequena lareira de pedra que ela tinha que acender com um fósforo para cozinhar. A mesa de jantar e a cadeira singular - já que ela nunca recebia visitas - ficavam bem ao lado da lareira nesta casa desordenada.

A última peça de mobília que ela possuía era um guarda-roupa com as roupas que ela mesma havia feito à mão - o povo da aldeia temia tocar nas roupas que ela usaria - com rolos de tecido feio inclinados contra ela.

Ela não possuía mais nada.

Nada de joias, nada de enfeites de casas, nada de pinturas bonitas. Reia não possuía nada além desta pequena casa que havia sido construída para ela nos arredores da cidade entre ela e as paredes de estacas de madeira que a cercavam por segurança.

Tenho certeza que quando eu morrer, eles vão queimar esta casa.

Estava frio desde que foi feito de forma grosseira. Ao longo dos anos, ela trabalhou para tapar os buracos que encontrava nas ripas redondas de madeira com os restos de material de suas criações de roupas para proteger do vento.

— Não é minha culpa que eu sou a única que sobreviveu, —

Reia resmungou para si mesma baixinho enquanto era forçada a colocar seus pés delicados em um par de sapatos brancos.

Ela não tinha feito essa roupa.

Foi trazida pelos Sacerdotes e Sacerdotisas que chegaram no início do mês. Eles vieram sabendo que o Caminhante do Crepúsculo acabaria se aproximando de uma das três aldeias que visitava uma vez a cada década. O vestido tinha sido limpo, assim como Reia tinha sido quando ela foi enxugada em algum líquido perfumado que cheirava fortemente a ervas e óleos. Ela odiou cada momento da Sacerdotisa lavando seu corpo para ela, mas a Sacerdotisa afirmou que o feitiço que ela estava usando exigia que ela mesma o administrasse.

— Isso pode ser verdade, — a Sacerdotisa disse enquanto colocava uma coroa de flores brancas e folhosas em volta da cabeça. O cabelo liso e loiro de Reia tinha sido arrancado de todos os seus nós e parecia brilhante sob a coroa, um toque de verde espreitando dos caules e folhas que eles usaram para tecê-lo. — Mas você ainda é a única que sobreviveu. Você deveria ter perecido com o resto de sua família amaldiçoada.

Reia cerrou os dentes enquanto suas mãos se fechavam em punhos tão apertados que as costas de seus dedos, que estavam rosados pelo frio, ficaram brancas e pálidas como o resto de sua pele.

— Eu não sei porque os Demônios não me comeram como o resto da minha família. Só porque sobrevivi, não *significa* que sou amaldiçoada ou um mau presságio.

Eu não quero fazer isso! Sua vida havia sido ditada a ela por esta aldeia, cada momento fora de seu controle, simplesmente porque sua família havia morrido. Então ela foi culpada por isso! Culpado por algo que vinha acontecendo há séculos. E agora, ela estava sendo forçada a se sacrificar, usar esse vestidinho estúpido, porque eles estavam obrigando Reia a fazer isso ou ela enfrentaria as consequências. *Não é justo, porra!*

Reia tinha apenas sete anos quando isso aconteceu.

Ela se lembrava muito pouco sobre a noite em que dois Demônios fortes, enormes e grandes em suas memórias, conseguiram romper as proteções em torno de sua casa, destruindo todos dentro

dela.

Sua mãe, seu pai, seu irmãozinho... até o cachorro deles, que não parava de latir, acabou sendo comido.

Ela sabia que não tinha gritado, não tinha tentado correr, não tinha feito nada além de esperar enquanto sua família era comida. Estava escuro, o que dificultava a visão. A única coisa que ela realmente conseguia se lembrar eram os sons de ossos sendo triturados, pele rasgada, bocas engolindo em seco e os gritos de morte de sua família.

Ela tapou os ouvidos para se esconder dos ruídos perturbadores e sentou-se no canto da sala de estar, sentindo-se ocasionalmente salpicada com um jato de sangue. Esse era apenas o começo do massacre que ela encontraria pela manhã, quando o sol finalmente iluminasse o interior da casa.

Ela só se lembrava de sentir tristeza e perda, sabendo que sua família havia partido. Ela saiu de casa chorando, indo até a aldeia para contar a eles o que havia acontecido.

Um grupo de três homens a levou de volta para sua casa e lhe disse para explicar o que havia acontecido. Realmente, eles estavam tentando descobrir como ela ainda estava viva.

Eles já estavam desconfiados dela, e na volta, foram atacados por pequenos e médios Demônios enquanto caminhavam pela floresta no final da tarde. Apenas um dos homens sobreviveu. Ela sabia agora que ele tinha fugido dela assim como tinha fugido dos Demônios.

Mas, apesar do medo de Reia, os aldeões não queriam que os monstros ficassem mais fortes devorando mais um humano. Eles se recusaram a abandoná-la dentro da floresta para sobreviver sozinha no caso de um Demônio se alimentar dela e ficar mais poderoso.

Por mais que eles pensassem que ela era um mau presságio, eles temiam que ela de alguma forma lhes concedesse ainda mais poder se fosse comida - como se ela pudesse ser algum tipo de humano escolhido.

Não existe um ser humano escolhido. Nem mesmo os Sacerdotes ou Sacerdotisas acreditaram nisso. Além de ser rotulada como um prenúncio da morte, escuridão ou maus presságios, Reia era uma

humana comum.

Além daquela fatídica noite e dia, não houve mais destruição desordenada de Demônios ao seu redor.

Infelizmente, nunca foi seguro andar pela vila à noite. Aqueles estúpidos o suficiente para fazê-lo às vezes eram pegos, deixando nada para trás além de um rastro de sangue. Embora fosse incomum porque geralmente era um Demônio voador, e isso acontecia desde antes de ela nascer, ela seria de alguma forma culpada por isso.

Eles alegariam que a pessoa havia falado com ela naquele dia - embora ninguém na aldeia tenha falado com ela. Ou que ela fez contato visual com a pessoa e solidificou sua morte iminente - mesmo que ela não tivesse saído de casa.

— Você sobreviveu independentemente, — a Sacerdotisa rejeitou friamente. — Os Demônios deixaram você sozinha, isso em si é um mau presságio. Você está amaldiçoada e provavelmente é a razão pela qual sua família está morta.

As chamas de raiva queimaram no peito de Reia quando um manto branco foi amarrado tão firmemente em volta de sua garganta que a deixou sufocada.

— Então por que a vila não acabou de me matar? — Reia perguntou, já sabendo a resposta.

Ela só queria que alguém dissesse isso em voz alta, esperando que isso convencesse a Sacerdotisa a ajudá-la a parar com isso.

— Porque é considerado má sorte matar um humano que recebeu o título de arauto de maus presságios.

— Então me sacrificar para o Caminhante do Crepúsculo é mais seguro?

Atrás de sua máscara, a Sacerdotisa estalou a língua enquanto aplicava sombra dourada nas pálpebras de Reia. Em seguida, ela polvilhou as bochechas com rosa e esfregou uma pasta avermelhada nos lábios que iria secar e alisá-los para tingi-los.

— Não sabemos — ela respondeu com sinceridade, após um breve momento de reflexão. — Mas eles acreditam que estão devolvendo sua alma contaminada ao Véu, onde pertence todo pecado humano.

Reia bateu o pé levemente em frustração enquanto soprava uma mecha de cabelo do rosto, percebendo que seu plano não estava funcionando. *Vou ter que ser mais direta.*

— Você não pode convencê-los do contrário? Eu vivi por uma razão. Talvez eu seja realmente uma portador de vida e proteção.

A Sacerdotisa soltou uma gargalhada, balançando a cabeça sob o capuz de seu manto branco.

— Não. É a escolha da aldeia sobre quem eles vão sacrificar a ele. Não temos nada a dizer sobre isso, especialmente porque não sabemos o que vai acontecer. Isso pode trazer prosperidade para o seu povo.

— Eles estão apenas tentando se livrar de mim!

— Verdade. — Ela suspirou, afastando-se enquanto sua máscara se inclinava para baixo e depois para cima, como se estivesse olhando por cima de sua roupa. — Mas ele oferece uma barreira de proteção que é mais poderosa do que qualquer coisa que nós, humanos, possamos produzir com nossa fraca magia.

— Sua magia é considerada igualmente profana, e ainda assim você não pode ser sacrificada. — Aparentemente, a magia dentro dos humanos era nojenta, e Demônios e Caminhantes do Crepúsculo não gostavam do sabor. Por esse motivo, muitas vezes eram deixados sozinhos quando viajavam entre aldeias e cidades. — E se for igual? Nós poderíamos irritá-lo. Ele poderia me matar e profanar a cidade inteira ao mesmo tempo!

— Você não precisa ter medo. — A Sacerdotisa se afastou dela enquanto puxava as mangas para trás. Ela se ajoelhou sobre um balde de água para limpar os braços e as mãos depois de tocar Reia como se ela fosse uma doença vil. — Você se tornará sua noiva. Você estará segura.

A questão era que Reia não sentia medo. Ela estava lívida!

Ela experimentou a morte de sua própria família e depois foi tratada como uma pária repugnante. Ela não tinha permissão para falar com ninguém, não tinha permissão para olhar para ninguém.

A única razão pela qual ela nunca foi jogada nas celas da prisão permanentemente, apesar do fato de nunca ter cometido um crime em

sua vida, foi porque eles estavam preocupados em perturbar algum poder cósmico superior.

Ela só tinha permissão para morar sozinha e só podia sair de casa para buscar comida com os outros aldeões na praça do terreno. Sempre ao meio-dia, o ponto mais alto do sol, como eles temiam que se estivesse mais perto da escuridão significaria sua morte certa.

Eles deram a ela livremente, mas ela teria que colocar sua cesta no chão e esperar que ela fosse enchida enquanto ficava a vários metros de distância. Os aldeões jogavam a comida e a água dentro, muitas vezes faltando, e Reia era forçada a pegá-la sozinha quando eles iam embora.

— Então por que ele precisa de uma nova a cada década? — Ela queria gritar sua raiva, queria chutar e gritar como uma criança, mas sabia que era inútil.

Ela deveria ser complacente, ou eles a jogariam na cela que haviam criado sob o solo e a deixariam lá para apodrecer. Mesmo que ela não quisesse ser sacrificada para o Caminhante do Crepúsculo, ela não queria mais viver dentro de uma cela pelo resto de sua vida.

Talvez eu possa fugir dele. Ela poderia encontrar a liberdade, já que nunca havia conseguido escapar da aldeia. Os guardas vigiavam as duas únicas saídas e nunca permitiam que ela se aproximasse delas.

Ela foi pega algumas vezes tentando escalar as paredes e eles a jogaram dentro da cela da prisão como punição, e era por isso que ela sabia como era terrível lá embaixo. Eles estavam no subsolo para economizar espaço dentro da aldeia.

Reia sabia o quão escuro, frio e solitário era.

Reia tinha luta dentro dela, sempre teve, sempre teria. Ela queria liberdade. Ela cerrou os punhos mais uma vez. *Estarei livre.* Ela não viveria acorrentada nesta vila, nem a um pesadelo desprezível.

— Nós não sabemos. Ele pode ter um harém, ele mesmo pode matá-las, elas podem não ser capazes de sobreviver no Véu. Não sabemos se aquele lugar é seguro para os humanos respirarem. O manto de escuridão pode ser venenoso.

Havia uma névoa negra que pairava como uma nuvem ao redor das bordas da floresta do Véu que encontrava as paredes do

penhasco e, ocasionalmente, subia entre as árvores lá no fundo.

— Então, basicamente você está dizendo que eu vou morrer de qualquer maneira, — Reia afirmou com uma expressão monótona. — Como isso é seguro?

— Não é melhor do que ficar presa nesta aldeia, amaldiçoando as pessoas inocentes que vivem aqui? Ou você é tão egoísta?

Reia quase podia imaginá-la levantando uma sobancelha singular para ela em questão sob sua máscara.

Os lábios de Reia se estreitaram em aborrecimento enquanto ela mordida a língua.

Não me importo se sou egoísta.

A mulher suspirou e acenou com a mão para a frente.

— Venha. Ele foi flagrado vindo em direção a esta vila ontem. — Foi assim que eles souberam ter certeza de que Reia estaria preparada, já que ele viria para cá, e não para uma das outras duas cidades próximas. — Não precisamos mais esperar pela chegada dele. Ele virá hoje.

Como se a mulher tivesse o poder de ver o futuro como um adivinho, um sino começou a tocar ao longe, avisando-os de sua aproximação. Gritos chegaram à pequena casa de Reia antes que alguém gritasse diretamente em sua porta, recusando-se a se aproximar ou mesmo bater.

— O sacrifício deve ser alguém que é pura e disposta, — afirmou Reia, sentindo um arrepio de pavor descendo por sua espinha como o dedo horripelantemente frio de um fantasma. Seus olhos dispararam para a porta enquanto seus pés permaneciam enraizados no chão, não querendo encontrar sua morte. — Ele verá através de suas mentiras.

— Você atende a todos os requisitos. Você é pura, já que nenhum homem ousaria deitar com você. Você está disposta, pois é isso ou a cela. — A Sacerdotisa abriu a porta de sua casa e manteve-a aberta, esperando que Reia saísse. — E você o terá saudado sabendo o que ele é e que você se tornará sua noiva. Você tem permissão para ficar aqui e não cumprimentá-lo, outros sacrifícios foram preparados, mas assim que ele se for, você será levada para o subsolo para viver o

resto de seus dias.

Mais uma vez, aquelas chamas se acenderam em seu peito, cheias de rancor e ódio.

— Seus corações estão todos vazios, — Reia cuspiu com veneno em suas palavras antes de passar pela soleira.

Sininhos que haviam sido amarrados nas laterais de sua coroa de flores repicavam a cada passo que ela dava em direção à praça da cidade - as bolas dentro delas eram a canção de sua condenação - onde ela finalmente encontraria seu ceifador.

Dois

O vestido de Reia era muito longo e ela teve que levantar a bainha enquanto descia o caminho que levava de sua casa abandonada ao centro da cidade. Seu manto branco se arrastava pelo chão pesadamente, mas pouco ajudava a afastar o frio invernal que afundava sob suas roupas. Arrepios formigaram ao longo de sua pele antes de dançarem por todo seu corpo como arrepios leves.

Apenas aqueles corajosos o suficiente para colocar os olhos no Caminhante do Crepúsculo ousaram cercar o centro, e eles deram um amplo espaço quando ela entrou. Eles não pareciam mais temer olhar para ela agora que ela seria levada embora.

— Você está pronta para ir, *angelus mortem*? — perguntou o chefe da aldeia, como todos eles, recusando-se a pronunciar o próprio nome dela, como se a simples menção pudesse trazer a morte.

Gilford estava bem avançado na vida, pelo menos quarenta anos, e exibia uma série de rugas diferentes em seu rosto envelhecido. Ele era forte, tanto em força quanto em vontade, e foi por isso que foi considerado o novo chefe quando seu predecessor morreu. Ele não era muito alto, mas ainda estava acima de Reia com seu cabelo castanho curto, nariz torto e barba crescida.

Ele já foi o chefe da guarda da cidade e protegeu os habitantes da cidade de muitos demônios. Ele era confiável e sua posição lhe dava as habilidades de liderança necessárias.

Ele acenou com a mão em direção ao caminho que a levaria a um dos portões ao lado da cidade. O gesto provocou uma profunda e confusa carranca em suas sobrancelhas loiras.

Ela abriu a boca para falar, mas quando ele olhou para ela, seu rosto mudou de perturbado para quase assassino por trás de seus penetrantes olhos azuis.

Ah, então ainda não tenho permissão para falar, mesmo que esteja prestes a ser sacrificada à porra do diabo. Reia só teve permissão para falar com a Sacerdotisa porque a mulher usava um amuleto de proteção em algum lugar sob suas vestes.

Ela estalou a mandíbula fechada, estreitando os olhos em um

brilho enquanto ela assentiu. *Eu não entendo. Achei que ele vinha aqui.* Então ela notou que nenhum dos outros sacrifícios de reserva estava aqui como deveria estar.

A uma curta distância atrás de Gilford, a multidão de pessoas que desejava testemunhar o evento o seguia. Claro, eles ficaram longe dela.

Não havia árvores na cidade, não deixando nenhum lugar para um Demônio se esconder ou usar como abrigo durante o dia se de alguma forma passasse pelas paredes. Não havia arbustos, nem vegetação, exceto alguns trechos de grama; só sujeira e casas.

Passavam casa após casa que Reia não reconhecia porque nunca lhe tinham permitido visitar ninguém. Ela foi levada para a fronteira da cidade onde havia um grande espaço entre ela e os muros de proteção.

Lá estavam os dois sacrifícios de apoio, suas famílias chorando e abraçando a pessoa que poderia deixá-los.

— É melhor você se certificar de que ele te leve, *angelus mortem*, — o pai da garota de idade semelhante a Reia exigiu, estreitando os olhos sobre a cabeça dela enquanto a segurava.

Clove era o nome dela, e ela sempre foi uma criança estranha. Ao invés de ter medo dos monstros que aterrorizavam a vila, ela tinha sido o que a maioria considerava tola, curiosa. Reia não tinha dúvidas de que o interesse da mulher no Véu era a razão pela qual ela escolheu se apresentar para ser sacrificada.

Ela era uma linda mulher ruiva. Essa vermelhidão a destacava no vestido branco, na capa e na coroa de flores que usava.

Darren, por outro lado, era o mais velho de seis irmãos. Ele tinha cabelo preto que era encaracolado ao redor da pele pálida de sua testa e orelhas.

— Pare de chorar, mãe — ele suspirou antes de trazê-la para um abraço. — Estou fazendo isso para ter certeza de que estamos todos protegidos caso o monstro não vá com ele.

Monstro. Eles acreditavam que Reia era tão má quanto os Demônios que os assombravam.

— Quero ter certeza de que Sally, Tara e...

Reia parou de ouvir, sabendo que ele estava listando todos os nomes de seus irmãos como parte de algum grande discurso alegando que ele estava fazendo isso para garantir que todos pudessem viver uma vida longa. *Blá blá blá.*

Nobre. Isso era o que Reia o rotulou, mas isso era o máximo de respeito que ela daria a ele. Ele era uma das poucas pessoas que frequentemente jogava comida nela à distância em segredo.

Ele tinha acabado de completar dezoito anos, e ela preferiria muito mais que ele fosse levado do que ela. *Ele pode ter uma morte horrível. Ele merece por ser tão idiota.*

A parede de estacas ao redor das portas do portão pairava sobre todos, criando sombra suficiente a essa hora da manhã para que as pessoas da aldeia ficassem ao redor dela sob o sol, sem ousar ficar embaixo dela. Somente ela, o chefe, os outros sacrifícios e suas famílias enfrentaram a sombra ao lado dos três Sacerdotes e duas Sacerdotisas que estavam aqui para proteção adicional. Não que eles pudessem fazer muito contra o Caminhante do Crepúsculo.

Os sinos que estavam sendo tocados acima pararam e a tensão disparou por Reia, especialmente quando ela foi instruída a ficar bem no meio da clareira. Os cinco humanos cobertos por túnicas formavam um pequeno círculo atrás dela. Darren e Clove estavam alguns metros atrás deles, ambos vestidos com mantos e vestidos brancos, apesar de Darren ser um homem, enquanto suas famílias haviam saído para o sol.

Os Sacerdotes balançavam vasilhas de incenso em correntes, tentando esconder o pior de qualquer cheiro de medo. Reia duvidava que isso ajudasse.

Gilford deu um passo à frente quando quatro homens empurraram para cima a longa laje de madeira que usavam para bloquear o mundo exterior. Depois começaram a puxar as cordas ligadas às portas do portão para as abrir, permitindo a Reia, pela primeira vez em vinte anos, espreitar o mundo para além das muralhas.

Seus olhos deveriam ter vagado pela floresta que estava ao longe ou contemplado a bela vista do campo coberto de neve onde a

grama brotava através do branco derretido. Sua curiosidade sobre o mundo exterior deveria ter despertado seu interesse.

Mas seus olhos imediatamente se voltaram para a criatura de pé sob a luz do sol que esperava que os portões fossem abertos.

Ela apertou a mandíbula e engoliu em seco no monstro e seus companheiros.

Mesmo que muitos afirmassem que ele tinha forma humana, seu rosto de caveira em forma de lobo projetando-se do capuz preto que usava não permitia nenhum pensamento além de desumano.

Definitivamente não é humano.

No entanto, ele também não parecia um Demônio.

Ele ainda parecia profano e maligno, especialmente com seus orbes azuis flutuantes e brilhantes que eram mais perturbadores do que bonitos. Mas ele realmente parecia diferente de sua vaga memória dos Demônios que ela tinha visto em carne e osso.

Isso não fez nada para apaziguar sua cautela com ele, de sua incerteza de pé aqui neste vestido de noiva, do que estava por vir. *Mas posso fugir dele.* Uma vez fora dos limites desta aldeia claustrofóbica, Reia poderia correr.

Ela fingiria jogar junto, fingiria todo o caminho até o Véu se fosse necessário, mas encontraria uma maneira de obter sua liberdade. Ela viajaria até encontrar uma aldeia que não sabia quem ela era, não a conhecia como uma precursora de maus presságios, e ela finalmente viveria.

Infelizmente, quando ele deu um passo à frente, sua perna vestida de calça movendo-se pela abertura de sua capa, trouxe à tona o quão grande ele era. O vasto espaço entre eles permitiu que ela pensasse que ele era menor, mas quando ele teve acesso à clareira e passou pelo portão, ela viu o quanto ele se elevava sobre *todos*.

As pessoas que assistiam correram para trás, arrastando os pés ruidosamente enquanto ofegavam.

— Caminhante do Crepúsculo, — Gilford cumprimentou alegremente com um profundo tom de respeito, escondendo habilmente qualquer medo ou repulsa que ele deveria ter sentido. Ele colocou um braço sobre o estômago enquanto o outro se ergueu no ar

atrás dele enquanto ele se curvava. — É uma honra cumprimentá-lo.

O Caminhante do Crepúsculo não deu nenhuma resposta enquanto se aproximava cada vez mais, ficando cada vez mais alto, até que parou bem na frente do chefe. Seus companheiros lobos caminharam lentamente atrás dele, silenciosos, como se não estivessem ali, apesar de seus focinhos estarem puxados para trás como se estivessem rosnando ferozmente.

Os olhos de Reia moveram-se do fundo de sua capa preta fechada, até seu rosto de caveira e, finalmente, pousaram nos chifres de antílope projetando-se de seu capuz.

A área ficou tão silenciosa que ela podia ouvir o vento, e ela pensou que quase podia ouvir os corações palpitantes de todas as pessoas que estavam aqui para testemunhar.

O estalo ansioso dos lábios do chefe foi alto depois que ele engoliu o que deve ter sido um nó incerto em sua garganta. A única razão pela qual eles sabiam que o Caminhante do Crepúsculo estava olhando para ele - já que seus orbes brilhantes não mostravam para onde ele estava realmente olhando - era porque sua cabeça de crânio estava apontada para baixo em sua direção.

Gilford era pelo menos trinta centímetros mais baixo que ele e teve que esticar o pescoço para encará-lo de frente quando se desenrolou de sua reverência.

— Ah, tenho certeza de que você desconfia de quem eu sou. Por favor permita-me apresentar-me. Meu nome é Gilford Borillette. Sou o novo chefe desde que Clement morreu, doze verões atrás, e sei que você visitou uma das outras aldeias da última vez que saiu do Veu.

— Vocês humanos morrem tão rápido, — o Caminhante do Crepúsculo disse, sua voz profunda e sombria, e surpreendentemente, bastante suave. Não foi por isso que a maioria, incluindo Reia, engasgou. Foi porque ele falou sem abrir as mandíbulas do crânio. — Estou cansado de aprender todos os seus nomes. Você provavelmente estará morto na próxima vez que eu vier aqui.

Gilford visivelmente se encolheu com a frieza das palavras do Caminhante do Crepúsculo.

– Bem...

– Tenho pouco cuidado nem tempo. É um longo caminho de casa. Onde está minha oferta para que eu possa partir?

Sua cabeça virou para cima, vendo facilmente por cima do homem baixo para olhar diretamente para Reia em seu óbvio manto branco e vestido de noiva. Suas costas instintivamente endureceram sob seu escrutínio, mas ela ergueu o queixo com confiança.

– Ah sim. O sacrifício voluntário como pagamento por uma ala de proteção contra os Demônios. – Gilford saiu do caminho, acenando com a mão para o lado para que Reia pudesse ser apresentada completamente. – Pura e conhecedora de seu futuro.

Os cães permaneceram onde estavam quando o Caminhante do Crepúsculo deu um passo à frente para se aproximar dela. Seus passos rangeram na terra, mas eram leves, apesar de seu corpo de aparência pesada. Ele baixou seu crânio ossudo para ela a menos de um metro de distância, e ela levantou lentamente o queixo para olhá-lo através de seus cílios.

Reia esperava que o cheiro de sangue ou podridão flutuasse dele como alguns Demônios produzidos. Ela esperava que ele cheirasse a morte.

Surpreendentemente, ele cheirava a mogno fumegante e... pinho.

Isso fez pouco para aliviá-la, embora fosse bem-vindo em comparação. Os lábios dela se apertaram quando ele olhou para baixo, lançando uma grande sombra sobre ela.

Isso deu a ela uma sensação de mau presságio - como se ela nunca mais pudesse ver a luz depois deste dia.

Mais uma vez, um silêncio caiu sobre a área. O ar parecia estagnado como se o mundo estivesse prendendo a respiração tanto quanto os humanos que estavam desesperados para que ela fosse levada embora.

As esferas brilhantes de seus olhos, que pairavam na frente dos vazios de suas órbitas, giravam quase como fogo rotativo. Seu crânio estava limpo e parecia polido quando a luz do sol batia no branco dele e o fazia brilhar.

Achei que seria na cor creme. Ou que, talvez, a carne de um animal em decomposição possa estar pendurada frouxamente como um cadáver em decomposição.

— Qual o seu nome? — ele finalmente perguntou, quieto, apesar de quão perto eles estavam.

Merda. Como devo dar meu nome se não tenho permissão para falar? Inferno, as pessoas nem pronunciaram o nome dela. Como ela deveria violar duas coisas que eles temiam sem perturbá-los?

Reia deu um estremecimento de escárnio, sem saber o que deveria fazer. Ninguém lhe deu conselhos ou disse o que ela deveria fazer se ele falasse com ela.

Arrastando os pés nervosamente, seus olhos caíram para o chefe.

— Fala, criança! — Gilford gritou, seu rosto ficando vermelho de raiva. Reia já estava fazendo confusão com isso.

Era tarde demais. A mão do Caminhante do Crepúsculo disparou para frente.

Ela conseguiu ter um vislumbre das garras escuras e brilhantes que rasgaram suas luvas pretas antes de sua mão rodear sua garganta. Ela esperava que ele a levantasse do chão, mas ele só a trouxe até a ponta dos pés. A pressão era forte, mas não sufocante quando ele se inclinou para ficar mais ao nível dela.

— Reia, — ela conseguiu dizer, acalmando-se o suficiente para estreitar os olhos em um brilho mais uma vez. — Meu nome é Reia Salvias.



Orpheus virou a cabeça para a pequena humana que ele segurava, inspecionando seu rosto em detalhes agora que eles estavam a centímetros de distância e ela não podia escapar.

Sim. É muito mais fácil vê-la assim. Ela estava muito longe antes,

muito difícil para ele olhar rosto ossudo para rosto humano.

Ele era incapaz de cheirá-la corretamente desde que enfiou lama e grama em seu nariz para bloquear tanto quanto podia o cheiro de medo. Era desconfortável e ele o desprezava, mas precisava fazer isso, caso contrário, atacaria a vila em uma mania irracional por causa de seu fedor de medo.

Seu cabelo era loiro, liso e brilhante nas costas de seus dedos enluvados. Seu nariz era pequeno, mas tinha uma curva desafiadora, o que o fez parecer mais desdenhoso quando ela ergueu o queixo para ele mais cedo. Suas feições eram suaves em torno de sua mandíbula e queixo, mas eram nítidas em torno de seus olhos e sobrancelhas, tornando seu *olhar*, ele percebeu, mais proeminente.

Sua pele era como a neve, como se ela não tivesse tomado muito sol, o que ele podia dizer pela palidez transparente de sua pele. Se ele a levasse para o Véu, duvidava que sua pele algum dia amadurecesse na luz dourada que deveria envolver a carne quente de seu corpo esguio.

Seus olhos eram de um verde florestal, o que o agradou.

Na verdade, olhar para ela era agradável, mas ele se sentia assim em relação à maioria dos humanos, por várias razões, algumas mais más e cruéis do que outras.

Enquanto inspecionava seu sacrifício em detalhes, Orpheus esperou que o cheiro tentador do medo enchesse sua boca de saliva. Ele estava tão perto dela. Ele seria capaz de provar apenas uma pitada que seu nariz entupido e trancado não podia. Ele só podia cheirá-la com sua proximidade, mas escondia o resto dos humanos dele.

Não demorou muito. O perfume levantou suavemente no ar de seus poros, incitando o brilho de seus olhos a querer mudar de seu azul normal para vermelho de fome.

Mas isso não aconteceu, seus olhos continuaram azuis.

Ele inclinou a cabeça quando percebeu que o cheiro não era forte o suficiente para despertar a verdadeira fome nele.

Esta fêmea, esta mulher humana, estava com medo, mas não tanto quanto deveria estar sendo segurada assim por ele. *Ela parecia bastante... zangada.*

— Se-se ela não for do seu agrado, preparamos outros sacrifícios para se tornar sua noiva, — o chamado Gilford gaguejou apressadamente.

Há outros? Ele a abaixou o suficiente para que ela não bloqueasse mais sua visão, enquanto dois humanos em vestidos brancos eram conduzidos pelos Sacerdotes e Sacerdotisas.

Um homem de cabelos escuros e uma mulher ruiva.

— Nunca houve mais de uma oferta pretendida — declarou Orpheus, projetando sua voz através de seu crânio para que pudesse ser ouvida.

Ele teve que produzir ativamente sua voz além de sua própria mente, falando a partir dela, já que não tinha lábios ou o tipo de boca para falar. Ele poderia fazer barulhos se quisesse, mas eles eram muitas vezes guturais e incoerentes para os outros.

— Queríamos ter certeza de que apaziguamos você, só isso.

O que há de errado com esta, então?

Orpheus colocou a mulher de cabelos loiros chamada Reia no chão e virou a cabeça para ela enquanto a examinava mais uma vez. *Ela parece ter todas as suas partes.* Ele podia ver que ela não estava perdendo nenhum membro e não tinha a aparência de doenças mortais que vazavam da pele dos humanos.

— Você não está disposta?

— Ela está! — Gilford interveio.

— Eu não perguntei a você — disse Orpheus, deixando sua voz sair como um rosnado profundo.

— Estou parada aqui, não estou? — ela disse para ele, esfregando o pescoço antes de franzir a testa para a mão, como se não pudesse entender por que ele a segurando não doía.

Isso é verdade.

Era óbvio que ela estava de bom grado na frente dele para ser oferecida enquanto vestia seu estranho costume de vestir todos os seus sacrifícios de branco. Ele nunca tinha entendido isso, por que eles tinham que se vestir com um estilo e cor semelhantes.

— Se você não gosta dela, existe Darren.

O homem de cabelos negros curvou-se para Orpheus em

saudação.

Ele acenou com a mão para ele com desdém, suas garras brilhando à luz do sol. Ele as retraiu para mantê-las escondidas dos humanos facilmente assustados.

— Recebi um homem da última vez. Eu não quero outro.

Eles nunca duraram muito com ele. Mesmo que eles geralmente tivessem menos medo, eles frequentemente tentavam matá-lo. Ele sempre faria pouco trabalho para saciar uma de suas muitas fomes neles. Ele sentiu o leve roncar de seu estômago implorando por carne.

Darren abaixou a cabeça e se afastou, recusando-se a discutir com sua decisão fácil.

— Então Clove, talvez?

— Olá, — a mulher ruiva disse com uma das vozes mais doces que ele já tinha ouvido de um ser humano. Era gentil, quase como uma canção. — É uma honra generosa conhecê-lo.

Ela fez uma reverência para ele e até deu um passo à frente. Ela parecia disposta; seus olhos arregalados com uma emoção estranha enquanto se moviam sobre ele agora que ela estava mais perto. *Curiosidade? Incerteza? Qual é a emoção no rosto dela?*

Ele odiava admitir, até para si mesmo, que não era particularmente bom em entender as emoções humanas.

Ele a encarou antes de soltar a loira para se aproximar da ruiva. Medo, assim como emaranhados de outras emoções, emergiam dela quanto mais perto ele chegava.

Foi forte o suficiente para fazer seus olhos brilharem vermelhos e sua boca se encher de baba. Ele engoliu rapidamente para que não se infiltrasse entre os dentes afiados e as presas de seu crânio. Ele parou de respirar para se esconder.

O calor em sua pele empalideceu e um de seus pés recuou quando ele se elevou sobre ela. As outras emoções que ela vinha produzindo se transformaram em medo agora que ele estava realmente na frente dela. Os olhos dela dispararam de seus olhos brilhantes para suas garras quando ele estendeu a mão para segurar sua garganta para ver como ela reagiria. Ele retirou a mão antes

mesmo de tocá-la, desconfiado de quão forte o cheiro dela estava se tornando.

Foi assim que todos os seus sacrifícios foram com ele. Com medo. Eles estavam dispostos, mas o temiam, temiam onde ele os levaria, temiam o que ele faria com eles. Delicioso, delicioso medo.

Ela é tão apetitosa. Talvez mais ainda. Ele gostou do brilho do vermelho em seu cabelo.

No entanto, Orpheus se afastou dela e começou a circular predadoramente aquela chamada Reia.

O medo no cheiro dela que ele sentiu antes havia diminuído sem sua atenção direta, e ele estava curioso sobre isso. *Ela é cautelosa.* Isso era o que ele podia cheirar. Ela não estava petrificada, já que não estava tremendo ou estremeendo em sua presença.

Eu só conheci alguns como ela. Mesmo agora, ele podia dizer apenas por seus rostos que os humanos boquiabertos para ele no sol – que não corriam o risco de serem roubados – estavam com mais medo do que esta mulher de branco.

– Pequena humana, por que você está se oferecendo para mim?

Orpheus nunca havia perguntado isso a um humano enquanto ainda estava na cidade de onde eles vieram.

Ele acabaria aprendendo com todos eles por que eles estavam dispostos a ser levados. No entanto, ele estava realmente curioso sobre por que esta estava diante dele. Parecia que ela estava disposta. Ela mesma havia dito isso de uma forma muito vaga. Mas ela também estava... zangada.

Ela está com raiva de mim ou dos outros humanos?

– Para ajudar a proteger meu povo, – ela respondeu com os dentes cerrados.

Ele inclinou a cabeça quando estava na frente dela mais uma vez, olhando para sua mandíbula cerrada e sobranceiras franzidas.

Uma mentira, talvez? Se Orpheus podia sorrir, ele pode ter.

– Sim. Você vai servir. – Ele tirou a mão enluvada da capa e a ofereceu a ela. – Você se tornará minha mais nova humana, Neve.

– Você vai levá-la? – Gilford perguntou com um tom agudo

de surpresa, enquanto a mulher piscava confusa para sua mão.

— Sim, escolhi o sacrifício original. — Ele estendeu a mão para a mulher, exigindo que ela colocasse a palma na dele.

Depois de alguns momentos olhando para a palma enluvada estendida, ela hesitantemente ergueu a mão e a deslizou para a dele, muito maior.

Mais uma vez, ele parou de respirar para evitar qualquer cheiro. Suas garras dispararam, e a do meio cavou na carne de seu pulso para produzir uma pequena gota de sangue.

Isso foi o suficiente para um anel de luz azul iluminar ao redor deles, agitando as capas de ambos – a dele preta, a dela branca – como uma explosão de energia mágica empurrada entre eles. Um círculo duplo com antigos símbolos rúnicos entre as linhas do círculo foi lançado no chão, linhas se formando dentro do círculo para criar uma estrela de seis pontas.

Suspiros ecoaram da multidão quando a mulher tentou erguer sua mão para longe da dele em estado de choque, mas ele segurou firme até que a guarda de proteção fosse concluída. A união deles se solidificou como o contratante mágico e ofereceu sacrifício a quem deu seu sangue.

Ele se perguntou se o calor que podia sentir dela através de sua luva era real ou uma invenção de sua imaginação.

Ele retraiu a mão assim que terminou e cortou o contato entre eles. Sua mão voou para seu peito enquanto ela segurava onde sua garra cortou sua pele.

— A ala de proteção está completa. Vamos embora — exigiu ele com um leve senso de urgência.

Ele avançou para ficar atrás dela para que ela começasse a caminhar em direção aos portões, sem vontade de permanecer nesta cidade humana por mais tempo do que o necessário.

— É por isso que você fez isso? — ela sussurrou para ele quando ele empurrou a mão na parte inferior de suas costas quando seus pés pareciam presos na terra.

Ela tropeçou para a frente antes de começar a se mover, Orpheus seguindo com a palma da mão permanecendo sobre suas

costas e cintura.

— Sim. O sangue deve ser pago e não posso usar o meu.

Gilford rapidamente avançou para caminhar ao lado deles com uma pequena distância enquanto Orpheus conduzia a mulher confusa entre seus companheiros etéreos.

— Obrigado, *oh grande Caminhante do Crepúsculo*, por sua proteção. Esperamos que você fique satisfeito com sua decisão e nos abençoe novamente no futuro.

Difícilmente é uma bênção. Sua proteção desapareceria em dez anos, e quando ele criasse uma nova em uma cidade diferente, os Demônios da nova vila protegida correriam para esta quando ela estivesse enfraquecida para se alimentar. O caos se instalaria.

Orpheus virou o rosto para ele, olhando com aborrecimento escondido por trás do fato de que ele não conseguia fazer uma única expressão. Ele não gostava da maneira excessivamente cortês que os humanos falavam com ele, pois sabia que era uma fachada para apaziguá-lo. Como se isso fosse o suficiente para impedi-lo de arruinar a cidade com garras e presas.

Se eu não desejasse que esse vazio fosse preenchido, certamente o teria feito.

Eles tinham medo dele, o odiavam. Eles ficavam enojados com ele, e ele não tinha intenção de construir qualquer forma de confiança quando ele pode um dia decidir se tornar um espírito malévolo contra eles.

Dez anos entre cada humano pouco faziam para satisfazer sua fome, e conforme os anos passavam e ele envelhecia, vivendo infinitamente entorpecentemente, mais cansado ele ficava disso.

Quanto tempo mais será? Uma pergunta contínua sem uma resposta correspondente. Quanto tempo levaria até que ele encontrasse um humano que quisesse ser seu companheiro?

Depois que ele deixou a aldeia, ele finalmente cavou a lama endurecida de seu nariz para que pudesse ficar mais confortável e cheirar adequadamente.

Ele virou seu crânio ossudo para o topo da mulher loira na frente dele. *Talvez esta seja diferente.* Caso contrário, Orpheus estaria de

volta ao mundo da superfície para caçar uma nova 'noiva'.

Ele raramente confiava em seus humanos roubados.

TRÊS

Reia correu atrás do Caminhante do Crepúsculo enquanto eles saíam dos portões da vila, que foram prontamente fechados atrás deles com um baque definitivo.

Ela fez uma pausa, virando-se para encarar os portões de madeira que a mantiveram presa dentro da cidade por anos, sentindo uma sensação de mau agouro e ainda... liberdade. Bem, uma espécie de liberdade. Era mais como se ela tivesse trocado uma prisão por outra. *Com que força ele vai segurar as correntes da minha algema metafórica?*

Por enquanto, ela precisava bolar um plano para fugir.

Enquanto ela olhava para os portões, ela se perguntou o que deveria fazer agora.

— Ei! — ela gritou quando um dos lobos deu um latido aterrador, de acelerar o coração em seus tornozelos.

Sua pele se arrepiou com o som angustiante. Parecia o latido final de um animal moribundo e vagamente como a mistura de um urso e cachorro ao mesmo tempo.

— Saia de perto de mim! — ela gritou para o outro quando ele estalou as mandíbulas em seu outro tornozelo. Ela tentou enxotá-lo chutando a perna para o lado.

Ele saltou para trás antes que o lado de seu pé mal vestido pudesse bater no rosto.

— A menos que você queira que eles mordam, eu a seguirei, — o Caminhante do Crepúsculo disse calmamente, a bainha de sua capa batendo ao longe.

Abriu-se em um arco ao redor de suas pernas quando o vento o pegou de seus passos largos.

Com um gemido, Reia se arrastou atrás dele, surpresa com o quão longe ele havia chegado em tão pouco tempo. Ele já havia alcançado a floresta do outro lado da grande clareira coberta de neve que separava a cidade dos bosques que a cercavam.

Os sinos pendurados em sua tiara tilintavam loucamente enquanto ela se movia.

— Estamos saindo, assim mesmo? — Alcançando-o, torceu o pescoço para poder olhar por cima do ombro.

As árvores já estavam começando a proteger sua visão da cidade, cada passo levando-a para mais e mais longe dela. Apesar do quanto ela odiava aquele lugar, tinha sido o lar de Reia por vinte anos. Ela sentiu uma sensação de perda ao vê-lo desaparecendo de sua vida - provavelmente para sempre.

Suas respirações quentes saíam em rajadas rápidas de névoa contra o ar frio e congelante com quanta energia ela usou na corrida.

— Por que deveríamos ter permanecido? — Ela notou que a voz dele parecia mais distante do que ao lado dela, e ela virou a cabeça para frente para descobrir que ele estava metros à frente dela. Mais uma vez, ela rapidamente correu atrás dele. — Não há nada lá para nenhum de nós. Não é mais sua casa, e eu odeio estar perto dos humanos.

Ela virou a cabeça para trás quando estava ao lado dele para descobrir que a aldeia havia desaparecido. Seus ombros caíram quando ela desviou o olhar completamente, sabendo que não havia mais sentido em checar por cima do ombro.

Ele estava à frente dela novamente!

Porra! Ele é tão rápido.

— Você nem me deixou pegar minhas coisas.

Não que ela realmente tivesse alguma.

Tudo o que ela tinha eram suas roupas e uma sacola de comida que eles lhe deram para que ela tivesse algo para comer durante suas viagens com ele. Não era muito, apenas alguns dias, e ela imaginou que só duraria até ela chegar ao Veu.

Então ela estaria à mercê do Caminhante do Crepúsculo para alimentá-la, se ele o fizesse.

— Se você queria trazer alguma coisa, deveria ter trazido com você quando me cumprimentou. — Ele virou a cabeça para o lado para olhar para ela. Ela imaginou que ele estava espiando, mas era difícil dizer com a falta de olhos reais. — Havia algo que você deixou para trás?

— Não, mas ninguém me disse para trazer nada, então eu

realmente não tive a chance de pensar sobre isso.

Agora que ela não estava olhando por cima do ombro, ela percebeu o quão difícil era ficar ao lado dele com seus passos longos, mas sem pressa. Ele era muito mais alto que ela, elevando-se sobre ela por quase trinta centímetros. Suas pernas mais curtas simplesmente não conseguiam ficar com ele sem correr entre certos passos.

Não ajudou que ela continuasse olhando para os galhos acima, preocupada que um Demônio caísse sobre eles. *Não é seguro, mesmo durante o dia.* A sombra, mais espessa em certos lugares, era suficiente para proteger os Demônios do sol, e eles poderiam cair sobre ela a qualquer momento.

Ela esperava sinceramente que o Caminhante do Crepúsculo a protegesse, embora tivesse a sensação de que ele acabaria sendo sua morte.

— E-ei, desacelere. Você é rápido demais para mim.

Como se para demonstrar isso, quando ela correu aqueles poucos passos para alcançá-lo, seu vestido se enrolou em torno de seus pés.

Reia caiu com as palmas das mãos na neve que era mais espessa na floresta, já que as árvores protegiam o solo do calor do sol. Seus antebraços afundaram na frieza de pó branco, enviando uma série de arrepios por todo o corpo. Seu vestido não era quente o suficiente para manter o frio sob controle, e seus pés estavam congelando, um de seus sapatos já roubado pela neve.

Ele não a ajudou, e quando ela estava se levantando, um dos lobos de pesadelo – já que eles eram mais horríveis de perto – latiu para ela. Ela se afastou dele em choque com o som e caiu no outro. Ou melhor, *através* dele!

Ela engasgou quando seu corpo se partiu como alguém acenando com a mão através do corpo fino de uma figura fantasmagórica. A escuridão girou antes de voltar a se reunir, e virou a cabeça para ela quando estava novamente inteira, rosnando o focinho silenciosamente.

— Que diabos!? — Reia gritou, lutando para longe dele em suas mãos e pés enquanto sua bunda escorregava pelo chão. — O que

são essas coisas?

Ninguém sabia o que eram, mas ninguém imaginaria que não eram físicos!

Sua voz estava baixa com a distância crescente enquanto ele continuava a andar para frente.

— Você já descobriu que meus companheiros são apenas ilusões. — Ele levantou um de seus braços no ar para apontar para sua própria cabeça. — No entanto, não é a mordida deles que você deveria ter medo, para começar.

Com um rosnado agitado por entre os dentes cerrados, ela acenou com os braços através das aparições de lobo que eram mentiras. Ela voltou a ficar de pé.

— O que você vai fazer se eu não te seguir? — ela gritou atrás dele, recusando-se a ir atrás dele.

— Eu viria se fosse você, humana de neve.

— Você é rápido? — Ela já sabia a resposta para essa pergunta com a rapidez com que ele conseguia andar sem fazer nenhum esforço adicional.

Ele finalmente parou de andar e virou a cabeça para o lado, mostrando a ela o lado de seu rosto de caveira de lobo que se projetava quase trinta centímetros além de sua capa. *Qual é o sentido de usá-lo se realmente não importa? Faz pouco para esconder seu rosto.* Ela podia apenas ver o orbe brilhante que estava parcialmente escondido atrás de sua capa.

— Eu gosto da caça, — ele respondeu, mas sua voz soava mais sombria e profunda antes que o orbe mudasse para vermelho. — Mas isso me deixa com *fome*.

Reia engoliu em seco, sabendo que a mudança na cor de seus olhos não poderia significar nada de bom. *Aparentemente, ele come humanos e demônios.* Seria sensato se ela não o deixasse... com fome.

Com a palma da mão na testa antes de correr as mãos para cima e depois sobre o cabelo em frustração, ela sentiu a coroa floral em volta da cabeça como uma auréola. Ela se sentiu estúpida com o traje que estava usando. A coroa de tecido estava emaranhada desde que ela bagunçou o cabelo correndo tanto, e ela arrancou-a da cabeça antes

de correr em direção ao Caminhante do Crepúsculo enquanto a jogava para o lado.

Ele devia estar observando seus movimentos porque sua cabeça virou para o lado quando ela apareceu ao lado dele. Depois de um tempo, ele bufou, uma pequena névoa de respiração saindo do nariz de seu crânio afilado, antes de seus olhos voltarem ao azul.

Ele liderou o caminho deles mais uma vez.

— Você mentiu na aldeia?

— Sobre? — Seu coração apertou, tanto pela incerteza do que ele faria se descobrisse que ela já havia mentido para ele, quanto por ter que forçar seu corpo a acompanhar seu ritmo acelerado sem tropeçar novamente na neve.

Ela constantemente tinha que levantar a bainha do vestido, fazendo com que o pó frio pressionasse suas pernas nuas.

Seus dentes começaram a bater quando sua mandíbula tremeu desconfortavelmente. Ela havia perdido o outro sapato e seus dedos das mãos e pés estavam ficando extremamente frios. A parte de trás dos nós dos dedos estava rosa, e ela não tinha dúvidas de que o nariz e os dedos dos pés também.

— Sobre por que você estava se oferecendo para mim.

— O que você fará dependendo de cada resposta?

— Nada. Eu não me importo se você mentiu porque não conseguiu responder na frente dos outros humanos.

Reia soprou uma mecha de cabelo do rosto, desejando que seu nariz não parecesse estar congelando. Isso fez com que uma gota de líquido pingasse de sua narina que ela constantemente tinha que fungar.

— Sim, eu menti. Ou eu permito que você me leve ou ser trancada em uma das celas da prisão pelo resto da minha vida.

Ele levou a mão até a ponta do focinho ossudo.

— Eu entendo.

— Olhe. Estou seguindo porque sei que vai te irritar se não o fizer, mas não fui um sacrifício verdadeiramente voluntário. — Reia tropeçou mais uma vez. Soltando um gemido, ela deu um tapa no chão enquanto se levantava. — Já que é esse o caso, você estaria disposto a

me deixar ir?

— Não, — ele respondeu, afastando a mão para enfiar o braço de volta dentro da capa. Ela podia ver a marca vaga de seu braço movendo-se atrás de si para juntar as mãos atrás das costas. — Você se ofereceu. Seu sangue foi tomado como preço pela proteção, e eu só fiz isso para obter você.

— Então, você não se importa?

Bem, merda. Lá se vai esse plano.

— Não é que eu não me importe. O preço foi pago, o negócio feito, e não desejo voltar ou viajar para outra aldeia para obter uma nova oferta. No entanto, todos vocês, humanos escolhidos, *devem* estar comigo apenas por suas escolhas, seja para proteger suas famílias ou simplesmente porque vocês não se importam com suas próprias vidas.

As sobranceiras de Reia se juntaram em uma carranca profunda.

— Você entende que fui coagida?

— Sim, embora isso não mude seu destino. Não tenho certeza, porém, se estou descontente ou não com a trapaça dos outros humanos.

— Eu lhe dou permissão para voltar e causar estragos se isso me permitir liberdade.

— *Não.* — Ele virou a cabeça para ela, seus olhos ficando vermelhos mais uma vez.

Reia levou os lábios à boca e mordeu os lábios. *Ok, definitivamente precisa de um novo plano.*

Um grito foi arrancado dela quando ela caiu na neve mais uma vez. *Merda, eu não posso fazer isso por muito mais tempo. Eu já estou cansada.*

— Pare! Você é muito rápido e eu estou com muito frio. Não consigo acompanhar você.

Ela ouviu os passos esmagadores de seus pés quando ele parou e se virou para ela, mas Reia estava olhando para baixo enquanto empurrava com os braços enquanto se levantava trêmula. Ela já estava exausta depois do que poderia ter sido apenas trinta minutos perseguindo-o, e o frio continuou a rastejar cada vez mais fundo em

seus membros, sentindo como se estivesse congelando seus ossos.

Um grito rasgou de seus pulmões doloridos quando ele a pegou, levantando-a do chão e no ar pela cintura.

— O que você está fazendo? — ela perguntou quando ele colocou seu traseiro na curva de seu cotovelo com o braço enrolando em torno de sua cintura para segurá-la.

A mão dele passou por seu lado logo abaixo do seio, segurando sua caixa torácica com firmeza para se certificar de que ela não cairia.

— Você está reclamando que eu sou muito rápido e você está com muito frio andando na neve. — Ela olhou para ele para descobrir que ele já estava olhando para ela, seus olhos azuis brilhantes mais uma vez. — Não quero desacelerar. Eu te carregarei.

Reia segurou-lhe o antebraço com uma das mãos e o bíceps com a outra, sentindo as mãos dela cravarem-se na carne firme, depois começou a andar, desta vez carregando-a. Ela meio que esperava que ele fosse frio, como os mortos, mas ele era surpreendentemente quente. Ele penetrou em seu traseiro e torso onde ele a tocou, e parecia que estava derretendo o gelo em suas veias e músculos.

— Ah obrigada? — ela disse com uma carranca não só em seu rosto, mas também presente em sua voz. — Isso é consideração da sua parte, eu acho.

— Não posso deixar você morrer antes mesmo de chegar ao Véu. Vocês humanos morrem tão facilmente, mesmo de doenças simples.

Ela mordiscou o canto dos lábios. — E o que vai acontecer comigo quando chegarmos à sua casa?

— Isso depende exclusivamente de você.

Ela revirou os olhos com um leve bufo. *Essa foi uma resposta sinistra.*

No entanto, Reia realmente o encontrou carregando-a com consideração. Ela não esperava nenhuma forma de bondade dele. Ela meio que esperava continuar tropeçando atrás dele até cair meio morta na neve. O Véu ficava a quatro dias de caminhada de sua aldeia.

Ela pode parecer monstruoso, mas pelo menos sua voz profunda é legal. Ela não pôde deixar de gostar da forma como sua voz soava.

Áspera, sombria e insinuando calor. *E depois há o jeito que ele cheira.* Mesmo agora ela podia sentir o aroma de mogno e pinho dele.

Quando ela estava colocando este vestido esta manhã, ela esperava que cada minuto com ele fosse uma história de horror. Ela não sabia o que a esperava no Véu com ele, mas uma parte dela temia que ele não esperasse tanto tempo para comê-la.

Ainda assim, Reia não conseguia esquecer que ele era um monstro, não importava se ele parecia ser atencioso ou até mesmo ter alguma forma de bondade dentro dele. Ele era inumano, algo tão aterrorizante quanto os Demônios, e ela sempre se lembraria disso.

Por enquanto, ela estava usando a confusão e a incerteza de sua situação para manter a calma. Ela estava com raiva das pessoas que a forçaram a estar aqui com ele, e ela estava usando isso para levá-la adiante, em vez de tremer de medo.

Basta manter o equilíbrio, você pode fazer isso. Você pode descobrir algo.

— Você vai me carregar o caminho todo?

Ela cavou os dedos com mais força em seu corpo, enrolando os dedos em torno do material de seu casaco preto, quando sentiu o quanto o calor dele estava ajudando a aliviar a dor em seus dedos congelados. Se ela pudesse alcançá-lo, também teria pressionado os pés contra ele.

— Se eu tiver.

Ela inclinou a cabeça para a frente, o cabelo formando uma cortina ao redor de um lado da cabeça enquanto ela olhava para ele.

— Eu não sou pesada?

— Você não pesa nada para mim. Eu poderia transformar seu corpo em pedaços com muito pouco esforço.

Suas costas endureceram quando ela se esquivou de olhar para o rosto dele.

— Você está tentando me assustar?

— Você já cheira levemente a medo. — Suas costas endureceram ainda mais. Ela não tinha percebido que ele podia sentir o cheiro e pensou que ela tinha feito bem em esconder isso. Ela tinha certeza que se não fosse pelo braço dele em volta dela mantendo-a

firme, ela teria caído para trás. — Estou apenas dizendo a verdade.

— Você não me respondeu.

— Mas eu fiz. — Ele virou a cabeça para o lado para poder vê-la além do capuz. — Eu estava explicando que sou forte o suficiente para carregá-la por todo o caminho, se assim o desejar. Não estou tentando assustá-la.

O alívio se instalou em seu corpo como uma cachoeira caindo sobre seus ombros. Ela cruzou os tornozelos, ponderando sobre a estranha posição em que estava.

Quantos humanos podem dizer que tiveram uma conversa com um Caminhante do Crepúsculo enquanto eram carregados em seus braços? Se ela não estivesse tão perturbada com esse fato, ela poderia ter rido.

— Vou ser sincera, pensei que você seria mais aterrorizante. Achei que você iria brincar comigo ou me arrastar pelo chão se eu não conseguisse acompanhá-lo.

Ela espiou atrás dela para os lobos silenciosos feitos de pelo semelhante ao vazio e chamas azuis rodopiantes. Eles não afundaram na neve, pois não eram realmente sólidos, e isso a fez perceber que deveria saber que não eram reais agora que ela estava ciente disso.

— Eu posso brincar com você livremente quando estou em casa. Aqui não é seguro para um ser humano que não usa proteção, nem confortável.

Muito bem, Reia. Apenas destrua suas próprias fantasias de que isso pode realmente estar bem dizendo algo estúpido. Ela esperava que a tortura não estivesse sobre a mesa.

Ela deu um suspiro profundo enquanto permitia que seus olhos se estendessem sobre a floresta passando rapidamente ao redor deles. As únicas cores que ela podia ver eram o branco da neve, os grossos troncos marrons das árvores e as folhas verdes que pairavam sobre eles.

Uma tranquilidade silenciosa flutuou entre eles, monstro e humana, enquanto caminhavam. Ela sentia seu corpo balançar toda vez que ele dava um passo largo, seus pés afundando na neve derretida logo abaixo de suas panturrilhas.

— Então, você tem um nome? Ou devo apenas chamá-lo de

Caminhante do Crepúsculo?

QUATRO

Orpheus sentiu seus pés afundarem na neve quando a noite caiu sobre eles. O som de trituração fez pouco para esconder o estalido, como ossos chocalhando juntos, e ruídos gargarejados dos Demônios à espreita na escuridão.

Ele podia ver claramente no escuro, seus olhos proporcionando um brilho mesmo que fizessem pouco para iluminar a área. Eles apenas iluminaram seu rosto ossudo enquanto mantinham o resto da área ao seu redor envolta em escuridão.

As criaturas eram capazes de detectar sua presença mesmo à distância. Embora seu cheiro humano estivesse causando perturbação, eles nunca se aproximariam com Orpheus segurando-a.

Eles poderiam tentar agarrá-la de cima se ele continuasse a carregá-la na dobra do cotovelo com ela acima de sua cabeça, mas ela perguntou se havia uma maneira de eles descansarem. Orpheus não estava interessado em parar, então ele a moveu até que ela estivesse embalada em seus braços.

Ele poderia sobreviver alguns dias sem dormir, mesmo que isso o cansasse. Ele era noturno e dormia o dia todo, mas tinha a sensação de que essa mulher fugiria se ele dormisse antes de chegarem ao Véu. Uma vez dentro dele, ele sabia que as criaturas que espreitavam em torno de sua casa seriam um impedimento para sua fuga.

Tantos fugiram de mim.

Parar no meio da noite traria perigo para ela, mesmo que Orpheus pudesse sobreviver a um ataque de demônios. Infelizmente, ele não tinha dúvidas de que as criaturas quebrariam seu pescoço antes mesmo que ele tivesse a chance de resgatá-la se eles fossem separados.

Ele mergulhou a mandíbula no peito, torcendo a cabeça para poder vê-la além do focinho. Ela estava dormindo, enrolada o melhor que podia enquanto ele a segurava. Ela foi afastada dele. *Humanos... Tão frágeis, tão fracos.* Ele era atualmente a coisa mais perigosa para ela.

Se ele enrolasse seus braços e mãos ao redor dela muito mais do que já estava, ele a espremeria com sua força e a romperia pelas

costuras. Ele tinha que se esforçar constantemente para garantir que suas garras não se estendessem, caso contrário elas cortariam sua pele amanteigada.

Levou um tempo para ela pegar no sono, provavelmente porque ela era cautelosa com ele, mas ela acabou dormindo pouco depois da meia-noite, apesar de sua tentativa inútil de permanecer acordada.

A lua brilhava logo atrás das árvores, mas estava cheia o suficiente para deixar os Demônios relutantes em suportar sua luz sutil, sabendo que os queimaria como o sol se ficassem expostos por muito tempo. Somente os velhos e fortes poderiam permanecer à luz da lua.

Orpheus nunca precisou se preocupar com o sol ou a lua. Ele foi chamado de Caminhante do Crepúsculo por esse motivo, capaz de andar livremente durante o dia e a noite.

Ele levantou a mulher mais perto de seu rosto, inclinando-se para que pudesse cheirar seu pescoço. Ele deu um espirro bufante e se afastou. *Odeio quando os humanos banham minhas oferendas nessas ervas e óleos.* Era difícil para ele farejar, e ele queria sentir o cheiro verdadeiro da mulher em seus braços.

Se ele não gostasse do cheiro de sua oferenda, muitas vezes sentia o desejo de destruí-la. No entanto, ajudou a mascarar o pior de seu medo para que ele não fosse sufocado pela fome, caindo sem pensar sobre os humanos e devorando-os. Ainda estava presente, ele sempre seria capaz de sentir o cheiro, mas estava mascarado o suficiente para não envolver sua mente como uma dor terrível.

Ele não gostava do cheiro falso que exalava de suas oferendas, mas ajudava a dar-lhe tempo para diminuir o medo antes que sua habilidade de controlar sua fome se perdesse contra aquele cheiro delicioso – às vezes. E às vezes, isso simplesmente não importava. Não importa o que ele fizesse, o que ele dissesse, a humana não poderia se livrar disso.

Ela não cheira a medo. As dicas sutis eram de se esperar. Ela sem dúvida pensava que ele era um monstro, e ela estava certa em se sentir assim. No entanto, não era forte e, se tivesse sorte, seria capaz de livrá-

la completamente.

Eu ainda não tenho fé nela. Seu pedido para ser liberada de seu acordo ajudou a solidificar isso. Orpheus recusou-se a permitir-se um lampejo de esperança. Outros humanos também não tinham medo dele e ainda não haviam sobrevivido. *Eu não confio nela.*

Uma parte dele sabia que isso terminaria em fracasso.

Ele deixou sua mente ficar em silêncio, interrompendo seus pensamentos para ouvir os arredores enquanto caminhava. Não fazia sentido pensar no futuro quando ele era incerto. Ele não tinha a capacidade de prever isso e não permitiria o vazio de emoções que surgiria em suas suposições de que seria cheio de sangue e solitário.

Já era bem tarde da manhã quando ela acordou.

Ele conseguiu pegar seu rastro desde que estava olhando para ela, observando os brilhos da luz do sol *brilhando* contra sua pele de neve através das pequenas aberturas das folhas acima deles. Era quase hipnotizante, e Orpheus ficou encantado com sua beleza suave, pois nunca tinha visto nada parecido.

Belas paisagens não eram uma coisa comum para alguém como ele. Ele estava acostumado com a escuridão, estava acostumado a ser envolto em solidão.

Esta tinha sido uma visão pacífica e bonita.

Ele tinha certeza de que qualquer humano com qualquer variedade de cores que tivesse, já que os humanos tinham tons de pele tão diferentes – algo que ele estava curioso, teria sido atraente de assistir com os brilhos da luz do sol. Ele achava que não tinha nada a ver com Reia em particular.

Nunca passou despercebido a ele que a neve também brilhava.

Eu deveria carregar todas as minhas oferendas se isso for algo que eu possa ver. Ele tentou carregar um punhado, mas eles imediatamente resistiram, muito assustados, e isso geralmente induzia a emoção em algo que o fazia salivar. Ele seria forçado a colocá-los no chão e fazê-los persegui-lo até que desmaiassem de fadiga.

Ele sempre teve pena deles, mas não pararia enquanto eles estivessem em campo aberto.

Faz muito tempo que não seguro um humano. Fazia décadas, e a

última vez foi porque estava morrendo, não por sua própria mão. *Eu esqueci como eles são macios.*

Reia parecia quente e macia, fazendo-o querer apertá-la com mais força contra seu peito. *Não posso fazer isso, vou matá-la.*

Seu rosto se contraiu, começando em suas bochechas enquanto seus olhos se fechavam com mais força, antes de se abrirem ligeiramente. O verde em seus olhos era mais vibrante do que a floresta que ela olhou ao redor antes que eles lentamente chegassem até ele.

— Merda. Adormeci? — Seus olhos então se estreitaram em um brilho. — Você usou um feitiço contra mim ou algo assim?

Seu corpo flácido, relaxado por estar dormindo, saltou levemente em seus braços enquanto ele virava a cabeça para ela.

— Não. Eu não tenho essa magia. Só posso criar ilusões, lançar proteções e outros feitiços menores, mas algo deve ser sacrificado para que eu os crie.

Suas sobrancelhas afiadas se juntaram para criar um vinco profundo entre elas. — Você não é todo poderoso então?

— Não, — ele respondeu claramente, virando a cabeça para ver onde ele estava indo melhor. — Minha magia é bem menor em força.

— Como você pode usar magia? Demônios não podem, e apenas alguns humanos podem.

Orpheus ficou surpreso por ela não estar exigindo que ele parasse de embalá-la assim. Ela não preferia essa posição a sentar-se na curva de seu cotovelo, mas não estava pedindo para ser movida diretamente para ela agora que estava acordada.

— Alguns Demônios podem usar magia muito menor. No entanto, existe alguém que pode usar magia livremente e é ainda mais forte do que eu.

— Quem?

— Alguém com quem você não precisa se preocupar. Você nunca o conhecerá. — Apesar de seu esforço constante para não apertá-la, ele não conseguia evitar que suas mãos a apertassem.

Não. Ela nunca poderá conhecê-lo. Orpheus tentou garantir que nenhum de seus humanos o fizesse, embora nem sempre fosse bem-

sucedido.

— Tudo bem, mas você ainda não respondeu à minha pergunta sobre por que *you* pode usar magia.

Ele não disse nada porque não queria responder. *Eles não gostam quando eu lhes digo a verdade.*

— Orpheus? — ela disse com uma carranca em sua voz.

Seus olhos ficaram pretos, que era a única maneira que ela teria sido capaz de dizer que ele os fechou por um curto período de tempo. *Quando foi a última vez que ouvi alguém falar meu próprio nome?*

Foi até dito baixinho. Enviou uma emoção formigante por todo seu corpo, agitando sua carne e fazendo seu interior estremecer.

Apenas um punhado de oferendas se dignou a saber se ele tinha um nome, escolhendo chamá-lo de Caminhante do Crepúsculo como se isso fosse tudo o que ele era, mas nenhum jamais havia *dito* isso a ele.

— A resposta é realmente tão terrível ou você não sabe?

Ele permitiu que um som de *tsk* ressoasse em sua mente quando as palavras dela fizeram seus olhos se abrirem. Ele abaixou a cabeça e a torceu para vê-la.

— Vou te dar uma benção.

Seu corpo relaxado ficou tenso quando ela ergueu os braços para cruzá-los sobre o peito.

— Você está negociando seriamente comigo sobre a resposta que poderia ser você simplesmente dizendo que nem sabe?

Ele quase sentiu vontade de rir se não estivesse tão sério.

— Sim.

— Certo. Qual é o problema?

— Diga meu nome novamente como você fez antes, e eu lhe darei sua resposta.

— É isso? Você só quer que eu diga seu nome?

— Sim, mas como você fez antes.

Ele não queria que soasse firme ou cortante, ou que tivesse qualquer emaranhado de raiva ou aborrecimento. Ele queria que fosse gentil. Ele queria ser presenteado com o mesmo sentimento que tinha recebido antes.

— Porquê?

— Porque eu acho que você não vai querer dizer isso de novo depois.

Ela começou a morder o lábio, chamando sua atenção enquanto ele observava um de seus dentes da frente mordê-lo. *Veja o quanto eles rendem.* Ele não tinha lábios, não sabia como era tê-los, e não conseguia mais se lembrar se já tinha um conjunto pressionado contra ele.

— *Orpheus.* — Ela disse ainda mais baixo do que antes, ainda mais gentil, misturado com uma emoção que ele não entendia. Timidez? Acanhamento? Talvez até tímido, como se seu nome fosse um segredo delicado que não deveria ser compartilhado.

Seus olhos se fecharam mais uma vez, sua cabeça inclinada para trás até que seu focinho apontasse para o céu enquanto uma emoção ainda maior estremecia dentro de seu corpo. Era tão prazeroso que até fazia as partes inumanas dele se agitarem e incharem sob a roupa apertada.

Ele permitiu que o momento o levasse, para permitir que o sentimento que o havia roubado permanecesse. Ele até parou seus passos para que nada o perturbasse enquanto se acomodava em todo o seu ser.

Isso pode ter valido a pena anos de tormento para ouvir.

Schluk. Algo afiado atravessou seu ombro direito, cravando-se nele antes de sair do outro lado. Ele não recuou com a força disso, mas seus braços se apertaram.

Sua visão se abriu, sua visão vermelha enquanto a dor apunhalava seu núcleo. Ele podia ver a haste de uma flecha saindo de seu peito com três penas marrons e opacas.

Um curso de um inferno ardente cintilou sob a superfície de seu corpo. Quente, fumegante. Parecia que se transformou em uma mão que acariciou a gosma de seu cérebro e envolveu sua mente para criar uma dor surda dentro dela. Sua visão ficou mais vermelha, clareando até quase cegar.

— Muito apertado! — Reia engasgou quando ele a agarrou em seu estado crescente de irritação, o suficiente para fazer sua mente

afrouxar seu aperto, mas não o suficiente para acalmá-lo.

Sua mandíbula estalou e estalou quando ele a separou, sua cabeça torcendo e contraindo enquanto um rosnado profundo começou a sair do fundo de sua garganta.

— Ponha a mulher no chão, Caminhante do Crepúsculo!

Humanos. Ele podia sentir o cheiro de dois, mas nenhum pingo de medo deles. *Assassinos de demônios.*

Alguns humanos suprimiram seu medo a tal ponto que o cheiro dele era incapaz de ser rastreado pelos Demônios, permitindo que eles permanecessem escondidos enquanto atravessavam o mundo. Essas pessoas muitas vezes se tornavam Caçadores de Demônios; membros de uma guilda de humanos que caçavam as criaturas com tenacidade e uma vontade inflexível.

Em suas décadas mais recentes tentando encontrar um companheiro, eles começaram a alvejá-lo. Eles achavam que Orpheus era mau, que ele não passava de um monstro como os Demônios que eles caçavam.

Ele se curvou para colocar Reia na neve. Não porque eles mandaram, mas porque Orpheus começou a mudar de forma de raiva; faminto e vingativo. Sua roupa se transformou com ele, penetrando em sua pele como se seu corpo estivesse comendo o material. Sua capa permaneceu desde que não estava pressionando firmemente contra ele.

Quanto mais ele se transformava em uma forma diferente, mais parecia que aquela mão entorpecida começava a apertar seu cérebro e tornava seus pensamentos perturbados.

Esquecendo-se completamente da mulher humana como se sua presença não existisse mais após sua ira, ele se lançou para um dos dois homens que emergiram de trás das árvores segurando arcos e flechas. Com as garras expostas e a boca aberta, pronto com suas presas afiadas, a intenção de destruir e mutilar aqueles que ousaram feri-lo o agarrou firmemente.

Sem mente, como se ele não passasse de um animal sanguinário, Orpheus atacou.

Cinco

Reia se encolheu quando uma flecha atravessou sua visão bem na frente dela, acompanhada por um barulho repugnante de *schluck* quando se cravou em Orpheus.

Seus olhos se arregalaram com o eixo tremendo bem na frente de seus olhos. *Isso quase me atingiu!*

Então ela engasgou, o aperto ao seu redor roubando seu choque quando o Caminhante do Crepúsculo apertou seu domínio sobre ela ao ponto que ela sentiu como se seu corpo estivesse sendo esmagado.

Ela tentou desesperadamente inspirar através de seus pulmões em colapso.

— Muito apertado! — ela conseguiu estrangular com o último suspiro.

Seu aperto suavizou antes de colocá-la no chão.

Partes dela estavam divididas no que ela sentia. A simpatia a atravessou quando ele começou a tremer ao seu redor. Ela entendeu que ele devia estar com muita dor. Um momento antes, ela sentiu uma lasca de ternura com a reação dele quando ela disse seu nome pela segunda vez.

Ela não o conhecia, mas quase pensou que parecia... eufórico com a maneira como seus orbes escureceram e sua cabeça estava inclinada para trás. Ela não sabia o que sua reação significava, mas ela sentiu por qualquer emoção que fosse.

Se ele fosse humano, ela teria sido capaz de decifrá-lo? Era um sinal de contentamento, tristeza, solidão ou algo totalmente diferente?

Fosse o que fosse, ela sentiu que poderia se relacionar com isso, entendê-lo.

Ele tinha sido gentil o suficiente com ela até agora. Ele tinha sido atencioso em segurá-la, permitindo que ela dormisse calmamente em vez de fazê-la tropeçar atrás dele como um mestre cruel.

Então, quando a flecha cravou em seu ombro, Reia quase estendeu a mão para tocar em seu peito ao redor dela. Ela estava prestes a perguntar se ele estava bem, mas então um som de aperto no

estômago começou a sair dele. Era um *rosnado*, e ela instintivamente sabia que era perigoso.

Oh meu! Seus olhos se arregalaram de horror quando ele começou a *mudar*. Sua cabeça ossuda permaneceu a mesma o tempo todo, mas suas roupas se infiltraram em seu corpo como uma gosma afundando na lama.

Depois que ele a colocou no chão, suas garras se estenderam como pelos curtos, muito parecidos com os de um antílope, cresceram sobre seus antebraços. Em seguida, tornou-se mais grosso e mais longo, como pelo de lobo, por cima de seus bíceps e ombros.

Suas pernas assumiram uma nova forma, como as de um cachorro, mas ela podia ver um longo rabo de veado balançando entre suas pernas, empurrado para baixo pelo manto preto que ele usava. Nadadeiras semelhantes a peixes penduradas na parte de trás de seus cotovelos e nos calcanhares de suas pernas em forma de cachorro. Os ossos das costelas se projetavam *para fora* de seu peito como se a gaiola estivesse descansando por cima da carne e não por baixo dela. Eles também cobriram os nós dos dedos das mãos e dos pés.

E com seus olhos brilhando com uma cor vermelho-sangue, Reia percebeu que os pesadelos eram reais, e que apenas a estava embalando!

A flecha continuou a se projetar de seu ombro, e ela ficou boquiaberta. *Humanos?* Seu coração disparou ao ser resgatado.

Ele saltou para um dos Caçadores de Demônios, suas mãos humanas e pernas de lobo trabalhando em uníssono para garantir que ele fosse rápido. Mais flechas foram disparadas, mas ele desviou delas e continuou a correr para frente. Os humanos desembainharam suas espadas enquanto se preparavam para o ataque.

Ambos eram altos e pareciam fortes, como se passassem todos os momentos acordados treinando para lutar contra monstros. Eles usavam roupas pretas para que pudessem se esconder na escuridão da noite enquanto caçavam demônios. Eles estavam cobertos da cabeça aos pés, até mesmo seus narizes e bocas estavam cobertos. Eles tinham mantos que escondiam o resto de suas cabeças, e tudo o que ela podia ver era um pedaço de humano onde estavam seus olhos.

Os companheiros de Orpheus não estavam à vista, como se tivessem desaparecido.

Reia se arrastou para trás enquanto observava seu braço direito se erguer atrás dele, planejando atacar um dos humanos com suas grandes garras.

O outro humano estava correndo em sua direção como se confiasse em seu companheiro para cuidar do Caminhante do Crepúsculo enquanto ele vinha em seu socorro. *Posso fugir. Eles vão me ajudar.*

Ela se levantou e começou a caminhar em direção ao Caçador.

— Obrigada, — ela ofegou, uma torrente de emoções girando dentro de seu coração. Alívio e medo, tudo de uma vez. Reia não sabia como se sentir. A neve não estava fria ao redor de seus pés enquanto a adrenalina percorria seu corpo e a enchia de calor. — Muito obrigada.

Ela estava planejando procurar pelos Caçadores de Demônios se ela conseguisse fugir de Orpheus. Reia sabia que nunca tinha sido uma pessoa muito medrosa e esperava poder treinar com eles um dia.

Ela queria se tornar um deles. Demônios mataram sua família, arruinaram sua vida, e ela queria se vingar deles, de si mesma. Ela esperava transformar o medo que crescia dentro dela em algo feroz, em raiva e determinação.

O Caçador de Demônios agarrou seu pulso e a girou para que ele pudesse pressioná-la contra seu peito. Um estrangulamento a atravessou quando o gume de sua espada foi colocado contra sua garganta.

— Pare ou eu vou matá-la! — ele gritou ao lado de sua cabeça.

— O que você está fazendo?

Ela chutou as pernas, imediatamente se contorcendo para fugir da arma apontada para ela.

— Cale a boca e seja uma boa isca, — ele rosnou. — Estamos planejando isso desde a última vez que ele deixou o Veu.

O Caminhante do Crepúsculo não parecia estar interessado em nada além do humano que estava atacando. Ela não podia ver o que ele estava fazendo atrás de sua capa, protegendo suas ações e o humano, mas nada seria capaz de impedi-la de ouvir os sons

nauseantes que ele estava fazendo.

Ela ouviu rosnados e aquele estranho barulho de clique e claque que os Demônios faziam. Isso fez seu sangue enrolar e gelo se formou em seus pulmões.

— Merda, ele não está ouvindo. Nesse ritmo, ele vai matar Hector.

Reia tentou pisar no pé dele para que ele a soltasse. Ele apenas grunhiu em resposta.

— Por que me usar como isca? Tenho certeza de que ele ia me comer quando me levou para o Veu!

— Não sabemos por que ele leva suas noivas. As outras ainda podem estar vivas.

Ao mesmo tempo, ela soltou um grito quando ele agarrou seu cabelo com força o suficiente para machucá-la, um braço foi jogado frouxamente para o lado em um jato de sangue. Um braço *humano*. O grito agudo do Caçador de Demônios perfurou o ar.

Seu grito pareceu capturar sua atenção por tempo suficiente para que sua cabeça ossuda se voltasse para ela. Ele deu um rugido agudo e doloroso e voltou-se para o Caçador de Demônios que estava atacando.

— Grite de novo, — ele exigiu enquanto balançava a cabeça dela pelos cabelos. Ela estremeceu em resposta. — Alto. Faça-o ouvir ou cortarei sua garganta.

Quando a espada foi jogada para o lado por seus dentes, o Caminhante do Crepúsculo levantou suas garras para dar um golpe final.

— Agora!

Quando a lâmina pressionou com mais força e ela se preocupou que pudesse realmente estar cortando-a, Reia gritou: — Orpheus!

Era tarde demais. Ambos ouviram o gargarejo sufocante do Caçador de Demônios morrendo quando foi atingido. No entanto, Orpheus virou a cabeça bruscamente para eles e um rugido soou. Ele imediatamente se virou e começou a correr para eles em suas mãos e pés de lobo.

— Ah merda! — o Caçador de Demônios exclamou.

jjkkkkkkkkReia não queria estar no meio desta colisão!

Ela deu uma cotovelada no estômago do homem e ele a soltou. Ambos se separaram de propósito. Reia para fugir, e o Caçador de Demônios para que ele pudesse se preparar para o Caminhante do Crepúsculo que estava prestes a atacá-lo.

Não. Não. Não. Levantando a saia de seu estúpido vestido de noiva, ela imediatamente começou a correr pela encosta íngreme de uma colina para fugir. *Eu preciso correr.*

Ela não olhou para trás enquanto tentava não ouvir a luta. Ela não sabia o quão ferido o Caminhante do Crepúsculo estava, mas esperava que fosse o suficiente para que o outro o matasse.

Quando ela alcançou o topo da inclinação, ela correu constantemente pelo terreno quase plano. O ar parecia mais frio enquanto cortava sua pele como lâminas de barbear.

Uma coisa de que ela tinha certeza era que sua esperança havia sido mal colocada. Um rugido uivante soou antes que a batida de passos pesados seguisse enquanto ele a perseguia.

Eu estou morta! Estou tão, tão morta.

Ela sabia que tinha ganhado uma boa distância, mas ele era rápido, tão malditamente rápido. Ela imaginou que ele correndo de quatro o tornava ainda mais rápido.

Os bufados que ele fazia estavam ficando mais próximos. Eles reverberaram contra a neve e as árvores, fazendo-o parecer que vinha de todos os lugares. Correr era inútil, ela sabia disso, mas suas pernas não paravam de se mover.

Eu gosto da caça. Aquelas palavras que ele disse a ela no dia anterior ecoaram em sua memória. *Mas me dá fome.*

O que ela deveria fazer se ele fosse pegá-la de qualquer maneira? *Ele já está me caçando!*

Um pensamento a atingiu. *E se eu parar?* E se ele não a encontrasse correndo, mas sim parada ali?

Seus passos diminuíram. Não importava o que ela fizesse, ela seria pega. Se ele gostasse da caçada, ela não continuaria. Era sua única chance.

Reia parou e se virou para ficar ali com as mãos fechadas ao

lado das coxas. *Eu deveria ter ficado lá. Eu poderia ter agarrado a espada do Caçador de Demônios.* Ela poderia ter tido a honra de sair lutando ao invés do que diabos ela estava fazendo agora .

Um sacrifício? Eu sou uma oferta sangrenta, por completo.

Ela cerrou os dentes. *Eu me recuso a morrer com medo.*

Em vez disso, ela tentou transformar isso em raiva.

Raiva dos demônios que mataram sua família, mas a pouparam. Raiva da aldeia que a abandonou como uma espécie de maldição, a tratou com crueldade e depois a forçou a ficar aqui ou ser trancada em uma cela. Raiva dos Caçadores de Demônios por causarem isso tentando usá-la como isca contra um monstro que não se importava se ela vivia ou morria!

Ela ficaria com raiva de Orpheus, mas ele não poderia deixar de ser um pesadelo. Ele mostrou a ela mais bondade em suas ações de Caminhante do Crepúsculo do que qualquer um dos humanos que ela conheceu nos últimos vinte anos.

Talvez este sempre tenha sido o meu destino, Reia pensou com uma risada sombria quando o viu emergir da beira da colina.

Ele estava correndo de quatro pelo chão plano, resfolegando bufando vindo dele. Seus olhos eram de um vermelho brilhante e profundo, fácil de ver à pequena distância. Eles eram a única coisa que ela podia distinguir claramente com sua velocidade inacreditável.

Eram os olhos de seu Ceifador. *Espero estar gostosa!*

Ela cerrou as pálpebras antes que ele colidisse com ela.

Caindo na neve macia, o calor emanava de seu corpo enquanto ele a prendia por nada além de sua própria determinação de tornar isso o mais indolor possível. Calor flutuou sobre ela de sua respiração enquanto roçava a totalidade de seu rosto.

Ela provavelmente não deveria ter aberto os olhos, mas uma gota de líquido espirrando contra sua bochecha a assustou.

Mandíbulas abertas estavam lentamente circulando em torno de seu rosto enquanto ele as baixava ao redor de sua cabeça, seu pescoço torcido para que suas mandíbulas pudessem descer de ambos os lados. Ela sentiu a agudeza de uma de suas presas superiores enquanto deslizava sobre sua bochecha, mas não pareceu cortá-la.

Sua boca se abriu cada vez mais para permitir que ela entrasse.

A parte de trás de sua garganta estava preta como breu enquanto sua língua roxa estava enrolada e se contorcendo. Seu último pensamento seria sua curiosidade sobre a cor, querendo saber por que não era rosa.

A respiração dele deveria ter sido mais desagradável quando invadiu as narinas dela, mas cheirava a mogno enfumaçado e pinho com um toque de doçura. A única razão pela qual não era realmente agradável era porque ela podia sentir o cheiro metálico de sangue de cobre misturado com ele.

Outra partícula de baba pingou em sua bochecha enquanto a neve estalava em suas orelhas de seu focinho e mandíbula redonda e pontiaguda pressionando-a. Sua língua agora estava descansando firmemente contra sua bochecha.

Reia sentiu um corte de medo atravessar ela, e uma risada escapou de seus lábios trêmulos. Uma risada descontrolada e em pânico. *Isso é perturbador.* Observar sua mandíbula aberta se preparando para esmagar todo o crânio dela, no que ela tinha certeza era um único golpe, para matá-la era incrivelmente perturbador.

Ela riu ainda mais quando sua risada ecoou pela fenda da boca dele, como se ela mesma estivesse respondendo do além-túmulo.

Ele fez uma pausa, e as mãos dela se ergueram para agarrar o longo pelo em volta do peito dele, sabendo que aquele era o momento e se preparando para a dor.

Esperando. *Esperando.*

Ela riu um pouco mais, e soou mais louco a cada segundo.

Um bufo profundo soou logo antes de sua cabeça começar a recuar.

As sobrancelhas de Reia se juntaram quando ele afastou sua boca dela e a fechou a alguns milímetros de seu nariz. Ela finalmente podia ver seu rosto ossudo corretamente. Seus olhos brilhantes ainda estavam vermelhos, mas não pareciam tão fortes quanto quando ela o viu escalar a borda da colina.

O sangue espirrou em seu crânio e cobriu completamente a ponta.

A cabeça dele disparou para a frente e o osso duro do focinho pressionou contra a bochecha dela, onde ela ainda podia sentir a umidade de sua língua de antes. Ele a cheirou. Cheirou ela! Cheiradas rápidas que roçaram ondas sobre ela.

— O que você está fazendo? — A sensação era de cócegas, e seus nervos estavam tão à flor da pele que ela não tinha certeza do que dizer ou fazer enquanto continuava a agarrar seu pelo.

— Você tem gosto de sabugueiro e rosas. Você cheira a isso.

Seus dedos perderam o controle quando o pelo começou a desaparecer, forçando seus dedos para fora quando um casaco preto começou a passar pelas fibras. O brilho opaco de seus olhos vermelhos desapareceu quando o amarelo profundo assumiu - uma nova cor.

— É assim que você cheira?

Ele continuou a cheirar ao redor de sua bochecha, e um guincho a deixou quando ele passou a língua nela.

— Eu-eu pensei que você fosse me comer, — ela sussurrou, suas mãos caindo frouxamente ao lado dela na neve.

Seu coração batia tão irregularmente que ela podia senti-lo pulsando profundamente e ouvi-lo em seus ouvidos.

— Sim. Me desculpe, mas eu estava.

Agora que as coisas pareciam estar calmas, ela podia sentir o quanto aquela confirmação fez seu coração pular uma batida antes de continuar a correr sangue em suas veias como uma tempestade.

— Por que não?

— Não sei. — Ela podia ouvir a carranca de confusão em sua voz; uma expressão que ele nunca seria capaz de fazer. — Eu nunca tive uma risada humana quando estou prestes a comê-los antes. — Ele enterrou a ponta do focinho contra o pescoço dela e passou a língua sobre ele, fazendo-a estremecer quando um arrepio a percorreu. — Eu também estava curioso para saber por que podia provar sabugueiro e rosas em vez de sangue. Você tem sorte de eu não estar com tanta fome agora depois de comer partes daqueles homens, posso não ter recobrado o juízo antes que fosse tarde demais.

— Você não vai me comer de qualquer maneira?

Ele lambeu seu pescoço novamente antes de cheirar contra ele.

— Isso depende exclusivamente de você. Embora eu não possa fazer promessas, essa não é realmente minha intenção com você.

— Não é?

Reia realmente pensou que ele iria levá-la para jantar em casa!

Um grito espremido dela quando ele lambeu seu peito e mergulhou no decote baixo de seu vestido o suficiente para que sua língua apenas passasse por seu mamilo!

— É mais forte aqui, logo acima do seu coração. — Ele lambeu novamente, criando outro ganido que saiu estrangulado com um suspiro. — Sim. Eu posso sentir o seu cheiro claramente agora.

Reia fechou os olhos com força.

O que diabos há de errado comigo?! Essas duas lambidas simples sobre seu peito, sentindo o quão áspera, mas escorregadia, sua longa língua era, enviaram uma carga por todo seu corpo.

Como se a estivesse traindo, seu mamilo daquele lado endureceu rapidamente enquanto o outro estava se firmando lentamente atrás dele. Uma poça de calor varreu sua barriga, crescendo logo acima de seu núcleo que se contraiu.

É nervosismo. Simplesmente nervos. Só estou animada porque ele não planeja sair de seu caminho para me comer!

Era isso, *tinha* que ser isso. Não havia absolutamente, positivamente, nenhuma maneira de Reia estar realmente sendo excitada por um monstro agora.

— Você pode, por favor, parar de me lambe? — Ela se contorceu um pouco, incapaz de fugir com ele em cima dela. — Você disse que não ia me comer, mas é um pouco perturbador, como se você não estivesse realmente dizendo a verdade.

Ele grunhiu, enquanto seus orbes ficaram rosa-avermelhados. De repente, ele se levantou, revelando a ela que havia revertido completamente para a forma de Caminhante do Crepúsculo de antes - aquele com corpo e roupas em forma humana.

Ele não parecia mais o pesadelo que ela tinha visto, mas a criatura que despertou um momento de ternura dentro dela depois que ela disse seu nome.

— Minhas desculpas, Neve, — ele disse calmamente. Suas

coxas pressionadas juntas no tom baixo e profundo de sua voz, sua mente achando isso ainda mais atraente do que antes com seu corpo formigando de uma forma tão desconcertante. — Tenho certeza de que você teve um dia assustador e devemos ir para nossa casa.

Ele estendeu a mão como se quisesse ajudá-la a se levantar.

Ir para nossa casa.

Seu estômago revirou com a oferta, com suas palavras, e ela não sabia por que não hesitou em deslizar sua própria mão para a dele, muito maior, depois de ver no que ele poderia se transformar.

Houve uma gentileza quando ele a ergueu. Ele deu um aperto hesitante na mão dela, quase como se estivesse apertando para tranquilizá-la ou confortá-la.

— Espero que você não se importe, mas você ficaria bem andando sozinha por um tempo?

Ele acenou com a mão para a esquerda, suas ações dizendo a ela que eles iriam continuar caminhando na direção que estavam indo o tempo todo e não voltariam para onde os Caçadores de Demônios estavam.

Reia quase gemeu com a ideia de persegui-lo enquanto tropeçava na neve, mas conseguiu suprimir isso. Agora que sua adrenalina estava diminuindo, o gelo já estava congelando seus pés descalços. Seus dedos dos pés já estavam doendo.

— Não vamos voltar por onde viemos?

— Não. Os demônios que se esconderam na superfície certamente já começaram a devorar o que deixei para trás.

Ela mordeu os lábios e assentiu.

Ele começou a liderar o caminho com suas longas pernas, e ela imediatamente o seguiu.

— Você deve ser forte, — ela resmungou com a cabeça virada para longe dele para esconder seu beicinho. — Você conseguiu matar dois Caçadores de Demônios.

— Não é a primeira vez que sou atacado por eles. Eles ocasionalmente ficam esperando quando eu recebo uma oferta com a intenção de tirar minha vida. Eles sabem quando estou chegando, mas cada vez têm menos sucesso. — Um grunhido contínuo a fez virar o

rosto para ele para ver que seus orbes estavam vermelhos. — Eles miraram em você. Por que?

— Como isca. — Os lábios de Reia se contraíram e suas sobrancelhas se enrugaram quando ela percebeu como era fácil acompanhá-lo. Ele estava andando mais devagar do que antes. — Eles provavelmente pensaram que isso iria te colocar em um canto, como se você fosse fazer qualquer coisa para me proteger.

Ela riu do ridículo disso. *Por que ele se importaria com a minha vida em detrimento da dele?*

— Proteger? — Sua cabeça se contraiu, mas ela não tinha certeza do porquê. — Sim, era isso que eu estava tentando fazer quando vi a espada contra você.

Seus movimentos pararam quando sua cabeça recuou em confusão inconfundível. Ela permaneceu plantada onde estava, observando-o se afastar com o som de seus pés esmagando a neve.

— Sua vida é preciosa. Vou tentar garantir que não acabe, se puder.

Seus lábios se separaram silenciosamente.

Ele está dizendo que está realmente planejando me proteger? Ela não conseguia entender isso. *O que ele quer de mim?*

Foi só agora que ela estava atrás dele que ela podia ver as manchas de bolhas roxas fumegantes espalhadas no chão seguindo atrás dele. Quando a bainha arqueada de sua capa preta deslizou mais para frente, ela pôde ver que vinham diretamente dele.

— Você está... Você está *ferido*?

Por que uma pontada atingiu seu peito com o pensamento? Ela deveria estar satisfeita por ele estar ferido!

É por isso que ele está andando tão devagar.

— Sim. Fui esfaqueado e cortado algumas vezes. — Ele disse isso como se não se importasse, mas ela não pôde deixar de sentir sua profunda simpatia crescendo.

Ele estava até mancando um pouco.

— P-pare — ela soltou entre os dentes cerrados. Ela correu para frente quando ele parou e se virou para cumprimentá-la. Ela se abaixou e começou a rasgar a bainha do vestido. — Deixe-me estancar

o sangramento.

— Não há necessidade. Tenho certeza que você está preocupada com o meu estado para quando anoitecer, mas o sangramento já terá parado. Os Demônios não vão atacar.

Ela nem tinha pensado nisso. Ignorando o que ele disse, ela continuou a rasgar a saia até destruir a bainha e ter algumas tiras longas.

— Só... não sei. Deixe-me fazer um curativo em suas feridas? — Ela desviou o olhar enquanto oferecia as tiras de tecido branco. — Você provavelmente está com dor.

Orpheus olhou para a mulher enquanto ela rasgava tiras de seu vestido. Ele disse a ela que ficaria bem em manter os Demônios afastados, então ele não conseguia entender suas ações.

Ela está, talvez, preocupada comigo?

A curiosidade foi a única razão pela qual ele estendeu o braço direito para mostrar a ela o corte em seu antebraço que estava vazando sangue roxo escuro. Ele nunca teve um cuidado humano com seu bem-estar antes, então quando ela começou a envolver seu braço sobre sua roupa, ele inclinou a cabeça para ela.

Seus lábios estavam franzidos enquanto suas sobrancelhas loiras estavam unidas. A pressão era forte quando ela o cobriu do cotovelo até a metade do braço, depois amarrou um laço. Ele não precisava disso, mas tinha certeza de que ajudaria a diminuir o sangramento.

Quanto mais sangue ele mantivesse, mais forte ele permaneceria. Até ele sabia disso. E embora ele fosse estar totalmente curado no dia seguinte, ele não disse isso a ela.

— Onde mais você está sangrando? — Ela mordiscou o lábio inferior enquanto seus olhos verdes se moviam sobre seu grande corpo como se ela mesma estivesse tentando encontrar suas feridas.

Seria difícil ver o sangue roxo escorrendo por sua roupa preta.

Ele teria aberto o paletó e a camisa, mas Orpheus não tinha intenção de mostrar a Reia o que havia por baixo de suas roupas. Todos os humanos que o viram ficaram horrorizados. *Todos eles.*

Com o silêncio dele, ela deu um passo à frente hesitante e estendeu a mão. A cabeça dele estava inclinada ainda mais para baixo para observá-la, e ela espiou para verificar se estava tudo bem antes de colocar a mão no peito dele.

Ela começou a acariciar seu corpo, e seu abdômen se contraiu de dor quando ela finalmente encontrou uma facada. Seu sangue cobriu sua palma.

Ele esperava que ela puxasse a mão e olhasse horrorizada para o sangue dele nela, mas ela apenas olhou para a mão por um momento

antes de continuar a acariciá-lo até encontrar a segunda facada.

— Existem mais? — A voz dela estava trêmula e, embora ele pudesse sentir o cheiro do medo que sempre estava presente nela, não ficou mais forte. Outra coisa, uma emoção diferente, estava sacudindo sua voz.

— Não. Você já enfaixou meu corte.

— Ok. — Ela limpou a mão no vestido, manchando-o de roxo, antes de começar a amarrar as longas tiras restantes do vestido. — Você é muito maior do que eu. Eu não poderei alcançar meus braços atrás de você. Estaria tudo bem se eu andasse por baixo da sua capa?

— Não vejo problema nisso.

— Você poderia segurar isso aqui então?

Ela colocou a ponta de uma tira ao lado dele, e ele fez o que lhe foi dito antes que ela comesse a circulá-lo para caminhar atrás dele por baixo de sua capa. Então ela voltou, certificando-se de cobrir o rabo do que ele estava segurando para que estivesse preso, antes de caminhar ao redor dele novamente.

Ela fez isso algumas vezes até que entre o esterno e o umbigo estivesse amarrado antes de amarrar tudo junto. Como seu braço, estava apertado. Já roxo começou a infiltrar-se nele, mas como ele pensou antes, deveria ajudar a estancar o sangramento.

— Hum... seu ombro?

Ele inclinou a cabeça para poder ver a haste quebrada e saliente da flecha ainda alojada dentro dela. Ele se agachou enquanto lhe dava as costas para que ela pudesse agarrar a ponta da flecha que o havia atravessado completamente e era visível do outro lado.

Ele estava grato por ter se alojado entre as lacunas de seus ossos, em vez de se encaixar nele.

— Você fugiu mais cedo. Por que você me ajudaria agora? — ele perguntou quando ela estava atrás dele.

Seus olhos brilharam vermelhos quando ela puxou a flecha para longe.

— Eu corri por muitas razões. — Ela rapidamente rasgou mais de seu vestido e começou a envolver seu ombro e a junção de sua axila.

— Não vou dizer que não estava com medo do que você se

transformou.

Suas entranhas apertaram com tensão em suas palavras.

Ela está mais cautelosa comigo agora. Ele esperava aliviar suas preocupações, não piorá-las.

Ele não podia deixar de se transformar naquele estado. Fora por causa da raiva e uma reação à sua dor, ao perigo. Por *ela* estar em perigo.

Uma vez que ela terminou, ela se afastou e permitiu que ele se levantasse e a encarasse mais uma vez. Ela prontamente virou a cabeça para longe dele antes de lhe dar o lado dela.

— Mas também não fiquei particularmente satisfeita com o Caçador de Demônios. Ele colocou uma espada em mim! — Ela jogou as mãos para cima em indignação. — Por que eu teria ficado por perto e saído com ele se ele conseguiu matar você? Você provavelmente também teria arrancado um membro dele antes dele. Então ele teria atraído os Demônios, e eu teria sido morta por um enxame deles quando a noite chegasse.

— A maioria dos humanos tem medo de ficar sozinhos na floresta. Você pensou que estaria mais segura sozinha?

Ela esfregou o braço do bíceps até o antebraço.

— Eu queria me tornar uma Caçadora de Demônios se algum dia saísse da vila. Eles costumam caçar animais e abri-los para sangrá-los, a fim de criar armadilhas para atrair demônios para que possam matá-los. Eu sabia que eles chamariam a atenção deles, e quanto maior a distância entre mim e eles, maior a probabilidade de eu escapar. Sabemos o suficiente sobre Demônios que eles preferem ir atrás do cheiro de um humano morto que é comida fácil, do que atacar um humano fugindo dele.

— Isso foi... inteligente da sua parte. — Ele se afastou dela e começou a liderar seu caminho mais uma vez. Ele ouviu os passos dela antes que ela chegasse ao lado dele. — Você queria se tornar uma Caçadora de Demônios?

Isso foi curioso. Nenhuma de suas outras ofertas queria se tornar um desses caçadores.

— Eles deveriam ser pessoas com pouco medo — ela

respondeu calmamente. — Quanto mais um humano cheira, mais atrai Demônios. Alguns acreditam que, se você não segurar nenhum, não pode sentir o cheiro deles e pode permanecer escondido, mesmo durante a noite. Nunca fui uma pessoa muito medrosa, mesmo quando era criança.

Isso não era verdade. Demônios podiam sentir o cheiro de um humano independentemente de estar com medo ou não, mas sim, não ter medo tornava isso mais difícil.

— Você cheira a isso, — ele disse a ela. Ele não tinha certeza se ela estava mentindo para si mesma, mas percebeu que ela estava com medo.

— Eu nunca disse que não podia sentir isso! — ela gritou, fazendo a cabeça dele recuar. Seus olhos se arregalaram e ela rapidamente limpou a garganta. — O que eu quis dizer foi, sim, eu sei que estou com medo, mas não como todo mundo. Eu esperava que, se treinasse com a guilda, eles me ajudassem a apagá-lo completamente.

Hum. Essa é realmente uma noção intrigante.

— Por que você quis se tornar uma? Para proteger as pessoas de quem você gosta?

— Não. — Sua voz era baixa quando ela disse: — Não sobrou ninguém para eu cuidar.

Foi então que percebeu o quanto os dentes dela batiam de frio. Ele olhou para seus pés descalços para ver que seu vestido estava muito mais curto agora e chegava quase aos joelhos.

— Eu só queria poder viajar pelo mundo livremente. Matar demônios repugnantes ao longo do caminho teria sido um bônus. — Ela olhou para ele por um momento. — Tenho certeza de que essa pode ser a última coisa que você quer ouvir.

— De jeito nenhum. Eu não sou um demônio.

Ela deu uma risada curta enquanto desviava o olhar dele mais uma vez.

— Acho que é verdade. — Ela puxou o capuz com mais firmeza sobre a cabeça antes de envolver os braços ao redor do corpo e esfregá-los como se quisesse se aquecer. — O que você é afinal? Ninguém realmente sabe.

Orpheus nem tinha certeza do que ele era. Havia alguma crença de que ele era parte Demônio, parte humano, parte *outro*. A maioria apenas considerava os Caminhantes do Crepúsculo como outros, colocando-os em uma categoria desconhecida. Uma das muitas perguntas sem resposta.

— Por que você continua olhando para longe de mim? — ele perguntou em vez de responder a ela. — Você está tão perturbada por mim agora?

Ele não conseguia esconder a irritação em sua voz. Ele não gostou que ela não pudesse sequer olhar para ele.

— Com sangue *humano* em seu rosto, tornando óbvio que você acabou de comer um? Bem, sim. Acho isso bastante assustador de se olhar.

Hmm... Ele sabia que os humanos achavam o sangue de sua própria espécie perturbador. Ele se abaixou e enfiou os dedos na neve para senti-la mastigar sua luva.

— Eu não terminei de comê-lo. — Ele começou a esfregar o pó úmido no rosto. O calor de seu corpo o derreteu o suficiente para lavar o sangue. — Eu vim para encontrar você em seu lugar.

— Para me comer?

— Não, para encontrar, — ele corrigiu bruscamente. — Ajudou não ter descoberto você correndo.

Ele a estava caçando e não tinha certeza de como teria agido se tivesse que continuar perseguindo-a. Teria feito aquelas mãos frias e entorpecentes apertando sua mente com mais força. Na verdade, melhorou quando ele a viu parada ali em sua visão enevoada vermelha, quase como se ela estivesse esperando por ele.

Parte dele queria comê-la, o desejo de comer humanos sempre presente dentro dele, mas outra parte dele queria encontrá-la e protegê-la.

— Ficar parada realmente ajudou?

— Sim. — Ele provavelmente a teria agarrado após sua captura e derramado seu sangue. Fome e sede o teriam perfurado, e ele realmente a teria acabado.

Ele finalmente virou a cabeça para ela quando terminou de

limpar o crânio.

— Pronto, está melhor?

Ela olhou para ele lentamente antes de virar o rosto para ele completamente.

— Muito melhor.

Seus olhos vagaram por sua forma trêmula enquanto continuavam a caminhar no ritmo lento que ele estabeleceu.

— Você está com frio. Não posso carregá-lo no braço direito no momento, mas tenho certeza de que poderia segurá-la com o esquerdo.

Ele ofereceu o braço para ela.

Ela torceu o nariz, fazendo a ponta enrugar enquanto seu olhar assumia um tom preocupado.

— Mas você está ferido.

— Você não pesa nada para mim. Você não vai me cansar mais rápido do que minhas feridas.

— Bem... acho que *seria* mais quente.

— Venha, pequena humana. — Ele gesticulou com a mão para mostrar mais de seu braço esquerdo para ela. — Deixe-me derreter seu coração.

Sua visão assumiu um tom roxo, seus olhos se tornando dessa cor, quando o rosa começou a subir nos arcos de suas bochechas acompanhado pelo menor esboço de um sorriso. Foi a primeira que ele viu em seus lábios macios, e isso fez com que o calor girasse em seu estômago e roubasse sua dor completamente.

Foi uma reação estranha dele, uma tola, mas fez com que suas entranhas cantassem quando ela voluntariamente passou para aquele lado dele e sentou-se na dobra do cotovelo que ele abaixou para ela. Ele enrolou o braço ao redor dela, passando a mão ao redor do lado dela completamente, enquanto a levantava no ar e longe da neve.

Ela veio até mim. Mesmo depois que ele mudou para sua forma mais monstruosa na frente dela. *Talvez haja uma chance de esperança, afinal.*

Ele deu algumas cheiradas rápidas em seu peito, onde havia lambido as ervas e óleos que estavam banhando seu cheiro natural, fazendo-a fazer um estranho barulho de guincho.

Sabugueiro e rosas vermelhas – cada rosa colorida tinha seu perfume específico. Seus significados não passaram despercebidos, e Orpheus bufou antes de tirar o focinho da carne dela, sentindo uma onda de satisfação percorrê-lo.

Seu cheiro é agradável para mim. E ela não cheirava a mel, creme ou comida, o que também era bom.



Reia estava enrolada em seus braços novamente enquanto ele a embalava. A noite havia caído e ele se ofereceu para carregá-la assim agora, apesar de seus ferimentos.

Seu ritmo era rápido mais uma vez.

A ideia de estar cercada por um calor delicioso e longe do potencial de ser golpeada por um Demônio nas árvores foi a única razão pela qual ela concordou.

Seu calor e forte aroma florestal a envolveram, o que era relaxante e reconfortante. *Não acredito que ele cheira tão bem.* Além do cheiro metálico de seu próprio sangue, que cheirava mais forte do que qualquer outro que ela tinha cheirado, ela não podia deixar de se sentir atraída por ele.

De certa forma, ela desejou que ele cheirasse a podridão e decomposição. Ela não teria ficado tão relaxada em seus braços. Isso a teria lembrado constantemente de que ele era nojento, e ela não deveria pensar nele como nada além de uma criatura de pesadelos.

Ele não é seu amigo, Reia.

Apesar dele dizer que pretendia proteger a vida dela, ela não podia confiar nele. Não importa se ele estava sendo gentil com ela, não importa se ele não era completamente desagradável de se ter por perto, ela tinha que lembrar, sempre, que ele não era confiável. Seu plano de fugir falhou, mas ela encontraria outra maneira de ser livre.

Como ela estava curiosa, ela já havia perguntado por que ele

não tinha mais seus lobos negros o seguindo. Ele explicou que desde que parou de se concentrar neles, eles desapareceram. Para recuperá-los, ele teria que fazer o feitiço novamente que exigia que ele caçasse outro lobo para trocar sua força vital, destruindo-o, pelo encantamento da ilusão.

Aparentemente, eles agiam como dissuasores tanto para os demônios quanto para os humanos. Se eles pensassem que ele não estava sozinho, seria menos provável que ele fosse atacado, embora ele arrogantemente dissesse a ela que atacá-lo era inútil.

Depois do que ela tinha visto antes, ela não podia dizer que ele estava errado ou que sua arrogância era infundada.

Mas Reia tinha muitas perguntas e não sabia por onde começar. Ele também não respondeu a algumas, evitando-as descaradamente e deliberadamente.

— Por que você me escolheu em vez de Clove? — Reia perguntou enquanto pressionava a parte de trás de seu crânio na carne firme de seu braço para olhar para ele. — Era óbvio que ela estava mais disposta a ir com você.

— Por causa da sua raiva. Você me cumprimentou, então pensei que tinha feito a escolha, mas foi sua raiva que me intrigou. Ela também fedia a medo quando me aproximei dela, enquanto você não.

— Fiquei com muita raiva de você quando você agarrou minha garganta, mas fiquei surpresa por não doer.

— Você estava com raiva antes disso. — Ela franziu os lábios em aborrecimento; ela não tinha pensado que era tão óbvio antes disso.

— Eu não pretendia te machucar. Eu só queria ver você melhor.

— Você me escolheu como sua noiva porque eu estava com raiva e não com tanto medo?

— *Não é minha noiva*, — ele disse bruscamente, sua cabeça virando para baixo e girando o suficiente para olhar para ela. Embora houvesse um toque de raiva em sua voz, seus olhos se tornaram um poço mais profundo de azul.

Ela sugou um suspiro de surpresa antes que a frustração borbulhasse dentro dela como uma lagoa corrosiva em seu intestino.

— Então por que diabos eles me colocaram em um vestido de

noiva?!

Ela se sentiu ridícula nele desde o momento em que a Sacerdotisa o colocou sobre ela.

— Para se tornar minha noiva, você deve me presentear com algo. Nenhum humano jamais o fez, e estou começando a duvidar que algum dia o fará. Você não será diferente.

— Você está realmente procurando uma noiva, embora?

Sua resposta demorou a vir, mas ele finalmente disse: — *Sim*.

— A palavra foi dita como se fosse pegajosa e inimaginavelmente difícil de dizer com uma voz rouca.

Isso era algo que ela também estava curiosa. Ele não abriu o focinho para falar, mas eles conseguiram conversar e sua voz continha *emoções*.

A cabeça dele virou para olhar para onde estava indo ao mesmo tempo em que ela abaixou a dela para olhar para suas mãos entrelaçadas. Ela estava segurando sua capa fechada para ajudar a manter o ar frio da noite fora.

— O que deve ser dotado?

— Nenhum ser humano jamais foi consolado pela resposta. — Ela olhou para cima bem a tempo de ver o brilho de seus olhos iluminando apenas seu crânio de lobo tornando-se um azul ainda mais profundo. — Eu apenas procuro um companheiro agora.

Tudo o que ele procura é uma companheira? Ela piscou para ele enquanto suas sobrancelhas se juntavam com tanta força que ela sentiu a pressão irradiando em sua testa. *Ele é verdadeiramente solitário?*

Como poderia saber disso enviar uma onda de pena através dela por ele? Reia tinha estado sozinha toda a sua vida, ela compreendia a sua dor, mas tinha aceitado o seu destino e vivido com ele sem se sentir desolada e solitária. Ela não se importava mais em ter um amigo. Tudo o que ela queria era a liberdade e evitar a crueldade de ser banida e evitada como um prenúncio de maus presságios.

Ela queria andar por uma cidade e poder falar com alguém sem que seu rosto empalidecesse de medo. Ela só queria que alguém a olhasse nos olhos, para saber que ela era verdadeiramente real e válida. Além disso, ela não se importava.

Então, como essa criatura, monstro, pesadelo, tinha mais solidão humana dentro de si do que ela? *É porque não estou sozinha há tanto tempo quanto ele?* Ela se perguntou se talvez ela se sentisse da mesma maneira depois de viver centenas de anos - já que se acreditava que ele viveu tanto tempo.

Ele não era humano, então ela não entendia por que ele se sentia assim. As emoções eram para as pessoas. Ele não deveria ter a capacidade de sentir nada além da profunda sede de sangue e carne humana, como os Demônios com os quais ele se parecia.

— O que aconteceu com os outros humanos que você levou?

O peito dele se expandiu como se ele estivesse respirando fundo enquanto empurrava contra o lado dela, antes que ela observasse o sopro nebuloso dele passando por seu focinho através do buraco do nariz ossudo como um suspiro.

— Muitas coisas. — Ele a agarrou um pouco mais forte, não dolorosamente, mas o suficiente para esmagá-la um pouco. — Muitos fugiram e morreram. Muitos foram levados.

— E os outros? — ela perguntou em voz baixa, sem saber se realmente queria a resposta.

— Eles me concederam um pouco mais de humanidade a cada vez.

— Essa não é uma resposta adequada. *Como* eles lhe concederam a humanidade?

Seu aperto afrouxou quando ele deu um pequeno suspiro, suas mandíbulas abrindo apenas uma fração para permitir que o som ecoasse. Foi a primeira vez, exceto quando ele se transformou, que ela a viu aberta. Fechou prontamente.

— Da mesma forma, os demônios recebem um pouco mais de humanidade.

Sim. Seu estômago revirou enquanto suas entranhas se retorciam em compreensão e incerteza. *Ele realmente os comeu... Será esse o meu destino também?*

Ela não podia deixar isso acontecer.

Aprender que comer um humano dava mais humanidade aos Caminhantes do Crepúsculo e aos Demônios era novo para ela. Ela

não sabia disso, mas explicava por que ele era tão inteligente e parecia ter muitas emoções. *Ele deve ter comido muitos.*

— O que deve ser dado a você para se tornar sua noiva? — ela perguntou de novo, querendo ter certeza de que ela *nunca* desse a ele. Quando ele não respondeu mesmo depois de muito tempo e o silêncio sangrando entre eles, ela semicerrou os olhos. *Eu me pergunto se dizer isso funcionará novamente.* — Orpheus?

Seus olhos se arregalaram quando ela sentiu o corpo dele ondular como uma onda semelhante a como ela tinha visto cachorros de pelo curto sacudir a água de seus corpos em uma torrente.

Dizer o nome dele dá a ele tanta reação?!

— Você deve oferecer sua alma para mim manter — disse ele apressadamente.

A tensão passou por ela com tanta força que ela sentiu tudo dentro dela endurecer. *Ok. Eu definitivamente nunca faria isso!*

— Uma vez pensei que a barganha da vida eterna enquanto eu vivesse seria suficiente, mas nenhum humano jamais quis estar ligado a mim.

Sim, bem... a ideia de estar ligado a um monstro para sempre parecia infernal.

SETE

Foi apenas no dia seguinte que Reia se viu olhando para o desfiladeiro florestal do Véu. Geralmente era uma caminhada de quatro dias, mas suas longas passadas reduziram para três. Os esboços desenhados que ela tinha visto fizeram pouco para capturar a maneira verdadeiramente estranha e perturbadora que parecia.

Ainda aninhada nos braços do Caminhante do Crepúsculo desde que ela acordou recentemente, ela espiou a cena enervante.

Uma névoa negra realmente circulava toda a floresta de aparência acinzentada que se estendia tão longe quanto a vista alcançava, estendendo-se por quilômetros e quilômetros que ela não conseguia ver as paredes do penhasco do outro lado. O Véu aparentemente abrangia um quarto de todo o continente e estava situado bem no meio de suas terras.

A fumaça pressionava pesadamente contra as paredes do penhasco e esvoaçava entre os espaços das árvores antes de subir mais alto em certos lugares.

As bordas do penhasco ao redor da floresta do Véu lançavam sombras sobre ela em arcos amplos, fazendo com que parecesse ainda mais sombria do que realmente precisava ser.

Apesar das árvores parecerem exuberantes e saudáveis pelo que ela podia ver, o fedor de podridão, como corpos em decomposição, invadiu suas narinas. Pungente e forte, enrolou suas entranhas e a fez desejar não ter comido seu café da manhã com pão amanhecido e uma maçã machucada. Seu estômago revirou quanto mais eles ficaram parados na borda do penhasco e a desafiaram a começar a vomitar.

Reia cobriu a boca e o nariz com a mão para proteger mal seus sentidos.

— Acho que não posso entrar lá. Esse é o pior cheiro que já experimentei.

E ele queria *levá-la* para dentro dele? Ela só podia imaginar o quão pior seria no fundo.

— Sempre achei a fronteira muito suja, — ele disse, bufando

pelo focinho antes de balançar a cabeça, o que fez um leve som de chocalho que ela frequentemente ouvia de Demônios. — No entanto, é apenas na fronteira que ele está presente. Assim que estivermos lá dentro, você não sentirá mais o cheiro.

— Isso é mentira? — Tinha que ser uma mentira apenas para torná-la complacente em ir até lá; não que ela quisesse entrar no Véu!

O cheiro pode ser pútrido, mas algo mais fétido estava presente. Temor. Não de dentro dela, mas de dentro *dela*. Ela podia sentir o pavor, como se a emoção fosse algo tangível. Disse a ela, implorou, para não se aproximar.

E, quando Orpheus começou a caminhar ao longo da beira do penhasco antes de encontrar uma área onde pudesse descer como degraus rochosos, o pavor a chamou para correr. Fugir. Para voltar antes que fosse tarde demais.

Ela teria se contorcido para fugir se não fosse pelo fato de que de um lado deles havia uma parede de penhasco contra a qual seu ombro estava claramente raspando, e o outro lado era uma queda tão mortal que ela sabia que ficaria sem oxigênio gritando antes de atingir o solo.

Ele até estava ligeiramente virado e andando com um ombro para a frente, provando o quão pouco espaço ele tinha para descer esse declive natural.

O fedor começou a invadir suas narinas e garganta como ácido, queimando em seus seios quase dolorosamente. Ele queimou o interior de seus pulmões e sentiu como se estivesse sufocando.

Ofegando por ar, ela agarrou o casaco dele.

— Por favor — ela estrangulou. — Me leve de volta.

Era demais. Reia não conseguiu lidar com isso quando as lágrimas começaram a se acumular em seus cílios.

A capa dele caiu sobre a cabeça dela enquanto ele abaixava o corpo para deixá-lo cair para frente.

— Alguns dos outros que trouxe aqui me disseram que não tenho um cheiro particularmente desagradável, como lama e casca de árvore. Isso deve ajudar.

Ela agarrou a bainha da abertura de sua capa e a enrolou ao

redor de seu rosto completamente para protegê-la de seu cheiro suave. *Eles disseram que ele cheira a lama?* Ela não podia sentir o cheiro de lama, mas conseguiu respirar direito através do material.

Deve ter passado pelo menos uma hora antes que sua posição de andar mudasse, e a luz do sol brilhando através de sua capa se desvaneceu em uma sombra opaca.

— Você deve andar a partir daqui, — ele disse a ela enquanto a movia até que ela foi forçada a colocar os pés descalços no chão. — E você deve permanecer dentro da minha capa até que voltemos para minha casa.

Ela se agarrou desesperadamente a ele para proteger o rosto do cheiro horrível quando ele começou a puxá-la para longe dela à força. Sua força venceu e ela respirou ofegante de ar não filtrado. Ela bufou, engasgando... até perceber que não era necessário.

Ele estava dizendo a verdade. Ela não podia mais sentir o cheiro da decomposição da carne podre.

Ela virou a cabeça para ele com uma carranca, um beicinho escapando de seus lábios.

— Viu? — Ele levantou o lado de sua capa para criar um espaço ao seu lado para ela. — A maioria de vocês não gosta desta parte, mas venha, rapidamente, antes que os Demônios peguem a humanidade em seu cheiro.

Estou no Véu. A casa dos Demônios e o lugar de onde eles vieram. Deve estar cheio de centenas, *milhares* deles.

Nada mais poderia fazê-la entrar em ação mais rápido do que essas palavras, e ela se aninhou ao lado dele. Seu braço passou por cima do ombro dela, sua grande mão abrangendo seu quadril, antes que a capa caísse sobre ela completamente e a escuridão cobrisse sua visão.

Ela tentou abri-la para poder ver, mas ele rapidamente usou a outra mão para puxá-la com força sobre ela.

— Como eu mencionei, a maioria de vocês não gosta desta parte, e é porque você não será capaz de ver para onde está indo.

Seu corpo e mão a mantinham firmemente contra ele enquanto ele começava a conduzi-la cegamente.

— Isso é para eu não saber o caminho de volta? — Ela tentou dar passos cuidadosos e sabia que ele estava andando mais devagar do que o normal para se certificar de que ela não tropeçaria ou cairia.

— Não. É assim que mascaro seu cheiro completamente. Mesmo apenas um dedo pode atrair os Demônios para nós.

Réia engoliu em seco. Justo, ela ficaria cega se fosse preciso. No entanto, ela tentou descobrir como deveria fugir deste lugar se não pudesse estar fora de sua capa.

Então não é perigoso me trazer aqui? O que iria acontecer com Reia quando ela chegasse em sua casa? Ela temia que realmente ficasse presa lá ou presa dentro dela para sempre. Nunca mais verei o sol? Ela cerrou as mãos em punhos apertados. Não, está tudo bem. Tudo vai ficar bem.

Enquanto caminhavam, havia algo que ela notou. Algo que demorou muito para chamar sua atenção enquanto seus pensamentos corriam desenfreados por sua mente.

— Não há neve aqui, — ela comentou.

Embora o chão estivesse gelado, seus pés não estavam afundando na neve. Ela sentiu vagamente grama, gravetos e pedras sob seus pés descalços.

— O Véu é mais quente no inverno do que acima da superfície, pois as paredes o protegem do frio. — Ela dificilmente poderia chamar isso de mais quente, já que ainda estava bastante frio, mas pelo menos não estava ameaçando deixá-la congelada. — E o verão é fresco porque a sombra protege do calor.

Assim que ela abriu os lábios para dizer algo, a mão dele subiu para cobrir sua boca. Na verdade, era tão grande em comparação com ela que cobria horivelmente todo o rosto. Suas mãos dispararam para agarrar seu pulso.

Ela bateu os pés enquanto tentava afastá-lo. Ela podia respirar, mas definitivamente não estava confortável com ele fazendo isso! Ele continuou a acompanhá-la, apesar de suas lutas.

— O que você tem, Mavka?

Gelo correu por suas veias com a voz que veio de *fora* da capa. Ela parou de lutar, parou de respirar, quando percebeu que eles não

estavam sozinhos.

— Você está voltando de uma caçada, Mavka. Isso significa que você nos trouxe algo saboroso para devorar? Um lobo, um cervo ou um humano, talvez?

Ah, porra. Isso é um Demônio falando? Ela não sabia que eles também podiam falar!

Reia podia ouvir o roçar das folhas quando algo pesado raspou suas garras nos galhos enquanto caminhava ao lado deles nas árvores.

— O que eu tenho não é da sua conta. — Um rosnado suave começou a ressoar ao lado de seu ouvido no peito de Orpheus. — Chegue mais perto e será você quem será comido.

— Sem graça, — ele riu, sua voz uma mistura de feminino e masculino enquanto também soava rouca, como se não estivesse acostumada a falar. — Eu só desejo brincar. Não consigo sentir o cheiro, mas sei que você deve ter alguma coisa se estiver voltando. Eu posso ouvi-lo respirando. Venha, dê-nos uma mordida. Certamente você não pode comer tudo.

Reia foi balançada no ar enquanto ele a segurava firmemente enquanto seu corpo se lançava para frente, como se ele tivesse estendido seu braço de repente. O Demônio ganiu, antes que ela ouvisse vagamente o som de uma batida contra o chão.

Ele sibilou antes que batidas rápidas e desvanecidas dissessem a ela que estava fugindo.

Não ser capaz de testemunhar o que aconteceu pouco ajudou a aliviar o batimento acelerado de seu coração. Ela estava grata por não tê-lo visto e o cheiro dele ao seu redor a impediu de sentir o cheiro.

— Moradores da fronteira. Eles não são os mais perigosos, mas geralmente são os que caçam vocês, humanos, acima da superfície.

Ele lentamente levantou a mão de seu rosto para colocá-la contra seu lado mais uma vez. Reia não disse nada, não querendo mais falar caso algo a ouvisse.

O silêncio permaneceu entre eles enquanto caminhavam pelo que devem ter sido horas. Cada farfalhar de folhas chamou sua atenção, cada galho estalando ao longe, cada raspagem de *algo* contra a rocha ou casca. Ela podia ouvir o barulho de ossos, uivos assustadores

à distância e os gritos angustiantes de algo que parecia uma mistura entre um pássaro e uma criança chorando.

Reia estava alerta.

Se algo acontecer, apenas corra de volta por onde viemos. Ela pensou que poderia pelo menos fazer isso. Ela só esperava que eles não estivessem em um caminho sinuoso e ela acabasse correndo mais para o Véu do que para a borda dele.

Embora ela soubesse que ainda devia ser dia, tudo o que ela podia ver era preto. Havia tão pouca luz solar atingindo o solo dentro do Véu que ela não brilhava mais através do tecido de sua capa. Tudo o que ela viu foi a escuridão. Apenas engolindo a escuridão.

Não, não era escuridão. Devia ser cinza escuro. Porque, em pouco tempo, o sol começou a se pôr e ela realmente entendeu o que era olhar para o vazio do nada.

— Cuidado onde pisa, — Orpheus disse a ela quando ele desacelerou deliberadamente.

Os dedos do pé esquerdo bateram em algo duro. Seu dedão do pé roçou nele enquanto ela tateava o que estava a seus pés, sentindo a ponta afiada de um degrau. Ela timidamente colocou o pé sobre ele e uma emoção rasgou seu coração.

Estamos aqui? Eles estavam andando por quase um dia inteiro. Reia entendeu que ela estava realmente dentro do Véu, estava cercada por ele, presa dentro com Demônios ao seu redor.

Uma parte dela esperava que algo acontecesse para que ela não chegasse aqui. Que ela teria tido a chance de concorrer novamente. Mas ela sabia que toda a esperança de sobreviver de verdade estaria no limite deste lugar, não dentro dele.

Seu pé direito esbarrou em outro degrau, e então houve um terceiro antes que seus pés estivessem em uma área plana e larga. A aspereza do terreno informou-a de que devia estar de pé sobre tábuas de madeira. Ele a guiou alguns passos adiante antes de parar.

— Reia, — ele disse, assustando-a. Ele nunca tinha dito o nome dela para ela antes, e o jeito que ele disse foi cheio de um certo tipo de gentileza. — Você se importaria de cobrir seus ouvidos?

Ela acenou com a cabeça enquanto movia as mãos para cima

para cobrir os ouvidos assim que ouviu um rangido como se uma porta estivesse sendo aberta lentamente. Sua mão em seu lado apertou e segurou-a com firmeza.

Suas mãos fizeram pouco para bloquear o rugido bestial que veio dele. Ela se encolheu antes de fechar os olhos com força. Os sons seguintes foram abafados quando ela ouviu criaturas com garras afiadas fugindo enquanto faziam gemidos estridentes e chorosos.

Um passou por uma superfície diretamente acima dela, antes que um pequeno baque contra o chão por trás lhe dissesse que saltou sobre eles.

Orpheus a empurrou para a frente com uma lentidão hesitante, e ela abaixou as mãos para ouvi-lo cheirar rapidamente. Ele bufou antes que ela ouvisse uma porta fechar atrás dela.

O farfalhar da capa sendo puxada encheu seus sentidos, mas não fez nada para tirar a escuridão que estava escurecendo seus olhos. Seus passos pesados ecoaram enquanto ele se afastava dela.

Tudo o que ela podia ver eram duas esferas azuis brilhantes na escuridão. Eles destacaram levemente o osso branco ao redor das órbitas oculares.

Um fósforo foi preso, dando uma centelha de luz, antes que uma vela fosse acesa. Ele começou a se mover, acendendo vela após vela, até que ela começou a ter uma impressão de seus arredores.

Uma mesa que parecia gigantesca em comparação com ela se iluminou primeiro. Ela tinha uma variedade de ervas diferentes em cima, bem como uma tábua de cortar, um almofariz e um pilão e enfeites estranhos que ela não seria capaz de decifrar até que os olhasse de perto.

Então, um longo parapeito de janela com um lavatório na frente dele foi iluminado. Em vasos colocados no peitoril, ervas semelhantes a trepadeiras pendiam sobre um balcão e na bacia de metal tosco. Havia frascos de vidro roxos, amarelos e até vermelhos opacos cheias de líquidos desconhecidos encostadas nas paredes do balcão.

Tudo ficou claro quando ele se moveu atrás dela, e ela se virou para descobrir que ele estava acendendo um candelabro feito de

chifres de veado que tinha velas encaixadas nele. Brincos brilhantes pendurados por cordas com alguns pendurados mais baixos do que outros. Alguns tinham cristais, outros pedras e ossos.

Havia duas cadeiras com braços cobertas com tantas peles de animais diferentes que pareciam bastante macias, além de volumosas. Entre elas havia uma pequena mesa redonda com outra vela que ele acendia, enquanto na frente deles havia uma lareira e uma chaminé.

Ela mexeu os dedos dos pés quando percebeu que havia algo macio e delicado sob seus pés e se viu pisando em pelos. Seus olhos não ficaram abaixados, no entanto, enquanto ela mais uma vez se maravilhava com o que estava de pé.

Parece uma cabana de madeira. As paredes eram feitas de toras grossas do tamanho de coxas que foram cuidadosamente esculpidas para parecerem todas com o mesmo diâmetro. A madeira estava desgastada e parecia velha. Ela sabia que uma segunda camada devia estar do lado de fora porque não havia um único espaço entre elas, e ela não conseguia sentir uma única corrente de ar.

— Esta é a sua casa? — ela perguntou, seu lábio inferior caindo em descrença.

Mas ela sabia que tinha que ser a casa dele pelo simples fato de que o ar cheirava a madeira, pele e, o mais importante, seu cheiro de mogno e pinheiro enfumaçado.

Ele respondeu com um grunhido e um singular aceno de cabeça.

— Como isso veio parar aqui? — Não era isso que Reia esperava.

Achei que ele me levaria para uma caverna. Tipo, tipo... algum tipo de animal bárbaro! Mas esta era uma casa, um *lar de verdade*.

Com móveis, velas e calor. Parecia aconchegante, apesar do fato de ela poder ver que muitas daquelas bugigangas pareciam ser ossos e crânios de pequenos animais.

O cômodo em que ela estava era como uma grande sala de estar e cozinha. Havia uma escuridão presente em um corredor apagado que continha uma porta de um lado, enquanto o outro tinha duas.

O teto era alto o suficiente para permitir que ele se movesse com sua enorme altura e os chifres de antílope que o tornavam ainda mais alto. Ele teve que se abaixar um pouco sob o lustre, mas não muito, apenas para garantir que seus chifres não batessem nele.

— Foi construído há muito tempo — respondeu ele, contornando-a e depois a longa mesa com duas cadeiras em volta — uma que parecia caber nele e outra bem menor — para caminhar até o balcão onde ela viu um lareira de cozimento no lado oposto da bacia.

A mesa chegava à altura do quadril dele, que por acaso estava na parte inferior da caixa torácica dela. Estando nesta sala, com tudo o que foi concebido para suportar o seu peso e massa, Reia sentiu-se indubitavelmente pequena.

Ela se sentiu pequena sentada na curva de seu cotovelo ou sendo embalada em seus braços, mas com a luz e este cômodo, isso a fez perceber o quão grande ele era.

Ele tinha que ter pelo menos dois metros e vinte de altura do pé ao crânio, seus chifres alcançando pelo menos dois metros e quarenta, e mesmo que Reia não fosse baixa, um forte um e setenta para uma mulher humana, ele ainda era um gigante. Ele também era largo, uma parede de carne e músculos.

Ele abriu um dos muitos armários acima do balcão ao lado da ampla janela para tirar quatro feixes de ervas embrulhadas em fitas brancas com sinos e frutas vermelhas. Havia também um osso, como um fêmur de rato, pendurado horizontalmente por uma corda.

— Fique dentro de casa, eu voltarei momentaneamente, — ele disse a ela enquanto caminhava em direção à porta da frente. Como se soubesse que ela perguntaria, ele acrescentou: — Meus encantamentos de proteção não estão mais em vigor, pois duram apenas alguns dias. Devo substituí-los.

Ele saiu prontamente, deixando Reia sozinha para ficar em sua casa enquanto ela estava sozinha.

Ela passou as pontas dos dedos sobre a longa mesa antes de ir até o balcão para ver que outros itens ele tinha espalhados. Havia um segundo almofariz de pedra e pilão que já estava cheio de ervas e especiarias trituradas.

O toque dos sinos disse a ela que ele estava bem ao lado da janela na frente da casa, perto de onde ela estava. Seus passos começaram a bater para o outro lado da casa quando ela pegou um frasco de vidro amarelo e o abriu, ousando cheirar seu conteúdo.

Um ruído de surpresa saiu de seu nariz ao sentir o cheiro estranho, mas doce. Ela o colocou de volta para abrir um recipiente de madeira e encontrar um pó preto seco dentro dele. Quando ela cheirou, ela espirrou. Não foi terrível, mas formigou seu nariz.

Ela tocou as plantas saudáveis semelhantes a videiras com três folhas brotando de suas vinhas em diferentes seções. *Estou surpresa que algo assim possa viver no Veu.* As árvores ela entendia, mas isso parecia muito mais delicado.

Ela foi até a mesa para descobrir quais eram os enfeites. Pareciam madeira flutuante com aglomerados de minério de prata crescendo como musgo.

Quando ela estava prestes a dar uma olhada mais de perto, algo brilhando em sua periferia do outro lado da mesa chamou sua atenção. Reia se inclinou, tendo que pular parcialmente para alcançar o centro da mesa, e agarrou algo frio.

Uma adaga. E ela podia ver que havia mais de uma. *Ele me deixou sozinha com armas?* Isso foi bastante tolo da parte dele.

A alça era em forma de redemoinho com corda de couro preto nas reentrâncias para conforto enquanto ela enrolava o punho em volta dela com força. Ela bateu com o dedo indicador da outra mão na ponta cônica, descobrindo que a lâmina de dois gumes era afiada, mas tomou cuidado para não furar o dedo.

Uma grande mão com garras coberta por uma luva preta envolvendo sua mão segurando o cabo a fez gritar de surpresa.

Ela estava tão absorta na arma, na possibilidade de talvez usá-la para se libertar, que não o ouviu voltar para dentro e caminhar atrás dela.

Ela podia sentir o calor de seu corpo pressionando contra suas costas enquanto ele se inclinava sobre ela enquanto trazia seu focinho estranhamente para baixo ao lado de sua cabeça.

— A menos que você conheça o único lugar para esfaquear

meu corpo e atacar fundo o suficiente, devo avisá-la de que, se você falhar, isso resultará em sua morte infeliz.

Ela tentou se soltar, mas ele se recusou a soltá-la e a forçou a continuar segurando a adaga.

— Eu não estava pensando nisso.

Uma mentira completa.

— Entenda que muitas ofertas disseram essas palavras para mim antes de tentarem. Eu não gosto de dor, e é certo que ela invocará uma raiva incontrolável em mim – como você já viu.

— Ok, sim. Eu entendi, — ela murmurou bruscamente enquanto puxava sua mão com mais força. — Agora deixe-me ir.

Ele a soltou e a mão dela golpeou o ar antes de jogar a adaga sobre a mesa. Ela tiniu quando saltou sobre a superfície dela. Reia rapidamente se virou e o encarou com um olhar feroz, mas ele já havia começado a se afastar dela.

Ele estendeu a mão e desfez o laço de sua capa de seu pescoço antes de puxá-la para frente para deslizar seus chifres pelos buracos para removê-la. Ele a colocou sobre o encosto da cadeira na mesa de jantar, e ela chupou os lábios para fechá-los.

A capa tinha feito muito para esconder o volume de seu corpo. Embora ele fosse bastante magro, ela podia ver que músculos fortes estavam pressionando contra sua roupa, como bíceps e coxas podiam ser vistos flexionando enquanto ele se movia pela sala.

Ela também finalmente viu a cabeça dele como um todo. Embora a frente de seu rosto ossudo fosse lupina com presas afiadas, a parte de trás parecia mais com um cervo, pois sustentava aqueles chifres de aparência pesada que giravam e giravam para cima e para trás de seu crânio.

— Vou acender o resto da casa, então você deve tomar um banho morno para tirar o cheiro humano de sua pele, — ele disse a ela quando pegou a vela que tinha usado antes para iluminar a sala de estar. — Devemos fazer isso antes que se infiltre pelas paredes e alerte os Demônios próximos de que trouxe outro humano aqui. Se você estiver com fome, eu lhe darei comida depois, a menos que você queira descansar primeiro.

Um banho relaxante, comida e depois dormir, parecia exatamente o que ela precisava. Eles estavam viajando há dias e Reia estava exausta. Ela poderia descobrir planos e ideias mais tarde, uma vez que estivesse mais familiarizada com seu ambiente.

Oito

Um banho gostoso, quente e relaxante *não* fazia parte do futuro de Reia.

Ela observou com admiração depois que ele a levou para o cômodo mais distante da casa. Ele foi até a banheira de madeira, então cortou o pulso com a garra do polegar para produzir algumas gotas de sangue. Com um pequeno encantamento, as poucas gotas de roxo começaram a brilhar antes de ficarem claras, enchendo a banheira com água fumegante!

O banheiro era pequeno, cabendo apenas a banheira e um balde de lixo com tampa que parecia nunca ter sido usado por ele. A banheira de madeira era grande o suficiente para que ela *pudesse* caber dentro dela com uma quantidade generosa de espaço para se mover.

As ervas queimavam, criando um ar convidativo, pois as velas destacavam não apenas as muitas plantas que cercavam as paredes, mas também grandes cristais. Alguns desses cristais roxos chegaram até a altura do quadril.

Quando ela perguntou por que o quarto era decorado dessa forma, o Caminhante do Crepúsculo a informou que ele tentou criar um ambiente relaxante para os humanos que ele trouxe aqui.

Bem, bom trabalho, amigo.

Era definitivamente fascinante e calmante.

Ela não percebeu que foi feito de propósito para iludir a terrível verdade!

Ela pensou que tudo ficaria bem quando ele saiu depois que a banheira estava cheia, dando-lhe privacidade para que ela pudesse se despir e pular dentro dela. No entanto, ele voltou logo depois que ela começou a ficar mole na água aquecida carregando algo em sua mão grande.

E esse foi o começo de suas lutas. Ele derramou algumas gotas de alguma coisa na água e então se ajoelhou atrás dela.

Ele disse a ela para relaxar enquanto mergulhava a mão em algum tipo de óleo e começava a espalhar sobre sua pele.

Quando ela tentou se arrastar para frente e para longe,

completamente avessa à ideia de ele tocar seu corpo nu, ele passou o outro braço em volta dos ombros dela para mantê-la no lugar.

— Eu posso fazer isso sozinha! — Reia gritou, contorcendo-se na água enquanto ele tentava passar uma mão enluvada, ensaboada e lubrificada sobre seu ombro. Reia se debateu na água, seu rosto vermelho de raiva e vergonha.

— Não. Deve ser feito por mim, — ele disse severamente, esfregando a mão pelo braço dela até o cotovelo.

— Me deixe ir! — ela gritou.

Ela se contorceu para se livrar o melhor que pôde enquanto cobria os seios com um braço e tentava proteger os quadris e o ápice entre as coxas com o outro.

A água espirrou e espirrou com a força de seus movimentos enquanto seu cabelo molhado batia contra ela. A água derramou sobre a borda da banheira.

Um rosnado curto soou dele antes de seu outro braço envolver o pescoço dela, a mão dele segurando a parte de trás de sua cabeça antes de seus dedos virem do outro lado para descansar contra o lado de seu rosto. A ponta de suas garras cravou na pele logo abaixo do olho, próximo ao nariz e ao lado do lábio.

— Acalme-se, pequena humana. — Ele bufou, e ela pôde ver pelo canto do olho que o brilho de seus orbes havia se tornado vermelho vivo. — Você deve entender que apenas presas se contorcem. Ela se contorce quando está lutando por seu último suspiro, para viver, e atrai o *predador* em mim para destruir, para *comer*.

Reia ficou imóvel. A única coisa que se movia era seu peito arfante enquanto ela tentava recuperar o fôlego que havia perdido ao tentar fugir. Seu coração estava acelerado, batendo forte em seu peito, e ela percebeu que os braços dele a apertavam – quase como se ele pudesse ouvi-lo ou senti-lo.

— Por favor, acalme-se. — Sua voz era rouca e apertada, como se ele estivesse lutando contra si mesmo. — Nós chegamos até aqui. Eu consegui trazê-la aqui com segurança. Que isso não seja o fim.

— E-eu posso me lavar, — ela disse a ele, quase implorando.

Seus olhos caíram sobre todos os cristais e plantas, entendendo que ele tentou tornar este quarto relaxante porque ele o estaria desestabilizando.

— Tenho certeza que você pode. — Ele começou a afrouxar seu domínio sobre ela, retirando lentamente os braços quando soube que ela não se moveria. — No entanto, para que o sabão esconda o humano em seu cheiro, tenho que administrá-lo com minhas próprias mãos para permitir que a magia funcione nele.

Seus olhos se curvaram em compreensão, embora isso pouco ajudasse a aliviá-la. *A Sacerdotisa teve que me lavar à mão também.* Ela disse a mesma coisa sobre o sabonete com que a lavou antes de vesti-la com um vestido de noiva. Fora para esconder o cheiro do medo por trás de um perfume forte, assim ela estaria segura para viajar.

Ele colocou a mão na frente do rosto dela e a segurou lá para que ela pudesse ver.

— Usei minhas luvas para não tocar em você diretamente desde que aprendi que vocês, humanos, não gostam disso, mas é algo que devo fazer e deve ser feito todos os dias. — Ele abaixou a mão, inclinando-se para o lado para alcançar o que ela viu ser um pote de óleo que ele estava usando para cobri-la. — Caso contrário, os demônios descerão sobre minha casa e ficarão à espreita, fazendo tudo ao seu alcance para assustá-la. Se eles tiverem sucesso, você não estará a salvo deles... nem de mim.

Os demônios preferem que sua comida seja cheia de terror e medo. Ele seria o mesmo? Isso despertaria a fome em Orpheus como aconteceu com eles?

— O-ok, — ela concedeu, seus ombros caindo enquanto ela abaixou a cabeça.

Por que eu estou preocupada de qualquer maneira? Só porque ele era obviamente um homem, pelo menos ela acreditava que sim, considerando a profundidade de sua voz e a forma de seu corpo, ela duvidava que ele tivesse quaisquer impulsos primitivos como o desejo.

Ele mais uma vez começou a esfregar o sabonete de óleo na pele dela, começando pelo ombro e descendo pelo braço. Ele foi cuidadoso, seu toque leve, enquanto passava as pontas dos dedos

pelas aberturas dos dedos dela e até limpava as unhas.

— Vou ter que fazer isso de manhã e à noite, já que uso luvas. Elas impedem que a força da minha essência seja absorvida pela sua pele. Então, no futuro, quando você estiver mais confortável, seria melhor se você me permitisse não usá-las.

Reia engoliu o nó na garganta e acenou que entendia. Ele limpou seu pescoço, sua mandíbula, rosto, até mesmo as dobras em suas orelhas, antes de começar a trabalhar o outro braço. Ele até lavou o cabelo dela.

Suas mãos se apertaram quando ela levou os lábios à boca para mordê-los para evitar qualquer ruído de estresse, tentando ao máximo ficar rígida como uma tábua quando ele começou a lavar seu peito com as duas mãos. Seu rosto esquentou, até mesmo suas orelhas ficaram quentes, quando ela sentiu seus mamilos brotando apesar de seu nervosismo.

Está bem. Ele não está fazendo isso para ser pervertido. Ela cantou para si mesma, ignorando a estranha pontada de prazer que a atingiu quando as luvas dele passaram por cima delas. *Duvido que ele tenha um pau... Ou tem?* O rosto dela ficou ainda mais quente com esse pensamento, especialmente quando as mãos dele começaram a descer.

A aspereza delas fez com que seu corpo se contorcesse quando ele os mergulhou entre os lábios de suas dobras. Mesmo que seu toque fosse superficial e desapaixonado, seu corpo ainda reagia à carícia estrangeira. Os músculos de suas pernas se apertaram em tensão e o ápice de seu clitóris emitiu um pulsar quando sua mão se moveu através da fenda de seu corpo para limpar até mesmo entre a fenda de suas nádegas.

Para afastar a reação traiçoeira de seu corpo ao ser tocada tão intimamente, ela disse: — Você nunca me disse por que você pode usar magia.

— Como eu disse, nenhum humano foi consolado pela resposta.

Reia bufou de aborrecimento antes de tirar uma gota de água do rosto.

— Olha, você pode ficar na defensiva com essa coisa de comer

gente, mas é meio óbvio pra caralho. — Seus olhos brilharam vermelhos quando sua cabeça virou para ela. Ela ergueu o queixo para ele desafiadoramente. Ele não parecia gostar de seu tom de raiva ou palavrões. — E eu ainda estou sentada aqui como uma boa menina deixando você me lavar. Eu também concordei com sua barganha e cumpri minha parte.

Ele respirou fundo, expandindo o peito, antes de soltar um suspiro. Seus orbes voltaram ao azul mais uma vez.

— Eu não comecei com habilidade, — ele disse enquanto começava a limpar suas costas. — Eu me deparei com um grupo de, o que você chamaria de Sacerdotes e Sacerdotisas uma vez em minhas viagens. Eu já estava caçando um animal para comer. Eles estavam no lugar errado na hora errada e acabei devorando-os. — Sua mandíbula abriu e fechou ligeiramente enquanto sua língua estalava dentro de sua boca. — A magia deles tinha um gosto ruim de consumir. No entanto, elas me concederam o uso dela, e desde então estou agradecido. Isso me permitiu proteger melhor minhas oferendas.

Desceu pela lateral da banheira para lavar as pernas dela, começando pelas coxas.

De alguma forma, suas palavras verdadeiras não enviaram medo ou pavor através dela. Ela tinha a sensação de que já estava se acostumando com a ideia da violência em seu passado.

Ele ainda não quero ser o destinatário disso, no entanto.

Reia se contorceu um pouco quando uma risada pequena e tensa saiu dela quando as mãos dele fizeram cócegas em seus pés enquanto ele os limpava. Ele até foi entre os dedos dos pés dela.

— Ah, sim, — ele disse quando passou a ponta de sua garra debaixo de seu pé. — A maioria de vocês humanos sente cócegas aqui.

Reia soltou um grito e chutou a perna em reação.

Orpheus *riu*, antes de soltar o pé para limpar o outro.

Deitada de lado, já que seu corpo tentou rolar para fugir dele fazendo cócegas propositalmente, ela olhou para a parede da banheira com os olhos arregalados e cheios.

Ele... ele acabou de rir? Seu olhar caiu para ele ao lado da banheira em estado de choque. Ela não sabia que ele tinha a

capacidade de rir, e tinha sido delicioso e encantador com a profundidade de sua voz rica.

Uma vez que ele terminou de lavar o pé dela, ele curvou o dedo enquanto a segurava firme em torno de seu tornozelo, apresentando sua garra preta e afiada mais uma vez.

— Devo fazer de novo?

— N-não! — ela gritou, tentando desesperadamente arrancar o pé dele.

Ele o aproximou, quase a um centímetro de distância, e ela riu em pânico.

— Pfft, — ele bufou, outra risada caindo dele quando ele se afastou e a soltou. — Vocês humanos são tão peculiares. Parece que faz cócegas em você, mas você ri... mesmo quando eu ainda não tenha começado. Eu nunca entendi isso.

Ela não podia acreditar. Ele... ele estava brincando com ela!

Reia estava deitada nua em uma banheira depois que ele mesmo a lavou à mão, sentindo picos de prazer indesejados, e agora esse *monstro* a estava provocando.

Ela cobriu o rosto em chamas com as mãos. *Isso é tão estranho.* Isso não era o que ela esperava quando veio para cá.

Ele come as pessoas. E, no entanto, Reia podia sentir a agitação de humor em seu peito querendo compartilhar sua risada, porque até ela sabia como os humanos reagiam a cócegas era estranho. Era uma tortura, ela não conseguia pensar em nada pior – além da dor – mas isso a faria rir de qualquer maneira.

— Eu completei o feitiço. — Orpheus se levantou, elevando-se sobre ela antes de fazer seu caminho para a porta. — Tem um pano para você se secar. Assim que terminar, chame e eu lhe mostrarei seu quarto.

Quando ele se foi, Reia abaixou-se até que seus lábios estivessem sob a superfície da água e soltou bolhas de aborrecimento. Ela permitiu que o calor restante penetrasse em seus músculos cansados e deixou sua cabeça cair mole enquanto ela descansava.

Estou com fome e cansada. Por mais que ela quisesse ficar aqui, ela se preocupava em cair no sono na banheira neste ritmo.

Ela se sentou e cheirou os braços para não encontrar nenhum cheiro neles. Ela sabia que ele a havia ensaboado com alguma coisa, mas não conseguiu encontrar nenhum indício do que poderia ter sido.

Então ela saiu, enrolando-se em um lençol grande que ela imaginou serviria para uma toalha. Ela duvidava que ele tivesse a capacidade de fazer uma. Uma vez que ela escondeu sua nudez, não que importasse já que ele a tinha visto e tocado por inteiro, ela o chamou.

Ele a conduziu pelo corredor até o quarto ao lado do banheiro. O corredor não ficava no centro da casa. O banheiro e aquele que ela achava que seria dela compartilhavam o mesmo lado do corredor. Eles pareciam ser mais estreitos do que o outro lado, onde havia uma porta singular.

Deve ser onde ele dorme. Ele precisaria de muito mais espaço do que ela, considerando seu tamanho. *Eu me pergunto se ele dorme em um ninho.* Ela não estava interessada em descobrir.

Ele abriu a porta para ela e a conduziu para frente com a mão.

— Está com fome? Não sou bom em cozinhar comida humana, isso é algo que você terá que fazer sozinha, mas vou trazer algo para você comer agora.

Reia assentiu e ele a deixou sozinha mais uma vez.

Ela entrou no quarto enquanto fechava a porta atrás de si e olhou para dentro. Não havia muito. Era pequeno, mais comprido do que largo, e havia um lugar que ela pensou que deveria ter uma janela, mas agora estava fechada com tábuas. A única mobília era uma pequena cama de madeira que parecia velha e gasta, bem como uma mesa lateral e um armário.

Como não havia muito espaço, a cama ficava encostada na parede que dava para o corredor. Três velas já haviam sido acesas na mesinha lateral quadrada, e Reia foi até o armário para ver o que havia dentro.

Perturbadoramente, estava cheio de vestidos brancos semelhantes ao que ela usava aqui. Não havia outras cores, nem calças, camisas ou saias. Apenas vestidos de noiva.

Era desagradável passar por eles, desejando que houvesse algo

além de um vestido de noiva para vestir, mas ela preferia não estar nua. Ela escolheu um simples que era tão simples que não tinha nenhuma renda ou desenhos costurados e decidiu fazer um vestido de dormir para ela.

Parecia que outra pessoa já havia pensado nisso, pois havia sido cortado para ficar mais curto e confortável para não se enroscar nas pernas enquanto dormiam.

Quantas pessoas morreram vindo aqui?

Reia não podia se demorar nesse pensamento. Isso era passado, e eles não deveriam importar para ela. Elas já estavam mortas de qualquer maneira. Tudo o que importava era sua própria sobrevivência.

Ela o vestiu com tempo suficiente antes que ele abrisse a porta e colocasse uma tigela de madeira na ponta da cama. Estava cheia com um punhado de morangos, mirtilos, framboesas e avelãs.

— Fruta? — ela perguntou com uma pitada de curiosidade.

Ela pegou um dos morangos e deu uma mordida, surpresa ao descobrir que era deliciosamente doce.

— Tenho um jardim onde aprendi a cuidar de alimentos humanos fáceis de cultivar. Não é muito, mas entendo que vocês, humanos, devem comer regularmente. Eu o mantive ao longo das eras.

— Ele inclinou a cabeça quando ela franziu a testa para ele com os lábios pressionados. — Por que você parece confusa?

— Isso tudo é muito para absorver. Eu não esperava uma casa, nem comida fresca como esta. Quando você disse comida, eu esperava que você jogasse um pedaço de carne em mim ou algo assim. Eu só...

— Reia esfregou as bochechas, o cansaço deixando seus olhos pesados.

— Deixa para lá. Obrigada pela comida. Estou cansada. Eu gostaria de dormir.

Ele inclinou a cabeça para o outro lado, antes de assentir.

Reia não sabia que horas eram e, embora a roupa de cama cheirasse a almíscar e poeira, ela se arrastou para ela. Era firme, mas ainda mais macia do que sua própria cama feita de feno e palha, e seu cobertor era na verdade peles de animais costuradas juntas.

Seu coração estava pesado em seu peito quando ela se encolheu

em uma bola, cautelosa em fechar os olhos, mas permitindo que o sono a levasse de qualquer maneira.



Orpheus foi perturbado de seu sono com sua visão passando do preto para o azul brilhante em um instante antes de voltar ao seu brilho suave habitual. Ele acordou assustado com os passos mais minúsculos, o óbvio rastejar na ponta dos pés, movendo-se pelo chão em frente à porta de seu quarto de dormir.

Ela acordou. Sem mover a cabeça de sua posição deitada enquanto estava deitado de bruços, seu olhar se voltou para a janela.

Era o fim da manhã e ele ainda estava muito cansado, pois não dormira uma única vez durante a viagem. Embora ambos tivessem dormido pelo que deve ter sido extraordinariamente longo, ele mal se sentia descansado.

Depois de checá-la depois de um curto período de tempo para descobrir que ela estava realmente dormindo, Orpheus se sentiu confortável o suficiente para buscar seu próprio sono e recuperação. Mesmo sendo noturno, como os demônios, ele agora começaria a se forçar a dormir até tarde da noite, enquanto no futuro tentaria forçar sua humana, Reia, a fazer o mesmo. Esperançosamente, seus padrões de sono poderiam se alinhar, ambos comprometidos até que dormissem durante o amanhecer e a maior parte da manhã.

Ele suspirou quando continuou a ouvir o arrastar lento de apenas as pontas dos pés de um humano tocando o chão. Ela estava se esgueirando pela casa dele. *O que ela está fazendo?*

Forçando-se a ficar de joelhos, Orpheus se levantou, coçando as costas e o peito, coçando devido ao sono apertado em suas roupas. Ele não se importava muito com as calças, mas sempre achava desconfortável dormir com sua camisa de botão.

Ele teria que aguentar já que não podia mostrar seu corpo a

Reia. Ela provavelmente entraria em pânico, como muitos outros. Ele aprendeu há muito tempo que sua carne afligia os humanos.

Silenciosamente, ele calçou as botas e saiu do quarto, sem se preocupar em pegar o casaco, para ir até a sala de estar.

A mulher estava na porta, tentando ao máximo ficar em silêncio enquanto puxava a maçaneta apenas para descobrir que estava trancada. Claro, ele trancou. Ele não podia permitir que ela saísse sozinha.

Chegando atrás dela, ele colocou a mão no canto da porta para mantê-la no lugar e impedi-la de chocalhar com suas tentativas de abri-la.

— Você deseja morrer? — Ele quase suspirou com irritação.

Às vezes ele se perguntava se os humanos eram estúpidos. Eles sempre faziam isso, sempre tentavam ir embora enquanto achavam que ele não desconfiava. *Eles são todos iguais.*

Ela se encolheu antes de se virar rapidamente para encará-lo com as costas pressionadas contra a porta e os braços atrás dela.

— Não, — ela guinchou quando seus olhos caíram para o lado, evitando seu olhar enquanto ele se elevava sobre ela e olhava para baixo. — Eu só queria espiar lá fora.

Ele se perguntou se isso era uma mentira.

— Se você quisesse ver como era lá fora, poderia ter olhado pelas janelas.

Ele gesticulou para a sala para apontar para a área da cozinha, depois para a próxima à lareira.

Quando ela virou a cabeça para ele, ele sabia pelo profundo estreitamento de seus olhos que ela estava olhando para ele. *Bonita*, ele pensou. Ele achou a personalidade impetuosa dessa pequena mulher adorável.

Ele ouviu algo duro raspando contra a porta de madeira e sabia que ela devia ter algo na mão. Ele enviou sua visão para a mesa para descobrir que uma das três adagas estava faltando, especificamente, aquela em particular que ela estava inspecionando no dia anterior.

— E onde você estava planejando ir com isso? — Sua voz estava misturada com raiva e curiosidade.

Ela foi sábia o suficiente para pegar uma arma para se proteger, embora teria feito muito pouco contra um Demônio.

— Eu só queria dar uma olhada lá fora, ok? — ela gritou para ele, recusando-se a trazer as mãos para frente. — Eu não estava planejando fugir nem nada. — Mais uma vez, ele não tinha certeza se aquilo era mentira ou não, porém *quase* parecia sincero. — E-eu pensei que podia ver o sol através das janelas.

Agora *isso* soava como a verdade.

Ele se afastou dela para lhe dar espaço antes de recuar.

— Eu tenho algo para você. — Ele se afastou para ir para seu quarto para recuperar algo precioso para ele.

Ao sair, ouviu passos antes do som abafado da adaga sendo colocada sobre a mesa.

Quando voltou, estava com o casaco para esconder melhor o corpo e trazia na mão uma joia especial. Conduziu Reia a uma das cadeiras da sala de estar coberta de peles de pelo e fê-la sentar-se na mais pequena, embora ainda fosse grande em comparação com ela, antes de se ajoelhar sobre um joelho com o outro pé apoiado no chão.

Ela estava obedecendo, por qualquer motivo, aos desejos dele.

— Este é um amuleto de proteção, — ele explicou enquanto começava a deslizar uma tiara de diadema sobre a testa dela. — Isso ajudará a mantê-la segura.

O metal era prateado, mas era unido na frente por elos em espiral e parecia delicado, como se fosse fácil desvincular e destruir. Orpheus sabia por experiência que era muito resistente. Diamantes pequenos, claros e brilhantes foram enfiados nos elos em espiral com fio de metal e adesivo.

Os braços circulares estavam retos quando ele os empurrou para baixo do cabelo dela, então ele foi enterrado dentro dele, antes de prender a corrente fina na parte de trás da cabeça dela para mantê-la no lugar. Uma gema de safira azul na forma de uma lágrima pendia da ponta em forma de V da tiara diadema. Ele bateu contra sua testa logo acima do centro de suas sobrancelhas franzidas quando ela franziu a testa depois que ele colocou sobre ela.

Havia dois alfinetes exatamente onde os braços retos circulares

e os elos soltos ornamentais se encaixavam em ambos os lados, e ele fez o possível com seus dedos grandes para não machucá-la enquanto os empurrava por seu cabelo para prendê-lo no lugar.

— Você está me dando uma coroa? — Sua voz estava misturada com confusão quando ela estendeu a mão para tocá-lo quando ele terminou.

Ele não se levantou, optando por ficar ajoelhado na frente dela, já que ela não parecia aflita por ele prendê-la na cadeira.

Seu medo está diminuindo. A cada dia, a cada minuto, até mesmo a cada segundo, ele já podia sentir o cheiro dela diminuindo. Mesmo agora era muito menos aparente do que antes, ele colocou o diadema sobre sua testa.

Era tão pouco presente que ele realmente teve que se inclinar para mais perto para sentir o cheiro. E ele o fez, não apenas para tentar detectá-lo, mas também para absorver avidamente seu perfume de sabugueiro e rosa.

A mistura que ele havia colocado sobre ela na noite anterior já era opaca e minguante, mas nunca o impediu de cheirá-la. Como ele era o portador da magia, isso não o afetava, apenas os outros.

Eu gosto do cheiro dela. Se ela não fosse tão cautelosa com ele, o que ele ainda podia ver, ele teria se inclinado para frente e a lambido para que pudesse prová-lo.

Todos os humanos cheiravam diferente. Alguns cheiravam a plantas, outros a frutas, e havia alguns que cheiravam extremamente desagradáveis. *O dela é um dos meus favoritos até agora.*

Os significados por trás de seu cheiro de amoras e flores eram simbólicos para alguém que trabalhava com seus significados. Ele usou bagas de sabugueiro ocasionalmente para proteção no passado, mas nunca havia trabalhado com rosas antes.

Ele bufou de alegria, o que ela deve ter interpretado como se ele dissesse sim, porque ela perguntou: — Como você consegue isso? E por que uma coroa? Um colar não teria sido mais fácil?

— Não sei. Eu não consegui, — ele respondeu com sinceridade. Orpheus não sabia como criar algo assim, algo tão delicado, bonito e cheio desse tipo de magia estranha, mas forte. — Foi dado a mim.

Ela tocou a safira em forma de lágrima, sacudindo-a para fazê-la balançar contra sua testa.

— Por quem?

— Eu também não sei. Encontrei-o na mesa da minha cozinha atrás com um bilhete que me instruía a entregá-lo aos meus humanos para proteção.

Ele ficou com raiva no momento em que alguém conseguiu entrar furtivamente em sua casa sem ser detectado e não deixou um único rastro para ele perseguir em vingança. No entanto, ele fez como instruído com a próxima oferenda que trouxe aqui, e ela sobreviveu um pouco mais do que as outras antes dela.

Ele levantou uma garra e bateu na ponta em forma de V do diadema de metal.

— Eu descobri que os Demônios se recusam a tocá-lo, e qualquer um que tenha sido queimado por ele como se tivesse pisado na luz do sol. Demônios fortes que são capazes de resistir ao sol por um curto período de tempo ainda podem tocá-lo, mas os fracos não podem.

Não era perfeito, mas ele duvidava que qualquer coisa fosse. Quanto mais forte o Demônio, mais difícil era matar. Eles ainda não conseguiam segurar o amuleto, mas Reia seria um jogo justo, e eles comeriam tudo menos a cabeça dela para apaziguar a fome.

Os mais fracos gritariam em agonia se tentassem tocá-la.

Isso foi o suficiente para lhe trazer conforto, pois geralmente eram os fracos que perambulavam nesta parte do Véu, além dos poucos. Eles foram inteligentes o suficiente para ficar fora de seu território, e ele ficou fora do deles, uma espécie de trégua tácita entre eles.

— Por que você está me dando isso? Sua casa não é proteção suficiente?

— É para que você possa sair, com minha supervisão, claro.

— Espere — ela engasgou enquanto abaixava as mãos, inclinando a cabeça para ele, o que fez a lágrima balançar e cair para o lado. — Você não vai realmente me prender aqui dentro?

— Embora isso seja o melhor — disse ele, inclinando-se para

trás para poder rolar e ficar de pé. — Aprendi que vocês, humanos, ficam parcialmente insanos se ficarem trancados dentro de casa.

Ele estendeu a mão para a frente, esperando que ela pudesse pegá-la como antes.

— Meu Deus. — A voz dela era aguda, mas ele sentiu uma centelha de prazer quando ela estendeu a mão e a colocou na sua para que ele pudesse ajudá-la a se levantar. — Quantos você trouxe aqui para saber tanto sobre nós?

— Eu tenho uma espada em meu quarto, se você quiser levá-la para fora para se sentir melhor, — ele disse, em vez de responder a sua pergunta.

Ele sabia a quantia, mas eram muitos. Ele vinha recebendo uma oferta a cada década por mais de cento e oitenta anos. Reia tinha sido a 19ª e ele estava começando a se perguntar se talvez ela pudesse ser a última.

Ela não tem mais medo de mim. Mas ele não sabia como convencê-la a ficar. Ele podia sentir isso, sabia por suas ações e palavras passadas, que ela estava tentando descobrir uma maneira de fugir - assim como os outros que eram semelhantes a ela.

Quando ela estava firme em seus pés, ela rapidamente retirou a mão, mas independente disso, ela a segurou para começar.

Ele ainda se recusava a permitir esperança.

— Não sei manejar uma espada.

— Há algo que devo fazer lá fora e vou levar algum tempo para fazê-lo. Você é bem-vinda para me ver concluir esta tarefa e explorar uma vez concluída, ou posso fazer um chá para você e você pode se sentar sozinha.

Seus lindos olhos verdes caíram para a janela mais próxima a eles ao lado da lareira enquanto ela começava a morder o interior de seu lábio inferior. Ele notou que ela fazia muito isso, e estava ficando cada vez mais fascinado pela maciez e carnuda de seus lábios que a ação permitia que ele visse.

Orpheus não queria se apegar a ela, não queria receber a dor adicional que a perda de um humano causava a ele, mas era difícil não se perder em sua beleza.

Seu cabelo loiro era liso e descia até a cintura, mas parecia puros raios de sol. Ele se perguntou se eles seriam tão quentes quanto pareciam, ou brilhantes contra a ponta dos dedos sem as luvas. Sua pele era pálida, mas ele sabia que seria notavelmente macia, e se perguntou o quanto cederia sob suas palmas antes que doesse nela.

O vestido que ela usava não era o que ela tinha escolhido para dormir, mas era branco e abraçava suas curvas. Ele descobriu que todos os humanos eram moles, mas ela parecia mais macia, como se ele pudesse apertar por muito mais tempo antes de esmagá-la.

Ela não era magra, não era grossa, mas estava em algum lugar no meio. Tornou as curvas femininas que todas as mulheres pareciam ter mais arredondadas. Seus quadris pressionando contra a saia de seu vestido mostraram sua largura, e seus seios estavam tensos contra o material como se fosse muito apertado para seu tamanho maior.

— Eu *realmente* gostaria de ver lá fora, — ela finalmente resmungou, chamando sua atenção quando ele percebeu que estava engolindo seu corpo inteiro com seu olhar — não que ela soubesse, já que seus orbes não mostravam isso.

— Está decidido, então. Primeiro, você deve tomar banho para esconder seu cheiro humano.

O rosto dela empalideceu e Orpheus sentiu vontade de rir no peito.

NOVE

Depois de, mais uma vez, tentar ao máximo não se mover enquanto ele a lavava com as luvas, Reia vestiu o vestido que vestira ao sair da cama.

Parte do motivo pelo qual ela quis sair mais cedo foi porque realmente pensou ter visto a luz do sol e queria saber se seus olhos estavam lançando ilusões. A outra razão era porque ela estava aconchegada em seu travesseiro quando acordou e percebeu, porque ela o moveu pressionando contra a parede, ela viu marcas.

Ao inspecioná-las usando o polegar para passar sobre as linhas retas esculpidas, ela imediatamente soube o que eram.

Dias. Eram as marcações esculpidas para mostrar quantos dias alguém esteve lá. Isso já era sinistro, especialmente porque apenas oito dias haviam sido marcados, mas parecia que outras pessoas haviam marcado nas mesmas gravuras para contar seus dias também.

Não apenas um, mas alguns. Os sulcos profundos dos primeiros três dias marcaram que muitos não sobreviveram tanto tempo. O cinco era o próximo, e parecia que apenas um havia chegado ao oito.

Era assustador, e ela sentiu vontade de fugir.

Ela não chegou tão longe, e ela não achava que realmente teria uma vez que ela saísse e visse a floresta, mas ela queria saber, precisava ver completamente as árvores pressionando-a como barras de uma gaiola. Ela precisava se lembrar de que estava em um pesadelo e que esta linda cabana não passava de decepção e mentiras.

Ele perguntou se ela queria morrer e, a princípio, ela pensou que fosse uma ameaça. Então, ele deu a ela a tiara de amuleto.

Uma vez que ele explicou o que fazia, uma enorme quantidade de alívio tomou conta dela. Suas palavras tinham sido como um cobertor de segurança e facilidade, e foi então que ela soube que ele quis dizer se ela queria morrer nas mãos dos demônios.

Muitos fugiram e morreram. Muitos foram levados. Ela se lembrou que ele disse essas palavras para ela enquanto estava ajoelhado na frente dela enquanto a fixava em sua cabeça. Finalmente registrou que

algumas daquelas marcas nas paredes pertenciam àqueles que não haviam sido mortos por ele.

Sua vida é preciosa. Vou tentar garantir que não acabe, se puder. Ele não pretendia machucá-la, e o amuleto era apenas mais uma prova disso.

Pela primeira vez, ela realmente se sentiu segura em sua presença. Não apenas do mundo lá fora, mas dele também. Talvez não seja realmente confortável, mas ainda assim seguro.

— Eu me sinto ridícula usando um vestido de noiva. — Ela suspirou enquanto caminhava pelo corredor e o cumprimentou onde ele estava esperando por ela na sala de estar. Ele estava parado ali, ocioso, com os braços frouxos ao lado do corpo. — Eu gostaria que você tivesse algo diferente para eu vestir.

Ele inclinou a cabeça para ela, o que ela estava começando a entender que transmitia curiosidade ou pensamento.

— Se você não gosta de alguma roupa, pode trocá-la.

Ela puxou a saia do vestido longo e olhou para baixo. Ela ficou surpresa por ele não se importar, mas sabia que não importaria.

— Eles ainda seriam brancos, no entanto.

— Tenho plantas que podem ser usadas como corantes. Eles não serão fortes, nem tenho muitas cores, mas tenho certeza de que podemos encontrar algo que os manche o suficiente para o seu gosto.

— Ele levantou a mão e cobriu o focinho enquanto batia nele com o dedo indicador. — Ninguém mais pediu para mudar a cor, mas acho que apreciaria a diferença.

— Sim, por favor! — ela quase gritou, saltando no local enquanto um sorriso brilhante se espalhava em seus lábios.

Quero usar qualquer coisa menos a cor branca! Para não mais se sentir como uma donzela virgem sacrificial.

Seus orbes brilhantes rapidamente mudaram para roxo com o sorriso dela, e um pequeno estremecimento contraiu suas feições. Era a segunda vez que os via adquirir aquela cor, mas não sabia o que significava.

Quando a alegria dela desapareceu, os olhos dele voltaram ao azul e ele fez um som como se estivesse limpando a garganta. Ele se

afastou dela para ir para a cozinha, estendendo a mão para abrir um dos armários que ela não teria esperança no mundo de alcançar, a menos que subisse no balcão.

Depois de pegar um grande pote de cerâmica e uma haste de metal grosseiramente feita, ele tirou uma chave do bolso do casaco e destrancou a porta da frente. Reia estava apreensiva e tonta por seguir.

O interior desta cabana de toras era estranhamente bonito, pois continha natureza e bugigangas. Ela estava curiosa para saber como era por fora, bem como para ver esse jardim que ele aparentemente tinha.

— Você deve permanecer perto de mim até que eu termine o círculo, mas assim que terminar, você pode se aventurar dentro dele.

Seus pés encontraram uma varanda de madeira desgastada e ela enfiou a cabeça para fora da porta hesitantemente.

Feito de madeira, tinha uma grade onde os cantos tinham vigas que sustentavam um telhado. Os ornamentos embrulhados em endro com corda, bagas, osso e sinos pendurados em ambos os cantos.

— O que são aqueles? — ela perguntou enquanto apontava para eles.

— Proteções menores que protegem os Demônios de entrar na casa. Eles são fracos, pois podem quebrar com o vento e, uma vez que seus aspectos vivos começam a murchar, a proteção decai.

Ela acenou com a cabeça em compreensão antes de seus olhos varrerem a floresta enquanto o seguia quando ele começou a descer os três degraus da varanda que ela subiu cegamente no dia anterior.

Sim. É tão sombrio quanto eu pensei que seria. Havia uma névoa cinza fumegando entre todas as árvores, fazendo a área parecer fantasmagórica e surreal. Quanto mais longe ela podia ver, mais azul e preto parecia dentro das sombras.

Ela estava grata por ser uma distância razoável, pois a cabana estava no meio de uma grande clareira de grama curta com trechos de terra.

— Se quiser, você pode me ajudar no futuro a fazê-los, pois eles não requerem magia. Eles mesmos criam um vínculo com o mundo uma vez amarrado. Até os humanos podem usá-los para proteção.

— Eu não sabia que podíamos fazer itens assim.

Ele encolheu os ombros enquanto a levava cada vez mais perto da borda da floresta. Uma profunda emoção atravessou seu peito.

— Controle seu medo, — ele disse severamente, virando a cabeça para que ele pudesse olhar para ela por cima do ombro. — Eu não teria permitido que você saísse aqui comigo se não pudesse protegê-la.

Ela acreditou nele e sentiu aquele pico de ansiedade diminuindo.

— No entanto, fique atrás de mim.

Então ele se ajoelhou no chão e enfiou a ponta de metal em uma ranhura já existente. Ele o cortou de lado, seguindo-o enquanto o esculpia mais profundamente. Depois de percorrer cerca de um metro, ele colocou o pote de cerâmica no chão, puxou a tampa e começou a borrifar uma substância branca em pó no sulco.

— O que é isso? — ela perguntou enquanto o observava com interesse.

— Sal. Funciona como uma barreira. — Ele apontou para a linha de entalhe que ainda tinha que cavar. — Só faço isso quando tenho um de vocês, humanos, aqui. Isso ajuda a manter os Demônios afastados. No entanto, não é preciso fazer muito para apagá-lo. Basta jogar terra sobre ele e essa seção pode ser percorrida. — Ele se levantou, caminhou até onde havia apontado e começou a esculpir antes de espalhar mais sal. — Os fracos são estúpidos e nunca descobriram isso.

— Eu não entendo, no entanto. — Ela franziu a testa enquanto juntava as mãos atrás das costas e se inclinava para frente para observá-lo melhor. — Por que você simplesmente não usa a mesma barreira de proteção que usou na aldeia quando me levou?

— Eu só posso ter uma dessas lançadas de cada vez, e requer o sangue de um humano para fazer isso.

Um sorriso malicioso pressionou cruelmente em seus lábios enquanto os curvava.

— Eu lhe dou minha permissão para pegar meu sangue e jogá-lo aqui agora.

Você me forçou a vir aqui, e terei prazer em tirar sua proteção. As pessoas da aldeia poderiam morrer por tudo que ela se importava com a forma como a trataram ao longo dos anos.

A cabeça dele a espiou por cima do ombro, inclinando-a como se achasse o que ela disse estranho, antes de sacudi-la. Fazia aquele som sutil de chocalho que antes a assustava porque a lembrava do barulho que os demônios faziam, mas ela estava começando a se acostumar com isso vindo dele.

— O acordo foi feito. Só posso lançá-lo uma vez a cada década, e é por isso que só vou para uma oferenda. Não posso fazer isso de novo até que o tempo alocado termine.

Reia franziu os lábios. *Bem, isso é uma pena.*

Ele levou quase uma hora para dar a volta na casa de joelhos enquanto ela ficava atrás dele para assistir, mas ela perdeu o interesse quando outra coisa roubou sua atenção.

Eles finalmente chegaram perto do jardim de que ele estava falando.

Uau! Cercado por uma pequena cerca de estacas de madeira e encaixado em troncos horizontais, havia um longo e amplo jardim com plantas variadas.

Ela não sabia como cultivar, já que a aldeia nunca permitia que ela andasse perto de sua comida como se ela tivesse lançado uma doença sobre ela, mas ela pensou que poderia saber o que era um punhado de plantas.

Couves, alfaces, tomates e abóboras eram fáceis de identificar, pois cresciam acima do solo. Ela pensou ter visto os talos familiares de rabanetes, cebolas e cenouras. Os mirtilos, framboesas e morangos eram fáceis de escolher por causa de suas cores dentro dos arbustos.

Não havia plantas arbóreas como maçãs ou laranjas, exceto a avelaira – que era relativamente pequena.

Havia também muitas outras ervas que ela não conseguia identificar além do endro e da hortelã, e um punhado de arbustos de flores que não estavam brotando porque ainda estava muito perto do inverno, embora parecesse que eles estavam tentando.

Ele disse que a temperatura no Véu é bem controlada. Invernos mais

quentes, verões mais frios, que pareciam o ambiente perfeito para cultivar plantas. Especialmente porque o sol estava se pondo na tarde, mas ela ainda podia ver uma lasca de sua luz formando um último arbusto sobre as copas das árvores da floresta.

Eu tinha razão. Eu vi a luz do sol no quintal. Ela caminhou até ele para poder cumprimentá-lo, estendendo as mãos e mexendo os dedos como se fosse tangível e ela pudesse tocá-lo. Ela sentiu o calor que caiu em cascata sobre suas mãos antes de virar o rosto para ele. *Aposto que rega este jardim completamente.*

Que bonito. Havia um lugar de luz no Veu.

Ela podia ver que a clareira havia sido criada por alguém arrancando árvores para torná-la maior e aquela lacuna permitia que a luz do sol atravessasse a floresta e a névoa cinzenta.

Ela sorriu para as mãos enquanto a observava brilhar antes que a última centelha desaparecesse quando o sol caísse sobre as árvores. Ainda era início da tarde, então ela imaginou que só conseguiria chegar aqui por algumas horas.

Ainda assim, era uma esperança de que sua casa não fosse tão triste quanto ela pensava que seria.

Bufando rápido e bufando chamaram sua atenção quando algo bateu rapidamente no chão. Seu rosto disparou para o lado enquanto ela estava no meio do jardim assim que ela viu um Demônio correndo direto para ela de quatro.

Ah merda! Reia afastou-se rapidamente e tropeçou numa planta do jardim, caindo de bunda no chão com um puxão.

Ele envolveu sua mão negra com ponta de garra em torno de seu tornozelo antes de gritar e soltá-la. Então, havia uma sombra negra correndo em sua linha de visão quando Orpheus a agarrou pela garganta logo após deixá-la ir com dor.

— Mavka! — gritou antes de dar um estrangulamento quando Orpheus deve ter apertado com mais força.

Seu rosnado foi profundo e bestial enquanto ela o observava abrindo caminho através de seu ombro com a outra mão.

— Não toque! — Ele rugiu.

Não que importasse quando ele arrancou a cabeça de seu corpo

um momento depois, como se estivesse simplesmente abrindo a rolha de uma garrafa.

Sangue roxo pegajoso espirrou de seu corpo sem cabeça antes que ele jogasse ambos para o lado, para fora do jardim e para a clareira ao lado dele.

Ele girou para ela, seus olhos eram de um vermelho vivo e brilhante com seus dedos curvados com tensão, suas garras afiadas pingando umidade.

— Eu disse para você ficar comigo!

Ele parecia assustadoramente gigante de pé sobre ela enquanto ela estava quase deitada na terra. Ela teve que esticar o pescoço para trás para olhar para o rosto dele.

E, no entanto, Reia não tinha medo dele. Claro, ela estava definitivamente preocupada, e mesmo que o vermelho em seus orbes brilhantes obviamente simbolizasse algo terrível, ela sabia que ele não *queria* machucá-la.

— Desculpe! Eu vi o jardim e esqueci! — ela gritou para ele, mas sua voz não continha nenhuma raiva. Foi tenso, mais como se ela estivesse defendendo seu caso para acalmá-lo. — E você disse que eu ficaria bem com o amuleto.

Ele se abaixou até ficar sobre ela de quatro, suas garras cravando na terra para criar um som de trituração próximo aos ombros dela.

— Da possível morte! Isso não significa que você ainda não pode se machucar! Um demônio fraco pode não ser capaz de segurá-la, mas ainda pode atingi-la com suas garras. — Ele chegou ainda mais perto, um rosnado presente quando retumbou do fundo de seu peito. — E mulher, se você estiver sangrando profusamente, os Demônios virão aqui para descobrir que eu já comi você! Há um limite para o que posso aguentar antes de me perder em meus próprios impulsos de fome. — Ele tirou uma mão do chão para colocá-la atrás de sua cabeça para embalá-la em sua grande palma enquanto a levantava para mais perto. — E eu não *quero* isso.

Ela podia ouvir a sinceridade em sua voz, como se ele quisesse sua segurança mais do que qualquer coisa. Isso fez com que seu

estômago se apertasse em resposta.

— Por que todos vocês, humanos, são tão tolos perto de mim? É como se todos vocês quisessem encontrar suas mortes enquanto eu estou tentando o meu melhor para evitá-las. Eu disse que você poderia se aventurar pela minha casa quando eu terminasse.

Reia desviou o olhar, sabendo que ele estava certo, e foi ela quem cometeu o erro.

— Como eu disse, sinto muito. É que eu vi o jardim e havia luz do sol e achei bonito.

— Bonito? — ele perguntou, seu tom um pouco mais leve de raiva. O rosnado parou quando ele olhou ao redor. — Você... gosta de algo sobre a minha casa?

— Quem não gostaria deste jardim? — Ela gesticulou para ele, permitindo que ele embalasse sua cabeça para não perturbá-lo ainda mais. Ela também não achou particularmente... desagradável. Então ela resmungou baixinho: — O interior também não é tão ruim.

— Você gosta da minha casa? — Seus olhos mudaram de vermelho para amarelo quando ele inclinou a cabeça e começou a deitá-la suavemente no chão.

— Sim, — ela respondeu. Tinha suas qualidades maravilhosas e aconchegantes com suas bugigangas e confortos amadeirados. — Mas ainda é uma jaula.

Ela não permitiria que ele esquecesse que ela não era verdadeiramente feliz aqui. Nenhum humano seria.

Com suas palavras, seus olhos desbotaram para um azul profundo, mais escuro que o normal. Ele se afastou dela para se levantar lentamente. Ela se levantou sozinha, apenas percebendo que ele havia oferecido a mão para ajudá-la quando ela terminou.

Ele cerrou o punho antes de trazê-lo para o lado.

Ele olhou ao redor deles mais uma vez.

— Se você gosta do jardim, posso ensiná-la a cuidar dele como me ensinaram.

— Alguém te mostrou como? Um humano?

O Caminhante do Crepúsculo se afastou dela para voltar ao anel de sal que estava esculpindo. Ele ainda estava bufando de raiva.

— Sim. Alguém de muito tempo atrás.

Ela se perguntou se ele se virou para evitar seu olhar. Ela o seguiu para ficar perto como deveria.

— Foi essa pessoa também quem te mostrou esta casa?

Ela se perguntou se os humanos viveram no Véu antes dos Demônios chegarem. Eles nem sempre estiveram na Terra.

Ele se ajoelhou e começou a enfiar a estaca de metal no chão para cavar.

— Não. Ela me pediu para construí-lo para ela, e eu fiz.

— E quanto a todos os móveis? — Sua voz estava iluminada com entusiasmo e curiosidade. — Fiquei surpresa ao encontrar itens humanos como uma cama, cadeiras e até uma lareira.

— Ela me disse o que queria e eu construí ou consegui.

— Quem é ela? Há quanto tempo isso aconteceu? — Reia tinha tantas perguntas sobre isso que elas ameaçavam sair dela de uma só vez.

— Éons atrás.

Seguiu-se o silêncio.

— Você não me disse quem ela era.

E quando ele não respondeu, passando para outra seção, ela percebeu que ele não pretendia. Ela estufou as bochechas em irritação.

— Certo. O que aconteceu com ela?

Sua resposta foi curta e afiada quando ele disse: — Eu não a comi, se é isso que você está perguntando.

Ela engoliu em seco. *Ok, obviamente um tema delicado. Isso significa que era alguém com quem ele se importava?* A ideia de que ele se importava com alguém não parecia totalmente plausível para ela.

Ela parou de perguntar sobre a mulher misteriosa e o observou trabalhar em silêncio, ficando apenas alguns passos atrás dele. Ele finalmente deu a volta até que se juntou onde ele começou.

Quando ele se levantou, mostrando a ela que havia terminado, ele encarou o céu.

— A noite está caindo e você deve permanecer dentro de casa quando estiver escuro. — Reia concordou totalmente com esse toque de recolher. — Gostaria de pegar um pouco de comida do jardim para

comer antes de entrarmos?



Orpheus observou com muito interesse a pequena humana que trouxera para sua casa enquanto ela começava a trabalhar na lareira. Parecia bastante semelhante à sua lareira, onde ele colocou pedra e rocha alta e larga em um recesso ao redor da madeira para protegê-la.

A lareira era pequena para que as chamas nunca alcançassem a madeira, e ficava em uma pequena bacia semelhante a uma rocha onde ele já havia colocado madeira boa para queimar. Um pequeno buraco funcionava como uma chaminé para ele, mas ele se certificou de que não fosse largo o suficiente para um Demônio rastejar por ele.

A lareira que ele fez tinha várias aberturas com pequenas chaminés por esse motivo.

Ele estava sentado à mesa, trabalhando com endro fresco e frutas vermelhas de natal, enquanto ela colocava uma panela de água sobre o fogo.

Enquanto fervia, ela foi até o balcão da cozinha e começou a descascar e cortar as batatas, cenouras e outros vegetais diversos que conseguira para fazer uma espécie de sopa.

Ele sempre encontrou prazer em assistir os humanos que trouxe aqui cozinhar. Mesmo que eles fizessem refeições semelhantes, ele não achava que já sentiria o cheiro exatamente igual feito por dois deles. Ele queria ajudar, *aprender*, já que ele já sabia como fazer, mas havia esquecido ao longo das longas eras de estar sozinho.

Ele não tentou, pois sabia que eles não gostavam quando ele estava perto deles e espiando por cima de seus ombros para observar.

— Por que você está fazendo mais desses? — Reia perguntou enquanto cortava, espiando-o ocasionalmente como se quisesse saber onde ele sempre estava. — Você acabou de colocar os outros ontem, e eu pensei que você disse que eles duravam alguns dias.

Ele voltou sua atenção para as bugigangas de proteção que estava fazendo.

— Foram aqueles que preparei antes de partir para poder amarrá-los assim que chegássemos. — Ele amarrou o barbante ao redor do primeiro antes de colocar a mão em uma jarra de madeira que continha diferentes ossos de pequenos animais, como partes de pássaros e coelhos. — Eles já estão murchos e devo trocá-los antes que fiquem muito fracos e se desfaçam com o vento.

Quando ele estava trabalhando no terceiro, ele notou que ela estava olhando para o que ele estava fazendo com frequência. Ela finalmente parou ao lado da borda longa da mesa conectada à mais curta em que ele estava sentado.

Orpheus fez uma pausa quando ela agarrou uma das bugigangas pelo feixe de talos de endro e a inspecionou, fazendo os sinos tilintarem. Ela estendeu a mão ao lado da dele e estava parada a menos de trinta centímetros dele.

Ele não conseguia se lembrar se já teve um humano voluntariamente vindo perto dele por sua própria vontade antes, se não fosse por sua segurança.

Na verdade, a única razão pela qual ele permitiu que ela saísse com ele mais cedo, quando ele fez os outros ficarem dentro de casa até que ele terminasse de esculpir o círculo de sal, é porque ela não parecia muito incomodada em estar perto dele. E Orpheus sempre quis manter seus humanos próximos ou em sua presença.

— Você disse que iria me ensinar, — ela comentou enquanto girava a bugiganga para um lado e para o outro.

— Agora? — ele perguntou surpreso, uma tonalidade amarela preenchendo sua visão. — Mas você está cozinhando no momento.

Ela o colocou sobre a mesa e acenou com a mão para cima e para baixo com desdém.

— Os vegetais estão fervendo. Eles vão demorar um pouco antes de estarem prontos.

Ela quer aprender. O amarelo clareou em um tom mais brilhante, uma emoção agradável o preenchendo. Uma que ele pensou que poderia ser prazer ou felicidade.

Não querendo perder tempo caso ela mudasse de ideia, ele separou a bugiganga de proteção que estava fazendo para poder mostrar a ela desde o início.

Ela observou enquanto ele embrulhava o endro e o amarrava com um pedaço de fita branca. Uma emoção foi enviada por todo o seu ser, agitando as partes inumanas dele, quando ela agarrou seu próprio pacote para imitá-lo.

— Precisa ser mais apertado — ele disse a ela com uma pitada de incerteza em sua voz, sem saber se criticá-la a faria perder o entusiasmo com a tarefa.

Ela assentiu e apenas puxou a fita com mais força até que as hastes das folhas de endro se alargaram devido à pressão. Ele mostrou a ela para amarrar as frutas vermelhas de natal na fita antes de fazer um laço. Seu olhar era intenso enquanto ela o observava prender os sinos, agradecida por ela não ter percebido que eles vieram de outras oferendas, antes que ela mesma o fizesse.

Orpheus pensou que ela seria avessa à próxima parte quando ele começou a enrolar o barbante no centro do osso da perna de um pássaro para que pudesse balançar para baixo, mas ela não hesitou em enfiar a mão no pote e fazer o mesmo.

Ele ficou satisfeito por ela não vacilar quando ele estendeu a mão para pegá-lo, balançando a cabeça enquanto inspecionava seu trabalho.

— Perfeito, isso vai servir tão bem quanto o meu.

Os ângulos agudos de seus olhos suavizaram enquanto as bordas de seus lábios se curvaram um pouco.

— Bem, você é um bom professor, eu acho. — Ela limpou as mãos no vestido. — Você deve ter mostrado suas outras oferendas muitas vezes.

Ele torceu a cabeça.

— De jeito nenhum. Você é a primeira que quis aprender.

— O que realmente? — Seus olhos se arregalaram antes de descerem para o que ela havia feito. — Mas parecia tão fácil de fazer.

Orpheus recusou-se a responder.

Suas outras oferendas permaneceram no quarto que ele havia

mostrado a ela no dia anterior, geralmente se recusando a deixá-lo, a menos que fosse para tomar banho ou comer. Ele pensou que, se tivessem vivido o suficiente, poderiam ter se aventurado na casa ou no quintal ao redor, mas nunca houve tempo suficiente.

Por razões desconhecidas para ele, sempre que eles vinham para o Véu e viam sua casa, seu medo sempre crescia. Ou ele reagiria a isso, e eles nunca conseguiram entrar, ou eles o suprimiriam o suficiente e encontrariam uma maneira de escapar. Ele empurrou a janela do quarto dela apenas por esse motivo depois da segunda vez que uma delas escalou e fugiu.

Ele também não reagiu bem quando elas se recusaram a sair do quarto, ficando cada vez mais irritadas a cada dia. Ele as trouxe aqui para aliviar sua solidão, não aprofundá-la, e sempre criou uma dor nele ao saber que havia algo ali que obviamente o odiava.

Elas se ofereceram a ele, mas não devem ter entendido a realidade disso até que vieram para cá com ele.

Reia, no entanto, foi a primeira a ficar tão relaxada mesmo depois de alguns dias com ele. Foi a primeira que ele levou para fora enquanto esculpia seu círculo de sal, foi a primeira que permitiu que ele a carregasse aqui, foi a primeira a pedir para aprender a fazer as bugigangas de proteção.

Ela é a primeira a sorrir para mim.

Ela será diferente? Não muito deixou Orpheus com medo, mas ele temia se apegar a ela.

Ele estava cansado de se apegar a suas oferendas para que elas o deixassem de um jeito ou de outro.

Quando ele não respondeu, ela encolheu os ombros e foi até a lareira para enfiar uma faca nos legumes. Feliz com eles, ela tirou a panela do fogo e começou a fazer alguma coisa dentro dela, talvez esmagar alguns dos vegetais mais macios, mas ele não tinha certeza de sua colocação.

Orpheus agarrou a bugiganga que ela havia feito e olhou para ela com um redemoinho de emoção pesando em seu peito. Ele não queria usar. Ele queria mantê-lo como um símbolo dela.

Ela me fez algo.

Ele fechou a mão em volta dele antes de enfiá-lo gentilmente no bolso, planejando encontrar uma maneira de preservá-lo bem o suficiente para que não se deteriorasse completamente e pudesse pendurá-lo em seu quarto particular. Ele faria outro quando ela estivesse dormindo para substituí-lo.

Reia usou uma concha de madeira para colocar sua refeição líquida em uma tigela e depois a colocou sobre a mesa. Ela teve que subir na cadeira porque era alta o suficiente para alcançar a mesa, e ela teve que se ajoelhar para poder comer confortavelmente.

— Você vai comer aqui?

Ela fez uma pausa enquanto estava soprando o vapor de uma colher de comida enquanto uma carranca enrugava suas sobrancelhas.

— Onde mais eu comeria?

A cabeça dele se virou na direção do quarto de dormir dela, acostumado com a maioria das pessoas do passado levando sua comida para lá ao invés de sentar aqui com ele. Não todas, mas a maioria, e as que pareciam geralmente pareciam desconfortáveis, enquanto seus ombros não tinham nenhuma tensão.

— Você prefere que eu coma em outro lugar?

— Não. — Ele balançou a cabeça, quase estremecendo quando sacudiu, pois sabia que os humanos estavam desconfortáveis com o som. Ela não parecia se importar. — Você é bem-vinda para comer suas refeições onde quiser.

— Mesmo lá fora? — Sua voz ficou mais aguda, quase esperançosa.

— Por que você quer comer fora?

A floresta era sombria. Ele não entendia por que ela queria olhar para ela por um longo período de tempo.

— Achei que o sol nunca atingia o solo no Véu, mas vi que banharia o jardim ao longo do meio-dia.

— Você está certo.

— Bem, eu pensei que seria bom se eu pudesse sentar nele todos os dias. — Seus lábios ficaram carnudos quando ela resmungou:

— Mas vou sentir falta de comer ovos no café da manhã.

— Ovos, como de um pássaro?

Ele tentou pensar se os pássaros faziam seus ninhos no Vêu para ele obter alguns para ela, mas ele não pensava assim, considerando que os demônios os comeriam antes mesmo de terem tempo de fazê-los.

— Pff, não! — Então ela riu, seus olhos se enrugando de humor com o que ele disse quando não achou a pergunta nada engraçada. Sua visão escureceu quando ele se sentiu ridicularizado, mas ele sabia muito sobre os humanos. — Ovos de galinhas.

Eles comem apenas ovos de galinha?

Ele não entendeu a diferença.

— Não se preocupe com isso. — Ela balançou a cabeça antes de colocar a colher em sua refeição líquida, antes de acenar na direção das bugigangas. — Se os humanos podem fazer isso para proteger suas casas, como é que não sabemos sobre eles?

Ele olhou para eles.

— Os humanos tendem a não me fazer muitas perguntas. Eles têm muito medo de querer obter de mim conhecimento que possa beneficiá-los.

— Teria sido útil para minha família saber, — ela disse calmamente, sua colher caindo para descansar na tigela enquanto ela a segurava.

Ela olhou profundamente em sua comida.

— Você disse que não tinha ninguém de quem gostasse.

Suas costas endureceram antes de continuar comendo. — Eu não tenho.

— Mas você acabou de mencionar sua família. Aprendi que tais relacionamentos são importantes para sua espécie.

— Os meus estão todos mortos. — Seus olhos se estreitaram quando uma emoção sombria caiu sobre suas feições. Ele não tinha certeza se era tristeza ou raiva, ou talvez uma mistura dos dois.

Ele demorou muito para fazer a pergunta, com medo de perturbá-la.

— Os demônios os mataram?

Sua cabeça virou para o lado para desviar o olhar enquanto ela dizia: — Não quero mais falar sobre isso.

Ele não insistiu no assunto.

No terceiro dia de Reia morando na casa do Caminhante do Crepúsculo, ele a levou para fora para mostrar a ela algo que havia feito.

Ele mostrou a ela um toco de árvore que chegava à altura do joelho e a mesinha lateral da sala que havia sido colocada nos fundos da casa bem no meio do jardim.

— Você me fez um lugar para sentar? — ela perguntou, virando-se para ele com uma carranca.

— Você se sentou na terra ontem para tomar seu café da manhã. — Referia-se ao dia anterior em que Reia se sentara no chão no meio da horta e comera fruta, colhendo à vontade o que havia à disposição. Ele inclinou a cabeça, antes de se virar para olhar em volta para o jardim que estava cheio de sol quente. — Posso retirá-la, se é isso que você prefere.

Ela podia ver que ele já havia se adiantado e colocado uma tigela com uma colher de pau na mesa. Embora ele produzisse a água do banho dela usando um feitiço com seu sangue, ele na verdade saía por um curto período para obter água de um riacho fresco não muito longe para ela beber.

Ela imaginou que a água levaria muito tempo para carregar cargas para encher a banheira, e que ele teve problemas no passado com pessoas que não queriam beber a água criada a partir de seu sangue. Reia era uma pessoa curiosa e havia provado a água da banheira antes de começar a aplicar os óleos em sua pele todas as manhãs e noites, e descobriu que não era bom para consumo.

Embora não tivesse cheiro, havia um gosto grosseiro, metálico e sangrento.

Ela sabia que o copo de água que estava na mesa ao lado da tigela devia ser do balde de água que ele carregava do riacho.

— Não, eu gosto mais disso. — Ela se sentou no toco e deu a ele um sorriso forçado para mostrar que aceitava.

— Posso fazer uma cadeira adequada para você.

Reia sentiu algo puxar as cordas de seu coração.

— Você não tem que sair do seu caminho por mim.

Ela baixou o olhar para o colo enquanto passava os dedos sobre a superfície superior do toco para sentir sua aspereza. As raízes ainda estavam conectadas e pareciam ter sido arrancadas para criar uma base firme para que não caísse.

Isso é muito atencioso.

Ele estava sendo muito atencioso.

Mas ela não queria que ele fizesse as coisas por ela. Ela não queria que ele mudasse sua casa quando ela tinha toda a intenção de descobrir uma maneira de sair.

Ela conseguiu reunir coragem ontem para descobrir o que ele comeria enquanto ela estivesse aqui, já que ele não pretendia comê-la. Ele disse a ela que eventualmente sairia para caçar. Animais, ele estava planejando ir à superfície para caçar um cervo ou um lobo. No entanto, ela também pensou que ele poderia caçar um humano se tropeçasse em um. Ele disse que até pescava no riacho próximo ocasionalmente quando a temporada de acasalamento terminava e havia mais peixes viajando por ele.

O sol desvaneceu-se à direita da floresta. Ela sabia, por viajar para cá, que eles sempre caminhavam em direção ao pôr do sol, o que significava que tudo o que ela precisava fazer era ir na direção oposta e, com sorte, encontraria as paredes do penhasco do Véu.

Ela decidiu que, se sobrevivesse tanto tempo e pudesse reunir o suficiente de sua confiança para que ele partisse para caçar – porque ela duvidava que ele o faria agora – que ela partiria então.

Eu só tenho que ser boa até então. Não o irrite, não o deixe com fome, não me machucar acidentalmente, então eu sangrarei muito.

Ela estava fazendo uma lista mental do que não fazer. Sobreviver era sua intenção, e com o amuleto diadema que ele havia dado a ela, o banho que ele disse que escondia seu cheiro humano, e esperançosamente com sua capa protegendo-a, ela poderia atravessar o Véu com segurança se fosse inteligente.

O que significava que Reia havia chegado a uma decisão angustiante esta manhã.

— Quero deixá-la confortável, — ele rejeitou, fazendo-a

estremecer por dentro.

Culpa passou por ela. Ele queria uma companheira, uma *amiga pra caralho*, e Reia planejava fugir. Ele às vezes parecia solitário em algumas das coisas que dizia, como quando disse a ela que nenhum outro humano queria fazer bugigangas com ele. Ela também teve a impressão de que eles também não queriam comer na frente dele.

Não o perturbe.

— Se você quiser fazer uma cadeira, fique à vontade.

Ele assentiu antes de sair do jardim.

— Não deixe a luz até que eu volte.

Ouvindo seu comando, ela pegou sua tigela e caminhou pelo jardim banhado pelo sol forte. Ela pegou a fruta que queria antes de voltar a se sentar no toco.

Ele voltou não muito depois e colocou uma segunda xícara na mesa antes de se afastar, dando-lhe espaço como se achasse que ela preferia que ele o fizesse. Orpheus nunca a lotou.

— O que é isso? — ela perguntou, estendendo a mão para descobrir que estava quente e o líquido dentro tinha um cheiro doce em sua cor de mel.

— Você não precisa beber se não quiser, mas é um chá. — Ele se afastou até chegar à abertura da cerca do outro lado. — É o único que sei fazer.

Ela hesitou, mas o cheiro era bastante convidativo.

Ele também estava olhando para ela, quase como se com antecipação, e ela descobriu que não podia negá-lo por causa disso. Levando-o lentamente até o rosto, ela cheirou seu conteúdo antes de tomar um gole.

Uau! Isso é realmente muito bom.

Ela tomou um gole maior e observou seus olhos mudarem de azul para amarelo brilhante em um segundo, piscando tão rapidamente para ele.

— Obrigada, eu gostei.

Ele assentiu, antes de se afastar para se sentar com as costas apoiadas na estaca de madeira da cerca e encarar a floresta.

— Vou cuidar de você enquanto você come.

Embora fosse o final da manhã e o sol estivesse brilhando, a escuridão da floresta do Véu estava sempre presente. A névoa azul nunca desaparecia, e a escuridão envolvente tornava perturbador tentar olhar através dela. No entanto, também era sereno e místico. Quase como se ela não estivesse mais na terra, mas em um lugar além, como a vida após a morte.

Ela meio que esperava que um fantasma espiasse por ela.

Ela olhou para o jardim, tendo aprendido mais sobre o que foi plantado aqui no dia anterior, porque ele teve tempo para mostrar a ela. Também não era ela quem arrancava as plantas que usava para cozinhar, já que ele estava determinado a fazer isso sozinho, como se não quisesse nada mais do que ajudá-la.

Como se sua mente não pudesse se desviar, ela finalmente encontrou seu olhar caindo nas costas dele. Seu crânio ossudo virava para a direita e depois para a esquerda lentamente, parecendo ouvir atentamente a floresta que os cercava.

O sol projetava sua sombra para a frente, destacando a brancura na parte de trás de seu crânio a ponto de quase parecer brilhar. Seus chifres eram torcidos e alargados na base antes de apontar rapidamente para trás, na diagonal para o céu.

Ela não o achava mais assustador, apesar de sua persistente aversão a ele. Sua consideração e respeito começaram a destruir esses pensamentos, deixando para trás a confusa criatura sobre a qual ela colocou seus olhos.

Ele era desumano, isso nunca poderia ser mudado. Ele não parecia humano e, embora tivesse humanidade óbvia dentro dele, também não era verdadeiramente um. Ele não era um humano no corpo de um monstro, sua mente era muito... bestial para isso, por seus rosnados e grunhidos, mas os pedaços de humanidade que ela podia ver a estavam desvendando.

Eu quero odiá-lo. Ela realmente queria, mais do que tudo, mas além de mantê-la enjaulada aqui, não havia muito mais para ela odiar. Ele não a ameaçou. Ele apenas disse a ela a verdade sobre a situação perigosa em que ela estava. Ele não a machucou, nem foi mau ou cruel.

Ele tentou certificar-se de dar a ela alimentos que ela gostaria e

água para mantê-la hidratada. Ela estava tão limpa que pensou que poderia ser a pessoa mais limpa do mundo, considerando que ele a banhava de manhã e à noite.

No meio da refeição, ela voltou a baixar a cabeça para o colo, mas desta vez puxando a saia do vestido que usava. Ela o manteve longo para evitar o pior do frio, embora preferisse que fosse mais curto. Ela não gostava de espinafre, então ele permitiu que ela pegasse o quanto quisesse para fervê-lo e molhar o vestido no dia anterior.

Ela poderia dizer que ele queria ajudá-la. Ele havia ficado do lado de fora da cozinha enquanto ela fervia as plantas, mas estava cauteloso. Ela constantemente sentia isso vindo dele, especialmente quando ele lhe dizia baixinho que ela precisava preparar o pano que planejava tingir com sal para que realmente grudasse nele.

Agora era um verde pálido com o branco quase imperceptível.

Não era sua cor preferida, mas ela realmente não sabia como tingir roupas usando comida e não queria desperdiçar as outras plantas em uma possível tentativa fracassada. O verde era irregular, mas ela ainda estava satisfeita com isso. Ela iria molhá-lo novamente esta noite e pendurá-lo para que pela manhã estivesse melhor.

Ela não se sentia mais como uma tola em um vestido de noiva, e isso lhe trouxe um alívio enorme. Ele permitia, permitia tudo o que ela queria, enquanto fazia o possível para deixá-la contente. Ele constantemente perguntava se ela precisava de algo, queria alguma coisa. Ele se ofereceu para tentar pegar um peixe para ela no riacho se ela preferisse carne.

A emoção formigante que ela sentia em seu peito não era bem-vinda, sabendo que era algo parecido com ternura por ele. Ela sentiu muitas emoções pelo Caminhante do Crepúsculo.

Pena em sua solidão. Humor em sua falta de compreensão dos humanos. Facilidade porque ele queria protegê-la. Frustração em mantê-la. Ternura porque ele era doce e gentil à sua maneira.

E, finalmente, nervosismo, porque a hora do banho se tornou perturbadora por todos os motivos *errados*.

Ela estava calma sobre isso agora, depois de três dias sendo lavada duas vezes ao dia, ela se acostumou com isso. No entanto, seu

corpo continuou tendo reações estranhas a ele, e cada vez ficava mais forte, como se sua carne estivesse antecipando o toque.

Era íntimo. O quarto estava sempre escuro, com luz de velas apenas o suficiente para afastar o pior das sombras, enquanto ervas secas com cheiro agradável eram queimadas como incenso para criar um ambiente relaxante. A água estava sempre perfeitamente quente, e o calor fazia maravilhas para suavizar seus músculos.

No entanto, sua pele formigava quando as luvas dele passavam por ela enquanto ele a lavava superficialmente - como se ele não estivesse fazendo nada além de lavar roupas ou pratos. Deveria ser repugnante, mas seus mamilos se esforçariam para uma carícia, seu clitóris latejaria após um toque.

Era leve, mas ainda inquietante.

Eu não estou totalmente atraída por ele. Ela cerrou os punhos antes de pegar a colher para cavar os mirtilos com raiva.

Seu toque era delicado. Ele passou a usar apenas a camisa de botão durante o evento para não molhar as mangas do casaco - embora a usasse o resto do tempo. Ele destacava um peito de músculos em forma humana e uma cintura que se dobrava nitidamente para estreitar os quadris.

Também permitiu que ela visse aquele *pelo* preto saindo da gola alta em volta do pescoço, mas não parecia ir muito além de seu corpo, já que não saía de outras áreas. Ela estava começando a se perguntar como ele seria por baixo de toda aquela roupa que ele estava escondendo, e ela corou profundamente de vergonha.

Ela estava envergonhada porque era por curiosidade emocionante, ao invés de descobrir o verdadeiro horror de um monstro.

Um monstro cuja voz profunda e rouca era calmante e formigante para seus sentidos. E ela estava começando a gostar de ver seus orbes brilhantes mudarem de cor.

Diferentes tons de amarelo. O azul mais profundo do que o normal. O vermelho era a mudança mais comum e algo que ela tentava evitar ao máximo. Apenas duas vezes ela os vira ficarem roxos. Ela se perguntou quais emoções eles retratavam e como fazê-los

mudar para outras cores - como verde, laranja ou até rosa, se o fizessem.

Seus olhos eram de alguma forma... mais bonitos no escuro. Ela sempre saberia onde ele estava e, à sua maneira, ele era etéreo de se olhar. Não bonito, ele não tinha rosto humano para receber tal palavra.

Mas, agora que ela estava ficando confortável o suficiente perto dele, ela descobriu que ele tinha uma espécie de atração encantadora em sua aparência. Uma beleza de outro mundo.

Mesmo agora, observá-lo sentado do outro lado do jardim à luz do sol fazia com que aquela estranha beleza brilhasse nele.

Vamos, Reia. Ele tem a porra de uma caveira no lugar do rosto. Ela continuou questionando por que ela não o achava totalmente desagradável. *É porque eu não odeio totalmente o toque dele?* Ela sabia que tinha que ser porque ela nunca tinha sido tocada antes. Isso é o que ela ficava dizendo a si mesma.

Ótimo. Eu sou uma maldita perversa.

Ela pensou que poderia achar muito pior quando planejava pedir a ele esta noite para não usar as luvas.

Ela queria a proteção de ter seu perfume escondido o dia inteiro. Ela não queria que ele a banhasse duas vezes por dia, mas sim uma vez. Minimizar o tempo deles, ela esperava, ajudaria. *Não pode ser muito diferente sem as luvas.* Talvez os horrores de ver suas mãos reais a perturbassem o suficiente para reprimir suas emoções.

Reia estava apenas se certificando de que estaria preparada para quando ele finalmente a deixasse para ir caçar. Ele pode deixá-la por mais tempo se não tiver que voltar para banhá-la, e isso lhe daria mais tempo para colocar distância entre ela e esta maldita casa antes que ele voltasse.

Quanto mais rápido ela ganhasse sua confiança, mais cedo isso aconteceria. Ela correria o mais longe que pudesse, e esperava que ele nunca fosse capaz de encontrá-la para que ela pudesse ser livre.



A visão de Orpheus acabou desaparecendo de amarelo nas bordas para o azul usual, mas a sensação persistente de deleite permaneceu em seu peito por muito tempo depois. *Ela bebeu o chá que fiz para ela.* Ele sabia que se tivesse um rosto humano com pele, estaria radiante com um sorriso.

Ele continuou a ouvir o mundo e não sentiu nenhum demônio no momento. Eles ocasionalmente se aproximavam, mas iam embora, sem se importar com ele. Eles não gostavam de ficar vagando pela casa dele, pois sabiam que ele os atacaria se chegassem muito perto dela - estando ele abrigando um humano ou não.

Eu me pergunto que tipo de cadeira ela gostaria. Se ela preferir algo com encosto ou apenas um banquinho simples para ter do lado de fora. *Talvez eu devesse perguntar a ela.* Uma labareda de excitação foi acesa em sua barriga, esperando que se ele continuasse a fazer coisas para ela, fizesse coisas para ela, ela iria gostar dele.

Ele mudaria tudo em sua casa, faria uma nova cama para ela se ela quisesse, amarraria novos enfeites com seus designs preferidos em mente, se isso a deixasse satisfeita com ele.

Havia até um lugar que ele gostaria de levá-la, um lugar muito perigoso para um ser humano, mas ele garantiria que ela estivesse segura e protegida, desde que isso significasse que ela poderia escolher as coisas que desejasse para si mesma. Itens que ela poderia trazer aqui para que ela mesma pudesse decorar a casa dele.

Era uma tolice. Ele estava sendo tolo, mas Reia *era* diferente.

A razão pela qual havia tão poucos Demônios perambulando por sua casa era porque não havia cheiro de medo dela. Ele se foi completamente.

Ela fazia suas refeições na presença dele, bebia seu chá, sentava-se na cadeira que ele havia feito para ela do lado de fora. A

bugiganga de proteção que ela tinha feito atualmente estava pendurada acima de onde ele dormia, e ele olhou para ela nas últimas duas noites, maravilhado com o fato de uma humana ter feito algo para ele.

E ela fala comigo. Ele nunca teve uma de suas oferendas conversando tão frequentemente com ele. *Ela me faz perguntas sobre mim.* E ela não pareceu se incomodar com as respostas dele.

Ele sentiu... ele sentiu que não precisava esconder tanto a verdade dela. Ela sabia que ele tinha sido violento com sua espécie no passado, mas ela não se afastava de tais conversas por aflição ou desgosto.

Agora que o cheiro dela não estava mais contaminado pela doçura do medo, ele passara a *adorar* o cheiro dela. Ele se viu muitas vezes mais próximo dela do que deveria, apenas para ser capaz de absorvê-la profundamente.

E seu cabelo parece puro com raios de sol. Até brilhava à luz do sol, tão brilhante e deslumbrante. Seus olhos eram de um verde floresta tão profundo que ele começou a se perder neles, como um viajante errante que se perdeu no caminho, quando ela o encarava.

Ela olha para mim, em vez de se afastar. *Ela sorriu para mim,* e ele não conseguiu parar a maneira como seu coração batia forte ao vê-lo. E sua risada, embora tão rara, era a música mais doce.

Eles permaneceram do lado de fora até que o sol se pôs e, embora tivessem passado horas, seu desejo de protegê-la o manteve preso no lugar sem reclamar. Se ela gostava tanto de estar ao ar livre, então ele cumpriria esse dever todos os dias sem protestar. Ele esperava que um dia ela permitisse que ele se sentasse ao lado dela e permitisse que ele a olhasse enquanto faziam isso.

Eu quero deitar minha cabeça em seu colo.

Ele sempre sentiu uma profunda sensação de solidão perto dos outros, mas mesmo agora, com a pequena distância entre eles, não ecoava dentro dele mais profundamente do que costumava.

Reia o avisou quando estava pronta para entrar, e ele a seguiu depois que ela escolheu a comida que queria fazer para a refeição daquela noite.

Ele tentou parecer ocupado acendendo a lareira para mantê-la aquecida, embora não precisasse do calor. Ele limpou todas as superfícies que pôde, reorganizou levemente seus enfeites apenas para poder observá-la enquanto ela se movia pela cozinha sem incomodá-la. Ele temia que se sentasse à mesa e olhasse para ela com curiosidade e interesse como ele queria, isso a perturbaria, e ela se retiraria para seu quarto de dormir.

Ela está fervendo espinafre novamente. Seu vestido já era verde claro, mais escuro na bainha e nos punhos das mangas porque a tinta havia pingado e se depositado ali quando ela o pendurou. Os desenhos de renda também eram mais escuros do que o resto, como se aquele material absorvesse melhor.

A refeição do jantar dela, quando terminada, encheu a casa dele com uma fragrância de vegetais diferentes. Não fez seu estômago roncar de fome, mas deu à casa uma vida que ele nunca poderia dar.

— Eu usei o resto da água, — ela disse a ele enquanto colocava a comida na mesa e se ajoelhava na cadeira para comer.

— Então eu vou pegar mais de manhã, — ele respondeu apressadamente, querendo ter certeza que ela não estava sem nada que ela pudesse precisar.

O riacho estava a apenas cerca de uma hora de distância, talvez menos, e ele poderia estar de volta antes que ela acordasse.

Ele queria se sentar com ela enquanto ela comia, queria estar perto dela, mas em vez disso ele se sentou na grande cadeira forrada de pele com braços em frente ao fogo. Sua mente, no entanto, não se desviou de Reia comendo, seus outros sentidos a observando, já que seus olhos não podiam.

Foi só quando ele ouviu o tilintar de sua colher e tigela junto com seus pés tamborilando ao redor dizendo que ela tinha terminado que Orpheus se levantou.

— Vou preparar seu banho, — ele disse a ela estupidamente, como fazia na maioria das noites depois que ela tinha comido.

A cor de suas bochechas pálidas tornou-se um tom mais escuro, fazendo-o inclinar a cabeça porque ele nunca as tinha visto fazer isso antes. Elas não demoraram a empalidecer mais uma vez depois que ela

assentiu. Ele saiu, pegando um fósforo da mesa para acendê-lo enquanto caminhava pelo corredor.

Começou a acender as velas. Três estavam amontoados no canto em cima de um grande pedaço de ametista que ele havia encontrado muitos anos atrás em uma caverna durante suas andanças. Foi a maior peça que ele encontrou e obteve o resto da pedra quase limpa e pura muitas vezes em sua vida. Outras três velas estavam no chão perto da banheira. Uma maior estava ao lado de onde ele colocou o óleo que ele fez, que mal tinha cheiro, mas era eficaz para o que ele estava fazendo.

Ele jogou o fósforo na tigela de metal com ervas secas para que a área ficasse com um cheiro mais agradável e relaxante.

Ela entrou não muito depois que ele terminou e esperou, segurando um vestido de dormir embrulhado que ela escolheu de seu armário em seu peito. Ele inclinou a cabeça, torcendo-a um pouco, quando ela parecia mais nervosa do que de costume.

Ela estava agindo como na manhã seguinte à primeira noite em que ele a trouxe aqui.

Respirando fundo, ela entrou e fechou a porta antes de remover rapidamente o vestido que estava usando durante todo o dia.

Ela cobriu os seios com um braço e as regiões inferiores com o outro enquanto caminhava até a banheira que ele já havia enchido com o uso de seu sangue. Ele não gostava particularmente do feitiço, mas era a maneira mais fácil de encher algo desse tamanho sem ter que ir e voltar do riacho, e o mesmo com o aquecimento da água na lareira.

Orpheus não tinha nenhuma magia de calor ou fogo. Este foi o único que lhe permitiu fazê-lo.

Assim que ela entrou na água, ele esperou que ela se ajustasse e que seus ombros relaxassem antes de se virar para abrir o pote de óleo.

— Na-na verdade, — ela disse em uma voz estranha e estridente. — Você poderia não usar suas luvas?

Parando com os dedos prestes a mergulhar dentro do pote, ele virou a cabeça para ela surpreso.

— Você quer abrir mão das luvas?

Contorcendo-se, ela assentiu levemente.

— E-eu não quero mais fazer isso duas vezes por dia. Tenho certeza de que não é bom para a minha pele.

Ele virou as palmas das mãos para cima para encará-las, preocupado com o que ela veria abaixo delas.

— Tem certeza?

— Sim.

A preocupação o encheu quando ele enfiou a mão no punho da camisa para começar a puxar a bainha de uma luva para baixo até removê-la. Mas essa não foi a única emoção que o invadiu. Uma mais forte e mais prevalente começou a correr quando ele removeu a segunda. Excitação.

Emoção ao tocar sua pele diretamente pela primeira vez.

O óleo parecia frio e úmido contra a ponta dos dedos enquanto ele embainhava suas garras como sempre fazia, para não arranhar sua pele delicada.

Como ela será? A pele de neve era tão macia quanto ele imaginava?

O estremecimento de seu corpo fez pouco para suprimir seu deleite quando ele passou a mão sobre seu ombro nu e arredondado e descobriu que ela era mais lisa do que qualquer superfície que ele já havia tocado e era sedosa como a de uma pétala de flor. Ele se perguntou se a pele dela estava mais quente por causa do banho quando ele deslizou sobre seu bíceps, cavando para sentir o músculo ceder contra as palmas das mãos.

Seus cuidados eram geralmente indiferentes em apelo a ela, mas ele sempre gostou de fazer isso. Desta vez, ele não pôde deixar de ser mais lento e mais atento, enquanto o espanto o enchia.

A carne de suas mãos devia ser áspera contra a pele dela, mas ela era incrivelmente flexível. Os pequenos músculos estavam tensos com a tensão natural enquanto ele os massageava mais do que o normal, apenas para que pudesse realmente senti-los. Os tendões eram duros quando se conectavam a ossos frágeis com os quais ele tentou ser delicado ao apalpar o cotovelo dela.

As mãozinhas dela despertaram nele um intenso interesse quando ele sentiu como eram delicadas enquanto enfiava as pontas

dos dedos na teia de seus dedos abertos. Ele até passou a ponta do polegar nas unhas opacas, mas longas.

Ele quase não podia acreditar que estava fazendo isso. Ele nunca havia banhado nenhuma de suas oferendas sem as luvas, e já estava encantado com o corpo dela.

Trabalhando em seu outro braço, ele deu a mesma atenção como se a memória do primeiro não fosse suficiente para ser gravado nele.

De repente, ela agarrou a mão dele para pará-lo. Congelado em incerteza, ele a observou inclinar-se para frente para inspecioná-la.

— Sua mão... — Ela engasgou levemente, virando-a com a palma para cima antes de torcê-la de volta para que ela pudesse ver a parte de trás.

Sua pele era de um cinza escuro, muito desumano, embora sua mão fosse de forma semelhante à dela, apesar de seu tamanho. Um pequeno nódulo de saliva ficou preso em sua garganta quando ela passou o polegar sobre os nós dos dedos onde a mão dele encontrava os dedos.

Ela estava examinando os ossos salientes que se erguiam de sua carne, os nós dos dedos brancos com eles. Sua pele estava realmente ligada a eles, mas estava dividida de modo que cada uma das cinco juntas de sua mão passava por sua pele, incluindo o polegar.

Virando a mão dele novamente, ela inspecionou a pele mais escura e calejada.

Foi só quando seus dedos se contraíram com uma sensação de formigamento devido a ela fazendo cócegas em sua palma, que as mãos dela se afastaram.

— Desculpe! — Ela exclamou.

O coração de Orpheus batia rápido. *Ela me tocou.* Ela agarrou a mão dele de bom grado e segurou-a, acariciou-a, examinou-a com curiosidade em vez de horror.

— Eu não me importei, — ele respondeu, sua voz mais áspera do que um minuto atrás, seu pelo arrepiado.

Feito com os braços dela, ele tirou as mãos para conseguir mais óleo e mergulhou na água antes de começar a lavar suavemente o

rosto dela.

Seus lábios eram carnudos quando cederam sob a leve pressão, seus cílios tremularam quando ele deslizou por suas pálpebras fechadas. Seus orbes desbotaram de azul para roxo quando ele moveu sua mão sobre sua mandíbula e então sua garganta.

O desejo queimava dentro dele, mais forte do que jamais sentira antes, enquanto ela virava o pescoço para o lado para ajudá-lo.

Seu cabelo molhado era sedoso quando ele passou as mãos por ele, massageando seu couro cabeludo para ter certeza de que o óleo chegaria à sua pele através dos fios grossos.

Ele notou uma grande cicatriz atrás da orelha, bem na linha do cabelo. Algo a atingiu, profundo o suficiente para deixar a pele visivelmente levantada. Ele tirou o cabelo dela do caminho para ver que era rosa como se tivesse apenas alguns anos.

Seu coração estava começando a trejeitar enquanto o roxo em sua visão se aprofundava enquanto suas palmas percorriam seu peito. Ele deveria ter mantido seu toque indiferente, sabia que era muito íntimo e lento enquanto ele segurava seu seio para lavá-lo, mas Reia não disse nada em protesto.

Talvez ela não soubesse ou percebesse a mudança, que seu toque estava cheio de desejo.

Ele notou que os lábios dela se afinaram de tanto mordê-los e que seu corpo se contraiu. Suas sobranceiras se juntaram quando ele foi para o outro seio, sabendo que não poderia demorar mesmo que desejasse. Seu mamilo estava duro, e ele sentiu a raspagem contra a palma da mão antes de tocá-lo com o polegar, só para ter certeza, enquanto se afastava.

Seu desejo diminuiu quando ela fez um barulho de angústia. Ele pressionou o focinho contra a curva do pescoço dela para sentir seu perfume diretamente.

Ela gritou e pulou para longe dele e Orpheus afastou as mãos de seu corpo enquanto seus olhos ficavam brancos. Segurando seu pescoço, ela se virou para ele com os olhos arregalados.

— P-por que você me cheirou?

Ele podia ver que seu peito estava arfando.

— Eu pensei que você estava com medo, então eu estava me certificando, — ele respondeu com sinceridade. — É difícil dizer através da água.

— Você estava tentando cheirar o medo? — Seus olhos se suavizaram, suas sobrancelhas se uniram mais em pensamento do que em emoção.

— Você fez um barulho estranho. Se eu sentisse o cheiro de medo, ia perguntar se você queria que eu colocasse as luvas de volta.

Mas ela não cheirava a medo. Não foi por isso que ela fez o barulho, e ele não conseguia entender por que ela tinha feito isso.

Ela deu uma risada, mas não continha humor. Em vez disso, parecia mais pânico do que qualquer coisa.

— Eu-eu não estava com medo, e isso fez cócegas.

Orpheus inclinou a cabeça em confusão.

— Eu não sabia que os humanos sentiam cócegas no pescoço. Apenas nos pés e nas axilas.

Seu rosto já estava corado, muitas vezes por causa do calor da água do banho, mas ele pensou que poderia ter escurecido um pouco.

— Às vezes podemos ser. — Seu olhar foi desviado, seu lábio inferior amuado. — E-está tudo bem. Pode continuar. Eu não queria te preocupar.

Ela voltou a descansar contra a curvatura da banheira e Orpheus, hesitante, mergulhou os dedos no óleo.

O desejo ainda se agarrava a ele, mas não era tão intenso quanto antes. Ele lavou suas costas, começando em algum lugar que era menos... íntimo antes de se mover para os lados e depois para baixo em seu abdômen.

Seu estômago afundou quando ele passou a mão por seu umbigo, mas ele mal notou quando seus dedos sentiram as cócegas nos pelos loiros encaracolados de seu monte púbico.

Apesar de seus esforços, a chama do desejo em suas entranhas estava esquentando mais uma vez para se transformar em um inferno.

Ele pegou mais óleo, quase esquecendo que precisava, enquanto um pulso corria desenfreado por seu corpo. Agitou as partes inumanas dele com a incursão de seus dedos mergulhando na fenda

de seu corpo no ápice de suas coxas. Os lábios acariciaram seus dedos, enquanto uma protuberância dura que ele estava curioso pressionava contra sua carne enquanto ele se movia por sua fenda.

Ela cravou as unhas de ambas as mãos em suas coxas, seu corpo se contraindo como se ela tivesse reprimido o desejo de se mover sob o toque.

Então ele saiu do outro lado entre suas bochechas. Ele lavou os dois, dando a cada um uma massagem apreciativa e singular.

A parte difícil acabou, ele pensou com esforço.

Seus dedos coçavam para explorar esta parte dela, para investigar. Seu controle quase vacilou, sua necessidade foi esmagadora. Era macio e escorregadio e tinha tantas texturas diferentes que ele queria descobrir todas.

Mas ele sabia que ela não queria que ele fizesse isso, e ele a estava limpando porque precisava. Orpheus queria que ela gostasse de seu toque, queria que ela gostasse dele, o desejasse. Mas ele duvidava que ela o fizesse, e tinha certeza de que ela ficaria horrorizada ao saber que ele se sentia assim por ela.

Ele a achava bonita e, quanto mais à vontade ela ficava com ele, mais ele se permitia ver isso. Ela era um contraste completo com a escuridão dele, tudo claro.

Agora que ele estava descendo por suas pernas, seu desejo diminuiu mais uma vez para permitir que a dúvida o preenchesse. *Estou ficando apaixonado por ela.* Ela estava tornando muito fácil para ele permitir esperança.

Ele não queria suportar aquela dor, mas suas ações, suas palavras, até mesmo este pedido para que ele tirasse as luvas e lhe desse a alegria de senti-la diretamente, era difícil de ignorar.

Eu quero ela. Ficar, tornar-se sua companheira, acalmá-lo.

Ele gostou de muitas de suas oferendas, mas nenhuma tanto quanto já gostava dela. Ela estava com ele há uma semana, desde o momento em que ele a levou da aldeia até agora, e ele era mais próximo dela do que qualquer uma das outras.

Desejo foi a emoção que fez com que seus olhos lentamente voltassem ao azul enquanto ele lavava o segundo pé dela. Ele passou a

garra sob o pé dela simplesmente porque queria ouvir a doce canção de sua risada.

Ela não riu.

Quando ele olhou para cima rapidamente, ele encontrou os olhos dela para descobrir que eles estavam colados a ele com o peito dela subindo e descendo rapidamente.

Ela não riu.

— Isso geralmente faz cócegas em você — disse ele com surpresa, tornando sua voz alta. Ele fez isso de novo apenas para descobrir que as sobrancelhas dela se contraíram.

Sua mão deslizou sobre seus tornozelos, suas garras que ele desembainhou para fazer cócegas nela, raspando sobre a carne de sua panturrilha enquanto ele abaixava sua perna. Um ruído estrangulado veio dela antes que ela cobrisse a boca com as duas mãos.

Sua cabeça se inclinou rapidamente para o lado com o som, o barulho de ossos vindo dele. O barulho que ela fez o deixou alarmado.

— Há algo de errado?

— Não — ela guinchou por trás de suas mãos. — Todos os pêssegos e creme aqui.

Ele balançou sua cabeça. *Eu não entendo.* Então ele se levantou, tendo completado o feitiço que exigia que ele a lavasse da cabeça aos pés com suas próprias mãos.

— Terminei. — Ele acenou para o pano dobrado que havia preparado para ela se secar. — Eu vou embora agora.

Ela apenas assentiu enquanto ele dava a volta na banheira e saía. Ela não saiu do banheiro tão rápido quanto costumava fazer, permanecendo lá por muito mais tempo do que nunca.

ΘΗΖΕ

Uma cabeça ossuda flutuava na escuridão. Sua cabeça ossuda flutuava na escuridão. O crânio de um lobo com os chifres de um antílope.

Reia sentiu como se estivesse flutuando debaixo d'água, mas ela podia respirar e não sentia frio. Não parecia nada, como engolir o nada.

Seus orbes brilhantes brilhavam em um azul brilhante, protegendo o medo do vazio que os cercava, dando-lhe luz e conforto. Ela estava presa a eles, incapaz de desviar o olhar.

Sua atenção foi atraída para ele mesmo quando parecia que ele estava flutuando ao seu redor, e sua cabeça girou para manter o olhar nele. Ela não sabia onde estava ou o que estava acontecendo.

Um sonho? Ela pensou. Não era um pesadelo, parecia muito seguro para isso.

Um golpe de uma garra afiada em sua espinha a fez ofegar quando um arrepio a percorreu. Ela tentou procurar as mãos que a tocavam, mas elas desapareceram na escuridão antes que ela as visse.

Ela encontrou o crânio flutuante de Orpheus mais uma vez.

Quase parecia que ele estava dançando ao redor dela, voando ao redor de seu corpo enquanto ela flutuava. Seu coração disparava sempre que ele se aproximava antes de recuar novamente.

Dois pares de garras acariciaram sua nuca e subiram por seu cabelo, agrupando-o enquanto as pontas raspavam deliciosamente em seu couro cabeludo. Um gemido ofegante saiu dela.

Isso era bom.

Seus mamilos brotaram, enquanto uma torrente de arrepios irrompeu em sua carne sensível e desceu por seu corpo, até que se acumulou como calor dentro de sua barriga.

As mãos desapareceram mais uma vez, permitindo apenas que ela as visse antes que desaparecessem.

Antecipação e excitação começaram a vibrar dentro dela pelo próximo toque secreto e inesperado. Sua respiração era curta, suas bochechas e corpo quentes. Seu coração estava tão alto e rápido que ressoou no vazio.

Ela não estava com medo, longe disso. Reia estava excitada, profundamente excitada, enquanto ele brincava de esconde-esconde com ela na

escuridão.

A próxima vez que ela sentiu aquelas mãos, foi sobre os feixes de nervos logo abaixo das panturrilhas. Era um toque familiar que ela já havia experimentado antes, e um tiro eletrizante curvou seus joelhos enquanto os atravessava até seu núcleo dolorido.

Ela estava molhada, tão molhada, que pensou que o gotejamento de sua excitação estava começando a flutuar ao seu redor em gotas brilhantes.

Ela podia ouvir seus bufos profundos. Ruim e baixo. Então houve aquele ronco longo e baixo que ele fez, como quando ocasionalmente cheirava a pele dela com o focinho pressionado contra ela.

Os dedos dos pés dela se curvaram quando ela sentiu isso agora, um grito suave escapando dela, enquanto a respiração quente dele circulava em torno de sua garganta por trás como se quisesse agarrá-la.

Então ela sentiu aquelas mãos deslizando ao redor de seus lados, garras cravando-se quase como fatias antes de sentir o calor envolvente delas em torno de seus seios. Ela olhou para baixo para ver a pele cinza escura com os ossos brancos dos dedos projetando-se através deles.

Ela não conseguia ver os braços, as mãos sozinhas e desconectadas de qualquer coisa. Ela pensou que poderia ser porque ela não sabia como era o resto dele. Ela não podia nem começar a imaginar o que havia por baixo de suas roupas.

Uma permaneceu, sacudindo seu mamilo repetidamente enquanto se movia para frente e para trás, entorpecendo sua mente com necessidade e desejo. A outra começou a acariciar seu estômago, e seu abdômen se contraiu em reação, o duro pico de seu clitóris pulsando com uma espera impaciente. Sua visão estava ofuscada quando ela olhou para baixo para assistir, assim como ela notou em sua visão periférica que sua cabeça ossuda estava imóvel e olhando para ela.

Ela queria que ele assistisse enquanto as mãos dele a tocavam.

Um bufo quente roçando seu pescoço pela frente a fez gritar mais uma vez, mas mais alto desta vez. Ela franziu a testa quando olhou por entre os cílios para ver que ele não tinha se aproximado para fazer isso.

Mais gotas de sua excitação flutuaram antes que sua mão a envolvesse. Uma pressão firme e insensível de calor pressionou seu clitóris, enviando alívio através dela. Reia precisava do toque, queria tanto que

ondulava na mão com movimentos carentes e desesperados.

Um dedo em forma de garra estalou, enviando uma sacudida através de seu clitóris para perfurar diretamente dentro de sua boceta. Ele apertou, criou mais líquido e Reia estremeceu. Mais. Eu quero mais. Ela ondulava na mão, quase suspirando de alívio quando um dedo acariciou suas dobras.

Outra respiração soprou contra seu peito, tão quente quanto antes, mas parecia muito real para seus sentidos doloridos e sensíveis. Era bom demais.

Isso não faz parte do sonho, ela pensou.

Seus olhos se abriram quando a compreensão surgiu.

Reia se viu deitada de costas em sua cama com Orpheus acima dela no escuro. Não havia luz além de seus orbes, mas eles iluminavam entre ambos apenas o suficiente para que ela mal pudesse ver.

Ele estava de joelhos, prendendo-a, enquanto ela o ouvia cheirar sua cabeça. Ele nunca tinha feito isso antes, nunca tinha entrado em seu quarto no meio da noite.

— O que você está fazendo? — ela perguntou, sua voz quebrada e rouca que não tinha nada a ver com seu torpor.

Ela ergueu as mãos para pressioná-las contra o peito dele. Delicioso calor e firmeza quase a fizeram gemer, seu corpo dolorido e desorientado por seu sonho.

Seu sonho molhado... sobre ele.

— Existe um cheiro estranho vindo de você, — ele explicou, sua voz profunda e áspera fazendo-a se sentir bêbada depois do que ela tinha acabado de experimentar dentro de sua própria mente. Suas pálpebras estremeçeram quando uma respiração caiu dela. — Nunca senti o cheiro em você.

Oh Deus, ele pode sentir que estou excitada. Ela se contorceu embaixo dele, esfregando as coxas juntas com a pressão latejante em seu clitóris, em seu centro.

— O que é?

Ele levantou a cabeça para cheirar o braço dela, como se fosse de onde vinha a fonte, antes de bufar e balançar a cabeça. Seu nariz desceu sobre seu peito logo acima de seu coração.

Suas costas quase arquearam para fora da cama quando ela sentiu a respiração dele sobre um de seus mamilos endurecidos através do tecido fino de seu vestido. Eles estavam tensos, ansiosos por atenção, e até mesmo a quantidade mínima de sua respiração os acariciava.

Ela cobriu a boca com uma das mãos para esconder o ruído estrangulado que vinha dela. Seus olhos se curvaram em confusão e angústia. Era tão bom que ela não queria que ele parasse de cheirá-la.

Estou com tesão pra caralho. Ela queria que ele cheirasse mais, cheirasse ela toda e descobrisse de onde vinha a fonte. Era um pensamento louco.

Ela sabia que devia ser forte com o quão molhada ela se sentia entre os lábios de suas dobras desde que ela se sentia escorregadia ao longo da fenda de sua boceta. Esfregar as coxas na verdade moveu seu clitóris de um lado para o outro, e ela teve que se impedir de gemer e fazer isso de novo.

Seu toque no banho havia despertado algo nela e agora seu corpo estava *implorando* por alívio, assim como antes. Exceto que era pior, seu sonho era apenas o gosto de seus desejos. Não era real, isso era real, e ela não conseguiu conjurar a vontade de detê-lo, mesmo quando ele começou a abaixar a cabeça.

Seu senso de razão estava paralisado.

Deveria ter sido um pesadelo aterrorizante ter seu corpo maciço a prendendo contra a cama. Seus chifres deveriam tê-la feito pensar que ele era um demônio, o monstro que ele deveria ser, mas sua mente sabia que eles seriam as coisas perfeitas para se agarrar quando ela estava se debatendo sob a onda de luxúria. Seu rosto ossudo e branco deveria ser perturbador, mas o brilho de seus olhos a acalmou, e ela sabia que dentro de sua boca havia uma língua longa e úmida que uma vez pareceu incrível deslizando sobre seu peito na floresta de neve da superfície acima do Veu.

O calor emanava dele, e ela o sentia como ondas ondulantes enquanto ele puxava as peles para baixo para descobrir a fonte.

Reia guinchou quando um espasmo ondulou logo acima de sua pélvis ao longo de seu canal quando o nariz dele pressionou contra seu

monte público. Ele agarrou uma coxa com uma das mãos e puxou-a para o lado, sua cabeça girando como se estivesse tentando entender. Ele pressionou diretamente contra seu clitóris uma vez que suas pernas se separaram, e suas mãos dispararam para detê-lo.

Eles pararam no ar quando um leve rosnado veio dele. Em um piscar de olhos, seus orbes mudaram para um roxo profundo, e sua respiração falhou.

— *Você está excitada,* — ele rosnou, sua cabeça virando para encará-la.

Sua boceta se apertou em reação à profundidade sombria de sua voz, e ela sentiu tanto líquido se acumulando que pingou e vazou. Ela mordeu o lábio inferior para parar o gemido que ameaçou escapar quando seu corpo ficou tenso e estremeceu. Ela cobriu a boca mais uma vez em estado de choque quando as ondulações dançando ao longo dela diminuíram.

Oh merda, eu quase gozei só por ele me dizer isso.

Seu corpo parecia muito sensível. Seu hálito, sua voz, o cheiro de mogno defumado e aroma de pinho a afogando a estavam deixando louca. Seus membros tremiam. Ela perdeu a cabeça, mas naquele momento, com o corpo latejando e doendo, Reia não se importou.

— Tem um cheiro delicioso, — ele disse no tom rosnando, rosnando enquanto sua mão, com garras na ponta, corria suavemente pela parte interna da coxa do joelho que ele dobrou. — Eu quero *provar*.

Seu coração gaguejou em seu peito quando a cabeça dele abaixou, e sua mão rolou a saia de seu vestido até a cintura. Ele até abaixou a tira de pano amarrada que ela usava como roupa íntima com garras cuidadosas.

Ela não o impediu, nem mesmo sentiu vontade de tentar.

Ela não sabia se ele realmente entendia o que estava fazendo, mas sua respiração era tão superficial e curta que quando ele pressionou seu focinho contra toda a sua boceta, do clitóris até a entrada em fenda, e a *respirou*, eles cortaram.

Então ela soltou um grito estridente quando a língua dele

deslizou de seu traseiro enrugado, que não esperava o órgão escorregadio, sobre a entrada de seu núcleo para coletar cada gota de seu creme líquido e, em seguida, através de suas dobras até que ele fortemente açoitou seu clitóris latejante.

A boca de Reia se abriu enquanto ela usava as mãos em uma pobre tentativa de abafar o som de seu choro, suas costas arqueando enquanto suas pernas balançavam ao redor de sua cabeça. O joelho dela atingiu um dos chifres dele. Ela o sentiu agarrá-la mais uma vez para cravar suas garras levemente na parte interna de sua coxa, causando outro espasmo em seu canal, antes de pressioná-la contra a cama para prendê-la lá.

Sua língua parecia longa e escorregadia, e se dobrou enquanto se enrolava ao redor do topo de seu clitóris para circulá-lo uma vez. Em seguida, moveu-se para baixo através de suas dobras com a cabeça torcida para permitir que ele apenas mergulhasse levemente dentro dela. Ela abriu as pernas em boas-vindas, precisando desesperadamente de mais.

Era tarde demais para voltar atrás.

Orpheus estava lá, lambendo sua boceta no escuro, seus olhos roxos eram a única luz, e Reia estava adorando isso. Não adiantava voltar atrás. Ela precisava. Ela doía. Ela fodidamente queria. Uma febre ardia nela.

Afunde-o dentro de mim. Ela não conseguia vocalizar, não achava que conseguiria com o quão tensa era sua respiração estridente quando elas rasgaram sua garganta, mas ela quis isso para ele. *Dentro de mim. Eu preciso disso, qualquer coisa. Por favor...*

Ela agarrou um de seus seios, apertando-o com firmeza, quando a língua dele correu para cima e através dela novamente. Lento, mas deliberado, ele se certificou de que sua língua larga mergulhasse em todas as dobras e espalhasse seus lábios. A respiração dele continuou a ofegar sobre ela, lavando-a com um calor que a fazia cócegas delicadamente e a fazia ansiar por mais.

A pressão que ela deu em seu seio foi demais enquanto a mão que cobria sua boca cravava as unhas em suas bochechas. Ela teve que afastar as duas mãos de seu corpo quando ele começou a não apertar

nada. Reia agarrou a roupa de cama, puxando-a, quando sua língua dobrou novamente enquanto ele circulava em torno das abas que protegiam seu clitóris.

— Ahhh! — ela gemeu, suas pernas balançando enquanto a tensão a atravessava.

Estou chegando. Estou gozando com a língua dele!

Um som úmido e esmagador veio de seu canal enquanto se enchia de líquido quente. Suas sobrancelhas se franziram quando sua boca se abriu, suas costas curvando-se quando tudo se apoderou.

Felicidade, euforia e uma sensação de flutuar varreram Reia enquanto seu orgasmo a sacudia até seu próprio ser. Suas pernas tremiam, seu abdômen contraía-se com força.

Sua mente parecia irremediavelmente atordoada, mesmo quando ela gentilmente voltou à realidade, seu corpo estremecendo enquanto a língua dele continuava a se mover. Sua cabeça caiu para o lado enquanto ela ofegava, tentando recuperar o fôlego que havia perdido.

Ela sentiu que seu corpo tremeu e estremeceu por ele sacudir a cama e sua coxa com as mãos quando ele passou a língua sobre a entrada de seu canal para lambê-lo assim que ela terminasse.

— Isso é doce. — Ele rodou novamente, e então novamente, encontrando a fonte de seu interesse. — Mais. *Me dê mais.*

Sua respiração engatou quando a ponta de sua língua pressionou para dentro para perfurar lentamente seu canal. Seu clitóris doía tanto que ela temia que se ele o chicoteasse novamente, ficaria tão sensível que a machucaria, mas *essa* pressão parecia perfeita. Maravilhosa mesmo.

Seus olhos se fecharam enquanto ela tentava abrir mais as coxas em boas-vindas. Empurrou mais fundo, e suas paredes se contraíram ao redor dele, vibrando alegremente por ter sua língua ali. Ele lambeu ao redor de suas paredes internas como se quisesse varrer cada fenda para roubar seu gosto.

Então ela sentiu pressão.

— Hum? — Foi um som pensativo que veio dele quando ela o sentiu lambe algo pequeno e fino.

Espere... isso é meu... A língua dele empurrou com força e quebrou algo, enviando uma leve pontada de dor por seu canal.

— Eeii! — Reia gritou.

As pernas dela se levantaram quando a língua dele, lubrificada com sua própria saliva e a umidade persistente de seu orgasmo, permitiu que ele empurrasse todo o caminho para dentro até que ela o sentisse bater em seu colo do útero e desmoronar contra ele. Suas mandíbulas se separaram quando a de cima deslizou sobre seu monte púbico, uma de suas mais longas presas caninas roçando seu clitóris sensível antes de correr pelos cachos de pelo acima da fenda de suas dobras.

A pressão parecia fenomenal, mesmo que a dor tentasse diluí-la. Ela se contorceu, insegura de como ela realmente se sentia quando arrepios formigaram sobre sua carne, descendo por seus braços e pernas. Sua língua recuou um pouco, enviando faíscas de dor e prazer conflitantes através dela antes de empurrar para frente.

Um gemido saiu dela, antes que ele de repente congelasse.

Seus olhos brilharam vermelhos.

Um rosnado vicioso que era diferente de antes trovejou dele. Ela até ouviu o ranger da mão dele contra a cama e a sentiu apertando em torno de sua coxa, enquanto as garras se cravavam.

Oh merda, eu estou totalmente morta!



Sangue. Podia cheirá-lo, podia *prová-lo*, e isso enviou um arrepio de fome insondável através dele.

O aperto latejante, doloroso e penetrante do desejo em sua virilha, que parecia notável por senti-lo livremente com força total e poder, foi substituído por algo sombrio. O aperto invisível de mãos cavando em seu crânio e apertando seu cérebro, acenando para ele aliviar sua fome, para satisfazer seu desejo por carne.

Ele retirou a língua, trazendo o gosto de sangue em sua boca para absorvê-lo completamente. Um rosnado saiu de suas mandíbulas quando ele as abriu ainda mais. Ele se inclinou para frente para pairar sobre seu abdômen, prendendo-a com as mãos em suas coxas com a intenção de cravar suas presas afiadas em sua carne flexível. Comer.

A posição esticou seu corpo, pressionando as calças contra a virilha, e enviou um arrepio por todo o corpo que o perturbou por inteiro, humano, inumano, suas juntas e ossos. O desejo perfurou sua névoa faminta mais uma vez apenas o suficiente para fazê-lo pensar.

Branco brilhou em seus orbes, diluindo todas as cores completamente. O medo rasgou Orpheus. Ele se sentou de joelhos, seu rosnado foi interrompido quando ele a soltou enquanto envolvia as mãos em volta do focinho.

Agora que ele estava no controle o suficiente para pensar, ele estava escondendo o cheiro de sangue com as próprias mãos para impedir-se de cair de volta em uma mania.

Reia se afastou dele, sem dúvida entendendo os perigos de seus orbes ficarem vermelhos. No entanto, eles estavam brancos agora, mostrando a ela que sua fome havia passado. *Por agora.*

— Eu machuquei você, — ele murmurou, sabendo que ela sangrou porque ele a machucou.

O cheiro de sangue era leve, apenas algumas gotas, mas tocou sua língua diretamente e cantou através dele.

Ele ainda podia sentir o cheiro de seu desejo, estava em todo o seu focinho, assim como o gosto persistente de seu orgasmo e excitação tão prevalente em sua língua. Seu corpo ansiava por isso mais do que por sua carne, mas seu medo não diminuiu.

— N-não, está tudo bem, — ela respondeu em voz baixa.

Ela juntou as mãos no peito, trazendo os joelhos junto com eles como se estivesse se afastando dele. Ela não cheirava a medo, o que o aliviou, e sua respiração era tão curta e superficial quanto antes.

— Mas você está sangrando. — Um assobio de um gemido sacudiu no fundo de seus pulmões. — Eu não queria te machucar.

Fui muito rude? Orpheus estava excitado demais, perdido no sabor dela, no cheiro dela, na sensação dela ao redor de sua língua. *Ela*

era tão macia por dentro.

Ele sabia que não estava pensando direito, não estava prestando atenção suficiente a seu corpo delicado e frágil quando estava devorando o delicioso sabor de seu mel. Ele estava tentando ir devagar, saboreando, mas sabia que devia ter cometido um erro.

— Acho que você rompeu meu hímen.

— Seu o quê? — ele engasgou, inclinando a cabeça enquanto olhava para a pélvis dela. — Eu *quebrei* você?

Os humanos ficaram mais fracos ao longo das eras? Pavor rastejou através dele. Se ele a quebrou, ela não deveria estar gritando e chorando?

— O que? Não! — ela riu com um tom de pânico, os olhos arregalados e rígidos. — Você rompeu meu hímen, como a prova de que nunca fui tocada por um homem.

— Eu... eu não entendo.

Tudo o que ele estava ouvindo era que ele a machucou, e ele sabia que a tinha machucado pelo gosto de seu sangue.

— Você... uh. — Suas bochechas coraram de um vermelho vivo.

— Você tirou minha virgindade com sua língua.

— Sua virgindade? — Agora que ele entendeu. A primeira penetração feita ou recebida por homem ou mulher. — Humanos sangram quando isso acontece?

— Só as mulheres! Temos um pedaço de pele chamado hímen que pode ser rompido. — Então ela resmungou enquanto desviava o olhar, — Eu não posso acreditar que tenho que explicar isso. Achei que você saberia disso.

Ele quase rosnou quando uma labareda de raiva subiu em seu peito.

— Por que eu saberia algo assim sobre uma humana?

— Porque você pediu que todas as suas ofertas fossem puras! — ela gritou enquanto fechava as mãos em punhos apertados. Suas bochechas estavam inconfundivelmente vermelhas, mais do que ele já tinha visto antes.

Ela gritou comigo. Ele não podia acreditar que ela iria. Os humanos raramente mostravam sua raiva para ele.

— De doença.

— Espere o que? — ela disse rapidamente, sua voz ofegante como um suspiro.

Seu olhar rapidamente veio para ele. A tensão em seus punhos desapareceu junto com o pico de raiva que ele tinha visto nela refletindo o seu próprio.

— Pura de doença, de doença. — Ele inclinou a cabeça em confusão. — Eu não queria que os humanos passassem para mim aqueles que iriam morrer.

— Oh, meu Deus, — ela engasgou, seus olhos se arrastando sobre a cama em pensamento e realização. — Sempre pensamos que você quis dizer sexo puro, como virgens intocadas como suas noivas. Não sabíamos se era por sexo, ou porque talvez se pudesse sentir o gosto da impureza de uma humana tocada. Não entendi por que isso importaria para alguém como você, mas isso faz muito mais sentido.

Algo... como eu. Ela nunca saberia, mas suas palavras o machucaram terrivelmente.

— Então... então você não está ferida?

Sua excitação havia diminuído durante a conversa, mas ele ainda podia sentir o cheiro. Orpheus queria mais. Ele estava se divertindo, inundado com o gosto disso, ou dela, ouvindo os sons de seus gemidos. Seu corpo se contorcendo e tremendo devido a sua atenção.

Tudo vindo dela *para* ele, *por causa* dele.

— Doeu um pouco, mas estou bem agora. A dor não durou muito.

Suas bochechas ficaram um pouco mais vermelhas, tão fáceis para ele ver e entender devido a sua tez nevada.

Orpheus estendeu a mão sobre a cama com a intenção de acariciar sua bochecha com um toque terno. Ela se encolheu, seus ombros virando para dentro enquanto ela se esquivava.

Ele retirou a mão do ar, sabendo que o que quer que tivesse causado sua excitação havia passado e ela não estava mais cheia de desejo. Ela não queria continuar, embora ele tivesse ficado feliz em permanecer onde estava até que as eras se passassem e o mundo

desmoronasse ao redor deles.

Mas aconteceu uma vez. A esperança floresceu livremente dentro dele com a ideia de que isso possivelmente aconteceria novamente. *Eu a provei, a fiz gozar.*

Ele guardaria essa memória para o resto de sua vida.

Sua visão voltou ao azul normal quando ele se arrastou para fora da cama.

— Durma bem, minha *pequena corça*.

Então ele saiu do quarto dela, sentindo uma onda de ternura e alegria em seu estômago.

DOZE

Eu tenho que correr, pensou Reia, enquanto corria pela floresta. Não olhar para trás, apenas seguir em frente.

Ela sentiu a joia em forma de lágrima batendo em sua testa como um ritmo para mantê-la concentrada e calma. Suas pernas e pulmões ardiam quando o esforço forçava seus músculos, mas ela continuou em frente, nunca ousando diminuir a velocidade ou descansar.

Colocando a mão na superfície áspera de uma grande pedra, ela chutou as pernas para pular e então empurrou para continuar correndo. As árvores passaram assobiando por ela, borrando as bordas de sua visão enquanto os detritos cheios de vento, de folhas e poeira, flutuavam ao seu redor.

Ela não sabia há quanto tempo estava fugindo. Uma hora, talvez um pouco mais?

Envolta em um manto branco, segurando uma adaga firmemente em sua mão, Reia correu pela escuridão do Véu. Ela se recusou a sentir medo, esperando que o amuleto e sua fé nele a mantivessem segura.

Eu posso fazer isso, apenas continue correndo.

Após o interlúdio de Orpheus tendo a porra da língua dentro dela, Reia se sentou em sua cama em pânico. Vergonha e embarço fizeram seu sangue correr com adrenalina. Ela o deixou tocá-la, lambê-la, e seu corpo estava *implorando* por mais. Mesmo quando ele partiu, o corpo dela vibrava com a esperança de que ele voltasse e terminasse o que começaram.

E isso a assustou como o inferno.

Assim que a luz do dia estava raiando, com ela enrolada no pelo quase hiperventilando devido ao estresse, ela o ouviu sair.

Talvez ele pensasse que ela estava dormindo, mas ela sabia que ele devia ter saído para pegar água para ela, como havia prometido. Ele não demoraria muito, talvez uma ou duas horas, mas Reia começou a se mover.

Ela vestiu seu vestido verde, certificou-se de que seu amuleto

estava firmemente no lugar, pegou uma adaga e arrombou a fechadura até que a porta se abrisse. Ele provavelmente pensou que trancar seria o suficiente para mantê-la dentro, mas Reia tinha sido barrada dentro de sua casa na aldeia tantas vezes que ela aprendeu sozinha como rompê-las.

Então ela disparou, indo em direção ao que ela pensava ser o caminho para a beira do penhasco do Véu para que ela pudesse escapar.

A coisa inteligente a fazer seria esperar até que ele saísse para caçar, quando ele poderia realmente ficar fora por horas. Mas depois do que eles fizeram...

Reia não podia ficar, recusava-se a ficar.

Eu NÃO vou ser uma daquelas pessoas que se apaixona por seu captor. Ela não conseguia se lembrar qual era a palavra – ela não estava pensando direito o suficiente para isso. Mas Reia não queria que a Síndrome de Estocolmo estivesse em seu futuro.

Não acredito que vim por causa dele.

Suas respirações cortavam seus pulmões enquanto ela continuava a correr, grata por seu banho estar escondendo seu cheiro e ela não ter encontrado nenhum Demônio a caçando.

Ele é um Caminhante do Crepúsculo! Eu deixei um Caminhante do Crepúsculo me lamber!

E ela *queria* que ele o fizesse. Mais uma vez, a vergonha a atingiu como um soco em sua alma. *Eu sou uma perversa. As pessoas ririam de mim.* Não que ela realmente se importasse com o que alguém pensava dela, um prenúncio de maus presságios. Mas ela estava usando tudo o que podia para abastecer seus pés e continuar se movendo como se seus calcanhares estivessem pegando fogo.

O que eles estavam, cheios de frio porque ela não tinha sapatos. Nenhuma das outras oferendas tinha pés do tamanho certo para ela. Seus pés não eram delicados, mas com certeza a tornavam rápida.

Ela gemeu quando uma parte dela quis voltar na esperança de que ele pudesse correr sua língua sobre ela novamente. *Certo, tudo bem. Gosto de sua língua estúpida, olhos brilhantes, rosto ossudo e cheiro estúpido. Por que ele cheira tão bem, afinal?* Era mau, chamando-a para querer

pecar em seu abraço.

Ela se recusava a voltar, apesar de gostar de como ele era doce e atencioso. *Ele pensou que me machucou.* E a reação dele foi tão... adorável.

A culpa pesava sobre ela, no entanto. Ela estava fugindo, correndo, e tinha certeza de que isso iria machucá-lo. *Por que eu deveria me importar se ele está sozinho? Ele pode encontrar outra pessoa para ficar, alguém que realmente queira viver no Véu.*

Ninguém queria viver no Véu.

Quem se importa se eu sou a primeira a fazer bugigangas com ele? Ela continuou a correr. *Quem se importa se eu sou a primeira a querer sentar em seu jardim?* Ela teve que impedir que seus pés diminuíssem a velocidade quando pensou, *quem se importa se eu sou a primeira a querer que ele tocasse?*

E ela sabia que era verdade, simplesmente porque ele não tinha entendido por que ela sangrou. Ela foi a primeira humana de quem ele tirou a virgindade; Reia sabia disso no fundo de sua alma.

Eu sou realmente a primeira que queria que ele tocasse? Seus olhos se curvaram em tristeza por ele. *Mas ele não é tão ruim. Ele é gentil e doce, e só queria me fazer feliz.* Ela tinha certeza de que ele tentou fazer o mesmo por todos eles.

Ela sabia que ele levava humanos há mais de cem anos, pelo menos, talvez até dois. Ninguém mais tinha visto isso nele?

Seu toque no banho era cheio de cuidado, querendo ter certeza de que estavam protegidos dentro de sua casa. O amuleto, o círculo de sal, as bugigangas de endro. Ele não era uma fera tentando atrair humanos para alimentá-lo.

Estou... Estou fugindo porque gosto dele? Foi por isso que Reia fez isso, algo que até ela considerava muito, muito estúpido?

Ela correu mais forte, balançando a cabeça para clarear seus pensamentos. *Eu não quero gostar dele. Não quero ficar excitada com seu toque, sua voz. Eu... não quero isso.*

Preso no Véu, cercado por uma floresta sombria que era muito bonita à sua maneira. Estava cheio de monstros que *iriam* comê-la.

Não importava que sua casa fosse quente e aconchegante. Que

tinha um belo jardim que realmente tinha luz solar. Que tinha ele nisso.

Reia grunhiu quando tropeçou em algo, sentindo seu amuleto se deslocar e puxar de seu cabelo. Ele ricocheteou e ela foi para suas mãos e joelhos para que ela pudesse se levantar.

Ela tropeçou novamente, perdendo sua adaga desta vez, então ela sentiu seu pé emaranhado em alguma coisa. Ela se virou para desalojar o pé e acabou envolvendo-o ainda mais no que quer que a tivesse preso.

Suas sobrançelas se juntaram em um vinco apertado quando ela pôde ver algo fino e branco em torno de seu pé. Ela puxou o pé e ele a puxou para trás.

Inclinando-se para frente para retirá-lo, a substância grudou na ponta dos dedos e sua mão também ficou presa. Presa ao que quer que fosse, ela envolveu o pulso com a outra mão para tentar arrancá-lo. Permaneceu firme, segurando-a tanto pela mão quanto pelo pé.

Que diabos é isso? Ela relaxou o puxão e inspecionou a substância fina e pegajosa. Seus olhos se arregalaram quando o pavor tão frio se arrastou por ela que a gelou até os ossos.

Não não não não. Ela tentou chegar a um pé, seu corpo arqueado e dobrado enquanto usava toda a sua força para se afastar. *É uma teia de aranha, tudo menos uma aranha!*

Não havia muito que deixasse Reia com medo, mas sempre havia algo assustador em uma aranha. Ela não se importava se eles tinham olhinhos fofos e patinhas peludas. O fato de serem pequenos, poderem entrar em qualquer coisa e geralmente serem venenosos sempre a assustava.

Ela caiu e começou a arranhar o chão, seus olhos procurando uma maneira de se alavancar, apenas para descobrir que mais teias estavam ao seu redor. Ela olhou para trás, percebendo que só estava correndo por esta área coberta por teias por alguns metros, mas ela estava tão distraída com seus pensamentos que não percebeu.

Estou presa! E agora seu corpo estava curvado desajeitadamente porque mesmo colocando a mão contra ele a tinha enredado. Ela tentou desesperadamente pegar a adaga e o amuleto, mas ambos

estavam totalmente fora de seu alcance.

No momento em que ela procurava um graveto para aproximá-los, o estalo de um *galho*, não de um galho, chamou sua atenção. Um som tão ameaçador foi seguido pelo barulho alto de folhas se aproximando cada vez mais.

Ela se esforçou desesperadamente para se libertar enquanto olhava ao redor até que seus olhos caíram sobre uma figura negra rastejando mais perto na névoa branca. Múltiplas pernas finas se moveram e o coração de Reia saltou para a garganta.

Aranha. Isso é uma grande aranha.

E ela queria ficar longe dela.

O medo deslizou sob sua pele quando emergiu no espaço em que ela estava e era tão gigantesco e alto quanto Orpheus.

Sua pele vazia e negra disse a ela que era um Demônio. Sua forma era tão semelhante à da aranha, mas tão completamente diferente que era desconcertante.

Tinha oito patas arqueadas, pretas e peludas, presas a um traseiro gordo como o de uma tarântula. Seu segmento superior tinha forma humana, exceto para trás, arqueando as costas para que pudesse ver. Cotovelos humanos quase tocavam suas costas voltadas para a frente, os ombros torcidos para que pudesse usá-los à sua frente. A cabeça estava arqueada para trás e de cabeça para baixo, e os seios apontavam para o céu devido ao corpo arrebitado.

Três conjuntos de olhos vermelhos em forma humana sem branco ocupavam sua testa, enquanto sua boca não tinha lábios e as gengivas expostas destacavam suas muitas presas.

— Bem, o que eu tenho aqui? — sibilou para ela com um tom feminino, abrindo e fechando a mandíbula para fazer um som de mastigação. — *Parece humano, mas não tem cheiro humano.*

— Fique bem longe de mim! — Reia gritou.

Ele rastejou para mais perto, cada uma de suas oito pernas trabalhando em momentos diferentes. Ele sorriu, mas parecia uma carranca com o rosto de cabeça para baixo, e ficava mais grotesco quanto mais perto chegava.

— Sim, definitivamente humana. — Seu corpo magro tornava a

pele ao redor de suas costelas mais oca enquanto respirava rapidamente quando ria. — Uma humana vagou pelo Véu e foi pega em meu território? — Chegou tão perto que o cabelo preto pendurado no topo de sua cabeça fez cócegas em seu pescoço enquanto olhava profundamente para ela. — Sinto o cheiro do seu medo, pedaço saboroso.

Ela tentou socá-la no rosto, mas ela se esquivou bem a tempo. Ela riu, o som semelhante a um chiado, e o som rouco provocando uma terrível onda de arrepios de nojo.

— Oh, como você vai se divertir. — Ela se abaixou com seus braços torcidos para obter uma teia do fiador pontiagudo em sua parte traseira. — Eu me pergunto com que rapidez posso fazer você gritar e chorar.

Não precisou esperar muito.

Um grito imediatamente partiu de Reia, abafado pela teia quando começou a envolvê-la nela. Ela lutou, mas durou pouco, pois a teia não pegajosa era forte e a envolveu com força para forçá-la a ficar quieta.

Uma vez que ela estava envolta em um casulo fino, ele usou suas garras para libertá-la de onde ela estava presa. Levantando-a do chão, pairando-a sob seu corpo, começou a se afastar com ela.

Reia olhou para o amuleto e a adaga no chão, seu coração trovejando e disparando.

Este não era um Demônio comum. Este não era um fraco, mas um que tinha comido muitos humanos. Ela se perguntou se o amuleto teria feito alguma coisa para protegê-la. Mas sem ele, ela sabia que não havia nada para impedi-lo de comê-la.

Uma aranha. Por que tinha que ser uma aranha? Ela não conseguia pensar em uma combinação mais aterrorizante do que um Demônio e uma aranha, e atualmente ela estava nas garras dela.

Ela a levou mais fundo em seu território coberto de teia antes de chegar a uma abertura que tinha um grande ninho de aranha parecido com uma rede. Ele pairou acima do solo e a levou até o centro para deitá-la sobre ele.

Então começou a escalar as árvores, rastejando até o dossel

acima até que seu corpo humano balançasse e subisse da maneira certa.

— Você não tem tanto medo quanto os outros. — Ela fechou os olhos enquanto seu corpo estremecia de prazer. Os pelos de suas pernas se eriçaram e vibraram, mostrando a Reia o quão extasiado estava por tê-la. — Mas ainda cheira delicioso em você, pedacinho. — Sua língua subiu para lambar seu rosto sem lábios. — No entanto, desejo uma emoção diferente de você.

O corpo de Reia doía no aperto de seus limites. Seu corpo se curvou de uma forma que não era natural enquanto sua mão permanecia presa ao tornozelo.

Ela se inclinou com os braços estendidos para a frente para segurar o rosto dela. Ela não conseguia falar com ele, sua boca coberta por uma teia, mas seu nariz livre permitia que o cheiro pungente de podridão e corpos em decomposição que saía dele revirasse seu estômago com ele tão perto.

Ela roçou o nariz contra sua bochecha em um golpe.

— Você não vai ficar triste por mim? Adoro o sabor azedo.

Reia estreitou os olhos em um brilho, recusando-se a dar qualquer coisa que quisesse. Sua boca abriu e fechou rapidamente, fazendo aquele estalo agudo.

— Não? — Ela riu. — Não há ninguém de quem você sinta falta? Ninguém que você deseja... *ver*? — Sua voz tornou-se distorcida e ecoou antes que uma sombra caísse sobre seu rosto.

Os olhos de Reia se arregalaram quando o rosto de uma figura fantasma caiu sobre o seu; um conhecido. *Mãe*?

O cabelo loiro cobria o seu próprio como um par azul e singular de olhos que olhavam suplicantemente para os dela. A imagem foi uma criação perfeita, parecendo exatamente com as memórias de sua verdadeira mãe.

— Por que? — ela perguntou a ela, os olhos de sua mãe se curvando enquanto sua voz enchia os ouvidos de Reia. — Por que você trouxe os Demônios sobre nós?

Seu coração apertou no peito. Ela tentou balançar a cabeça, para dizer não. Para dizer a *ela* que não.

— É tudo culpa sua. — A voz de sua mãe a tornou convincente, pois Reia não conseguia ver mais nada sobre o Demônio. Estava tão perto dela que bloqueava todo o resto. — Se não fosse por você, ainda estaríamos vivos.

Não! Reia fechou os olhos com força, sentindo as lágrimas se acumulando neles. *É um Demônio. Não é minha mãe.*

— Por que você não olha para mim, Ervilha doce?

Ervilha doce. Apenas seus pais a chamavam assim. *Não é ela. Não pode ser ela.* Mas como esse Demônio foi capaz de conjurar isso? Como ele sabia usar esse mesmo nome?

— Você não suporta olhar para mim por causa do que você fez?

— Reia tentou se contorcer, mas não ganhou espaço em suas armadilhas. — Você nos matou, Reia.

O meu nome? Ela abriu os olhos para encontrar o rosto de sua mãe, e estava cheio de angústia e dor.

— Você deixou que eles nos comessem. Você os trouxe para nossa casa pela vontade de sua alma. Você atrai Demônios como um mau presságio. — *É... não é minha culpa.* Não podia ser culpa dela. Ser uma precursora não era real, não era verdade. Foi apenas um rótulo que os assustados lhe deram. — Você nos matou!

Um grito miserável saiu de sua garganta e soou por seu nariz enquanto as lágrimas começaram a encher seus olhos.

— Você matou seu irmãozinho!

O rosto mudou, um garotinho, com menos de três anos, apareceu. Com cabelos castanhos, olhos verdes e um rosto coberto de sardas, seu rosto enrugado enquanto ele chorava com pequenas lágrimas caindo de seus olhos.

— Dói, Wreia, — ele choramingou. — Por que você não me protegeu?

Eu não queria! Ela não queria deixá-los morrer, não queria fazer nada. Ela ouviu seus gritos, ouviu seus gritos, ouviu-os lutando até que o som de rasgos, respingos de sangue e sucção de sangue e órgãos foi ouvido.

— Papai disse para você sempre me proteger. Mas... Mas vamos deixar que eles me comam.

Reia queria tapar os ouvidos, como fazia quando era criança, à voz dele. A dor encheu seu peito e a culpa apertou sua garganta. Um soluço veio dela quando as lágrimas começaram a cair de seus olhos e descer por suas têmporas para rolar em seu cabelo.

— Você deveria protegê-lo! — seu pai rugiu, seu rosto vermelho de raiva enquanto seu rosto se filtrava. Sua curta barba castanha clara fazia cócegas em seu nariz enquanto ele falava sobre ela. — Em vez disso, você nos trouxe a morte! Sua mãe, seu irmão, eu. Nós morreremos por sua causa.

Desculpe! Desculpe. Me desculpe!

— Ajude-nos! — sua mãe gritou quando seu rosto apareceu.

— Wreia! — Caleb chorou.

— Eu gostaria que você nunca tivesse nascido! — seu pai gritou.

— Dói!

Seus rostos e vozes fluíam, repetidamente, alcançando as profundezas de sua angústia e memórias daquela noite. Uma noite em que ela não teve medo, mas sentiu a perda deles desde então.

— Por que você não nos amava? — sua mãe perguntou com uma voz cheia de lágrimas.

Mas eu amava! Sua agitação aumentou. Eu os amava tanto. É tudo culpa minha. Eles estão mortos por minha causa. Eu os matei.

E Reia pagou o preço disso pelo resto de sua vida. Como um pária. Uma vergonha. Uma coisa para se ter medo. Sozinha. Tão só.

Ela fechou os olhos enquanto chorava, o medo cedendo lugar à dor, à perda e à dor avassaladoras. *Eu sinto muita falta de todos eles.*

Ela nunca mais conseguiu brincar com seu lindo irmãozinho do lado de fora na primavera, onde flores cresceriam em seu quintal ou vê-lo crescer de um menino bonito para um homem bonito. A casa deles estava isolada na floresta perigosa, mas sua família viveu lá por gerações segura e ílesa.

Até que Reia apareceu.

Eu os matei!

Ela sentiu a nitidez de presas raspando em sua pele enquanto uma mandíbula se espalhava por seu rosto, enchendo seus sentidos

com um hálito fétido, mas ela não conseguia abrir os olhos ou parar de chorar.

Eu quero minha família. Eu quero segurar meu irmão novamente.

Ela sentia falta da comida e dos carinhos de sua mãe, das histórias de ninar de seu pai cheias de fantasia e esperança. As risadas que sua família compartilhava ao redor da lareira. Ela perdeu tudo.

Por que isso tinha que acontecer comigo?!

O fedor desapareceu de repente antes que um baque surdo de vários galhos sendo quebrados enchesse seus ouvidos. O som forçou seus olhos a se abrirem, e através dos olhos lacrimejantes ela viu uma figura negra com um rosto branco e chifres atacando a aranha gigante.

Mas Reia não conseguia parar de chorar por sua perda e duvidar de sentir alívio, ou mesmo se preocupar que Orpheus a encontrasse.



Orpheus deu um rugido quando viu a Demônio aracnídeo com suas mandíbulas se abrindo ao redor da cabeça de Reia. Ele investiu, sua visão um vermelho carmesim.

Empurrando seu corpo inteiro com o uso de seu ombro em seu segmento traseiro carnudo, ambos caíram para o outro lado de seu ninho. Guinchando, seu corpo bateu contra o tronco grosso de uma árvore enquanto Orpheus se encontrava do outro lado de Reia.

A rede de seda não era pegajosa e permitia que Orpheus rastejasse livremente em volta dela com as mãos e as patas traseiras. Também era forte o suficiente para segurar o peso de ambos enquanto os balançava.

Ele estava em sua forma mais animalesca, suas pernas em forma de lobo com pelo longo cobrindo a parte superior do tronco, enquanto o resto dele estava coberto por mais pelo de veado, assim como uma cauda. Ossos projetavam-se de seu corpo em ângulos

agudos, enquanto nadadeiras de peixe pendiam de suas costas, cotovelos e parte de trás de suas panturrilhas em arcos altos.

Sua cabeça sempre permaneceu a mesma, nunca mudando.

Ele se virou para a humana chorando, sua cabeça torcendo para ver suas lágrimas quando ele nunca as tinha visto dela antes.

Enquanto ele levantava as garras para cortar o casulo que a rodeava, um rolo de corda foi amarrado ao redor de sua garganta e chifres e puxou-o para trás.

— É o meu jantar, Mavka, — a Demônio aracnídeo sibilou, arrastando Orpheus para trás até que ele conseguiu usar suas garras para se libertar.

Ele se virou para ela enquanto se arrastava de quatro. Ele queria libertar Reia, mas entendeu que tinha que lutar contra o Demônio primeiro.

— Minha — Orpheus rosnou em resposta, abrindo suas mandíbulas para mostrar o comprimento e a nitidez de suas presas em advertência e ameaça.

O quão perto ele esteve de perder Reia era de revirar o estômago.

Quando ele voltou para sua casa depois de buscar água para ela, exultante com as lembranças dela de antes, uma dor perfurou seu coração quando ele soube que ela havia partido.

Mágoa e raiva fizeram com que aquelas mãos invisíveis apertassem seu cérebro dentro de seu crânio com tanta força que ele instantaneamente se transformou em seu estado mais agitado bem no meio de sua casa.

Ele mal conseguiu passar pela porta, ouvindo-a gemer e ranger sob pressão quando se lançou para fora. Seguindo seu cheiro, a sensação de uma caçada, de sua fome sendo satisfeita no final dela, acelerou seus passos largos.

Seu desejo de protegê-la caiu para a excitação da perseguição e o desejo de consumir carne e sangue. Se Orpheus tivesse sido o único a pegá-la, se ele a tivesse encontrado correndo, ele duvidava que ela teria sobrevivido a seu ataque cheio de garras e presas.

Mas seu perfume de sabugueiro e rosa havia desaparecido do

chão quando ele encontrou apenas o amuleto e a adaga que ela havia levado.

A raiva por sua presa ter sido tomada por outro mergulhou na carne mole de seu cérebro enquanto o medo de que Reia fosse embora também agarrou sua garganta.

Sua mente não estava sã. Seus pensamentos estavam confusos entre seu desejo de consumir e a pressão de querer proteger, e eles o puxavam de ambos os lados.

Orpheus estava perdido no caos interno.

Suas doces lembranças dela que ele nunca obteve de outra oferta era a única costura dentro dele que não permitia que sua fome vencesse. Se ela fosse como as outras, ele não teria tentado libertá-la de seu casulo. Ele a teria mordido antes mesmo que o Demônio aracnídeo tivesse a chance de colocar um chicote em volta de sua garganta.

Ela estaria tentando lutar pelas partes restantes do cadáver quando Orpheus caiu de fome, comendo enquanto lutava por sua refeição.

Mas as memórias fugazes de seu sorriso, seus olhos nele, e sua bugiganga pendurada acima de sua cama, lutaram contra as mãos agarradas dentro de seu crânio. O gosto de sua pele, sua excitação, fez sua boca salivar por aquele aroma tanto quanto sangue. E sua linda voz dizendo seu nome, sua risada e seus gemidos de prazer quando ela gozou, aliviou a tensão em seus músculos.

Ele estava faminto, mas seu desejo de protegê-la aumentou quando a encontrou prestes a ser comida por outro.

— A humana estava em meu território, — ela sibilou, seu rosto sem lábios se contorcendo em fúria enquanto sua boca se abria para revelar suas próprias presas. — Eu fico fora de sua casa, Mavka.

Orpheus recuou para ficar acima de Reia enquanto a Demônio começou a andar para trás até o lado da árvore para que ela pudesse se pendurar por cima. Isso fazia com que seu corpo para trás parecesse ereto, e seu cabelo preto caía sobre os ombros, em vez do topo da cabeça.

— Não toque! — ele rugiu.

— Oh? — Seus três pares de olhos vermelhos se arregalaram,

antes que ela começasse a dar uma risadinha sibilante. — É uma dos seus brinquedinhos? — Ela rastejou sobre o dossel coberto de teia acima, ficando fora do alcance dele, a menos que ele pulasse. Ele teria se não fosse pelo fato de que ele poderia pousar em cima de Reia quando ele voltasse para baixo. — Que lamentável. Quanto tempo vai demorar até você comer esta?

A agonia rodou em torno de seu coração enquanto um gemido leve chacoalhava o fundo de seus pulmões.

— Não, — ele exigiu.

Ele *não* queria que Reia acabasse como as outras.

— Eu posso ver o quanto você não quer, — ela riu, movendo-se acima dele até que ele teve que se virar para encará-la. — Fugiu de você. Ela *odeia* você.

Orpheus rosnou em resposta, sua raiva aumentando, mas misturada com tristeza. Ela estava certa. Reia havia fugido de Orpheus, como muitos outros.

Ele já havia sentido isso antes, esse gosto frio de tristeza. Orpheus começou a gostar de um humano apenas para ele ir embora por causa de seu desgosto por ele. *Reia é o mesmo?* Será que as coisas terminariam como eram há muito tempo?

— Ela deixou você, Mavka. — Sua cabeça virou para olhar para o rosto de Reia. — Eu vejo suas memórias. Estava sempre planejando deixar você. — O Demônio virou seu rosto sorridente de volta para Orpheus, seus olhos vermelhos se curvando com humor desagradável. — Você não será capaz de mantê-la.

Aquele redemoinho de tristeza tomou conta, e ele estava cheio de desesperança como uma dor constante em seu coração que ele manteve por eras. Sua visão mudou para um azul tão profundo que fez tudo parecer mais escuro e solitário, como se um véu tivesse sido colocado sobre seu rosto.

— Vai acabar como *ela*.

Sua visão se voltou para Reia para descobrir que seus olhos verdes ainda estavam cheios de lágrimas, mas arregalados enquanto ela olhava para ele. Orpheus estremeceu ao colocar a mão no topo de sua cabeça para cravar suas garras. Parecia que seu crânio estava

rachando sob a pressão de sua mente, a Demônio alcançando suas mais profundas incertezas, dúvidas e medos.

Ela nunca vai me querer.

Por que Orpheus estava empenhado em encontrar uma companheira, até mesmo uma noiva, quando sempre terminava em tragédia? Os humanos, *esta* humana, nunca iria gostar dele. Não importa o que ele fizesse, o que ele tentasse, ele iria perdê-los de uma forma ou de outra.

— Sinto sua culpa. — A voz da Demônio ficou mais suave. Havia quase uma dica reconfortante e carinhosa, como se ela se importasse com Orpheus, apesar de ser nada mais do que uma manipulação cruel para conseguir o que queria. Ele sabia disso, mas era difícil ignorar porque era a primeira vez que *algo* realmente falava tão gentilmente com ele. — Você não quer comê-los. Você não quer prejudicá-los, mas não pode deixar de derramar o sangue deles.

Os rostos começaram a cintilar sobre os da Demônio, mostrando a ele cada humano que ele havia perdido nos últimos cento e oitenta anos, com um filtro adicional entre cada um deles. Aquele rosto, repetindo-se quando os outros não, era para garantir que ele se sentisse oprimido pela perda, pela dor.

Perdido. Todos eles se foram. Todos eles perderam... por causa dele. Mortos por causa de suas ações, porque ele os trouxe aqui. *Perdidos.*

— Esta humana não será diferente. — Ela apontou uma garra para Reia. — Por que carregar a memória de você comendo isso? — Então ela se atreveu a chegar um pouco mais perto, sua voz ainda mais suave. — Me dê isto. Eu vou puni-la por deixar você. Vou tirar essa culpa para que você possa tentar novamente.

O vermelho brilhou em sua visão, brilhante e perigoso como sempre.

— *Não!* — ele rugiu, fazendo-a recuar.

Ela estava tentando entrar em sua cabeça, tentando agarrar-se às amarras de sua dor para ter sua refeição. Ela era a Demônio Aracnídeo da Tristeza.

Orpheus não permitiria isso!

Ele girou para Reia abaixo dele e cortou suas garras. Seu casulo se partiu, deixando apenas alguns fios que ele arrancou cuidadosamente com a outra mão.

— Ela é minha! — Ele saltou para frente, longe de Reia, para agarrar um dos braços pendurados da Demônio.

Ambos caíram com a aranha em cima dele antes de rolarem na rede. Ele quicou, seguido pelas vibrações que vinham de onde Reia estava enquanto ela se movia agora que estava livre.

A Demônio gritou quando rasgou suas garras na parte de trás de seu torso humano antes que ela fugisse dele em suas oito pernas. Sangue roxo escorria dela em gotas pesadas enquanto ela corria para frente com suas garras à mostra para atacá-lo.

Um espigão saiu rapidamente de onde estavam as fiandeiras e ela curvou o corpo, erguendo-se nas quatro patas traseiras enquanto as quatro dianteiras se erguiam ao redor dele enquanto ela atacava.

A ponta apunhalou seu lado e ele sentiu a corrente fria de um líquido entrar em seu corpo.

Apesar de suas intenções, ela se colocou ao redor dele onde Orpheus foi capaz de abrir a boca e colocá-la onde seu segmento de aranha encontrava a parte humana. Ele mordeu, suas presas cortando profundamente, enquanto se debatia embaixo dela para rasgar suas garras em qualquer parte da carne que pudesse.

Ele não se importava com a própria dor que ela tentava infligir.

Ela gritou, correndo suas próprias garras em seu peito, antes que ele conseguisse agarrar seu pescoço com uma mão enquanto seus pés de patas pressionavam contra sua aranha atrás. Ele começou a puxar, roendo os dentes ao mesmo tempo.

— Isso dói! — ela gritou. — Pare! Isso dói!

Sangue rico e de gosto ruim entrou em sua boca, mas ele se recusou a parar. Ele se recusou a parar até que tivesse aberto caminho o suficiente através da difícil seção entre humano e aranha, até que ele fosse capaz de empurrar sua metade inferior para longe enquanto puxava a parte superior de seu corpo.

O som úmido de pele e músculos rasgando encheu seus ouvidos quando ele a rasgou ao meio e separou seu corpo.

Ele jogou os pedaços longe dele, bufando profundamente enquanto voltava para suas mãos e patas.

As oito patas estremeceram no ar enquanto sua metade da aranha estava deitada de lado, contorcendo-se. A metade humana usava suas mãos para rastejar enquanto ela chorava e gargarejava, a vida desaparecendo lentamente dela. Arfando com sibilos terríveis, sangue roxo manchou o ninho enquanto ela se movia.

Em seguida, a metade superior caiu para a frente, sangrando de seu torso rasgado enquanto o sangue escorria de seus dentes.

Um turbilhão de emoções girava como um ciclone dentro de Orpheus. Ele estremeceu e tremeu, enquanto a dor de seus ferimentos queimava através dele quase com a mesma intensidade.

E Reia se foi.

O vermelho brilhou mais fundo em sua visão, e ele saltou na direção que ela tinha ido. *Perseguindo- a. Caçando seu cheiro.*

Minha! Ela era sua humana! Sua oferta! Dele para tocar, dele para ver, dele para *comer*.

Ele era desumano. Ele nunca poderia ser humano. Então, por que uma humana o desejaria? *Mas eu a quero.* Todo tipo de fome dentro dele a queria. Seu desejo, sua solidão, sua necessidade de carne e sangue.

Ele era um monstro. Todos o chamavam de um. Ele era um pesadelo para eles.

O cheiro dela ficou mais forte quando ele se aproximou e o som de folhas esmagadas sob passos rápidos, mas leves, disse a ele que ela estava correndo.

Orpheus deu um rugido com as presas abertas, a perseguição enviando uma emoção elétrica e excitação através dele. Aquelas mãos apertaram seu cérebro, e ele ofegou. Sua visão ofuscante enquanto pulsava para dentro e para fora.

Ele estava tão perto que podia ouvi-la ofegar com seu rugido, sabendo que ele devia estar vindo para cima dela. Ele era sua morte, sua perdição.

Então ele a viu. Reia parou e virou-se para ele bem a tempo de ele investir contra ela.

Ela bateu contra o chão, mas sua parada impediu que suas garras a rasgassem, em vez disso, encontraram o ar em suas costas. Sua mandíbula estalou e estalou enquanto ele a abria rapidamente, sua cabeça recuando para abrir espaço enquanto ele pairava sobre ela.

Assim que ele mergulhou a cabeça para frente para afundar suas presas em torno de sua cabeça para um golpe rápido, ela se abaixou ao mesmo tempo, fazendo com que ele a perdesse. Um grunhido crepitante e úmido foi alto até mesmo para seus próprios ouvidos.

— Orpheus! — ela gritou, envolvendo os braços em volta do pescoço dele para enterrar o rosto contra o monstruoso peito coberto de pelo dele.

Ele congelou. O nome dele e o abraço apertado dela romperam a névoa que nublava sua mente da perseguição.

— Desculpe! — Ela começou a soluçar, o sal de suas lágrimas enchendo seu olfato enquanto ela arfava seu peito contra ele. Suas unhas cravaram no longo pelo ao redor de seus ombros enquanto se cravavam em sua carne. — M-muito obrigada por me salvar.

Ele não sabia o que fazer. Suas emoções ainda eram muito caóticas, seus pensamentos ainda descontrolados. Ele ainda poderia atacá-la. Ele ainda poderia machucá-la.

Eu quase a comi. Uma parte dele ainda queria.

— Reia, — ele avisou enquanto colocava a mão em volta do ombro dela para puxá-la para longe dele. Ele precisava de espaço para se acalmar. Ele ainda estava em um estado altamente agitado.

Ela balançou a cabeça enquanto o apertava com mais força.

— Eu sinto muito. Eu fui tão estúpida. Eu n-não devia ter ido embora.

Sua cabeça disparou para o lado quando ouviu o estalo de um galho fino no chão.

Precisamos ir. Demônios caíam sobre esta área logo ao sentir o cheiro do sangue do aracnídeo— e ele atualmente tinha uma humana em sua vizinhança.

— Nós temos que ir, — ele disse a ela, tentando pegar suas mãos e patas para fazê-la ir. Então ele se levantou, capaz de ficar de pé

sozinho com as patas, embora isso dobrasse seu corpo de modo que seus braços caíssem para a frente.

Ela continuou agarrada a ele até ficar pendurada no ar, antes de deslizar as pernas em volta da cintura dele para ficar presa.

Ele ouviu mais farfalhar e sabia que eles estavam ficando sem tempo. Orpheus envolveu-a firmemente com um braço e começou a correr, ocasionalmente inclinando-se para a frente para se equilibrar com a mão livre.

Seus olhos eram de um vermelho diluído, o medo pela segurança dela fazendo com que parecesse mais branco do que o normal. *Ela não está usando o amuleto.*

Ele correu para sua casa, precisando colocá-la dentro do círculo de sal protetor lá. Ele precisava dela segura.

TREZE

Reia soluçou enquanto Orpheus a carregava pela floresta.

Ela sabia que eles estavam indo rápido pelo frio do ar cortando sua pele, mas o calor que ele emitia mantinha os arrepios sob controle. Ela podia ouvir o farfalhar de movimento ao lado deles, como se algo, ou várias coisas, os estivesse seguindo.

Orpheus rosnou antes de pular para o lado com o som agudo de suas mandíbulas estalando no ar. Um aviso. Ele sabia que eles estavam sendo seguidos tanto quanto ela.

— Dê-nos o humano, Mavka. — Ela ouviu de sua esquerda.

— *Alimente-nos!* — Desta vez veio da direita, uma voz diferente dizendo a ela que era um segundo.

Ele correu mais rápido do que eles podiam acompanhar, e eles rapidamente ficaram para trás.

Ela não conseguia parar de chorar, não conseguia parar de se agarrar a ele, não ousando deixá-lo ir ou espreitar a cabeça para ver os Demônios apesar de não ter medo. Ela confiava nele. Confiava que ele a protegeria.

Ela não sabia há quanto tempo ele estava correndo, mas a única razão pela qual eles se separaram foi porque suas pernas desmoronaram e eles caíram de lado no chão. Um suspiro rasgou através dela, e seus braços se soltaram de choque quando ela bateu contra a terra.

Ele tentou protegê-la envolvendo sua enorme mão em torno de sua cabeça quando eles atingiram o chão, mas ela saltou para longe dele depois que eles caíram.

— Orpheus? — ela perguntou em meio às lágrimas, ficando de joelhos quando viu que ele estava tentando fazer o mesmo.

Ele parecia fraco enquanto seus braços tremiam antes de desmoronar.

O que há de errado com ele?

— Entre... dentro do círculo. — Ele apontou para a frente para mostrar a ela que eles estavam quase dentro dele.

Ela podia sentir as trilhas molhadas de suas lágrimas secando

contra sua pele enquanto elas ardiam levemente com o sal delas. Ela não queria nada mais do que estar dentro do círculo, sentir-se protegida por ele, mas Reia correu até ele quando parecia que ele não conseguia se levantar enquanto tentava com todas as suas forças rastejar lentamente para frente.

— O que você tem? — Ela agarrou seu pulso e puxou-o para que ele pudesse se aproximar.

— Veneno, — ele ralhou.

Seu coração se apertou em seu peito enquanto mais lágrimas começaram a se acumular e cair em gotas pesadas. *É tudo culpa minha.* Ele foi ferido por causa dela. *Eu não deveria ter corrido.*

— Você vai morrer? — ela gritou, puxando-o com toda a sua força apenas para fazê-lo escorregar alguns centímetros para frente.

Eu serei a razão pela qual ele será morto? Assim como com a família dela? Reia sentiu um puxão de dor em seu coração, não querendo que Orpheus morresse mais do que qualquer coisa. Ele tinha sido legal com ela; ele não merecia isso. Ela não podia perder mais ninguém. Ela não podia perder alguém de quem ela... ela se importava.

Ela nem pensou no fato de que morreria sem ele e sua proteção. Apenas a preocupação com a vida dele importava para ela naquele momento. Ela o puxou novamente para levá-lo para mais perto da casa.

Ela sabia que os Demônios tentariam comê-lo se ele ficasse fora do círculo, sabia que eles comiam uns aos outros tanto quanto humanos e animais.

— Não, — ele murmurou, ajudando-a a arrastá-lo para frente uma última vez, bem na frente do círculo de sal, antes que ele desmaiasse. — Dormir.

Seus orbes escureceram lentamente para significar que estavam 'fechados'.

O fato de ele ter dito que só estaria dormindo a tranquilizou, mas ele era tão malditamente pesado quanto uma forma flácida. Seus pés escorregaram no chão enquanto ela o puxava até que seu braço estivesse sobre o círculo de sal, então alguns segundos depois sua

cabeça, então seu torso enquanto ela continuava a arrastá-lo pouco a pouco.

O medo a invadiu quando uma figura negra caiu no chão atrás deles. Não havia tempo para ela ficar triste, não quando ele começou a se aproximar com suas patas de três dedos. Tinha o corpo de um pássaro com pequenas asas que não voavam batendo enquanto mergulhava. Sua cabeça era quase humana com uma boca larga de presas.

Oh merda, oh merda! Reia puxou com mais força e mais rápido, centímetro por centímetro, trazendo Orpheus para além do círculo de sal. *Quase lá, quase lá!*

Ele foi desnudar seu pé de três dedos na perna dele assim que ela conseguiu o resto dele. Ela caiu para trás, seu peito subindo e descendo em respirações rápidas enquanto olhava para o Demônio do outro lado.

— Sinto o cheiro do seu medo. — Ele lambeu os lábios com uma longa língua roxa, lambendo parcialmente o resto do rosto também. — Medo de morrer, humana gostosa?

Mas Reia não temia por si mesma, ela temia por Orpheus que estava inconsciente.

— Foda-se! — ela gritou, pegando uma pedra do chão e lançando-a no rosto do Demônio.

Sua cabeça virou para trás, bem quando outro Demônio correu direto para ela da direita e colidiu com uma parede invisível. Ele bufou, desorientado, antes de cair para o lado em transe.

O primeiro deu um grito de pássaro, lamentando, antes de dar um passo à frente enquanto abaixava o corpo em uma posição mais espregueada.

Atravessou o círculo!

Seus olhos se arregalaram e ela se arrastou para trás quando ele pisou em cima da perna de Orpheus. Ela baixou os olhos para o círculo para ver que o havia perturbado arrastando o corpo dele e, ao fazê-lo, concedeu-lhe acesso.

De pé de costas, ele bateu as asas para ela.

— Vou comer você primeiro e depois o Mavka! — Ele deu um

guincho alto antes de pular para ela, e Reia se levantou.

Ela viu outro Demônio menor correr de cabeça para o círculo de sal pela esquerda. Ele bufou e depois arranhou-o, fazendo ruídos animais como se não tivesse nenhuma humanidade nele.

Correndo para a casa, ela chegou à varanda antes que o Demônio pudesse alcançá-la. Ele gritou, batendo as asas inutilmente, antes de pular e bater na barreira que atravessava os degraus. Com as costas pressionadas contra a porta, seus olhos se voltaram para as bugigangas penduradas em cada canto da varanda que percorriam toda a extensão desta parede da casa.

— Humana inteligente e gostosa — elogiou. — Mas quanto tempo até entrarmos sem ele?

Seu olhar caiu sobre Orpheus, ainda deitado indefeso no chão. Os outros Demônios ainda não haviam descoberto o ponto fraco e estavam batendo na barreira invisível. Seus olhos vermelhos vagaram sobre os outros Demônios antes de se virar para Orpheus.

Reia correu para dentro de casa.

Uma arma, eu preciso de uma arma! Ela correu para a mesa de jantar e teve que pular parcialmente para alcançar o meio e pegar uma adaga.

Quando ela a segurou, não pôde deixar de pensar que parecia muito pequena em sua mão. Depois de ver dois Demônios de perto, um tão grande que refletia a altura assustadora do Caminhante do Crepúsculo e o outro parecido com um pássaro, semelhante ao dela, ela não pôde deixar de pensar que tinha sido tola ao acreditar que poderia ter se protegido com uma mísera adaga.

Ele disse que tinha uma espada em seu quarto. Ela jogou a adaga sobre a mesa e correu para a área de dormir dele.

Sem hesitar, ela abriu a porta. Ela se encolheu com o que viu quando uma onda de seu cheiro reconfortante flutuou sobre ela. Parecia... normal.

Havia uma cama grande que poderia acomodar perfeitamente dois dele contra a parede do fundo no centro com duas mesas laterais colocadas em cada lado dela. No chão havia peles, enquanto outras haviam sido costuradas para criar cortinas que pendiam do lado em

um trilho na longa janela para bloquear a luz. Havia um guarda-roupa e uma cômoda contra a parede oposta à janela.

Ela não sabia o que estava esperando. Talvez um ninho de galhos com peles no meio para amortecê-lo, mas era como um quarto normal.

Seus olhos viram algo brilhando no canto. Ela disparou para as várias espadas que viu e agarrou uma que parecia ser uma espada curta, já que ela percebeu que seria melhor manejá-la do que as outras.

Reia então correu de volta para fora, sufocando um grito quando viu o Demônio morder o lado de Orpheus. Levou um pedaço dele enquanto ela gritava e balançava a espada para o lado.

Ele saltou, batendo as asas para evitá-la. Ela o perseguiu pelo pátio, brandindo descuidadamente sua espada de qualquer maneira que pudesse para atacá-lo. Ele guinchou e grasnou enquanto recuava, saltando para avançar antes de se esquivar novamente. Ela se recusou a dar espaço enquanto atacava sem nenhuma habilidade ou treinamento.

Suas costas encontraram a barreira invisível, interrompendo instantaneamente seu progresso, e permitiu a ela a abertura que ela precisava para cortar profundamente em seu lado. Ele gemeu, contorcendo-se desesperadamente para se libertar, mas a pressão da parede e sua espada o impediram de se mover quando ela começou a golpeá-lo. Mais e mais, Reia balançou. A lâmina cravou-se novamente em seu lado, depois em seu ombro, depois em sua asa enquanto tentava se proteger.

Só quando estava chiando no chão ela começou a esfaqueá-lo de cima até ficar sem vida. Dando um grito de guerra, ela o esfaqueou na cabeça para garantir que permanecesse morto, pois não sabia se iria curar ou não.

Escorria sangue pútrido e com cheiro ácido, e ela estava coberta por ele.

Suas mãos tremiam com o que ela tinha feito, mas ela não podia permitir que seu trauma se acalmasse.

Outro Demônio voou para a borda do círculo de sal. Era pequeno, tinha apenas dois braços que usava para andar, e sua forma

era nojenta, pois não tinha torso nem pernas.

Ainda segurando a espada, ela correu para Orpheus e o arrastou em direção à casa, precisando levá-lo para dentro onde ele estaria seguro, onde ambos poderiam estar seguros. Ela sabia que Orpheus estava sangrando muito devido ao rastro de sangue atrás dele.

Os Demônios estavam se movendo, mas o de tamanho médio rastejava ao redor do círculo com determinação, farejando o chão enquanto tentava descobrir uma maneira de entrar, com seu focinho robusto.

Ela nem sabia que havia encontrado o ponto fraco na barreira até que a agarrou pelo tornozelo e a puxou enquanto ela arrastava Orpheus pelos degraus da varanda.

Garras cortaram sua panturrilha, e ela balançou quando ele a virou. A espada se enterrou em seu lado, fazendo-o ganir e pular para trás.

Ela sabia que tinha que lutar antes que pudesse colocar Orpheus lá dentro.

Mancando, Reia andava em círculo enquanto ele a perseguia. O Demônio parecia esperar para atacar, o que tornava tudo ainda mais aterrorizante. Era senciante o suficiente para pensar em encurralá-la? Não disse nada a ela, mas estava latindo e espumando pela boca. Seus olhos vermelhos estavam cravados nela, sem vontade de removê-los de sua presa.

Ele saltou para a frente para atacá-la. Ela esfaqueou para cima ao mesmo tempo e empurrou a espada em seu peito de uma só vez. Ele arranhou seu ombro antes de ganir mais uma vez.

Ele ganiu e rasgou o peito de dor. Quando ela correu para atacar, ele ganiu mais alto e fugiu com o rabo entre as pernas. Ela quase quis rir. O Demônio tinha medo *dela*, de sua lâmina afiada e pontiaguda.

Ela voltou para Orpheus, arrastando-o escada acima lentamente, tendo apenas que parar ocasionalmente para apresentar sua espada ao Demônio ferido antes que ele fugisse.

Ele não queria morrer, mas claramente a queria enquanto

balançava na beirada dos degraus da varanda.

Ela teria descansado no topo da escada, sabendo que ele estava seguro, mas ela pensou que se parasse de se mover, ela desmaiaria permanentemente. Reia arrastou-o, pouco a pouco, até ao quarto.

— Por que você é tão malditamente pesado! — Ela gritou enquanto tentava empurrá-lo para a cama.

Depois de várias tentativas, ela conseguiu prendê-lo o suficiente para jogar cada um de seus membros no colchão. Ele estava deitado de bruços, parcialmente de lado, mas finalmente estava lá - um lugar onde poderia descansar.

— Este foi o dia mais estressante da minha vida.

Ela se sentou no chão com os joelhos no peito, de frente para a cama dele com as pontas dos dedos cravadas em sua testa.

Por algum tempo, Reia ficou sentada ali, sentindo o ardor nas pernas e nos braços cansados enquanto tentava acalmar a respiração. Levou muito tempo para ela perceber o fedor de sangue de Demônio nela, e ela sibilou quando tocou seu ombro para examinar seu ferimento.

Ela olhou para o sangue nas pontas dos dedos, preocupada por ter colocado sangue de Demônio em seu ferimento e infeccionar.

Quase morremos.

Ela queria lavar o cheiro e a evidência do que acabara de passar. Reia dirigiu-se à mesa de jantar onde vira o grande balde de água que ele lhe arranjava.

Depois de pegar um balde menor e mergulhá-lo dentro para enchê-lo, ela o carregou para o banheiro, tirando o vestido manchado de sangue de onde grotescamente grudava em sua pele, o desejo de vomitar secando seu diafragma. Sentada dentro da banheira, ela usou um pano para enxugar o corpo nu, mergulhando-o na água antes de torcê-lo.

Demorou muito para limpar o corpo o suficiente para ficar satisfeita, esfregando nela o óleo que Orpheus costumava usar para ajudar a lavar a pele. Ele encharcou sua carne, ajudando a apagar o cheiro. Ela sabia que acabara de apagar o feitiço de Orpheus, mas não se importava.

Ela esperava poder fazer o feitiço sozinha, que talvez ele tivesse mentido para ela e só quisesse tocá-la. A simpatia pelo pensamento a invadiu; que talvez ele só quisesse tocar porque se sentia sozinho.

A culpa também agarrou fortemente sua garganta, recusando-se a aliviar ou se afastar. Ela fugiu e agora ele foi ferido e forçado a dormir.

Por que eu fugi mesmo? E-ele não é tão ruim assim.

Os gritos de Reia ecoavam nas paredes enquanto ela enxugava a pele com o óleo. Este tinha sido um dia traumático, para qualquer um, mas especialmente para alguém que nunca quis ser colocado nesta posição para começar.

Eu sou tão estúpida.

Suas lágrimas não pararam quando ela rasgou um dos vestidos para enfaixar o tornozelo e o ombro antes de pegar outro balde de água, deixando muito pouco para trás, para que ela pudesse levar para ele.

Colocando o balde e o pano no chão, ela cortou a camisa dele com uma adaga, grata por ele não estar usando seu casaco grosso que teria sido mais difícil de cortar.

Pouco a pouco, enquanto ela cortava a camisa de manga comprida de seu torso, ela revelou seu corpo. Talvez, no começo, ela tivesse ficado perturbada com o que viu, mas sua mente mal se importava com suas diferenças enquanto ela procurava por suas feridas para que pudesse limpá-las e enfaixá-las.

Ele estava coberto de pele cinza-escura da ponta dos dedos até a parte inferior do bíceps, onde o pelo curto e preto, semelhante ao do veado, brotava de sua pele, crescendo em comprimento como o de um pelo de lobo em volta dos ombros, na parte superior das costas, tórax e pescoço. Seu peito era largo e forte, o pelo de veado voltando logo acima das curvas de seus músculos peitorais e mamilos pretos. Em seguida, tornou-se a pele cinza-escura mais uma vez, espalhando-se sobre um abdômen e quadris de forma muito humana, sua cintura dobrando um pouco mais do que o normal.

Mais pelo curto estava presente no centro de seu estômago em uma faixa de seu peito, sobre seu umbigo e depois até seus quadris,

onde crescia antes de desaparecer atrás de suas calças.

Suas costelas brancas estavam expostas e fora de sua carne, em vez de escondidas sob ela como a dela. Elas emolduravam seu peito antes de circular pelas costas, onde ela também podia ver cada vértebra de sua coluna.

No entanto, barbatanas parecidas com peixes pendiam frouxamente da parte de trás de seus braços até os cotovelos, cobrindo-os em uma ponta que balançava quando era dobrada. Elas também vinham parcialmente dos segmentos de sua coluna, correndo em uma linha que fazia parecer que ele tinha seis barbatanas nas costas por cima dos ossos da coluna. A primeira era mais curta que a segunda, que era a mais longa, antes de ficarem menores nas costas.

Além do osso branco saliente de sua coluna, a parte inferior das costas parecia em forma humana.

Ele era diferente, muito diferente, e não era de admirar que ele sempre se escondesse atrás de roupas ao redor dela e de outros humanos quando caminhava para as aldeias.

Ela imediatamente começou a trabalhar no pedaço de mordida em seu lado, empurrando a mão por baixo dele para envolver seu torso. Também ajudou a cobrir o buraco que ela podia ver em seu outro lado, onde a aranha Demônio deve tê-lo esfaqueado com seu veneno. A última ferida estava sobre seu peito, o sangue escorria por seu pelo de marcas de garras, e ela enrolou suas bandagens improvisadas ao redor de seu ombro e peito para mantê-lo no lugar.

Ela o limpou o melhor que pôde para se livrar do sangue. Algumas cheiravam mal, mas a maior parte cheirava a ele com um sabor metálico.

Assim que ela terminou, Reia lavou as mãos e o deixou em paz, desejando que ele não estivesse deitado nas peles para que ela pudesse cobri-lo.

Ela estava exausta, tanto física quanto emocionalmente.

Deitada em sua cama, ela se esforçou ao máximo para dormir. Era intermitente e eventualmente perturbado pelo raspar de garras raspando do lado de fora da casa, seguido pelo barulho de passos por cima dela.

— Nós sentimos seu cheiro aí, humana — Ela ouviu bufando perto da janela e fechou os olhos com força, puxando o cobertor sobre a cabeça para se esconder. — Saia, saia, onde quer que você esteja.

O som de uma língua se seguiu, antes de raspar suas garras na parede externa novamente.

— Você só tem até que a proteção desapareça, — outro riu. — Quanto tempo até termos você?

Reia tentou não ter medo, mas quanto mais vinham, rastejando pela casa e falando com ela, dizendo-lhe como ela cheirava bem, como eles iam se divertir arrancando suas entranhas, mais ela sentia isso penetrando em seu coração.

Ela passou a primeira noite sozinha, tentando ao máximo dormir e só conseguindo algumas piscadelas. Quando amanheceu, ela fez bijuterias trêmulas enquanto ouvia as risadas e ameaças ficando mais persistentes. Uivos, gemidos, lamentos e o bater de ossos preencheram o resto do silêncio.

Mais estavam chegando a cada hora. Ela sabia que devia haver um pequeno enxame deles fora das paredes de madeira.

Sem retirar as velhas mas vendo que começavam a murchar desde que as tinha colocado ali, Reia pendurou duas delas nos cantos do alpendre, mas recusou-se a aproximar-se muito do exterior. Ela não sabia onde ele colocara as outras, mas tinha a sensação de que era do outro lado da casa e se recusou a passar pela varanda para colocá-las ali.

Não havia comida lá dentro, mas ela bebeu a pouca água que lhe restava. Então Reia se enrolou em sua cama, cobrindo a cabeça com as peles enquanto segurava a espada que usara para proteger Orpheus do lado de fora.

— O cheiro humano é tão fresco, tão convidativo. Rasgar sua pele vai ser tão *bom*. Você vai gritar?

Eles sempre rondavam o quarto em que ela estava, e ela sabia, sem dúvida, que Orpheus não havia mentido. Seu feitiço se foi e permitiu que eles a cheirassem. Se ela estava em seu quarto, eles pareciam pairar lá. Se ela estivesse na cozinha ou no banheiro, eles a seguiam.

Ela queria se esconder dos Demônios, para se sentir segura.
Apenas uma solução me veio à mente.

Reia não hesitou.

QUATORZE

Orpheus acordou sobressaltado. Sua visão se iluminou para que ele pudesse ver enquanto estava quase deitado de bruços.

Onde estou? Ele olhou em volta e imediatamente soube que estava em seu quarto de dormir no cenário familiar. *O que aconteceu?* Ele duvidava que tivesse a resposta para isso simplesmente pensando nisso.

Branco entrou em sua visão quando seus músculos ficaram tensos.

Onde está Reia?

Ele não sabia como chegou aqui, ou porque estava dormindo. Tudo o que ele sabia era que ela já havia fugido antes. *Ela saiu enquanto eu estava dormindo?*

Algo se moveu sob seu braço e lado, impedindo-o de ficar de pé para encontrá-la. Ele levantou o braço para olhar por baixo dele, assim quando a forma se mexeu e virou de costas quando ele deu espaço.

— Reia? — ele perguntou, o amarelo entrando em sua visão enquanto a confusão tomava conta dele.

Ele podia ver que ela estava segurando uma espada com as duas mãos enquanto ela estava na cama na frente dela. Ela estava descansando com ele, debaixo dele e das peles, enquanto ele estava em cima delas. Ele não conseguia entender o porquê.

— Você finalmente acordou, — ela afirmou suavemente, sua voz crepitante e quebrada. — Você está dormindo há dois dias.

Tanto tempo? Mas isso ainda não respondia às muitas outras perguntas que ele tinha.

— Por que... — ele começou, sem saber se queria fazer a pergunta que tinha, caso isso a fizesse sair. Ela parecia tão quente, tão macia ao lado dele. — Por que você está aqui comigo?

Ela estava olhando para ele enquanto ele estava apoiado em sua mão do outro lado dela, apenas se apoiando o suficiente para dar espaço a ela. Ele quase quis se deitar para que ela não pudesse escapar.

— Os Demônios estão arranhando as paredes e tentando entrar,

— ela disse a ele. Ele notou que ela parecia pálida, tinha manchas escuras sob os olhos e seu cabelo geralmente brilhante era um ninho de nós. — Eles podiam sentir meu cheiro. Achei que ajudaria se eu me deitasse embaixo de você para esconder meu cheiro, como você fez quando me trouxe aqui sob sua capa. — Então seus olhos piscaram ao redor do quarto, quase como se ela não pudesse olhar para ele, enquanto ela dizia: — E eu me senti mais segura ao seu lado.

Ela se sente segura comigo? Suas palavras trouxeram à tona as batidas que ele podia ouvir em sua janela. As cortinas que normalmente eram deixadas abertas, estavam fechadas, e ele sabia que ela devia tê-las fechado para não ter que olhar para os Demônios rastejando do lado de fora da casa.

Ele podia ouvir e cheirar muitos, mas eles estavam espalhados em vez de atacar em torno de seu quarto. Ela estava certa. Ela havia escondido o pior de seu cheiro usando o corpo dele para protegê-la.

— Como eu cheguei aqui? — A última coisa de que se lembrava era de desabar do outro lado do círculo de sal.

— Eu trouxe você aqui. — Ela largou a espada e voltou-se mais para ele. — E você é fodidamente pesado, a propósito. Levei uma eternidade.

Orpheus riu, sabendo que ela estava absolutamente certa. Ela era uma pequena mulher humana. Ela deve tê-lo arrastado pelo chão, já que ele duvidava que ela fosse capaz de carregá-lo. O fato de que ela tinha era incrível.

Suas emoções e mente caóticas anteriores estavam calmas depois de ter dormido por tanto tempo, mas não impediu sua decepção por ela ter fugido. Ele havia perdido sua chama de esperança. No entanto, ela deitar ao lado dele, contra ele, dizendo que se sentia segura com ele, trouxe alegria e alívio.

— Você está bem? — ela perguntou enquanto avançava para tocar seu peito.

Os olhos de Orpheus escureceram quando ele a sentiu arrepiar o pelo da parte superior de seu peito. A sensação dos leves toques de suas pontas dos dedos acariciando os ossos salientes de sua caixa torácica enviou uma vibração de prazer através dele.

Sua visão voltou a ficar branca. Ele olhou para baixo, vendo que ela estava tocando seu corpo diretamente e não se afastando dele.

— Minha roupa? — Ele olhou mais para baixo para ver que ainda estava de calça, mas não tinha estado na presença de um humano sem proteger seu corpo por eras. Perturbava-os e horrorizava-os saber como ele era.

Sua mão bateu contra o peito quando ela recuou.

— Você estava ferido. Eu enfaxeiei você e lavei o sangue que pude de você.

Ele tocou seu peito onde podia ver as tiras de pano antes de sua mão deslizar para baixo de seu torso onde o resto estava.

Ela tinha visto meu corpo. E ela ainda escolheu deitar ao lado dele e o considerou seguro. Ele também não podia sentir o cheiro de medo dela, mesmo agora quando ela deslizou seu olhar sobre ele.

Ela não estava correndo para fugir. Ela nem parecia incomodada. Ela apenas continuou deitada sob as peles.

Ele inclinou a cabeça quando viu o cume exposto em cima de seu ombro, seu vestido e as peles baixas o suficiente para revelá-lo. Parecia que ela tinha bandagens sobre o próprio corpo.

Ele estendeu a mão, movendo as peles e o vestido mais para ver o que ela fazia. Um rosnado leve vibrou em seu peito.

— *Você está ferida.* — Sua visão ficou vermelha quando o fogo da raiva agarrou seu estômago. — Eu deveria ter tornado a morte da Aracnídeo da Tristeza mais dolorosa.

Ela sempre deixou seu território sozinho porque ele nunca entrou no dela. Era uma das muitas tréguas silenciosas que tinha com os Demônios mais inteligentes que cercavam sua casa. Eles nunca entraram em suas terras, mesmo que pudessem sentir o cheiro de que ele tinha um humano.

Reia cobriu o ombro com a mão.

— E-eu não peguei isso da aranha.

— Um Demônio *diferente* machucou você? — Mais raiva borbulhou, um desejo de mutilar e machucar aqueles que ousaram tocar o que era *dele*.

Suas barbatanas, geralmente ajudadas a ficar abaixadas por

suas roupas, se estendiam quando endureciam, não sendo mais abas soltas. Seu pelo levantado para fora, sem dúvida fazendo-o parecer maior e mais selvagem.

— Eu consegui tentando proteger você, — ela resmungou, desviando o olhar, provavelmente de sua raiva óbvia enquanto a sacudia.

Tudo desmoronou de repente.

— Me proteger? — Sua visão se moveu para a espada atrás dela, vendo que a lâmina tinha os restos de sangue seco de Demônio nela.

— Eu quebrei o círculo de sal quando arrastei você para dentro dele e dois deles o seguiram.

— Eu disse para você entrar!

— E-eu não poderia simplesmente deixar você lá fora, — ela gaguejou, seu rosto se contorcendo em uma carranca profunda. — Eles iam comer você! Eu não poderia simplesmente deixar você morrer.

Ele estava prestes a expulsar mais pensamentos de sua mente para repreendê-la, para lhe contar sobre os perigos que ela trouxe para si mesma, mas eles nunca terminaram de formar uma voz projetada. Realização amanheceu.

Ela não queria que eu morresse. Ela arriscou a vida para me salvar. Ele! Um Caminhante do Crepúsculo. Outras oferendas tentaram matá-lo e, no entanto, Reia saiu de seu caminho, permitiu-se ser ferida, para salvá-lo.

Ele bufou, incapaz de conter a ternura que irradiava em seu peito e ao redor de seu coração. *Ela se importa comigo?*

Seria possível?

Ele puxou para trás a pele que estava sobre ela e cheirou seu ombro para encontrar o leve cheiro metálico de sua ferida. Então ele farejou ao redor de seu corpo, forçando-a a deixá-lo enquanto ele tentava procurar mais. Ele rosnou quando alcançou seu tornozelo, encontrando o cheiro ali, assim como um curativo.

— Nunca mais, — ele rosnou para ela. — Sua vida é preciosa. É perigoso lá fora.

— Eu sei, — ela disse suavemente, voltando seu olhar mais

uma vez enquanto ele rastejava para ficar acima dela. — E eu sinto muito. Eu não vou embora de novo, eu prometo. — Toda a sua luta desapareceu com suas palavras, toda a sua força quando ela caiu mole na cama. — Eu estou muito cansada. Eu estava preocupada que eles entrassem e nos atacassem.

A escuridão sob seus olhos pareceu se aprofundar.

— Você não dormiu.

Ela balançou a cabeça.

Ela disse que eu estava dormindo há dois dias.

Ele sabia que estava cheio de veneno enquanto adormecia até que seu corpo se curasse, e então ele provavelmente estava preso em um estado de sono depois disso em uma névoa. Ele só havia sido picado pela aracnídeo uma vez antes, e também não havia acordado instantaneamente, como se sua mente quisesse continuar dormindo mesmo que o veneno tivesse desaparecido.

— Posso ficar aqui? Estou muito cansada para me mover.

O azul profundo encheu sua visão quando ele recuou para que pudesse colocar as peles sobre ela para mantê-la aquecida, e seus olhos se fecharam antes mesmo que ele terminasse. Ele hesitou antes de se inclinar e esfregar a ponta do focinho na têmpora dela.

— Durma bem.

Ela se foi, suas palavras não foram ouvidas enquanto sua respiração se aprofundava.

Os sons dos Demônios correndo ao redor de sua casa desviaram sua atenção dela, e ele saiu de seu quarto para consertar tudo para se certificar de que ela estava segura. No entanto, ele olhou por cima do ombro para a porta e sentiu uma sensação de satisfação por ter Reia dormindo em sua cama.

Ela parecia tão pequena e indefesa em seu tamanho que a diminuía. Ela mal pegava um quarto dela. O calor se espalhou com a visão, desejando que ele pudesse ficar lá e contemplar a imagem por toda a eternidade.

Afastando-se relutantemente, ele foi até a área da cozinha e enfiou a mão em um dos armários para pegar sua jarra de cerâmica com sal e o espigão próximo a ela.

No momento em que ele saiu, a maioria dos Demônios se dispersou.

— É o Mavka, corram!

Sempre lhe trazia alegria saber como eles estavam apavorados com ele. Ele matou muitos deles em suas eras, e eles sabiam que ele era um de seus maiores predadores.

Um chamou sua atenção ao passar correndo pela varanda.

Ele podia sentir o cheiro mais ínfimo do cheiro de Reia vindo de seu corpo em forma de cachorro. Ele colocou os itens que trouxe para fora na grade da varanda e imediatamente correu atrás dele com um rosnado.

Mesmo correndo em quatro membros, Orpheus rapidamente o alcançou. Mergulhando, agarrou-o pela perna e puxou-o para baixo de si antes que saísse de seu círculo de sal, tentando seguir os outros que passavam pela brecha.

Os estúpidos Demônios deram cabeçadas na parede invisível repetidamente, sem entender como sair, embora houvesse uma pequena debandada de cerca de quatro que mostravam o caminho.

Ele prestou pouca atenção a eles, já que eventualmente os conduziria para fora para que pudesse selá-los. Ele baixou o olhar para aquele que se contorcia embaixo dele, ganindo e latindo. Tinha comido muitos humanos, mas não conseguia falar.

Orpheus agarrou um de seus pulsos e levou suas garras ao focinho. Um grunhido rasgou sua garganta quando ele abriu a boca para mostrar suas presas. O cheiro seco do sangue de Reia o manchava.

— Foi você quem a machucou.

Afinal, ele conseguiria realizar seu desejo de mutilar em vingança.

Ele ganiu e gemeu enquanto ele puxava seu pulso, lentamente, oh, muito, muito lentamente, arrancando o braço de seu ombro. O deleite subiu através dele enquanto os sons de rasgar a pele, rasgar os músculos e deslocar os ossos tocavam em seus ouvidos como uma canção maravilhosa. Seus gritos horrorizados e cheios de dor enviaram um arrepio por sua espinha, agitando todas as partes inumanas dele

que queimavam sem pano para mantê-lo para baixo.

Sangue de demônio, sendo tão sujo, raramente despertava fome nele.

Ele jogou o membro decepado para o lado antes de passar para a outra mão, cheirando-a para verificar se também a havia machucado. Tinha. Ele fez o mesmo, sua língua saindo para deslizar sobre as bordas ossudas de seu focinho, enquanto o sangue jorrou de seu ombro quando também foi removido.

Ele gargarejou, tentando formar uma palavra. Talvez pare ou por favor.

Este era um Demônio médio, forte para um humano lutar, mas fraco para Orpheus. Agarrando todas as suas partes, seu corpo sem braços se debatendo de dor e medo - o cheiro flutuando - ele o arrastou para fora do círculo de sal.

Ele chorou, sabendo exatamente o que ele estava prestes a fazer a seguir.

Ele jogou pela abertura. Pacientemente, ele esperou, observando enquanto ele tentava rastejar para longe com as patas traseiras e o torso.

Os outros Demônios caíram sobre ele, chamados por seu sangue, seu medo. Os que estavam lá dentro, sem saber como sair, correram para ele. Foi comido por várias bocas, ganindo enquanto era consumido antes de ser silenciado quando se tornou nada mais do que um cadáver para ser alimentado.

Ele se virou para coletar seus itens para consertar o círculo de sal.

Feito isso, fez quatro bugigangas para proteger a casa, visto que Reia havia recolocado as duas na varanda que era a única coisa que os mantinha afastados. Os Demônios estavam tentando abrir caminho pelo outro lado da casa, um pequeno buraco foi cavado onde ele trancou a janela do quarto dela.

Ela teve sorte e foi inteligente. Ele acordou a tempo de impedi-los de entrar e pensou que ao amanhecer - já que era noite - eles teriam entrado.

Então Orpheus deixou sua casa para ir até onde ela havia

deixado cair o amuleto. A adaga havia sumido, mas a tiara permanecia intacta. Ele se abaixou e a pegou, colocando-a no bolso antes de voltar para casa.

Ele verificou o jardim para descobrir que estava pisoteado, mas quase intacto.

Havia uma última tarefa que ele precisava completar, uma que exigia que ele fosse ao riacho buscar mais água. Ele estava incerto sobre deixá-la, preocupado que ela fugisse, mas ela havia prometido a ele que não iria.

Ele pensou que ela poderia estar dormindo o tempo todo independentemente.

Havia sangue por toda a casa, o sangue *dele* manchando o chão. Ele passaria o resto do tempo limpando para que Reia pudesse acordar com uma casa limpa e arrumada.

QUINZE

Foi só quando Orpheus terminou de tomar banho na banheira, removendo a sujeira restante de seu corpo, que ele descobriu que Reia havia acordado. Ele estava passando pela porta para ir em direção à sala de estar e enfiou a cabeça para ver como ela estava, como fazia frequentemente durante as muitas horas que ela dormia, para vê-la sentada em sua cama.

Se a visão dela sentada com os joelhos para cima, os braços cruzados e a cabeça enterrada neles já não o tivesse perturbado, o som de um soluço o teria feito.

Ele timidamente entrou no quarto, sem saber se ela iria querer ele perto dela agora. No passado, os humanos sempre preferiam quando ele estava o mais longe possível deles quando choravam.

— Porque você está chorando? — ele perguntou suavemente, inclinando a cabeça para o lado.

— Eu sinto falta da minha família. — Ela segurou as pernas com mais força. — Eu senti falta deles por tanto tempo.

Ele lentamente se ajoelhou ao lado da cama, abaixando-se para que não fosse uma figura pairando sobre ela.

— O que aconteceu com eles?

Ele não sabia se ela contaria a ele. Ela havia se recusado antes.

— Eu os matei, — ela gritou, suas costas arfando enquanto sua respiração estremecia. — Eles estão mortos por minha causa.

O desejo de tocá-la com uma carícia reconfortante era demais para Orpheus suportar. Ele embainhou suas garras e deslizou a mão entre os joelhos e a cabeça dela, levantando o rosto dela para que ela o cumprimentasse.

— A Aracnídeo das Tristezas mostrou a você sua família, não foi?

Seus lábios tremeram quando se separaram em outro soluço antes de sua cabeça assentir.

— Eu vi minha mãe, meu pai, meu irmãozinho. Eu ouvi suas vozes. Faz tanto tempo que não os vejo ou ouço. Não desde que eu era uma garotinha. — Suas sobrancelhas se juntaram e sua testa se

enrugou em muitos vincos. Ele nunca tinha visto uma angústia tão profunda em um humano antes. — E-e eles estão todos mortos, tudo por minha causa. Por que eu não poderia ter morrido também?

— Como você os matou, Reia?

Ela tentou virar o rosto, mas ele o segurou de lado e o manteve firmemente virado para ele.

— Eu trouxe os Demônios para nossa casa. — Lágrimas pesadas caíram mais rápido. As linhas de seus olhos vidrados rosa e cru, nariz e bochechas inchadas e vermelhas. — Eu sou um prenúncio de maus presságios. É por isso que os aldeões me forçaram a me oferecer a você. Eles queriam se livrar de mim porque tudo que eu faço é trazer a morte!

— O que é um prenúncio de maus presságios?

Ele nunca tinha ouvido falar de tal termo antes.

— É alguém que traz Demônios para aqueles ao seu redor. Alguém que os Demônios não matam enquanto comem todo mundo.

— Suas mãos se ergueram para agarrar seu pulso enquanto ele continuava a segurar o lado de seu rosto. — Eu me escondi no canto e deixei minha família morrer. Eu não fiz nada para salvá-los. É tudo culpa minha. Acho que dois ou três Demônios atacaram minha casa, e eu os levei para lá com minha maldita sorte. E-eu provavelmente vou matar você também.

— Isso não existe, Reia,— ele respondeu com um sutil balançar de cabeça enquanto tentava não fazer barulho. Era a verdade, ele sabia que era. — Você estava com medo?

— Não? Eu não acho. Só me lembro de estar sentada no escuro e tapar os ouvidos com os sons grosseiros.

Então, ela sempre esteve com pouco medo.

— Os demônios gostam do sabor do medo e, uma vez que matam, são consumidos pelo que estão comendo. Se você não estava com medo, eles provavelmente estavam muito distraídos com o sangue de sua família para saber que você estava lá. — Ela balançou a cabeça, dizendo não, enquanto abria a boca para rejeitá-lo. — Se você ficasse quieta, não fizesse barulho e ficasse fora de vista, sem que seu medo os guiasse até você, eles não seriam capazes de sentir seu cheiro

se seu cheiro já fosse forte em sua casa.

— Mas se eu não tivesse apenas sentada lá, eu poderia...

— Poderia ter feito o quê? Morrer com eles? No momento em que você se movesse para ajudar, você teria acabado como sua família. Você viveu simplesmente porque teve sorte de não ser detectada, mas não trouxe os Demônios para sua família. Sua casa foi descoberta e, sem proteção, foi atacada.

— Mas minha família vivia naquela casa há gerações. Tínhamos um feitiço de proteção dos Sacerdotes para protegê-la.

Ele bufou uma risada sem humor.

— A magia dos humanos é fraca. Se um Demônio forte tropeçasse em sua casa, a proteção não teria feito nada além de dificultar sua passagem. — Ele acariciou com o polegar a dobra onde a bochecha dela encontrava o nariz bonito. — Não deixe que as mentiras do que a arcnídeo disse apodreçam dentro de você. Não é sua culpa. Não há nada que você poderia ter feito.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque os Demônios não são o que os humanos pensam que são. Há muitos daqueles que não caçam mais humanos, já que fizeram o suficiente para se tornarem inteligentes como eu. Eles moram em uma cidade e, se houvesse a possibilidade de humanos especiais, eles teriam falado sobre isso. Eu teria sabido disso.

— Existe uma cidade de demônios? — Seus olhos se arregalaram de surpresa, suas lágrimas diminuíram quanto mais eles falaram.

— Sim. Está mais perto do coração do Véu. Vocês, humanos, não sabem disso porque nenhum de vocês sobreviveria estando aqui o tempo suficiente para descobri-lo e depois partir para contar. — Ele abaixou a mão para pousá-la na cama ao lado de seus pés. — Você não é especial, Reia.

Para ele, sim. Reia era muito especial para ele. Mas nos termos do que ela disse a ele, ela não era uma humana escolhida com um dom sombrio. Ela era normal.

— Obrigada — ela sussurrou, antes de assustá-lo quando se inclinou para envolver os braços em volta do pescoço dele, abraçando-

o com força. — Eu me sinto muito melhor agora. Eu só... o que eles disseram para mim parecia tão real, como a verdade.

Ele enrolou o braço em volta do torso dela, sentindo o calor de seu abraço. *Ela me abraçou.* Ele quase queria esmagá-la e espremê-la em agradecimento.

— A Aracnídeo da Tristeza alcança sua tristeza mais profunda e usa a informação para manipulá-la. Ela gosta do sabor azedo, do sal das lágrimas.

Ela até começou a exercer seu poder sobre Orpheus.

— Como ela me mostrou seus rostos?

— Ela, como eu, comeu humanos que têm magia. Isso deu a ela essa habilidade de acessar as memórias de alguém e mostrar seus rostos e falar com você com conhecimento que só você saberia para enganá-la.

— E-eu vi os outros humanos que você trouxe aqui. — A tensão o percorreu como se tivesse sido empurrado para um banho gelado. Ela o segurou com mais força quando sentiu. — Havia tantos deles. Lamento que você tenha perdido tantas pessoas.

— Está tudo bem, — ele respondeu, roçando o lado de seu crânio contra a cabeça dela. — A única que importa agora é você.

Ela deu uma risadinha cheia de tristeza avassaladora.

— Quanta gentileza.

Um resmungo veio de seu estômago, alto, e ela engasgou antes de envolver os braços ao redor de sua barriga. O rosado, que não tinha nada a ver com o choro dela, destacou as maçãs do rosto.

— Desculpe, estou com muita fome. Não como há dois dias.

Branco cortou sua visão. — O que?!

— Toda a comida estava do lado de fora. Eu não consegui.

Orpheus ficou de pé, quase correndo para fora para ir ao jardim. Ele não podia deixar sua pequena humana com fome! Ele arrancou uma cenoura do chão, sabendo o suficiente para que eles pudessem comê-la crua, antes de colher os morangos restantes de seu arbusto.

Segurando-os na mão, ele pensou que talvez devesse ter trazido uma tigela com ele. Ele colocou tudo o que obteve em uma, então ela

não sabia que ele estava tocando sua comida com a carne nua de sua mão. Então ele mergulhou um copo na água e levou tudo para ela.

— Coma, beba, — ele exigiu, quase empurrando-os para ela.

— Sim! Água. — Ela pegou e engoliu rapidamente. Ela também foi rápida em comer tudo o que ele trouxe para ela. — Obrigada, assim está muito melhor.

Quando ela terminou, ele pegou a tigela e o copo dela, colocando-os no balcão da cozinha antes de voltar.

— Eu preciso lavar você. Seu cheiro está atraindo os Demônios e mais continuarão chegando.

— Mas ainda estou tão cansada. — Ela gemeu, enxugando a bochecha com desdém e tonteira. — Você não pode fazer isso mais tarde? Eu quero dormir mais.

Orpheus balançou a cabeça.

— Quanto mais vierem, mais permanecerão. Se eles acidentalmente jogarem sujeira no círculo de sal, ele irá quebrá-lo e eles poderão machucá-la se você estiver no quintal. Você não poderá mais se sentar confortavelmente no jardim.

E ele podia ver quanta alegria isso lhe trazia desde que ela fazia isso todos os dias.

— E se você se deitar comigo e esconder meu cheiro?

Sua cabeça girou tão bruscamente que ele pensou que qualquer outra criatura poderia ter quebrado seu pescoço.

— Perdão?

— Se eu dormir embaixo de você, isso os impedirá de me cheirar?

— Bem, sim. Ajudaria, — ele respondeu, antes de lambe o interior de sua boca em incerteza. — Você... *quer* que eu durma com você?

Seu aceno foi leve, quase tímido.

— Você é realmente quente. Se não quiser, tudo bem. E-eu vou, hum, tomar banho então.

Ela parecia que era essa a última coisa que queria.

— Não, — ele disse rapidamente. — Eu quero.

Eu quero deitar com ela. A oferta por si só foi suficiente para fazer

seu coração bater mais forte, mas se aprofundou ainda mais quando ele caminhou para o outro lado da cama. Ele estava inseguro sobre isso.

— Você me quer acima das peles?

— Não, está tudo bem. — Ela estendeu a mão e puxou a cobertura de pele para trás.

Amarelo dançou ao longo das bordas de sua visão enquanto ele rastejava sob as peles, e se aprofundou quando foi ela quem se mexeu ainda mais até ficar pressionada contra ele. Ela estava de frente para ele, os braços descansando confortavelmente à sua frente.

— Você não está fazendo um bom trabalho me escondendo, — ela disse com um tom brincalhão e zombeteiro. — Você não precisa ter tanto medo. Você pode me segurar se quiser.

Orpheus virou-se lentamente, seu coração acelerando a cada segundo. Ele queria descansar com um de seus humanos mais do que tudo, para segurá-los enquanto dormiam, e Reia estava oferecendo isso, pedindo por isso. Todas as coisas que ele disse a si mesmo que não deveria sentir depois que ela fugiu aumentaram apesar de si mesmo.

Ternura, carinho, alegria e *esperança*.

Deslizando o braço por baixo da cabeça dela para substituir o travesseiro, Orpheus envolveu o outro braço em volta dela com força, empurrando-a contra ele até que ele a envolveu em seus braços.

A respiração dela era leve e esvoaçante contra o peito nu dele. Ele ainda não havia vestido a camisa, embora pretendesse fazê-lo logo após o banho. Seu cheiro de sabugueiro e rosa vermelha o envolveu, e a maciez dela enviou uma emoção através dele.

Eu posso sentir o batimento cardíaco dela. Veio de todos os lugares, correndo por suas veias, e era *totalmente* reconfortante.

A mão dela roçou o peito dele.

— Suas feridas se foram. Não tem nem cicatriz.

Ele colocou a parte inferior de sua longa mandíbula contra o topo de seu cabelo. — Eu me curo em um dia.

— Bastardo sortudo. Meu tornozelo ainda dói.

Uma risada esvoaçante escapou dele, o som incomum para ele.

Ela ficou em silêncio por alguns momentos, e ele pensou que ela tinha adormecido novamente.

— Por que eles chamam você de Mavka?

— Significa criatura da floresta. É como eles me chamam, assim como sua espécie me chama de Caminhante do Crepúsculo porque posso andar tanto na escuridão da noite quanto no sol do dia.

Ela ficou em silêncio mais uma vez e, eventualmente, sua respiração se estabilizou quando ela adormeceu.

O contentamento irradiava através dele. Ele gentilmente acariciou o topo de sua cabeça com o lado de sua mandíbula, adorando como ela era em seus braços. Duvidava que fosse descansar muito com a rapidez com que seu coração batia, mas sabia que aproveitaria cada torturante segundo disso.

DEZEESSEI8

Reia acordou com a sensação de pontas de garras raspando suavemente em seu couro cabeludo e quase gemeu de felicidade.

Ela sabia que tinha adormecido com o cabelo grosseiramente amarrado. Orpheus devia estar passando os dedos pelos cabelos dela há muito tempo para que não estivessem mais emaranhados.

As pontas começaram a partir da linha do cabelo acima da testa para escovar para trás até atingirem a depressão pontiaguda de seu crânio antes de passar pelo longo comprimento de seu cabelo. Quando ele fez isso de novo, começou na nuca dela, as costas de suas garras se movendo para cima até que alcançaram aquela depressão novamente e se moveram através dos fios.

Ambas as vezes enviou um arrepio por seu corpo que perolava seus mamilos em pontos duros.

Por mais que ela quisesse que ele continuasse, se o fizesse, ele sentiria o cheiro de que ela estava ficando excitada com o simples toque. Ela estava começando a entender o quão bom era o nariz dele e o quanto isso delataria a reação de seu corpo a ele.

Reia virou a cabeça para cima, fazendo-o parar e erguer a sua.

— Você está acordada? — Ele tirou os dedos do cabelo dela. — Eu estava atrapalhando seu sono?

Ela balançou a cabeça, percebendo que estava abraçando o torso dele enquanto dormia. Ela enterrou o rosto contra o peito dele, timidamente absorvendo profundamente o rico cheiro florestal dele. Seus músculos estavam tão frouxos em seu calor que ela não queria se mover.

No entanto, por mais que Reia estivesse descaradamente gostando de estar em seu abraço, ela se contorceu. Ela tentou o seu melhor para ignorar a sensação em seu estômago, não queria nada mais do que ficar como eles estavam. Mas quanto mais ela acordava, mais urgente se tornava.

Reia gemeu antes de empurrar seu peito para fugir.

— Há algo de errado? — Ele a soltou, seus olhos se tornando um profundo poço de azul. — Eu te chatee?

— Tenho que fazer xixi! — ela exclamou, quase rolando para fora da cama enquanto tentava se levantar.

Ela não sabia quanto tempo estava dormindo, tanto na primeira quanto na segunda vez, mas sabia que não fazia xixi há *muuuuito tempo*.

Oh merda, estou prestes a me molhar! Ela correu para o banheiro, removendo a tampa do penico quando a porta se fechou. Ela gemeu quando soltou depois que ela se sentou sobre ele, quase rindo do fato de que teria sido totalmente embaraçoso se ela tivesse feito isso no corredor.

Acho que essa foi uma maneira de me tirar da cama.

Uma cama da qual ela não queria muito sair, nos braços de uma criatura com quem ela queria muito ficar aconchegada. Foi um prazer culpado, dizendo a si mesma que ela estava muito cansada e gogue para parar de segurá-lo do que a verdade real.

Ela lavou as mãos antes de esfregar os olhos sonolentos com as costas da mão. Ela saiu do banheiro.

Parecendo entender por que ela evacuou tão repentinamente, ela o viu parado no corredor com os braços cruzados e bloqueando seu caminho. Ele estava vestindo sua camisa, e ela não pôde deixar de ficar... um pouco desapontada.

Ele pode parecer estranho, mas, surpreendentemente, ela gostou de seu corpo. Ele era diferente, mas apenas aumentava sua beleza de outro mundo com a qual Reia estava se acostumando cada vez mais. Ela também sabia o quão firme era, quanta resistência os músculos dele davam enquanto ela enfiava as pontas dos dedos.

— Reia, — ele começou, mas ela o interrompeu antes que ele pudesse continuar.

Ela levantou a mão.

— Ainda não estou pronta para essa tortura. — A ideia de suas mãos esfregando sobre seu corpo, deixando para trás formigamento emocionante, já estava fazendo seu estômago se sentir quente. — Posso comer primeiro? Estou com muita fome.

Ele soltou um bufo, seus orbes tingindo-se de vermelho ligeiramente antes de voltarem ao azul.

— Sim. Se você está com fome, então você deve comer. Mas você não pode sair até que tenhamos e você esteja usando o amuleto novamente.

— Você poderia me trazer framboesas e amoras?

A cor se aprofundou.

— Sinto muito, mas a framboesa foi destruída. Terei que usar o que puder para plantar sementes.

Reia mordeu o lábio inferior. As framboesas eram sua fruta favorita no jardim. Ela assentiu, e ele prontamente saiu para pegar o que pudesse.

— Eu vi que você pendurou bugigangas lá fora — disse ele enquanto ela colocava frutas na boca alguns minutos depois.

Ela estava sentada à mesa enquanto ele estava do outro lado, obviamente esperando impacientemente que ela terminasse.

— Sim, eu estava preocupada que os que você colocou iriam se deteriorar. — Então ela apontou sua colher para o corredor curto. — Eu também os pendurei nos cantos do seu quarto.

Sua cabeça torceu, virando ligeiramente de lado.

— Você fez? Eu não percebi isso.

— Bem, eu pensei que se os Demônios entrassem na casa porque os que eu não conseguia encontrar provavelmente estavam murchos, isso poderia mantê-los fora de lá.

Seus olhos brilharam amarelo brilhante.

— Isso foi muito inteligente da sua parte. Eu nunca tive que fazer isso, mas tenho certeza que teria funcionado.

Reia piscou, suas sobrancelhas se unindo.

— Achei que seus olhos só ficavam amarelos quando você estava curioso ou pensativo.

Ele trouxe uma de suas mãos para cobrir uma orbe brilhante.

— Não, as cores podem significar várias coisas. Também muda para amarelo quando estou feliz ou sentindo orgulho, como nesse momento.

Suas bochechas esquentaram. *Ele estava orgulhoso de mim?*

Caramba. Ele torna tão difícil para mim não gostar dele. Ela enfiou o último pedaço de fruta na boca com um beicinho, tanto por causa

disso, quanto porque agora não tinha mais desculpas para não tomar banho.

Reia sentiu-se muito melhor depois de ter dormido bem e ser confortada pelo seu abraço e pelas suas conversas. Ele a aliviou sobre sua culpa e como ela foi chamada de precursora de maus presságios durante toda a sua vida.

Agora... agora ela teria que enfrentar os sentimentos que a levaram a fugir em primeiro lugar. Ela não estava ansiosa por isso. Ela não queria enfrentá-los. Ela preferiria enterrá-los sob uma fachada de ignorância.

Ela ainda não sabia se ele realmente entendia o que estava fazendo com ela quando lambeu entre suas coxas. Que ele a fez gozar e o que isso significava.

Quão insano seria se eu sentisse desejo por uma criatura que nem consegue senti-lo? Ele obviamente sabia o suficiente, mas ela não gostou da ideia de se sentir atraída por algo que pode nem ter genitália.

Ele não parecia reagir da mesma forma com ela, e isso a fazia se sentir inerentemente tola.

Ugh, por que eu me importo tanto? Ninguém, além dele, estava por perto para julgá-la. E daí se ela sentiu desejo e ele não? Não é como se ela estivesse pedindo por esses sentimentos.

Dane-se, vamos acabar logo com isso.

Ela ia ter que aprender a superar isso. A hora do banho ia continuar acontecendo, e ela só precisava ensinar seu corpo a não reagir.

Parecia muito mais difícil do que parecia.

— Reia, — ele avisou depois que ela colocou a colher na tigela e ficou sentada por um tempo.

— Tudo bem! — Ela se afastou da mesa para se levantar. — Vamos nos livrar do meu cheiro humano.

Ela o observou enquanto ele preparava a área, acendendo as velas que faziam os cristais brilharem com seus reflexos. Ele adicionou novas ervas secas à tigela de metal grosseiramente feita para criar um doce incenso no ar. Então ele usou sua garra para cortar seu pulso, dando algumas gotas de seu sangue em sacrifício para conjurar a água

do banho que já estava fumegando quando encheu a banheira.

Ele se ajoelhou atrás da cabeça da longa banheira de madeira oval que era grande o suficiente para caber em seu corpo gigantesco. Ele estava esperando que ela ganhasse coragem para se despir e pular na água, olhando para ela com seus orbes azuis brilhantes que sempre a faziam pensar que eram mais bonitos quando ele estava em um ambiente mais escuro.

É um banho. Apenas um banho. Não havia razão para ficar animada.

Ela rapidamente tirou o vestido. Cobrindo-se com os braços para proteger sua nudez, como se ele não fosse tocar e ver tudo, ela se aproximou e entrou na água. Ela se agachou para dentro, submergindo-se antes de deslizar as pernas para fora para que ficassem ligeiramente dobradas.

Um calor delicioso a rodeava, tentando aliviar seus músculos cheios de preocupação e ansiedade.

— Se você não se incomoda com meu corpo, tudo bem se eu arregaçar as mangas? — ele perguntou, antes que sua voz se enchesse de um tipo estranho de humor. — É incômodo trocá-las para secá-las quando terminarmos.

Seu coração quase palpitou em seu peito.

— Tudo bem, — ela respondeu com uma voz trêmula, inclinando a cabeça para trás para molhar o cabelo em preparação.

Ela ouviu o farfalhar de suas roupas e, em seguida, o barulho familiar de seus dedos mergulhando no óleo espesso.

Ela podia dizer o quão forte seu coração batia por seu seio esquerdo flutuando na água, balançando levemente a cada batida. Respirando fundo, Reia tentou se acalmar.

Como sempre fazia, ele começou com o ombro dela antes de descer pelo braço dela com leves dedos massageando. Ela nunca tinha percebido o quão sensíveis eram os músculos de seus braços, como eles saltavam para este tipo de estimulação, até que Orpheus começou a trabalhar seus dedos neles.

Ele a mimava todos os dias para garantir que ela nunca tivesse um músculo rígido ou dolorido.

Ele pressionou a palma da mão dela antes de mover o polegar entre cada um de seus dedos, abrindo-os e dando atenção a cada vinco neles. Ele se moveu para o outro braço, dando-lhe o mesmo movimento lento dos dedos. Então ele lavou o rosto dela, sendo o mais gentil aqui com a menor quantidade de óleo para não deixar cair nos olhos, boca ou nariz.

Ela notou que ele sempre se demorava em seus lábios, quase os separando com o polegar.

Ela teve reações mínimas, exceto pela antecipação crescente. Essa foi a parte fácil. Todo o resto tornou-se cada vez mais difícil de ignorar.

No momento em que suas mãos tocavam os lados sensíveis de seu pescoço, acariciando-os, sempre começava o primeiro de seus calafrios. Suas mãos agarraram a borda da banheira quando ele começou a escovar seu cabelo, apenas desembainhando suas garras para esta parte para raspá-las sobre seu couro cabeludo.

Um gemido ameaçou escapar, e ela levou os lábios à boca para fechá-los.

Ele se deteve por um momento em uma cicatriz atrás da orelha dela, passando o polegar sobre ela com curiosidade, mas não perguntou a ela sobre isso. Ele costumava fazer isso, assim como com o joelho dela - os únicos dois lugares onde ela tinha cicatrizes visivelmente grandes.

Então suas mãos começaram a descer pelo peito dela, seus olhos ficando roxos profundos. A vergonha a percorreu quando sentiu os mamilos endurecerem antes mesmo de ele *chegar* aos seios. Eles estavam esperando, querendo ser acariciados. Duros e ansiosos pela passagem suave que deixaria sua mente enevoada de desejo.

Eu posso fazer isso. Ela fechou os olhos com força, temendo tirar sangue pelo quão forte ela estava cravando os dentes nos lábios, quando ele segurou um seio para lavá-lo. Reia estremeceu, suas costas arqueando ligeiramente para pressioná-la com mais firmeza contra a palma da mão dele para que parecesse mais forte.

Um grito quase irrompeu, suas pernas se contraíram quando seu núcleo teve um espasmo enquanto sua mão calejada raspava o

ponto dolorido de seu mamilo. Isso deu a ela um gostinho momentâneo do que eles precisavam. Escorregadia, sua mão trabalhou em um círculo para ter certeza de que cobria todo o monte para limpá-lo, antes de fazer o mesmo com o outro.

Eles sempre se moviam, a suavidade girando mesmo que ele apenas aplicasse a pressão mais leve. Era estonteante, deixando espaço para seus seios implorarem por um aperto mais forte, um toque mais áspero. Um que demorou, em vez de sair.

Ela cobriu a boca com a mão mais distante de sua cabeça espiando por cima do ombro para que ele pudesse ver o que estava fazendo. Ela não conseguia mais ficar de boca fechada. Suas respirações eram tão pesadas que precisavam da facilidade de sair de seus lábios entreabertos.

Por que ele me dá essa reação? O que havia em Orpheus que despertava nela tanta excitação? Seu clitóris e sua boceta já estavam latejando, e pequenas lágrimas se acumularam em seus cílios pela dor deles.

Até mesmo o som de sua respiração pesada perto de seus ouvidos a fazia formigar.

Reia se contorceu e quase pulou para longe dele quando ambas as mãos dele circularam a cintura e os lados dela para escorregar depois de coletar mais óleo.

Eu posso fazer isso. Eu posso fazer isso. Seu estômago caiu pesadamente quando ele correu sobre seu umbigo, sabendo exatamente onde seria seu próximo destino. Seu corpo estava gritando pelo toque.

Sua pele estava corada, não pela água, mas pelo calor que começou a crescer dentro de seu corpo. O desejo estava apertando como uma bobina em sua barriga, e ela queria tanto que se desenrolasse e se liberasse.

Ele tirou as mãos para pegar mais óleo, e os olhos dela se curvaram na angústia dessa tortura.

Eu posso... Sua mão áspera pressionou contra suas dobras para acariciar os lábios que cercavam seu clitóris latejante. Não ficou, não tocou, e ele puxou para baixo sobre sua entrada, que parecia ainda

mais escorregadia do que o óleo, para continuar sua tarefa como se isso não fosse nada para ele, não significasse nada para ele. *Eu não posso fazer isso!*

Ambas as mãos dela dispararam para a frente para agarrar as dele para parar seus movimentos. Ela agarrou um dedo indicador e médio com uma mão, e seu dedo anelar e mindinho com a outra, apertando-os com força.

Seu focinho se enterrou em seu pescoço, cheirando sua pele para ver o que estava errado. Reia sentiu como se tivesse quase morrido quando um pequeno grito a deixou. Seu corpo se contorceu e sua cabeça o derrubou quando ela ergueu o ombro até a orelha para movê-lo.

— O que está errado? Você está agindo de forma estranha.

Com a respiração ofegante, ela perguntou: — Por que seus olhos mudam para roxo?

O que eles significavam? Frequentemente mudavam para essa cor enquanto ele a banhava, e também ficavam dessa cor quando sua língua mergulhava entre suas coxas. Eles também aconteciam ocasionalmente quando ela sorria.

Ela precisava saber, tinha que saber.

Eles piscaram para branco, e ela também não sabia o que isso significava!

— Não importa.

Ela inclinou a cabeça para a frente com as sobrancelhas franzidas.

— Por favor, diga.

— Tenho certeza que você não quer que todas as suas emoções sejam tão facilmente lidas ou compreendidas, — ele respondeu sombriamente.

Ela apertou as coxas como uma forma de aplicar pressão em seu clitóris como se isso ajudasse a aliviá-la, recusando-se a permitir que ele afastasse a mão quando ele tentasse. Estava pairando acima de seu monte púbico na água.

Uma parte dela se sentia tão desesperada que considerou pressioná-lo contra sua boceta e se foder com ele.

Eu... eu não quero ficar sozinha nisso. A ideia a aterrorizava.

— Você me deseja, Orpheus? É por isso que eles mudam para roxo? — Ele se encolheu. Ela o sentiu tenso por seus dedos se contraindo. O que ele não sabia era que o pensamento de que ele poderia estar fazendo Reia se sentir insuportavelmente mais quente. — Por favor, diga. Eu não vou ficar chateada.

Ele ralou lentamente, como se a resposta tivesse sido forçada dele, — *Sim.*

Seus pulmões se apertaram antes que ela soltasse uma respiração estrangulada enquanto seu coração disparava ainda mais, fazendo as pontas dos dedos das mãos e dos pés formigar. *Ele me deseja...* Apenas saber disso fez com que seu canal se fechasse em necessidade.

— Estou excitada, Orpheus. — A água refletia roxo enquanto eles rapidamente mudavam de volta. Uma onda de euforia passou por ela em reação, a cor agora tendo um significado mais profundo. — Meu corpo dói.

— Então é por isso que você estava se contorcendo? Eu estava preocupado.

Garras arranharam seu couro cabeludo logo acima de sua orelha quando ele capturou o lado de sua cabeça para puxá-lo para o lado. Um momento depois, ele se ergueu para passar a língua pelo outro lado do pescoço dela, bem embaixo da mandíbula.

Suas mãos perderam o controle quando ela soltou um pequeno grito, a língua dele enviando uma forte trilha de arrepios sobre ela, lambendo o sensível feixe de nervos. Ele colocou sua mão agora livre contra seu estômago para apalpá-la enquanto descia por seu abdômen e sobre seu umbigo.

— Você gosta do meu toque, Reia? — Ela sentiu as mandíbulas dele abrindo quando ele pressionou a ponta do focinho contra a garganta dela, deixando escapar um bufo profundo que pareceu ainda mais forte do que quando saiu do buraco do nariz. — Você quer?

— Sim, — ela respondeu mais em um apelo quando sentiu as pontas dos dedos dele correndo pelos cachos de seu monte.

Ela abriu as coxas fazendo com que os joelhos dobrados

caíssem para os lados, permitindo-lhe entrar sem hesitar. Suas mãos dispararam para a borda da banheira mais uma vez para se firmar, desta vez porque os dedos dele deslizaram nos lábios de suas dobras e então *ficaram* lá.

Oh merda! Sua cabeça caiu para trás, um gemido oculto vindo dela quando ele colocou o indicador e o dedo médio contra a protuberância dura de seu clitóris e pressionou com um círculo.

— Eu te desejei desde o primeiro momento em que você sorriu para mim, minha pequena corça. — Ele rosnou o nome do animal de estimação, quando sua outra mão se moveu de seu cabelo para alcançá-la para segurar um seio e *amassá-lo*. Para amassá-lo maravilhosamente na pressão que seus seios imploravam.

Isso aliviou as batidas incômodas que ela sentiu nele para que ela pudesse se concentrar em seu toque.

— Quero brincar com seu corpo desde o momento em que a trouxe para a segurança de minha casa. Para *brincar* com isso.

Oh, então é isso que ele quis dizer quando disse brincado.

Ela podia sentir o calor de seu corpo através de seu braço e suas mãos, sua própria respiração enquanto subia ao lado de seu pescoço e fazia seu cabelo ficar de pé.

Seu cheiro de terra a rodeava e queria engoli-la inteira, e quando ela olhou para ele, o roxo em seus orbes brilhantes parecia ter a mesma intenção, consumir a visão dela. Ele lambeu o focinho propositalmente quando ela estava olhando para ele.

Seus dedos continuaram a deslizar em círculos, fazendo com que suas pernas chutassem sempre que ele pressionava da maneira certa.

Reia olhou para baixo de seu corpo e sua respiração falhou. A visão de suas mãos cinza-escuras com os ossos dos dedos salientes, uma cobrindo seu seio e a outra mergulhando entre suas coxas abertas para segurar sua boceta, foi a coisa mais erótica que ela já tinha visto.

O contraste de sua pele mais escura contra sua tez mais pálida tornava fácil ver onde ele estava. A mão dele era grande, tão grande que o seio dela mal cabia nela, mas ela podia ver que ele estava *dedilhando* seu mamilo, puxando-o. A outra cobriu completamente seu

monte público, protegendo dela o que estava fazendo. Mas ela não precisava ver, ela podia *sentir* os dedos dele brincando com seu clitóris.

Eu quero eles. Seus olhos se fecharam enquanto ela olhava para a mão dele entre suas coxas, observando-se contra ela com movimentos necessitados.

Havia um lugar dentro dela que parecia inchado, pulsando com um ritmo dolorido que piorava a cada redemoinho de seu clitóris.

Se ele pode sentir desejo, isso significa...?

Quase como se estivesse com medo da resposta, Reia perguntou baixinho: — Você tem um pau, Orpheus?

Ele se inclinou para frente, passando a língua sobre a orelha dela, ao redor, dentro dela, e isso a fez estremecer. Ela ouviu o ruído contra o ouvido.

— Sim, minha pequena humana, eu tenho um pau. — Ela gemeu em perda, em antecipação, em vibrante demanda, quando seus dedos se afastaram para descer. Ele os mergulhou na fenda de sua entrada. — E tem muita fome de estar aqui dentro.

Ela arqueou, seus quadris se inclinando para frente enquanto o resto de sua mão em concha se enrolava em torno de sua entrada enquanto seus dois dedos dobravam enquanto ele apenas a acariciava. Apenas *brincava*. Cutucando-a ligeiramente, mas nada mais.

— Dentro de mim, — ela implorou.

Ela precisava de algo dentro dela. Seu núcleo estava chorando, quente e queimando para ser preenchido com algo, qualquer coisa. *Eu preciso de seus dedos dentro de mim.*

— Seu poço está muito molhado. É tão escorregadio que dá até para sentir na água.

Ela gemeu com as palavras dele, contorcendo-se de vergonha e tentando colocá-las dentro de si.

— Por favor, não chame assim.

Ele fez um barulho pensativo.

— Como você quer que eu chame então?

Reia se encolheu porque não tinha certeza. Como ela *queria* que ele chamasse aquilo?

— Minha buceta... ou boceta.

Ele deu uma pequena risada de humor, o som dele como um pecado perverso para as entranhas contorcidas dela que estremeceram em reação. Um som como esse não deveria ser tão inebriante vindo de algo como ele.

— Eu gosto dessa palavra, — ele quase ronronou, passando a língua sobre o rosto dela para deslizá-la sobre os lábios. — Você tem alguma ideia do que eu quero fazer com sua boceta, Reia?

Seu dedo indicador escorregou quando ele pressionou o do meio para dentro. Seu corpo se agarrou a ele com força no ajuste confortável dele. Já tentou sugá-lo ainda mais. Seus lábios se separaram enquanto sua respiração engatou, seu corpo tremendo com a pressão lenta sendo pressionada por dentro, esticando-a em torno de seu dedo grande.

— Quero provar de novo. — Seu dedo empurrou todo o caminho até que sua última junta estivesse do lado de fora de sua entrada. — Você tinha um sabor tão delicioso que não passou um momento sem que eu quisesse beber seu aroma. — Ele recuou e, em seguida, empurrou-o para a frente. — Quero matar minha sede com seus orgasmos.

Suas mãos se soltaram para que ela pudesse agarrar os dois braços dele, cravando as unhas em sua carne dura. Segurando-o para alavancar, Reia começou a mover seus quadris para frente e para trás, precisando que ele fosse mais rápido do que esse ritmo lento e agonizante.

Seu polegar arrancou seu mamilo, constantemente roçando-o para enviar mais solavancos através dela e deixá-la mais molhada.

— Eu queria mergulhar meus dedos dentro de sua linda boceta toda vez que você tomava banho.

Ele gemeu, seu corpo estremecendo. Seu dedo bombeou, acariciando suas paredes mais e mais e atingiu algo que a fez estremecer e tremer a cada vez.

Nghhh, isso é tão bom lá. Tocando, acariciando, até circulou uma vez para mexê-la.

— Você entende o quão difícil tem sido? Tocar, mas não brincar?

Ela engasgou bruscamente quando ele enfiou o dedo indicador dentro, esticando-a ao redor da circunferência de ambos.

— Ahhh! — ela gritou, tentando abrir mais as pernas como se isso ajudasse a acomodá-los.

Esta versão de Orpheus com rédea solta, permitido ser real e verdadeiro com seus desejos agora que ele sabia que poderia tocá-la assim, estava desvendando-a. Sua voz profunda e áspera soava muito mais rouca do que o normal, rouca e quase rasgada.

Suas respirações ofegavam sobre ela, e ela refletia a profundidade delas. Reia estava ofegante, lágrimas de necessidade e bela tortura fazendo-a querer chorar. Ela estava perto, muito perto, e ela queria que ele a mandasse gritando sobre a borda.

Seus dedos começaram a bombear mais rápido. Eles não apenas entravam e saíam, eles se moviam como uma onda, acariciando a frente de seu canal com as pontas para atingir profundamente um lugar dentro que estava fazendo sua visão se dividir em duas.

— Eu quero foder você aqui dentro, — ele disse a ela, e suas paredes o apertaram, um lamentável choro vindo dela em reação às suas palavras. Ela não deveria gostar de ouvir isso dele, que ele queria transar com ela, e ainda assim ela estava *gostando* — Meu pau dói tanto por isso, Reia.

— E-faz? — Agora que ela sabia que ele tinha um, ela mordeu o lábio enquanto imaginava como poderia ser. Seria grande e longo e a preencheria tão completamente que acabaria com a necessidade desesperada de ser esticada como seus dedos estavam fazendo? — É como o de um humano?

— Não. Não. Todo, — ele ralou, cada palavra pontuada pelo súbito impulso mais pesado de seus dedos.

Reia jogou a cabeça para trás, grata por seu ombro estar atrás dela para protegê-la, e gritou. Suas unhas o cravaram quando ela começou a gozar, pequenas lágrimas escorrendo de seus cantos de seus olhos para rolar por suas bochechas. *Oh Deuses!* Em espasmos pesados e úmidos, sua boceta tentava desesperadamente ordenhar seus dedos.

Estrelas brilharam em sua visão escurecida, sua cabeça latejava

sob a pressão enquanto seu corpo se retesava.

Parecia que ele suspirava contra seu pescoço, como se estivesse esperando que *ela* se quebrasse sob seus cuidados lentos e cuidadosos. Reia derreteu sob o poder disso, suas pernas chutando e se contorcendo enquanto um prazer incompreensível a rasgava.

Como... Seu grito suavizou em um longo gemido. *Como isso pode ser tão bom com ele?* Como ela poderia gostar tanto de seus dedos dentro dela que parecia que seu corpo estava cantando de prazer?

— Mas só quando você quiser, eu vou dar a você, — ele disse quando ela começou a relaxar, mergulhando a língua contra sua bochecha quase como um beijo. — Somente quando eu tiver derretido seu coração e você me aceitar, tentarei reivindicar isso.

Ele apertou os dedos profundamente, deixando-os lá por um momento para que ela os envolvesse suavemente.

— Eu não pensei que você iria querer algo assim, — ela afirmou em meio a respirações ofegantes, a voz rouca e dolorida de tanto chorar.

Ela queria que ele continuasse falando com ela, sua voz rica como um animal de estimação sobre seus sentidos formigantes.

Sua mente estava atordoada enquanto seu corpo afundava na água. Tudo parecia mais brilhante, como se suas pupilas ainda estivessem dilatadas de euforia.

Ele tirou a mão de seu seio para passar por seu cabelo novamente, suas garras segurando-a tanto quanto a palma da mão.

— Por que você acha que eu queria uma noiva, Reia?

— Uma companheira... porque você estava sozinho.

Ele fez um barulho pensativo enquanto acariciava a ponta de seu focinho contra ela.

— Isso é verdade, mas tenho muitas fomes, pequena humana, e esta é uma delas.

Seu centro estava vibrando em torno de seus dedos contentemente, e ela gemeu de perda quando ele começou a afastá-los. Uma parte dela ansiava por mais, mas outra sabia que ela era muito sensível para gozar novamente. Seu corpo era novo para o prazer, e ela

sentiu uma leve pontada dele a esticando apenas com seus dedos.

Reia estava deitada na banheira ofegante, seus músculos cedendo após contrações. Ela sentiu como se estivesse flutuando, a água dando-lhe a fluabilidade para ajudar nessa sensação maravilhosa.

— Sinto muito, mas devo continuar o feitiço.

Ter as mãos de Orpheus massageando o resto de seu corpo enquanto ela levitava no arrebol de sua felicidade? *Isso soa como o paraíso absoluto.*

DEZESSETE

Depois de ter tido um dos melhores sonos desde que chegara ao Véu, Reia sentou-se feliz no jardim enquanto comia o seu pequeno-almoço. Cercada pela vegetação luxuriante de vários vegetais e plantas, ela respirou fundo, sentindo o cheiro das ervas mais fortes, como hortelã e endro, que flutuavam ao seu redor.

Surpreendentemente, Orpheus não ficou para vigiar a área para se certificar de que ela estava segura.

O dia estava frio com o vento soprando mais forte do que o normal, e as nuvens se moviam rapidamente, lançando sombras sobre a área.

Por mais que ela amasse o jardim, seu coração doía ao ver como ele estava destruído. *Aqueles Demônios estúpidos com certeza fizeram um trabalho fantástico em arruinar isso.*

Muitos deles ainda permaneciam, caminhando ao longo do círculo de sal enquanto tentavam inutilmente assustá-la quando ela se sentia perfeitamente segura dentro dele, especialmente com seu amuleto mais uma vez preso em seu cabelo.

Muitas das plantas tinham sido chutadas e arrancadas do chão, e seu delicioso arbusto de framboesa estava em frangalhos. O medronheiro não estava muito melhor, mas ela já havia colhido a maior parte antes disso.

Isso não é realmente um monte de comida. Sem carne, Reia complementava a sua alimentação com o aproveitamento das frutas e legumes e consumia-os rapidamente.

Somente quando ela havia terminado parcialmente o café da manhã, Orpheus entrou no jardim. Ele estava protegendo algo nas costas, mas ela sabia que ele mostraria a ela o que era se quisesse.

— Eu estava pensando — disse ela quando ele se aproximou, caminhando entre os arbustos no caminho de terra no meio do jardim.
— Você estaria disposto a caçar para mim?

Ele parou no meio do caminho quando estava quase perto dela.

— Você... quer que eu cace para você?

Ela poderia dizer que ele estava preocupado, especialmente

quando seus orbes se aprofundaram em azul.

— Vou ficar sem comida se só comer desta horta. Se eu tiver um pouco de carne, isso significa que posso economizar um pouco e espero que mais cresça antes que eu precise.

Ele começou a se aproximar novamente, mais hesitante do que antes. Quando ele estava bem na frente dela, ela se contorceu em seu assento. Ela teve que esticar o pescoço para ele enquanto ele se elevava sobre ela. Ele parecia muito mais maciço do que o normal quando ela não estava de pé.

Parecendo sentir o desconforto dela, ele se agachou sobre um joelho, mas de uma forma quase enjaulada.

— É realmente por isso que você quer que eu vá embora?

A culpa apertou seu coração.

— Sim.

Era a verdade, mas a pergunta dele a feriu profundamente depois do que ela tinha feito; correndo pelo Véu para fugir de sua casa e ser pega em uma terrível teia de aranha. Reia sabia o que teria acontecido com ela se ele não tivesse chegado a tempo, mas não podia deixar de se perguntar o que teria acontecido com Orpheus.

Ele teria ficado triste? Ele poderia ter sentido falta dela se ela morresse? Quantas humanas fizeram exatamente o que ela fez, e ele não foi capaz de salvá-las a tempo?

Ele ergueu a mão lentamente para tentar tocar sua bochecha com o polegar e as pontas dos dedos, certificando-se de que suas garras não picassem sua pele. Quando ele viu que ela os aceitou, ele então segurou o lado de seu rosto, e a aspereza que a saudou em seu toque e calor foi totalmente reconfortante.

— Eu não quero que você me deixe, Reia. — Seus olhos quase lacrimejaram instantaneamente com a sinceridade e o profundo poço de solidão e tristeza que ela podia ouvir nele. — Você é linda. — Seu polegar e a ponta da garra acariciaram levemente sua bochecha perto da dobra de seu nariz. — E sua personalidade é brilhante. Senti falta de muitos humanos que partiram, mas gosto de você mais do que de qualquer outro que veio para cá. Mesmo que você consiga sair do Véu com segurança, você terá ido embora.

— Prometi que ficaria e não tentaria sair de novo.

— Mas você ainda quer, não é?

Porra. Seus olhos ficaram de um azul ainda mais profundo e seu estômago se apertou enquanto seus intestinos pareciam estar amarrados em um arco.

— Não é você, Orpheus. — Ela levantou as mãos e, pela primeira vez, segurou os lados de sua longa mandíbula. — É só... eu não sei. Parece que estou presa aqui. Não me sinto livre.

— O que posso fazer para não fazer você se sentir assim comigo?

Comigo... Ele estava perguntando como deixar Reia feliz em ficar ao seu lado, e ela não sabia a resposta para isso.

— Sempre quis viajar. — Ela abaixou as mãos para colocá-las em seu colo para que ela pudesse olhar para elas. — Eu estive presa em toda a minha vida. Sempre esperei que um dia pudesse deixar a aldeia e conhecer o mundo. Eu queria me tornar uma Caçadora de Demônios por esse motivo.

— Mesmo se eu pudesse fazer isso com você, seria muito perigoso. Aqui você está segura. Aqui você não vai pegar uma doença ou se machucar se ficar dentro das proteções.

— Eu sei — ela respondeu com uma voz pequena. Ela sabia que provavelmente não teria vivido muito como uma Caçadora de Demônios, tolamente tentando viajar pelo mundo perigoso, mas ela pensou que teria ficado satisfeita apenas vendo uma pequena parte dele antes de morrer. — De qualquer forma, não pretendo fugir de novo. Então, se você pudesse me trazer mais comida, isso me deixaria mais feliz. Eu sinto falta de carne. Tínhamos caçadores que caçavam veados para nós e fazendeiros que tinham animais.

Ele ergueu a cabeça dela colocando dois dedos sob seu queixo para que ela pudesse encará-lo.

— Se... — Ele hesitou, como se pensasse que suas palavras seriam perturbadoras para ela. Ela mordeu os lábios, sabendo que eles teriam um grande peso sobre eles. — Se você me desse sua alma, Reia, talvez eu pudesse lhe dar o que você quer.

Seu rosto empalideceu enquanto seus olhos se arregalaram

tanto que ela sabia que eles estavam cheios e mostrando o branco deles completamente. A mão dele voou para longe dela abruptamente, e ele recuou para dar espaço a ela.

De repente, ela deve ter cheirado a medo pela rapidez e devastação com que ele agarrou seu estômago, como um horrível conjunto de garras.

— Não sei o que vai acontecer, já que nunca foi feito antes, mas me disseram que isso significaria que você sempre estaria segura... e comigo.

Seu pulso acelerou em suas veias. A mão de Orpheus cerrou os punhos em seu joelho, e ele virou o rosto para longe dela.

— Eu entendo. — Ele ficou acima dela. — Não vou perguntar de novo.

Então ele estendeu a mão para ela, mostrando o que estava atrás de suas costas para frente. Era a espada que ela usou para lutar contra os Demônios.

— Você disse que queria ser uma Caçadora de Demônios, e posso ver que está disposta a lutar. Você gostaria de treinar com uma espada?

Toda a sua apreensão e medo fugiram mais rápido do que entraram nela. Ela rapidamente se levantou.

— O que? Realmente?!

— Saber que você seria capaz de se proteger se eu não conseguir alcançá-la me traria conforto, desde que você não a use para sair.

— Sim! — ela gritou, quase quicando em seus pés. O sorriso que ela deu foi brilhante. — Sim, Orpheus, por favor. Eu adoraria!

Seus orbes brilhantes de repente ficaram roxos profundos em seu rosto alegre. Ela se encolheu com o quão inesperado foi, suas bochechas corando com compreensão.

Ele deve ter notado, porque seus olhos se transformaram em um rosa pálido avermelhado, e ele levantou a mão para cobrir um deles. Reia quase riu quando percebeu que era sua própria maneira de corar de vergonha.

Pfft. Na verdade, ela riu. Isso era tão adorável.

A conversa anterior foi completamente esquecida e ele a conduziu para fora do jardim para que tivessem espaço para se mover. Ele deu a ela a espada, seus olhos demoraram a mudar de volta para o azul normal.

— Ok. O que eu faço? — ela perguntou quando segurou o punho de couro com ambas as mãos, olhando para uma das bordas afiadas da lâmina.

— Não sei.

— Perdão? — Ela virou a cabeça para o lado para olhar para ele com uma expressão confusa.

— Eu tenho garras. — Ele gesticulou para elas, piscando-os na luz do sol fraca. — Eu nunca precisei empunhar uma espada.

— Como vou aprender, então?

Ele deu de ombros.

— Fui atacado muitas vezes por humanos. Ataque-me até saber como manejá-la.

— Eu poderia te machucar. Isso não te deixaria com raiva?

A última coisa que ela precisava era que ele enlouquecesse como ele fez quando os Caçadores de Demônios o atingiram com uma flecha.

Uma risada profunda veio dele quando ele cruzou os braços sobre o peito.

— Você não será capaz de me machucar, minha pequena humana. Você não será rápida o suficiente, nem forte o suficiente. — Com os braços cruzados, ele deu um passo na frente dela para que eles ficassem de frente um para o outro. — Eu vou esculpir uma espada de madeira para você se parecer que você pode, mas até que eu faça, você vai treinar com isso. Vou garantir que sejamos cuidadosos.

— Você é terrivelmente arrogante para alguém que nunca me viu lutar. — Ela ergueu a ponta pontiaguda, fazendo o metal prateado brilhar ao sol. — Fui bastante eficaz em matar aqueles demônios para proteger sua bunda enquanto você estava inconsciente.

— Tenho certeza que sim, mas vamos fazer você melhorar.

Tendo fé nele, Reia correu para frente com todas as suas forças e cortou para baixo. Ele se esquivou facilmente saindo do caminho

com seu longo passo, seus braços permanecendo cruzados. Ela tentou novamente, e ele fez a mesma coisa. Reia cortou de lado e ele simplesmente deu um passo para trás pelo menos um pé fora de seu alcance.

Eventualmente, eles começaram a se mover em um círculo com ela perseguindo-o enquanto ele saía facilmente do caminho.

— Tente um ataque diferente, Reia.

Ela parou, bufando enquanto ela estava lá.

— Não seria melhor se você tivesse sua própria espada para que eu pudesse atacá-lo? Pode me ajudar a aprender.

Um vento cortante os atravessou e ondulou seu vestido branco ao redor de suas pernas. O verde que ela tinha foi arruinado pelo sangue de Demônio e ela ainda não tingiu este. Ela havia recolhido as plantas destruídas do jardim e planejava fervê-las esta tarde para tingir um vestido novo.

Orpheus virou a cabeça para o céu e Reia seguiu seu olhar. Uma forte rajada de vento envolveu ambas as formas, cheias de folhas e poeira.

— Essa é uma boa ideia, mas algo que teremos que tentar amanhã. — Nuvens cinza-escuras rolavam pesadamente sobre eles, e ela estremeceu quando a temperatura do ar caiu alguns graus. — Vai chover.

— Eu amo a chuva — disse ela, lançando um sorriso para as nuvens.

— Você não vai adorar quando ela lavar o círculo de proteção e os demônios estiverem vagando livremente pela casa.

— Ok, sim, — ela suspirou, deixando cair os ombros enquanto ela virava a cabeça para baixo para olhar para ele. — Ponto justo.

— Venha, devemos nos preparar. — Ele gesticulou com um aceno de mão em direção à frente da casa que eles estavam perto. Enquanto caminhavam em direção a ela, ele perguntou: — Você gostaria de me ajudar a fazer bijuterias de proteção caso precisemos delas?

— Claro, mas você poderia me pegar alguns vegetais para que eu possa fazer um ensopado?

Quando ele concordou, ela listou o que queria do que restava. Ela entrou enquanto ele os buscava para ela.

Reia acendeu a lareira para começar a ferver a água, olhando para um dos armários acima dos balcões da cozinha. Ela continuou olhando enquanto cortava algumas das ervas que já estavam disponíveis dentro.

Duvido que ele se importe...

Ele estava sempre dizendo a ela que ela poderia ir aonde quisesse dentro do círculo protetor, poderia fazer ou tocar o que quisesse. Ela mordiscou o lábio inferior, pensando pesadamente, já que o que ela queria era algo que ela sabia ser importante, e ela não sabia se ele consideraria um desperdício quando fosse usado para protegê-la. Apesar de sua felicidade ser algo que ele considerava uma prioridade, sua segurança era o mais importante em sua mente - para seu aborrecimento.

Dane-se, vai ficar tudo bem.

Reia agarrou a cadeira com a qual se sentava à mesa de jantar e deslizou o pesado móvel para o balcão. Ela subiu nele, certificando-se de que estava firme o suficiente para suportar seu peso, e então subiu nele. Ela abriu as portas.

Assim que ela estava entrando, uma mão grande e quente envolveu suas costas e seu lado, assustando-a e fazendo-a quase tropeçar. Ela rapidamente se virou para ele.

— Tenha cuidado — disse ele enquanto a apoiava nas costas. — Eu não quero que você caia e se machuque. Se você quiser alguma coisa, eu posso conseguir para você. O que você precisa daqui?

Sua voz não parecia zangada ou incomodada, estava mais cheia de curiosidade enquanto ele espiava dentro do armário com ela.

— Eu queria usar o sal que você tem na minha comida para torná-la mais saborosa. — Ela agarrou a tigela de sal com as duas mãos para se certificar de que não a deixaria cair. — E eu posso fazer coisas por mim mesma, você sabe. Se eu for muito baixa para alcançar alguma coisa, posso usar a cadeira.

— Tenho certeza de que é verdade. — Ela gritou quando o braço dele bateu na parte de trás de seus joelhos, derrubando-a

enquanto o outro veio para apoiá-la nas costas. Ela estava acolchoada no berço de seus braços. — Mas ficarei chateado se você for ferida.

Ele a colocou de pé, e Reia não pôde evitar o pequeno rubor que subiu em suas bochechas.

Desde o banho na noite anterior, ela percebeu que Orpheus estava se sentindo mais confiante perto dela. Ele não tinha tanto medo de estar perto dela e, embora nenhuma de suas ações tivesse sido sexual desde então, havia ternura nelas. Assim como agora, onde ele a segurou em seus braços para que pudesse colocá-la de pé, ou quando segurou seu rosto do lado de fora.

Quando ela começou a descascar as batatas, ele se aproximou dela e passou a cabeça por cima do ombro dela.

— Tudo bem se você me mostrasse como fazer isso?

— Você quer aprender a cozinhar? — Ela continuou a cortar as peles cobertas de terra em um balde dentro da bacia de metal. — Eu ficaria feliz em fazer isso, mas se eu fizer, tenho certeza que você tentará fazer isso por mim, e então não terei nada para fazer.

Era como se Orpheus se preocupasse que ela quebrasse uma unha fazendo até as tarefas mais simples. Era encantador, mas significava que não havia muito para ela fazer. Ele nem gostava que ela limpasse.

— Se é algo que você gosta, não vou tirar essa tarefa de você, mas ainda gostaria de saber como. Uma vez, mas isso foi há muito tempo.

— Com a mulher que viveu aqui por muito tempo com você?
— Ela mordeu os lábios quando percebeu que havia feito uma pergunta pessoal que sabia que ele não gostava de responder.

— Sim. — Ele a surpreendeu respondendo rapidamente. — Ela me ensinou como, mas eu esqueci.

Ele está ficando confortável o suficiente para falar comigo sobre ela?

Essa pessoa misteriosa brincava na mente de Reia, e a curiosidade a consumia constantemente. Ela tinha tantas perguntas sobre uma pessoa que ficou com ele tempo suficiente para pedir-lhe que construísse esta casa, um jardim, móveis.

Ela deve ter morado aqui por muito tempo.

Reia não se virou para ele, tentando parecer o mais casual possível enquanto ele estava tão perto dela que ela podia sentir o calor saindo de seu corpo.

— Quem era ela?

— Alguém como você, — ele respondeu, deixando-a tensa quando ela sentiu suas garras roçando as pontas de seu cabelo. A agitação dos fios fez cócegas em seu couro cabeludo. — Alguém que não tinha medo de mim.

Ela apenas se afastou dele para poder levar para o lado as batatas, cenouras, repolho e cebolas já lavadas e começar a cortá-las. Ele seguiu para que ele pudesse assistir.

— O que aconteceu com ela?

Ele ficou em silêncio então. O tipo de silêncio que dizia a ela que ele estava desconfortável em contar a ela ou desconfortável com sua própria resposta.

— Ela não queria ficar comigo — foi tudo o que ele disse, e ela teve a impressão de que ele não falaria mais nada sobre isso. — Por que você corta as cenouras assim? Os outros humanos os tornaram mais finos.

Ela fez uma pausa enquanto olhava para as grossas fatias de cenoura que estava cortando.

— Acho que é porque gosto que fiquem mais firmes no meio. Eu meio que gosto do sabor da cenoura crua.

— Hum. Eles têm sabores diferentes quando cozidos e não cozidos? Achei que era só para mudar a firmeza deles.

Reia riu.

— Acho que você nunca comeu um vegetal na vida, mas não, cozinhá-los muda o sabor de alguns vegetais. Não se trata apenas de quão firmes eles são, mas também muda as texturas. Cozinhá-los em uma panela sem água também muda o sabor, mas prefiro fazer sopas e ensopados se não tiver carne.

Ele levantou uma mão para cobrir o lado de seu focinho em pensamento.

— Você fará uma comida diferente da que está fazendo agora se tiver carne?

— Claro. Eu posso fazer muito mais. Se eu tivesse farinha, poderia fazer pão, e com mel poderia fazer doces.

— Não sei que ingredientes são esses.

Assim que terminou de cortar os vegetais, ela começou a picar finamente as outras ervas que havia pedido.

— Bem, a farinha vem do trigo e o mel vem das abelhas.

— O que são abelhas?

Reia se virou, franzindo a testa enquanto o encarava.

— Você não sabe o que é uma abelha? É um inseto voador felpudo com listras amarelas e pretas.

Sua cabeça se inclinou, fazendo um leve som de chocalho como se seu crânio estivesse cheio de pequenos ossos.

— Você está falando daqueles insetos que picam. — Sua boca abriu e fechou ligeiramente enquanto sua língua se movia para lambe o topo de sua boca. — Eles machucaram minha língua. Por que você os adicionaria à comida? Eles não têm um gosto particularmente bom.

Reia cobriu a boca quando uma risada escapou dela por acidente. Seus olhos queimaram em um vermelho pálido para mostrar que ele estava com raiva dela rindo dele, ou pelo menos irritado.

— Nós não os comemos, Orpheus. Elas vivem em uma colméia e coletam o pólen, então o transformam em mel dentro de seus ninhos.

Suas orbes mudaram para azul mais uma vez, e ele virou o rosto para o escurecimento do lado de fora, logo atrás da janela.

— Gostaria se eu trouxesse uma colméia para que você pudesse obter mel? Há algumas fora do Véu. Os demônios não gostam delas porque picam quando atacadas.

Uma gota de ternura aqueceu seu peito.

— Sim, seria.

Um alto estalo de trovão explodiu antes que os primeiros sinais de chuva tamborilassem em gotas pesadas contra a janela.

— Então eu vou suportar ser picado para pegar seu mel. — Orpheus deu um passo para trás. — Vou ter que aprender a cozinhar outra hora. Devo sair para manter os Demônios afastados.

— Tudo o que você precisaria fazer agora era esmagar os tomates até ficarem como uma pasta e adicionar tudo, incluindo um

pouco de sal, na água até ficarem macios.

Uma centelha amarela brilhou em seus olhos. — Obrigado.

Ele se virou para sair e Reia continuou a preparar o jantar até ficar pronto. No momento em que foi, a chuva lá fora era forte, banhando a casa com um aguaceiro. Quando ela espiou pela janela, as nuvens estavam tão escuras que já parecia que a noite havia chegado, mesmo que ainda faltasse uma hora.

Era uma tempestade violenta com muitos golpes rápidos de amarelo quente se bifurcando no céu.

Reia colocou a tigela de sopa na mesa, mas não se sentou. Em vez disso, ela caminhou até a porta da frente e a abriu, espiando para fora.

Ela esperou até que Orpheus pudesse ser visto, já que ele devia estar andando pela casa, e o chamou.

Ele foi direto para ela.

— Você deveria estar lá dentro.

— Posso observar você e a chuva? — Ela apontou para as bugigangas penduradas em cada canto do telhado da varanda. — Eles vão me proteger e estou usando o amuleto. Vou até trazer a espada comigo.

— Mas um Demônio pode correr para a barreira enquanto eu estiver do outro lado da casa. Há muitos por aí depois do que aconteceu no outro dia.

— Então? — ela bufou. — Não é como se eu tivesse medo deles. É engraçado quando eles se machucam tentando passar pelo círculo de sal. Tenho certeza de que vê-los fazer a mesma coisa com a casa será igualmente engraçado.

— Você é um ser humano estranho, Reia. — No entanto, ele parou por um longo tempo, e ela percebeu que ele estava pensando nisso profundamente. — Contanto que você mantenha a porta aberta para poder fugir para dentro, e certifique-se de me chamar se alguém conseguir passar, e que você corra primeiro antes de tentar lutar contra, e...

— Sim, ok, entendi. — Reia revirou os olhos com um aceno de cabeça, sentindo a joia em forma de lágrima em sua testa balançar. —

Certifique-se de que eu não vou me machucar.

Ele assentiu e ela voltou para dentro. Agarrando a cadeira de jantar, ela a arrastou para fora e a colocou diretamente ao lado da porta aberta. Ela se sentou de pernas cruzadas enquanto segurava sua tigela de sopa, olhando para a espada que descansava contra uma de suas pernas para mantê-la próxima, antes de virar seu olhar para cima para a floresta misteriosa.

Uma sensação de tranquilidade caiu sobre ela enquanto observava a tempestade torrencial. Poças profundas se formaram rapidamente, crescendo a cada segundo, e o som das gotas batendo no telhado da varanda acalmava.

Isso é algo que ela costumava fazer toda vez que chovia na aldeia. Observar a chuva enquanto comia uma refeição quente e saudável sempre foi um pequeno prazer para ela.

— Vem cá, vem cá, vem cá! — Um Demônio espumava e rosnava enquanto corria para ela. Reia apenas levou uma colher de líquido à boca enquanto esperava que o inevitável acontecesse. — Peguei você!

Ele bateu direto na parede invisível, todo o seu corpo desmoronando com a velocidade. Seus braços se dobraram desajeitadamente enquanto sua cabeça parecia entrar em seu pescoço até os ombros.

— Ha ha! — Ela gritou, trazendo as pernas para a frente para chutá-las de alegria. — Idiota.

Ela o observou tropeçar na base dos degraus da varanda, desorientado e atordoado. Um momento depois, Orpheus disparou contra ele em sua forma mais monstruosa, fazendo-o voar até a metade do pátio.

Ele virou seus orbes brilhantes avermelhados para ela. Eles pareciam mais místicos e etéreos com a chuva cinza cobrindo-o. Foi a primeira vez que ela os achou cativantes de se olhar, já que seu significado não era direcionado a ela.

Suas roupas pesadas e molhadas brilhavam contra sua forma encharcada, pingando de seu longo pelo inchado pela agitação e derramando-se de seu crânio branco. As gotas pareciam brilhar

quando refletiam a luz brilhante de um raio, cobrindo-o momentaneamente em pontos de luz. Era quase místico, como se ele estivesse coberto pelas luzes míticas das fadas.

— Viu? — Ela sorriu brilhantemente enquanto girava a colher no ar. — São e salvo com você por perto.

Ele deu um bufo que estava mais úmido com a chuva que entrava pelo buraco de seu nariz, seus olhos brilhando em roxo profundo antes de ele decolar para atacar o Demônio que ele havia derrubado. Ela podia ver que eles estavam vermelhos antes que ele terminasse seu primeiro passo de suas pernas.

Uau. Isso é diferente. Quando seus olhos mudavam para o desejo quando ele era normal, geralmente provocava uma pitada de sua própria excitação. No entanto, enquanto ele era *assim*, mais animalesco e bestial, isso tinha sido estranhamente... excitante?

Reia cantarolava para si uma melodia cheia de humor.

Ok, e se eu for uma perversa? Um sorriso iluminou suas feições. *Quem se importa se estou atraída por um monstro?* Ela continuou a rir baixinho para si mesma enquanto levava outra colherada aos lábios. *Quem se importa se eu quero ter seu - Oh meus deuses. Que diabo é isso?!*

Os olhos de Reia se arregalaram quando ela viu algo grande e branco sair da linha das árvores. Não era um Demônio, não poderia ser um Demônio, mas ainda era enorme e estranho.

Ele saltava enquanto caminhava, suas pernas marrons dobrando alto enquanto suas garras de três dedos atingiam a altura de sua cintura.

Ela colocou sua tigela no chão e se levantou para se aproximar enquanto permanecia na varanda.

Quase parecia que estava dançando enquanto cruzava o quintal, indo para os fundos da casa onde ela sabia que Orpheus estava.

Não estava vindo para Reia, não parecia se importar que ela estivesse na varanda olhando enquanto ela caminhava para o corrimão.

Parece uma coruja. Suas asas se abriram um pouco enquanto ele dançava, balançando de um lado para o outro.

No momento em que estava prestes a passar pela casa onde ela não o veria mais, ele parou bruscamente e virou o rosto para ela, mostrando seus olhos negros escuros que eram como vazios contra suas penas brancas.

Reia cambaleou para trás, quase caindo, quando parou e olhou para ela.

— Orpheus! — ela gritou, recuando até que ela estava na porta.

Em segundos, ele estava com ela, de quatro no fundo da varanda. Ele deve ter corrido muito para chegar até ela, já que estava bufando profundamente. Em vez de olhar para ele, ela apontou para o outro lado da casa.

— É a Coruja Bruxa, — ele disse a ela com uma voz grave e rosnada.

Ele virou a cabeça e começou a pular, indo em direção ao que Reia pensou ser o jardim.

— Ela aparece às vezes. — Reia o encarou, seus olhos ainda arregalados e inseguros. — Eu não acho que ela queira fazer mal a você. Ela já deixou presentes antes.

— Mas o *que* ela é? Ela não parece um Demônio.

— Ela é parte humana, parte outro. Ela vive dentro do Véu, uma entidade desconhecida, mas que existe desde o que eu acredito ser o início dos tempos. — Ele balançou seu corpo, a água espirrando de algumas de suas áreas mais peludas. — Acredito que foi ela quem me deu o amuleto, mas não tenho certeza. Ela só falou comigo uma vez quando era humana.

— Ela pode virar humana?

— Sim, mas ela é perigosa, Reia. Não deixe que ela se aproxime de você. Não tenho certeza do que ela fará.

Ela assentiu lentamente, incapaz de conjurar quaisquer palavras enquanto sua boca abria e fechava em estado de choque. Ela nunca tinha ouvido falar de uma Coruja Bruxa, não sabia que algo assim existia, ou que outros seres viviam dentro do Véu.

DEZOITO

Orpheus passou a maior parte da noite do lado de fora circulando a casa para manter os Demônios longe dela.

Ele deu banho em Reia como precisava, mas suas mãos estavam mais apressadas do que o normal. Ele estava animado para fazer isso com ela novamente depois do que o último levou, esperando que ela quisesse que ele a tocasse tão intimamente novamente. Deu-lhe grande prazer observar seu corpo flexível se contorcer, contorcer-se e ficar tenso devido aos dedos dele. Fazê-la tremer com a língua dele em seu pescoço. Ouvir os pequenos gritos, suas respirações. Sentir dentro de sua *boceta quente* e tê-la ondulando em torno de seus dedos enquanto ela gozava para ele, por causa dele.

Ele gostou dessa palavra, gostou de como era abrupta e gostou que ela lhe deu permissão para usá-la.

Cada grama de seu controle havia sido testada. Seu pênis estava duro, totalmente inchado e quase explodindo com pulsações profundas. Ele queria sentir isso de novo, ser tão cheio de desejo que estava a um fio de perder o controle enquanto era capaz de dizer a ela o que queria fazer com ela. Para fazê-la gemer em vez de ficar apavorada que Orpheus a desejasse.

A dor que ele suportou valeu a pena.

Ele queria saber se isso aconteceria novamente.

Apesar de sua excitação por isso, ele não podia ficar e demorar. Ele estava agradecido por ela não ter pedido, pois sabia que ficaria dividido em querer tocá-la e protegê-la.

Atualmente, fora era perigoso.

A chuva caía em gotas duras, e ele sabia que uma ou duas de suas bugigangas iriam se desfazer sob sua força. Se isso acontecesse, se todos caíssem, os Demônios seriam capazes de invadir com facilidade.

Ele não sabia se seu toque apressado havia despertado desejo dentro dela, mas disse a ela que tinha que ser rápido para voltar ao seu dever de protegê-la e à casa.

Já aconteceu antes no passado. Orpheus havia perdido uma humana devido a uma tempestade e jurou que isso nunca mais

aconteceria.

Como ele não tinha tido tempo, havia esquecido devido ao seu interesse pela comida dela, ele perguntou se ela poderia lhe dar bugigangas enquanto ele patrulhava. O fato de ele poder pedir isso a ela, porque ela estava disposta a aprender e poderia ajudá-lo, o fez sentir orgulho dela quando os verificou e viu que eram adequados.

Foi somente quando as primeiras horas da manhã chegaram que as nuvens cessaram suas lágrimas de raiva e começaram a se dissipar.

O solo estava encharcado e enlameado. Preocupava-se com a reação de Reia quando lhe dissesse que não podia sair sozinha da segurança de casa para se sentar no jardim até a terra secar para que ele pudesse esculpir um novo círculo e enchê-lo de sal.

Mas, quando ela acordou, Orpheus a levou para fora, sob seu olhar intenso e atento, para mostrar-lhe algo rapidamente.

Seu sorriso radiante o fez estremecer. Não era para ele, então não enviou desejo através dele forte o suficiente para mudar sua visão, mas ainda assim lhe trouxe grande contentamento ao vê-lo.

— O jardim está cheio! — ela gritou, correndo para frente, apesar de seu aviso anterior para ficar com ele.

Ela começou a tocar as folhas do pé de morango quase colhido, que agora estava cheio e muito maior do que antes. O arbusto de framboesa que ela amava, mas havia sido destruído, era tão grande quanto e trazia frutos maduros e frescos.

Até mesmo todos os vegetais que ela pegou tinham brotado novamente, e ele viu que havia uma pequena árvore com pedaços ovais amarelos. Ele nunca tinha visto aquela árvore antes e não sabia que fruta ou legume brotava dela.

Tudo cheirava a limpo, maduro e fresco. Gotas de água grudavam nas folhas e em sua carne, brilhando na luz que tentava brilhar por entre as nuvens remanescentes.

— O que aconteceu? — ela perguntou, caminhando até a estranha árvore nova e puxando um pedaço oval amarelo dela. — O limoeiro não estava aqui antes.

Ele a seguiu como uma sombra.

— A Bruxa Coruja o conjurou.

Ele a vira dançando pelo jardim durante a noite, batendo as asas no ar em um movimento que era como se ela estivesse puxando algo enquanto saltava sobre as pernas de pássaro. Ele estava curioso para saber o que ela estava fazendo, mas como ela não estava causando nenhum dano, ele a deixou em paz.

Também era melhor que ele não a atacasse. Ele tinha a sensação de que não seria capaz de machucá-la, já que ela estava transbordando de estranha magia negra. Ela cheirava mal, um cheiro azedo, de revirar o estômago.

Ela também o ajudou. Durante o tempo em que ele teve sua primeira humana, aquela para o qual ele construiu esta casa, a Coruja Bruxa veio até ele. Foi ela quem contou a ele sobre o círculo de sal e as bugigangas de feitiço de proteção. Foi ela quem o informou se ela voluntariamente lhe desse sua alma - já que não poderia ser tomada - então sua humana viveria com ele para sempre, segura mesmo no Veu sem sua proteção.

— Isso é maravilhoso. Se você for caçar, tudo isso vai durar muito mais tempo. Eu estava preocupada que teria pouco para comer, mas há ainda mais aqui do que antes. — Ela apontou para as folhas novas que escondiam vegetais abaixo do solo. — É como se ela soubesse do que eu gosto e fizesse um cultivo extra para mim.

O desejo dela de que ele partisse e fosse caçar deixou Orpheus com uma sensação de mau presságio. Ele queria confiar nela, queria acreditar que ela ficaria enquanto ele estivesse fora, mas não o fez.

Ela já me deixou.

Seu coração murchava sempre que ele se lembrava.

Eu quero que seja ela. Orpheus queria que Reia fosse quem queria ficar com ele. Ele adorava o cheiro dela, desde o momento em que a conheceu, mais do que qualquer outro humano antes. Ela era tão bonita. Ele nunca tinha visto uma humana tão pálida quanto ela, com cabelos tão loiros e brilhantes como o sol. Seus olhos verdes brilhantes eram como uma floresta densa, fácil para alguém se perder, e ele descobriu que se perdia quando olhava para eles.

Seu corpo era macio, curvilíneo. Ela foi a primeira a provocar

um desejo tão forte nele por causa da maneira como ela reagiu quando ele a tocou. Parecia que sua carne era sensível, e ele queria desesperadamente saber como ela reagiria se ele lambesse cada centímetro dela em vez de passar as mãos sobre ela.

Por mais que ele gostasse dos aspectos físicos dela, era com o que ela tinha dentro que ele estava realmente se apegando.

Ela era forte. Tão forte em sua vontade que ela até queria lutar contra os Demônios que iriam prejudicá-la no Véu ao invés de tremer de medo. Algo sobre isso o fez sentir orgulho dela e confiar que ela sobreviveria com ele.

Ela estava confiante, disposta a rir com ele quando nenhum outro tinha feito antes. Rápida para aprender, mas feliz em ensinar, ela queria ajudá-lo em qualquer tarefa, fazê-la com ele ou vigiá-lo se não pudesse.

Ela é perfeita. Uma pequena humana perfeita que estava rapidamente roubando seu coração solitário e dolorido. Perfeito em forma, em mente, com pequenos sorrisos perfeitos com aqueles olhos verdes que faziam sua virilha apertar toda vez que ela os dirigia para ele.

Ele nunca se sentiu assim por nenhum outro humano. Reia era perfeita, e ele queria que ela fosse dele.

Então, perdê-la, seja porque ela o deixou em segurança ou morreu, seria oco.

Mesmo que ela estivesse perdida e ele encontrasse outro humano que não tivesse medo dele, eles não seriam ela. Eles podem não querer pegar uma espada, ou querer fazer bugigangas com ele, ou mostrar-lhe como cozinhar. Eles podem não querer assistir enquanto ele corria na chuva assustando os demônios ou rir quando eles correriam para as barreiras.

Eles podem não me desejar. Eles podem não gostar do toque de Orpheus, podem não permitir que ele lambesse seu pescoço – especialmente atrás da orelha. Eles poderiam não dar a ele o doce choro que ela deu, um que foi quebrado e profundo.

E eles definitivamente não cheirariam a sabugueiro e rosas vermelhas.

— Vou pegar peixe para você na próxima vez que estiver no riacho para pegar sua água. — Era o melhor que podia fazer por enquanto.

Ele não queria deixá-la, apesar de estar constantemente com fome e precisar caçar para si mesmo também.

— Peixe seria bom, — ela disse a ele, dando a ele um pequeno sorriso que era apenas brilhante o suficiente para espalhar um calor suave por ele.

— Venha, você deveria entrar. — Ele apontou para a frente da casa. — Vou colher o que você quer do jardim agora que você sabe o que tem aqui.

Ela assentiu, pegando um *limão* para levar com ela de qualquer maneira, e começou a ir naquela direção.

Antes mesmo de saírem do jardim, Orpheus disparou na frente dela e puxou-a contra suas costas. Ele deu um grunhido de advertência enquanto mostrava suas presas.

A criatura se aproximou, grande e alta, andando sobre as patas traseiras e só usando a mão para se firmar quando precisava. Sua cabeça ossuda torceu para um lado e depois para o outro.

Ele fez uma pausa quando o ouviu rosnar e então deu um passo cauteloso para trás.

— Você geralmente não me avisa para ir embora — disse ele a Orpheus antes de se levantar para ficar totalmente apoiado nas patas traseiras.

Ele sentiu Reia espreitar ao seu redor enquanto segurava a parte de trás de sua camisa para ficar com ele. Ela engasgou, puxando-o para puxar-se mais para frente quando ele se recusou a deixá-la.

— Outro Caminhante do Crepúsculo?

— Oh — ele engasgou em troca. Ele esticou a cabeça para o lado para vê-la melhor ao seu redor enquanto caminhava naquela direção. — Você tem uma humana?

— Fique atrás! — ele rosnou, vermelho carmesim surgindo rapidamente em sua visão, um aviso mortal.

O outro Mavka estalou o pescoço quando torceu a cabeça para o lado. Seu crânio ósseo era o de uma raposa e ele tinha dois grandes

chifres bifurcados com vários ramos no topo de sua cabeça, em vez dos chifres que Orpheus tinha.

Ele usava apenas calções esfarrapados e tinha um corpo semelhante ao de Orpheus, exceto que tinha pelo mais longo e mais ossos salientes de sua pele, como ao redor de seus quadris e joelhos.

Ele era um Mavka menos desenvolvido como humano e provavelmente não tinha comido tanto quanto Orpheus. Ele tinha uma dieta semelhante considerando sua pele de veado e lobo, mas deveria comer mais pássaros, pois tinha penas saindo do pescoço, ombros, peito e costas.

Tudo o que eles comiam dava a eles suas características.

No entanto, este Mavka o visitava com frequência em comparação com os outros que ele conheceu brevemente. Este era o território de Orpheus, ele era muito possessivo, mas permitia que ele viesse aqui desde que não demorasse.

— Por que você tem uma humana que não comeu?

— Ela *não é* para comer.

Seus olhos verdes brilhantes, a cor que normalmente eram, brilharam para um amarelo brilhante.

— Ela é companheira? Podemos fazer companhia aos humanos?

A postura de Orpheus ficou mais rígida quando ele ousou se aproximar por curiosidade. Ele nunca sentiu o desejo ou vontade de matar um companheiro Mavka, mas ele sentiu agora, já que ele era uma ameaça para sua Reia.

Ele cheirou o ar enquanto se agachava para se apoiar em uma única mão.

— Ela não cheira a medo! — Seus orbes amarelos brilharam ainda mais. — Eu quero uma humana que não me faça comê-los.

— Ela é *minha* — ele mordeu com um grunhido.

Ele bufou em resposta, esfregando o buraco no focinho onde estava o nariz.

— Eu não quero a sua. Ela cheira a paus e espinhos. Quero uma com cheiro melhor. — Não estando mais tão interessado em sua humana, ele olhou para Orpheus enquanto permanecia agachado a

uma distância razoável ainda. — Ela permite que você a toque?

A visão de Orpheus se desvaneceu em um rosa avermelhado quando o embaraço disparou através dele rapidamente. Reia estava logo atrás dele, e ele temia como ela receberia sua pergunta.

Ele sabia que para Mavka significava toque como segurar, já que duvidava que soubesse o que era sexo, mas se preocupava como Reia poderia entender seu significado.

Uma risada estridente explodiu atrás dele. O tipo que era tão descontrolado que era alto e agudo.

O Mavka com cabeça de raposa recuou com seus orbes ficando brancos.

— Que som é esse que ela fez?

Fazia sentido que ele nunca tivesse ouvido uma risada humana antes, já que provavelmente só tinha ouvido seus gritos e choros.

— O que você quer, Mavka?

Este não tinha um nome como o de Orpheus.

Orpheus queria que isso acabasse, precisava que ele fosse embora.

— Vim buscar mais sal, — ele respondeu, virando mais uma vez a cabeça na direção de Reia. — A serpente Demônio ainda está perto da minha casa e a chuva lavou o círculo que você me disse para colocar.

Orpheus, enquanto ainda segurava Reia contra si com um braço, levantou o outro para apontar a ponta de uma garra para ele

— Você ainda não cultivou os ingredientes para as bugigangas de charme. Eu disse que eles protegeriam sua casa.

Desta vez, um vermelho rosado entrou em seus orbes em vez de Orpheus.

— Eu tentei, mas eles não cresceram.

— Tudo bem, vou te dar mais sal e depois você vai embora.

— Espere — ele exigiu, estendendo a mão para a frente quando Orpheus trouxe Reia na frente dele, para que ela estivesse protegida quando ele se virasse em direção à casa. — Gostaria de saber mais sobre isso. Se houver humanos que desejam ser nossos companheiros, aqueles que não nos deixam com fome, então eu gostaria de um.

Sua resposta inicial foi o desejo de dizer não e ir embora o mais rápido possível. No entanto, ele entendeu o que o Mavka estava sentindo. Quanto mais humanidade eles possuíam, mais eles doíam com a solidão, a escuridão engolindo-os com desolação e angústia.

Ele pode ser um Mavka menos desenvolvido, mas Orpheus era semelhante ao seu estado quando começou a tentar aliviar sua própria solidão - apenas para descobrir a dor de ser abandonado. De se sentir cada vez mais como um monstro quando foi rejeitado, quando comeu aqueles com quem queria fazer amizade porque o cheiro de seu medo o deixava louco.

Com um suspiro cheio de compreensão, ele assentiu.

— Fique aí, trarei o que você precisa e explico tudo.

Se este Mavka estava interessado na sua relação com Reia, querendo o que ele fez, o que ainda não tinha verdadeiramente, então tinha um longo e árduo caminho pela frente.

Vou ajudá-lo o melhor que puder. Ele compartilharia tudo o que sabia, o que teria que fazer, até para poder iniciar esse caminho.



Por dois dias, Reia ficou presa lá dentro.

Ela não tinha permissão para passar pela varanda. Ela não tinha permissão para se sentar ao sol no jardim.

Ela estava preocupada com o que seria estar perto dele constantemente, mas isso não aconteceu. Orpheus passou a maior parte do tempo do lado de fora certificando-se de que a casa estava segura, já que o círculo não podia ser colocado por causa do solo úmido.

Ele entrava frequentemente para ver como ela estava, encontrando-a usando os limões para tingir um vestido de amarelo, ou cozinhando, ou mesmo lendo um dos dois livros que ele possuía - não que ela fosse uma grande leitora, e eles eram enfadonhos. Como não

estava mais ventando e chovendo, ele pôde observá-la enquanto ela cozinhava. Sempre parecia que ele queria demorar, queria que ela ficasse à sua vista, mas então se sentia compelido a andar pelo quintal para se certificar de que não havia demônios.

Parecia que ele tinha assustado a maioria deles ou os tinha matado após o incidente com a aranha.

A principal coisa que lhe trazia entretenimento era poder praticar com sua espada. Ele deu a ela, disse que ela poderia ficar com ela, e ele a ajudou todos os dias tanto quanto podia.

Eles treinaram na varanda, já que a área era longa e larga o suficiente para permitir que ela o fizesse. Felizmente, a casa foi construída para caber em sua altura com facilidade, porque isso significava que ela poderia balançar a espada o mais alto que quisesse e não bater no telhado da varanda.

Ela estava ficando melhor, mais confiante, cada vez que eles faziam isso.

Isso permitiu que ele estivesse do lado de fora e ouvisse o movimento, permitindo que eles estivessem juntos.

E... e Reia descobriu que gostava de estar perto dele. Talvez fosse porque ele era sua maior fonte de entretenimento, talvez até porque ela gostasse dele, mas ela frequentemente se pegava pensando no grande Caminhante do Crepúsculo sempre que ele estava do lado de fora e ela dentro de casa sozinha.

Era ridículo. Ela deveria querer estar o mais longe possível dele, para evitá-lo. Ela não deveria estar chateada por estar sozinha, mas era assim que ela se sentia. Ele estava crescendo nela constantemente.

A hora do banho também estava se tornando algo de que ela estava gostando. Ele também sabia disso.

Sempre que chegava a essa hora do dia, quando o sol terminava de se pôr no horizonte e ela terminava de cozinhar e jantar, ele não precisava mais mencionar isso. Seu corpo parecia estar fazendo isso por eles.

A antecipação começaria a lamber seu núcleo, e seus olhos mudariam para aquele roxo profundo em reação, como se ele pudesse

sentir o cheiro nela.

Então sua excitação aumentaria quando ela o visse se preparar, não mais enojada pelo ritual das velas, incenso e ele tirando seu próprio sangue. Não quando ela sabia se ela queria, se ela pedisse a ele – desde que ela aprendeu que ele não faria se ela realmente não pedisse – ele iria tocá-la intimamente. Ele acariciava seu clitóris, mamilos e entranhas até que ela gozasse e relaxasse na água para flutuar no calor em uma névoa eufórica.

Ele não tentava tocá-la a menos que ela o instigasse, não falava com ela ou se aproximava dela mesmo quando sabia que ela estava excitada. Ele também nunca exigiu que ela retribuísse.

Ele não era arrogante ou tentava usar seu desejo contra ela.

Tudo estava totalmente sob o controle de Reia, e isso a fazia se sentir... segura.

O outro Caminhante do Crepúsculo também a deixou mais curiosa sobre Orpheus. Ela nunca descobriu sobre o que eles conversaram enquanto ela estava lá dentro, onde era seguro enquanto eles ficavam no quintal conversando, mas ela tinha visto os pés dele!

Pés de formas estranhas que eram como cascos perto dos dedos, mas tinham um pé comprido atrás dele. Ela se perguntou se os de Orpheus eram assim, mas, considerando que ele era capaz de usar sapatos, ela achava que não.

Então, o que havia por baixo de suas calças e sapatos? Ela sabia como era o torso dele, sabia que ele tinha pele cinza-escura e possivelmente pelos por baixo, mas ele também tinha mais ossos do lado de fora do corpo? Mais barbatanas?

Ela queria aprender sobre ele.

As perguntas que ela tinha sobre a mulher misteriosa demoravam a ser respondidas, e se ela fizesse muitas ao mesmo tempo, ele parava de responder. Ela queria saber o que havia acontecido com ela, para onde ela tinha ido e por quê.

Ela descobriu que era o primeiro ser humano que ele encontrou que não comeu imediatamente. Como Reia, ela não teve medo, e ele encontrou nela uma companheira. Ele construiu esta casa quando ela lhe disse que não gostava de sua caverna, e eles viveram alguns anos

juntos.

Quanto tempo? Reia não foi informada. Suas respostas às vezes eram vagas. Apenas o suficiente para reprimir o pior de suas curiosidades, mas não o suficiente para saciá-las completamente.

Ela também foi quem deu o nome a Orpheus.

Depois, havia outras perguntas sobre seu passado, como de onde ele veio. Ele não sabia e não se lembrava muito sobre isso. Ele sabia que tinha sido uma coisa estúpida e faminta.

Ele não achava que tinha um rosto até comer pela primeira vez. Um lobo, e então ele recebeu seu crânio. Quando ele comeu um antílope Impala, ele ganhou seus chifres. Ela ficou surpresa ao descobrir que ele comeu animais no começo de sua vida, e a primeira vez que ele comeu um humano foi quando ele realmente começou a pensar.

Ele também conhecia quatro Caminhantes do Crepúsculo, Mavkas como ele os chamava, e eles também não se lembravam de como surgiram, apenas sabiam que eram *outros* no mundo.

Seu fascínio por ele estava crescendo, mas ela sabia que suas muitas perguntas o deixavam desconfortável às vezes.

— Ei, — ela começou, sentando-se à mesa de jantar com ele enquanto eles estavam fazendo bijuterias já que as velhas estavam começando a murchar. Ele havia entrado há pouco tempo e permaneceu depois de esculpir um novo círculo de sal porque o solo estava seco. — Você mencionou que havia uma cidade de Demônios, mas eu queria saber como isso é possível?

— Eles construíram — ele respondeu casualmente, amarrando uma fita branca em volta de um molho de endro.

— Sim, obviamente, — ela suspirou. — Duvido que os humanos o tivessem construído para eles, mas por quê? Por que existe uma cidade de Demônios para começar?

Ele virou a cabeça do que estava fazendo para olhar para ela.

— É lamentável para o seu povo, mas apenas aqueles que são pequenos e fracos desejam principalmente carne humana. Novos e jovens. Os demônios estão vivos há séculos, e aqueles que comeram humanos suficientes para ganhar humanidade e pensamento

começaram a se comportar como eles. Existem milhares de vocês, e vocês crescem em número rapidamente.

Ele colocou seu amuleto inacabado por um momento para pensar.

— Muitos dos que vivem dentro ou ao redor da cidade estão vivos desde a chegada dos Demônios neste mundo, e eles puderam festejar até ficarem satisfeitos. Então eles construíram, aprenderam a falar uns com os outros aprendendo a linguagem dos humanos observando-os, e agora vivem juntos. — Ele deu de ombros antes de pegar dois sinos para prendê-los, mais uma vez continuando com sua tarefa. — Não são muitos. Talvez uns cem ou dois, mas eles não deixam o Véu a menos que sejam caçadores, e caçam não apenas humanos, mas também animais para negociar. Eles não precisam comer com tanta frequência, como eu não.

— Troca? Por que eles estão trocando comida?

Ela não podia acreditar no que estava ouvindo! Isso soou... Parecia que ele estava falando de uma sociedade inteligente de Demônios!

— Jóias, roupas, itens de habitação. Muitos gostam de criar para passar o tempo. Eles também roubam de humanos, roubam suas casas e carruagens, enquanto também os matam para o comércio. — Ele apontou para o saco de pano com sal que tinha embaixo do balcão, algo que ela só descobriu quando ele deu um grande pote para o outro Caminhante do Crepúsculo. — É onde obtenho meu sal e onde consigo minhas roupas.

— Demônios fizeram suas roupas? Eu pensei que você tinha, ou como... você os roubou de um humano.

Então, novamente, ele era enorme. Ela duvidava que qualquer humano tivesse o tamanho certo para ele levá-los.

— Não. Eu troquei por elas.

— Eu adoraria ver este lugar, — ela resmungou, sabendo que isso era impossível. — Seria interessante vê-lo.

— Talvez um dia, — ele a surpreendeu ao dizer.

Reia franziu a testa para sua própria bugiganga, sua cabeça recuando de repente.

— Como assim, um dia? Achei que você seria contra.

— Eu sou. É muito perigoso. Mas como mencionei, eles não são como os Demônios que você viu até agora. Eles estão mais interessados na vida que têm do que em tomá-la. Eles também não atacam uns aos outros como os Demônios que você viu em minha casa. Com seu banho, posso tornar indetectável o humano em seu cheiro, e também posso disfarçar você. E, enquanto você permanecer dentro da minha capa, posso protegê-la.

— Você já fez isso antes, — ela engasgou.

— Eu já fiz. — Suas mãos pararam e seus olhos escureceram. — Há muito tempo, consegui levar uma humana para lá. Ela era capaz de colher as coisas que queria e eu as obtinha, como comida que não posso cultivar, ou itens que não tenho, ou joias e móveis que não posso fazer. — Ele apontou o focinho para a lareira. — Eu troquei por isso, assim como qualquer outra coisa feita de metal que você vê aqui, pois não tenho meios para fundir minério ou fabricar com ele.

Ele estava falando da mulher misteriosa novamente, e seus olhos sempre pareciam de uma cor triste. *Ele disse que ela o deixou, não queria ficar com ele, embora ele tivesse feito todas essas coisas por ela.* Orpheus não tinha feito tanto por Reia.

Ele não construiu esta casa para ela ou qualquer coisa ao redor dela, e ainda assim ela estava... derretendo lentamente por ele. Como essa pessoa permaneceu indiferente?

— Leve-me lá? — ela quase implorou, estendendo as mãos sobre a mesa para implorar. — Eu quero ver.

— Eu gostaria. Eu tenho pensado sobre isso. Mas chegar até ela é perigoso, e se descobrir que você é uma humana disfarçada, posso não ser capaz de protegê-la. — Então ele soltou um suspiro. — No entanto, é muito mais seguro levá-la até lá do que caminhar com você ao longo da borda do Véu, onde demônios tolos estão dispostos a atacar até a mim, e também é mais fácil do que levá-la à superfície, onde aqueles que estão mais famintos e mais desesperados para consumir humanos. Eles estão cientes de que procuro uma companheira humana, o que estou fazendo é conhecido, então eles podem nos deixar em paz e permitir que eu caminhe com você

livremente, desde que você fique comigo. Como mencionei, eles não são como os outros Demônios. Eles não matam humanos à primeira vista, a menos que estejam morrendo de fome.

— Eu confio que você vai me proteger. — Então ela juntou as mãos como se estivesse segurando sua espada e começou a estocar no ar. — Além disso, vou esfaqueá-los se tentarem me pegar.

Orpheus riu alegremente.

— Você é estranha, minha pequena corça.

As bochechas de Reia esquentaram com o nome carinhoso que ele deu a ela. Ele só dizia isso ocasionalmente, mas sempre fazia seu estômago apertar com uma emoção estranha.

Aconteceu agora, e suas sobranceiras se contraíram quando ela sentiu uma pontada de dor. Foi passageiro, mas o espasmo de seu interior enviou uma onda através dela.

— Ainda precisamos torná-la melhor com sua espada. Você não é muito boa, Reia.

— É difícil, ok?! — ela gritou com uma risada. — Eu não estou acostumada a balançar uma espada por aí. É cansativo.

— Não posso dizer o mesmo. Parece que não peguei nada além de um pedaço de pau.

— Bem, eu não sou grande e forte como você. — Ela estendeu a mão sobre a mesa para agarrar um dos pequenos ossos de animal, estremecendo quando seu abdômen pressionou contra a borda dura, antes de se reclinar sobre seus pés em sua cadeira. — Você sabe, quando eu ficar boa com uma espada, vou fazer com você... Orpheus?

Reia fez uma pausa quando seus olhos brilharam em vermelho carmesim logo depois que ela terminou de amarrar o osso na ponta de seu berloque para completá-lo. Suas mãos bateram contra a mesa antes que suas garras se enterrassem nela.

— Por que sinto cheiro de sangue? — ele rosnou, seus ombros e braços se contraindo com a tensão.

— Eu estou sangrando?

Reia levantou os antebraços para verificá-los, não encontrando nenhum ferimento. Ela ficou de joelhos para verificar seu corpo e pernas, então sentiu um aperto desconfortável entre as coxas.

— Oh foda — ela engasgou quando o viu estremecer.

Ok, temos um problema. Um grande maldito problema.

— V-você sabe o que acontece com as mulheres uma vez por mês? — ela perguntou, vendo que ele estava ficando mais agitado a cada segundo.

Ele estava começando a balançar a cabeça, fazendo aquele som estridente, como se estivesse tentando se livrar de seus pensamentos ou de uma névoa.

O branco brilhou em seus olhos antes que eles rapidamente voltassem ao vermelho.

— Sim. — Ele se levantou tão de repente que sua cadeira arrastou o chão ruidosamente e quase tombou. — Eu devo partir. Você não está segura comigo.

Ela observou enquanto Orpheus praticamente saiu correndo da casa com a porta batendo com um estrondo alto quando ele a fechou atrás de si.

Suas últimas palavras para ela foram: — Fique longe de mim e não saia desta casa.

Bem, merda. Reia provavelmente deveria ter pensado no que eles deveriam fazer quando ela menstruasse. Ela sabia que ele reagia ao sangue, sabia que o tornava estranho e faminto, mas tinha esquecido completamente.

Como se apenas perceber que ela estava passando por seu ciclo mensal o conjurasse, Reia gemeu, abraçando sua barriga quando sentiu uma terrível câibra a agredi-la.

O que diabos eu devo fazer agora?

DEZENOVE

Reia resmungou quando se sentou na cadeira da sala de tamanho humano que ela arrastou para a janela para assistir Orpheus sentado do lado de fora, dentro da barreira de sal. Ele estava de pernas cruzadas e de costas para a casa.

— Bem, isso é uma merda — ela reclamou para o ar.

Ela conseguiu acender a lareira sozinha, podia senti-la, mas a casa estava insuportavelmente fria. Era porque ela estava sozinha e estava sozinha há três dias.

Ficar trancada dentro de casa enquanto o chão secava tinha sido difícil, mas pelo menos Orpheus conseguiu entrar e passar um tempo com ela. O tédio era difícil, mas agora que ela estava acostumada com ele por perto constantemente, tê-lo completamente e totalmente fora era perturbador.

Não me diga que me apeguei a ele? À sua voz, ao seu cheiro, à sua mera presença. Para aqueles orbes brilhantes que transmitiam tantas emoções e ela mal entendia metade. Pela forma como ocupava todo o espaço, deixando muito pouco espaço para Reia se sentir sozinha.

Ele estava ali, logo depois da janela, mas parecia que havia quilômetros entre eles. *Não me sinto tão sozinha desde que era criança.*

Por alguns anos depois que sua família morreu, Reia se sentiu assim, mas ela passou a aceitar sua vida. Ela o usava como um distintivo e perseverou, recusando-se a chafurdar, pois sabia que os aldeões não iriam lhe fazer companhia. Ela aprendera a se manter contente, apesar de sua miséria.

Agora que ela experimentou o conforto esmagador de ser cuidada e tratada como se fosse algo precioso e para ser valorizada em vez de uma doença amaldiçoada, ela sentiu uma sensação de perda por não tê-lo mais.

Eu me tornei uma pirralha mimada.

Ele nem mesmo entrou para lavá-la de seu cheiro. Qual era o ponto? O sangue dela estava atraindo os Demônios para mais perto de qualquer maneira.

No primeiro dia, ela viu que Orpheus havia esculpido um

segundo círculo de sal por precaução. Ele entrou depois de um tempo, mas não disse nada, e ela podia ver que seu peito estava imóvel como se ele estivesse prendendo a respiração.

Ele pegou tudo o que precisava. A jarra, a estaca, as bugigangas que eles fizeram, e então ele saiu imediatamente.

Ela sabia que ele também estava fazendo a mesma coisa todas as manhãs, quando acordava e encontrava um balde de comida na porta, como se ele tivesse acabado de empurrá-lo para dentro e saído.

Hoje foi o pior dia. Era de manhã cedo quando ela se sentou perto da janela, desejando poder se sentar ao sol.

Ela estava usando chumaços de pano para estancar o sangramento dentro da calcinha, vinha fazendo isso desde o início, mas tinha que trocá-lo regularmente. Ela jogou todo o pano ensanguentado na lareira acesa, queimando-o para destruir as evidências e o cheiro.

Ela estava sangrando muito e suas cólicas eram terríveis. Ela até começou a chorar por isso. Ela estava hormonal e com dor e começou a chorar pateticamente. Ela estava cansada e se sentia inchada.

Apesar dos poucos Demônios do lado de fora, Orpheus não os estava expulsando. Ele estava apenas sentado entre os círculos de sal, sem fazer nada além de estremecer. Hoje foi o mais intenso. Era como se ele pudesse sentir o cheiro dela à distância, e sua resistência estava diminuindo.

Porra. Como qualquer outra mulher sobreviveu a isso? E então isso a atingiu; ela duvidava que alguém tivesse.

Ela riu. Essa era uma piada bastante cruel. Nascer uma mulher que teve que lidar com o incômodo de sangrar uma vez por mês, e então *oops*, um Caminhante do Crepúsculo come você.

Ele uma vez disse a ela que não estava mais procurando uma noiva, mas apenas um companheiro. Foi por isso que ele permitiu que homens fossem oferecidos? Eles não iriam sangrar. Talvez ele esperasse poder aliviar sua solidão com um amigo que não ficaria tentado a comer uma vez por mês se não pudesse ter uma noiva.

Reia engasgou e se levantou quando o viu arranhando suas

costas, tremendo e estremecendo descontroladamente.

Ele está se machucando!

Mesmo à distância, ela podia ver que ele havia aberto suas costas pelo largo alargamento dos quatro longos cortes que ele havia criado.

Ela correu para a porta e a abriu, gritando: — Orpheus, pare!

— ***Dentro!*** — ele rugiu, voltando seus profundos olhos vermelhos para ela.

Ela se encolheu, percebendo que tinha feito algo extremamente estúpido. Enquanto ela se afastava, o corpo dele começou a se transformar em sua forma mais monstruosa. Ele saltou para longe.

Orpheus partiu. Ele deixou a segurança do círculo de sal, deixou seu dever de proteger a casa que tinha um punhado de demônios ao seu redor. Ele saiu o dia todo e nem voltou quando a noite caiu.

Sentindo-se miserável, ela circulou em sua poltrona forrada de pele e levou os joelhos ao rosto. Ok, então talvez ele estivesse tentando o seu melhor, mas esta situação era absolutamente miserável.

Era ainda pior agora que ela não podia vê-lo. Em vez disso, tudo o que ela viu foram Demônios, ouvindo-os gemer à distância.

Não quero mais ficar acordada, ela pensou depois de cozinhar e jantar. *Talvez eu me sinta melhor quando dormir.*

Reia estava deitada em sua cama, olhando para o teto enquanto segurava a parte inferior de seu estômago para acalmá-lo e, eventualmente, caiu no sono.

Ela esperava acordar pela manhã, mas sabia que ainda era tarde da noite quando sentiu algo flutuando sobre seu rosto.

O cheiro profundo de madeira de mogno defumado e agulhas de pinheiro perfurou a névoa de seu sono, e ela se perguntou se estava sonhando com a sensação pesada de calor envolvendo-a enquanto ela lentamente voltava a si.

Quando seus olhos finalmente se abriram, seu quarto estava escuro, além do leve brilho *vermelho*.

Reia não tinha confundido aquele calor, ou cheiro, ou a sensação de respirações flutuando em seu rosto. Orpheus estava acima

dela em suas mãos e joelhos, o brilho vermelho dizendo a ela que ele não estava aqui para ser doce.

— Você não pode se conter, não é? — Ela quase riu.

Ela conhecia a realidade da situação, que estava em perigo, mas a dor em seu peito lhe disse a verdade de como ela se sentia. *Eu senti falta dele*. E mesmo que ele estivesse pressionando ao redor dela com a mandíbula ligeiramente entreaberta e suas presas se aproximando, ela não podia deixar de ficar aliviada por tê-lo perto.

— *Não*, — ele respondeu, sua voz distorcida, tensa e rosnada.

— Você vai me comer, Orpheus?

Ela estava olhando para ele e não desviou o olhar ou se encolheu quando a mandíbula dele se abriu lentamente sobre seu pescoço.

— *Sim*.

Ele se aproximou, pressionando a boca para baixo até que ela pudesse sentir as quatro longas presas frontais deslizando ao redor de seu pescoço.

— Está bem então.

Não havia nada que ela pudesse fazer para detê-lo de qualquer maneira. Mas estranhamente, ela também sentiu que ele não o faria. Sua fé nele provavelmente era equivocada, até mesmo tola, mas naquele momento ela estava muito aliviada para se importar.

— *Você não tem medo?*

— Não. — Reia colocou os braços em volta do pescoço dele para abraçá-lo e, incidentalmente, ergueu-se ainda mais em sua boca aberta. Ela sentiu seus dentes cravando quando sua mandíbula começou a apertar os lados de seu pescoço. — Além disso, se você fizer isso, provavelmente vai parar a dor.

A pressão parou de ficar mais apertada, como se ele tivesse parado.

— *Você está com dor?*

— Um pouco. Meu estômago dói.

Estava sempre lá, sempre pulsando e incomodando ela.

— *Por que dói?*

— Eu não sei, apenas faz. A maioria das mulheres se sente

assim durante esse período.

Suas presas relaxaram, mas ele não a soltou. Ela se perguntou se era ela o abraçando ou a conversa que o estava distraindo.

— *Existe alguma maneira de eu ajudar o seu sofrimento?*

Um pequeno sorriso curvou seus lábios, e ela foi incapaz de parar o redemoinho de emoções crescendo em seu peito. Mesmo quando enlouquecido, ele ainda queria deixá-la confortável.

— Achei que você ia me comer. — Ela trouxe uma de suas mãos para cobrir a parte de trás de seu crânio, acariciando para baixo entre seus chifres em espiral até a nuca, onde crescia o pelo comprido.

— Por que você está hesitando?

— *Porque eu não quero.*

— Isso está ajudando? — ela perguntou enquanto continuava a acariciá-lo.

— *Sim.* — Ele começou a afastar a cabeça, e Reia deu a ele espaço suficiente para que ele pudesse fechar a mandíbula antes que ela deslizasse os braços para trás em volta dos ombros dele. — *Estar perto de você facilita.*

— Isso não tornaria mais difícil, Orpheus?

— *Sim. Posso sentir o cheiro do seu sangue, mas seu toque está mantendo a fome sob controle.* — Então ele se abaixou, deslizando os braços por baixo dela para poder segurá-la. — Minha vontade de não te machucar, Reia, é forte.

A voz dele está voltando ao normal, ela pensou, seu sorriso ficando mais brilhante.

— Você quer se deitar comigo?

— Eu não acho que isso seja sábio. Não sei quanto tempo posso manter meu controle em sua presença agora.

— Por favor? — Ela puxou-o mais apertado. — Você é muito quente e está fazendo minha dor ir embora.

A mão dele estava na parte inferior das costas dela, e o calor dela aliviava a dor das cólicas a ponto de ela mal conseguir senti-las. O alívio momentâneo valeu o risco.

— Eu gostaria de ficar com você — disse ele, acariciando a parte inferior de sua mandíbula. Ela virou a cabeça para que ele

pudesse fazer isso livremente. — Mas terei que sair se sentir que não consigo me controlar. Obrigado por me acalmar.

Estou surpresa que funcionou.

Reia emaranhou as mãos no pelo dele e o puxou para o lado dele na cama ao lado dela. Ela se virou para ele, encarando seu peito enquanto a cabeça dele descansava sobre a dela no travesseiro que agora compartilhavam.

— Você disse que eu te tocar estava ajudando. Você quer que eu continue fazendo isso?

— Sim, — ele respondeu, antes que um estremecimento o percorresse. — Eu gostaria disso mais do que qualquer coisa.

— Tudo bem, eu vou. Com uma condição, no entanto. Você poderia, por favor, manter sua mão nas minhas costas?

Movendo as mãos entre eles, ela começou a desabotoar a camisa dele.

A mão dele se moveu para agarrar as dela.

— O que você está fazendo?

— Eu vou tocar em você. Provavelmente vai se sentir melhor se eu estiver fazendo isso diretamente.

Levou um momento, mas finalmente a soltou, permitindo que ela abrisse sua camisa e a tirasse de suas calças pretas. Ela quase estremeceu em seu calor delicioso quando deslizou os braços ao redor de seu torso e sentiu seu corpo contra o dela.

Seus braços estavam nus, deixando-a sentir o quão macio era seu pelo e a textura firme de sua pele. Ela pressionou seu estômago contra o dele, ganhando calor de ambos os lados enquanto ele colocava a mão em suas costas mais uma vez.

Reia começou a acariciar suas costas fazendo cócegas nas pontas dos dedos e nas palmas das mãos, sendo leve e gentil com essa grande fera em seus braços. Ele deu uma bufada profunda, que soou de contentamento.

Seus olhos ainda estavam vermelhos, ainda bastante brilhantes de fome, e ela sabia que estava se aconchegando em uma criatura que mal resistia ao desejo de consumi-la.

— Onde você foi?

Roxo brilhou por um segundo quando ela passou as mãos por toda a extensão dos ossos protuberantes de sua espinha e barbatanas até encontrar suas calças. Ela fez uma pausa, sem esperar a mudança de cor, mas já havia passado, e ela moveu as mãos para cima mais uma vez.

Eu imaginei isso?

Como ela não tinha vergonha de se aprofundar nisso, ela enfiou as pontas dos dedos em seu pelo onde era mais longo, bem ao redor de seus ombros e parte superior das costas. Era sedoso em suas mãos.

— Para caçar, para saciar minha fome.

— Ajudou? — Ela raspou levemente suas longas unhas no pescoço dele até encontrar a base de seu crânio.

Ele estremeceu, sua cabeça se contorcendo com um tremor, enquanto o roxo brilhou mais uma vez antes de desaparecer. *Não, definitivamente não estou imaginando.*

— Não. Nunca estou satisfeito. — Ele a puxou para mais perto e esmagou seus corpos juntos. — Nunca desbota. Nunca vai embora. Estou sempre com fome, não importa o que eu faça ou o quanto eu coma.

Mordendo o lábio inferior em incerteza, ela inclinou a cabeça para cima para que pudesse vê-lo claramente. Então ela passou as unhas pelas costas dele, não com muita força, mas com um pouco mais de pressão do que antes.

Seu corpo se arqueou, estremeecendo, enquanto o roxo desta vez se mantinha em seus orbes até que ela terminasse com seu forte golpe.

— Seja gentil, Reia, — ele advertiu com um ofego.

Ela pressionou as coxas juntas enquanto uma pulsação percorria seu núcleo. *Estou excitando-o.*

Vertigem navegou por ela.

Ela estava gostando de fazer isso. *Eu me pergunto se posso tirar sua fome deixando-o excitado.* Talvez fosse uma ideia boba, provocar um Caminhante do Crepúsculo, mas ela não conseguia parar suas mãos vagando de suas costas para os lados, fazendo seu caminho lentamente para a frente de seu corpo.

Ela até estendeu a mão e pressionou os lábios sobre uma de suas presas pontiagudas perto da frente de seu focinho. Sua mão disparou, segurando onde ela colocou os lábios.

— Você me beijou. — Sua voz estava cheia de admiração. Simplesmente por causa da maneira como ele disse isso, Reia se inclinou e beijou seu pescoço coberto de pele. — Você me beijou de novo.

Ele parecia tão estupefato pela segunda vez, e ela quase riu.

Ela enterrou o rosto em seu peito, e seus olhos vibraram em êxtase com a profunda inspiração que ela tomou dele pelo nariz. As mãos dela acariciaram seu peito largo, sentindo as costelas que ficavam do lado de fora de seu corpo e como o pelo atravessava o espaço de cada uma. Ela explorou seus músculos peitorais, que eram firmes e duros.

Ele estremeceu quando a mão dela acariciou seu mamilo escuro e um suspiro profundo veio dele.

Seu estômago era duro, cheio de músculos, como se ele não tivesse um único grama de gordura para amaciá-los.

Ela se contorceu um pouco, esfregando as coxas quando percebeu que estava realmente se excitando ao tocar o corpo dele. Tudo sobre ele, a maneira como ele reagia, a sensação de sua carne, sua pele, aqueles ossos estranhos, seu maldito cheiro que embaçava a mente, sua voz áspera se transformando em bufos profundos, estava formigando seus sentidos.

Seus quadris se inclinaram, pressionando-os contra os dele quando seu núcleo procurou fricção. Seu corpo ficou desapontado quando ela não conseguia sentir nada. Mesmo que ela nunca tivesse tocado um homem antes, ela sabia que eles geralmente tinham pedaços moles na virilha que endureciam quando excitados.

Ela não achava que sentiria nada forte, mas esperava sentir *alguma coisa*. Em vez disso, não havia nada. Pelo que ela podia sentir através do espaço entre seus quadris onde estava seu monte púbico, havia suavidade na junção de suas pernas.

Ele disse que tinha um pau. E desde que ele disse a ela que tinha um, Reia ficou curiosa sobre isso. Ele disse que não era humano. Ela

queria saber como era, como era.

Cadê?

Ela deslizou as mãos por seu abdômen até sentir um de seus dedos afundando em seu umbigo.

Sua mão disparou para a frente para agarrar uma das dela para deter seus movimentos.

— Minha mente não está sã agora, — ele disse a ela, sua voz grave e ofegante. — Cuidado onde você me toca.

Olhando para cima, ela descobriu que o rosto dele já estava virado para ela. Seus olhos estavam focados em um roxo profundo e permaneciam lá.

Suas palavras foram um aviso. Seus olhos eram a prova de para onde seus pensamentos haviam ido, e ela não sentiu um pinga de preocupação.

Eu quero tocá-lo. Ela queria descobri-lo, acariciá-lo. Ela queria dificultar e ver como ele reagiria se ela lhe desse prazer.

Ele nunca a empurrou, nunca tentou forçá-la, mas agora, seu corpo e mente estavam implorando para ela. Olhar para ele estava fazendo seu pulso acelerar em suas veias, fazendo com que o desejo explodisse em seu estômago para apagar tudo, exceto aquela dor sutil.

— Orpheus... Onde está seu pau? Não consigo sentir onde um humano normalmente teria um.

Ela bateu os quadris contra os dele para mostrar o que ela queria dizer.

— Escondido... por dentro.

Ela tentou não arregalar os olhos em choque com isso, em vez disso, manteve suas feições frias. Ok, agora ela estava *morrendo de vontade* de saber sobre isso.

— Você poderia me mostrar onde?

Sua garganta se expandiu como se ele tivesse engolido em nervosismo, mas ele começou a arrastar hesitantemente a mão dela por seu corpo. Ele o deslizou para dentro da calça até que a palma da mão dela descansou firmemente contra ele.

A princípio, ela não sentiu nada além de pelos compridos. Foi só quando ele gemeu quando seus dedos esfregaram para procurar

que ela sentiu uma costura que tinha uma protuberância dura por trás dela pressionando contra sua pele.

— Por que está escondido?

Quanto mais ela tocava, mais ela sentia a costura tentando se abrir. Ele estava se movendo, como se a pressão atrás dele estivesse tentando abrir caminho.

— Para... — ele ralou, como se estivesse achando difícil falar. — Para proteção, igual a um Demônio.

O mesmo que um Demônio? Ela esperava que ele não estivesse tentando dizer a ela que eles também podiam fazer sexo. Reia recusou-se a demorar nesse pensamento.

Ela continuou arrastando os dedos e a palma da mão sobre a costura enquanto abaixava a calça desabotoada para poder alcançá-la melhor. Seus quadris estremeceram antes que sua costura se abrisse e algo duro e úmido tocasse sua palma. Virando a cabeça para baixo, ela desejou poder ver através da escuridão quando algo começou a sair.

Não era pontiagudo, mas não era redondo, e parecia meio estranho, como se houvesse um redemoinho de quatro arestas.

— Reia... — ela não sabia se era um aviso ou uma súplica, mas quando ela tentou envolver a mão em torno dele, cravando os dedos na fenda como uma costura, ele acidentalmente empurrou e disparou alguns centímetros para frente.

Como seu rosto estava escondido dele, ela permitiu que seus olhos se arregalassem enquanto ofegava. Era enorme pra caralho e estava definitivamente em uma espiral descendente. Parecia a espiral de um botão de rosa que ainda não floresceu.

Ele começou a afastar os quadris quando ela pensou ter sentido uma das peças em espiral *se contorcer*. Quando ela o seguiu, ela notou que seu pênis estava tremendo e estava realmente voltando para dentro.

Ele está tentando se conter? Ele estava respirando profundamente, quase como se estivesse sob uma tensão terrível. Ela não percebeu que ele a estava segurando com força até que ela tentou se mover para poder se levantar para vê-lo.

Não havia brilho. Ela pensou que ele devia estar com os olhos

'fechados' como se estivesse se concentrando.

— Orpheus, — ela murmurou, e ele choramingou enquanto seu corpo inteiro se contraía. *Porra*, ele estava se segurando! — Deixe ir, Orpheus. Eu quero te tocar aqui. Eu quero dar prazer a você.

Seu corpo liberou toda a tensão, um suspiro profundo caindo dele tão forte que sua mandíbula se abriu para liberá-lo. Se ela ainda não estivesse tentando segurar seu pênis, ela teria perdido a ação confusa que aconteceu a seguir.

A espiral se soltou e algo disparou no centro dela. Seu pênis deslizou sobre sua palma, quente e úmido com seu próprio lubrificante, esfregando seu braço até tocar perto de seu cotovelo. A espiral se soltou para mostrar que na verdade estava segurando seu pênis para trás enquanto membros semelhantes a tentáculos se contorciam ao redor de seus dedos onde ela estava tentando segurá-lo.

Ela tentou puxar a mão para trás em estado de choque, mas um deles agarrou sua mão e a segurou, antes de um segundo ferimento em seu pulso.

Diferente. Ok, bem diferente!

Se o fato de seu pênis descansando dentro de seu corpo não fosse suficiente para dizer que era diferente, o fato de ela poder sentir que ele tinha quatro tentáculos ao redor da base com cerca de cinco centímetros de comprimento cada um com certeza!

Uma vez que seu choque inicial desapareceu, feliz que isso, seu pênis, ou o que quer que essa parte dele fosse, a agarrou para que ele não percebesse que ela tentou se afastar, ela puxou o braço com força suficiente para que ela os liberasse dela.

Ela cumprimentou as pontas deles com dedos curiosos.

Eles circundaram a base dele, e dois tentáculos grossos se moveram em redemoinhos pelos dedos dela. Ela aproximou a outra mão para fazer as outras duas fazerem o mesmo. Foi uma sensação estranha senti-los se contorcendo por entre os dedos abertos, e ela notou que o interior tinha pequenos nódulos enquanto o exterior era liso.

Com todo o seu toque, uma de suas palmas roçou o centro endurecido. Ela havia se esquecido dessa parte; o que ela pensou pode

realmente ser a parte principal dele.

Envolver as duas mãos ao redor dela rendeu um gemido, e ele imediatamente empurrou os quadris nas mãos dela, antes de parar de repente. Estava quente e latejava tão forte que ela podia sentir.

Seus dedos mal se sobrepunham, as pontas descansando sobre as unhas sobre a mão oposta, e sua boca caiu na circunferência dela. Ela deveria saber por quão alto ele era que ele seria grosso, mas ela se perguntou se isso caberia *dentro* dela.

No entanto, agora que os tentáculos não estavam mais envolvendo-o, pelo menos parecia mais plausível do que antes.

Seu núcleo se apertou com o desejo, dizendo-lhe que ela deveria tentar descobrir com uma pequena vibração necessitada. Ele chorou por isso, implorou por isso, dizendo a ela para jogar todo o cuidado ao vento para montá-lo, mas a ideia de ser tão... íntima de Orpheus era assustadora.

Isso era curiosidade, era explorar alguém que era diferente dela. Esta era ela tentando aliviá-lo e retribuir cada um de seus toques gentis que nunca foram exigidos para serem retribuídos.

Isso era Reia suprimindo o desejo que ela sentia em seu corpo, e ela adorava o jeito que ela podia senti-lo contraindo mesmo que ela mal tivesse se movido. Que ela podia sentir que estava tão quente que ela apostaria que iria derretê-la de dentro para fora. Que era longo, gordo e duro, e deixaria Reia sem espaço para se sentir vazia.

Ela puxou as mãos para trás, sentindo o lodo cobrindo seu pênis e o jeito que não era completamente liso. Ao longo de três lados dele, ela podia sentir pequenos babados que eram incrivelmente macios, mas lhe davam textura correndo por toda a extensão dele em três lados. Por baixo havia um vinco profundo, e quando ela mergulhou os polegares nele, ela pensou que o sentiu endurecer ainda mais.

Então suas mãos encontraram a cabeça. Era bulboso, mas ela sentiu mais babados macios ao redor da grande borda que parecia ser a parte mais grossa dele. A ponta era mais parecida com uma forma oval e havia uma fenda profunda nela que seguia o sulco embaixo dele como se estivesse presa à mesma linha, e um buraco de onde ela

pensou que sua liberação viria.

Quando ela apertou as mãos ao redor dele, esfregou-o com as palmas das mãos, ele não conseguiu conter um gemido, suas pernas chutando enquanto a tensão tremia por elas. Ele bombeou seus quadris uma vez, fazendo a cabeça deslizar para frente e para trás através do anel de suas mãos.

Ele parou mais uma vez, virando o focinho para baixo para pressioná-lo contra o lado de sua bochecha.

— É difícil para mim não me mover, — ele murmurou, deslizando o braço por baixo dela para que pudesse segurar suas costas enquanto movia o que descansava acima dela para a parte de trás de sua cabeça. — Mas eu vou tentar.

Ele estava ofegando pesadamente, e quando ela virou a cabeça para encará-lo completamente, ela podia ver que suas mandíbulas estavam abertas para deixá-los passar.

— Tudo bem? — ela perguntou quando começou a acariciar suas mãos sobre ele.

Um gemido saiu de sua garganta e ele se inclinou para frente para deslizar a língua sobre os lábios dela. — É perfeito.

Uma emoção vertiginosa percorreu Reia quando sua confiança disparou. Ela o segurou com mais firmeza, apertou com mais força enquanto se movia para baixo. Ela até colocou a língua para fora para cumprimentá-lo, lambendo-o de volta.

Ele congelou com o que ela tinha feito, e ela retraiu a língua com medo de ter feito algo errado.

Orpheus se inclinou enquanto segurava a parte de trás de sua cabeça para melhor inclinar seu rosto para ele. Ele lambeu os lábios dela com mais firmeza.

— De novo?

Suas bochechas esquentaram com um rubor ao ver o quanto ele gostou. Ela não podia dizer não com o quão docemente ele havia pedido. Reia puxou sua língua contra a dele para cumprimentá-la.

Um gemido tão profundo veio dele, e seus quadris dispararam para trás apenas para avançar mais uma vez, seu pênis escorregando entre as mãos dela. Ela fez o mesmo, acariciando-o para cima e depois

de volta para ele rapidamente.

— De novo? — ele implorou, sua língua correndo sobre os lábios dela. Mais uma vez, ela o lambeu de volta. — De novo, — ele exigiu com uma voz mais pesada, e ela o fez. Era como se beijar, já que essa era a única maneira que ela imaginava que eles poderiam. — De novo.

Aqueles tentáculos deslizaram ao redor de seus braços antes que ele gritasse quando Reia chegou à base dele e passou as mãos sobre duas protuberâncias ovais. Elas estavam embaixo de seu pênis e presas à base dele como se estivessem parcialmente embutidos dentro.

— Eu machuquei você? — ela perguntou, notando a respiração dele ficando mais rápida.

Ele balançou sua cabeça. — *Sensível.*

Então ele começou a lamber seus lábios constantemente.

Quando ela tentou cumprimentar sua língua repetidamente, ele começou a se inclinar sobre ela mais como se estivesse sendo arrastado pela dança deles.

Agora que ela o sentiu por inteiro, ela levou as mãos para cima e para baixo em movimentos lentos, sentindo-o estremecer e contrair-se, não apenas seu pênis, mas também seu corpo. O calor que ele emitia era mais quente que o normal, e ela podia senti-lo apertando-a com mais força.

Ela poderia dizer que ele gostava de brincar com a cabeça, já que ele sempre empurrava levemente em suas mãos quando ela a esfregava.

Eu me pergunto se ele quer mais pressão. Em uma desvantagem, Reia apertou as mãos com força, criando um anel apertado, antes de empurrá-lo para baixo sobre ele.

Um gemido, que mais parecia um grunhido, veio dele. A língua dele entrou na boca dela para se enrolar na dela. Ela se encolheu de surpresa, mas não rejeitou.

Na verdade, seu núcleo estremeceu em reação, seu clitóris batendo tão forte que ela não conseguia parar de ondular seus quadris inutilmente. Não houve alívio para ela, mas ela não conseguia parar de se mover.

Ela apertou com mais força desta vez, aplicando mais pressão na ponta, e ele soltou um rápido, mas profundo bufo.

— Reia, — ele avisou, capaz de falar apesar de sua língua ainda estar girando em torno da dela desde que ela abriu a boca para permitir.

Era uma sensação quente e retorcida, a saliva de gosto inebriante enchendo a fenda de sua boca.

Ele a estava advertindo, e ela não sabia o que isso significava. Ela pensou que poderia ser porque se sentia muito bem.

Um sorriso circulou seus lábios. Ela chupou sua língua e o agarrou ainda mais apertado, movendo-se sobre a cabeça e apenas alguns centímetros abaixo dela com alguns golpes rápidos.

Um rosnado foi o único aviso que ela recebeu antes que a língua dele se enrolasse na dela, e ela foi forçada a engoli-lo! Suas mandíbulas se abriram ao redor de seu rosto para que ele pudesse pressioná-lo profundamente. Suas mãos se moveram para a cama para que ele pudesse se firmar um pouco acima dela enquanto empurrava seu pênis em seu aperto, mais rápido e mais forte do que ela estava se movendo.

Seus olhos lacrimejaram com a profundidade de sua língua, que estava no fundo de sua garganta, enquanto ele continuava a estocar.

Foi só quando as mãos dela se afastaram dele para agarrar seu pelo, implorando silenciosamente, que ele rapidamente retraiu sua língua dela. Ele também acalmou seus quadris, bufando parcialmente sobre ela enquanto eles continuavam deitados de lado.

— Tenha cuidado comigo, Reia, — ele disse, sua voz mais rouca do que ela já tinha ouvido. — Estou tentando me conter. — Então ele lambeu sua bochecha enquanto dizia: — Desculpe se eu te machuquei, eu não queria. Sua saliva tinha um gosto tão doce.

— E-está tudo bem.

Ele a advertiu, e ela tolamente tentou provocá-lo.

— Você não precisa continuar se não quiser. — Seu pênis, que estava descansando completamente contra seu estômago e latejava fortemente junto com seu coração, começou a se afastar.

Seu próprio coração quase parou no peito. Suas mãos dispararam para segurá-lo novamente e impedi-lo de se afastar.

— Não, está tudo bem. Você acabou de me surpreender.

Ela não estava pronta para abrir mão de seu prêmio e nem mesmo achava que seria mais cautelosa. A língua dele a tinha excitado, e seus quadris empurrando em carícias profundas a fizeram envolver suas pernas ao redor dele em boas vindas.

Reia estava excitada com o que ele havia feito antes. Ela sentiu o gosto dele primitivo, descontrolado, e ela gostou disso.



Orpheus quase ronronou quando ela agarrou seu pênis novamente, um suspiro de alívio vindo de suas presas.

Ele enterrou o focinho debaixo de sua mandíbula, sua respiração bufando enquanto ele bufava para ela, cheirava-a. Então sua língua saiu para saboreá-la quando ela o acariciou por todo o comprimento de seu pênis.

Suas mãos eram como uma bela tortura, deixando uma queimação dolorida em seu rastro.

Ela está me tocando. Ela o estava acariciando, descobrindo-o, acariciando seu eixo com as mãozinhas, e Orpheus se encheu de ternura. *Reia está com as mãos em volta do meu pau.* Porque ela queria. Porque ela desejava.

Eu quero ela. Ele podia cheirar que ela estava excitada por isso, pelo que ela estava fazendo com ele, e levou toda a sua força de vontade para não rolá-la e plantar-se dentro dela.

Ele podia sentir o cheiro de seu sangue, mas sua mente não mais realmente ansiava por isso. Em vez disso, seu corpo estava com fome de uma maneira diferente. Para consumir seu desejo em vez de sua carne. Ele estava cheio de uma necessidade de tê-la em volta dele, de sentir seu calor envolvendo-o.

Orpheus queria se *conectar* com ela. Para que eles se tornem um.

Ele sabia que ela não estava pronta para isso e não queria nada mais do que isso por enquanto. Suas mãos envolveram seu pênis, trazendo-lhe um prazer insondável, para dar-lhe alívio.

Seu aperto era forte, e ele queria mais forte, mas não pediu por isso. Ele precisava de golpes mais rápidos, mais duros e menos longos, mas ela estava aceitando tudo dele em suas mãos, acariciando cada centímetro, cada dobra de pele, mergulhando as pontas dos dedos no sulco debaixo dele que era sensível.

Ela até ocasionalmente manuseava o buraco cortado no topo.

Reia o estava aceitando, seu corpo era diferente do dela. Ela nem parecia se importar com os tentáculos dele que envolveriam seus braços para se agarrar.

O fato de ela não estar assustada com essa parte do corpo dele, não estar pulando de preocupação ou ansiedade, mas estar massageando de bom grado era pura felicidade em si.

Quanto mais ela o acariciava, mais seu pênis se lubrificava, penetrando pelos poros de sua carne e nas mãos dela. A atenção forçou o líquido espesso a cobrir seu pênis, impedindo-o de secar agora que foi liberado por sua fenda - o que teria doído.

Ele tentou segurá-la gentilmente, para não cravar suas garras em sua pele macia, mas quando ela o esfregou apenas para a direita, seu corpo estremeceu e apertou.

Em vez de empurrar em seu aperto, suas pernas chutaram em tensão, tomando sua necessidade de se mover.

Mas quando ele começou a se aproximar da liberação, sua mente se encheu de névoa, sua visão ficou turva e seus tentáculos se tornaram mais fortes. Eles começaram a se agarrar com mais força, tornando difícil para ela mover as mãos sobre ele.

Mantendo a mão abaixo dela nas costas como havia prometido, ele moveu a outra para a base de seu pênis para dar a esses tentáculos contorcidos algo para agarrar.

— Há algo de errado? — ela perguntou suavemente.

Ele passou a língua pelo pescoço dela e depois pela orelha,

girando-a por cima e por dentro, apreciando a pergunta simples dela, o que ela estava fazendo com ele, por ela ser apenas Reia.

— Suas mãos são boas. — Bom não era a palavra correta. O que ele sentia era mais do que isso, mas não conseguia pensar direito para formular suas palavras corretamente. — Meus... tentáculos querem agarrar alguma coisa...— Eles queriam agarrá-la. Eles estavam tentando alcançar seus dedos para alcançá-la, mas se enrolaram em seus dedos, independentemente, para aliviar a dor em sua necessidade. — Eles vão ficar mais persistentes. Eu os estou segurando.

Ele a observou morder o interior do lábio inferior, e seu desejo de lambê-lo era quase demais para resistir. Agora que ele sabia o quão gordos eles eram, que ela estava disposta a lambê-lo de volta, ele queimava para brincar com eles.

Mas ele se preocupou em pressionar sua língua profundamente para dentro como antes. Ele não sabia se ela tinha gostado, mas ele tinha, e agora não conseguia parar de pensar em fazer de novo. Sua língua era firme, sua saliva doce, sua garganta *apertada*. Ele os queria novamente.

— Isso vai ajudar?

Ela deslizou a perna sobre ele, expondo sua boceta contra a base dele. Ele moveu sua mão, e seus tentáculos dispararam para frente para se agarrar ao redor de seu quadril e monte púbico no lado que não estava enrolado em sua cintura, enquanto os outros dois se enrolaram em torno de sua perna para segurá-la para ele.

Ele distraidamente empurrou contra ela. Um gemido agudo cortou sua garganta quando ele sentiu as dobras dela através de sua calcinha. Ela estava acariciando as protuberâncias ovais debaixo da base dele onde sua semente era guardada.

Sim, isso era melhor, mas Orpheus não conseguia mais conjurar palavras. Ela estava *balançando* contra ele enquanto acariciava seu pênis, suas mãos se movendo cada vez mais rápido.

Sua cabeça se inclinou para enfrentar a cabeceira da cama enquanto ele bufava e ofegava. Sua visão ficou preta e ele colocou a mão livre sobre o traseiro dela, massageando-o para ajudá-lo a se

concentrar.

Sua dor estava crescendo, sua terrível necessidade piorando.

Ele não sabia quando começou a empurrar constantemente contra ela, mas não conseguia mais se acalmar. *É tão bom tê-la me tocando. Reia está acariciando meu pau.*

E ele estava perdido por isso.

O cheiro dela era forte, este quarto agora estava cheio dele, e ele estava se afogando nele. Seu corpo era quente e o rodeava como um cobertor de conforto enquanto cada uma de suas carícias o doía. Seus sons eram silenciosos, mas ela dava arquejos e pequenos gemidos como se pudesse estar dando prazer a seu clitóris com o fundo de seu eixo.

Ele não sabia, mas tudo nele esperava que ela estivesse. Esperava que eles fossem capazes de compartilhar o prazer ao invés dele sozinho.

Reia, sua mente gemeu quando um tremor profundo o assolou. Ele sentiu as protuberâncias na base apertar.

Reia, sua pequena humana. Ela estava prestes a levá-lo ao orgasmo, e ele a segurou um pouco mais forte quando ela esfregou a cabeça. Para baixo e para cima, massageando e agarrando.

— Orpheus? — ela perguntou quando deve ter notado que o peito dele subia e descia em respirações rápidas. Que ele estava soltando pequenos gemidos que não paravam a cada expiração.

Seus quadris se contraíram com mais força. Ele queria se desculpar por estar se movendo tanto, que seu corpo estava se contorcendo e tendo espasmos, mas um gemido agudo curvou seus pulmões. Seu saco apertou com uma pressão insuportável, fazendo sua espinha formigar.

Ele a soltou; ele sabia que tinha que fazer. Suas garras cravaram em suas palmas quando sua semente explodiu dele e um gemido alto, semelhante a um rugido, berrou. Ela engasgou, mas ele era muito estúpido para realmente ouvir.

Seu corpo estremeceu quando a primeira explosão disparou entre seus corpos, e ele empurrou no tempo com cada subida para ajudar as outras cordas que se seguiram. Ele se enrolou ao redor dela,

tentando aproximá-la enquanto seu orgasmo o rasgava como onda de choque após onda de choque.

Seu peito estava ficando molhado, ele a encharcava, mas Orpheus não se importava. Um prazer insondável agarrou sua virilha enquanto seu rugido se transformava em um gemido estremecido.

Mesmo quando toda a sua energia foi minada e o deixou como nada mais do que um amontoado ao lado dela, Orpheus não conseguia sentir ou pensar em nada além de seu contentamento e da nuvem de êxtase em que flutuava.

— Oh uau! Tanta coisa saiu.

Ele teria dito algo se não estivesse tentando juntar sua mente esgotada. *Eu não venho há eras.* Um estremecimento percorreu seu corpo, fazendo seu pelo e barbatanas se levantarem sob a camisa larga.

— Foi tão bom assim, ou você costuma gozar tanto assim?

Sempre com as perguntas. Reia era uma torrente com elas. Se ele pudesse sorrir, ele teria, e abriu sua visão para descobrir que estava vendo amarelo nas bordas.

— Na verdade... essa foi sua primeira vez? Não pode ser a primeira vez que vem, pode?

Orpheus riu.

— Não, pequena humana, — ele disse enquanto sua risada continuava a ressoar dele. — Não foi a primeira vez que vim.

Ele lambeu sua mandíbula em apreciação, antes de acariciar o lado de sua cabeça.

Ela virou a cabeça para encará-lo, e ele notou um biquinho em seus lábios.

— Você já... Você já fez sexo antes?

Ele ficou tenso com ela em seus braços. *Ela quer?* Reia o queria dentro dela tanto quanto ele queria desesperadamente preenchê-la? Essa era sua maneira de pedir?

— Sim, eu fiz.

Ele não entendia por que ela franzia a testa, por que quase parecia... *desapontada.*

Ela abriu a boca para dizer algo, mas fechou.

Então ela perguntou: — Com uma humana? — Ela ainda estava

segurando seu pênis que estava ficando mole e eventualmente começaria a se retrair com a ajuda de seus tentáculos. — Será que cabe mesmo?

Ela está pensando nisso. Ele percebeu que não estaria dentro dela esta noite, mas Reia estava pensando sobre isso e isso lhe trouxe esperança. Ele estava cheio disso. *Eu a mantereí viva. Farei com que ela fique comigo.*

Ele deu um gemido pensativo, acariciando seu pescoço onde ele sabia que era o mais sensível – bem sobre sua jugular.

— Vai caber.

Ele... Ele poderia fazer caber e causar pouca dor se fizesse corretamente. Mas não era natural, e ele precisaria da permissão dela.

Ele sorriu quando ela se contorceu. Os tentáculos finalmente soltaram seu puxão nela e começaram a envolver seu pênis quando ele começou a deslizar para dentro. Eles giraram até que estivesse coberto e ajudaram a arrastá-lo para dentro, protegendo-o antes que a costura de sua fenda se fechasse.

Ele continuou a bater o focinho contra ela enquanto pensava.

Eu não a comi. Mesmo que ela ainda cheirasse a sangue e isso ainda o deixasse faminto, ele não sentiu um único desejo de festejar com ela. Na verdade, ela cheirava principalmente a semente dele, e isso era uma coisa satisfatória de se saber. Ele estava cheio de uma calma avassaladora após seu orgasmo, a fome de seu desejo satisfeita e tomando o controle de sua mente.

Ele fechou sua visão, querendo ficar com ela se ela permitisse que ele continuasse a abraçá-la.

Ela se mexeu em seu abraço.

— Eu preciso de um banho. A minha frente está completamente coberta.

— Banho mais tarde — ele bufou com aborrecimento. — Descanse agora.

— Huh?! — Ele podia sentir o queixo dela se movendo sobre seu peito enquanto ela olhava para ele, mas ele não se moveu para cumprimentá-la. — Nunca pensei que ouviria você dizer isso.

— A menos que você queira um banho para me obrigar a

retribuir, o que eu faria com prazer, então não desejo ir embora, a menos que você me diga.

— Estou muito cansada para isso e não quero que você vá embora. Você está ajudando a minha dor.

— Então não se importe com a bagunça. Vamos limpar mais tarde.

— E quanto aos Demônios?

Eu não dou a mínima para os Demônios agora. Ele estava muito feliz e saciado. Ele os ouviria se eles tentassem entrar na casa, mas ele esculpiu um segundo círculo de sal por causa do cheiro de seu sangue. Deve ser o suficiente por enquanto.

Ele assustaria a todos mais tarde, quando ela não estivesse mais voluntariamente em seus braços, deliciosamente coberta por sua semente e marcada com seu cheiro por ela.

VINTE

Reia quase gritou enquanto tentava subir na cadeira de jantar que ela empurrou para os armários altos da cozinha que ela não conseguia alcançar quando Orpheus a pegou e a fez sentar na curva de seu cotovelo.

— Eu te disse para não fazer isso, Reia, — ele zombou enquanto a levantava para que ela pudesse alcançá-la, envolvendo seu antebraço e mão ao redor de seu torso para mantê-la firme. — Se você quer alguma coisa, eu gostaria de ajudar. Do que você precisa?

Uma sensação quente e confusa vibrou em sua barriga enquanto suas pernas balançavam no ar sob o braço dele, confiando nele completamente que ele não a deixaria cair.

— Eu vi quando estava pegando o sal da última vez que você guardou os sinos e algumas contas aqui. Eu queria pegar algumas. Tudo bem?

Ela abriu as portas do armário e enfiou a mão lá dentro quando ele a trouxe para mais perto.

— Você pode ter o que quiser dentro de nossa casa. — Ele acariciou o lado de sua mandíbula em uma demonstração de afeto, algo que ele estava começando a fazer com mais frequência.

Nossa casa. Ele sempre chamava assim, e ela se perguntou quando começou a ver dessa forma.

Algo havia mudado desde alguns dias atrás. Depois que ela o tocou, Reia estava ficando mais confortável aqui com ele. Ela ainda não se sentia livre, mas não se sentia tão enjaulada contra sua vontade.

Talvez fosse porque ele era mais afetuoso. A distância física entre eles não era mais porque ele a forçou devido a sua preocupação com a apreensão dela sobre ele. Agora era porque simplesmente era. Seja porque ela estava jantando enquanto ele estava sentado do outro lado da mesa mexendo em alguma coisa, ou ele se sentava perto dela no jardim. Ela notou que ele estava cada vez mais perto a cada dia, até que ela temeu que ele sentasse bem em cima dela.

Como seu ciclo mensal havia terminado, ela foi autorizada a sair de casa novamente. Ele estava sempre por perto, mas não sentia

mais a necessidade de pairar. Se era porque ele realmente pensava que ela estava segura ou porque ela carregava sua espada com ela, Reia não sabia.

Isso deu a ele a liberdade de começar a esculpir uma cadeira adequada para ela, e ela o observou no dia em que ele cortou uma árvore para que pudesse começar a construir suas coisas. Ele também fez isso para garantir que eles tivessem lenha suficiente para as noites mais frias.

Ele treinou com ela todos os dias com uma espada, e sua sugestão no dia anterior de arrastar um Demônio para dentro do círculo para fazê-la matá-lo foi no mínimo chocante! Era um pequenino e tinha mais medo de Orpheus do que dela, mas ela conseguiu matá-lo sem incidentes.

Foi apenas uma vez. Ele disse que era porque queria ver se ela poderia fazer isso. Ele queria ver como ela se comportaria e reagiria a um Demônio real correndo atrás dela. Ele estava parado ao lado, a uma curta distância, para salvá-la de qualquer dano, caso algo se perdesse.

Ele não precisava, e sua fé nas capacidades dela cresceu.

— Por que você queria esses itens? — ele perguntou enquanto a colocava de pé com cuidado e colocava a cadeira de volta em seu devido lugar.

Calor subiu em suas bochechas, mas ela conteve seu embaraço rapidamente.

— Você está fazendo uma cadeira para mim lá fora, pensei em fazer algo para você.

Seu corpo ficou tenso, empurrando a cadeira no meio do caminho, antes de sua cabeça disparar para o lado para olhar para ela tão rapidamente que fez aquele estranho som de chocalho.

— Você queria me dar um presente?

— Claro, como uma pulseira ou algo que você possa usar consigo mesmo. — Quando ele apenas continuou a olhar para ela congelado, ela rapidamente acrescentou: — Ou-ou ficar em casa. Cabe a você decidir o que quer fazer com isso.

— Um presente. Para mim. — Uma de suas mãos se ergueu

para tocar uma garra em seu peito. — Algo para *eu* guardar.

O rosa flamingo brilhante assumiu seus orbes flutuantes, refletindo o branco de seu rosto para lavar a cor nele. Reia recuou com um suspiro.

— O que-o que essa cor significa?

Ela não podia nem começar a adivinhar, mas era definitivamente nova!

Orpheus levantou a outra mão para cobrir um olho.

— Não sei. Eu nunca vi isso antes. — Ele abaixou a cabeça como se estivesse pensando, antes de seu olhar cair de volta para ela.

— Mas eu me sinto quente e tenho um desejo irresistível de abraçá-la.

Maldita seja essa estranha criatura e suas doces palavras. Reia riu e ergueu os braços no ar.

— Você pode, se quiser.

Ele estava com ela no espaço de uma batida do coração. Envolvendo os dois braços ao redor dela enquanto colocava o ombro sob o queixo dela, ele a ergueu. Seu longo focinho pressionou sobre seu ombro e o lado de sua cabeça enquanto ele o esfregava contra ela.

— Parece mais quente — disse ele. — Isso me faz não querer sair.

Reia não pôde deixar de franzir a testa enquanto seus lábios se franziam em um beicinho.

— Você está indo a algum lugar?

Ele a colocou de volta no chão, soltando-a enquanto se afastava.

— Você disse que queria carne, então vou pegar carne para você.

— Você vai caçar para mim?

O rosa desbotou para o azul habitual quando ele assentiu.

— Sim. Eu estarei fora um ou dois dias. Agora que sei que você pode se proteger, sinto-me confortável em deixá-la aqui. Eu sabia que se eu lhe dissesse para ficar dentro de casa enquanto eu estiver fora, você não o faria. — Ele acenou com a mão para a janela para gesticular para fora. — As proteções no local devem mantê-la segura, mas se de alguma forma um dos Demônios entrar no círculo de sal, sei que você será capaz de se proteger até entrar.

— Então ontem foi um teste!

Ele riu, o som quente e alegre.

— De fato, minha pequena e corajosa humana. — Então ele suspirou, antes que o azul escuro se infiltrasse na cor de seus olhos. — Mas enquanto eu estiver fora, você não deve fazer nada imprudente, e... e por favor, não vá embora, Reia.

Ele está confiando em mim. Orpheus confiava que ela não tentaria fugir.

Isso em si significava mais para ela do que ele poderia imaginar. Reia queria ficar aqui para sempre? Ela não sabia. Se a possibilidade de deixar esta linda cabana na floresta se apresentasse a ela com segurança, ela não tinha certeza se hesitaria em aceitá-la. Mas uma pequena parte dela estava se apegando a este lugar, a ele, a *esta* vida.

No entanto, isso veio com complicações. Talvez ela pudesse viver o resto de sua vida aqui, envelhecer e morrer, mas como Orpheus se sentiria sobre isso? Ela sabia que ele queria que ela ficasse com ele por toda a eternidade, que ela lhe desse sua alma. Mas ela não sabia se queria o mesmo, estar aqui tanto tempo com ele. Ela só podia imaginar como ele ficaria se ela se fosse simplesmente porque envelheceu ou morreu de uma doença depois de muitos anos.

A eternidade era para sempre, e ter que passá-la com ele presa nesta floresta sombria... parte dela era atraente. Muito disso não aconteceu.

Reia era humana. Ela não deveria estar perto de humanos, viver com humanos, ter um marido e um filho que eram humanos? O caminho que ele estava apresentando a ela não era normal, e ela temia percorrê-lo.

Ela estendeu a mão para segurar seu focinho gentilmente.

— Não se preocupe, Orpheus. Estarei aqui quando você voltar, — ela prometeu. — Sã e salva e pronta para você me dar um banho.

Seus olhos brilharam para amarelo.

— Você gosta quando eu dou banho em você.

— Ei! — ela exclamou, suas bochechas ficando vermelhas de calor. — Você não deveria dizer coisas assim!

— Mas é a verdade. — Ele inclinou a cabeça para ela. — Por que não posso falar a verdade?

Porque a verdade estava cheia das verdadeiras intenções de ela gostar dele lavando-a. Ela não achava que um dia se passou desde que ela o tocou que ele não trouxesse sua liberação enquanto a lavava. Era como se o corpo dela não pudesse deixar de cantar para ele e até cantasse quando ela não estava na água!

Ah, e ele sabia disso também. Como agora, quando sua língua roxa saiu para lambar o orifício nasal de seu focinho ossudo como se pudesse sentir o cheiro!

O excelente olfato do maldito bastardo.

— Fique segura, Reia, — ele disse, toda brincadeira caindo de lado. — Estou animado para ver o que você fará para mim.

— Você está saindo agora?

Ela espiou pela janela para ver que ainda era de manhã cedo. Ela ainda não tinha saído para tomar seu café da manhã.

— Quanto mais cedo eu sair, mais cedo poderei voltar. Já verifiquei o círculo de sal e pendurei novas bugigangas. Elas são mais fortes quando eu faço isso pela primeira vez. — Então ele se virou para caminhar em direção à porta. — E chega de ficar de pé na cadeira, Reia. Eu não quero que você se machuque. Você é frágil. Se precisar de alguma coisa, eu a ajudarei a descer quando eu voltar.

Ela revirou os olhos para isso. Era como se ele pensasse que ela era feita de vidro. Mesmo que ela caísse da cadeira, ela duvidava que faria qualquer coisa além de se machucar.

Ela teria desejado boa sorte para ele ou dito para ele ficar seguro, mas ela não achava que nada poderia prejudicá-lo. Ele se curava rapidamente, e ela o viu lutar o suficiente para saber que nada poderia realmente ter chance contra ele.

Ela o observou sair olhando pela janela.

Talvez eu devesse pedir a ele para me dar uma escada, ela pensou quando ele se foi. Então ela começou a rir. Eu não acho que isso importará. Ele ainda vai estar preocupado que eu possa cair dela.

Colocando os sinos e as contas coloridas que havia tirado do armário sobre a mesa, ela se encostou nela com os braços cruzados e os

examinou. Ela não sabia o que ia fazer, mas achou que ele iria gostar mesmo assim. Isso não significava que ela não iria colocar tudo de si nisso.

Ela sorriu para os itens.

Grande, estúpido, estúpido. Não pense que não percebi que o primeiro amuleto de proteção que fiz está pendurado acima da sua cama. Ela sabia que era o que ela tinha feito desde que o laço da fita estava torto. Os dele sempre foram perfeitos.

Antes de fazer qualquer coisa, porém, ela precisava comer. Seu estômago estava roncando, e ela sabia que o sol aqueceria o quintal nas poucas horas que o fizesse.

Reia caminhou para fora com sua espada não muito depois de ter comido seu café da manhã no jardim – sabendo que ele desaprovava que ela se sentasse ali sem ele – por pelo menos uma ou duas horas depois que Orpheus partiu.

Ela ficou no final do quintal, apenas um ou dois pés de distância do círculo de sal e na direção que ela o viu ir quando ela o observou pela janela.

Então... essa é a saída do Veu.

Quando ela tentou sair, ela foi em uma direção semelhante, mas deve ter sido mais diagonal. Ela imaginou que seu caminho seria mais direto.

Ela cerrou o punho ao redor do cabo da espada que estava segurando.

Eu poderia fazer isto. Vendo as leves pegadas de seus passos pesados, ela seria capaz de seguir o caminho que ele seguia.

Eu tenho o amuleto. Ela podia sentir o peso dele, o balanço sutil da lágrima de safira solta fazendo cócegas em sua testa. A menos que um Demônio forte tentasse tocá-la, os outros se queimariam como ela tinha visto no dia depois que ele deu a ela.

E estou melhorando com minha espada. A adaga tinha sido uma arma tola e inútil, ela sabia disso agora, mas o metal pesado em suas mãos era afiado, longo e poderia desferir um golpe debilitante.

Ela virou a cabeça para olhar ao redor do quintal.

Não há Demônios aqui atualmente. Orpheus os matou ou os

afugentou após a menstruação. Ela tinha certeza de que eles viriam esta noite, quando seu feitiço acabasse, mas nenhum deles estava aqui vigiando a casa agora.

O caminho estava livre.

Ele me deu um banho ontem à noite para que meu cheiro não fosse sentido à distância. Foi por isso que ela originalmente pediu a ele para começar a fazer isso diariamente, usando as mãos diretamente em vez das luvas. Isso lhe dava mais tempo, mais liberdade.

O caminho estava pavimentado, ela tinha uma espada que meio que sabia usar e estava protegida e escondida. Esta era a chance de Reia. Este era o momento dela.

Tem muita comida e água para eu levar. Ela poderia fazer uma mala para durar seus dias e esconder que era humana pegando uma de suas capas pretas e cortando-a para caber em seu tamanho.

Ele disse que não voltaria por um ou dois dias. Esta foi a primeira vez que ele saiu por tanto tempo, e ela *sabia* que ele tentaria fazer isso rápido. Ela sabia que ele não gostaria de ficar longe dela na ansiedade de que ela fosse embora.

E ela estava pensando nisso.

Ela *poderia* fazer isso. Tudo estava pronto, ela estava pronta.

Caçadorrd de Demônios vagam pelo mundo, mesmo à noite. A noite acima da superfície do Véu era perigosa, talvez tão perigosa quanto sua caminhada durante o dia.

O sol não tocava o chão entre as árvores. Apenas a casa de Orpheus estava aberta o suficiente para permitir isso, e apenas na parte de trás da casa onde ficava o jardim.

Eu estaria muito longe antes que ele voltasse para tentar me encontrar. Ela poderia esconder seu cheiro com neve e casca, esfregando-o nos pés e na pele.

Então, por que estou hesitando? Por que ela não estava correndo para dentro para coletar o que pudesse para sua sobrevivência?

Ela virou a cabeça para baixo para olhar a espada em sua mão.

Já matei alguns Demônios, mas... mas ainda não sou muito boa nisso. Se ela ficar cara a cara com um forte, ela poderia não ser capaz de lutar e sobreviver. Ela não conseguia nem pegar Orpheus de surpresa ou

igualar sua força e velocidade. Um Demônio forte não seria diferente.

Eu só não quero ir porque ainda não sou excelente com minha espada. Sim, é por isso que Reia se virou para caminhar até o centro do pátio, para girar sua espada para que ela pudesse se ajustar a ela e aumentar sua agilidade com ela. *Eu vou... eu vou na próxima vez que ele sair para caçar. Estarei melhor então.*

Ela definitivamente não ia ficar por causa do Caminhante do Crepúsculo. Ela não poderia ficar. *Orpheus iria superar isso.* Ele superou os outros humanos que o deixaram – de um jeito ou de outro.

A culpa congelou em seu coração.

Não, ele não tinha, e ela sabia disso.

Ela sabia que nas profundezas de sua humanidade que suportava sua dor e tristeza, ele deveria ter cuidado de cada uma de suas oferendas. Ele as tratou preciosamente, como ela, e a partida deles a entristeceu.

Não vou ficar por causa dele. Ela balançou sua espada de lado para a direita. *Não é porque me sinto mal por ele.* Ela virou para o outro lado. *Ou porque não quero que ele fique triste e sinta minha falta.* Ela girou a espada em um círculo ao seu lado antes de golpear para baixo no ar.

Ele é um Caminhante do Crepúsculo e eu sou uma humana. Nós não pertencemos um ao outro. Ela não podia ser sua amiga, sua companheira. Ela não queria ser sua noiva. *Ele é um monstro. Não posso ter sentimentos por um monstro.*

Uma criatura que tinha garras, presas, pelo e tentou comê-la várias vezes.

Uma estranha criatura com lindos olhos azuis brilhantes que pareciam tão brilhantes sob a luz do sol que ele podia atravessar. *Ele é um monstro.* Com um crânio de animal ossudo branco puro que tinha chifres saindo dele, com aqueles mesmos ossos saindo de seu corpo firme e rígido que parecia bom para cavar quando ela o tocou. *Ele é um monstro.* Com um corpo quente e um delicioso cheiro a floresta, e uma voz profunda que fazia as orelhas de Reia formigar.

Alguém doce, gentil e amável, com um toque carinhoso que fazia seu corpo vibrar de prazer.

Ela jogou a espada no chão.

Ele não é um monstro.

Ela se agachou para se sentar sobre os tornozelos, envolvendo as pernas com os braços enquanto enterrava a cabeça nos joelhos.

Eu gosto dele. Não quero deixá-lo triste.

Ela não se importava com o que ele era, que ele era diferente e um pouco assustador. Ela queria ser sua amiga. *Mas isso significa ficar presa aqui.*

Esta é a minha maldita chance de sair, e estou dando desculpas para ficar. Ela abraçou as pernas com mais força para apertar seu corpo na tentativa de liberar um pouco de sua tensão. *Ele está lá fora caçando. Ele não precisava ir embora, não precisava confiar em mim. Ele poderia ter me feito continuar comendo sopas chatas e frutas.*

Eu quero ficar para ele. Eu quero partir por mim. Reia estava dividida. *Eu não quero ser sua noiva.* Mas ela queria tocá-lo, vê-lo trabalhar em casa, falar com ele.

Ela ainda tinha muitas perguntas e nunca seria capaz de obter as respostas para elas se partisse. Tipo, quem era essa mulher misteriosa e como era a vila dos demônios?

Ela se levantou para pegar sua espada para continuar praticando com ela.

Eu-eu vou melhorar. Quando eu estiver forte o suficiente, tomarei minha decisão. Ambos seriam dolorosos. Escolher ir embora ou ficar, e ambos iriam aborrecê-la. Estar presa aqui, mas estar com Orpheus, ou ser livre e se preocupar com ele, sentir falta dele.

Tenho muito tempo. Ela só estava aqui há um mês. Um mês. Mais do que qualquer outra pessoa. Ela sobreviveu fugindo e sendo atacada por uma aranha demoníaca assustadora. Ele estando inconsciente e lutando para protegê-lo e a si mesma enquanto ela o arrastava para dentro. Ela havia sobrevivido a uma tempestade. Ela sobreviveu apenas sendo uma mulher que sangrava uma vez por mês.

Mas ela sabia que não era a primeira. *A mulher misteriosa sobreviveu a tudo isso.* Ela aparentemente passou anos com ele, então sabia que poderia estar segura aqui.

Ela teve muito tempo para ficar mais forte, mais sábia. Fazia apenas um mês. Ela poderia sobreviver a outro se precisasse.

O que vou aprender nesse tempo?

Ela poderia ser capaz de obter todas as suas respostas.

Como de onde os Caminhantes do Crepúsculo vieram e por que havia um que o visitava. Quantos havia que ele conhecia? Ela poderia descobrir mais sobre o passado dele, sobre outras coisas estranhas que também poderiam estar escondidas no Véu desconhecido dos humanos.

O pau dele é roxo como a língua? Ela corou com seus próprios pensamentos, apesar de *realmente* querer saber a resposta para aquela pergunta. Ela sabia como era em suas mãos, que era estranho e estranhamente exótico. Mas como era *dentro* dela?

Não! Não quero fazer sexo com Orpheus. Ela sentiu como se estivesse entregando sua alma ao diabo. Tocar era diferente. Era compartilhar prazer, mas não seus corpos. Se o fizessem, ela temia se tornar sua noiva. *Mas eu realmente quero fazer sexo com ele.* Ela estava tão curiosa sobre seu pênis, como seria, como *qualquer* pênis se sentiria dentro dela. Para ter algo tão grosso, duro e longo, empurrando dentro dela como seus dedos grandes faziam.

Eu sou uma maldita pervertida! Ela balançou a espada para baixo com um pequeno grito. *Sentido: Uma pervertida inútil que quer foder um grande, quente e sexy idiota!*

Aqueles olhos roxos brilhantes agora tinham um poder sobre ela com a maneira como refletiam sobre seu crânio branco na penumbra ou na escuridão.

E essa maldita língua. Ela não teve ela contra ela novamente, mas Reia se lembrou de como era, e ela *queria* isso.

Dane-se isso, ela pensou depois de um golpe final. *Se eu não vou embora, então devo ir fazer para ele seu presente estúpido.*

Com um bufo e enxugando o suor da testa, ela entrou para poder beber um pouco de água e começar a descobrir o que queria fazer.

VINTE E UM

Apesar de saber que provavelmente era estúpido, Reia saiu no dia seguinte, embora os efeitos do feitiço de Orpheus tivessem passado.

Orpheus ainda não estava. *Eu totalmente poderia ter ido embora.* Ele não voltou durante a noite como ela pensou que ele poderia. Ele não tinha aparecido nem na manhã seguinte.

Ela preparou um jantar complicado para preencher o tempo, comeu devagar e experimentou tingir um vestido de laranja com as cenouras que tinha. Ela ficou desapontada quando saiu terrivelmente porque ela não tinha usado o suficiente, então amassou as cenouras cozidas em sua comida. Ela se recusava a desperdiçar qualquer coisa.

Mas, principalmente, Reia refez seu presente várias vezes porque odiou tudo até que finalmente teve sua ideia final. Ela esperava que ele gostasse. Ela não tinha certeza se ele iria, já que eles precisariam ser usados com ele e poderiam ser uma distração para ele.

Seu sono tinha sido inquieto. Ela geralmente dormia bem quando sabia que Orpheus estava por perto. Isso não fazia sentido para ela, considerando todas as coisas.

Isso significava que ela acordou mais tarde e quase perdeu a chance de tomar sol no jardim enquanto tomava o café da manhã. Muitas vezes ela olhava para sua pele pálida, desejando que o sol que atravessava a névoa fosse forte o suficiente para torná-la mais escura.

Estava quente, mas mal.

Então, ela treinou com sua espada como fazia todos os dias, estando ele aqui ou não. Já que ele não estava aqui para vê-la falhar, ela tentou movimentos novos e diferentes, esperando pegá-lo desprevenido na próxima vez que treinasse com ela. Assustar o Caminhante do Crepúsculo estava se tornando seu objetivo.

Ela não estava fazendo isso por muito tempo antes que um Demônio viesse observá-la.

— Deliciosa, saborosa, humana cheia de sangue.

— Oh, vá embora, — ela suspirou, revirando os olhos antes de continuar seu treinamento.

Ela o ouviu lambe a boca, sorvendo ruidosamente e repugnantemente, como se quisesse ser ouvido.

— Sua carne ficará macia. Seus ossos serão bons para triturar depois que eu sugar a medula deles. — Reia tentou ao máximo ignorá-la, irritada com sua presença, pois soava feminina. — Venha aqui, deixe-me provar. Apenas um braço, ou uma perna, ou seus globos oculares!

— Você gostaria de me comer, não é? — Reia virou-se para a criatura e ergueu a sobrancelha ao encontrar seus olhos vermelhos. — Arrancar meus intestinos e roê-los?

Ela tinha uma forma um tanto humana, mas tinha chifres semelhantes aos de Orpheus e uma longa cauda. Ela era de pelo escuro, eles eram todos daquela cor de vazio, mas parecia que ela tinha penas saindo dela enquanto andava de quatro.

Ela deu um arrepiado, suas penas esvoaçando.

— Sim Sim Sim! — ela gritou, um sorriso brilhante mostrando suas longas e múltiplas presas afiadas, semelhantes às de um tubarão. — Intestinos e estômago. Eu gosto do jeito que queima.

— Por que um humano? Os animais não seriam tão bons quanto?

O Demônio passou sua língua roxa sobre os lábios.

— Eles não gritam. Os humanos têm a música mais doce quando morrem, implorando e implorando. — Ela juntou as mãos em concha, tendo que apoiar os cotovelos contra a terra enquanto os entrelaçava. — Oh, por favor, não me coma! Eu quero viver! — Ela fez um som de lamento. — Não coma meus filhos, leve-me em seu lugar. — Ela deu um sorriso ainda maior. — Eu sempre como os filhotes primeiro, para que tenham um sabor melhor depois.

Reia avançou para ficar bem na frente dela, de modo que a única coisa que as separava era o círculo de sal. Esta não cheirava tão mal quanto a maioria, e ela se perguntou se talvez quanto mais humanidade eles tivessem, melhor eles cheiravam.

— Quantos você comeu?

Ela tentou golpear Reia com suas garras, pronta para arrancar, mas sua mão cedeu na barreira invisível. Ela deu um silvo raivoso

antes de estreitar os olhos vermelhos.

— Isso provoca. Quanto mais demorar para eu te pegar, mais doloroso eu vou fazer, humana gostosa.

Reia levantou a ponta de sua espada para ela.

— Quantos da minha espécie você matou?

— Sete gritos finais eu engoli!

— Estou alcançando você, — Reia sorriu, seus lábios curvados com humor. — Você será meu quarto Demônio.

— Você não come Demônios!

Reia balançou sua espada para o lado tão rapidamente que a Demônio não teve tempo de reagir. Sua cabeça caiu com um baque, rolando pela barreira e fazendo Reia recuar surpresa. Seu corpo caiu um segundo depois do outro lado.

Eca, eca, eca!

Sangue roxo estava em seus pés, e a cabeça rolou para mais perto dela antes de olhar para ela quando parou. A boca do Demônio abriu e fechou inutilmente, mas não estava mais presa ao seu corpo e acabou parando. Reia chutou para o outro lado do círculo de sal com nojo.

Bem, isso foi divertido! Reia provocou um Demônio e depois o matou! Ela protegeu a casa sozinha. *Eu me pergunto como Orpheus se sentiria sobre isso.* Ela franziu os lábios, sabendo que ele provavelmente desaprovava.

Quando o sangue continuou a vazar de seu cadáver sem cabeça, seus olhos se arregalaram. *Oh merda! Oh merda, oh merda, oh merda!*

O sangue escorria de seu pescoço para o círculo esculpido e para o sal. E se quebrasse a proteção aí?

Reia correu rapidamente para dentro, empurrou a cadeira em frente ao balcão da cozinha e estendeu a mão para pegar o sal e o espigão que usou para talhar. Ela saiu correndo.

Cavando na escultura enquanto não havia nada por perto para atacá-la, ela arremessou sal ensanguentado do chão, encolhendo-se quando viu mais infiltrando-se nele. Ela olhou para o corpo sem vida da Demônio deitada ali.

Oh merda, eu tenho que movê-lo. Reia não perdeu tempo. Ela saiu do círculo de sal e começou a arrancá-lo para que seu pescoço ficasse virado para o outro lado. *Ele ficaria bravo. Tão, tão louco se eu soubesse que não estava dentro do círculo.*

Ela continuou olhando ao redor, preocupada que ele viesse pegá-la em flagrante.

Ele não o fez, e Reia estava dentro dela mais uma vez esculpindo o chão até que não houvesse mais líquido e enchesse a fenda com sal.

Aqui ela estava pensando que poderia ajudar a remover os Demônios que vagavam pela casa deles e, em vez disso, descobriu que isso não seria possível. Ela não tinha pensado no que aconteceria quando o jato de sangue caísse.

Ela caiu para trás quando terminou, sentando-se de costas e olhando para o chão. *Ele vai notar isso.* Se a forma como ela esculpiu não fosse tão obviamente diferente do resto da linha, o sangue tanto dentro quanto fora do círculo tornava o que ela tinha feito claramente óbvio.

Ela sabia que outros Demônios viriam e comeriam o corpo, mas isso era evidência suficiente para um desprezo.

— Isso foi impertinente, pequena humana, — uma voz profunda disse a ela de dentro das sombras.

Seu coração quase subiu à garganta quando ela viu o crânio ossudo de um animal com chifres na cabeça começar a emergir.

Estou com tantos problemas!

— Não é o que parece. — Ela olhou para o Demônio ainda deitado ali.

É exatamente o que parece.

— Os círculos de sal são importantes para manter as coisas ruins fora. — Ele demorou muito para avançar, aproximando-se enquanto se agachava e usava uma das mãos para se equilibrar. — Você não deveria interrompê-los tão descuidadamente.

Suas sobrancelhas se contraíram com surpresa, já que ele não parecia zangado com ela. Ela caiu de bunda quando percebeu que não era ele!

Era um Caminhante do Crepúsculo diferente. O mesmo da semana anterior. Ela deveria saber que não era ele, já que seus orbes brilhantes eram *verdes*. Os de Orpheus nunca haviam mudado para aquela cor na frente dela antes.

— O que você está fazendo aqui? O que você quer? — ela continuou a andar para trás enquanto ele se aproximava e saía da sombra da linha das árvores.

Ele veio ao círculo de sal e permitiu que ela o visse completamente. Ele inclinou a cabeça bruscamente, fazendo um barulho muito mais distinto do que o de Orpheus.

— Eu tenho observado você desde que ele saiu.

— Como você sabia que ele tinha ido embora?

Ela se levantou e se preparou para correr se precisasse. Ela também pegou sua espada do chão apenas no caso de precisar lutar.

— Eu estava perto da fronteira quando o vi subindo pelas paredes.

— Fique para trás! — ela gritou quando uma das mãos dele avançou e ele entrou no círculo!

Ela apontou a ponta da lâmina para ele. Ele virou a cabeça para um lado e depois para o outro, enquanto se aproximava ainda mais e trouxe todo o seu corpo agachado para dentro.

— Não corra. Você vai me fazer perseguir e machucar você.

Eu gosto da caça. As palavras de Orpheus ecoaram em sua memória, lembrando-a do perigo que enfrentava.

Ela avançou para trás, tentando mover-se lentamente para não incitar qualquer tipo de fome nele.

— C-como você entrou?

Ele virou seu crânio de raposa para a linha de sal, seus grandes chifres bifurcados projetando uma sombra no chão.

— Isso mantém afastados aqueles que pretendem fazer mal. — Então ele se virou e apontou para a casa com uma garra curva. — Esses mantêm fora aqueles que não moram lá. — Ela imaginou que ele estava apontando para as bugigangas de proteção. — Eu não posso fazê-los. Os ingredientes não crescem.

— Você não pretende me machucar?

Ele avançou com os pés e uma mão enquanto balançava a cabeça.

— Não. Não prejudicar. — Ele coçou a parte de trás do ombro como se estivesse com coceira, bagunçando o pelo e as penas que tinha ali. — Por que você balança essa coisa pontuda?

Ela se atreveu a olhar por cima do ombro para ver que a casa parecia a quilômetros de distância enquanto ela se aproximava dela. *Ainda não chegará a tempo se for tão rápido quanto Orpheus.*

— Então eu posso matar qualquer coisa que tente me comer, — ela respondeu, virando-se para ele para descobrir que ele se aproximou enquanto ela não estava olhando. — Ou me machucar.

Ele estava bem na frente dela agora, um pouco além de sua espada. Ele cheirou a ponta ensanguentada.

— Mas eu já lhe disse que não pretendo feri-la. Por que você ainda aponta para mim? — Ele deu um rosnado antes de bufar de desagrado. — Eles machucam minha carne. Não gosto quando os humanos fazem isso.

— Porque eu não confio em você.

Ele levou a mão com a qual estava se coçando ao focinho para bater em pensamento.

— Mas você confia em Mavka. Você mora conosco.

— Não, — ela corrigiu. — Eu confio em Orpheus.

Sua cabeça girou até ficar quase de cabeça para baixo.

— Quem?

— Orpheus. — Suas sobrancelhas se juntaram. — Ele é o Caminhante do Crepúsculo que mora aqui.

Mesmo que eles estivessem doendo por segurar a espada por tanto tempo, ela se recusou a deixar cair os braços trêmulos.

— Mas ele é Mavka. É assim que nos chamamos.

— Esse é o nome dele.

— Nome? — Ele torceu a cabeça mais uma vez para virar de cabeça para baixo, mas para o outro lado. — O que é um nome?

— Ele é um Caminhante... Mavka, — ela disse a ele. — Mas é assim que ele é chamado. Se eu chamasse Mavka, vocês dois se virariam para mim. Mas se eu apenas chamasse seu nome, Orpheus,

apenas ele se viraria para mim. É especial. Como se eu fosse humana, mas meu nome é Reia, e só eu recorrería ao nome quando chamada.

— Especial? — Seus orbes brilhantes mudaram de verde, o que ela pensou que sempre seriam, para amarelo brilhante. — Eu quero um nome! Eu quero ser chamado de algo especial. — Ele se levantou, mostrando a ela sua altura elevada enquanto alcançava sua espada. — Como alguém consegue um nome, pequena humana?

Ela rapidamente apontou para o rosto dele, descobrindo que ele era alguns centímetros mais alto que Orpheus. Ela não tinha pensado que nada poderia ser maior do que ele.

— É algo que você recebe.

— Você pode dar nomes?

— Você quer que eu lhe dê um nome?

Ele assentiu.

— Sim. Você me dará algo especial para ser chamado?

Ela deu uma pequena risada, achando isso assustador e cativante.

— Ah não. Não sou muito boa em ser criativa. Acho que não sou a pessoa certa para lhe dar um nome.

Seus olhos se tornaram azuis, assim como os orbes de Orpheus escureceram quando ele estava triste.

— Olha, eu não sei o que você quer de mim, mas eu gostaria que você fosse embora. Por favor.

Seus olhos voltaram ao verde.

— Mas eu quero falar com você. Mavka me disse que os humanos são difíceis de manter, mas você está aqui. Eu gostaria de entender.

— Se Orpheus vier, ele vai ficar louco.

— Eu vou ouvi-lo e cheirá-lo.

Ele se aproximou e Reia tentou igualar o comprimento de seu passo para trás.

— Eu disse para ficar para trás!

Ele parou e se agachou mais uma vez para ficar menor.

— Eu te chateeí. Eu não queria aborrecê-la. Por favor, fale comigo, Reia pessoa humana.

Ela parou de recuar e soprou algumas mechas de cabelo que caíam sobre o rosto. Ele pediu gentilmente, e parecia que ele não iria realmente machucá-la.

— Certo. — Reia gemeu. A espada caiu e a ponta bateu no chão. Seus braços estavam muito cansados para segurá-la por mais tempo de qualquer maneira. — O que você quer saber?

— Por que você fica com ele?

— Porque ele é meu amigo. Eu confio nele e vou ficar porque simplesmente estou.

— Ele disse que você veio aqui com ele voluntariamente. Por que você não tem medo de nós?

Reia encolheu os ombros, olhando-o cuidadosamente caso ele se movesse repentinamente.

— Não sei. Nunca tive tanto medo de muita coisa. Eu estava com medo no começo, mas não o suficiente para que ele me comesse. Como eu disse, passei a confiar nele.

— E você não tem medo de mim? Você cheira diferente de antes, melhor, mas não consigo sentir o cheiro do medo.

— Ele-ele me dá um banho para tirar meu cheiro humano. É por isso que eu cheiro diferente, porque ele não está aqui para me dar um — explicou ela. — E eu estou acostumada com o seu tipo agora por causa dele. Vocês não são monstros.

Seus olhos brilharam com amarelo com isso.

— Monstros, não. Talvez, talvez, mas não quero ser um monstro. Eu quero um humano que me deixe segurá-lo.

Bem, isso é constrangedor. Suas bochechas aqueceram ligeiramente.

Seus olhos voltaram ao verde, e ele se desenrolou apenas o suficiente para se aproximar. Ele não deu um passo à frente, mas se inclinou mais perto.

— Ele disse que é difícil encontrar um humano que fique conosco. — Ele descansou em sua mão enquanto cheirava seu rosto. — Você não está com medo. Vem comigo?

— Com licença?! — Reia deu um passo para trás. — Não, eu sou de Orpheus.

— Você não é dele. — Ele virou a cabeça no que ela pensou que poderia ser confusão. — Você não deu a ele sua alma. Você não é a noiva dele.

— Isso-isso não importa. Sou amiga *dele*.

— Mas você pode vir ser minha em vez disso. — Ele avançou apenas o suficiente para fechar a distância. — Você poderia me dar sua alma em vez dele.

Ele estendeu a mão como se quisesse tocar o rosto dela gentilmente, e Reia deu um tapa na mão dele com o braço.

— Não me toque.

— Por que não? — ele perguntou, avançando mais uma vez e Reia o golpeou novamente. Vermelho entrou em seus orbes, e ele disparou para mais perto.

— Eu disse não! — Ela tentou agarrar o cabo da espada com as duas mãos, mas os olhos dele ficaram brancos e ele rapidamente recuou um passo.

— Ele disse que 'não' é importante. Que eu não devo tocar se eles disserem não.

— B-bem — ela respondeu com a voz trêmula. — Ele está certo. Se alguém disser não, você deve ouvir. Não importa o que seja.

Ele colocou a mão em seu focinho mais uma vez para bater de lado.

— Por que você não vem comigo?

— Porque eu não quero. Eu quero ficar com Orpheus. Encontre seu próprio humano que quer você.

— Você acha que eu posso? Os outros estão sempre com medo, e isso me deixa com *fome*. Como faço para impedir que tenham medo para que fiquem comigo?

— Eu não sei, — ela respondeu com sinceridade. — Apenas seja gentil?

— Ele me disse que eu preciso comer mais humanos primeiro.

Seu rosto empalideceu, surpreso que Orpheus dissesse a ele para fazer isso.

— Por que?

Por que ele diria para fazer algo tão terrível?

— Porque ele disse que eu sou burro. — Ela levou a mão à boca para esconder a gargalhada que queria escapar. — Não tenho humanidade suficiente para compreender.

Embora o que Orpheus disse fosse cruel, ela não pôde deixar de descobrir que ele poderia estar certo. Este Caminhante do Crepúsculo era muito diferente daquele que ela conhecia. Orpheus era muito mais inteligente. Até ela podia ver que este Caminhante do Crepúsculo lutaria para entender um humano o suficiente para apagar seus medos.

— Onde você mora?

— Uma caverna, como todos os Mavka - exceto esta. — Ele examinou a casa. — Isto é estranho. Por que ele vive em uma cabana humana?

Reia sorriu.

— Porque deixa os humanos confortáveis. Se você realmente quer meu conselho, seja como ele e construa a sua própria. Se você levar um humano para uma caverna, isso os deixará infelizes.

Ele virou a cabeça, batendo no focinho mais uma vez com a garra dianteira.

— Ele disse para ser mais como um humano. Eu ia pedir a ele para me ajudar a conseguir roupas melhores. As que eu tiro dos humanos não servem.

— Tipo... ajudar você levando você para a Vila dos Demônios?

Ele inclinou a cabeça.

— Você sabe disso. Então você pode me levar?

— Ah, — ela riu. Ele realmente *era* estúpido. — Não. Você definitivamente deveria perguntar a ele.

— Hum. Então ficarei até que ele venha.

— Não. Acho que você deveria sair e voltar mais tarde, quando ele estiver aqui.

— Eu vou ficar — disse ele, sentando-se no chão bem na frente dela como um cachorro.

— Você deveria ir embora.

— Eu vou ficar! — ele gritou, seus olhos ficando vermelhos em um piscar de olhos.

Algo chamou sua atenção. Algo de *cima*. Ele virou a cabeça antes mesmo que ela ouvisse o som *sibilante*.

Reia seguiu para onde seu olhar havia voltado e quase caiu direto em sua bunda. *Um demônio!* Não apenas qualquer tipo de Demônio, mas um voador. Um dos tipos mais perigosos. Forte e implacável.

E estava voando *sobre* o círculo de sal.

Como está acima de nós?

Ela não teve mais tempo para pensar nisso porque mergulhou e foi direto para Reia com um grito de pássaro semelhante ao de uma águia.

Apesar do Caminhante do Crepúsculo na frente dela, ela correu. Ok, então ao invés de Orpheus voltar para descobrir que ela tinha ido embora, ele voltaria para descobrir que ela estava morta porque ela estava do lado de fora como uma idiota!

Era o humano em seu perfume que cheirava? O sangue do Demônio que ela matou? Talvez uma mistura de ambos?

Ela estava correndo na presença de um Caminhante do Crepúsculo, mas agora ela estava mais preocupada com o Demônio voador.

Ela sentiu a pressão de um pé de três dedos com garras começando a se fechar ao redor da parte superior de seu braço logo antes de chegar à varanda. *Merda!* Era logo ali, mas Reia começou a ser levantada do chão. Ele a estava agarrando, embora ela estivesse usando o amuleto, mas no momento em que tentou fechar o pé em volta da cabeça dela, gritou de dor por tocá-la diretamente.

De repente, ambos foram jogados para o lado.

Eles se separaram, o Demônio voador sendo derrubado no chão enquanto Reia foi solta e caiu cerca de um metro no chão. Um grito saiu dela com o impacto, o vento a nocauteou completamente enquanto sua própria mão a socava no rosto.

A dor irradiava de seu ombro e ela gemeu, encolhendo-se ao agarrá-lo. Ela não achava que estava sangrando, mas cair sobre ele doeu como o inferno.

Rosnados e gritos acima de sua cabeça chamaram sua atenção

para frente para ver o Caminhante do Crepúsculo com quem ela estava falando lutando contra o Demônio.

Foi brutal. Observá-lo era difícil com a rapidez com que eles se moviam enquanto batiam um no outro.

O Demônio usou seus braços para agarrar enquanto as asas em suas costas lhe permitiam pairar e pular. Parecia mais humano do que qualquer outro Demônio que ela tinha visto. Além de ter asas e pés de pássaro, o resto era humano – até o rosto. Estava até de calça! Ela nunca tinha visto um Demônio usar roupas antes.

O Caminhante do Crepúsculo saltou no ar para se agarrar a ele e agarrou seu estômago e costas para segurá-lo. Ele pegou uma de suas asas no processo e a quebrou.

Ambos caíram com um baque contra o chão. Os horríveis rosnados e ganidos que vinham de ambos enquanto se contorciam enquanto lutavam, eram horríveis. Sangue roxo esguichava deles enquanto suas garras brilhavam com o líquido.

Era difícil dizer quem era quem, mas ela podia distinguir o branco do crânio de Caminhante do Crepúsculo e o brilho vermelho que emanava entre eles – os olhos naturalmente vermelhos do Demônio e os orbes brilhantes de raiva do Caminhante do Crepúsculo.

Ela ouviu um estalo distinto, e então a torrente de penas que estava esvoaçando ao redor deles se acalmou. Uma cabeça foi arremessada para o lado, passando pelo círculo de sal antes de rolar para dentro da floresta.

Era preta em vez de branca, e o alívio a invadiu. O Caminhante do Crepúsculo havia vencido.

Chiados vieram dele que terminou com um breve gemido.

– Você está bem? – Reia perguntou, ficando trêmula de joelhos para poder ficar de pé.

Ela soltou um suspiro quando a dor atravessou seu braço desde o ombro quando ela tentou usá-lo para se levantar.

Ele rosnou. Um rosnado profundo e ecoante que parecia bestial e feroz.

Assim que ela se levantou, ele deu um passo em sua direção lentamente, sua boca aberta e pingando saliva. O sangue escorria de

vários cortes em seu corpo, e o vermelho carmesim em seus orbes disse a ela tudo o que ela precisava saber.

Ele estava com raiva. Ele estava com dor. E Reia estava prestes a morrer.

Ela não precisou correr muito para ficar atrás da segurança dos amuletos que protegiam a casa. A varanda estava a apenas um passo de distância, e ela escalou antes que ele pudesse chegar até ela.

Com rosnados raivosos, ele bateu de cabeça na barreira. Seu coração quase pulou para fora do peito com o som de trituração que fez. Então ele continuou a arranhar e lutar contra ela, batendo com a cabeça enquanto também a esfregava sobre o escudo que a protegia.

Com um suspiro, ela deu um passo para trás com o quão duro ele estava tentando abrir caminho para chegar até ela. Ele não cedeu, seus movimentos rápidos e chocantes. Ela podia ouvir o baque profundo de seu crânio atingindo a barreira, e vibrou com um som distorcido em resposta a seus impactos.

Ela olhou para sua espada que estava no chão perto dele e fora de alcance. *Ele tem outras.* Correndo para dentro, ela foi até o quarto de Orpheus e pegou uma das outras espadas que era um pouco mais pesada do que ela estava acostumada.

Ela a arrastou pelo chão, seu braço direito muito dolorido e sensível para levantá-lo corretamente. Então ela encarou a porta fechada enquanto estava do lado de dentro, pronta para segurá-la e espetá-lo com ela se ele conseguisse passar pela barreira e irromper pela porta.

O tempo passou devagar, uma longa extensão dele, enquanto ela esperava enquanto ouvia seus sons horríveis. Ele parecia um urso raivoso espumante e um lobo misturados. O suor escorria por sua têmpora e costas, mais pelas dores que ela sentia ao tentar ficar lá do que pela exaustão.

Seu coração batia forte, mas ela se recusava a sentir medo, porque isso só faria com que ele se esforçasse mais.

Eu só preciso esperar ele sair. Orpheus estava enlouquecido e ferido, e conseguiu se acalmar.

Ele não queria machucá-la, e ela tinha certeza de que ele ficaria

chateado quando percebesse que a havia comido.

Os ruídos animais logo atrás da porta finalmente se acalmaram. Reia esperou um longo tempo antes de finalmente ganhar coragem para espreitar a porta. A espada foi arrastada ao lado dela quando ela se encostou no batente da porta e abaixou a cabeça para fora.

Uma pilha alta jazia ao pé da escada. Respirações profundas vieram dele enquanto ele olhava para longe, terminando com mais daqueles pequenos gemidos que soavam horríveis, como se ele estivesse com uma dor terrível.

— Você está bem? — ela perguntou com apenas a cabeça para fora.

Ele virou a cabeça para ela, e ela ficou grata por encontrar seus olhos azuis, como se ele estivesse triste em vez de um vermelho cheio de raiva.

— Isso dói.

Saindo lentamente, ela avançou para que pudesse vê-lo melhor. Havia uma pequena poça de sangue se formando embaixo dele, e seus ferimentos pareciam graves. Havia algumas marcas de mordida em seu pescoço e ombros enquanto seu torso estava coberto de cortes profundos.

— Eu quero ajudar, — ela disse a ele, seus olhos se curvando em simpatia por ele. — Mas eu não posso. Desculpe.

Ela não podia arriscar se machucar porque ele perdeu novamente. Ela não podia lavar suas feridas ou enfaixá-las como fez com Orpheus.

Merda, eu realmente confio naquele grande cabeça-dura.

— Está bem. Vou me curar em breve. — Então ele se enrolou em uma bola enquanto abraçava sua barriga e estremecia ligeiramente.

— Posso ficar? Serei atacado se sair. Não quero mais dor.

— Sim, você pode ficar lá.

Reia manteve a espada firmemente na mão enquanto deslizava as costas contra a parede do lado de fora e se sentava. Ela ficou lá e o observou. Parte disso era para que ele não tivesse que ficar sozinho enquanto passava por isso. Outra era para que ela pudesse, talvez,

protegê-lo se outro Demônio voador viesse.

Eu nunca vi um antes. Ela olhou seu cadáver sem cabeça no chão, penas negras como um mar ao redor de seu corpo.

— Obrigada por me salvar, — ela disse baixinho quando seus movimentos se acalmaram, e seu tremor aliviou.

Felizmente, a poça havia parado de crescer há algum tempo, quando o dia chegou ao meio da tarde.

— Eu não queria atacá-la, Reia pessoa humana. — Ele finalmente se afastou de sua posição enrolada para se sentar enquanto se apoiava em um braço e quadril. — Sinto muito.

— Tudo bem, — ela disse com uma risada porque *definitivamente* não tinha sido tudo bom. — Não é a primeira vez que sou atacada por um Caminhante do Crepúsculo.

— Ele atacou você?

— Orpheus tentou me comer várias vezes.

— E ainda assim, você é amiga dele? Eu não entendo.

Reia deu-lhe um sorriso, sabendo que seus olhos estavam brilhando com o brilho dele.

— Você não queria me atacar, assim como ele não queria me atacar. Ele me protegeu várias vezes e é muito doce, o que torna fácil perdô-lo.

Ele gemeu enquanto continuava a se firmar, tocando as feridas em seu peito para verificá-las.

— Mas doce é um gosto. O que isso significa?

— Isso significa que ele é muito gentil e carinhoso comigo. Ele coloca minhas necessidades em primeiro lugar e quer me fazer feliz.

— Hum.

Ele colocou a mão no focinho e começou a bater em pensamento. Ela estava começando a se perguntar se ele fazia isso tanto porque achava difícil pensar, como se fosse uma tensão difícil que exigisse a ajuda de uma ação.

Ele não respondeu antes de começar a se levantar, tropeçando e usando a mão para se firmar. Ele sibilou em uma respiração que saiu como bufo pelo nariz.

— O que você está fazendo? — ela perguntou enquanto se

levantava para ficar de pé também.

Ele foi até o Demônio voador para arrastá-lo pelo pátio.

— Fora. — Ele apontou para os novos Demônios que haviam chegado e já haviam comido o que ela havia matado antes. — Eles vão ajudar a se livrar de seu corpo. Vou tentar esconder o cheiro de sangue com sujeira.

Ele jogou seu cadáver através da barreira e os outros desceram sobre ele sem hesitar, fazendo sons molhados e sugando enquanto comiam. Ela os observou com um estremecimento estragando suas feições. *Eca, nojento.*

O Caminhante do Crepúsculo mancava ao redor enquanto ocasionalmente arranhava o chão para coletar sujeira e borrifá-la nas manchas de sangue.

— Eu sujei sua cabana. — Ele apontou para a base da escada onde manchas de sangue conseguiram sair de seu corpo e cair sobre elas quando ele estava atacando a barreira. — Eles estão dentro de suas proteções. Não posso escondê-los.

Reia entrou e pegou um pano úmido para enxugar e depois jogou na lareira para que queimasse quando ela acendesse à noite.

— Pronto, tudo se foi.

Ela bateu palmas como se estivesse limpando a sujeira enquanto voltava para fora para descer os degraus e sair da barreira, pois sentia que era seguro fazê-lo.

Ele se acalmou e ela realmente queria sua espada de volta. Ela também estava morrendo de fome após os eventos do dia e realmente precisava de algo para comer.

Depois de algumas horas de descanso enquanto o observava se recuperar, seu ombro não doía tanto. Ainda estava sensível ao toque, então ela tentou não mexer muito.

Ela colocou as mãos nos quadris enquanto segurava a espada desajeitadamente.

— Não tenho comida para você, mas tenho água. Você está com sede?

Ele a surpreendeu quando estendeu a mão para colocar as pontas dos dedos com garras em sua bochecha.

— O que você está fazendo com o seu rosto?

— Ei! — Ela deu um passo para trás e deu um tapa na mão dele. — Nós conversamos sobre isso.

Sua mão se afastou e ele a segurou contra o peito enquanto seus olhos ficavam brancos.

— Eu esqueci.

Inacreditável. Ela balançou a cabeça.

— Eu nunca vi um humano fazer isso ou fazer esse som estranho que você faz.

Reia abriu a boca para explicar o que era uma risada e um sorriso, mas sua cabeça de repente virou para o lado para olhar em uma determinada direção.

— Ele está aqui. Sinto o cheiro dele no vento.

Ele olhou ao redor e depois para seu corpo que ainda estava gravemente ferido, mas pelo menos não sangrava mais. Seus olhos se arregalaram quando ela virou a cabeça do jeito que ele tinha feito.

— Então você deveria pelo menos sair do círculo de sal, — ela disse calmamente.

Por que parece que estou prestes a ser pega fazendo a coisa errada?
Como se ela estivesse *trapaceando* conversando com esse Caminhante do Crepúsculo.

— Serei atacado se sair agora.

Ele estava ferido e coberto de sangue. Sem dúvida os Demônios tentariam comê-lo. A palavra-chave aqui era *tentar*.

— Ok, ok, hum. — Isso não era bom. Ela sabia só porque ele espalhou terra em todos os lugares que o cheiro de sangue não havia sumido, e ela atualmente tinha um estranho Caminhante do Crepúsculo no círculo de sal perto dela. — Só... não sei. Vá para o outro lado da clareira, perto do círculo de sal ou algo assim.

Ele começou a fazer o que ela mandou, e Reia se virou para onde ela achava que Orpheus poderia vir.

Espero conseguir mantê-lo calmo.

VINTE E DOIS

Orpheus caminhou pela escuridão, névoa e sombras sempre constantes do Véu.

Debaixo de sua capa, ele tinha um cervo morto montado em seus ombros com as quatro patas penduradas em ambos os lados do pescoço e no peito. Com ele sob o manto, seu cheiro foi escondido pelo dele.

Encontrar um cervo para caçar tinha sido a parte fácil. Encontrar um que ele conseguiu surpreender e quebrar o pescoço para não derramar uma única gota de sangue foi difícil. Ele não poderia carregar uma carcaça sangrando através do Véu sem chamar a atenção e lutar com Demônios por sua carne.

Havia também outro problema. Se o cervo o fizesse persegui-lo, ele o consumiria em um frenesi induzido pela caça.

Ainda assim, ele conseguiu completar sua tarefa para Reia em um dia, agradecido por um cervo solitário ter conseguido se separar e se estabelecer pouco tempo depois de matar um punhado de seu rebanho em uma loucura.

Ele ergueu a mão direita, amarelo brilhante preenchendo sua visão enquanto seu olhar recaía sobre o que mais ele segurava.

Espero que ela fique satisfeita com o que encontrei.

Obtê-lo foi fácil, mas mantê-lo era doloroso. Lambendo a língua dolorida e inchada contra o céu da boca, ele estremeceu.

Uma recompensa? Orpheus esperava que ela lhe desse algo em troca.

Um sorriso. Outro abraço como o que ele ganhou antes de partir. Um toque em seu corpo como aquele que ela lhe dera quando tinha aquele estranho sangramento que só as mulheres humanas que ele tinha possuído tinham. Ele não sabia que isso lhes trazia dor e ainda não sabia qual era sua função.

Ele abaixou o braço para segurar o que segurava com cuidado, certificando-se de não quebrá-lo com o aperto de sua mão grande.

A caminhada foi relativamente curta, já que ele não estava transportando um humano e não precisava ficar no ritmo de seus

passos curtos. É claro que os moradores da fronteira, como os que estavam perto de sua casa, tentaram perguntar o que ele tinha quando estavam perto o suficiente, sabendo que ele deveria ter algo sob seu manto agora de formato estranho. Afastá-los foi bastante fácil. Apenas um simples estalo de sua mandíbula em advertência e eles recuaram.

Se estivesse sangrando, seria outra história.

Por mais animado que estivesse para retornar a sua pequena humana, havia uma sensação inquietante de pavor. Ele estava preocupado em encontrá-la desaparecida ou morta.

Conforme ele se aproximava de sua casa, o cheiro de sangue de Demônio derramado se infiltrou em seus sentidos. Ele deu pouca atenção a isso. Ele não podia sentir o cheiro do sangue de Reia no vento, o que significa que ela permaneceu ilesa. Os Demônios muitas vezes machucam uns aos outros, matam uns aos outros, comem uns aos outros; seu sangue malcheiroso não era motivo para alarme.

Ela ainda está aqui. Seu cheiro era forte. Ela tinha ficado como havia prometido, e sua tensão aliviou.

No entanto, havia outro cheiro. O cheiro de sangue Mavka. Ele não sabia o que isso poderia significar.

Havia muitos Demônios ao redor para ele correr. Ele sabia que eles iriam persegui-lo e ele poderia perder a carne que pretendia dar a Reia, mas acelerou seus passos largos.

Ele emergiu da floresta no início da clareira.

Sua visão imediatamente a encontrou de pé no meio do pátio, já de frente para ele. Com seus cabelos loiros, pele alva e olhos verdes brilhantes, ela sorriu para ele.

Foi a saudação mais doce que ele já recebeu ao voltar para casa.

— Reia? — ele perguntou, inclinando a cabeça enquanto cruzava o círculo de sal. — O que você está fazendo aí fora?

Ele pensou que ela poderia andar por aí no dia anterior, mas ela deveria ter pensado melhor antes de sair de casa sem o feitiço dele.

— Hum... longa história. — Os olhos dela dispararam para o lado dele antes de se arregalarem. Ela deu um passo em direção a ele.

— Espere, é isso que eu acho que é?

— Você disse que há mel dentro deles. — Ele ergueu a colméia

que tinha na mão, onde algumas abelhas ainda persistiam na luta pelo ninho. — E que você queria isso.

Mas, por mais que ele quisesse se deleitar com seu dom, algo parecia errado.

Por que posso sentir o cheiro de Mavka e Sangue de demônio dentro do círculo? Ele começou a abaixar tudo no chão, o cervo escorregando de seus ombros para bater contra a grama. Ele foi mais cuidadoso com a frágil colméia.

Foi quando Orpheus olhou por cima da cabeça de Reia para encontrar o Mavka que ele conhecia de pé do outro lado do pátio dentro do círculo de sal.

Ele disparou para frente, envolvendo os braços ao redor dela de forma protetora e puxou-a para o seu lado.

Ela soltou um pequeno grito ao toque dele, cheio de uma dor terrível, e ele pulou para trás dela quando seus olhos ficaram brancos. *Eu a machuquei?* Ele não achava que a tinha agarrado com força.

Ela colocou a mão em torno de seu bíceps, estremecendo com uma carranca enquanto se afastava dele.

— Reia? — ele perguntou enquanto se aproximava lentamente. Ela não recuou, e mais uma vez colocou um sorriso no rosto — um que era mais forçado. — O que está errado?

— Ah, nada.

Quando ele cutucou seu braço para ver qual era o problema, seu corpo mergulhou e ela deu outro pequeno grito. O vermelho encheu sua visão, e ele agarrou seu outro ombro para mantê-la quieta enquanto cuidadosamente enroscava suas garras no decote de seu vestido. Ele rasgou. Um grunhido profundo saiu de sua garganta enquanto sua boca se abria em descrença.

Ele não poderia ter causado esse ferimento, não com o tempo, já que toda a carne lisa sobre todo o ombro dela era roxo escuro e preto. Uma contusão.

Reia ficou ferida.

Com um rosnado, ele se virou para o Mavka do outro lado do quintal.

— Espere, Orpheus. Não é o que você pensa, — ela implorou

enquanto colocava as mãos no peito dele.

Ele se recusou a ouvir. *Reia está ferida.*

Ele a moveu para o lado enquanto dava um passo em sua direção. Ele não recuou, nem se aproximou, mas seus olhos brilharam vermelhos para enfrentar sua ameaça.

— Você a machucou? — A raiva borbulhou em seu estômago como um nojento poço ardente de lava. — Você se atreveu a ferir minha humano?!

Orpheus atacou, suas roupas começando a se infiltrar dentro de seu corpo conforme ele se transformava. Suas pernas ficaram mais parecidas com as de um cachorro enquanto mais pelos brotavam sobre seu corpo para esconder sua carne cinza. Ele caiu em suas mãos e correu de quatro quando estava a meio caminho dele.

O Mavka também atacou, correndo para a frente com patas traseiras em forma de veado e pés com cascos. Ele fechou a distância restante para cumprimentar Orpheus de frente, ambos com os olhos vermelhos e seus rosnados ecoando um no outro.

Eles se chocaram, mas o outro Mavka era mais fraco e muito ferido para lutar contra Orpheus adequadamente. Ele não se importava com o porquê, apenas que isso o ajudava. O Mavka nunca teve a chance de enfiar suas garras na carne de Orpheus quando eles colidiram. Orpheus já havia cortado o pescoço e o peito do Mavka.

O Mavka deu um grito ofegante, estalando as mandíbulas para a frente para se proteger.

Orpheus cravou suas garras na parte de trás de seus ombros enquanto o levantava e então o esmagava no chão. Ele fez isso uma vez, depois duas vezes, até encontrar um momento para envolver a mão em seu focinho de raposa.

Orpheus começou a levantá-lo do chão assim que o segurou com firmeza.

— *Vou quebrar seu crânio!* — Orpheus o ergueu cada vez mais alto até que seus pés com cascos escorregassem no chão. Seus olhos mudaram para branco, mostrando que ele estava se rendendo – assim como seu inegável medo. — *Eu vou estilhaçá-lo!*

Ele começou a apertar o osso quase indestrutível. Quando a

mão do Mavka disparou para a frente para agarrar a sua, Orpheus mordeu sua mão, fazendo-o ganir e guinchar como uma raposa.

— Orpheus, pare! — Reia gritou antes de envolver os braços em volta dele por trás.

— *Deixe-nos!*

Ele não tinha certeza do que faria uma vez que terminasse sua vingança pelo crime cometido contra seu precioso e frágil corpo, mas ele a queria longe e segura.

— Ele não me machucou, Orpheus. — Ela apertou o mais forte que pôde, recusando-se a soltá-lo. — Se não fosse por ele, eu estaria morta.

Ele continuou a apertar enquanto o Mavka balançava a cabeça para se libertar sem sucesso.

— Por favor pare. — Ela começou a esfregar as mãos para cima e para baixo em seu peito, através do longo pelo de sua forma mais monstruosa, em uma ação calmante. — Ele me protegeu.

Liberando um pouco da pressão, ele continuou a segurar o focinho.

— *Por que você a protegeria?* — O que esse Mavka esperava ganhar? — *Você estava planejando roubar Reia? Ela é minha!*

Orpheus começou a apertar novamente.

— Eu... — ele começou, antes de Reia interromper se colocando entre eles!

Louca, ela era louca por fazer algo tão tolo.

Ele abaixou a cabeça para rosnar, para fazê-la se afastar deles. Ela estava entre dois Mavkas, e um deles era uma ameaça para ela e a uma curta distância!

— Ele queria falar comigo e pedir conselhos a uma humana sobre como manter um. — Ela estendeu a mão e segurou seu focinho, enrolando os dedos em torno dele para fechá-lo. — Mas um Demônio voador tentou me agarrar, e ele me salvou antes que pudesse voar comigo. Sem ele, Orpheus, eu teria ido embora.

O rosto dela na frente dele, olhando para ele tão preocupado, segurando bravamente o focinho dele em um gesto carinhoso, aliviou o pior de sua raiva. No entanto, sua raiva rapidamente mudou do

Mavka para ela.

— *É por isso que não é seguro ficar do lado de fora!* — ele rugiu, sua boca se abrindo para ecoar seu berro e empurrando as mãos dela para cima para seguir a metade superior enquanto ela tentava permanecer agarrada a ele. — *O círculo de sal só protege de quem passa por ele!*

Ela quase foi tirada de mim... Ela ficou aqui por ele, mas quase foi levada para ser comida, para ter uma morte horrível. E ele teria sentido falta dela, doído por ela! *Ela é minha. Eu quero que ela seja minha noiva.* Ele não queria outro humano. Ele queria Reia, sua pequena corça, sua corajosa humana que lhe deu esperança em sua força e desejo.

Eu não deveria ter saído!

— Sim, eu meio que descobri isso hoje. — Ela gesticulou com uma das mãos atrás dela para o Mavka. — Eu estava treinando com minha espada quando ele veio falar comigo. Enquanto conversávamos, um Demônio voador me agarrou. Eu estaria aqui de qualquer maneira e teria sido levada embora se não fosse por ele. Você deveria agradecê-lo, não machucá-lo.

Seu lábio inferior se projetou ainda mais em um pequeno beicinho. Ele afrouxou o aperto o suficiente, mas continuou a segurá-la.

— É verdade? — ele perguntou a ele.

— Sim.

Orpheus olhou para os ferimentos que ele tinha, que eram mais antigos do que os que ele havia causado. Então sua visão caiu sobre os Demônios que estavam chamando Reia persistentemente como um pedaço de carne, sibilando e uivando.

Ele permaneceu para curar. Ele olhou para ele novamente. *Isso aconteceu apenas algumas horas atrás.*

— Orpheus... — Reia disse a ele com um profundo tom de advertência que ele nunca tinha ouvido dela antes. — Se você machucá-lo ainda mais, vou ficar muito chateada com você. Eu não vou te perdoar.

Com um grunhido, ele o jogou para trás rapidamente com as palavras dela, observando enquanto ele caía no chão com a força

repentina.

O lado de fora de sua visão ainda estava vermelho. Ele a puxou para mais perto, cruzando os braços ao redor dela para segurá-la, bem como protegê-la se o Mavka tentasse retaliar contra Orpheus prejudicando Reia.

— Não fique chateado comigo, — ele implorou. — Pronto. Eu o deixei ir.

Ele não sabia o que aconteceria se ela ficasse chateada com ele, mas sabia que não seria bom. *Ela me deixa tocá-la. Ela pode parar.* Isso o machucaria.

— Por que você está lá fora com ele enquanto ele está ferido? Você me viu quando estou ferido.

Eles tentavam atacar qualquer coisa dentro da proximidade direta.

— Eu estava atrás das proteções da casa quando isso aconteceu, como prometi, se estivesse em perigo.

O vermelho queimou mais fundo e ele se agarrou a ela com mais força enquanto observava o Mavka se levantar fracamente.

— Então, ele tentou?!

Ela estendeu a mão e segurou o focinho dele novamente, como se seu pequeno corpo frágil fosse o suficiente para mantê-lo afastado.

— Estou segura agora, não estou?

Ele soltou um bufo de aborrecimento, então um grunhido curto quando ela se virou em seus braços para enfrentar o Mavka e tentou se aproximar dele. Orpheus a segurou.

— Você está bem?

Ele soltou seu próprio grunhido antes de bufar.

— Certo. Eu estarei bem.

Suas orbes brancas brilharam em vermelho na direção de Orpheus antes de voltar ao verde normal.

Orpheus deixou os seus irem para o azul natural, embora ainda desconfiasse dele. Ambos começaram a mudar de suas formas monstruosas de volta para as originais.

— Vou pegar alguns curativos para te ajudar. — Ela começou a abrir caminho para fora de seus braços. Uma pequena risada escapou

dela quando ela murmurou: — Vou ficar sem vestidos neste ritmo.

— Você não precisa enfaixá-lo, — Orpheus rejeitou, a ideia dela tocando outro abominável para ele.

— Claro que eu preciso. — Ela balançou a cabeça, fazendo seu lindo cabelo balançar sobre os ombros. Ele tinha o desejo de impedir que os fios se movessem para que o outro Mavka não pudesse ser atormentado por eles como costumava ser. — Já que você o machucou, devemos cuidar de seus ferimentos.

— Mas ele vai se curar.

Orpheus nunca realmente precisou de sua ajuda. Ele teria curado todos os seus ferimentos no espaço de um dia, independentemente.

— Vai ajudá-lo a se curar mais rápido se eu parar o sangramento.

Ela franziu a testa para ele, e ele teve a sensação de que a estava perturbando novamente.

Orpheus teria que informá-la de que, embora o sangramento parasse, Mavka permaneceriam feridos até que um dia se passasse desde a lesão, então eles curavam tudo de repente no espaço de um minuto. Era uma bênção e uma maldição.

Ele conteve seu ruído de irritação e a soltou, observando enquanto ela entrava. Ele se virou para o Mavka bruscamente.

— Você sabia que eu não estava aqui, mas ficou para falar com ela.

— Por que não posso falar com sua humana? — Ele inclinou a cabeça em confusão. — Não pretendo fazer mal.

— Porque ela é minha!

Ela era sua humana para falar, olhar, tocar. Ninguém mais tinha permissão para tê-la, especialmente nenhum outro de sua espécie.

Ele levantou a mão para bater com uma garra em seu focinho.

— Ela não é sua noiva, mas ela é sua? Eu não entendi.

Pela primeira vez desde a chegada de Reia, os olhos de Orpheus mudaram para um verde brilhante. Um aviso retumbou de dentro de seu peito, queimando com possessividade e malícia.

Seus passos leves tamborilaram no chão, e ele virou a cabeça para vê-la se aproximar deles.

— Você poderia se sentar? — ela perguntou ao Mavka enquanto segurava tiras de pano rasgado. — Vai ser mais fácil chegar até você.

Ele imediatamente fez o que lhe foi dito, comportando-se como um cachorro bem treinado enquanto cruzava as pernas. As garras de Orpheus cravaram em suas palmas quando ele a cheirou enquanto ela envolvia um pano sobre seu - nu - pescoço, ombros e peito.

Ela está tocando outro. O verde escureceu em uma emoção diferente; uma que ele não experimentava há muito tempo, mas parecia ácido na garganta.

Ele podia dizer pelo zumbido que vinha dele enquanto olhava para Orpheus que estava satisfeito com o quão perto ela estava dele, tocando-o enquanto ela cuidava de seus ferimentos. Que ele sabia muito bem que Orpheus estava descontente.

— Nosso crânio pode ser quebrado, Mavka — ele ameaçou com despeito.

— Ela disse que vai ficar chateada se você me matar.

Ela virou a cabeça para trás para olhar por cima do ombro com uma carranca, parecendo não entender o jogo que ele estava jogando com Orpheus.

— Você o está ameaçando?

Ele não estava envergonhado quando disse: — *Sim.*

— Bem, não. Só estou fazendo isso porque você não me ouviu e o machucou.

O amarelo da alegria se iluminou nos orbes do Mavka com o resmungo de derrota de Orpheus. *Eu quero esmagá-lo. Vai ser bom. Quebrá-lo em milhões de pedacinhos minúsculos.*

Uma ideia surgiu em sua mente assim que ela terminou.

— Reia, — ele disse para chamar sua atenção.

— Hum? — Ela se virou para ele, colocando as mãos nos quadris enquanto lhe dava uma expressão descontente.

— Eu também estou ferido.

— O que? Onde? — Ela rapidamente se adiantou para colocar

as mãos sobre ele para verificar seu corpo. Sua preocupação imediata o gratificou. — Eu não pensei que ele tivesse trazido você de volta.

— Eu não as peguei dele. — Ele mostrou a ela suas mãos nuas, já que não havia saído com as luvas. Ele não precisava mais usá-las desde que Reia aceitou seu corpo. — Eu as peguei pegando seu mel.

— Ah, você foi picado pelas abelhas? — Ela passou os polegares pelas mãos dele, encontrando pequenos espinhos cravados em sua pele. Ela perguntou. — Venha, vamos sentar para que eu possa removê-los.

Amarelo brilhou em seus próprios orbes quando o Mavka parecia desapontado com seu cuidado por ele. Ela não apenas tocou suas feridas, mas segurou suas mãos e deu tapinhas em seu corpo.

Na verdade, elas não doíam tanto.

— Fique, — ele avisou quando se levantou para segui-los.

— Não, — Reia rebateu, batendo em seu estômago. — Ele pode vir. Ele não deveria mais se sentar perto do círculo.

Ele suspirou. *Eu tenho que ser bom. Não posso esmagar seu crânio, não posso dizer não a ela.* A felicidade de Reia importava mais do que a dele.

Gesticulando para que Orpheus se sentasse nos degraus da varanda, ela ficou entre os joelhos dele e segurou uma de suas mãos para poder usar as unhas para remover os ferrões de abelha que permaneciam em sua pele. Sua pele e camisa salvaram o resto dele de ser picado.

O Mavka estava agachado em uma posição sentada a apenas alguns metros de distância enquanto os observava com interesse. Sua cabeça virou para um lado e depois para o outro enquanto os examinava juntos.

— Não mais? — ela perguntou quando terminou com a outra mão.

Orpheus começou a abrir a mandíbula. — Eu tentei comer algumas para me livrar delas.

— Você teve sua língua picada?

Ele assentiu.

— Certo, tudo bem. Só porque você trabalhou tão duro para

conseguir isso para mim.

Deslizando a língua para frente, ele abriu a boca um pouco mais e Reia começou a checá-la em busca de ferrões.

— O que você está fazendo? — O Mavka perguntou com um tom de descrença. — Você está alcançando onde ele come!

— Ela confia que não vou machucá-la. Não é, Reia?

Ela assentiu enquanto removia os ferrões um por um.

— Sim, acho que é verdade. Por que outro motivo eu colocaria a mão na boca de um Caminhante do Crepúsculo?

— Isso não é crível — disse o Mavka, levantando a mão para bater em seu focinho.

Orpheus retirou a língua do ar quando ela pensou que tinha terminado, e ele verificou deslizando-a contra o céu da boca.

— Obrigado — disse ele, antes de se inclinar para frente e lambê-la bem debaixo de sua mandíbula.

Ela riu em resposta, e os olhos do Mavka ficaram verdes escuros, sinalizando seu ciúme. Orpheus riu, sentindo-se muito, muito melhor ao vê-lo. *Ela é minha humana, Mavka. Ela confia em mim.* E ele estava provando isso.

Mesmo quando ela empurrou seu focinho para detê-lo depois que ele fez isso de novo, seu humor elevado não se dissipou.

— Reia, eu trouxe um cervo para você. Você terá que cortá-lo você mesma, já que não posso estar perto de seu sangue, mas trouxe carne para você.

— Se eu pegar o que preciso, vocês dois poderão comê-lo?

Sua cabeça tombou para o lado, assim como a do Mavka.

— Você deseja compartilhar sua comida comigo? — perguntou o Mavka.

— Peguei para você, Reia.

— Mas não poderei comer tanto antes que estrague. Não sei como secar carne. — Ela deu de ombros como se não visse nenhum problema nisso. — Além disso, ele é nosso convidado. Devemos alimentá-lo se tivermos comida para compartilhar, e você também deve comer.

Mas nada satisfará nossa fome. Por mais que comessem, por mais

que tentassem, sempre estariam com fome. Nunca terminava, nunca parava, e nenhum Mavka sabia como resolver esse problema que todos enfrentavam.

— Ele está partindo em breve — Orpheus disse a eles, certificando-se de que ambos entenderam que ele não permitiria que ninguém se demorasse perto de sua casa.

— Sobre isso, — Reia disse com um biquinho. Toda vez que o lábio inferior dela se projetava para a frente, Orpheus tinha uma vontade irresistível de lambê-lo de volta no lugar. — Ele tem algo que quer te perguntar. Um favor.

Orpheus inclinou a cabeça para ele em questão, e ele se levantou para chegar um pouco mais perto.

— Eu quero fazer o que vocês dois me disseram. — Então ele gesticulou para eles. — Eu quero *isso*. Minha própria humana.

— E eu disse a você como fazer isso. Onde você deve começar.

Ele voltou os olhos para Reia, fazendo com que Orpheus seguisse seu olhar.

— Mas ela me disse que preciso construir uma cabana porque os humanos não vão gostar da minha caverna. Há coisas de que preciso.

— O que você está pedindo?

Orpheus não tinha feito o suficiente para ajudar este Mavka? Dera-lhe sal, sementes para plantar endro, dera-lhe conselhos.

— Eu nunca estive na vila do Demônio. Não sei o que devo fazer lá.

— E você quer que *eu* te leve?

— Sim. Você esteve lá.

— Não, — ele rosnou, colocando suas mãos ao redor de Reia e trazendo-a para mais perto para ficar mais firme entre suas coxas abertas. — Não vou deixá-la por tanto tempo.

Ele não teria considerado isso antes deste dia, e ele definitivamente não o faria agora depois de saber que ela foi atacada por um Demônio dentro do círculo. Ela era corajosa, corajosa demais. Ela era uma ameaça para si mesma, e Orpheus se recusava a deixá-la aqui sozinha por *dias* apenas para ajudar esta Mavka.

— Então me leve com vocês, — Reia sugeriu, olhando para ele desde que ele estava sentado mais baixo do que ela em sua posição de pé.

— Não estamos preparados para isso. — Na verdade, ele não estava pronto para isso. Ele precisava ter certeza que ela estaria segura desde que ele tinha sido tolo com a última humana que ele levou lá. Só havia uma maneira de garantir sua segurança e *ela* não estava pronta para isso. — É muito perigoso.

Ela deu a ele um pequeno sorriso.

— Mas não seria mais seguro se vocês dois estivessem lá para me proteger? — Ela rapidamente virou a cabeça para o Mavka. — Você já fez isso uma vez. Você faria de novo, não é?

Ele a segurou um pouco mais apertado. *Ela é minha para proteger.*

— Sim, eu ajudarei a proteger a pessoa humana de Reia.

— Ele fala seu nome? — Ele quase rosnou, seus olhos girando em vermelho, antes verde, e depois de volta para permanecer carmesim.

Raiva. Possessividade. Ciúmes. Todas essas emoções eram desagradáveis e indesejadas.

— A questão, Orpheus. — Ela agarrou um de seus chifres e começou a balançar a cabeça. Era a primeira vez que ela os tocava e ele desejava que ela fizesse isso com mais frequência. — Não seria mais seguro se você tivesse alguém cuidando de mim? São dois pássaros, uma pedra. Eu posso ver a vila do Demônio, e você pode ajudá-lo.

— Mas eu não quero ajudá-lo.

Ele estava bastante zangado por estar naquela posição.

— Isso não é muito legal.

— Eu sou Mavka, — ele riu zombeteiramente. — Quando fomos conhecidos por ser legais?

— Você geralmente é, — ela argumentou, empurrando seu peito para se livrar de seus braços. — Eu pensei que você queria me fazer feliz.

— Sim, sempre, mas ainda não vou levar você lá.

— Mas você levou a outra humana lá.

— Isso foi diferente.

Ele tinha sido estúpido, e ele levando aquela mulher lá tinha começado o caminho dele para perdê-la.

— Tudo bem — ela retrucou antes de cruzar os braços sobre o peito. — Então vá sem mim, mas quero que você o ajude.

— Mas eu já disse que não quero ajudá-lo e não quero deixar você sozinha aqui, já que você não sabe ficar dentro de casa.

— E se eu prometer que vou?

Ele balançou sua cabeça.

— É uma longa jornada, e não acredito que você o fará.

— Você não confia em mim? — Ela acenou com as mãos para o lado, apontando para o chão com todos os dedos apontando para baixo. — Prometi ficar e aqui estou, cumprindo minha promessa.

— Eu confiei em você nisso, para ficar, — ele respondeu. Ele esteve preocupado o tempo todo, mas escolheu ter fé nela, apenas para descobrir que ela havia se machucado. — Mas você nunca está onde deveria estar.

Ela estava sempre do lado de fora quando ele dizia para ela não estar quando ele não estava por perto. Ela estava sempre perto do círculo de sal quando ele lhe disse para ficar longe dele. Ela até ficou entre ele e este mesmo Mavka quando ele a advertiu para se mover.

— Você vai sair mesmo que prometa que não vai. Você vai... — Antes que ele pudesse terminar de falar, ela passou por ele para subir os degraus com passos pesados.

Seus punhos estavam cerrados ao lado dela, suas costas rígidas em postura com os dentes cerrados. Até mesmo seus lábios estavam pressionados juntos.

Ele nunca tinha visto essas coisas dela antes.

— Reia?

Ele se virou para observá-la, começando a se levantar para segui-la. Ele recuou quando ela o encarou diretamente em seus orbes brilhantes, e então *fechou* a porta.

Ela está chateada comigo? Ele sentiu que ela estava chateada com ele.

Ele rapidamente virou a cabeça para o Mavka e estalou as

mandíbulas para ele para fazer um som cortante agudo.

— Isto é culpa sua.

— O que eu fiz errado? Não fui eu que disse não. — Ele inclinou a cabeça para ele. — Eu já pedi a ela para vir para a vila do Demônio comigo.

— Você fez o que?! — ele rugiu com seus orbes piscando em vermelho.

VINTE E TRÊS

Com o som do crepitar das brasas remanescentes do fogo que havia sido aceso para aquecer Reia, Orpheus caminhava na sala de estar. A luz opaca fez pouco para iluminar a casa, já que a maioria das velas havia sido apagada.

Ela estava dormindo agora, banhada, alimentada, segura, mas Orpheus estava inquieto.

Ela não vai falar comigo. Desde que ela havia entrado mais cedo, Reia se recusava a falar com ele, a menos que fosse absolutamente necessário.

Quando ele entrou para colocar o cervo na mesa para ela, ela não agradeceu, não sorriu, nem olhou para ele. Tudo o que ela disse foi que jogaria fora o que não quisesse para eles comerem quando ela terminasse. Então ela pegou uma lâmina e Orpheus partiu para garantir que ele e o Mavka estivessem longe o suficiente dentro do círculo de sal para que o cheiro de seu sangue não fosse muito forte.

Ele teve que distrair o Mavka, cujo focinho ficava virando para a casa, agarrando-o pelo nariz para que tudo o que pudesse cheirar fosse ele. Orpheus tinha melhor controle sobre sua força de vontade desde que não estivesse muito perto da fonte.

Orpheus disse a ele para prender a respiração quando a porta se abrisse e esperar até que ela terminasse de despejar o que não queria. Ela precisava deixar as proteções da casa, e ele estava preocupado que ela pudesse se machucar se ele não fosse capaz de controlá-lo.

Então Orpheus o deixou ficar com tudo. Ele não precisava disso como o ferido Mavka.

Quando tudo foi comido e o Mavka se acalmou de seu frenesi comendo - Orpheus o observou atacar a barreira para Reia, mas não fez nada porque sabia que ela estava protegida por dentro, embora isso o deixasse arrepiado - ele gritou para ela sobre a colméia.

Ela disse a ele para colocá-la na mesa lá dentro, como fez com o cervo. Ele começou a ficar preocupado porque ela estava olhando para ele, os lábios apertados e as sobrancelhas bem juntas. Reia não tinha

olhado para ele desde o começo.

Ela permitiu que ele a observasse despejar o mel em potes. Seu nariz soltou espirros com a doçura intensa que ele podia sentir, mas ela não respondeu a nenhuma de suas perguntas sobre isso.

Ela o ignorou.

Ela o ignorou o dia todo. Suas perguntas, sua presença, tudo. Ela até falou mais palavras para o Mavka do lado de fora, que ainda permanecia enquanto esperava que seus ferimentos cicatrizassem do que ela para ele.

Seu banho tinha sido silencioso. Ela não se mexeu. Não pediu a ele para tocá-la intimamente como ela tinha feito todas as vezes na semana passada. Assim que terminou, sentindo um profundo desapontamento porque Orpheus gostava de fazê-la se sentir bem, ele foi embora.

Ela preparou o jantar e comeu em seu quarto. Ele sabia que ela tinha adormecido quando ela não saiu, e ele espiou para dentro para vê-la enrolada sob as peles.

Ele agarrou seus chifres em espiral, um gemido baixinho saindo de seu peito. *Por que ela não estará comigo como antes?* Reia nunca tinha sido assim com ele, nem no começo.

Ela estava agindo como todos os outros humanos que ele trouxe aqui, aqueles que não o queriam perto deles. Era como se ela o detestasse.

Ele tocou seu peito com a ponta de uma garra, sem entender por que sentia dor em seu coração. Sua visão era de um azul profundo e já o era há algum tempo.

Não era assim que ele imaginava que seria seu retorno.

Seu ritmo não cessou durante a noite, sua mente e corpo inquietos. Ele queria entrar no quarto dela e acordá-la, arrumá-la para que ela ficasse como antes, mas ele não quis. Ele não queria perturbar seu descanso.

O que eu fiz errado? Ele não sabia que parte da conversa deles a deixou assim.

Ele esperava que depois que ela dormisse ela falasse com ele, então quando ela finalmente saiu de seu quarto, ele ficou paralisado na

sala de estar e prendeu a respiração em antecipação. Ela sempre dizia bom dia com um sorrisinho e perguntava como ele havia descansado.

Reia caminhou pelo corredor com os olhos nele. Quando ela alcançou o espaço aberto que era a área da cozinha, ela ergueu o queixo para ele e se virou para o balcão antes de pegar um copo de madeira para pressioná-lo no balde de água fresca para que ela pudesse beber.

Seu coração afundou, e sua respiração saiu uma bagunça gaguejante.

Orpheus avançou.

— Por que você não fala comigo?

Ela o estava ignorando a ponto de nem mesmo responder.

Ela não se afastou dele quando ele se aproximou, mas isso parecia muito pior, como se ela estivesse ignorando a própria existência dele em vez de correr para fugir. Ela era como um fantasma que o assombrava.

Quando ela ajeitou sua bebida, ele estendeu a mão para ela, querendo segurar o lado de seu rosto.

— Não me toque, — ela rosnou enquanto afastava a mão dele.

Orpheus recuou, recuando até ficar agachado para ficar menor e precisar colocar uma das mãos no chão para se sustentar. Ela nunca tinha feito isso com ele antes, nunca disse a ele para não tocá-la. Esta não era a mesma mulher que apenas o impediu de lambar seu pescoço no dia anterior porque ele estava fazendo cócegas nela.

Um pequeno gemido chiou em seu peito.

— O que eu fiz de errado, Reia?

— Você feriu meus sentimentos, — ela respondeu, cruzando os braços sobre o peito e dando a ele seu lado.

Seu intestino torceu como se seus intestinos estivessem dando nós. *Eu a machuquei?* Ele sentiu a queimação ácida da culpa em seu estômago.

— É porque não vou ajudar o Mavka?

— Isso faz parte. — A voz dela era profunda e fria, cortando-o como uma lâmina.

— Então o que mais está errado?

Ele não conseguia entender o que mais ele tinha feito para aborrecê-la.

— Você realmente não consegue descobrir isso? — Ela virou a cabeça para olhá-lo, levantando uma sobrancelha com uma boca que estava torcida com um sorriso de escárnio. Ela o encarou completamente quando ele balançou a cabeça para responder. — Você disse que não confiava em mim, Orpheus!

Ele se encolheu ainda mais com o grito dela, essa pequena humana fazendo-o recuar.

— Mas eu confio em você, — ele disse rapidamente.

— Eu prometi que se você o levasse para a vila do Demônio, eu ficaria aqui dentro, e você disse que não! — Ela jogou as mãos para a frente. — Quando prometo algo, geralmente falo sério.

Ele deu um passo hesitante para frente, estendendo a mão para ela, mas a uma distância segura o suficiente para que ela não batesse.

— Mas você vai sair, Reia. Você precisará obter comida da horta.

Suas sobrancelhas se contraíram como se ela não tivesse pensado nisso.

— Mas podemos coletar toda a comida de que preciso antes de você sair, para que eu não precise.

Orpheus balançou a cabeça.

— A vila fica em direção ao coração do Véu. São quatro dias de caminhada só para chegar lá, até para mim. Sua comida vai apodrecer quando eu voltar.

Seu rosto empalideceu um pouco, suas sobrancelhas se uniram.
— Você ficaria fora por oito dias? É realmente tão longe?

Ele deu mais um passo à frente, desesperado para estar mais perto dela, para sentir seu cheiro quando estava saindo de sua pele, para estar a uma distância que pudesse tocá-la.

— Sim. Nossa casa fica perto da fronteira do Véu. — Ele conseguiu deslizar a mão sob a bainha de sua saia e envolvê-la em torno de uma de suas panturrilhas, sentindo um tremor de alívio quando ela não se afastou dele e ele foi capaz de sentir sua pele. — Acredito que você ficaria aqui dentro, Reia, mas esta é uma promessa

que você não pode fazer. Você precisará conseguir mais comida e ficará presa dentro de casa por oito dias, e isso apenas se algo não der errado na jornada.

— Então eu só vou sair para pegar comida e voltar direto.

Orpheus começou a subir lentamente, deslizando a mão pela perna dela até quase chegar à coxa, então deixou o vestido dela cair para poder segurá-la ao lado.

— Não estarei aqui para colocar o círculo de sal se ele quebrar. Se estiver ventando ou chovendo, você não poderá sair de jeito nenhum.

— E-eu posso consertar isso sozinha, Orpheus.

Seus olhos brilharam em carmesim brilhante.

— *Nunca*, — ele rosnou levemente, olhando para ela. — Você nunca deve chegar perto do círculo se ele estiver quebrado.

Seus belos olhos verdes se curvaram e ela começou a mordiscar o lábio inferior.

— Mas eu quero que você o ajude.

Ele disparou para frente e a assustou quando a prendeu contra o balcão da cozinha com os braços.

— Você se importa com aquele Mavka?

Sua visão se aprofundou em sua cor avermelhada, seu rosnado se tornando mais proeminente enquanto ele roncava em seu peito constantemente. *Ela se preocupa mais com ele do que comigo?* A ideia disso fez aquelas mãos invisíveis varrerem seu cérebro, acariciando-o como se pudessem começar a espremê-lo e forçá-lo à loucura.

— Você é *minha*, pequena humana. Não vou deixar que ele tire você de mim.

— Não é isso não.

— Você é *minha*! — ele rugiu, sentindo suas barbatanas e pele tentando levantar debaixo de sua camisa. Aquelas mãos deram seu primeiro aperto hesitante, e ele sentiu-se cada vez mais agitado a cada segundo. — Só eu posso te tocar, te abraçar, te cheirar, te provar. Você é minha humana, e se eu não posso ter você, nenhum Mavka pode!

Reia estendeu a mão e segurou seu focinho confortavelmente, mas uma parte dele queria morder a mão dela em agressão. Para

mostrar a ela que se ele não pudesse tê-la, então ele a comeria. Ele não o fez, teve que sufocar o desejo violento nele para não machucá-la. Ele cravou suas garras no balcão de madeira e sentiu-se cortando a madeira.

— Shhh, shhh, — ela o acalmou, passando a mão sobre o osso do focinho dele. — Tudo bem. Eu só me importo com você, Orpheus. Eu não vou sair com ele, nunca. Eu prometo.

Ela o estava acalmando... e estava funcionando. Ele se aninhou em suas mãos, satisfeito por senti-las enquanto fechava a visão apenas para se deliciar com sua suavidade, seu calor.

— É só... eu me sinto mal por ele. — Ele abriu sua visão, sua visão voltou ao normal sob seus toques carinhosos. — Ele é solitário e muito estúpido. Levará muito tempo até que ele encontre um humano se continuar assim. Ele mora em uma caverna, Orpheus. Ninguém vai querer viver assim.

— Então? Ele aprenderá, assim como eu.

— Você não se sente mal por ele?

Suas sobrancelhas estavam franzidas mais uma vez, e seu lábio inferior estava fazendo aquele beicinho.

— Não, — ele respondeu com sinceridade, incapaz de parar o desejo de se inclinar para frente e lambe aquele beicinho.

Ela riu, mas mesmo ele podia ouvir que faltava qualquer humor verdadeiro.

— Você tem toda essa humanidade em você, mas não consegue nem simpatizar com uma criatura como você. — Ela roçou a testa contra a ponta do focinho dele. — Orpheus, você está sozinho há muito tempo, não é?

— *Eons* — ele murmurou.

— E você perdeu muitos humanos? Você sente falta deles, não é? Você está triste por eles terem partido e por não ter conseguido protegê-los, nem mesmo de si mesmo.

— Sim, — ele ralou, sentindo a familiar pontada de vazio e culpa em seu coração.

— Se fosse possível, você não gostaria que alguém lhe desse as respostas de que você precisava? Alguém para ajudá-lo para que você

não precise perdê-lo?

— Claro, mas então eu não teria você.

Ele teria mantido outro humano, e eles não seriam sua pequena Reia.

Ela recuou a cabeça, o menor sorriso curvando seus lábios. *Ela está sorrindo para mim novamente.* Ele quase gemeu de satisfação.

— Mas e se eu tivesse vindo antes? E se eu chegasse perto do começo quando você não tivesse aprendido tudo o que tinha e você me machucasse?

Branco brilhou em seus orbes. Se Reia fosse a primeira oferenda que ele trouxesse aqui, ele a teria assustado com suas ações. Ele aprendera a hesitar perto dos humanos porque aborreceu muitos deles. Ele sabia dar-lhes espaço, não cheirá-los ou tentar segurá-los como queria.

Ela deve ter percebido pela mudança na cor de seus olhos que ele entendeu.

— É isso que eu estou dizendo. Você o está levando no caminho para ser ferido como você. Ele perderá muitos e ficará triste. E se ele perder o único humano que pode aceitá-lo? Você terá ajudado sua dor, e isso não é justo.

Orpheus pensou por longos momentos. Simpatia por outra pessoa não era algo que ele estava acostumado a sentir, mas muitas vezes sentia simpatia por si mesmo. Ele *ansiava* por remover sua própria dor, não se sentir sozinho, abandonado e desolado. Ele desejou que alguém o ajudasse a ganhar o coração de um humano.

Sou eu quem pode dispensar isso para outro Mavka?

Orpheus nunca poderia ter seu passado de volta, não poderia mudá-lo, então era ele quem teve que passar por tudo isso apenas para ajudar outros de sua espécie? Isso não parecia justo para ele.

No entanto, isso o fez entender seu apelo.

— Mas se eu o levar para a aldeia, você não estará segura.

— Por favor, Orpheus? Ele precisa vestir roupas, ele precisa construir sua própria casa, ele precisa aprender. Ele vai assustar minha espécie como está fazendo agora. Ele é estúpido e abertamente curioso, mas essas coisas vão ajudar.

Seu coração batia pesadamente em seu peito, parecendo o trovão de uma tempestade com relâmpagos enquanto seus estrondos altos vibravam por todo seu corpo.

— Eu não seria capaz de deixar você aqui.

Ela estaria desprotegida, e ele estaria com medo por ela o tempo todo. Oito dias longe de Reia parecia um inferno, não saber se ela estava segura mas também não poder estar na presença dela. Ele sentiria falta dela como uma dor terrível.

— Então me leve com você, — ela implorou. — Não estou com medo, e você disse que poderia me disfarçar.

— Não estamos prontos para eu levá-la lá.

— Mas você levou a outra humana lá. — Seus lábios se estreitaram quando ela estreitou os olhos. — Por que sou tão diferente?

— Porque eu cometi um erro ao levá-la lá. Ela me deixou desde que foi descoberto que eu tinha encontrado uma companheira e ela estava morando comigo.

— Você disse que poderia me levar lá, então quando você iria? Em um mês, um ano? Eu já te disse que queria ir.

— Não é sobre quanto tempo, Reia, — ele respondeu, estendendo a mão para acariciar seus longos fios com suas garras, apreciando a sensação deles rastejando por entre seus dedos.

— Então quando?

Ele queria responder, dar-lhe a verdade.

Ele permaneceu em silêncio.

Ela começou a empurrar seu peito para se afastar dele. *Ela está chateada comigo de novo.* Ela seria como antes, onde o ignoraria.

— Não — ele retrucou, prendendo-a novamente. — Não fique chateada comigo. Eu não gosto disso.

— Então me diga quando.

Quando ele não respondeu, ela cruzou os braços e se virou para mostrar que podia ignorá-lo mesmo quando ele a estava prendendo.

— Reia, — ele alertou, vermelho desfiando as bordas de sua visão. Ela teve a coragem de erguer o queixo para ele. Mais uma vez, seu rosnado saiu de seu peito. — Quando você for minha noiva.

— Com licença? — ela guinchou em um tom agudo, virando a

cabeça para ele enquanto seus olhos se arregalavam. — E-eu nunca disse que seria sua noiva.

— Somente quando você me aceitar, me der sua alma e permanecer comigo eternamente, eu a levarei para a vila dos Demônios. — Seu coração batia forte pelo mesmo dia, os tentáculos de seu pênis se agitando em antecipação. — Só quando você for minha, coração, corpo e alma, quando você não puder me deixar e não quiser, eu te levarei lá. — Ele se inclinou para frente, cravando suas garras no balcão. Sua língua disparou para lambe as presas de seu focinho, seu pênis endurecendo atrás de sua costura, e seus tentáculos tiveram que segurá-lo com força para impedi-lo de sair. — Eu anseio por isso, minha pequena corça.

Ele *ansiava* por isso mais do que por seu corpo.

O primeiro passo era estar dentro dela. Para que ela o aceitasse de bom grado, acolhedora e dolorosamente em seu corpo. Para sua boceta embainhar seu pênis em seu calor, sua umidade, para encher cada centímetro dela até que ela não pudesse aguentar mais, e então ainda dar a ela.

Para ela querer seu corpo, desejá-lo, precisar dele a rodeando enquanto a tomava. Orpheus precisava que ela se apegasse a ele, desejasse estar conectada a ele, e depois arder por ele para fazer isso de novo e de novo, e *nunca* ficar satisfeito.

Ele havia percebido há muito tempo que, para obter o dom da alma de um humano, ele tinha que ganhá-lo ganhando seu corpo e seu coração.

Se ele pudesse reivindicar seu corpo, somente quando ela dissesse que ele queria, ele poderia ganhar seu coração? Orpheus nunca fora amado e queria que ela o amasse. Por ser Reia que permitia que ele a possuísse tão completamente que ela nunca pudesse deixá-lo.

Seu rosto ficou mais pálido, sua boca abrindo e fechando como se ela não pudesse formar as palavras que queria.

Orpheus sabia que eram rejeições.

— Eu não posso forçá-la, Reia, — ele disse gentilmente. — Isso é algo que você deve escolher, mas é isso que eu quero.

— E-eu não poderia ser apenas sua companheira? Você disse

que era tudo o que estava procurando agora.

Ele puxou as garras embutidas de uma mão do balcão e segurou o lado do rosto dela.

— Isso foi antes, quando eu achava que você nunca me aceitaria, assim como os outros não. — Então ele raspou suas garras sobre seu pescoço, seu ombro, e então abaixou seu peito para observar seu mamilo brotar para ele antes mesmo de alcançá-lo. — Mas você gosta do meu toque. Isso me dá esperança.

Suas mãos dispararam para agarrar as dele antes que ele pudesse acariciar aquele ponto sensível.

— Se você não o ajudar, Orpheus, nunca o farei.

Ele inclinou a cabeça, sem entender por que o outro Mavka a impediria de fazê-lo.

— Por que não?

— Porque você está sendo egoísta e cruel com ele. Eu nunca iria querer me entregar a alguém assim. Eu nunca te perdoaria por isso.

— Você não faria isso?

— Não, e isso é uma promessa.

Seus olhos brilharam brancos com suas palavras. *Uma promessa?*

VINTE E QUATRO

Orpheus resmungou internamente enquanto colocava uma de suas capas negras ao redor do corpo de Reia. Tinha sido encurtada e alterada para caber nela.

Ele agora tinha que ajudar o Mavka ou possivelmente perderia o afeto de Reia. Então, ele estava fazendo isso. Ele o levaria para a vila do Demônio para que ele pudesse adquirir o que precisava, enquanto o mostrava para que ele pudesse ir sozinho no futuro.

Essa foi uma decisão fácil.

A da Reia tinha sido mais difícil. Deixá-la aqui sozinha onde poderia ser ferida, ou levá-la com ele para que ele soubesse que ela estava protegida?

Ambos eram perigosos.

Ele estava preocupado há algumas horas, sentindo que ela se afastava dele enquanto ele andava pela casa e pelo quintal, mantendo um olhar atento sobre o Mavka que ele disse para ficar.

Sua escolha foi difícil, mas, no final, ele escolheu a que era menos perigosa para ela.

Então aqui estava ele, vestindo Reia com uma de suas capas enquanto ela usava o material restante como um vestido preto para esconder seu corpo, com a intenção de levá-la com eles, apesar de sua aversão a fazê-lo.

Ele não gostou disso, de ter escolhido levá-la para a aldeia, embora ela não fosse sua noiva e estivesse eternamente ligada a ele. Ela não estaria verdadeiramente segura e poderia ser tirada dele.

Saber que o Mavka estaria com eles e tinha jurado protegê-la aliviou um pouco de sua turbulência interior.

Seu sorriso quando ele disse a ela tinha sido extraordinariamente brilhante, uma vez que irradiava de seu rosto delicado e bonito. *Ela é tão adorável de se ver*, ele pensou na época. Ele ansiava por esta fêmea de tantas maneiras diferentes que agitava tanto seu coração quanto seu corpo.

Eles estavam partindo imediatamente. Não havia razão para esperar.

Ela embalou uma bolsa de ombro com comida suficiente para sobreviver à jornada para a Vila dos Demônios, já que ele disse a ela que eles seriam capazes de obter mais enquanto estivessem lá. Eles também colocaram um saco de água dentro da bolsa que poderiam encher ao longo do caminho. Eles estariam seguindo o riacho que corria por todo o Vêu.

Enquanto ela fazia as malas, Orpheus pegou um grande pedaço de cristal de seu quarto, igual ao da lavanderia, e o levou para fora. Ele o quebrou em pedaços.

Quando ela perguntou por que, ele disse que iria usá-lo para negociar. Ele geralmente não precisava de tanto, mas o Mavka não tinha nada com o que negociar e ele esperava que Reia também gostasse de algo. Negociar significava pouco para ele, pois ele tinha muito.

Assim que os preparativos terminaram, ele a lavou, então o feitiço estava fresco, e então a vestiu.

Havia apenas uma última coisa a fazer agora, e ela parecia insegura quando ele começou a colocar a cabeça do cervo que trouxe para ela sobre sua cabeça.

— Para que serve isso? — ela perguntou, sua voz ecoando dentro do crânio que havia sido descascado e limpo.

— Seu disfarce, para que você possa ver, mas não ser vista.

Ela não podia mostrar o rosto. Sua pele pálida entregaria que ela era humana.

Ele começou a amarrar tiras de pano nele e nela para que ficasse fixo no lugar, mas também pudesse ser retirado durante a viagem. Ela só precisaria disso quando eles estivessem perto da Vila dos Demônios, e ele precisava mantê-la permanentemente escondida.

Ele deveria ter feito isso quando levou a última humana para a vila do Demônio. Ele não sabia que ela tinha sido vista olhando ao redor debaixo de um grande capuz de manto, mas eles foram deixados sozinhos enquanto estavam dentro da aldeia. Ele pensou que tudo estava bem.

— Pronto, agora você parece uma Mavka — disse ele, antes de se inclinar para acariciar o focinho contra o pescoço dela por baixo da

máscara de caveira.

— Não sou um pouco baixinha para me passar por um de vocês?

Ele fez um barulho pensativo. — Uma Mavka feminina, então?

— Existem mulheres?

Orpheus encolheu os ombros enquanto se inclinava para trás e olhava para ela através dos buracos dos olhos.

— Não sei. Eu nunca vi uma.

Ele caminhou ao redor dela e balançou a espada amarrada em suas costas. Seria estranho que ela tivesse uma, mas ele não achava que os Demônios olhariam duas vezes. Eles gostavam de coisas brilhantes e presumiriam que ela também. É por isso que seus cristais eram bons para o comércio.

Uma sensação de mau presságio e pavor tomou conta dele quando eles caminharam em direção à porta para sair. *Eu não quero fazer isso.* Mas ele queria Reia, e foi isso que o impulsionou.

O Mavka se aproximou da varanda de quatro e estendeu a mão para tocar a máscara de veado que escondia seu rosto. O capuz era abotoado ao redor dos chifres para que pudessem se destacar do tecido como o dele. Os chifres da Impala de Orpheus eram apenas dois picos com chifres e podiam passar pelos buracos, seu disfarce tinha galhos bifurcados.

Na verdade, ele estava um pouco desapontado por ela se parecer mais com um Mavka do que com ele.

— Ela se parece com Mavka, — ele disse com admiração, acariciando uma garra sobre ela quando eles atravessaram a barreira.

Orpheus agarrou seu pulso e jogou seu braço para longe.

— Não toque nela. — *Ou qualquer coisa que ela esteja vestindo.*

Ela desabotoou o capuz da capa e tirou a máscara para poder entregá-la a ele.

— Acho que funciona — ela riu.

Ele o amarrou na cintura para carregá-lo para ela.

— Como você deseja que eu a carregue?

Ela virou a cabeça para olhar para ele enquanto colocava o capuz sobre a cabeça para se esconder.

— Me carregue?

— Sim. — Ele apontou para as pernas dela. — Você vai ser muito lenta. É uma caminhada de quatro dias para nós. Você vai torná-lo mais longo, e eu não quero que você fique fora das proteções por um período de tempo tão desnecessário.

Quanto mais rápido eles fizessem isso, melhor seria.

— Você poderia me carregar em seu braço de novo?

— Não — ele respondeu, balançando a cabeça ligeiramente. — Você estará muito perto das árvores e será facilmente avistada.

Ela cruzou os braços sobre o peito antes de estender a mão para acariciar os lábios. Seus lábios macios que pareciam notáveis contra seu rosto e peito quando ela o beijou. *Eu quero brincar com a língua dela novamente.* O fato de ela ter lambido sua língua o trouxe alegria.

Ele nunca teve um humano fazendo isso antes. Parecia que era seu primeiro beijo de verdade que ele poderia retribuir.

— Você está de volta, então? — Ela olhou para a capa dele. — Eu estou supondo que você quer que eu esteja sob ele. Minha cabeça caberá dentro de sua capa com a sua?

Ele afrouxou os laços e assentiu. Então ele se agachou e esperou que ela rastejasse para baixo e enfiasse a cabeça.

— Olá, — ela cumprimentou, e embora ele não pudesse ver seu rosto, ele podia dizer pelo tom de sua voz que ela tinha um sorriso. — Estou muito perto de você.

Ela beijou o lado de seu pescoço, logo atrás de sua mandíbula. Uma emoção o percorreu, enviando um tremor por seu corpo.

Ele se levantou quando ela embalou seus lados com as pernas, dobrando os joelhos quando ele passou os braços por eles.

— Você é um pouco grande para caber entre minhas pernas, — ela riu. — Desculpe, você tem que chegar mias porta.

Eu as terei ao meu redor. Ela estava montada em suas costas, mas Orpheus estava determinado a tê-la montada na frente dele enquanto seu pênis estava enterrado profundamente dentro dela.

Ele soltou um suspiro com o pensamento, seus tentáculos se movendo ligeiramente atrás de sua costura.

— Vamos, — ele disse a eles, sua voz um pouco mais tensa do

que antes.

Eles partiram, Orpheus ficando inquieto ao atravessar o círculo de sal. *Vou mantê-la segura e escondida.* Ele voltou sua visão para o Mavka caminhando ao lado deles, acompanhando facilmente seus passos largos, sem sua própria capa. Ele precisaria de uma para o futuro.

Então eles entraram na floresta. Embora não fosse tarde demais para voltar atrás, ele sabia que não podia.

A viagem era longa e com pouquíssimas pausas.

Eles estavam caminhando por sombras constantes, a copa das árvores acima os envolvendo na escuridão, não importa se era noite ou dia. Estava relativamente quieto, já que ele não costumava ir por esse caminho, e eles tinham muito pouca interação com os Demônios quanto mais avançavam.

Ninguém suspeitava que ele tinha uma humana com ele escondida debaixo de sua capa e no momento em que eles deixaram o anel de fronteira do Véu, menos perigoso ele se tornava.

As propriedades do Véu eram preenchidas com anéis invisíveis de vida. O anel de fronteira continha aqueles que eram loucos por carne humana, vivendo dentro desta seção, então eles tinham apenas uma curta jornada para vasculhar a superfície e caçar - com pouco sucesso.

Levou apenas um dia para passar e parte de sua angústia diminuiu.

Demorou dois dias para deixar o próximo anel que continha aqueles que caçavam humanos, mas não estavam tão desesperados por isso. Eles comiam irregularmente, apenas quando estavam morrendo de fome, e consumiam a primeira vida que encontravam - fosse humana ou animal. Eles não se importavam, desde que sua fome fosse saciada.

Eles eram tipicamente Demônios de tamanho médio com um pouco mais de pensamento. Também havia menos deles, seus números diminuindo à medida que avançavam.

Orpheus os conduziu ao longo do riacho que eventualmente se transformou em um rio lento, mas profundo.

O Mavka fez várias perguntas a ambos, curioso sobre o relacionamento deles e o que seu futuro poderia reservar se ele encontrasse sua própria fêmea. Algumas foram um pouco pessoais demais, ele não entendendo o que era um limite. Orpheus tinha que estalar a mandíbula para ele com frequência, especialmente quando Reia se contorcia em suas costas quando claramente desconfortável.

Eles pararam apenas por algumas horas durante a noite para que um dos Mavka pudesse dormir. Era uma longa jornada com muitas caminhadas. Um deles precisava descansar enquanto o outro procurava qualquer sinal de problema ou perigo, apenas para trocar na noite seguinte.

Orpheus embalou Reia em seu braço todas as vezes para permitir que ela dormisse confortavelmente, fosse ele quem estivesse assistindo ou dormindo. Escolher confiar no Mavka o deixou inquieto. Ele não teria dormido se estivesse sozinho, mas precisava ter sua força para protegê-la.

Ela também dormia enquanto se agarrava a ele enquanto ele caminhava. Muitas vezes ela tinha que se mover ao redor dele, passando de escarranchada nas costas dele para ser carregada em seus braços, já que seu corpo tinha câibras devido ao esforço. Ela pedia para caminhar alguns minutos aqui e ali, e ele permitia por breves períodos.

No terceiro dia, Reia gemeu em suas costas, inclinando a cabeça para trás e puxando seu capuz, o que pressionou onde estava preso em seus chifres.

— Isso é tão chato — ela lamentou. — Por que eu pedi para vir?

— Eu não teria deixado você para trás, Reia.

Ele teria se a opção tivesse sido melhor.

— Está tão longe. Ser capaz de andar às vezes tornaria isso mais fácil.

Ele desejou poder virar a cabeça para vê-la, mas se o fizesse, seu longo focinho iria bater no rosto dela, e ele *ainda* não seria capaz de ver.

— Mas você teria se cansado. Como isso teria sido mais fácil?

— Sim, mas pelo menos eu estaria *fazendo* alguma coisa. — Ela moveu a mão que estava usando para segurá-lo de seu pescoço para

esfregar o rosto. — Não há nem mesmo algo para olhar. São apenas árvores. Muitas e muitas árvores e névoa. Esta é a coisa mais chata que já fiz em toda a minha vida. Achei que morar sozinha na minha casa fosse chato, mas isso supera tudo.

— Você morava sozinha? Mas havia muitas pessoas em sua aldeia.

— Eu disse a você, Orpheus — disse ela calmamente, envolvendo o braço em volta do pescoço dele para que ela pudesse estar mais perto. — Eles pensaram que eu era o prenúncio de maus presságios. Eles me odiavam e me evitavam. Ninguém falava comigo, e eles construíram uma casa para mim na periferia da cidade, bem dentro do muro para me manter longe.

Ele não sabia disso. Ele não tinha perguntado muito sobre sua vida com os humanos desde que ele queria que ela se concentrasse no aqui e agora, que ela estava com ele e não mais com eles. Ele não queria lembrá-la de onde ela tinha vindo caso ela tentasse voltar.

— Era tão chato ficar sozinha o tempo todo. Eu tive que encontrar merda para fazer para me manter entretida.

Ele olhou para o chão enquanto caminhava enquanto contemplava as palavras dela. Ele não podia imaginar os humanos evitando um dos seus. Eles geralmente lutavam ferozmente para proteger um ao outro.

Eles a abandonaram?

— Você... você estava sozinha?

Ela tinha sido como ele, cheia da mesma dor que persistiu dentro dele por centenas de anos?

— Eh. — Ele a sentiu encolher os ombros. — Eu estava no começo, quando era jovem, mas superei. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso e não havia sentido em me fixar nisso.

Ele riu. Isso foi uma coisa muito Reia para ela dizer. *Ela é uma criatura tão forte.* Tão resiliente, apesar do que aconteceu com ela.

— Eu já te disse que seu pelo é muito macio? — ela perguntou, esfregando o rosto contra o longo pelo de lobo em volta do pescoço dele.

Ela estava mudando de assunto, e ele permitiu isso

alegremente.

Ela gosta do meu pelo. Seus olhos brilharam em um amarelo brilhante, fazendo o Mavka ao lado dele recuar em incerteza com sua mudança repentina de emoção.

— Devemos parar aqui por enquanto, — ele disse a ambos quando chegaram a um pequeno espaço entre as árvores. — Passamos para a fronteira da aldeia. Não poderemos descansar daqui em diante.

— Graças aos Deuses, — ela suspirou, deixando cair as pernas para que ele a colocasse no chão. Ela se espreguiçou, estendendo os braços acima da cabeça enquanto ia até as pontas dos pés. Então ela cavou em sua bolsa. — Também estou com muita fome.

Ela sempre estendia a mão para agarrar a bainha de sua capa, segurando-a porque era noite escura e ela não conseguia ver. Ela ficou angustiada na primeira noite e só encontrou conforto quando soube que estava segurando algo dele.

Quando ele teve que se afastar dela para explorar a área ele mesmo para se certificar de que eles não estavam perto de nenhum Demônio, ela sempre permanecia no local. Quando ele voltou, a mão dela veio em sua direção, mesmo que o outro Mavka também chegasse perto, sabendo exatamente quem era quem.

Ele voltou do reconhecimento da área quando ela acabou de comer.

— Chegaremos à aldeia amanhã — disse ele quando ela o agarrou. — Você está pronta para o seu banho?

Ele a lavava todos os dias no riacho, certificando-se de que o Mavka não pudesse ver seu corpo nu enquanto ele circulava a floresta ao redor deles para vigiar.

Assentindo, ela permitiu que ele a segurasse enquanto ela, cega e confiante, caminhava com ele em direção ao riacho. Ela estremeceu quando algo afiado cavou em seu pé.

— Haverá sapatos que você pode me pegar lá?

Reia havia perdido os sapatos a caminho do Véu e não havia nenhum deixado para trás por suas outras oferendas que servissem em seus pés. Não que ela fosse muito pequena, na verdade, ela tinha pés grandes e robustos. Eles ainda eram pequenos em suas mãos grandes,

muito fofos com dedinhos adoráveis, mas aparentemente grandes para uma mulher humana.

— Vou conseguir o que você quiser — respondeu ele quando chegaram à beira do rio.

Ele levantou o focinho no ar, farejando para verificar se não havia perigo. Então começou a tirar a capa, a camisa e os sapatos. Ele pensou que era melhor se ele mantivesse as calças - mais para seu senso de autocontrole do que para o conforto dela.

Reia desamarrou sua capa antes de levantar seu vestido preto de seu corpo.

Nua para ele, o desejo rodou em suas entranhas enquanto ele passava o olhar por ela. Ele não achava que não teria essa reação quando ela fosse apresentada a ele assim.

Por mais que ele quisesse apenas olhar para o corpo dela, examiná-lo para seu próprio prazer, ela estendeu a mão para ele pegá-la. Ele podia ver, ela não, e quanto mais ela permanecesse de pé, mais provavelmente o Mavka a vislumbraria.

Ele pegou a mão dela, tão pequena e frágil em seu aperto, e caminhou para trás para conduzi-la ao riacho frio. Orpheus tirou do bolso o pote de cerâmica com óleo com a tampa amarrada a ela antes de entrar na água e a colocou no chão à beira do rio.

Ela sempre engasgava com a temperatura quando seus dedos dos pés tocavam a água pela primeira vez, mas permitia que ele a ajudasse a entrar pela borda curta do penhasco.

— Estou começando a sentir falta da banheira em casa, — ela sussurrou uma vez que estava totalmente submersa e até mergulhou a cabeça para molhar o cabelo. — A água não é tão ruim, mas eu gosto do meu banho quente.

Orpheus trabalhou para abrir o pote de cerâmica e mergulhou os dedos no óleo para começar. Ele não podia perder tempo. Reia estava ao ar livre sem coberturas.

— Sinto muito, — ele se desculpou, passando o braço em volta dos ombros dela para lhe dar um pouco do calor de seu corpo. — Mas devemos fazer desta maneira.

— Tudo bem. Eu entendo.

Ela colocou as mãos ao lado do corpo dele para se manter firme enquanto ele começava a lavar seus ombros, braços, mãos e depois rosto e pescoço. Seu corpo estremeceu quando ele raspou suas garras sobre seu couro cabeludo enquanto lavava seu cabelo.

Não importa se ele estava com pressa ou não, tocá-la sempre fazia sua visão ficar roxa de luxúria e seu pênis se mexer e começar a endurecer. Orpheus queria o que ainda não podia ter, e isso queimava dentro dele, esmagando sua determinação.

O pequeno gemido que ela deu quando ele esfregou as mãos em seus seios, sentindo que seus mamilos já estavam duros – fosse pelo toque dele ou pelo frio – fez seu corpo endurecer ainda mais. Ele demorou um pouco mais do que deveria, passando os polegares sobre cada um ao mesmo tempo, apenas para que ela se contorcesse.

As pernas dela roçaram as dele na água enquanto ele observava suas sobrancelhas loiras se contraírem e seus lábios se abrirem.

Levou tudo nele para se afastar, para não brincar com seus seios macios do jeito que ele queria. Ela não havia pedido a ele, e ele não deveria estar tentando provocá-la quando eles estavam na floresta.

— V-você sabe — ela gaguejou baixinho depois que ele mergulhou os dedos novamente e começou a trabalhar em seus lados e abdômen. — Isso é um pouco mais íntimo do que em casa.

Sua respiração era ofegante e seu corpo se esticou quando ele passou por seu umbigo.

— O que você quer dizer?

Ele não via como isso poderia ser mais íntimo quando eles estavam atualmente em um fluxo frio.

— Porque você está de frente para mim. — Ela estendeu a mão e segurou os cantos de sua mandíbula. — E tudo o que posso ver é seu rosto e o brilho de seus olhos. — Sufocando um ruído quando uma de suas mãos mergulhou entre suas coxas, seus olhos se curvaram quando ela olhou para ele. — Tudo o que posso sentir são suas mãos. — Então ela sussurrou tão baixinho que nem ele ouviu: — Isso me lembra alguns dos meus sonhos.

Suas mãos pararam quando ele estava lavando suas costas. Ele inclinou a cabeça para ela, sem saber se tinha ouvido direito.

— Você sonhou comigo? — O rosado subiu em suas bochechas, e ela assentiu, inclinando a cabeça para esconder isso dele. — De eu tocar em você?

Ela acenou com a cabeça contra seu peito e os céus o ajudem, seu pênis quase saiu imediatamente. Roxo se aprofundou em sua visão, e ele conteve o gemido que quase veio dele com o aperto de seus tentáculos segurando seu eixo para trás. Seus quadris começaram a se contrair na tortuosa batalha que começou dentro de seu corpo, ondulando a água ao seu redor.

Ele se inclinou para frente e cheirou o pescoço dela, absorvendo seu perfume de sabugueiro e rosa vermelha diretamente, antes de lambe-la sua pele molhada. *Eu quero ela. Ela me tenta.* Ela não tinha ideia do quanto Orpheus estava se segurando.

Tais palavras eram perigosas porque todos os dias, toda vez que ele a tocava, ele temia que seu controle fosse escorregar.

E, no entanto, enquanto ele deslizava as mãos pelas pernas dela, ele não pôde deixar de perguntar: — Eu faço você gozar em seus sonhos?

Ela virou a cabeça para ele enquanto ele se ajoelhava para poder alcançar suas panturrilhas, quase se afogando. Felizmente, ela levantou a perna para que ele pudesse lavar seu pé. Ela assentiu com a cabeça, e ele lambeu o focinho para mostrar seu interesse por ela, por esta conversa, como se seus brilhantes olhos roxos não fossem suficientes.

— Com apenas minhas mãos? — Ela balançou a cabeça quando ele começou a lavar o outro. — Minha língua também?

Suas bochechas ficaram vermelhas e ela assentiu. Ele estremeceu, querendo provar o doce aroma de sua excitação novamente.

Só uma vez ele tinha, e ele ansiava pelo delicioso sabor disso, sua boca salivando sempre que ele cheirava o desejo dela. Embora não pudesse sentir o cheiro por causa da água, ele agora conhecia aquele cheiro por pura memória e começou a salivar por ele.

Eu quero lambê-la. Eu não deveria.

Ele deslizou a língua para cima e sobre o peito dela, errando

seus seios ao passar pelo vale entre eles enquanto se levantava. Isso foi o suficiente para satisfazer a necessidade de prová-la de alguma forma.

Orpheus se elevou sobre ela enquanto colocava as mãos em ambos os lados do leito do rio para prendê-la.

— Mais alguma coisa, Reia?

Seu coração estava bombeando fortemente em seu corpo, disparando fogo líquido em suas veias.

Sua única resposta foi levar os lábios para dentro da boca para mordê-los. Suas garras afundaram na terra enquanto ele curvava os dedos em tensão.

Ela sonhou com meu pau. Ele não precisava de mais nada. Sua falta de resposta foi o suficiente para ele saber.

Ele gemeu antes de se inclinar para pressionar o rosto contra a curva de seu pescoço e ombro.

— Você torna tão difícil para mim resistir a você, — ele sussurrou com sua voz rouca, a tensão da batalha atrás de sua costura ficando mais violenta.

Mas seu banho havia terminado, seu cheiro humano escondido de todos, e eles deveriam deixar a água para que ela pudesse proteger seu corpo do potencial de um Demônio a avistá-la.

— Você quer me tocar, Orpheus?

Seu sorriso era assustador quando ele levantou a cabeça, sabendo que ela queria dizer dentro e não apenas como ele tinha.

— *Sempre.*

Ela sabia que ele a desejava, não havia sentido em mentir sobre isso.

Sua voz era suave e doce quando ela sussurrou: — Se você acha que é seguro, eu gostaria que você o fizesse.

Porra, eu não me importo se é seguro.

Ele o fez, mas sua necessidade de senti-la era muito grande. Fazia dias desde a última vez. Ele ouviria, e ele tinha o Mavka explorando a área para eles. O que importaria um pouco mais?

Ele deslizou o braço entre ela e a rocha molhada e a parede de terra, ajoelhando-se para ficar ao nível dela. Ele não a queria acima da superfície da água.

Rápido. Devemos ser rápidos. Ele passou a língua sobre a carne pulsante sobre sua jugular, acariciando um de seus seios para que pudesse senti-lo, segurá-lo, brincar com seu mamilo rígido que sempre fazia sua respiração engatar.

Eu nunca a toquei enquanto a encarava antes.

Permitiu-lhe levantá-la apenas o suficiente para que seus seios emergissem, e ele pudesse passar a língua por seu peito. Ele passou a mão mais abaixo, deixando suas garras fazerem cócegas levemente em sua pele, enquanto lambia um de seus seios, sentindo o mamilo se mover em sua língua.

As mãos dela envolveram a cabeça dele e o puxaram para mais perto. Ele girou sua longa língua ao redor dela, provocando-a enquanto deslizava seus dedos exploradores nos lábios de suas dobras para encontrar a protuberância dura de seu clitóris que já estava inchado.

Ela parecia escorregadia, mas ele sabia que a água iria apagá-la com o tempo. Ele tirou a mão para mergulhar os dedos no óleo antes de trazer a mão de volta para a água e pressionar dois dentro dela.

Ela se espreguiçou ao redor deles com um gemido, arqueando as costas. Ele os bombeou, olhando para ela enquanto ela mordia o lábio inferior enquanto ele brincava com seu seio e suas entranhas trêmulas. Sua boceta texturizada estava acenando para ele com seus pequenos pulsos e apertos espasmódicos. Era perfeito, e ele queria. Seu pênis doía por isso.

Ele não podia. Mesmo que ela pedisse agora, ele não poderia entrar nela aqui, na floresta. Ele podia tocá-la, ainda tinha pensamento suficiente para ouvir, cheirar além dela, mas se ela estivesse enrolada nele, ele sabia que perderia todo o contato com seus sentidos, exceto por tudo sobre ela.

Colocando o polegar contra seu clitóris carente que ele descobriu que ela adorava acariciá-lo, o impulso de seus dedos entrando e saindo de seu canal o esfregou, e ele tentou fazer um círculo ao mesmo tempo para acariciá-la em todos os lugares.

Suas pernas se contraíram e ela soltou um grito baixinho.

Verde brilhou em sua visão antes de retornar ao roxo.

— Silêncio, Reia.

— Eu-eu sinto muito, — ela sussurrou com um arrepio passando por ela.

Ela cobriu a boca com a mão trêmula e fechou os olhos quando ele a acariciou da maneira certa. Orpheus estremeceu ao observá-la.

De frente, disse a si mesmo, aumentando a velocidade dos dedos em sua própria excitação. *Darei banho nela de frente a partir de agora.*

Ele sempre sentiu suas reações, mas assistir suas feições se retorcendo e contorcendo era erótico. Suas sobrancelhas estavam se contraindo, seus lábios estavam abrindo e fechando quando ela estava ofegante antes de cobri-los. Seus olhos estavam brilhando como se estivessem mais úmidos do que o normal, e ela estava olhando diretamente para ele.

Ele estava em sua mira, e ela estava olhando para ele enquanto ele dava prazer a seu belo e sensual corpo.

Ele moveu seus dedos como uma onda, acariciando suas paredes internas exatamente onde ela mergulhava mais e suas pernas sempre chutavam. Um grito agudo saiu de seus lábios, alto mesmo atrás de suas mãos.

Orpheus rosnou, afastando-se de seu seio para mover sua mão para que ele pudesse lambe seus lábios.

— Silêncio, Reia, — ele exigiu novamente. — Só eu posso ouvir esses sons.

Ele não queria que o Mavka ouvisse seus gemidos, sua voz enquanto ela ofegava. Ele não queria que outro conhecesse seu prazer. Era apenas para Orpheus ouvir.

— É uma sensação boa, — ela choramingou. — E-e eu acho que estou prestes a gozar. — Ela balançou a cabeça. — Eu não acho que posso segurar.

Ela estava fazendo um péssimo trabalho o tempo todo.

Orpheus mergulhou a língua entre os lábios dela, vendo se ela permitiria que ele a deslizesse para dentro. Ela os separou, e ele pressionou, saboreando seus gemidos e abafando seus ruídos enquanto seus dedos se moviam mais rápido.

Ele girou sua língua ao redor da dela, exultante por ela estar tentando fazer o mesmo, mesmo que ela congelasse ocasionalmente com seus dedos empurrando.

— Nnhh, — ela gemeu, seus olhos se fechando enquanto ela se contorcia fortemente o suficiente para seus ombros balançarem. Sua respiração tornou-se errática.

Quando ele soube que ela estava prestes a ter um orgasmo, Orpheus moveu sua mão livre ao redor dela para segurar a parte de trás de sua cabeça, lambendo sua língua, o interior de suas bochechas, até mesmo seus dentes com sua própria língua chata. Ele a estava apoiando, sabendo o que estava prestes a acontecer enquanto ela tentava inclinar a cabeça para trás.

Sua boceta apertou em torno de seus dedos. Antes que ela pudesse gritar seu gemido, Orpheus enfiou a língua mais fundo. Ele deslizou pela garganta dela, gemendo de êxtase com a sensação, o gosto de sua saliva, com tudo, enquanto cortava o som completamente.

Seu corpo ordenhava seus dedos em espasmos úmidos, mais duro agora que seu corpo estava tenso por causa de sua língua. Suas pernas dispararam para a frente para envolver suas coxas enquanto ela corcoveava e se debatia.

Seu pênis disparou para frente, projetando-se para o comprimento de seus tentáculos enquanto eles lutavam para impedir que seu eixo totalmente ingurgitado brotasse completamente. Reia estava gozando forte, e ele queria substituir seus dedos por seu pênis para que pudesse senti-la fazendo isso. Para tentar ordenhá-lo por sua semente, ao invés de seus dedos que não poderiam lhe dar nada.

Ele deslizou um terceiro dedo para dentro quando ela estava relaxando, deixando-a sentir o gosto da circunferência que ele daria se a preenchesse. Ele retraiu a língua para deixá-la respirar pela boca, em vez de pelo nariz, para que ela pudesse recuperar o fôlego.

O corpo dela batia em torno de seus dedos junto com seu batimento cardíaco, e ele se deleitava em apenas sentir a vibração.

Só quando ele soube que ela havia descido completamente de seu orgasmo, ele puxou seus dedos dela.

Suas mãos caíram na água e acidentalmente roçaram as costas de seus tentáculos. Ela engasgou. As mãos dela se afastaram de surpresa antes de se aproximarem para agarrá-lo através das calças.

— Veio para fora?

Ele sibilou em agonia e agarrou as mãos dela para poder empurrá-las contra o leito do rio. Ela grunhiu, apesar de ele tentar ser gentil.

— Não toque, — ele advertiu. — Eu mal estou me segurando do jeito que está.

— Mas eu quero.

Ela estava tentando torturá-lo, tinha que estar. Essas palavras exigiam sua determinação, ele precisava de alívio tanto quanto gostava de dar.

— Não — ele murmurou, balançando a cabeça enquanto se levantava para ficar de pé com as pernas trêmulas. A necessidade estava enfraquecendo seus joelhos. — Aqui não. Só você.

Ela mordeu o lábio inferior, e ele sabia que isso significava que ela queria discutir com ele sobre isso. Ele estava grato por ela finalmente ter suspirado e acenado com a cabeça em compreensão.

Suas sobrancelhas se juntaram em uma carranca enquanto seus olhos se curvavam para ele.

— Sinto muito por não poder acalmá-lo.

Orpheus se inclinou e bateu com o focinho na bochecha dela. O gesto significava muito, o fato de ela querer tocá-lo novamente deixando um redemoinho radiante de ternura em seu coração para durar.

— Devemos retornar ao Mavka, — ele disse a ela.

Ela se virou e ele a ajudou a sair da água para que ela pudesse ficar de quatro antes de se levantar. Orpheus quase agarrou sua coxa e puxou-a de volta quando viu os lábios de sua boceta e aquela pequena fenda vazia que ele queria abrir para que não parecesse mais tão pequena.

Um tremor rolou por ele, e ele enfiou suas garras na terra, cavando e rasgando enquanto seus tentáculos quase perdiam a luta para impedi-lo de se estender completamente.

Eu quero transar com ela tão forte. Eu mataria por isso.

Ele estremeceu violentamente, seus olhos brilhando vermelhos por um momento, enquanto ele tentava manter seu rosnado quieto.

— Orpheus? — ela perguntou quando se virou no escuro para descobrir que ele não tinha pulado fora da água para guiá-la. Felizmente, seus olhos já haviam voltado ao roxo antes que ela olhasse para ele.

— Tentando, — ele rosnou, pressionando a palma de sua mão contra a ponta em uma tentativa de enfiar seu pênis de volta.

Não iria. Ele teria que suportar a dor de suas calças arranhando as costas de seus tentáculos sensíveis.

VINTE E CINCO

Os lábios de Reia se separaram enquanto ela respirava fundo.

Ela estava de pé entre os dois Caminhantes do Crepúsculo em uma pequena colina na borda da floresta, já usando seu disfarce de máscara de caveira. Orpheus foi forçado a carregá-la no cotovelo devido à máscara, mas disse que deveria ficar bem tão perto da vila, pois os Demônios raramente se escondiam nas árvores tão longe no Véu. As árvores também eram muito mais altas aqui, e seus galhos mais baixos não chegavam nem perto dela.

Quando eles estavam prestes a romper as árvores, ele a colocou no chão e explicou que não poderia mais carregá-la.

Ela não se importava. Ela estava muito animada para ver a aldeia à distância. Não esperando a cena diante dela, seus pés congelaram quando ela a absorveu.

A luz do sol forte cobria uma área de pelo menos um quilômetro e meio de diâmetro. Era uma caminhada bem curta, uma espécie de clareira gramada que separava a mata da aldeia. No entanto, a própria aldeia tinha árvores acima dela, mais altas do que qualquer uma que ela já tivesse ouvido falar na Terra. Torcendo lateralmente para criar uma espiral como a de um botão de rosa, pontas de madeira, como espinhos, rompiam a copa das árvores e se projetavam em direção ao céu.

Mesmo à distância, ela podia dizer que aquelas estacas de madeira e árvores criavam um escudo perfeito para manter o sol dentro da aldeia para proteger os Demônios. Elas eram tão altas que mesmo com a distância entre ela e ela, ela sabia que as árvores deviam ter centenas de metros de altura.

— C-como isso é possível? — ela engasgou, olhando para a cena inacreditável. Ela deu um passo à frente enquanto seus olhos se arregalavam. — Espere... Isso é um castelo à distância?

Enquanto ela apontava naquela direção, Orpheus rapidamente se aproximou dela e colocou a mão em seu ombro.

— Você precisa ficar conosco, Reia. — Ela deu a ele uma expressão de desculpas, e ele virou-se para enfrentar o castelo que

estava à esquerda e a alguma distância atrás da Vila. — O Rei Demônio é poderoso e cheio de magia. Ele é mais forte do que qualquer outra criatura, exceto talvez a Coruja Bruxa. Ele criou esta barreira solar para a vila, e seu castelo destaca o centro do Véu.

— Existe um Rei Demônio?! — ela gritou antes de rapidamente cobrir a boca por causa do volume de seu grito.

De jeito nenhum!

— Sim. Acredita-se que foi ele quem quebrou a barreira entre a terra dos Demônios e a Terra e os trouxe para cá. — Ele apontou para o castelo. — O portal está em suas terras e os Demônios são livres para ir e vir.

— Mas por que? Por que ele os traria para cá?

Ela não podia acreditar no que estava ouvindo!

A aldeia de, aparentemente, Demônios intelectuais tinha sido suficiente para dizer a ela que o mundo não era o que parecia. Mas a porra de um Rei dos Demônios? Agora isso parecia muito improvável.

— Comida, — ele respondeu, e era tão óbvio que ela deveria saber.

Reia apontou para a vila e o castelo. — Como os humanos podem não saber sobre essas coisas?

Ele inclinou a cabeça, inclinando-se para ficar um pouco mais ao nível dos olhos dela.

— Por que deveriam? Os demônios não tratam os humanos como nada além de carne. Mesmo Mavka normalmente não falam com eles. Como eles teriam sido informados?

— Eu não sei, — ela resmungou. — É só... Demônios existem há centenas de anos. Sabíamos que eles chegaram à Terra um dia e que o mundo estava em paz antes disso, mas descobrir por quê? Só acho que já deveríamos saber disso.

Se não fosse a chegada dos Demônios na Terra, as coisas teriam progredido. Eles tinham acabado de começar a fazer tecnologia mecânica antes que o mundo tivesse que se esconder e continuar vivendo barbaramente. Ninguém podia minerar livremente no escuro, então a obtenção de minério para armas e cobre para o desenvolvimento inicial de eletricidade havia caído de lado.

Tudo isso agora era história.

Reia sempre se perguntou como seria o mundo se os Demônios nunca viessem. Aqueles que enfrentavam longas distâncias viajavam a pé ou em carruagens puxadas por cavalos. As casas eram feitas de tijolos de barro ou madeira enquanto eram iluminadas porlareiras e velas. Quão diferente o mundo teria sido se tivesse sido permitido evoluir? Se pudessem ter em suas casas luz feita de vidro e fios como começaram a ter?

— Eu não sabia que ele tinha magia assim — disse o Mavka, gesticulando para a aldeia enquanto se agachava com uma das mãos.
— Ou que seria assim.

Orpheus suspirou, colocando a mão sobre o rosto ossudo para esfregá-lo.

— Talvez tenha sido uma péssima ideia trazer vocês dois aqui. Dentro também não é o que vocês esperam, e vocês não podem fazer perguntas como esta. Vocês serão ouvidos e atrairão atenção indesejada. — Ela poderia dizer que ele estava olhando para ela para verificar seu disfarce. — E você não pode falar tão alto, Reia. Sua voz é muito feminina, muito humana. Você terá que sussurrar se quiser falar e terá que esconder as mãos.

Reia virou a cabeça para baixo para olhar para as palmas das mãos nuas. Não havia luvas que servissem nela. Ela enfiou a mão dentro e apertou as laterais de sua capa para segurá-las antes de apontar e acenar com as mãos dentro dela.

Ok, isso vai funcionar se eu quiser apontar ou olhar para algo.

— Vocês dois devem ter cuidado. Não se afastem de mim, nenhum de vocês. — Então ele se agachou na frente dela. — Você deve ficar dentro da minha capa o tempo todo. Seu disfarce ajudará a esconder o que você é. Você está certa, você parece uma pequena Mavka. O amuleto que você está usando não a protegerá desses Demônios, a menos que eles a toquem diretamente. Eles são alguns dos mais fortes. — Ele estendeu a mão para segurar o lado do pescoço dela, tocando sua pele diretamente em um gesto reconfortante. — Mas se há algo que você quer, diga-me, e eu vou conseguir para você. Qualquer coisa, Reia. Peça o quanto o seu coração quiser. Trouxe

cristal suficiente para negociar e posso carregar tudo de volta, não importa quão grande ou pesado seja.

O calor aqueceu a pele sobre as maçãs do rosto enquanto um redemoinho de ternura flutuava em sua barriga, como uma torrente de borboletas. Ela foi esfregar a bochecha contra a ossuda dele e acidentalmente bateu a máscara contra ele.

— Opa, desculpe — ela riu.

Ele riu em troca.

— E tome cuidado para não fazer esse barulho. Os demônios aqui são mais humanos do que qualquer outro que você já conheceu. Eles também riem, mas não como você. Eles vão notar imediatamente.

— Devo apenas rosnar o tempo todo, então?

Ele riu um pouco mais alto desta vez, sua mandíbula abrindo para permitir que ecoasse.

— Talvez isso torne seu disfarce mais convincente.

Depois disso, partiram para atravessar a clareira que cercava a aldeia.

Havia várias entradas feitas por espaços estreitos entre as bases das árvores que eram muito mais assustadoras de perto. A base de cada uma era pelo menos do tamanho de sua casa e do quintal que a rodeava. Ela sabia que levaria *alguns minutos* para percorrer cada uma delas, se pudesse. As raízes curvas eram maiores do que ela em altura para sustentar seus corpos grandes e retorcidos.

Mas dentro da aldeia? Os olhos de Reia quase caíram de seu maldito crânio.

Era *colorido*.

Tiras de pano tingido pendiam bem no centro de onde a copa da árvore retorcida se unia como um ponto opaco antes de se curvar e ser levantada nas outras pontas para prender nas laterais. Material roxo, vermelho, azul e amarelo tremulava.

Tochas de fogo eram acesas com tanta frequência que havia uma fonte de luz em todos os lugares que ela olhava, destacando ruas, vielas, prédios e até suas entradas. Deixou a área escura, mas deu brilho suficiente para que ela pudesse ver claramente.

Havia edifícios feitos de madeira e barro, altos, alguns com

vários níveis. Alguns tinham placas como fabricante de roupas, ferreiro, sapateiro e até a porra de uma florista.

Parecia que *sua* espécie tinha feito este lugar. Os prédios, os carrinhos de mercadorias que tentavam vender, as casas pintadas de cores vivas – embora parecessem favorecer a cor vermelha. Parecia uma aldeia para a qual ela poderia ter viajado que estava mais longe do Véu acima da superfície.

Quanto mais longe os humanos viviam do Véu, maiores eram suas vilas ou *idades* e mais avançadas elas poderiam ser. Ela sempre quis viajar para uma que tivesse paredes grandes e inescaláveis, e ela se perguntou se elas seriam parecidas com esta.

Parecia humano, como se à primeira vista ela pudesse estar enganada – se não fosse por todos os Demônios que andavam por aí. Mas mesmo eles eram estranhos, tão diferentes do que ela já tinha visto.

Eles eram principalmente em forma humana. Alguns tinham pés mais animais, outros tinham espinhos ou pelos ligeiramente salientes, mas seus rostos eram parecidos com os dela. Um pode ter grandes presas em volta dos lábios, enquanto outro tem um focinho de porco. Um Demônio que parecia humano exceto seus chifres passou por ela, e ela pôde ver muitos outros com diferentes tipos de asas. A maior parte de sua pele era negra como o vazio ao qual ela estava acostumada, como se as estrelas pudessem começar a piscar como o céu noturno, mas algumas tinham manchas de carne. Algumas marrons e outras pálidas como ela.

Nenhum era completamente de cor humana, mas parecia que estavam começando a se parecer com eles. De repente, ela percebeu que *eram*. Eles haviam consumido o suficiente de sua espécie para começar a se parecer com eles, agindo como eles. Humanidade. Eles estavam consumindo a humanidade com cada pessoa e mudando.

Eles até usavam roupas, chapéus e sapatos!

Putá merda. Isso era tão estonteante que ela temeu que seu cérebro explodisse em uma explosão de sobrecarga de informações.

O Mavka, que havia sido instruído a ficar nas patas traseiras tanto quanto possível, ganiu enquanto coçava o focinho.

— Cheira aqui. Está muito doce.

— Esse é um aroma de camuflagem para diluir o cheiro de sangue e carne fresca — explicou Orpheus, mantendo um braço firme em torno de Reia escondida dentro de sua capa, exceto por sua cabeça. — Ajuda a impedir que aqueles que enlouqueceriam com o cheiro de sangue entrem em frenesi. Você logo se acostumará com isso e ficará agradecido quando estivermos mais perto dos mercados.

À medida que avançavam, os estranhos Demônio andando por aí tornaram-se muitos. Eles grunhiam, bufavam e faziam barulhos baixos como vacas. Um riu e soou como um pássaro grasnando repetidamente.

— Isso é música? — Reia sussurrou para Orpheus para que ele pudesse ouvi-la sobre o bombardeio de ruídos.

— Sim. Eles imitaram tudo e descobriram como tocar os instrumentos que roubaram.

Na verdade, eles não são ruins nisso. Claro, não era perfeito, mas ela achava que eles eram melhores nisso do que ela jamais poderia ser.

A música vinha de todos os lugares, e ela olhou para o topo de uma casa quando pensou ter ouvido o bater de um tambor cada vez mais alto. Ela viu um Demônio solitário sentado no telhado inclinado tocando um com as mãos.

Eles passaram por prédio após prédio, e ela se retirou para Orpheus quando eles estavam dentro de uma pequena multidão de Demônios. O aroma doce que ela podia sentir diluiu completamente o cheiro usual de podridão podre. Ela mal sentiu o cheiro. Eles estavam se aproximando do centro da vila pelo que ela podia dizer olhando para cima, e ela podia sentir o cheiro de doces flutuando no ar que ajudavam a perfurar qualquer coisa desagradável.

Ela não podia sentir o cheiro de carne, mas podia sentir o cheiro de qualquer outro tipo de comida que um humano cozinhasse.

À distância, ela pensou que podia ver o rodopiar do fogo como se alguém estivesse dançando com fogo ou bastões de fogo.

Eu não estava esperando isso. Orpheus estava certo. Havia lojas, barracas de comida e até entretenimento. Os Demônios estavam conversando entre si, rindo de seus ruídos animais enquanto

gritavam com alvoroço e excitação.

O Mavka rosnando ao lado dela chamou sua atenção esgotada.

Ele ficou mais alto antes de um rosnado completo estourar, e ela viu que os olhos do Mavka estavam ficando vermelhos. Ele deu um passo em direção ao último Demônio que o empurrou para fora do caminho com suas mandíbulas separadas para mostrar suas presas, enquanto suas mãos estavam rígidas para ameaçar com suas garras.

Orpheus estendeu a mão e agarrou-o pelo focinho para puxá-lo para mais perto.

— Você será conduzido até aqui. Eles não estão sendo hostis. Eles não estão procurando uma briga. Acalme-se, ou terei que abandoná-lo para proteger Reia.

— Orpheus, — ela avisou, desejando que ele pudesse ver seus lábios apertados em desaprovação.

Ele soltou o focinho e olhou para ela.

— Se ele se transformar e atacar alguém, haverá caos. Ele é um Mavka, eles já nos veem como uma ameaça.

Ela notou o estranho olho vermelho à espreita aqui e ali, e percebeu que os Demônios já olhavam para eles com cautela. Ela engoliu um caroço grosso que se formou em sua garganta.

— Tudo bem.

Ela estendeu a mão enquanto segurava a lateral da capa para esconder as mãos e deu um tapinha no braço do Mavka, já que ele parecia sobrecarregado com todo o barulho e toques dos outros.

Sua cabeça girou para ela de repente, antes que ele olhasse para ela acariciando seu braço. Seus ombros tensos afrouxaram e ele soltou um longo suspiro. Então ele olhou em volta, sua cabeça indo rapidamente para um lado e depois para o outro, antes que seus olhos lentamente voltassem ao seu verde habitual.

— Sinto muito — ele se desculpou. — Isso é muito para mim. Não estou familiarizado com tantos e me preocupo em ser prejudicado.

Ela teve que segurar a risada.

— Não se preocupe, eu entendo, — ela disse calmamente. — Eu me sinto da mesma forma. Isso é muito.

— Não estou sozinho neste sentimento? — Ele tocou a mão sobre o peito.

Ela balançou a cabeça e os olhos dele brilharam amarelos por um momento.

— Obrigado. Vou tentar me concentrar em manter a calma para não causar danos a você.

Orpheus caminhou com eles por uma rua estreita e menos movimentada para levá-los a uma determinada loja. Era como se conhecesse de memória a disposição da aldeia. Um grande sino tocou enquanto eles entravam, ambos Caminhantes do Crepúsculo precisavam se abaixar sob o batente da porta para não bater seus chifres e galhadas.

— Orpheus! — Uma voz masculina áspera exclamou antes que um Demônio alto com manchas de pele marrom dentro de sua carne preta vazia saísse de trás de um balcão. — Você voltou.

Orpheus e Reia foram os primeiros a entrar, e ela viu os olhos vermelhos do Demônio alto se arregalarem quando o outro Caminhante do Crepúsculo entrou atrás deles.

— E você trouxe outro Mavka? — Seus olhos se voltaram para ela. — E um menor?

Reia agarrou a camisa de Orpheus. *Um Demônio está falando... falando como um humano, como um verdadeiro lojista.*

— Saudações, Snush, — ele respondeu calmamente, seu braço apertando ao redor de Reia no olhar observador do Demônio. — Vim buscar roupas para o Mavka.

Snush, com pequenos chifres ondulados que brotavam logo acima de suas têmporas e iam para o lado, soltou uma risada tímida. Ele estava vestindo uma camisa branca perfeitamente ajustada, colete preto, calças e botas sociais. Seu paletó listrado preto e branco tinha uma cauda.

— Bem, ele parece bem malvestido. Olhe para ele! Ele está só de calça.

Os olhos do Mavka brilharam em um rosa avermelhado de vergonha quando ele estendeu a mão para tocar seu peito nu.

Snush correu ao redor do balcão para entrar na parte de trás da

loja. Havia roupas penduradas em cabides, mas até ela sabia que eram muito pequenas para caber na altura de um Caminhante do Crepúsculo de dois metros.

— Você tem sorte de eu sempre fazer roupas para algo do seu tipo, já que você volta com pouca frequência e fica impaciente demais para esperar que eu faça alguma coisa para você. — Ele saiu segurando pacotes dobrados de roupas pretas, uma pilha inteira deles. — Há também o estranho Demônio que é quase tão alto quanto você.

Reia permaneceu quieta e congelada ao lado de Orpheus, movendo-se apenas quando ele o fez para sair do caminho para que Snush pudesse se aproximar do Mavka livremente.

Ele se encolheu e recuou um passo quando Snush levantou uma camisa para o corpo para verificar se ela serviria. Ele assentiu, não parecendo se importar com sua apreensão.

— Ele é um pouco mais desengonçado do que você, mas elas devem servir bem por enquanto. — Ele apontou para as calças. — Elas são as únicas que você tem? — Quando ele assentiu, relaxando lentamente, Snush balançou a cabeça. — Roubada de um humano, sem dúvida? É até amarrada por corda! Deixe-me costurar rapidamente outro botão em algumas calças para que não caiam e então você deve ficar bem. Você precisa de uma capa?

O Mavka olhou para Orpheus em busca de orientação. Ele acenou com a cabeça em troca.

— Sim. A capa é boa.

Snush acenou com as mãos para baixo para que ele abaixasse a cabeça e inspecionasse seus chifres.

— Terei que alterar uma dessas também, já que você não será capaz de enfiar seus chifres pelos buracos como os chifres dele. — Ele se virou para Orpheus. — Dê-me alguns minutos e terminarei.

Quando ele se foi, Reia enfiou a mão dentro de sua máscara para segurar suas bochechas em descrença.

— Oh meus Deuses — ela engasgou. — Eu não posso acreditar nisso.

— Fiquei muito surpreso quando cheguei aqui também — disse Orpheus para ela, batendo levemente em suas costas como se estivesse

tentando confortá-la ou tranquilizá-la. — Este lugar não era tão avançado como é agora. Ele cresceu ao longo dos séculos, mas eu experimentei o que vocês dois estão sentindo.

Eu duvido muito disso. Ele era um Caminhante do Crepúsculo; ele não entenderia o turbilhão de emoções e choque após choque que ela estava experimentando. Não havia medo, não havia *necessidade* de ter medo deste lugar.

Era animado e surpreendentemente acolhedor. Ela se perguntou como teria sido andar por aí sem seu disfarce. Teria sido diferente? Ela teria sentido um milhão de ameaças em vez dos olhares insignificantes que estava recebendo?

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Snush voltou com os itens alterados dentro de uma mochila, exceto por um único par de calças, uma camisa e a capa.

— Aqui, coloquei duas outras camisas e calças dentro, mas você pode colocar essas para não parecer tão deslocado na rua. — Antes que ele risse, — Embora, três Mavkas andando por aí já seja uma visão estranha.

— Vire-se, — ele rosnou para Reia quando o Mavka começou a desamarrar a corda que segurava suas calças.

Ela obedeceu, virando-se na capa dele para não ver nada e esperou que ele vestisse a calça nova. Ela podia ouvir Snush falando, dizendo a ele como usar os botões antes de suspirar e se oferecer para mostrar a ele como fazê-lo.

Orpheus deu um tapinha nela de leve para dizer que ela poderia voltar, e ela piscou para o Mavka que estava completamente vestido, incluindo a capa.

Snush apontou para seus pés.

— Você vai lutar para encontrar sapatos, já que seus pés têm cascos, mas há uma loja algumas lojas abaixo que tem sapatos com um buraco no final para dar conta deles. — Então ele bateu palmas com um sorriso de dentes afiados. Ela quase esqueceu que ele era um predador mortal com o quão bom ele era até que ela viu o lampejo branco deles. — Troca?

Orpheus cavou no saco de cristais que tinha e tirou um

pequeno punhado e estendeu o punho.

Snush pulou enquanto chutava os pés, correndo para frente para pegá-los com as mãos juntas.

— Você sempre traz isso. Os clientes adoram quando os adiciono às roupas e posso pedir um comércio mais alto. — Ele os colocou no bolso antes de olhar para ela e dar um passo à frente. — Eu nunca vi uma fêmea Mavka. Ela é tão pequena. Talvez eu tenha um vestido ou dois que caibam nela.

Orpheus a puxou mais fundo em sua capa para escondê-la, permitindo apenas uma pequena abertura para ver através de um olho.

— Não se aproxime dela, — ele latiu alto.

— Eu pensei que você preferia as humanas, — Snush riu, soando menos tímido e muito mais profundo. — Desistiu de tentar esse esforço inútil e encontrou uma de sua própria espécie então?

Orpheus apenas rosnou em resposta.

— Irritável, impaciente. — Ele balançou o dedo para cima e para baixo para ele, não parecendo ter medo, como se estivesse acostumado com seu comportamento agressivo. — Se ela é como você e prefere preto, tenho algo para ela.

— Gostaria? — ele perguntou a ela, terminando seu rosnado para dar a ela um excitado, 'hmm?'

Sua curiosidade era demais, e a ideia de vestir algo feito por uma criatura que normalmente a comeria parecia muito atraente. Reia assentiu enquanto permanecia em silêncio.

A empolgação aumentou quando ele puxou um vestido preto curto de um cabideiro que tinha um V de contas costurado na cintura. Ela esperava algo lixo e, em vez disso, foi presenteada com algo adorável.

Orpheus o pegou, usou as duas mãos para erguê-lo no ar e acenou com a cabeça.

— Vai caber nela.

Reia corou. Ele sabia que caberia porque conhecia bem o corpo dela. *Isso é tão embaraçoso!*

Ele entregou a ele outro fragmento de cristal e eles partiram

prontamente. Ele deu a ela para que ela pudesse segurá-lo por enquanto até que ele obtivesse sua própria bolsa de transporte. Estava claro e sua bolsa estava quase vazia agora que quase não havia comida e apenas um saco de água meio cheio.

Eles foram à sapataria que Snush lhes havia falado, e Reia e o Mavka conseguiram adquirir calçados adequados para ambos. Era uma loja grande e ela escolheu dois sapatos, um preto e outro azul marinho, e um par de botas de couro marrom. O lojista não era tão tagarela e os deixava em paz enquanto procuravam.

Então Orpheus os levou mais uma vez aos mercados. Eles receberam significativamente menos olhares agora que o Mavka estava vestido. Ele parecia mais limpo e menos como um selvagem.

Um vendedor de barraca de comida se aproximou deles segurando uma bandeja de doces com um grande sorriso cheio de presas. Reia apontou para eles dentro de sua capa, mostrando a Orpheus que ela estava com fome.

Ele colocou a mão sobre a dela e balançou a cabeça antes de fazê-los ir embora. *Mas eu estou com fome!* Ele disse a ela que se ela quisesse alguma coisa, ele daria a ela. Ela não podia acreditar que ele estava negando sua comida, algo que ela realmente precisava!

Ela apontou para um lugar de comida diferente que tinha pedaços de carne dribleados com algum tipo de molho. Ela não conseguia sentir o cheiro da carne, apenas os pastéis e caldos de ensopado, já que o aroma de camuflagem os escondia. Apesar disso, cheirava delicioso.

Diferentes especiarias e ervas podiam ser cheiradas no ar. Algumas comidas tinham cheiro azedo, outras doces, e ela ansiava por todas que davam uma impressão picante.

Ele negou novamente, antes de se inclinar e dizer bem baixinho: — É principalmente carne humana.

Oh foda. Com o coração trovejando, Reia recuou e bateu no Mavka. Ela saiu de sua capa. *Eu quase comi minha própria espécie!* Como um maldito canibal.

Orpheus se aproximou e a protegeu mais uma vez, virando a cabeça para se certificar de que ela não havia sido vista.

— Sinto muito, — ela sussurrou antes que ele pudesse lhe dar algum tipo de advertência.

Ele assentiu para mostrar que aceitava suas desculpas.

Ele finalmente a levou a uma loja de alimentos diferente e selecionou algo do cardápio. Era como um bolso de massa, e ela se virou na capa dele quando ele os levou para o lado dos pedestres em seu caminho para que ela pudesse levantar a máscara e comê-la.

Tem gosto de cogumelo... com carne e algum tipo de molho esquisito. Ela olhou para dentro e viu que havia pedaços de cenoura dentro. *Eles até comem vegetais?* Tudo estava obviamente cheio de carne, nem um único pedaço de comida sem ela, mas ela não pensou que eles acrescentariam a ela.

Quando eles deixaram a parte de comida cozida dos mercados de rua, ele a levou para uma área de ingredientes. Seus olhos se arregalaram quando seus lábios se separaram. Ela começou a apontar para todos os lugares. Um saco de farinha. Outro de aveia. Trigo e fermento. Havia saquinhos de temperos e ela pediu todos os tipos que estavam disponíveis. Depois, havia as ervas que ele não tinha no jardim.

Quando terminaram, as costas de Orpheus estavam cobertas de sacos de ingredientes de comida que ela poderia usar para fazer quase tudo o que sabia cozinhar, exceto as coisas realmente complicadas.

Ela teve que aprender a cozinhar sozinha, já que nenhum dos aldeões a ajudava ou alimentava, e Reia sabia fazer qualquer coisa. *Mal posso esperar para comer um biscoito.* Orpheus ia aprender a fazer tantas comidas diferentes, e ela mal podia esperar para mostrar a ele. Ela sorriu sob sua máscara.

Eu me pergunto se posso fazê-lo comer um pouco.

Eles também levaram um saco de sal cada um.

Ele não parecia nem um pouco sobrecarregado com tudo e os levou para outro lugar onde pudessem comprar joias ou suprimentos para alguns fazerem eles mesmos. Ela estava menos entusiasmada com este lugar, mas ele instruiu o Mavka a fazer escolhas para criar.

Então eles estavam andando por uma rua que tinha materiais de construção de casas.

Ninguém tentou falar abertamente com eles, e Reia estava tonta com a rapidez com que Orpheus tentava apressá-los para que pudessem sair o mais rápido possível. Ela não queria nada mais do que explorar este lugar estranho, mas sabia que não era possível.

Os dois Caminhantes do Crepúsculo estavam conversando pesadamente sobre o que o Mavka precisava para começar a construir sua própria cabana quando ela viu um lampejo de branco.

Ela olhou para fora de sua capa para ver quando ela se movia, a cor não tão proeminente aqui e facilmente chamou sua atenção. Ele se foi e ela ficou absorta na conversa deles para ajudá-los a tomar decisões para que ela pudesse ser útil.

— Gatos pretos — alguém disse baixinho ao lado de sua orelha. A respiração de Reia falhou.

Ela se virou, puxando a capa de Orpheus para o lado para ver quem falava com ela. Ninguém estava lá.

— Você está bem? — ele perguntou por causa do movimento brusco dela, puxando mais a capa sobre ela e segurando seu lado com mais firmeza. Sempre foi estranho ter sua mão grande circulando todo o lado dela.

— Sim. Achei ter ouvido alguém.

Ele inclinou a cabeça para ela antes de levantá-la para olhar ao redor. Ele parecia despreocupado e continuou descendo a rua.

— Você vai precisar de muita corda — disse Orpheus ao Mavka. — E argila em pó para criar uma base firme. Você vai precisar de muito para preencher os buracos onde coloca suas toras quando começar a construir.

Reia sorriu sob sua máscara enquanto ouvia Orpheus que estava explicando tudo claramente. *Ele é muito bom em ser professor.* Ela se sentiu da mesma forma quando ele estava mostrando a ela como fazer bijuterias.

— Gatos pretos têm sorte — disse uma voz feminina perto de seu ouvido quando Orpheus estava no meio de uma troca por feixes de corda.

Ela engasgou, a voz muito mais alta do que antes.

Ela se virou e saiu de sua capa bem a tempo de ver uma pena

branca flutuando no chão atrás dela. Um borrão branco desapareceu na multidão, e Reia rapidamente recuou quando ela quase colidiu com uma Demônio.

Ela deu um grunhido descontente para Reia.

Seu coração estava disparado quando ela voltou ao escudo de Orpheus, ganhando um brilho avermelhado de esferas flutuantes.

— Fique comigo — alertou. — Você é pequena. Vai ser fácil perder você, e você não pode imaginar como vou reagir se descobrir que você se foi.

Oh, ela definitivamente podia, mas ela não podia ignorar que alguém estava falando com ela, sussurrando tão perto de seu ouvido.

Seus olhos correram ao redor para encontrar o borrão branco que obviamente tinha sido o que rastejava atrás dela. Por um longo tempo, ela não viu nada além de corpos de diferentes alturas e formas se aglomerando ao seu redor enquanto caminhavam.

Lá! Ela viu uma torrente de penas brancas que foram usadas sobre uma pessoa que parecia completa e totalmente com um ser humano de pele escura. Era usado como uma capa, cobrindo seu rosto e o vestido branco imaculado que ela usava.

No momento em que Reia a viu, seus olhos se encontraram por apenas um momento. Ela se escondeu atrás de um prédio enquanto acenava com a mão para si mesma.

Ela agarrou a camisa de Orpheus e começou a puxá-lo. *Ela quer que eu a siga.* E Reia queria saber por quê. Ela também queria saber por que havia uma *humana* aqui.

Puxando-o, ela caiu de sua capa na pressa de seguir a mulher coberta de penas. Ele tropeçou atrás dela, tentando cobri-la com sua capa enquanto ela virava a esquina.

Reia apenas a viu antes que ela desaparecesse em uma esquina diferente, como se ela estivesse apenas indo embora.

— Reia, o que você está fazendo? — Ele agarrou o braço dela e puxou-a para ele. — Não podemos deixar o Mavka para trás.

— Por favor, temos que ir por aqui.

Ela apontou para a viela e ele cobriu a mão dela com a sua.

— Não. Devemos voltar.

Merda, estamos perdendo tempo. E se a mulher desaparecesse enquanto explicava a ele o que tinha visto?

Ela tinha duas opções. Voltar com Orpheus e esperar que ela não tivesse perdido essa mulher estranha ou o forçado a segui-la.

— Siga-me, Reia, — um sussurro disse em seu ouvido. — Não posso ficar aqui por muito tempo.

Sua cabeça girou para olhar para trás e descobrir que o espaço estava vazio.

Ela sabe meu nome. O que as palavras dela significam?

Ela virou a cabeça para Orpheus. Algo dentro dela estava dizendo que ela *tinha* que seguir, que era importante, que isso importava.

— Desculpe.

Reia correu, descendo a rua antes que ele pudesse detê-la.

— Reia!

Ela o ignorou enquanto segurava a máscara para mantê-la abaixada. Seus sapatos novos batiam contra o chão de terra dura enquanto ela a perseguia, procurando em todos os lugares através dos orifícios de sua máscara por um lampejo de branco.

Reia descia por uma rua que mais parecia um beco quando a viu entrar nela. Ela se foi, e era um beco sem saída. Ela girou no local.

Onde ela foi?!

Orpheus estava com ela nem mesmo um segundo depois, e ela correu para ele quando se virou. Seus olhos eram de um vermelho feroz e um rosnado terrível vinha dele.

— Você prometeu ficar comigo! — Ele agarrou os braços dela e os apertou com raiva. — Eu não teria trazido você aqui se soubesse que você faria isso.

— Uma mulher estava falando comigo, — ela disse, abrindo mão de sua quietude em seu pânico de perdê-la. Ela continuou a procurar ao redor da área vazia. — Ela sabia meu nome, Orpheus.

— E você pensou que segui-la era sábio? — Ele se inclinou mais perto enquanto a profundidade de seu estrondo ficava mais escura. — Se ela sabe o seu nome, então ela sabe o que você é.

— Parecia um ser humano.

Ela o ignorou para olhar ao redor, tentando desesperadamente encontrá-la. Seus olhos se arregalaram quando ela finalmente notou o nome da loja no final da viela. *Livraria Gato Preto*.

— Lá! — Ela apontou para ele enquanto agarrava a mão dele para começar a puxá-lo para lá. — Precisamos entrar lá.

— Você vai fugir de mim de novo se eu não correr?

— Sim, — ela respondeu categoricamente.

Com um grunhido, ele começou a correr naquela direção, forçando-a a correr entre certos passos para acompanhar seus passos agitados. Ele empurrou a porta, fazendo-a bater contra a parede ao mesmo tempo em que um sino tocou acima.

Ele começou a procurar entre as prateleiras de livros, procurando a mulher de quem ela havia falado. Ele parecia hostil, como se a pessoa pudesse não estar segura se a encontrasse.

— Não há ninguém aqui, — ele disse a ela quando terminou. — Ninguém além da lojista.

Seu coração afundou, e ela voltou sua visão para o Demônio que estava olhando para eles de olhos arregalados com orelhas de gato saindo de sua cabeça enquanto bigodes se contraíam em seu rosto. Ela notou uma longa cauda balançando atrás dele enquanto ele se retirava para trás do balcão para se esconder de Orpheus, que obviamente estava fervendo de raiva.

— Mas...

Suas palavras foram interrompidas quando ela viu uma pena branca no chão perto de seus pés. Ela se abaixou e a pegou, girando-a entre os dedos ao levá-la ao rosto.

Orpheus cobriu seus dedos para escondê-las enquanto permitia que a pena ficasse livre sobre suas mãos. Ele se inclinou para cheirar.

— Você viu a Coruja Bruxa, — ele disse baixinho, seus olhos voltando ao azul normal. Mais uma vez, ele olhou ao redor. — Ela deve querer que você encontre algo aqui.

— Um livro? — ela perguntou antes de olhar para o que deviam ser centenas deles, todos cuidadosamente arrumados nas prateleiras.

— Provavelmente. — Sua cabeça se virou para a porta. — Por

alguma razão, ela a guiou até aqui. — Ele parecia dividido enquanto olhava na direção do lado de fora. — Ela me ajudou muitas vezes, como você viu com o jardim, mas devemos voltar para o Mavka. Ele não pode ficar sozinho.

— Posso ficar aqui enquanto você o pega? — Quando ele balançou a cabeça, ela rapidamente acrescentou: — Não vou embora, e não há mais ninguém aqui além do lojista. — Ela gesticulou para ele. — Eu também tenho minha espada.

Seus olhos brilharam brancos de preocupação, e ela podia ver a tensão crescendo em seu corpo.

— Reia, não posso deixar você sozinha.

— Por favor, Orpheus? Ficarei escondida se alguém entrar, e o lojista já o viu e sabe que estou com você.

Ela olhou para ele e viu que ele ainda estava ligeiramente encolhido atrás do balcão. Ele era pequeno, talvez ainda mais baixo que Reia, e não parecia nada forte.

Orpheus assentiu com hesitação e acariciou o lado de sua máscara.

— Sim, não devemos ignorar a Coruja Bruxa. Fique aqui, não saia mesmo que ela te chame para ir para outro lugar. Eu estarei de volta em breve. — Então ele se virou para o gato Demônio para dar-lhe um rosnado alto e propositalmente alargou seus olhos vermelhos. — Chegue perto dela, e eu vou te matar.

Ele levou um momento para sair, olhando para ela como se seus pés estivessem enraizados no chão. Parecia que ele não estava disposto a se separar dela. Então ele bufou pesadamente com os punhos cerrados antes de sair correndo da loja. Ela não tinha dúvidas de que ele correria todo o caminho se precisasse.

Reia virou-se para o gato Demônio.

— Você viu alguém coberto de penas brancas?

— Sim, — ele respondeu trêmulo, apontando em uma certa direção com uma garra fina.

Ela percebeu que não precisava pedir ajuda a ele, pois mais penas foram jogadas no chão. Ela as seguiu enquanto as pegava uma por uma enquanto levavam a três prateleiras diferentes.

Ela não sabia qual livro pegar entre tantos. Eles foram obviamente roubados de humanos porque alguns eram de técnicas de dança, outros de como construir uma casa – ela levou esse para o Mavka, pensando que era o que ela deveria pegar.

Foi só quando ela estava prestes a se afastar que notou algo saindo do topo de um determinado livro. Ela o agarrou e encontrou uma pena branca presa entre as páginas.

Um livro de técnicas de luta? Ela o folheou, encontrando páginas e mais páginas de diferentes técnicas e posturas para aprender a lutar com uma espada. Havia passagens escritas, explicando como fazê-las corretamente, enquanto os desenhos auxiliavam o leitor a explicar como eles precisavam ficar visualmente.

Isso seria muito útil para aprender a usar minha espada! Seu peito corou de emoção antes que ela corresse para a próxima prateleira com uma pena no chão na frente dela.

Ela ignorou tudo e procurou apenas pelo livro com uma pena.

A decepção passou por ela.

Um livro infantil? Por que ela me mostraria um livro infantil? Ele continha muitas histórias, algumas ela conhecia, a maioria não.

Ela abriu para a pena e riu tão alto que temeu que todos na vila do Demônio tivessem ouvido. Foi colocado em um conto particular. 'A bela e a fera'. *Muito engraçado pra caralho, Bruxa Coruja. Mais como Reia e o monstro.* Exceto, ela sabia que sua besta não se transformaria em um homem bonito, não importa o que ela fizesse.

Ela o fechou e se virou para seguir o caminho das penas mais uma vez. Congelando no local, ela viu o contador olhando para ela no final da ilha atrás de uma prateleira que estava no meio.

— Você é uma humana, — ele disse baixinho, abaixando-se para trás da prateleira mais para mostrar apenas um de seus olhos de gato.

Ela se encolheu por trás de sua máscara enquanto seu estômago se revirava em apreensão.

— N-não, não sou. Eu sou Mavka.

Ele apontou uma garra curvada para ela.

— Suas mãos. — Ela estremeceu quando olhou para baixo e viu

que eles estavam nus e descobertos enquanto ela segurava os três livros que já havia pegado. — E posso ver carne em seu pescoço quando você vira a cabeça. Sua risada também foi estranha.

Reia estendeu a mão e puxou o capuz mais para frente para escondê-lo. Seu vestido chegava até o pescoço, mas enquanto ela mantivesse a cabeça para frente e para baixo, ele escondia sua pele.

— E daí? — ela perguntou, estendendo a mão para trás para mostrar que ela agarrou o punho de sua espada amarrada em suas costas. — Se você chegar perto de mim, eu vou atacar, e se ele voltar e encontrar você me comendo, ele vai te matar.

Ele encolheu, abaixando-se enquanto segurava a prateleira com força.

— Eu nunca falei com um humano antes, apenas comi. Eu sempre quis.

— Por que? — Ela manteve a mão na espada, mas afrouxou o aperto.

Ele alcançou a borda da prateleira livre atrás da qual estava se escondendo e enganchou uma garra em cima de um livro para incliná-lo para trás de seu lugar de descanso.

— Eles escrevem livros e eu gosto deles. Troquei por muitos deles e só voltei à superfície em busca de mais. Sua espécie é tão notável, capaz de criar histórias com nada além de papel e caneta e suas mentes maravilhosas. — Seus lábios se curvaram em um sorriso que revelou presas felinas. — Como posso matar criaturas que criam algo que gosto tanto? Eu sempre me pergunto se eu tivesse comido um humano que teria escrito meu livro favorito.

Reia abaixou a mão enquanto sua ansiedade desaparecia rapidamente.

— Você gosta de humanos então?

— Como? — ele riu, miando no final. — Eu amo os humanos. Posso me aproximar?

— Certo. Mas guarde suas *patas* para você.

Seus olhos brilharam e ele correu para frente, fazendo-a recuar. Ele ignorou sua demanda e agarrou o pulso de sua mão livre para acariciar as costas dela. Agora que estava mais perto, parecia ainda

menor. Ele só chegou ao queixo dela.

— Você já escreveu um livro? — ele perguntou, virando a mão dela para tocar a palma dela com um toque delicado.

— Não. Também não sou muito de ler.

Ele deu um tsk antes de olhar para ela.

— Posso ver seu rosto? Os livros falam de tantas expressões, e eu não vi muitas delas. Quero saber o que são para poder imaginá-las melhor.

Ela não pôde deixar de sorrir, achando-o bastante estranho, mas também sem perigo para ela. Talvez Reia tivesse uma personalidade muito confiante. Ela levantou a máscara para mostrar-lhe o rosto e ele deu-lhe um sorriso radiante em troca.

— Olhe para os seus olhos! Tão verde, como nas histórias. — Ele estendeu a mão como se quisesse tocá-los, mas não o fez, seus dedos e garras perigosas, brilhando na frente deles. — Dizem que alguns se parecem com esmeraldas, outros com folhas. Os seus são brilhantes! Isso é um sorriso em um ser humano? O que significa quando seus lábios ficam finos?

Ela mostrou a ele, e seus olhos brilharam.

— Você parece tão zangada e irritada! Outro, mostre-me outra expressão!

Reia riu dele, e ela pensou que ele estava prestes a pular para cima e para baixo com alegria óbvia.

— Que tal um biquinho? — ela ofereceu, exagerando quando ela esticou o lábio inferior para a frente.

Sua boca se abriu como se estivesse em choque, antes de tentar imitá-la. Suas presas felinas tentaram prender seu lábio inferior quando ele o projetou para frente.

— Eu gosto desta. Você pode chorar? Demônios não choram lágrimas e aparentemente muita coisa acontece no rosto de um humano quando isso acontece. Seu rosto fica vermelho e úmido como nos livros?

Reia abriu a boca para dizer que era uma emoção muito complexa para compartilhar sem uma fonte. No entanto, a porta se abriu para a loja e ela rapidamente empurrou a máscara para baixo.

Ele recuou quando o nome dela foi chamado, imediatamente parecendo covarde e cauteloso mais uma vez.

— Aqui, — Reia gritou, e Orpheus emergiu no corredor com o Mavka a reboque. — Viu? Todos são e salvos.

Ele veio e colocou os braços ao redor dela, esfregando o lado de sua cabeça contra sua máscara.

— De novo não.

Ela revirou os olhos e suspirou antes de se afastar dele para ir até a última prateleira onde as penas levavam. Era um livro de monstros, reais e mitológicos.

Ele tinha descrições detalhadas de Demônios e Caminhantes do Crepúsculo todos os quais eram reais. Depois, havia as criaturas míticas, como os centauros, criaturas meio humanas, meio cavalos. Lobisomens, humanos que foram amaldiçoados a se transformar em lobos monstruosos como humanóides. Até mesmo Fantasmas, uma criatura que vivia à beira da vida, nem viva nem morta. Eles podem ser fantasmagóricos ou de carne, como um humano.

Por que ela queria que eu tivesse isso? Independentemente disso, Reia aceitou.

Ela apresentou todos os quatro livros a Orpheus.

— Posso ter tudo isso?

— Você pode comer o que quiser, — ele respondeu, e ela caminhou até o balcão.

O alegre gato Demônio de antes parecia nervoso enquanto os Caminhantes do Crepúsculo se elevavam atrás dela.

— Ela quer isso, — Orpheus disse a ele, sem saber que ela e esse Demônio já haviam falado um com o outro.

Ele enfiou a mão em seu saco de cristais e os ofereceu a ele. O Demônio pegou os livros de capa dura, embrulhando cada um em papel pardo e colocando-os em uma sacola para ela, o tempo todo olhando as penas saindo de sua mão.

Ela deu metade a ele, pois parecia que ele as queria.

— Mas eu já negocieei — disse Orpheus com um torcer confuso de cabeça.

— Eu não preciso de tudo isso, e ele parecia interessado nelas.

Ele sorriu enquanto as pegava, segurando-as firmemente com ambas as mãos em alegria. Ele era bastante expressivo para um Demônio.

Então eles começaram a sair.

No último momento, Reia virou a cabeça por cima do ombro e saiu do manto de Orpheus. Ela levantou a máscara o suficiente e fechou um olho singular para ele.

— Uma piscada! — ele gritou bem a tempo de ela ouvir antes que a porta se fechasse. — Incrível!

Ela mordeu os lábios com força para abafar a risada. *Eu gostei dele.*

VINTE E SEIS

Reia caminhava com Orpheus enquanto o Mavka caminhava do outro lado dela enquanto eles voltavam para uma das ruas mais movimentadas.

Ela puxou a camisa de Orpheus para chamar sua atenção.

— Por que todos estão olhando? — ela perguntou baixinho, notando que as cabeças se voltavam para olhar mais do que antes.

— Ele causou um distúrbio — ele respondeu enquanto acenava com o focinho para o Mavka.

Ela viu que seus olhos haviam mudado para um rosa avermelhado.

— Fiquei angustiado quando não consegui encontrar nenhum de vocês. Achei que algo terrível tivesse acontecido.

— Ele estava correndo pelas ruas, empurrando e derrubando as pessoas para nos encontrar. Isso causou alarme e muitos ficaram preocupados. Ele também danificou um carrinho, e eu tive que trocar o cristal pelos reparos.

Seus ombros caíram pesadamente sob a capa.

— Eu pensei que tinha falhado em protegê-la, quando você ajudou a me trazer aqui.

Ele sabia que a única razão pela qual Orpheus o trouxe para a vila do Demônio era por causa de Reia, e ele se sentia em dívida com ela. Ele estava levando seu dever *muito* a sério.

— Desculpe. — Ela deu um tapinha no braço dele por cima da capa. — Eu não deveria ter fugido daquele jeito. É minha culpa.

— Desde que você esteja segura, não me importo que eles estejam com raiva de mim. — E, bem, eles pareciam bastante chateados com ele, seus olhos se estreitaram em brilhos.

— Ainda precisamos pegar algumas coisas, mas devemos nos apressar — Orpheus disse a eles. — Ele precisa de um machado e algumas outras ferramentas de escultura.

Eles voltaram para onde ela havia fugido e trocaram pelo resto dos itens.

Depois disso, não havia mais nada que eles precisassem, então

eles se dirigiram para a borda da aldeia para sair. Orpheus disse a eles que a estada deles tinha que ser curta, especialmente porque o feitiço de lavagem iria desaparecer em breve, e ela precisava partir antes que isso acontecesse.

Só quando passaram pelas bancas de tecido é que pararam, a pedido dela.

Ela apontou para um rolo de tecido rosa, outro preto, um azul claro e um marrom. Orpheus trocou por vários metros de cada, assim como alguns suprimentos de costura adequados. Havia também potes de tinta para roupas. Reia sorriu por baixo da máscara, feliz por poder fazer suas próprias roupas e ter tinturas adequadas para trocar os vestidos de noiva que tinha na cabana.

A última coisa que eles levaram foi algo para ela comer, e ela o guardou até que eles deixaram a aldeia e cruzaram a clareira, que agora estava carregada de sombras com o cair da noite. Só quando era seguro para ela remover a máscara de caveira de cervo ela começou a comer.

— Como você vai me carregar, agora? — ela perguntou a Orpheus com a boca cheia de comida. Suas costas estavam cobertas de muitos itens grandes e pesados. — Eu realmente não quero me agarrar à sua frente.

— Você vai ficar bem do meu lado? Será semelhante ao meu braço, exceto que você estará pressionada contra mim.

Ela deu a última mordida em um bolo que tinha gosto de frango e alho-poró.

— Eu acho que vai ter que servir.

Ela se aproximou e permitiu que ele a envolvesse com o braço até que ela estivesse segura, e então ele a ergueu. Ela quase gritou quando sentiu a mão grande dele agarrar toda a sua bunda, seus dedos espalhados por ambas as bochechas. Dobrando as pernas ao redor dele, ela segurou sua camisa com ambas as mãos.

— Bem — ela riu, olhando para o lado de seu rosto ossudo antes de olhar para frente quando eles pegaram o ritmo, não mais atrapalhados por seus passos curtos. — Eu diria que correu muito bem. Eu esperava que algo desse errado.

— Algo deu errado — disse Orpheus com um tom sombrio. — Você não deveria ter saído do meu lado, ou, pelo menos, deveria ter me dito que estava seguindo o chamado da Bruxa Coruja.

Reia deu de ombros.

— Como eu deveria saber como ela era quando humana? Acabei de ver uma mulher vestindo um manto de penas brancas. Eu não sabia que era ela.

— E se você tivesse sido levada, Reia?

— Eu sabia que você me seguiria. — Ela se virou para o Mavka para evitar que Orpheus a repreendesse. — Mas você conseguiu tudo o que precisava?

— Não sei. — Ele olhou para Orpheus. — Recebi tudo o que precisava?

— Isso deve ser o suficiente para você começar. Levará tempo para você construir uma casa e terá que fazer essa viagem várias vezes.

Ele levantou uma mão para cobrir o lado de seu focinho, batendo nele com uma garra.

— Minha caverna está no penhasco do Véu. Não posso construí-la na floresta de lá. É território do Demônio Serpente, e ele é muito violento. Ele destruirá tudo o que eu fizer.

Orpheus ficou em silêncio por um tempo enquanto pensava.

— Eu recentemente matei a Aracnídeo das Tristezas. Se o território dela ainda estiver vazio de um predador forte, você pode construir lá. Se não, mate-os e pegue para você. Eles ainda não terão construído seu ninho e terão defesas mínimas.

Os olhos do Mavka ficaram amarelos.

— Esse território faz fronteira com o seu.

— Eu estou ciente. — Orpheus moveu um galho baixo para se certificar de que não roçaria nela. Ele sempre foi cuidadoso com o bem-estar dela. — Significa que posso ajudá-lo. No entanto, — ele disse em um tom sombrio enquanto apontava para ele, — isso não significa que você pode entrar em meu território livremente. É meu, e se você começar a se demorar nele, lutarei para mantê-lo fora.

— Orpheus! — ela exclamou, batendo levemente no peito dele.

— Isso não é muito legal. Ele é seu amigo.

— Amigo? — ele perguntou, inclinando a cabeça para o lado.
— Mas você é minha companheira que vive comigo.

— Então? — Suas sobrancelhas se juntaram. — Você pode ter mais de um amigo. Mesmo aqueles que moram em suas próprias casas e visitam.

— Mas eu não quero que ele visite, fique perto de você — afirmou Orpheus descaradamente.

— Mavka pode ser amigo?

— Claro — disse ela enquanto se afastava de Orpheus para olhar para ele. — Os humanos têm muitos amigos. Eles geralmente vivem apenas com suas famílias.

— O que é uma família? — Eles perguntaram quase ao mesmo tempo.

— Como esposa e marido e, você sabe, seus filhos? — Então algo se registrou dentro dela. — Ah, acho que vocês Caminhantes do Crepúsculo não saberiam.

Até onde ela sabia, os demônios não procriavam. *Não vi uma única criança na aldeia.* Ou talvez ela tivesse, mas simplesmente não os tivesse notado.

— Orpheus, os Demônios podem ter filhos?

— Sim, mas é incomum. Apenas aqueles nesta área o fazem, e apenas aqueles que criaram algum tipo de vínculo. Acredito que está se tornando mais prevalente agora, à medida que eles se tornam mais humanos, como você viu.

E os Caminhantes do Crepúsculo, então? Orpheus disse que nunca havia conhecido uma mulher antes, elas existiam? Eles poderiam ser uma espécie totalmente masculina, criada em vez de nascida?

— De onde vocês vieram, afinal?

Eles se viraram para olhar um para o outro, virando suas cabeças em direções opostas como se refletissem os movimentos um do outro.

— Eu nunca descobri a resposta para essa pergunta — disse ele com uma incerteza persistente em seu tom. — E parece que ele também não sabe.

— Então, vocês dois simplesmente... apareceram um dia?

— Eu não acho que seja o caso, — Orpheus respondeu com um suspiro. — Simplesmente não consigo lembrar onde ou o que estava fazendo antes de comer pela primeira vez. — Ele tocou seu focinho. — Lembro-me de comer um lobo e meu crânio se formou, mas eu não podia ver, só podia sentir o que estava em meu rosto. Você comeu uma raposa primeiro e depois um veado para ganhar seus chifres?

O Mavka assentiu em resposta.

— Foi quando comecei a me lembrar das coisas. Meus chifres pegavam em tudo. Fiquei preso em trepadeiras por um longo tempo antes que a Coruja Bruxa me libertasse.

— Não formei meus chifres até comer um antílope — disse Orpheus. — Lembro-me de olhar para sua forma sem chifres e de repente ter o meu próprio. Eu vaguei pela superfície por um longo tempo depois disso, com fome e comendo tudo à vista. Eu não era muito mais do que um animal irracional.

— Eu era o mesmo — concordou o Mavka. — Eu não conseguia falar até comer um...

Ele fez uma pausa e olhou para Reia.

— Sim, um humano, eu entendi. — Seus olhos ficaram rosa-avermelhados, e ela bufou uma risadinha. — Eu meio que me acostumei com a coisa toda de humanos sendo comida para Demônios e Caminhantes do Crepúsculo. Contanto que você não me coma, eu não me importo.

— Ela é estranha — disse ele a Orpheus. — Ela não se importa que tenhamos comido sua espécie.

Ele riu de volta, virando-se para bater afetuosamente o lado de seu focinho contra ela.

— Sim, vim a descobrir isso sozinho.

Isso ainda não responde à minha pergunta, no entanto.

Os Caminhantes do Crepúsculo procriavam? Eles davam à luz filhos? E se Reia fizesse sexo com ele? Eles teriam um filho?

Não, ela pensou com certeza. Eu sou uma humana, ele é um Caminhante do Crepúsculo. Não podemos reproduzir. Não é possível.

Ela não tinha certeza de como se sentia sobre isso, mas uma parte dela estava aliviada com o pensamento.

A jornada de volta foi semelhante à viagem para a Vila dos Demônios. Poucas coisas aconteciam, muitas delas eram entediantes e não havia nada interessante para se ver.

Eles falaram sobre as ferramentas que obtiveram para o Mavka, e ele puxou cada uma de suas costas para que Orpheus pudesse explicar seus usos e o que ele precisaria fazer com elas.

Ela ouviu, pensando sobre os eventos que aconteceram, como ela descobriu como era a vila, como os poucos Demônios com quem eles interagiram eram realmente... legais?

Depois, havia as muitas perguntas que ela havia respondido e as novas que haviam tomado seu lugar. Como o Rei Demônio e seu castelo e por que a Coruja Bruxa saiu de seu caminho para garantir que Reia recebesse seus livros. O que eles significavam? Por que eles eram tão importantes que ela tinha que tê-los?

Estar enrolada ao lado dele era mais fácil, pois era mais fino do que a largura de suas costas, e ela conseguia endireitar as pernas livremente. Ela estava exausta, porém, por não dormir em uma cama adequada. Ela mal podia esperar para chegar *em casa*, tomar um banho quentinho e ver tudo o que Orpheus havia comprado para ela.

Ele quase ficou sem cristais, mas não se importou. Ela sabia o tamanho do original antes que ele o destruísse, e tanto ela quanto o Mavka tiveram sorte de contar com sua generosidade.

A parte que mais lhe trazia humor era quando ele tentava convencê-la a escolher joias, como se soubesse que a maioria das mulheres gostava delas. A maioria não era particularmente bonita, mas cada uma tinha pedras bonitas e não lapidadas com fio de metal segurando-as juntas.

Havia, no entanto, algumas que ela pensou que poderiam ter sido roubadas de humanos.

Ela não queria nada disso. Qual era o ponto? Pareciam coisas desnecessárias que iriam sobrecarregá-la. Mas com o quanto ele estava tentando convencê-la, ela teve uma sensação engraçada de que a última humana que ele levou lá queria muito disso.

O amuleto em sua cabeça era a coisa mais linda que ela poderia usar, e nada se comparava a ele.

Quando eles se aproximaram de sua casa, ela ouviu os sons familiares dos Demônios mais animais e bestiais – tão diferentes daqueles que ela acabara de conhecer. Ela teria dito a eles para desenvolver um cérebro, mas ela realmente se perguntou quantos humanos eles precisariam consumir para começar a *crescer* a pele?

– Oh, v embora, – ela gemeu quando viu um subindo no telhado da casa antes de rastejar até a varanda, dizendo a ela que todas as proteções haviam sumido. – Eu só quero entrar em paz.

– Faz alguns dias – disse Orpheus enquanto a colocava no chão para que ela pudesse se levantar. Ela não precisava estar debaixo de sua capa já que não tinha cheiro humano, mas ele a manteve com ele de qualquer maneira. – Cubra seus ouvidos.

Ela deu a ele um olhar maçante.

– Vá em frente, faça a coisa.

Ela se lembrou de quando ela chegou aqui pela primeira vez. Ele olhou para ela como se esperasse que ela mudasse de ideia, mas ela gesticulou para ele acabar logo com isso.

Ele subiu as escadas, abriu a porta que já estava entreaberta e então rugiu furiosamente alto, fazendo seus tímpanos pulsarem com a profundidade estrondosa disso. Os dois pequenos Demônios que haviam entrado se espalharam, sibilando quando a viram, antes de se afastarem de Orpheus e do Mavka que estava com eles.

– Ajudarei a esculpir o círculo de sal, – disse o Mavka, colocando seus itens no chão para diminuir sua carga, então usando suas garras para cavar no chão.

– Eu farei as bugigangas de proteção! – ela ofereceu, levantando a mão e entrando, tão feliz e aliviada que poderia usar suas malditas pernas novamente.

Orpheus removeu os itens mais volumosos, como os rolos de tecido, para que pudesse passar pela porta. Então ele removeu o resto de dentro. Ele os colocou principalmente na área da cozinha - contra o balcão se fosse grande e em cima se fosse pequeno.

Ele cheirou o ar para checar três vezes se não havia Demônios antes de soltar um bufo bufante.

– Mantenha sua espada até que todas as proteções estejam

prontas.

— Vai ser feito bem rápido com nós três — disse ela, acenando com a mão para cima e para baixo com desdém enquanto ele pegava tudo do armário superior que ela não conseguia alcançar.

Então ele pegou o endro no jardim, informando-a que ainda estava intacto porque eles não estavam em frenesi com o cheiro dela como antes.

Ela sorriu para o ambiente familiar uma vez que estava sozinha, antes de acender todas as velas que pudesse alcançar, sentindo-se confortável na cabana aconchegante e quente na estética da floresta. Ela estava inquieta, querendo voltar aqui durante todo o caminho de volta.

Acho que realmente estou começando a ver este lugar como minha casa.

VINTE E SETE

Reia aconchegou-se na poltrona forrada de peles em frente à lareira que estalava de vida.

Uma vez que todas as proteções estavam no lugar, o Mavka partiu para voltar para sua própria casa, então ela e Orpheus passaram por tudo o que obtiveram. A maior parte do que não era relacionado à culinária ia para o quarto dela. Ela estava ansiosa para começar a fazer suas próprias roupas.

Ela havia comido uma refeição simples, tomado seu primeiro banho morno e relaxante em mais de uma semana – exausta demais para querer qualquer coisa travessa – e agora estava descansando em sua cadeira.

A noite não havia caído muito e ela começou a ler os três livros que havia conseguido. Orpheus havia saído para ir ao riacho buscar água, já que o que havia ficado para trás agora estava velho.

Ela deu ao Mavka o livro sobre como construir diferentes estilos de casas que também tinha algumas explicações para a construção de móveis. Ele deu a ela seus olhos brilhantes envergonhados enquanto explicava a ela que não sabia ler. Ela apenas apontou para as fotos do diagrama e disse a ele que ele só precisava segui-las da melhor maneira possível. Orpheus então disse a ele que quando começasse a construir, ele também mostraria a ele o que sabia.

Ela folheou o livro sobre as diferentes criaturas, nada realmente chamando sua atenção. Ela também percebeu que sabia mais sobre Caminhantes do Crepúsculo e Demônios do que o que estava detalhado dentro dele, vivendo no Véu por quase um mês e meio e tendo alguém que poderia responder a todas as suas perguntas.

Fantasmas eram uma coisa conhecida, criaturas assustadoras que assombravam lugares que haviam sido dizimados por demônios. Eram almas perdidas que morreram de forma tão horrível, cheias de tanta vontade de viver que nunca partiram. Ela tinha ouvido falar deles, mas nunca tinha visto um. Nem mesmo no Véu.

Ela não estava particularmente interessada nas criaturas míticas. *Quem se importa com elfos quando eles não são reais?* Por que ela

precisava saber de todos esses fatos inventados como se o autor estivesse tentando fabricar seu mito para ser verdade?

Reia folheou o livro de luta com entusiasmo, pois queria começar a praticar alguns dos golpes e técnicas, mas era algo que ela só podia fazer quando estivesse treinando.

Eventualmente, ela passou para o livro final, folheando os diferentes contos infantis. Havia doze deles no livro grosso e pesado, e era cansativo segurá-los. Ela o colocou no colo enquanto folheava as páginas, parando apenas quando Orpheus entrou na casa.

— Você ainda está acordada? — ele perguntou, colocando o balde no canto mais distante do balcão da cozinha para que não atrapalhasse.

— Estou cansada, mas não tão cansada — ela riu, apontando para a janela ao lado dela que corria sobre a varanda. — O sol só se pôs não faz muito tempo.

Ele veio para ficar na frente dela perto do fogo. Ele ficou quieto por um momento, olhando para baixo por mais tempo do que o normal, antes de perguntar hesitantemente: — Posso sentar com você?

— Claro — disse ela com um tom de confusão, sem saber por que ele estava perguntando.

Orpheus prontamente sentou no chão ao lado dela e colocou a cabeça em seu colo quando ela esperava que ele se sentasse em sua própria cadeira! Ele empurrou o livro dela para o lado com o focinho, fazendo-o cair entre o apoio de braço e a coxa dela para abrir espaço para si mesmo.

Ele deu um bufo alto de contentamento.

— Não fico sozinho com você há algum tempo, mesmo antes de partirmos.

As mãos dela se ergueram perto do peito de surpresa, mas agora caíram para ficar ao redor da cabeça dele.

— Bem, você saiu para me caçar antes disso.

— E então você não falou comigo, embora eu trouxesse carne para você e fosse picado por abelhas para você.

Reia franziu os lábios e semicerrou os olhos para ele. Ela queria dizer a ele que ele merecia, mas ela o ignorou porque ele insinuou que

não acreditaria em sua promessa de ficar dentro de casa se ele fosse embora - exceto que ela não esperou que ele dissesse o porquê.

Ficamos muito tempo fora. Ela não conseguia imaginar o que teria tentado fazer sozinha se tivesse ficado sozinha por oito dias. *Eu teria ficado entediada sem cérebro.*

Em vez disso, ela partiu em uma aventura incrível e sabia que era apenas o segundo ser humano a fazer isso.

— Por que você está molhado? — ela perguntou quando sentiu uma leve umidade em seu vestido.

— Lavei-me no riacho enquanto estava lá. — Ele empurrou a ponta do focinho contra o livro no espaço entre ela e a cadeira. — Esse é um dos livros que a Coruja Bruxa a orientou a pegar?

Reia assentiu antes de puxá-lo para segurá-lo. — Eu não sei por que, no entanto. É cheio de histórias infantis.

— São histórias verdadeiras?

— Não, apenas as inventadas.

— Você estaria interessado em ler um? — Ele ergueu a mão para colocar uma garra ao redor da lombada do livro para incliná-lo para ele. — Eu sei ler, mas sou lento, então não leio por diversão como vocês, humanos.

— Você está realmente me pedindo para ler para você?

A ousadia! Reia nem lia para si mesma.

— Por que não? Eu ficaria feliz se você o fizesse. — Ele levantou a cabeça para poder estender a mão e segurar o lado do rosto dela enquanto a encarava. — Sua voz é adorável. Eu gostaria de ouvi-la.

Um elogio como esse tornava difícil negá-lo.

Ela começou a examiná-los, tentando decidir por qual deveria começar. A pena que a Coruja Bruxa colocara dentro dela ainda estava presente, como um marcador de livros, e Reia fez uma pausa ao chegar ao conto marcado.

Eu também poderia, eu acho. Ela começou com A Bela e a Fera, sentindo-se incrivelmente boba por ler para ele.

Reia estava apenas a um quarto do caminho quando ela levantou o livro para verificar Orpheus e descobrir que seus orbes

brilhantes haviam ficado pretos. Acenando com a mão na frente do rosto dele, ela entendeu que ele havia adormecido.

Ela continuou a ler em voz alta, permitindo que ele ficasse como estava.

Era um conto folclórico relativamente curto, e ela terminou em poucas horas, deixando o livro para pensar.

Bela e a Fera, né? Ela colocou a mão sobre o longo focinho de Orpheus, entre os olhos e o nariz, e gentilmente acariciou o osso duro. Ela refletiu sobre isso, imaginando se talvez fosse por isso que a Bruxa Coruja disse a ela para pegar este livro, deixou uma pena nesta história em particular.

Eu poderia ficar com Orpheus? Ela ainda não sabia a resposta para aquela pergunta, mas estava se sentindo cada vez menos inclinada a ir embora. A vontade de morrer com seu crescente carinho pela casa dele e por ele.

Ela continuou a acariciar seu rosto, olhando para ele enquanto ele bufava profundamente, como se pudesse dizer que ela o estava acariciando. *Ainda não sei, mas o que teria acontecido na história se Bela tivesse fodido a Fera antes de ela se tornar humana?*

Não haveria transformação mágica para Orpheus, e ela sabia disso. Ela tentou imaginar como ele seria como humano, mas não conseguia vê-lo de outra forma que não fosse o que ele era.

Um Caminhante do Crepúsculo, com um crânio de animal no lugar do rosto, que se expressava através de seus olhos etéreos e brilhantes e de suas ações. Alguém que era incrivelmente doce, que estava se esforçando ao máximo para fazê-la gostar dele, embora às vezes fosse um pouco estúpido e agressivo.

Quantas vezes ele tentou me comer? Mas ela ainda estava aqui, e ela não estava mais preocupada que ele o fizesse.

E se Belle... Ela parou aquela linha de pensamento para realmente se perguntar o que ela estava tentando fazer. *E se eu fizesse sexo com Orpheus?* Ela queria. Ela sonhou com isso, pensou nisso quando ele a tocou, ansiava por isso.

A única coisa que a impedia era que ela temia que não houvesse retorno disso. Mas não haveria? *Eu ainda poderia sair se*

quisesse. Não é como se eu estivesse dando a ele minha alma. E-e eu não estou apaixonada por ele nem nada.

Ela quase implorou a ele na floresta. Tê-lo de frente para ela enquanto ele mergulhava seus dedos, observando-a, segurando-a, tinha sido mais íntimo do que qualquer outro momento e ela sabia que era isso que ela veria se eles o fizessem. E ela *gostou*. Seus orbes roxos cheios de desejo óbvio olhando para ela estavam arrastando-a cada vez mais sob algum tipo de feitiço. Encantada e não querendo ser acordada de sua hipnose.

Reia não percebeu que cochilou até sentir a cabeça de Orpheus se movendo erráticamente em seu colo.

Ela abriu os olhos para descobrir que os dele ainda estavam pretos, mas agora ele estava segurando suas pernas, uma de suas mãos debaixo de sua saia com suas garras cravadas na parte interna de sua coxa.

Ela sabia exatamente por que podia ouvir sons de fungadas e atirou a mão para baixo para cobrir seu monte púbico antes que ele tentasse enterrar o focinho nele! Pensar em sexo a fez sonhar com isso, e agora ela estava excitada.

Como sempre, quando agora ela sonhava com qualquer coisa sexual, era naquela escuridão flutuante com Orpheus flutuando ao seu redor e tocando-a.

A cabeça dele se jogou para trás abruptamente quando ele se socou com as costas da mão dela, seus olhos brilhando em azul.

— Desculpe — disse ele, agarrando o focinho com a mão como se tivesse se machucado levemente - para descobrir que levantou a saia dela com ela. Ele jogou a mão por baixo dela enquanto seus olhos ficavam rosa-avermelhados. — Adormeci? Eu estava muito confortável.

— Eu acho que você estava cansado, — ela disse, tentando ao máximo não rir da situação em que ele se encontrava por causa de seu estado de sono. — Está tudo bem, eu adormeci também.

A lareira agora só tinha brasas, e as velas ao redor deles estavam com pouca cera, dizendo a ela que ambos estavam apagados há algum tempo. Lá fora estava escuro como breu.

Ele virou a cabeça para olhar dessa forma, imaginando o que ela tinha também.

Os olhos dela percorreram os longos espinhos giratórios de seus chifres.

— Você sabe, eu nunca lhe dei seu presente antes de partirmos. Seus orbes brilharam em amarelo brilhante.

— Posso tê-lo agora, então?

— Aqui, deixe-me levantar. Eu vou buscá-lo.

Ela a soltou completamente enquanto ainda estava em seu colo. Ela foi para o quarto, pegou o que precisava e voltou para encontrá-lo de pé. Apontando para sua própria cadeira, ela o fez sentar e obrigou-o a estender a mão.

Ela colocou seu presente dentro da palma dele.

Ele o examinou com a outra mão enquanto puxava um dos itens para levantá-lo no ar. Em um pedaço grosso de barbante havia contas que foram enfiadas com uma conta preta, depois uma azul-celeste e depois uma roxa, repetidas três vezes até chegar a um sino.

A princípio, ela planejou fazer para ele uma pulseira ou algo que ele pudesse colocar em seu quarto, mas então ela teve essa ideia.

— Eu pensei que talvez você pudesse amarrá-los no centro de seus chifres. — Ela mordeu o interior de seu lábio inferior. — Mas se for muito barulhento, você não precisa.

— Você poderia colocá-los? — ele perguntou, gesticulando para ela levá-los. — Não consigo chegar tão longe direito.

Ela os pegou e, assim que ela foi contorná-lo, ele agarrou a parte de trás de suas pernas e a puxou para seu colo. Ela soltou um pequeno guincho de surpresa, já que nunca tinha sentado em cima dele antes.

As coxas dela estavam espalhadas sobre as dele com os joelhos dobrados no espaço entre as pernas dele e a cadeira. Ele virou a cabeça para o lado para mostrar a ela sua intenção. Ela cuidadosamente o prendeu em seu chifre, a meio caminho entre a base de seu crânio e onde começava a primeira espiral.

Tocou baixinho quando ele virou a cabeça para o outro lado para que ela pudesse prender o segundo.

— Então, o que você acha?

Ela se recostou nas coxas dele enquanto colocava as mãos no colo e esperava a resposta dele com incerteza.

— Eles estão distraído. — Ele balançou a cabeça, fazendo os sinos tocarem. — Mas eles vão me fazer pensar em você quando tocarem.

Ele balançou a cabeça um pouco mais, até acenou com a cabeça para cima e para baixo apenas para fazê-los tocar. O peito de Reia inundou com uma emoção pesada que ela não conseguia distinguir. As palavras dele atingiram o coração dela – como se ele estivesse tentando alcançá-la e tomá-la para si.

Ela agarrou o focinho dele com as duas mãos e beijou a ponta dele com os olhos bem fechados.

Como pode um Caminhante do Crepúsculo ser tão charmoso?

Quando ela começou a se afastar enquanto abria os olhos, suas pálpebras tremularam ao ver que as órbitas dele estavam rosa brilhante. Era estranho vê-las dessa cor, como era ardente. Esta foi apenas a segunda vez que ela os viu assim.

— Seus olhos estão... — Antes que ela pudesse terminar, Orpheus colocou a mão na parte de trás de sua cabeça e a puxou para mais perto para passar a língua sobre seus lábios para retribuir o beijo.

Seus dedos dos pés enrolaram quando ele fez isso de novo e a necessidade avassaladora de cumprimentá-la a invadiu. Reia lambeu-o de volta, quase gemendo ao sentir roçando sua língua e o leve sabor dele que a cumprimentou.

Ele fez isso repetidamente, seus olhos permanecendo naquele rosa flamingo brilhante e roubando toda a atenção dela, exceto para devolver cada lambida. Suas mãos apertaram a frente de sua camisa em pequenos punhos apertados.

O desejo revirou em sua barriga e enviou um tremor pelas paredes internas de sua vagina. A umidade cresceu em sua entrada quando ele inclinou a cabeça para lambar mais forte e os sinos chocalharam levemente, e ele balançou a cabeça apenas para fazê-los fazer isso mais alto.

Porra. Suas grandes mãos a rodearam entre sua cintura e

quadris para quase envolver seu meio completamente. Isso fez com que seu corpo tivesse uma onda de arrepios sobre sua pele com o calor delas. *Eu quero ele*. Ela abriu os lábios para ver se ele mergulharia a língua entre eles e ele o fez, lambendo toda a cavidade de sua boca. *Eu o quero tanto*.

Roxo brilhou em seus orbes, mostrando a ela que ela não estava sozinha nisso, antes de voltar para rosa como se qualquer emoção que representasse fosse mais forte naquele momento.

Reia se afastou e cobriu a boca para esconder o quão profundamente ela estava ofegando. Era inútil. Ela sem dúvida sabia que ele podia sentir o cheiro de sua excitação nela.

— Orpheus, — ela bufou, seu corpo vibrando. — Eu quero que você me toque livremente.

Reia não sabia como instigar isso. Ela nunca tinha feito sexo antes e não sabia como deveria levá-los para lá naturalmente.

— Claro, — ele murmurou, seus olhos finalmente ficando roxos para permanecer lá. Ele se inclinou para lambe seu pescoço enquanto tentava puxar sua saia para cima com os joelhos apoiados nela. — Eu sempre quis tocar em você fora do banho.

— N-não aqui. Podemos ir para a sua cama?

— Sim — ele gemeu baixinho, agarrando sua bunda para mantê-la junto a ele enquanto se levantava. Cada passo fazia com que as bolas dos sinos chacoalhassem silenciosamente. Ele passou a língua por baixo de sua mandíbula. — Eu gosto muito do meu presente, minha pequena corça.

Sabendo que ele não a deixaria cair, ela começou a desabotoar a camisa dele apressadamente, seu corpo ficando mais excitado a cada segundo de antecipação.

Ele a jogou na cama, então se afastou para olhar para a camisa meio desabotoada. Ele tocou seu trabalho até agora, as duas velas fracas em uma das mesas laterais ao lado da enorme cama iluminando-o o suficiente para ela ver.

— Você vai me tocar também?

Tocá-lo? Ela estava planejando que todo o seu corpo o tocasse em todos os lugares ao mesmo tempo. Ela assentiu enquanto levava as

pernas para a cama para se ajoelhar para que pudesse puxar o vestido para cima e sobre o corpo. Então ela tirou a calcinha amarrada.

Há muito tempo ela havia perdido sua habilidade de ser tímida sobre sua nudez na frente dele, e ela não queria esperar mais do que o necessário para que ele pedisse para ela se despir ou se ele mesmo poderia removê-lo.

Nua, ela estendeu a mão para desfazer o último dos três botões. No momento em que ele o tirava, ela colocou as mãos na cintura dele para abrir o botão da calça, precisando, *precisando* saber como era o resto dele. Ela nunca tinha visto suas pernas, e embora ela tivesse tocado, ela nunca tinha visto como era seu pênis.

Ela estava prestes a puxá-los para baixo e finalmente revelar o que desejava ver, mas uma das mãos dele desceu para apertar a dela.

— Fora — ela exigiu. Ele estava hesitante, e ela não se importava. — Quero ver você.

— Você está agindo de forma estranha — disse ele, antes de permitir que ela as puxasse para baixo.

Ele tirou os sapatos.

— Eu quero você, Orpheus. Quero ver, quero tocar, quero sentir.

Ela só deu uma olhada momentânea em suas pernas e pés antes de suas palavras ganharem um rosnado agudo, e ele rapidamente se inclinou para derrubá-la de volta. Ele prendeu os braços dela contra a cama e ficou de quatro sobre ela.

O que ela tinha visto eram pés parecidos com os seus, mas os dedos eram mais parecidos com patas, com pequenas garras na ponta. Ossos se projetava sobre os nós dos dedos como suas mãos.

Suas pernas eram grossas, de formato humano e cobertas principalmente por pelo curto com barbatanas de peixe penduradas na parte de trás de suas panturrilhas. Foi só quando suas coxas estavam começando a alcançar sua virilha que os pelos mais longos brotaram.

Ela tinha visto o vale de pele onde sua costura deveria estar, mas seu pênis não tinha sido estendido para ela ver.

— Cuidado com suas palavras, Reia, — ele alertou, inclinando-se para lambar suas clavículas, a parte plana de seu peito, e então

arrastar sua língua sobre um de seus seios, movendo-o para o lado na lambida dura como se fossem macio e maleável. — Você pode me dar a ideia errada. Você disse que posso tocar livremente e quero provar você.

Ele deu algumas lambidas em seu seio, sua língua arranhando seu mamilo e enviando solavancos por ela. Ela gemeu, empurrando seu peito em direção a ele antes que ele se movesse para o outro, mantendo seus braços presos para que ela não pudesse fazer nada com eles quando ela queria agarrar sua cabeça para aconchegá-la.

Só quando ele colocou os joelhos entre os dela, sem precisar forçá-la quando ela os abriu de bom grado, ele soltou seus braços para se inclinar para trás.

Ele agarrou o tornozelo dela e virou a cabeça para poder passar a língua sobre os dedos dos pés, o arco do pé e depois sobre a panturrilha, deixando uma trilha molhada atrás da qual sua respiração ofegou.

— Eu quero lambe cada centímetro do seu corpo. — Ele a levou sobre o joelho, lambendo o interior e fazendo-a ofegar com a sensação de cócegas, mas agradável. — Eu queria saber como você reage quando é minha língua e não minhas mãos roçando em você.

Suas palavras eram como fogo que causava o calor crescer sob sua carne, ruborizando-a e tornando-a mais sensível.

— Ohhh, — ela gemeu baixinho, sua perna se contorcendo, quando ele deslizou aquele órgão firme e úmido sobre os feixes de nervos sensíveis que corriam pela parte interna de sua coxa. As paredes internas de seu núcleo se apertaram e tiveram espasmos erráticamente, fazendo seu abdômen tremer em reação.

— Mas eu estive esperando para provar você aqui novamente desde aquela noite.

Ela sabia que ele já devia estar olhando para suas dobras quando segurou sua perna para cima e a abriu. Quando sua língua terminou seu caminho, ele nem parou. Em vez disso, ele lambeu um lado de seus lábios para mergulhar sua língua diretamente em suas dobras, enrolando sua língua ao redor de seu clitóris.

Um grito saiu de sua garganta e ela enfiou as mãos nas peles da

cama quando seus quadris se levantaram do colchão. Aquele primeiro toque foi como adicionar combustível a um incêndio que já estava fora de controle.

E cada lambida plana e deliberada que se seguiu deixou sua pele corada desde as bochechas até o peito. O líquido de sua excitação se acumulou mais em sua entrada enquanto seu peito se sacudia para cima e para baixo com a torrente de faíscas de prazer que sua língua lhe dava.

Ele cantarolou um ruído de satisfação quando finalmente se abaixou para pegá-lo para si. Isso por si só foi elogio suficiente para dizer a ela que ele não precisava de palavras, especialmente quando ele a esperou um momento depois para mais.

Seus lábios se separaram, seus olhos se abriram, enquanto sua cabeça se inclinava para trás com a rápida penetração. Seu ajuste foi seguido com sua visão ofuscante enquanto ela relaxava, gemendo em cada varredura para frente e para trás.

Por que isso é tão bom?

Sua língua era flexível, girando, torcendo, antes de dobrar quando alcançou seu colo do útero. Foi o suficiente para que ele pudesse acariciar seu clitóris latejante ao mesmo tempo, esfregando-o para cima e para baixo enquanto deslizava para dentro e para fora.

Ela arqueou em cada golpe, suas pernas se contraindo. *Eu vou vir.* Apenas por isso, por ele usar sua língua nela.

Seus olhos se curvaram, querendo, querendo agarrar aquele membro flexível e cair em êxtase. Mas ela sempre ficava um pouco relaxada e satisfeita depois que gozava.

— Orpheus — ela ofegou, estendendo a mão para agarrar seus chifres e puxá-lo.

Ele respondeu com um grunhido enquanto suas garras cravavam na cama. Ele balançou a cabeça, tentando fazer com que ela o soltasse para que ele pudesse continuar. Ele não queria liberar sua guloseima.

— V-venha aqui, — ela implorou, tentando ao máximo não gozar, não apertá-lo para que ela não pudesse.

Era uma batalha quase impossível.

— Você queria que eu te tocasse, — ele disse, seu tom ombrio e mais profundo do que o normal que a fez estremecer. — Você disse que eu podia sentir seu gosto, e eu quero fazer você gozar em minha língua, para provar seu néctar.

Sua velocidade aumentou, lançando-a mais rápido, girando, girando. Sua visão se dividiu em duas. *Oh foda. Eu vou vir. Eu vou vir. Eu vou...*

Uma onda de calor subiu por toda parte sob sua carne, dizendo a seu corpo contraído que ela estava prestes a cair.

— Eu quero seu pau, Orpheus! — ela gritou, seu corpo se contorcendo.

Ele congelou logo antes dela gozar, e seu coração quase explodiu em seu peito. Seu centro carente vibrava ao redor de sua língua, enviando sinais para o resto dela de que ansiava pelo orgasmo que estava ali. Mais uma lambida, mais um movimento, e ela pensou que poderia ter.

— Meu pau? — Ele se afastou dela, ficando de joelhos para mostrar que ele havia se expelido parcialmente, que a espiral de seus tentáculos estava aparecendo, tremendo e estremecendo para manter o resto dele abaixado. As pontas onde eram mais finas eram pretas, enquanto a base grossa era do mesmo roxo escuro de sua língua. — Você quer que eu te foda?

— S-sim. — Sua boceta pulsava por isso, implorava por isso.

Ela não se sentia como ela mesma, como se algo a tivesse dominado. Seu corpo tremia todo com espasmos incontrolláveis que não paravam. Ela estava molhada e pensou que poderia explodir se não conseguisse o que queria.

E ela queria esse Caminhante do Crepúsculo mais do que tudo agora.

Ela o observou liberar seus tentáculos de bom grado, destorcendo-os e abrindo-os para que seu pênis pudesse empurrar completamente. Seus olhos se curvaram em desejo ao vê-lo.

É roxo. E ela podia ver cada detalhe disso.

As duas protuberâncias quase do tamanho de um punho na base, a circunferência que se projetava entre seus quadris. Aquele

entalhe profundo que ia de baixo para cima até chegar à cabeça do cogumelo. Ele mergulhou ligeiramente, seguindo essa linha até a fenda no topo, onde ela podia ver que uma pérola de líquido branco já havia se formado. Aqueles babados minúsculos e macios que corriam ao redor da borda de sua cabeça, que também desciam por três lados dele.

Os tentáculos balançavam no ar como se estivessem procurando algo, e ela sabia que eles só queriam algo para segurar.

Ele estava esperando a reação dela ao se revelar a ela, para ver se ela recuaria de sua decisão. Ela ofegou com isso, cada célula, cada fibra, cada terminação nervosa em seu corpo chorando por isso.

— Por favor, — ela sussurrou.

Um grunhido vibrou de sua garganta, e ele agarrou sua coxa para arrastá-la para o outro lado da cama. Antes que ela pudesse terminar seu suspiro de surpresa, Reia estava gemendo quando ele enfiou dois dedos dentro dela.

— Vou tentar ser gentil, — ele disse a ela, sua voz rosnando de excitação. — Mas estou esperando há muito tempo que você me dê isso. — Ele se inclinou sobre um cotovelo para poder passar a língua sobre o seio dela, certificando-se de pegar o mamilo, antes de subir para o pescoço para ficar mais perto da orelha. Ele enfiou os dedos duas vezes antes de adicionar um terceiro, o corpo dela ajustando-se facilmente a eles. — E eu já estou preparando você.

Os cantos de seus olhos se inclinaram mais, seu núcleo apertando em torno de seus dedos que ainda queriam desesperadamente o orgasmo. *Eu sei*. Orpheus a fazia gozar usando dois dedos e só deslizava um terceiro quando ela vinha para esticá-la.

Ela sabia que ele a estava preparando.

— Dentro de mim, — ela implorou, ondulando seus quadris na tentativa de fazer com que ele removesse seus dedos enquanto olhava para seu pênis. Ela não conseguia *parar* de olhar para ele. — Eu quero você dentro.

Ele estremeceu violentamente, e ela o observou inchar por um segundo enquanto ele pulsava, seus tentáculos se contorcendo mais rápido. Ele abriu os dedos e ela engasgou. Ele nunca tinha feito isso

antes. Ela sentiu a queimadura leve, mas a fez se sentir notavelmente vazia, ainda mais quando ele lentamente os tirou.

— Eu tenho vontade de encher sua boceta preciosa com meu pau desde o primeiro momento em que você sorriu para mim.

Ele agarrou a base de seu pênis e começou a abaixar os quadris para posicioná-lo.

Reia olhou para baixo, sem querer desviar o olhar, e abriu as pernas para permitir que ele encaixasse seu corpo maior no espaço de suas coxas. Quando ele enfiou a ponta contra a entrada de sua boceta, Reia se ergueu um pouco para poder vê-lo empurrar para dentro dela.

— E esta noite, eu vou reivindicá-la, — ele murmurou com aquele grunhido presente.

Ele começou a empurrá-lo para dentro.

Suas mãos dispararam para agarrar seus lados, seus lábios se abrindo em um gemido enquanto ela tentava ao máximo se firmar. Seu corpo foi empurrado para cima com a força, sua boceta se esticando para o tamanho de apenas a cabeça tentando entrar.

Seu corpo tremia enquanto ela tentava se ajustar, Orpheus sendo cauteloso e lento. Ele disse que tinha feito isso antes, que caberia dentro de uma humana, mas ela achou difícil. O lubrificante em seu pênis os ajudou, mas ela sentiu *dor*.

M-merda. Isso dói. Ele ainda nem tinha enfiado a cabeça dentro dela e estava doendo!

Ambos estavam lutando contra a força disso.

— E-espere, — ela implorou quando ele começou a empurrar com mais força, tentando passar por seu osso púbico.

Não cabe. Talvez ela não devesse fazer isso.

Ela gritou quando o alargamento mais amplo de sua cabeça estalou para dentro, e de repente ele escorregou alguns centímetros. Ele sibilou em uma respiração ao mesmo tempo que ela cerrou os olhos fechados.

— *Apertado,* — ele mordeu, parando para os dois. — Você é tão apertada.

Ela o sentiu inchar como se pulsasse, fazendo-a ofegar de dor, antes que seu pênis voltasse à sua circunferência normal. Suas

sobrancelhas franziram, e ele segurou o lado de sua cabeça, forçando seu rosto para ele, apesar de seus olhos permanecerem fechados. Ele lambeu o lado de seu rosto confortavelmente para remover uma lágrima.

— Você está bem, Reia?

— S-sim. Você é muito grande.

Ela estava determinada para isso. Estava dentro. *Podia* caber.

Ela podia sentir suas paredes internas apertando o que já estava dentro dela como se quisesse sugá-lo. Ela sentiu uma pressão esmagadora, mas quanto mais relaxado seu corpo ficava, mais ela podia senti-lo pressionando em algum lugar maravilhoso.

E estava *quente*, relaxando seus músculos tensos.

— P-por favor, não pare.

Ele recuou um pouco para espalhar seu lubrificante antes de empurrar ainda mais. Era mais fácil com a parte larga de sua cabeça já dentro. Em seguida, outro impulso suave, e ele foi capaz de chegar ao final dela rapidamente.

É tudo, ela suspirou, sentindo-o pressionar profundamente.

Reia sentiu-se plena. Cheia de Orpheus, sua boceta esticada para ele, aberta para ele, e parecia tão notavelmente bom e *certo*. Era reconfortante sentir seu batimento cardíaco batendo dentro dela enquanto sua pressão aliviava a terrível dor que ela estava sentindo.

Ela nem se importava com a pequena picada que podia sentir.

Deslizando seus braços ao redor dele, ela o puxou para mais perto para que pudesse se aquecer na forma de seu corpo, o aroma de mogno e pinho, em seu calor. *Ele está dentro de mim*.

— Posso me mover agora? — Sua voz soava tão tensa, e ela percebeu que ele estava esperando pacientemente que ela se ajustasse, embora ela pudesse ouvir que ele precisava se mover. Sua respiração era tão superficial, bufando e ofegante, e era como música para os ouvidos.

Ela enterrou a cabeça no pelo do peito dele e assentiu, dobrando os joelhos para poder segurar os lados dos quadris dele. Ele começou a se afastar lentamente, e ela podia sentir os pequenos babados nas laterais de seu pênis fazendo cócegas em sua entrada e

provocando suas paredes internas com sua textura suave.

Sua respiração engatou com a perda da pressão até que ela sentiu a sensação de puxar a cabeça dele em sua entrada. Ela sentiu uma pontada, mas durou pouco quando ele empurrou de volta.

— Oh! — Ele pressionou em todos os lugares, acariciando suas paredes internas tão completamente que não perdeu um único lugar que ela precisava.

Era lindo, delicioso. Ela logo ofegou em seu ritmo lento enquanto inclinava os quadris para frente e para trás para ajudá-lo.

— M-mais — ela implorou, agarrando-se a ele.

Ele estava indo muito devagar, pressionando muito levemente. Ela queria que ele gozasse com mais força.

Os sinos que ela colocara nele mal faziam barulho, e ela queria que tocassem como loucos. Seu corpo estava arqueando sobre o dela. Apoiando-se nos cotovelos, ele mantinha quase todo o peso fora dela. A única razão pela qual seus torsos estavam se tocando era porque ela estava se levantando para segurá-lo.

— Eu não posso — ele gemeu antes de balançar a cabeça. — Isso á está bom, mas devo ser gentil. Não quero machucar você. — Seu corpo estava visivelmente tremendo de tensão, como se ele quisesse, mas não pudesse. — Não posso ser rude com você até que você me aceite.

Aceitar ele? Reia já o aceitava! Ela implorou por seu pênis, e atualmente estava dentro dela, acariciando suas paredes com estocadas entorpecentes. O que mais ela poderia fazer?

Mas algo estava faltando. Ela se contorceu, sentindo suas pernas serem capazes de se mover livremente.

Onde estão seus tentáculos? Ela se abaixou e olhou para baixo através da abertura de seus corpos. Ela soltou um grito. Ela mal estava tomando metade dele! Ela podia vê-los se contorcendo, procurando desesperadamente por suas pernas enquanto seu pênis entrava e saía dela, mas longe o suficiente. Eles não podiam alcançá-la, e ela queria senti-los envolvendo-a.

— Mais. — Ela sabia que estava tomando tudo o que podia, mas queria *tudo* dele. Cada centímetro que deveria entrar. — Você

disse que caberia.

— Eu posso. — Ele bufou e pressionou um pouco mais forte, mas não fez nada para fazê-lo escorregar ainda mais.

— Mais profundo, — ela implorou, sentindo sua boceta apertando por isso. — Eu quero sentir todo o seu pau.

Ele parou seu movimento de balanço para virar a cabeça para ela, e ela ofegou quando olhou para cima. Ele lambeu seu focinho quase diabolicamente, seu pênis inchando por um momento.

— Tudo isso, Reia? — ele perguntou com aquele estrondo profundo. — Você realmente quer todo o meu pau dentro de você?

Havia um peso em suas palavras. Ela não se importava. Ela se contorceu, movendo os quadris de um lado para o outro, antes de agarrar o focinho dele. Ela o arrastou para mais perto e pressionou os lábios na ponta para beijá-lo.

— Porra, eu quero tudo isso — ela exigiu. — Agora.

Reia não fazia nada sem entusiasmo, e ela não tinha começado a fazer sexo com ele apenas para tomar metade de seu pênis gigante nela. Se ele pudesse caber, então ela fodidamente precisava de cada centímetro dele.

Ela engasgou quando ele empurrou suas garras em seu estômago ao redor de seu pênis. Elas cortaram sua pele, penetrando enquanto ele rosnava.

— Você é perfeita, minha pequena humana.

Os olhos dele brilharam vermelhos com o sangue dela, mas voltaram ao roxo em um segundo.

Havia uma sensação de vibração, algo quente tilintando dentro dela.

Então ele começou a *empurrar* com força e as pernas dela se esticaram enquanto tremiam. Ela sabia que ele estava usando algum tipo de proteção ou magia de manipulação em seu corpo com suas garras, e ela não sentiu dor quando ele a *forçou* a tomá-lo.

Suas costas arquearam quando ela agarrou as peles. Foi desconfortável quando ela sentiu seu interior se mover para abrir caminho enquanto ele cavava cada vez mais fundo. Suas coxas se contraíram quando ela pôde sentir seus tentáculos fazendo cócegas na

sensível carne interna de suas coxas com suas pontas antes de começarem a deslizar sobre ela.

— E-espere, — ela gaguejou.

Ela se sentiu estranha. Era bom, muito bom, ser preenchida tão longe, tão profundamente, mas também era estranho.

— Você implorou por mais, e eu estou dando a você. — Mas ele enterrou o focinho no pescoço dela. — Vai acabar em um momento, e então eu posso te dar o que você quiser. Mais forte, mais suave, mais profundo, mais leve, mais rápido, mais lento. Seja o que for que você pedir, vou garantir que você o receba.

Algo pareceu estalar dentro de seu cérebro quando ele estava três quartos dentro. Reia derreteu, sua língua aparecendo enquanto ela ofegava desesperadamente como um animal no cio. Sua visão ficou completamente ofuscada e ela tentou envolver as pernas em volta dos quadris dele para poder puxá-lo para dentro.

Havia uma certa pressão que fazia sua mente enevoar.

— Mais, — ela implorou, e ele continuou a dar a ela. Então ela sentiu a base dilatada de seu pênis onde aquelas protuberâncias estavam quando começaram a pressionar contra sua entrada, e ele parou. — Oh merda, *sim*.

Ela inclinou os quadris para cima e para baixo, movendo-o dentro de sua boceta ela mesma, e um arrepio de corpo inteiro a assolou. Ela podia sentir que ele estava além de seu umbigo, podia sentir a pressão atrás dele e mais acima conforme ela se movia. Ele removeu suas garras dela para colocar sua mão contra a cama.

— Sua boceta é minha agora. — Ele se afastou, e ela sentiu o longo golpe até a cabeça alargada, então ele avançou rapidamente até que foi enterrado por completo. — Nada além de mim vai caber dentro de você, minha pequena corça.

A circunferência de seu pênis inchado, o comprimento dele, a textura daqueles babados fazendo cócegas em seu interior e entrada, e o puro calor dele — Reia não queria mais nada.

Seus tentáculos se prenderam em torno de suas pernas e quadris com força, e ele se inclinou para trás para se erguer sobre ela em um braço esticado. Ele pressionou a outra mão contra o peito dela,

os dedos abertos para que ambos os seios pudessem ficar entre eles por baixo.

Ele usou seus quadris e os tentáculos para levantá-la mais alto e para fora da cama, curvando-a para trás enquanto a segurava no lugar.

Olhando para seu crânio de lobo, seus olhos brilhantes de um roxo profundo, enquanto seu pelo estava eriçado, tudo o que Reia sentia era desejo e luxúria. E o quarto estava escuro, colocando-o quase na escuridão do jeito que ela preferia.

Ela se perdeu no momento em que ele começou a empurrar sobre seu corpo. Toda a lentidão de antes foi acompanhada por um ritmo mais forte. Seus tentáculos tentaram fazê-la seguir seus quadris, mas sua mão segurando-a forçou-os a se esticar para que ele pudesse recuar. E ele gozou fundo, cavando em seu corpo e beijando seu colo do útero com força com a ponta de seu estranho pênis.

Seu corpo estremeceu, seu pelo e barbatanas se ergueram, enquanto ele inclinava a cabeça para trás. Ele estava de joelhos, e qualquer gentileza que ela sempre recebia dele havia desaparecido.

As carícias em suas paredes eram intensas, estreitando-se quando ele puxou para trás, então se espalhando quando ele empurrou para dentro. A cabeça cavou no cume inchado de seu ponto G, sempre cavando nele e fazendo cócegas com seus babados.

Seus impulsos foram medidos, mas ela soltou um grito alto quando começou a gozar. Seu corpo se apertou desesperadamente e teve espasmos no puro êxtase disso, dele. Ela agarrou o pulso de sua mão segurando-a para baixo e as peles da cama com a outra mão, tentando se firmar enquanto se desfazia sob o poder de seu próprio orgasmo que estava esperando impacientemente desde que ele usou sua língua nela.

Ele não diminuiu a velocidade, não a saboreou quando ela gozou em seu pênis pela primeira vez. Ele virou a cabeça para baixo e rosnou com as mandíbulas abertas, os quadris movendo-se mais rápido para prolongá-lo.

— Ótimo, Reia. É isto o que você queria? Para eu te foder até você molhar meu pau com seu orgasmo?

— Sim! — ela gritou, suas pernas chutando enquanto ela

continuava a ordenhá-lo com unhas cegas.

Por que ele é tão safado assim?!

Ele geralmente era tão suave e gentil, quase tímido com ela o resto do tempo. Mas quando ele estava livre com seu desejo, ele falava palavras sujas para ela, transformando-se em uma criatura que aumentava sua necessidade como um ciclone em espiral. Isso a estava deixando louca.

Ele disse a ela que reivindicou sua boceta, que era dele, e agora ela sabia que era. Era ele quem pegava, preenchia, esticava, estragava, e ela *adorava*.

— Bem, eu queria prová-lo, — ele mordeu, puxando seus quadris para trás até que os tentáculos foram forçados a soltá-la quando ela parou de apertá-lo.

Ele se retirou e envolveu sua mão ao redor de sua coxa para levantar seu traseiro no ar para que pudesse arrastar sua língua ao longo da fenda de sua boceta. Uma lambida bagunçada de sua entrada até seu clitóris. Ele lambeu os restos de seu orgasmo, deslizando sua língua para dentro para se certificar de que tomaria cada gota que pudesse.

Não parecia tão gratificante como antes.

Então ele a abaixou de volta em seu pênis.

— Assim é melhor — disse ele, estalando a língua dentro da boca. — Seu gosto é delicioso.

Ele deslizou os joelhos para trás para deitar sobre ela, passando um braço por baixo de seu corpo para apertar seu traseiro quando ele estava fundo mais uma vez, e seus tentáculos voltaram a se agarrar.

Reia não pôde fazer nada além de pegá-lo quando ele começou a se mover mais uma vez. Ela sabia que ele estava apenas recuando no meio do caminho, mas ele veio mais rápido do que antes - ele veio com força. Sua cabeça pendeu sob o ataque.

Ele estava em toda parte. Seu grande corpo protegeu o dela, escondendo a luz e apenas dando-lhe ele. Ela não podia sentir nada além da temperatura de seu corpo, seu eixo se movendo, sua pele roçando sobre ela e abrasando seus mamilos e carne. Tudo o que ela podia sentir era o cheiro dele. Tudo o que ela podia ouvir eram seus

grunhidos ocultos, seus gemidos, seus xingamentos e aqueles sinos tocando tão rapidamente que davam a eles uma música em ritmo acelerado.

O suor escorria dela e lavava seu corpo. Seus membros tremiam enquanto ela cravava as unhas em suas costas, agarrando seu pelo com força. Ela não sabia se o estava machucando, mas mesmo que ele lhe dissesse para parar, ela não conseguiria.

Reia veio novamente, e seus olhos reviraram na parte de trás de seu crânio, incapaz de fazer um som quando seus pulmões pararam. *Demais. É muito.*

— Não pare, não pare, — ela sussurrou repetidamente. — Isso é tão bom.

Flutuando em êxtase, sendo esmagada descontroladamente, Reia estava perdida, quebrada, quebrada em um milhão de pedacinhos. Ela se perguntou se algum dia seria capaz de se recompor novamente.

Ele soltou um gemido assombroso, massageando seu traseiro enquanto ela o ordenhava.

Ela não precisava de mais, isso já era de quebrar a cabeça, mas ela não conseguia parar de sussurrar, — foda-me, foda-me.

Reia rasgou suas costas, resistindo sob ele. Era fogo, era paixão, queimava tanto que ela estava se desintegrando. Ele estava mexendo com ela por dentro. Suas estocadas aumentaram em velocidade, dando a ela e as lágrimas começaram a escorrer.

Sua respiração era tão curta e ofegante que ela pensou que ele poderia parar de respirar a qualquer momento, rasgando sua garganta como se estivesse sufocando.

— Posso gozar dentro de você? — Seu pênis fez aquela onda pulsante, fazendo-o parecer ainda mais grosso por um segundo. — Eu quero tanto. Para enchê-la com a minha semente. Meu cheiro em você, marcando você.

Ela envolveu suas pernas mais apertadas ao redor dele para que ele não pudesse escapar.

— Dê. — Impulso. — Isto. — Um golpe forte. — Para. — Outro impulso rápido. — Mim!

Ela precisava sentir aquele sêmen quente explodindo dentro dela, sabia desde quando ela o tocou o quão duro saía dele, sabia que ele iria derramar mais do que ela poderia suportar.

Ele ingurgitou e seus tentáculos a agarraram quase dolorosamente, certificando-se de que nenhum deles pudesse se afastar. Ele empurrou com força, mais fundo, pressionando em seu corpo com toda a sua força, e então congelou.

Ele estremeceu e se contraiu, tremendo ao redor dela. Ele se enrolou nela antes de jogar a cabeça para trás e soltar um rugido ensurdecedor na cabeceira da cama.

Reia gemeu no primeiro surto, então se contorceu para cada um que se seguiu. Propagação de fogo líquido. Preenchia cada fenda, cada ondulação texturizada, cada lugar dentro dela para preencher lentamente seu canal.

Seus quadris balançavam, apenas empurrando para dentro e para fora como se ele não pudesse parar de se mover. Seus quadris se contraíram, e ela podia ver que as barbatanas em suas costas estavam totalmente erguidas.

Oh merda, eu juro que está prestes a... Ele balançou e uma corda se espremeu para fora dela, batendo contra seu clitóris antes que mais bolhas atrás dele pingassem por suas dobras e pelo vinco de seu traseiro.

Orpheus queria enchê-la com ele, e ele fez.

Ambos ofegavam e bufavam enquanto se abraçavam apertados. Contra seu peito, ela podia sentir o batimento cardíaco dele pesado e rápido. Combinava com aquele dentro dela que alcançava um lugar que nenhum humano jamais, *jamais* alcançaria.

Eu nunca poderei voltar, ela pensou, seus olhos se curvando ao senti-lo vibrar dentro dela tão intimamente. Reia tinha adorado isso. Nada nunca foi tão incrível, e depois de tomar tudo dele, ela sabia que nenhum humano seria capaz de satisfazê-la.

Ela queria sentir pavor, ficar chateada, mas tudo o que ela podia fazer era se aquecer nesse arrebol feliz. Ela o agarrou com mais força e ele começou a esfregar a lateral do focinho contra a cabeça dela acima da orelha com carinho.

Ele estava acariciando-a, sendo tão gentil depois de ter batido nela como um animal selvagem, quase como se estivesse segurando isso. não dei tudo a ela.

— Você está bem? — Sua voz continha tanta preocupação e sinceridade. Ela assentiu, contendo a vontade de chorar de confusão, de satisfação, de chorar como uma idiota pelo prazer que ele acabara de lhe dar. Para literalmente chorar em torno de seu pênis. — Você não está ferida, está?

Ele estava brincando com as cordas do coração dela, e ela as sentia doer no peito. E quando ela olhou através de seu pelo e seus cílios para descobrir que seus olhos brilhantes eram rosa, ela as sentiu puxando com mais força.

Não é justo que ele seja tão doce.

VINTE E OITO

Orpheus acordou com uma dor terrível na virilha. O tipo que era proeminente e perfurava seu pênis, incapaz de ser ignorado. Ele manteve sua visão escura, mas sua mente estava acordada.

Ele ofegou, puxando a suavidade e o calor que era Reia em seu abraço mais perto, esfregando seus quadris contra seu traseiro rechonchudo. Apenas aquele golpe simples foi o suficiente para fazê-lo estremecer.

Ela adormeceu em seus braços não muito depois de terem feito sexo e ele a apertou contra ele, contente com ela dormindo em seus braços, em sua cama, sob suas peles, nua e mole de prazer contra ele. A respiração fraca dela o embalou, o leve batimento cardíaco sentido nas costas e irradiando para o peito dele foi reconfortante.

Ele deveria estar dormindo ainda, mas estava inquieto.

A cada inspiração, ele sentia o perfume de sabugueiro e rosas vermelhas, mas isso era apenas a base. Havia o cheiro de sua doce excitação, seus orgasmos picantes misturados com seu lubrificante e sua semente. Ela era uma mistura emaranhada de aromas que diziam a ele em cada ingestão que ele tinha acabado de foder com ela.

O fedor estava deixando-o louco. Ela estava marcada em sua evidência, no cheiro de seu corpo e gozo, e ele queria *mais*.

Orpheus sibilou quando seus quadris se moveram incontrolavelmente para frente, seu pênis buscando o conforto do calor e as paredes internas o protegendo.

Ele moveu o braço de cima dela e agarrou-o. *Eu extrudi*. Em seu sono, bombardeado por diferentes sensações, seu pênis havia se estendido além de seus tentáculos que não o seguravam.

Doía de uma forma que nenhum humano poderia entender. Havia uma razão para seus tentáculos segurarem seu eixo para trás. Não gostava de ficar descoberto por longos períodos de tempo e exigia o calor úmido deles ou ser enterrado em sua fenda, ou na dela, e doía ficar desprotegido por tanto tempo sem estímulo para fazer seu lubrificante vazar. Ele só podia imaginar quanto tempo ele tinha estado ingurgitado e livre.

Seu corpo estava excitado por ter sentido Reia finalmente, por estar conectado a ela e por ela querer compartilhar seus corpos.

Mas ela estava dormindo, e ele estava envergonhado por ter se permitido chegar a esse estado profundamente excitado quando ela pode se sentir vulnerável.

Usando a palma da mão, ele afastou os quadris dela e começou a empurrar para baixo. Ele segurou seus gemidos enquanto tentava conter seus estremecimentos de repulsa pelo que estava fazendo. Uma dor desconfortável irradiava por sua virilha e seu pênis protestava.

Ele estava muito inchado para fazer isso, muito forte, mas empurrou para baixo de qualquer maneira. Seus tentáculos se contorceram, tentando ajudá-lo e esperando que ele empurrasse para baixo o suficiente para que pudessem abraçá-lo até a cabeça.

A tensão estava enrijecendo seus músculos, fazendo seu pelo e barbatanas levantarem.

Não houve suspiro de alívio quando eles o envolveram completamente. Não quando a base estava colocando forte pressão em suas entranhas atrás de sua costura.

— Orpheus? — ele ouviu a voz sonolenta e grogue dela perguntar.

— Desculpe, — ele murmurou, enxugando a mão no pelo da coxa para remover o lubrificante dela, que estava mais grosso do que o normal por ter secado, para que ele pudesse esfregar o braço dela suavemente. — Eu não queria te acordar. Volta a dormir.

Não quero que ela saia dos meus braços. Ele queria que ela ficasse aqui mais do que qualquer coisa para que ele pudesse segurá-la.

— Há algo de errado? — Ela rolou ligeiramente girando de costas.

Ele teve que abaixar os quadris para trás, para que ela não sentisse que seu pênis ainda estava parcialmente extrudado ao longo de seus tentáculos que lutavam para mantê-lo para trás.

— Nada é o problema. — Ele cegamente abaixou a cabeça para acariciá-la, não ousando abrir a visão.

— Então por que você está tremendo?

Isso porque ele estava lutando contra seu próprio corpo.

Sua mão se esticou atrás dela para senti-lo, e seus dedos roçaram a parte de trás de seus tentáculos. Ele esperava que a mão dela recuasse, mas em vez disso ela os acariciou como se estivesse tentando entender se o que ela estava sentindo estava realmente ali.

— Você está excitado? — O coaxar em sua voz o lembrou que momentos antes ela tinha dormido, e a culpa o invadiu ainda mais.

— Sinto muito, — ele se desculpou novamente, abrindo sua visão que era um roxo profundo para que ele pudesse encontrar sua bochecha com segurança e acariciar seu focinho contra ela. — Volte a dormir. Eu não vou tocar em você. Eu gostaria de continuar segurando você enquanto você descansa.

Não havia velas acesas, e a única coisa que ela poderia ver era o brilho de seus orbes destacando seu crânio.

Ela estendeu a mão para segurar seu focinho, passando a mão para cima e para baixo em seu comprimento.

— Gostei de você dentro de mim, — ela disse a ele, e seu pênis quase disparou para frente, fazendo seu corpo sacudir quando os tentáculos puxaram para lutar contra ele. Ela virou a cabeça e beijou o outro lado do rosto dele. — Se você quiser, você pode.

— Mas você estava dormindo, Reia, — ele disse, inclinando a cabeça em confusão.

— Eu não me importo. — Ela o beijou novamente, seus lábios macios contra as presas de sua boca. — Você não precisa ser tão hesitante comigo, Orpheus. Sempre que você me quiser, me leve. Eu quero você.

— A qualquer momento? — ele perguntou, deslizando os braços ao redor dela enquanto se aproximava.

— Quando você quiser. Se eu não quiser, eu vou te dizer.

A qualquer hora... Quando eu quiser? Orpheus gemeu, rolando para a frente até ficar deitado por cima, com o rosto dela no estômago. As pernas dele estavam ao redor das dela, que estavam retas e presas entre as coxas dele.

— Que tal agora?

Ele passou a língua por entre as omoplatas dela e para cima até que ele estava deslizando sobre seu pescoço e o canto de sua

mandíbula.

Ela abriu as coxas tanto quanto as dele permitiam, deixando um pequeno espaço para se apresentar. Então ela rolou os quadris para trás, acariciando a parte de trás de seus tentáculos com a fenda de suas bochechas.

— Sim.

Dentro. Eu preciso estar dentro. Ele ergueu seu corpo o suficiente para poder ver enquanto olhava para o vale de seus corpos. *Eu preciso de sua boceta perto de mim.* O quente, úmido e ondulante poço de sua vagina. Ele precisava disso para confortá-lo, para cuidar de seu pênis dolorido.

Ele abaixou os quadris até que as pontas de seus tentáculos estivessem na entrada dela por trás. Suas mandíbulas se separaram quando ele soltou um suspiro trêmulo quando eles se soltaram apenas o suficiente para que seu pênis pudesse começar a se estender lentamente - direto para o corpo dela.

Seu canal estava apertado, confortável e inchado, mas ela soltou um pequeno grito de necessidade quando ele lentamente se esticou e a encheu.

— Reia, — ele gemeu quando estava totalmente estendido e precisava empurrar seus quadris para frente para que pudesse afundar completamente.

Ele estremeceu enquanto ela gemia, quando ele estava totalmente dentro. Ele abaixou seu corpo para que pudesse envolver seus braços debaixo dela para segurá-la para ele.

Um deslizou de seu lado e através do vale de seus seios para que ele pudesse segurar sua garganta e mandíbula suavemente em uma tentativa de apoiar sua cabeça nesta posição. A outra agarrou seu quadril do outro lado.

Ele queria cobrir cada centímetro de seu corpo, envolvê-lo completamente em sua força e ser gentil em contraste. Para tê-la sob ele como se fosse um escudo para ela do mundo exterior.

Ela é tão preciosa. Seu coração, sua mente, seu corpo, sua *alma*, e ele queria tocar tudo isso. Ele sentiu como se a única maneira de conseguir isso fosse se ele estivesse dentro dela assim. Onde nenhum

dos dois sabia onde terminava um e começava o outro.

Sua mente estava nebulosa quando ele começou a recuar tanto quanto seus tentáculos envolvendo seus quadris permitiam que ele fosse. No entanto, ele não queria ficar frenético com ela desta vez, não queria bater nela como antes.

Ele queria ser lento, dar-lhe estocadas profundas para que ela pudesse sentir tudo dele, cada centímetro grosso, cada babado, a cabeça de cogumelo deslizando ao longo de suas paredes. E ele queria sentir sua boceta, a umidade dela, as ondulações de sua textura que nunca seriam iguais a outra, as protuberâncias e como ela crescia ao redor dele.

Como vibrava com seu batimento cardíaco e o prendia mais e mais como se suas paredes internas quisessem chupar seu pênis de volta quando ele se retirava. Aquele sentimento era intenso, como se ela não quisesse deixá-lo ir, queria que ele ficasse dentro, queria que ele ficasse lá para sempre.

Seus gritos eram silenciosos, suaves e agudos, mas pareciam perdidos.

Ela não precisava fazer nada, ele estava apaixonado por isso e não queria que ela o fizesse. Ele só queria que ela gostasse dele tomando-a, queria que ela ficasse relaxada para que ele pudesse brincar com suas entranhas enquanto ela sentia tudo.

Suas mãos se moveram para que ela pudesse agarrar as peles debaixo dela, e ele a deixou, sabendo que ela precisava de algo para se segurar. Mas ele manteve os quadris dela baixos quando ela tentou empurrá-lo para trás e girá-los em troca.

Seu peito estava apertado de emoção.

Minha, ele rosnou internamente para si mesmo. Ele queria isso para sempre. Ele queria mantê-la eternamente, abraçá-la assim. Para tocá-la, provocá-la, cuidar dela, fazê-la gemer, mas também rir e sorrir.

Ele queria amá-la, queria saber como era isso. Ele queria que ela o ensinasse a amá-la.

Ela começou a se aproximar dele e o sentimento era puro, absoluto êxtase. Sua boceta o apertou enquanto se abateu sobre ele com uma pressão inacreditável, espasmos descontroladamente,

enquanto tentava ordenha-lo.

Eu quero ela. Sua voz, seu cheiro, seu gosto, a visão que era sua beleza. *Eu preciso da alma dela.* Ele ansiava por ela.

Ele veio um pouco mais forte, o verde piscando em sua visão. *Eu preciso disso.* Seu corpo era dele, ele sabia enquanto acariciava suas paredes com seu pênis, mas queria mais do que isso.

A mão que segurava seu quadril abaixou para que ele pudesse segurar onde ele estava empurrando e segurar suas dobras e boceta na palma da mão. *Isso é meu. Só eu posso tê-lo agora.* Um tremor rolou por ele enquanto seus olhos brilhavam verdes novamente e cada estocada trazia uma batalha em sua visão.

O roxo profundo do desejo e o verde brilhante da posse.

Ele cavou as pontas dos dedos em sua pele tanto ao redor de sua mandíbula quanto em sua boceta, suas garras cavando em seu traseiro rechonchudo enquanto sua mão grande alcançava todo o caminho de volta.

Verde venceu e ele deslizou sua língua sobre sua bochecha enquanto ele entrava com mais força e mais fundo do que nunca, moendo seu corpo em ondas pesadas.

— Sua boceta é minha, — ele rosnou, sua respiração ficando mais rápida enquanto a luxúria possessiva e agressiva assumia o controle. — E vou enchê-la com minha semente todos os dias.

— Oh, Orpheus, — ela gemeu, sua cabeça inclinada para trás enquanto suas paredes internas se contraíam.

Seu nome cantou em seus lábios com um gemido que quase o derrubou.

— Diga-me que posso, Reia, — ele exigiu, os sinos que ela tinha dado a ele começando a tocar agora que seu corpo estava se movendo mais em suas pancadas dissonantes. — Diga-me que eu posso, posso foder, posso dar meu sêmen para segurar. Posso usá-la para fazer você gozar e gritar por mim. Que é minha para dar prazer a você.

Os nós dos dedos dela ficaram brancos quando ela agarrou as peles da cama, seu corpo tremendo e se contorcendo quando ela começou a gozar novamente, ordenhando-o em pinças ferozes que exigiam o que lhe era devido.

— Oh Deuses! — ela gritou.

— Não há Deuses em um lugar profano como o Véu, Reia. — Sua mão ao redor de sua mandíbula se moveu para cima para que ele pudesse deslizar duas garras e pontas dos dedos em sua boca, mantendo-a aberta para que ela falasse mais alto. — Agora me responda.

Ele precisava que ela lhe contasse. Ele precisava saber que era dele mesmo que ela não lhe desse sua alma. Que ele possuía algo dela por enquanto. *Por agora.*

— Sim. Sim! — ela gritou em torno de seus dedos. — É sua.

Ele soltou a boca dela e moveu a mão de volta para onde estava antes, embalando a cabeça dela para que ela não fosse inclinada para trás de forma estranha.

Ele continuou a se mover, continuou a empurrar dentro dela até que sua espinha formigou e seus tentáculos se apertaram mais, tornando impossível para ele recuar, mesmo que ela quisesse.

Ele empurrou profundamente, sentindo o anel de seu colo do útero pressionar firmemente contra a ponta de seu pênis. Seu corpo tremeu quando suas protuberâncias apertaram e puxaram para dentro, e então ele gemeu quando começaram a se esvaziar em seu canal.

Ele bombeou seus quadris levemente, tanto quanto podia, enquanto o prazer esmagador tomava conta de sua virilha. *Tão bom, é tão bom.* Cada rajada fazia seus quadris se contraírem, suas pernas tremerem, seus braços tremerem ao redor dela.

Seu canal se encheu e transbordou. Ele não deu a ela tanto quanto antes, mas sua semente de antes ainda estava presente e se misturou com as novas cargas que ele deu a ela.

Caindo para o lado quando terminou, ele a arrastou com ele para agarrá-la em uma necessidade desesperada de abraçá-la enquanto sua luxúria se desvanecia em ternura. Ele fechou a visão enquanto arfava com tremores secundários contraindo-o.

Eu esperei eras por ela.

Para esta mulher que tinha visto Orpheus pelo que ele era, quem ele era, e ainda o queria. Por esta criatura maravilhosa que o estava aceitando e permitindo que ele fosse ele mesmo enquanto

lentamente mostrava isso a ela. Para ser saudado de volta, em vez de recuar.

Cada oferenda, cada humano antes dela, era um inevitável passo desastroso para que ele pudesse possuí-la.

Por toda a dor que sentiu, a solidão, toda a perda e tristeza, ele estava começando a sentir que tudo valeu a pena apenas para que ele pudesse ter sua pequena corça plácida, bem-prazerosa e relaxada em seus braços.

VINTE E NOVE

Reia acordou lentamente de seu sono, diferentes partes de seu corpo dizendo que ela precisava acordar.

Seu estômago roncou levemente, dizendo que ela não comia há uma eternidade. Sua garganta que estava ressecada e precisava de hidratação. Sua bexiga que estava começando a ficar desconfortável. Sua mente que sabia que ela estava dormindo muito mais tarde do que normalmente.

Ela piscou preguiçosamente abrindo os olhos para descobrir que o quarto estava iluminado. Era tarde. Tão tarde, na verdade, ela sabia que o sol já teria saído do jardim há muito tempo, e ela havia perdido a chance de se sentar nele para o café da manhã.

Merda, é como se eu ainda pudesse senti-lo. Havia uma pressão em sua entrada, dentro de seu canal, e ela se contorceu levemente.

Ela fez uma pausa quando aquela pressão *se agitou*.

Ela olhou para baixo para encontrar tentáculos roxos escuros e pretos enrolados firmemente em torno de seus quadris nus. Ele ainda *estava* dentro dela! Não parecia difícil, como se estivesse apenas descansando lá.

Fechando os olhos com força, ela levou as mãos à boca para cobri-la. *Oh Deus, eu fiz sexo com ele... Duas vezes!* Ela sabia muito vividamente que tinha pedido nas duas vezes, mas estava meio adormecida na segunda vez, e seu corpo ainda cantava desde a primeira.

Eu disse a ele que ele poderia me levar quando quisesse.

Ela esperava não ter se arrependido disso. Ela se sentiu bastante próxima dele dormindo em seus braços depois de serem íntimos. Ela se sentiu quente e confusa. E saber que ele estava lutando só porque não queria incomodá-la consigo mesmo, com suas necessidades, fez seu coração quase doer em seu maldito peito.

Desde que Orpheus a trouxe aqui, era sobre o que ela queria, quando ela precisava de alívio. Em seu coração, ela sabia que não queria mais isso. Não era justo. Se ela podia tê-lo sempre que quisesse, então não era igual para ele poder fazer o mesmo?

Ela gostava de cada toque, e ela... adorava fazer sexo com ele. Havia algo nisso que a fazia se sentir tão conectada a ele, a outro ser. Parecia que ele fazia parte *dela*.

Ela olhou para baixo mais uma vez. *Acho que ele ainda faz parte de mim.*

Havia outra sensação vibrando através dela, uma que estava tentando convencê-la a nunca deixar este abraço. Um ronronar profundo e quase silencioso ressoava de seu peito contra as costas dela, dizendo que ele estava adorando esse abraço íntimo tanto quanto ela.

A cabeça dele estava acima da dela, encostada no travesseiro dela e não no dele, e quando ela virou a cabeça o suficiente, ela pôde ver que os olhos dele eram azuis.

— Você está acordado? — ela perguntou, sentindo a respiração lenta e constante dele expandindo seu peito e pressionando contra ela, fazendo-a pensar que ele estava dormindo.

Ele levantou a cabeça e lambeu sua bochecha.

— Faz bastante tempo.

Suas bochechas queimaram com o calor, e ela abaixou a cabeça.

Ele ficou comigo assim por um tempo? Minutos? Horas? Há quanto tempo Orpheus estava acordado, desfrutando dela assim?

— Como você ainda está dentro de mim? Não costuma voltar para dentro de você?

Ele lambeu atrás de sua orelha desde que ela escondeu o rosto.

— Desde que esteja abrigado em algo quente e úmido, não importa onde esteja. Você disse que eu poderia estar dentro de você sempre que quisesse. Eu escolhi descansar com ele em você.

Ele não estava sendo sexual. Era estranho, mas essa era uma das coisas mais doces que ela já tinha ouvido ou experimentado.

Era possível alguém foder o coração de alguém? Porque parecia que ele tinha feito isso. Emoções, mais fortes do que nunca, estavam girando dentro dela. Aquelas que não tinham sido tão prevalentes antes da noite passada.

Ele lambeu atrás da orelha dela novamente, mas virou a cabeça para seguir ao longo da profunda cicatriz atrás dela. Ele então agarrou

o joelho dela onde estava a outra cicatriz.

— Por que você tem essas cicatrizes? — Sua voz estava misturada com curiosidade, e ela sabia que um dia ele iria perguntar a ela sobre elas.

Ela só não achava que seria agora.

— E-eu não quero falar sobre isso — ela murmurou.

— Por que não?

— Porque não é legal e não quero estragar isso.

Ela estava gostando do abraço deles. Ela não queria trazer lembranças terríveis.

Um grunhido profundo começou a sair dele, e ele deslizou a mão para a frente para segurar a bochecha dela que estava descansando contra o travesseiro para virar o rosto para ele. Ele estava inclinado sobre ela, seus olhos já começando a brilhar em um leve vermelho.

— Alguém te machucou, Reia?

Ela suspirou, não vendo como escapar disso.

— Eu disse a você que os aldeões me chamavam de precursora de maus presságios. Bem, alguns deles pensaram que seria uma ideia fantástica jogar uma grande pedra em mim. Ela me atingiu na cabeça. Eu desmaiei e cortei meu joelho quando caí no chão.

— Seu próprio povo te machucou? — ele rosnou, seus olhos brilhando em carmesim.

— Está tudo bem, Orpheus. — Ela colocou a testa contra ele. — Foi há muito tempo. Aqueles homens eram babacas de qualquer maneira.

Isso não o acalmou, não fez seu peito parar de roncar com aquele barulho agressivo. Ela já sentia falta de seu estranho ronronar.

— Você é preciosa. Ninguém tem permissão para te machucar. Posso matá-los para você, se quiser.

Reia riu, estendendo a mão para acariciar sua mandíbula por baixo.

— Você poderia? Eu realmente gostaria disso.

O humor dela o alcançou, e ele bufou alto de irritação.

— Se você quiser, eu vou. Eu farei qualquer coisa por você.

Oooo, vocês não sabem o que está por vir! Porque Reia estava pensando seriamente nisso. Não foi a primeira, nem a última vez que aqueles três homens a aterrorizaram. Homens *adultos* quase da mesma idade que ela, e ela os desprezava por tudo que haviam feito.

Eles jogaram comida nela em vez de dar a ela como deveriam. Jogaram água nela. Pregaram a casa dela para que ela não pudesse entrar quando estava escuro e perigoso ficar do lado de fora, mesmo na aldeia.

Eles a provocaram e intimidaram implacavelmente, dizendo que sua família estava morta. Zombando dela, de suas mortes, fingindo ser sua família enquanto um deles fingia ser o Demônio matando e comendo-os. Sempre que eles mencionavam seu irmãozinho, fingiam chorar e lamentar, isso sempre a enchia de tanta raiva que ela tentava lutar contra eles.

Claro, então ela seria repreendida por gritar e tocar nos outros - mesmo que fosse em retaliação.

O pai do líder do grupo foi um dos homens que viajaram com ela e morreu um dia depois que seus pais foram comidos. Eles a culpavam por isso.

Ninguém na aldeia fez nada para detê-los, e alguns até riram enquanto o faziam. Alguns desaprovavam, mas isso era mais porque eles estavam preocupados em perturbar o universo por causa do que eles acreditavam que ela era.

Ainda não consigo acreditar que ser uma precursora não é real.

Seu estômago escolheu aquele momento para ser o mais barulhento possível e roncou como o de uma profunda tempestade estrondosa.

— Você está com fome, — ele disse, e seus tentáculos começaram a se soltar dela para que ele pudesse se retirar.

Espere, não. Reia não se importava com seu estômago naquele momento, mas ele saiu dela antes que ela pudesse impedi-lo. Seu coração afundou com a perda que sentiu.

Ela se sentou e se virou para encará-lo quando ele começou a se levantar. Ela guinchou, ficando rapidamente de joelhos para apertar as pernas dobradas enquanto se sentava nos tornozelos. Ela agarrou suas

coxas, recuando com a sensação que sentiu.

— Reia? — ele rapidamente questionou, ajoelhando-se na cama com o som que ela fez e de como sentou rapidamente. — Algo está errado?

Merda. Como ela deveria explicar que ela podia sentir a semente dele saindo dela!? Que ela reagiu ao fato de seu corpo deixá-la ir agora que ele saiu dela e estava fazendo uma bagunça entre suas coxas que parecia uma sensação de cócegas.

— Estou bem, — ela riu, olhando para a virilha dele enquanto ele estava ajoelhado na cama, e quase terminou com uma risadinha.

Embora ainda bastante grande, seu pênis estava flácido, seus tentáculos também. *Que bonitinho*. Não parecia o monstro que a fez derreter tanto que ela sentiu como se fosse sair de sua própria pele.

Os tentáculos já estavam se movendo ao redor dele para protegê-lo e eventualmente escondê-lo.

— Então o que há de errado? — Ele estendeu a mão por cima da cama, virando a cabeça para o lado, enquanto colocava o dedo indicador e o dedo médio em sua bochecha no que ela pensou ser preocupação. Ela apenas se encolheu, fechando os olhos com força, porque podia sentir outra massa saindo dela e queria morrer de vergonha. — Eu te machuquei ou te chatee?

Ela balançou a cabeça.

— Eu realmente preciso de um banho. Fizemos uma bagunça.

Bem, ele fez a bagunça. Ela estava atualmente vivendo o pesadelo emocional disso.

— Não ligue para a bagunça — ele riu. Só porque não era ele quem estava lidando com isso! — Você deve comer primeiro. Você está com tanta fome que seu estômago está fazendo barulho. Além disso, gosto de você coberta com minha semente, marcando você com meu cheiro de sexo.

Alguém, por favor, me mate. Suas bochechas estavam tão quentes que ela sentiu como se até suas orelhas estivessem pegando fogo.

— Por que você é tão travesso às vezes? — ela gemeu.

Quando a sensação finalmente cessou, ela relaxou o suficiente para abrir os olhos.

Seus orbes brilharam em branco e ele encolheu um pouco.

— Você não gosta?

— Eu não disse isso. — Ela balançou a cabeça com uma gargalhada. — Eu gosto muito. É que você não costuma falar assim, mas é muito safado quando o assunto é sexo. Não entendo por quê.

Ele se inclinou para frente para bater com o focinho na têmpora dela.

— Estamos compartilhando corpos. Por que não posso compartilhar meus pensamentos também? Você aceita meu desejo por você, e eu gostaria de dizer o quanto eu quero você para que você saiba.

Ele está apenas compartilhando seus sentimentos? Seus lábios se curvaram, incapaz de esconder o sorriso de suas feições.

— Eu gostaria que você fizesse o mesmo. Gostei de ouvir você dizer que queria meu pau.

— Sinto muito, mas acho que não posso fazer isso. — Ela mal conseguia pensar na noite passada porque era tão bom, e ela sempre teve dificuldade em pedir para ser tocada. Não parecia natural.

Reia só queria que isso acontecesse, por isso ela disse a ele que ele poderia tocá-la sempre que quisesse.

Orpheus riu enquanto lambia sua bochecha.

— Bem, se você quiser, saiba que eu quero muito ouvir você falar '*malcriado*' comigo.

Quase parecia que ele estava zombando dela!

— Ok, eu entendi! — ela gritou quando empurrou a cabeça dele. — Comida. Sua humana gostaria de comida agora!

Ele se recostou e deu-lhe um xingamento, como se estivesse gostando disso.

— Você fica e descansa, então. O que você gostaria de comer?

— Framboesas e morangos? Posso tomar um pouco de água também?

— Sim. Vou garantir que você consiga tudo o que precisa. — Então seus olhos começaram a ficar rosa-avermelhados. — Você não está dolorida ou machucada, está? Eu não queria ser tão rude.

— Não, Orpheus. Estou bem, juro.

Ela estava um pouco sensível, mas nada que ela realmente pudesse reclamar. Mais do que tudo, eram as pernas que doíam por estarem esticadas ao redor de sua cintura larga. Ele era maior que ela em todos os sentidos, e seus corpos não combinavam perfeitamente, como evidenciado pelo fato de que ele precisava mudar a porra do corpo dela para caber dentro!

Ele recuou da cama, permitindo que ela ficasse ajoelhada nela, e caminhou até o pé dela para pegar suas calças.

Oh meu Deus! Reia começou a rastejar para a frente enquanto estendia a mão para ele. *Ele tem rabo!* Tinha cerca de trinta centímetros de comprimento e era enrolado como um cervo.

Ele virou a cabeça para trás e bateu na mão dela!

— Não toque, — ele advertiu.

— Mas você tem um rabo!

E parecia tão macio e fofo.

— Você pode tocar em qualquer lugar que quiser, menos no meu rabo. — Ele estendeu a mão para pegá-lo e escondê-lo dela.

Reia fez beicinho enquanto olhava para ele.

— Isso se move?

Imaginar Orpheus abanando o rabo quando excitado era incrivelmente adorável.

— Só quando irritado ou meu corpo está perturbado, — ele respondeu sombriamente. — E é muito sensível. Eu sinto isso na minha espinha.

Ela se perguntou se ele quis dizer perturbado como quando ele estava tremendo. *Ele mexeu quando ele gozou?* Ela pensou que poderia ter sentido algo vibrando contra seu pé.

— Então, isso te incomoda? Como quando você faz cócegas nos meus pés na banheira, eu peço para você parar e você não para?

— Mas isso faz você rir, — ele respondeu simplesmente, enfiando a perna na calça antes da outra. — E eu gosto quando você ri.

— Mas é uma risada de tortura!

Ele deu uma risada calorosa. — Eu sei.

Desgraçado. Ela fez beicinho ainda mais e cruzou os braços sobre o peito. Foi quando ela se lembrou que estava nua enquanto seus

seios deslizavam desajeitadamente entre eles. Ela deu de ombros, descarada na frente dele.

— Descanse, Reia. Eu retornarei.

Ele saiu, deixando-a sozinha para refletir sobre tudo.

Ela se levantou para ir ao penico para esvaziar sua bexiga desconfortável. Ela colocou a tampa de volta em cima, lavou as mãos e pensou enquanto voltava para o quarto dele e sentava na beirada da cama.

Eu tenho um Caminhante do Crepúsculo grande e assustador que está disposto a se vingar por mim, um homem travesso feliz em arruinar minhas entranhas e uma criatura estranha que na verdade é um amor. Ela soltou um suspiro satisfeito. *Tenho uma casa quentinha, aconchegante e com tudo que eu poderia precisar ou desejar, com um lindo jardim com comida só para mim.*

O que mais ela poderia querer? Liberdade? *Mas não estou tecnicamente livre aqui?* Reia poderia fazer o que quisesse, ir aonde quisesse, desde que estivesse dentro dos limites de segurança deste lugar.

Ele me levou para a Vila dos Demônios. Eu me pergunto se Orpheus um dia se sentiria confortável em me levar acima da superfície para que eu pudesse viajar. Era possível.

Se ela ficasse boa com sua espada, realmente boa, ela pensou que poderia convencê-lo. *Se eu puder provar que posso enfrentar um Demônio forte, aposto que ele se sentiria confiante.*

Ela não tinha medo deles, e com Orpheus ao seu lado protegendo-a, ela duvidava que estaria em algum perigo real. *Talvez seja por isso que a Bruxa Coruja me deu aqueles livros.*

Talvez ela pudesse usar um dos contos infantis heróicos para provar a ele que ela poderia ser tão corajosa e forte quanto os heróis dentro deles. O livro de informações sobre as criaturas permitiria que ele soubesse que ela compreendia os perigos.

E aquele livro de treinamento de espada... Deve ser por isso que ela me deu. Reia ficaria com Orpheus se ele permitisse que ela viajasse.

Talvez não longe, mas o suficiente para que ela visse um pouco do mundo. *Mas eu já vi mais do que qualquer humano jamais verá.*

Ela gostaria de voltar aqui. Ela gostava da casa deles. Mas ser

capaz de deixá-la *com* ele parecia um futuro maravilhoso.

Ele... Ele disse que poderia se eu lhe desse minha alma. Ela poderia fazer isso? *Não sei se quero viver para sempre.* Parecia muito longo, e ela mal havia gostado de sua vida até agora.

No entanto, dentro de sua mente, ela sabia que poderia viver com Orpheus por toda a eternidade. Se ele era assim, carinhoso, atencioso, travesso, então ela não achava que poderia se cansar dele.

Eu não quero mais sair. Não depois da noite passada, não depois de quão especial e prazerosa ela podia se sentir.

Então, onde isso a deixava? O que aconteceria se Reia comesse a ficar velha e grisalha? *Será que ele não iria me querer mais?* Seu estômago revirou. Talvez ele queira apenas um humano jovem e de aparência jovem.

Ele me comeria então? Abandonaria-me? Seu estômago revirou ainda mais com a ideia de que ele permitiria que ela morresse pacificamente aqui, mas obteria um novo humano. *Merda... Por que a ideia de Orpheus estar com outra dói?*

Orpheus voltou com uma tigela cheia de frutas e um copo d'água. Ela pegou dele com um sorriso fraco enquanto uma pontada dolorida permanecia em seu coração, bebendo a água primeiro.

Não quero perguntar a ele o que eu teria que fazer para dar a ele minha alma, o que aconteceria comigo. Ela não queria criar esperanças quando ela estava com muito medo disso.

Ela também não queria saber as respostas para suas outras perguntas. Eles estavam em um futuro muito distante. Ela não deveria insistir neles por enquanto.

— Enquanto você come, vou me lavar e depois encher a banheira para você.

Ela fez uma pausa com uma colher de framboesas quando ele estava saindo novamente. Ela sabia que ele devia usar a banheira considerando o quão grande ela era, mas ela nunca soube quando ele estava.

Quando ela terminou, ela colocou tudo na mesa lateral mais próxima a ela, então olhou para seu corpo.

Eu me sinto muito pegajosa e viscosa. A parte interna de suas

coxas estava coberta de sêmen.

Não demorou muito para tomar a decisão de caminhar até o banheiro e espiar lá dentro.

Estava escuro. Ele ainda não tinha acendido nenhuma das velas, e a única luz vinha do corredor quando ela abriu a porta.

Ela pegou seus orbes brilhantes e ouviu o tilintar dos sinos, a única indicação de que ele inclinou a cabeça desde que estava de frente para ela.

— Há algo de errado?

— Eu realmente quero um banho. Se você não se importa, posso entrar com você?

Seus orbes ficaram amarelos, e ela se perguntou se era de felicidade ou curiosidade.

— Se você gostaria.

Ela não hesitou. Ela abriu mais a porta, permitindo que mais luz entrasse para que ela pudesse ver. Ela se aproximou e deslizou para o lado oposto para encará-lo.

Ele moveu as pernas para o lado para permitir que ela ficasse entre elas e manteve a cabeça inclinada enquanto ela se acomodava. Seu corpo estremeceu com os arrepios que surgiram em sua carne com o calor delicioso.

Isso relaxou seus músculos doloridos e ela derreteu na água que estava muito mais alta do que o normal. Chegou até a clavícula, quase submergindo-a completamente, quando normalmente chegava apenas à altura do peito.

— Por que você está no escuro?

— Porque eu posso ver.

Ah, isso faz sentido. Ela inclinou a cabeça para trás para molhar o cabelo.

— Se... Se vamos fazer o que fizemos ontem à noite de novo, talvez você deva começar a fazer seu feitiço pela manhã. — Se havia a possibilidade de ficar coberta de sujeira durante a noite, ela não queria tomar dois banhos, um para a limpeza real e outro para o feitiço. Dois pássaros, uma pedra.

— Podemos fazer isso, mas não posso fazer agora — respondeu

ele. — O óleo gruda no meu pelo e não gosto. Farei isso assim que sair da água.

Ela assentiu, feliz com a resposta. Além disso, a ideia de ele dar banho nela enquanto estava na água com ela poderia ser demais. Ela já ficava excitada quando ele não estava, e ela pensou que se ele estivesse, ela provavelmente pularia nele, e ela estava um pouco cansada.

Reia olhou para ele, seus pensamentos anteriores ainda girando em seu crânio. Eles estavam lhe dando uma leve dor de cabeça, e ela mordeu o lábio inferior até que sentiu ele segurar uma de suas panturrilhas.

— Orpheus... — ela começou hesitante, sem saber se deveria fazer sua pergunta. *Mas eu quero saber.* — O que aconteceu com a mulher que ficou com você aqui?

— Ela se foi. Isso é tudo que importa.

— Por favor? Eu quero saber sobre ela. Como ela veio parar aqui. Você construiu esta casa para ela... — Ela gesticulou para as paredes ao seu redor. — Quero saber por que ela se foi.

Por que ela não te deu sua alma?

Isso era o que ela realmente queria saber.

Sua cabeça virou para o lado para desviar o olhar, antes de apontar para baixo e depois para frente mais uma vez.

— Não sei por que ela se foi — disse ele. Seus olhos ficaram azuis e começaram a escurecer. — E foi há muito tempo, Reia.

— Bem, como você acabou trazendo ela aqui em primeiro lugar?

— Eu era como o Mavka que foi para a vila do Demônio conosco quando a encontrei. Foi há quase duzentos anos, e eu estava... caçando humanos especificamente. Percebi que poderia ganhar humanidade comendo sua espécie e queria mais disso. Reia, eu...

Ele ficou em silêncio, lutou para continuar enquanto aquele rosa avermelhado de vergonha brilhou em seus orbes antes de voltar para o azul profundo. Ela levantou a perna e colocou-a em cima da dele, mostrando ao tocá-lo que estava tudo bem.

— Continue, Orpheus. Não vou julgá-lo, não importa o que

aconteça.

— Eu... eu não estava bem, Reia. Cacei muitos humanos. Procurei casas sozinhas porque sabia que seriam muitas e entrei nelas para devorar todos lá dentro. Quando entrei na casa dela, encontrei-a sozinha. Ela não cheirava a medo e segurava uma faca com a intenção de tentar me matar porque me viu chegando. — Ele colocou a mão na canela dela, esfregando-a como se estivesse tentando acalmar a si mesmo e não a ela. — Ela não teve a chance de tentar. Minha curiosidade sobre ela foi a única razão pela qual não a comi. Eu nunca havia encontrado um humano sem medo antes e não entendia por que não conseguia sentir o cheiro. Por que ela não estava me deixando com fome.

Ele soltou um suspiro pesado e trêmulo antes de continuar.

— Eu queria levá-la comigo de volta para minha casa, e ela não lutou comigo. Quando perguntei a ela sobre isso mais tarde, ela disse que era porque não queria morrer. — Ele deu uma risada que não tinha humor. — Ela não sangrava como você. Não sei por que, mas significava que não era obrigado a comê-la uma vez por mês. Eu estava muito curioso sobre ela.

Ela não sangrava? Ela devia ser infértil.

Mais uma vez, aquele rosa avermelhado brilhou, e ele desviou o olhar de Reia com os dedos cavando em sua perna. Ele embainhou suas garras quando percebeu que as estava cravando nela.

— Ela me deixou fazer o que eu quisesse com ela, desde que eu fizesse coisas para ela. Ela me disse que odiava minha caverna e sentia falta de morar em uma casa, então construí uma para ela. Ela precisava de comida humana, então procurei antes de encontrar sementes, e ela cultivou o jardim. Eu já consegui produzir meu feitiço de proteção, e era do tamanho da clareira em que esta casa está agora. Ela disse que não queria as árvores, odiava ficar no escuro, então cortei até que ela pudesse ver e sentir o sol. Ela nunca deixou as proteções, não tentou fugir. Ela ficou, e eu pensei que era porque ela gostava de mim tanto quanto eu me apeguei a ela. Ela... Foi ela quem me deu meu nome.

Ele ficou em silêncio, e ela podia sentir seu corpo tenso, que ele estava tremendo de aversão à sua própria história.

Foi ela quem o nomeou?

— Está tudo bem — disse ela, dando-lhe um pequeno sorriso de segurança enquanto colocava a mão em torno de seu tornozelo que estava ao lado dela.

Em vez disso, ele gemeu em resposta, inquieto ainda mais.

Ela levou os lábios aos dentes e os mordeu. *Isso está realmente machucando ele.* Ela não podia forçá-lo a continuar, não quando ela podia ver o quanto era.

— Está tudo bem, você não precisa mais me dizer.

— Eu quero, Reia. É que... eu queria a alma dela, e ela disse não. Que ela não estava pronta. Que eu não tinha feito o suficiente para merecê-lo. Ela disse que consideraria se eu a levasse para a Vila dos Dêmonios. Eu tinha saído para ir lá algumas vezes para comprar suprimentos e expliquei o que havia lá. Ela gostava das coisas bonitas que vocês humanos usam, e eu troquei por elas. Eu deixava ela comer o que ela queria porque isso a deixava feliz, e eu gostava de vê-la daquele jeito. Eu não deveria ter feito isso, não deveria tê-la levado lá. Ela foi vista. E embora ninguém tenha tentado tirá-la de mim lá, outra pessoa descobriu que eu tinha uma humana por causa disso.

— Quem?

— O Rei Demônio, — ele respondeu sombriamente. — Ele não gosta de Mavka. Somos fortes e difíceis de matar. Ele não gosta de não poder nos controlar.

— Ele a matou?

Orpheus balançou a cabeça, e ela observou quando uma de suas mãos subiu para cavar em seu peito, suas garras cravando onde estava seu coração.

— Não. Ele ofereceu a ela uma maneira de me deixar, e ela foi com ele. Ela... Ela me disse que me odiava, odiava cada momento comigo. — Ele cavou mais fundo, e ela notou que a água começou a ter gotas de sangue roxo que eventualmente desapareceram. Ela nunca tinha visto seus olhos tão escuros antes, e seu coração doía por ele. — Ela disse que estava tentando descobrir uma maneira de escapar durante os cinco anos inteiros em que ficou comigo.

Reia se arrastou para a frente para poder deslizar os braços em

volta dos ombros dele e abraçá-lo com força.

— Sinto muito — disse ela, enterrando o rosto na pele de seu pescoço. — Isso deve ter sido tão doloroso.

Ele passou os braços ao redor dela e pressionou a parte inferior de sua mandíbula em suas costas.

— O que eu fiz de errado, Reia? Por que ela não quis ficar comigo?

Lágrimas brotaram em seus olhos por ele.

— E-eu não sei. Não posso responder isso para você.

Mas ela gostaria de poder.

Orpheus tinha feito tudo ao seu alcance para fazer esta mulher feliz, mais do que tinha feito por Reia, e ela não conseguia entender por que ela não queria estar com ele. *Sim... e só estou aqui há um mês e meio.* Esta mulher aparentemente passou cinco anos com ele!

Ela agarrou o longo pelo de suas costas, seus olhos cheios de lágrimas se estreitando com despeito, e talvez um pouco de ciúme.

Essa mulher foi quem mostrou a Orpheus o que era toque e sexo, e ela estava com um pouco de ciúme e não parecia apreciá-lo. Depois de uma noite, ela estava perdida.

Bem, estou feliz que ela se foi, então. Desaparecida e morta. Ela estava duzentos anos no passado e poderia apodrecer onde quer que morresse, mas esperava que fosse na barriga de um Demônio. *Seria merecido se ela fosse com o Rei Demônio e fosse comida em vez de 'salva'.*

— Você... — ele começou, cavando as pontas dos dedos na pele de suas costas. — Você vai me deixar também?

Seu coração quase se partiu em um milhão de fragmentos em seu peito.

— Não, Orpheus. — Ela virou a cabeça e pressionou os lábios contra o lado da mandíbula ossuda dele. — Eu quero ficar com você.

— Eu gosto de você, Reia. Você é especial e diferente de todos os humanos que trouxe aqui. Você quer meu toque, deixa-me te abraçar porque você quer. Você é linda, forte e corajosa o suficiente para me enfrentar, mesmo quando estou enlouquecido. Você me protegeu quando todos os outros teriam me deixado ser comido. Eu não quero que você vá embora. Não quero outro humano se você

desaparecer.

Ele não quer outro humano? Isso... Isso significa que ele não me substituiria se eu morresse ou fosse embora? Suas lágrimas finalmente escorreram por suas bochechas, sem entender o que isso significava.

TRINTA

Ela está chateada comigo, pensou Orpheus enquanto andava pela sala de estar, andando inquieto entre as cadeiras e em frente à lareira. Como um cachorro irracional, ele dava voltas como se estivesse perseguindo o próprio rabo.

Um pequeno gemido deixou seu peito. *O que eu fiz errado?*

Fazia cinco dias desde a noite em que compartilharam seus corpos pela primeira vez e ele contou a ela sobre a mulher de séculos atrás.

A cada dia, ela fazia tarefas diferentes, fosse cuidar do jardim ou fazer roupas para si mesma que ele adorava vê-la fazer. Ele gostou das roupas que ela fez para si mesma, nunca tendo visto esse tipo antes, e ela ficava bonita nelas. Elas eram coloridas porque ela usava os corantes que eram muito mais eficazes do que os corantes alimentares que ela usava originalmente.

No entanto, ele não gostou quando ela espetou o dedo na agulha de costura. Ela fazia um barulho de dor, e ele ficava angustiado por ela estar se machucando, apenas para ela rir dele como se ele estivesse sendo bobo.

Ela fez novos enfeites para ele pendurar. Lentamente, ela estava substituindo os que ele havia colocado séculos atrás pela mulher que originalmente os queria. Ela parecia muito empenhada nessa tarefa, querendo ter certeza de que eles iriam embora. Reia iria destruí-los separando-os para que ela pudesse usá-los para novos.

A casa cheirava a comida estranha que ele nunca havia sentido antes, como bolos e *biscoitos*. Ela usou o mel que ele conseguiu para ela em muitas coisas diferentes. Ele aprendeu a não comer nada disso porque era muito doce e machucava seu estômago.

Mas Orpheus queria aprender tudo o que ela fazia, mesmo que não gostasse dos cheiros e sabores, e ela ficava feliz em ensinar e permitir que ele passasse esse tempo com ela.

Ele não a impediu de fazer nada.

Então, tentou refletir sobre o que poderia ter feito para deixar Reia chateada com ele. Ela tinha ido dormir em sua cama quando

passou todas as noites na dele desde aquele dia.

Ele foi dar uma última volta no quintal, certificando-se de que não havia rachaduras no círculo de sal e que as bugigangas murchas ainda estavam boas por mais um ou dois dias antes de precisarem ser substituídas.

Ela estava lendo para ele antes de ele sair, todas as noites repassando uma das histórias daquele livro que a bruxa coruja a orientou a pegar.

Ele pensou que tudo estava bem – apenas para descobrir quando ele voltou para dentro que ela tinha ido dormir, e não tinha sido em sua cama.

Coçando o peito, ele tentou descobrir por que ela não queria abraçá-lo. Ele não podia. Ele não sabia o que tinha feito de errado.

À medida que a noite avançava e Orpheus se sentia inquieto demais para tentar dormir, ele entrou no quarto dela agachado, usando uma das mãos para se firmar.

Ele colocou a parte inferior de sua mandíbula no colchão perto de seu peito, seus ombros apoiados contra a cama enquanto suas pernas estavam ligeiramente viradas. Olhando para ela, ele gentilmente bateu em seu braço.

Ela se mexeu, o rosto franzido antes de abrir lentamente os olhos.

– Orpheus? – ela perguntou, sua voz rouca e sonolenta enquanto ela esfregava um de seus olhos. – O que está errado?

Outro gemido leve veio de seu peito.

– Por que você está com raiva de mim, Reia?

Suas sobrancelhas se juntaram para criar uma pequena ruga entre elas.

– Eu não estou brava com você. Por que você pensa isso?

Ele olhou para ela descansando sob as peles.

– Então por que você está aqui? Você não dorme neste quarto há dias.

Reia gemeu, virando-se de costas enquanto trazia o pelo para cobrir seu rosto.

– Porque estou muito cansada esta noite.

— Eu não entendo.

Ela os trouxe para baixo para espia-lo.

— Se eu dormir com você, você sempre me acorda no meio da noite.

Ele inclinou a cabeça, fazendo seus sinos tocarem levemente.

— Mas você disse que eu poderia fazer isso.

— Eu sei. — Ela soltou uma risada pequena, mas desajeitada.

— E eu gosto disso, mas já fizemos o suficiente hoje e estou muito cansada esta noite. Achei que seria mais fácil se eu dormisse aqui.

Sua visão ficou rosa-avermelhada. *Estou tocando demais?*

Ele não achava que era o suficiente. Orpheus tinha uma fome insaciável de tocá-la, uma necessidade ardente que o consumia constantemente. Ela disse que ele poderia tomar, e ele tomou várias vezes ao dia.

Seu favorito estava sobre a mesa de jantar enquanto ela estava de bruços, porque quando ele a enchia com sua semente, suas pernas se contorciam e chutavam porque estavam livres para fazê-lo. Foi uma sensação estranha senti-la torcer, contorcer-se e mover-se ao redor de seu pênis enquanto ele estava gozando dentro dela.

Ele a levava para onde quer que ela estivesse e achava que ela tinha gostado.

Uma emoção feia atingiu seu peito, como culpa, vergonha ou arrependimento.

— Você prometeu que me contaria se não quisesse.

Ela estendeu a mão para segurar seu focinho afetuosamente.

— E eu vou dormir aqui esta noite. Assim que eu tiver um bom sono, você pode ser tão travesso comigo quanto quiser, mesmo durante a noite.

Esta é a maneira dela de me dizer?

Seus olhos vagaram sobre seu corpo mais uma vez.

— Mas eu não gosto disso. Quero te abraçar enquanto dormimos.

Ela fez um barulho pensativo enquanto torcia os lábios para um lado.

— Bem, acho que se for apenas para me abraçar, tudo bem.

Ela começou a mover as peles para se levantar, e Orpheus disparou para ficar com ela na cama que era pequena demais para ele.

— Você não precisa se mover. Você já está confortável. — Ele se enrolou ao redor dela e puxou-a firmemente contra ele. — Durma Reia. Vou protegê-la e garantir que você não desperte.

Ela se virou para ele e enterrou o rosto em seu peito enquanto o abraçava.

— É melhor você não dormir em cima de mim, Orpheus. Você é pesado.

Então ela estava dormindo, e Orpheus sentiu como se o mundo estivesse certo mais uma vez.



Reia balançou sua espada no ar, sentindo-se desequilibrada.

Ela disparou para o lado onde havia um toco com um livro sobre ele, uma pedra segurando as páginas abertas para que o vento fraco não mudasse a página.

Ela pressionou os dedos no livro, evitando que a página soprasse para que ela pudesse lê-lo corretamente. *Oh, tudo bem. Então, eu estou balançando muito alto.*

Afastando-se do guia de treinamento de espada para abrir espaço para si mesma, ela ajustou seu aperto ligeiramente. Então ela balançou, levantando a espada, girando-a sobre a cabeça, antes de cortar para baixo em um movimento diagonal do lado de fora do ombro, em vez de diretamente acima dele.

O movimento foi suave, não causou pontadas nas costas ou nos braços e não a desequilibrou. Por causa dessas mudanças, também foi mais rápido.

— Sim! — Ela soltou uma mão do punho e jogou o punho no ar. — Isso foi perfeito!

Ela olhou em volta com um sorriso, desejando que Orpheus

estivesse aqui para vê-la fazer isso. No momento, ele estava viajando para o riacho para buscar água, já que ela estava começando a ficar sem água.

Desde que ela pegou o livro, suas habilidades com a espada melhoraram significativamente, mesmo nos cinco dias em que ela começou a usá-la. Todos os dias, ela praticava por horas. Quando ela estava cansada, ela fazia outras coisas enquanto descansava antes de praticar novamente.

Ela costuraria suas próprias roupas, como a que ela usava atualmente. Ela usava um vestido rosa claro do tecido que ele comprou para ela.

Agora que o tempo estava esquentando, ela não precisava de mangas compridas. Chegava ao meio de seu bíceps e estava solto o suficiente para que, quando ela levantasse os braços, dobrasse sobre os ombros. Era decotado e mostrava o topo de seu decote. Ela usou o tecido marrom que ele conseguiu costurar em uma seção de espartilho falso que cobriu os seios e os destacou antes de descer em um V logo acima do umbigo, envolvendo a cintura, mas deixando os quadris livres. A saia de seu vestido era esvoaçante e chegava logo abaixo de suas coxas, e se ela girasse, ondulava ao redor dela livremente.

Era mais colorido do que qualquer coisa que ela já havia usado, mas era assim que ela costumava se vestir quando estava em sua aldeia.

Ela adorou e mal podia esperar para fazer outros com estilo semelhante, mas cores diferentes.

Reia também fazia enfeites nas horas vagas, desfazendo-se aos poucos dos que a outra mulher queria ou fazia ela mesma. Algumas delas eram novas, de Orpheus decorando sua casa para torná-la mais acolhedora para as oferendas que a seguiram. Ela manteve aquelas.

Ela só queria se livrar de algumas das evidências da mulher misteriosa. Depois de ouvir a história dela, ela agora entendia melhor Orpheus.

Olhando para a casa, com todo o esforço que ele fizera, ela sabia que ele sempre fora gentil. Não importava o que mais ele tivesse feito. Ela podia ver que ele tentou ser complacente, quis trazer conforto

e felicidade, mas foi friamente rejeitado em troca.

Não se preocupe, vou aceitar em nome dela. E ela o devolveria, acrescentaria algo a ele, tornaria isso uma recordação dela. Alguém que se importasse com ele, o quisesse, alguém que iria ficar com ele porque ela queria.

Mas vamos deixá-lo às vezes. Ela foi inflexível sobre isso.

Ela redirecionou sua atenção de volta para sua espada, segurando-a como se estivesse pronta para atacar um inimigo invisível. *Vou ficar boa com minha espada e provar que ele pode me levar a qualquer lugar.*

Seus lábios se curvaram em um sorriso de humor.

Talvez eu possa assustá-lo de novo.

Orpheus geralmente a ajudava a treinar, deixando-a atacar uma espada que ele segurava para que ela realmente tivesse algo para acertar. Ele não fez muito, apenas ficou ali apontando a espada para baixo, já que não sabia como segurá-la em suas mãos grandes e desviava seus golpes como um inimigo que estava defendendo.

No dia anterior, ela estava usando o que havia colocado em prática e quase o acertou! Não a espada, mas ele, e ele tropeçou para trás, mal abaixando seu corpo antes que ela o cortasse.

— Acho que é hora de fazer aquela espada de madeira para você, minha corajosa humana, — ele riu para ela.

Ela esperava que ele estivesse chateado, mas seus olhos mudaram para amarelo, como se ele estivesse orgulhoso dela. Ela não pôde deixar de sorrir.

Estou me sentindo muito melhor depois de dormir bem, ela pensou, praticando o mesmo movimento que fazia antes até que estivesse escrito perfeitamente em suas memórias.

Entre fazer todas as muitas coisas que ocupavam a maior parte de seu tempo, ela se encontrava pressionada contra tudo e qualquer coisa. A mesa, a parede, o balcão da cozinha, sendo tomada por ele enquanto ela se perdia em torno de seu pênis.

Ela sabia que parte disso era sobre liberação e prazer, mas agora ela entendia Orpheus bem o suficiente para saber que também era sobre estar perto dela. Ele gostava de estar perto dela, afetuoso

com ela, mesmo que não fosse sexual.

Ainda não consigo acreditar que ele entrou no meu quarto ontem à noite só porque queria um maldito abraço. Ela riu alto, limpando as gotas de suor de sua testa.

Reia não pensou em dormir na cama dela, aquela cama – *Ainda é a minha cama? Eu durmo no quarto dele agora* – iria aborrecê-lo muito.

– Que seja. Agora eu sei.

Virando-se para pegar seu livro para que pudesse entrar, já que estava cansada, ela congelou. *Quem diabos é esse?!*

Ela ergueu a espada para apontar a ponta para a *pessoa* que a observava do outro lado do círculo de sal.

Ele estava atrás dela, então ela não foi capaz de vê-lo, mas ele parecia um humano e também *não parecia*. Ela sabia que era ele pelo fato de estar sem camisa e vestindo nada além de um par de calças marrons tipo gênio que estavam dobradas em torno de seus joelhos para vestir.

– Quem é você? – ela perguntou, enquanto o examinava para descobrir *o que* ele era.

Mesmo com a distância entre eles, ela podia dizer que ele era alto, alto demais para ser humano. As listras pretas sobre seus lados, carne externa de seus braços que corriam sobre seus ombros, lados de seu pescoço e sobre seu rosto até a linha do cabelo, disse a ela que ele provavelmente era um Demônio. Mas o resto dele, que era a maior parte dele, estava coberto por uma pele bronzeada.

Seus olhos não eram vermelhos, mas ele tinha orelhas pontudas como as fotos dos Elfos que ela tinha visto em seu livro da Coruja Bruxa. Havia também dois chifres que eram escuros e enrolados para trás sobre seus longos cabelos branco-azulados.

Seus braços volumosos estavam dobrados sobre um peito musculoso, inchando-os, enquanto oito abdominais duros eram sombreados por eles do sol.

Como ele não estava usando camisa, várias correntes de ouro pendiam de seu pescoço em voltas. Ele também tinha várias faixas de braço, significativamente mais em seu braço esquerdo, e longos brincos pendurados em suas orelhas pontudas.

Ele sorriu, exibindo dentes afiados por trás de seus lábios carnudos.

— Eu estava me perguntando quanto tempo levaria para você me notar, — ele riu com uma voz profunda de barítono. — Estou parado aqui desde que o Mavka partiu.

O rosto de Reia empalideceu. *Orpheus sumiu por mais de uma hora.* Ela não podia acreditar que não o tinha notado parado ali.

— Você ainda não respondeu à minha pergunta.

— Você pode me chamar de Jabez, e não quero lhe fazer mal. — Seu sorriso ficou mais largo, enrugando os cantos de seus olhos que pareciam castanhos ou talvez outra cor escura de longe.

Reia ainda não tinha descoberto o que ele era, mas não podia deixar de achá-lo... lindo. Tão bonito. Como se não fosse normal ou natural. Com todos os músculos e joias de ouro, ele parecia uma espécie de deus da sensualidade, da sexualidade. Um ser que gritava uma aparência exterior erótica e sedutora.

— Diz a pessoa que está do *outro* lado do círculo de sal, — ela zombou, torcendo o lábio superior para ele.

Ele levantou uma sobrancelha para ela, como se estivesse surpreso com alguma coisa. Talvez fosse por causa de seu tom impetuoso, ou porque ela não estava imediatamente bajulando esse homem de aparência sexy que estava fazendo muito pouco para seduzi-la.

— Oh? — Ele desdobrou um braço para apontar o dedo indicador para o chão. — Você quer dizer este círculo de sal? — Ele ergueu a perna lentamente e o *atravessou*, parando ao lado de Reia. — Veja, nenhum dano em tudo, pequena humana.

Ela ergueu a espada mais alto, embora ainda estivessem a metros de distância. *Só porque ele não quer me prejudicar agora, não significa que ele não fará mais tarde.* O Mavka havia passado por ele e ainda tentou comê-la após ser atacado pelo Demônio voador.

— Quero que você saiba, na verdade não sou tão pequena, — ela disse a ele. Ela achava fofo quando Orpheus a chamava assim, mas ouvir isso dele fazia sua pele se arrepiar de apreensão. — Sou bem normal para um ser humano.

Ele começou a se aproximar. — Toda a sua espécie é pequena para mim.

— Fique aí! — ela alertou, seus olhos disparando em direção à varanda da frente.

Posso fazer isso? Não era tão longe.

Quando ela olhou para frente, ele estava quase na frente dela, e ela cambaleou para trás para colocar espaço entre eles. *Como ele chegou tão perto de repente?*

Ele estava quase na ponta de sua espada. Ele a agarrou entre o polegar e o indicador em forma de garra, como se o estivesse beliscando, virando a cabeça para um lado e para o outro para examiná-la. Agora ela entendia por que ele a chamava de pequena.

Ele não era tão alto quanto Orpheus, mas ainda era enorme. Talvez apenas alguns centímetros mais baixo.

— Isso não vai me matar — disse ele, examinando-o com uma expressão entediada. Então ele voltou seu olhar para ela, brilhando em algo que parecia aquecido com suas sobranceiras brancas e afiadas. — Mas vai doer. E você não quer me machucar humana, não quando eu ofereço a você a salvação.

Reia estreitou os olhos para ele, seus lábios apertados em irritação enquanto ela puxava sua espada dele para apontá-la para o peito dele mais uma vez. Uma onda de vento envolveu seus corpos, gelando-a ligeiramente.

— E do que eu preciso ser salva?

— Você é cativa de um Mavka, não é? — Ele estendeu a mão com a palma voltada para cima, oferecendo-a para pegá-la. — Eu te darei liberdade.

— Mesmo se eu quisesse a liberdade, não sou estúpida o suficiente para pensar que qualquer coisa vem sem um preço. — Reia continuou a recuar, devagar, mas com firmeza, caminhando em direção à casa. — Você quer algo de mim. O que é?

— Não é sobre o que *eu* quero, mas o que o outro exige. — Seu sorriso suavizou, como se ele quisesse parecer mais receptivo e, ao fazê-lo, parecesse menos confiável. — Você não passa de um peão e, em troca, estou oferecendo a você a chance de voltar para seu povo

com segurança.

Reia bufou uma risada, seus lábios se curvando em um sorriso enquanto seus olhos estavam cheios de brilho.

— Você redigiu sua oferta muito bem, mas posso ver o perigo que espreita nela.

Sua sobrancelha se ergueu novamente, seus lábios se contraindo como se seu sorriso estivesse ameaçando cair.

— Eu não sei o que você quer dizer.

— Você está me oferecendo uma *chance*, não uma garantia. —

Ela cortou a espada de modo que a ponta afiada apontasse para o nariz dele. — E os peões geralmente são insignificantes para os grandes planos em um jogo de xadrez. Eles são sacrificados sem cuidado e muitas vezes são os primeiros a morrer.

Ele mostrou suas presas enquanto sorria mais uma vez.

— Independentemente disso, se forem empurrados para a frente, serão devorados pelas escolhas do jogador atacante, e não posso garantir o que o Mavka fará.

Suas costas endureceram. *Ele está atrás de Orpheus*. Ela não se importava por quê. Havia uma ameaça para ele, e isso é tudo que ela precisava saber.

— Bem, é uma pena para você que eu não tenha intenção de ir com você, então você pode gentilmente se foder.

Ela esfaqueou para a frente, fazendo-o abaixar a cabeça para trás, para que ela pudesse obter espaço suficiente entre eles para disparar em direção à casa.

Jabez *se materializou* na frente dela antes que ela chegasse aos degraus. Reia correu para o peito dele, seu corpo como uma parede dura e tirando o fôlego dela. Gemendo, ela tropeçou para trás enquanto a dor irradiava por seu nariz desde que ela o golpeou.

— Essa foi por pouco. Eu não esperava que você fizesse isso. — Ele agarrou o braço dela segurando a espada enquanto envolvia o braço em volta do torso dela para prendê-la. — Agora, vamos tirar isso de você. A Coruja Bruxa vai se esgueirar para o meu castelo e roubá-lo de qualquer maneira.

Ele agarrou o amuleto em sua cabeça, sibilando em uma

respiração afiada, enquanto o arrancava de sua cabeça. Reia gritou quando ele puxou várias mechas de seu cabelo antes de jogá-lo no chão.

— Porra! Eu odeio essa coisa, — ele rosnou, enxugando a mão queimada no peito como se estivesse tentando acalmá-la. — Sempre queima.

Ela empurrou contra ele, mas foi incapaz de se livrar de seu aperto. Ela balançou a espada inutilmente, tentando cortá-lo com ela, mas ela apenas balançou nas costas dele.

— Saia de cima de mim!

Como ela não podia usar os braços, começou a chutá-lo nas canelas com o salto das botas e pisou em seus pés descalços, tentando de tudo para se livrar dele.

— Silêncio, — ele retrucou, deslizando seu braço ao redor dela mais até que ele estava cobrindo sua boca com sua mão grande. — Se ele estiver perto, não quero que ele ouça sua luta. Meu cheiro estando aqui é o suficiente para ele saber que você veio comigo.

A mão dele abafou seu grito de 'não' enquanto ela balançava a cabeça, os olhos arregalados.

Não, eu não quero ir! Reia lutou mais, contorcendo-se com cada fibra de seu ser para se afastar dele. *Ele disse castelo.*

Ele é... Reia tentou olhar por cima do ombro quando ouviu um rugido ao longe, não muito longe. Orpheus estava perto e sabia que ela não estava sozinha. *Ele é o Rei Demônio.*

— Orpheus! — ela tentou gritar contra a palma da mão dele.

Eles desapareceram antes mesmo que ela tivesse a chance de vê-lo.

TRINTA E UM

Orpheus rugiu quando sentiu o cheiro do Rei Demônio no vento vindo da direção de sua casa. *Reia!* Ele derrubou o balde cheio de água e imediatamente começou a correr.

Ele rompeu as árvores minutos depois, encontrando o quintal vazio enquanto passava correndo pelo círculo de sal. Ela não estava treinando com sua espada como quando ele saiu para buscar água.

Sua visão estava branca, seu coração palpitava de medo. *Por favor, esteja dentro.* Ele disparou em direção à casa, arrancando a grama e a terra com as botas enquanto se concentrava na porta.

Algo brilhou na grama gasta nos degraus da varanda, a sujeira mais visível aqui. Ele diminuiu a velocidade quando o viu e então parou para pegá-lo, seu coração se contraindo no peito.

O amuleto. Parecia quente, como se ela o tivesse usado apenas momentos atrás. Ele também poderia dizer que o cheiro dela era fresco aqui, assim como o de Jabez, o Rei Demônio.

Seus joelhos quase se dobraram.

— Não.

Ele balançou a cabeça enquanto olhava para a safira azul em formato de lágrima e o diadema prateado cheio de brilhantes diamantes de cristal branco.

Ela não pode ter ido embora.

— *Reia!* — ele gritou, subindo os degraus da varanda para abrir a porta da casa, querendo ouvi-la gritar de volta para ele.

O silêncio o cumprimentou quando ele abriu a porta. Silêncio frio e agourento. Ele não entrou. Ele sabia que ela não estava lá.

— *Reia,* — ele lamentou, fechando sua mão ao redor do amuleto para pegá-lo. Parado na porta, ele desviou o olhar para o quintal com o coração pesado. — *Ela... ela foi com ele de bom grado?*

Ela tinha sua espada. Por que ela não lutou com ele se queria ficar? Ele não podia sentir o cheiro do sangue de Jabez e se perguntou se ela havia removido o amuleto na frente da casa como forma de dizer que queria ir embora.

Mas eu a quero. Ela era dele, e ele a queria mais do que qualquer

outro ser humano. *Por que?* Ela realmente dormiu em sua própria cama porque não queria mais tocá-lo, estar com ele?

Ele abriu a mão para olhar para o amuleto com tristeza e perda, sua visão ficando azul. *Eu não quero ficar sem ela.*

A história estava se repetindo? O Rei Demônio iria roubar outro humano dele? *Mas ela... Reia não é como Katerina* – a mulher de séculos atrás.

Ela era quente e brilhante, e sempre segurava seu focinho com mãos afetuosas quando não precisava. Ela o acariciava, lia para ele, permitia que ele se aconchegasse com ela perto da lareira. Katerina nunca tinha feito nada disso.

Katerina apenas sorria quando recebia algo que queria, e ela apenas o dirigia para o que recebia. Os sorrisos dela nunca se voltavam para ele como os de Reia.

Ela nunca tentou tocar em Orpheus em troca, só aceitou quando ele quis. Ela nunca dormiu na cama dele, por isso havia um segundo quarto de dormir.

Ela nunca me beijou.

Ele nunca sentiu os lábios de Katerina em seu corpo, e ainda assim Reia lambeu abertamente a língua de Orpheus em troca, como se ela o estivesse beijando de volta da única maneira que ele podia.

Ele nunca notou a barreira entre ele e Katerina. Que seus olhos estreitos eram na verdade olhares, que seus toques estavam cheios de ódio, até que ela cruelmente disse a ele que estava saindo com o Rei Demônio.

E ela se certificou de que Orpheus tivesse testemunhado isso. Ela aceitou a oferta de Jabez, e ele voltou da caça para encontrá-la nos braços do Rei Demônio. Ela disse a ele que não queria que ele viesse atrás dela, que ela estava fazendo essa escolha e que, se ele se preocupasse com sua felicidade, a deixaria em paz.

Claro, Orpheus havia corrido pela floresta para ir atrás dela com raiva, mas era uma longa distância e ele havia perdido a raiva ao longo do caminho, deixado apenas pelo desespero de não ficar sozinho.

Quando ele chegou ao castelo, ela lhe disse para ir embora, e

ele entendeu que não adiantava tentar. Jabez havia jurado lutar por ela, e Orpheus sabia que a batalha teria sido uma que nenhum deles teria vencido.

Reia não é Katerina.

Sua cabeça inclinou para olhar para a palma da mão e viu mechas de seu cabelo loiro, tão brilhante em contraste com sua pele cinza escura. Os sinos amarrados em seus chifres tilintavam quando ele torcia a cabeça, lembrando-o de que Reia havia lhe dado um presente que nenhum outro havia feito antes.

Havia mais de um ou dois fios que teriam saído naturalmente com os cliques de fixação. Havia pedaços dele, como se tivesse sido arrancado de sua cabeça à força.

Orpheus rosnou. Ele não sabia se estava apenas acreditando no que queria, vendo coisas que podiam não significar o que significavam, mas não se importava.

Quer Reia fosse com Jabez voluntariamente ou não, ele iria buscar sua mulher de volta desta vez. Ela lhe dera esperança e ele queria ter fé nela. Ele colocou o amuleto no bolso, pronto para entregá-lo a ela quando a visse.

Ela é minha.

Ele iria buscá-la. *Ela disse que queria ficar comigo.*

Virando-se para o quintal, ele começou a se transformar antes mesmo de descer os degraus. *Ela chorou por mim quando contei a ela sobre Katerina. Ela me abraçou e disse que não faria o mesmo.*

Com os quatro membros no chão, Orpheus rosnou e balançou a cabeça freneticamente, fazendo os sinos baterem de propósito para se lembrar deles, dela, de sua aceitação por ele.

Saltando para frente, ele correu na direção do castelo do Rei Demônio, rapidamente disparando para as árvores. Seus músculos tensos sob a velocidade em que ele estava correndo, quase errando as árvores quando ele quase se chocou contra elas em sua pressa.

Ela não me deixou. Ele se recusava a acreditar. Ele se recusava a acreditar que Reia não o queria. Que seus sorrisos eram mentiras, que seus abraços eram misturados com falsidades, que suas palavras eram cheias de engano. *Ela não me abandonou.*

Sujeira, gravetos e folhas erguiam-se de suas garras enquanto escavavam a terra. Ele não prestou atenção aos Demônios que podia ver e ouvir enquanto passava correndo, focando apenas na direção que estava indo, a direção em que Reia estava.

A raiva o encheu, mas seus olhos estavam brancos mais uma vez. *Ela é forte. Corajosa.* Ele temia que, quando chegasse lá, ela estaria morta tentando lutar para escapar. Se ela foi realmente sequestrada como ele queria acreditar, então ela estava em perigo.

Sua respiração resfolegava pelo buraco do nariz, molhada e pesada com o esforço. Sua visão só foi afetada pela rapidez com que a floresta se movia ao seu redor, a névoa dificultando a visão nesse ritmo intenso. O vento assobiava pelos orifícios de suas orelhas e roçava seu rosto ossudo que só podia sentir sensações intensas, como o frio do vento ou a pressão suave e quente dos lábios dela.

Aromas o bombardearam, mas ele só se importou em cheirar um - e era de sabugueiro e rosas vermelhas.

Minha pequena corça não será presa de ninguém além de mim. E ele era o predador que queria proteger sua presa em vez de comê-la. *Se ela quer que eu a salve, então lutarei por ela, mesmo que isso me mate.*

Era uma caminhada pacífica de quatro dias até o castelo, mas um Mavka *determinado* de quatro poderia chegar lá em um.



Reia gritou com todas as suas forças quando se viu repentinamente dentro das quatro paredes da sala do trono de um castelo de pedra. Empurrando-se contra o torso duro do homem que a segurava, ela sabia que era inútil, mas se recusou a parar.

— Você com certeza está se esforçando para algo tão totalmente fraco — ele riu, antes de empurrá-la para o lado com tanta força que ela caiu no chão.

Sua espada caiu contra a pedra, quicando fora de seu alcance, e

deslizou pelo chão quando ela a soltou com o doloroso impacto de seu corpo batendo no chão. Um grito foi arrancado dela quando a agonia disparou por seu ombro e lado quando seu próprio braço esmagou suas costelas.

— Ei! Eu lhe disse para não machucá-la, — uma voz feminina gritou.

Reia olhou para cima bem a tempo de ver uma mulher, uma mulher *humana*, levantando-se do grande trono de pedra.

Com os olhos azuis estreitados em irritação com Jabez, ela atravessou a ampla sala descendo os degraus que levavam à cadeira solitária que ela havia acabado de deixar para chegar até eles.

Seu cabelo era preto como a meia-noite, sua pele um tom mais escuro de branco em comparação com a pele pálida de Reia. Sardas selvagens pontilhavam seu rosto, e seu corpo era voluptuoso enquanto se curvava lindamente em todos os lugares certos.

Ela usava um longo vestido vermelho de veludo com costura dourada e uma corda que parecia ser feita de ouro em volta dos quadris enquanto dançava na frente de suas pernas, balançando de um lado para o outro com borlas. Seus sapatos pretos eram simples, mas ela tinha faixas de ouro em torno de seus tornozelos, pulsos e um colar com um rubi vermelho.

A mulher estava vestida como uma princesa, adornada com um vestido fino e usava tantas riquezas que Reia só havia lido em contos de fadas e livros de história antes que os Demônios viessem profanar a Terra.

— Sim, e eu lhe disse para não se sentar no meu trono, — ele suspirou, levantando uma única mão como se fosse lutar. — Eu sou rei. Eu posso fazer o que eu quiser, e você deve fazer o que eu disser.

— Quando eu fiz o que me disseram? — ela zombou, franzindo o nariz bonito para ele.

— O tempo todo, — ele piscou, passando a língua roxo-avermelhada nos lábios. — Especialmente quando você está em cima de mim.

A irritação dela desapareceu com o sorriso largo dele, e ela revirou os olhos em troca. Bem, isso explicava claramente o

relacionamento deles.

Os lábios de Reia se estreitaram enquanto seu nariz enrugava. *Ela dorme com ele?* Claro, ele era bonito de uma forma estranha, mas ele era um *Demônio*. Rei ou não, com aparência humana ou não, ele ainda era uma dessas criaturas.

Ela pode ter feito amizade com o gato Demônio na livraria, mas isso era o máximo que ela faria com qualquer coisa como eles.

Então, novamente, Orpheus não é muito diferente, e eu me importo com ele. E Jabez era obviamente inteligente. Ele não era como os ferozes que espreitavam em torno de sua casa.

— Você não pode ser grosseiro? — Ela suspirou alto enquanto balançava a cabeça para ele. — Temos uma convidada humana e tenho certeza de que ela está bastante assustada no momento.

Ajoelhando-se ao lado de Reia para verificar seu bem-estar, ela colocou o cabelo atrás da orelha adornado com joias de ouro que tinham rubis vermelhos pendurados nelas.

Reia imediatamente se arrastou para trás quando estendeu a mão para tocar seu ombro, colocando espaço entre ela e os outros dois na sala.

— Ela não está com medo, — Jabez afirmou enquanto gesticulava para ela. — Não há cheiro de medo em seu cheiro.

A mulher olhou para ele, antes de voltar seu olhar para Reia. Ela sorriu brilhantemente.

— Não é de admirar que você tenha sobrevivido tanto tempo, então.

— Você é uma humana, — Reia engasgou.

O que uma humanoa está fazendo no castelo do Rei Demônio? Por que essa mulher estava no Véu?

— Por favor, não se surpreenda, — ela disse, seu olhar acolhedor se aprofundando. — Você não é a única que foi levada e escondida no Véu.

Mesmo que ela tivesse uma expressão calorosa, sua voz estava carregada de *algo*. Era quase como se ela estivesse insinuando que Reia não era especial e não deveria fingir que era.

— Qual o seu nome?

— Reia, — ela respondeu rapidamente, incapaz de impedir que seus olhos passassem por ela em confusão.

— É um prazer conhecê-la, Reia.

Ela gesticulou com a mão para Jabez, que estava de pé ao lado com os braços cruzados como se fosse o que ele fazia quando estava ocioso. Ele olhou para a palma da mão dela, e então ergueu a sobrancelha para ela.

Parecia que ela estava prestes a se apresentar de volta, mas em vez disso ela soltou: — Oh, apenas me ajude a levantar pelo amor dos Deuses.

Ela balançou os dedos com expectativa para Jabez.

Com uma risada, ele agarrou a mão dela para puxá-la de pé.

Reia olhou para a mão da mulher quando ela a ofereceu para ajudá-la também. Piscando para ele, ela não tinha certeza do que fazer com isso.

Ela está sendo... legal comigo. Quando Reia foi levada, ela esperava ser aterrorizada por um maníaco sem coração. Ser ameaçada de ser comida ou algo horrível assim. Ela esperava perigo e problemas, não por uma mulher humana recebê-la com boas-vindas.

Por mais que ela quisesse esmagá-lo, ela não o fez.

Ela se levantou sozinha, no entanto.

— O que vocês querem de mim?

Qual era o plano deles e como Reia poderia deixar de se envolver nele? *Eu não tenho o amuleto.* Se ela tentasse atravessar o Véu de volta para Orpheus, não seria capaz de fazê-lo com segurança. *É por isso que ele provavelmente tirou de mim.*

Ela tinha sua espada, mas não poderia sobreviver a um ataque de vários Demônios ao mesmo tempo. E dizer que ela poderia sair e atravessar o Véu com segurança - ela ainda não tinha como navegar por ele.

Orpheus virá me buscar? Ela não sabia se isso era bom ou não. Jabez obviamente queria prejudicá-lo, e ela já não confiava nesta mulher simplesmente porque ela estava aqui com ele.

— Você me pegou — a mulher riu, batendo palmas com alegria. — Quero levar você para casa, só isso.

Ela ergueu a sobrancelha para ela com dúvida, os ombros rolando para trás desafiadoramente.

— Por que você iria querer me ajudar? — Então seu lábio superior começou a se erguer, e ela teve que conter a crescente vontade de zombar. Reia esperava que sua incapacidade de manter as emoções fora de seu rosto não lhe causasse problemas. — Quem disse que eu queria ajuda para começar?

— Ooo, eu gosto de você. Você tem luta em você, assim como eu. — Ela apontou para a espada de Reia no chão. — Vejo que você sabe manejar uma espada. Você tem aprendido para poder matar Orpheus você mesma?

— Não — ela rosnou, virando o queixo para ela.

— Isso é bom, então. Você provavelmente teria morrido tentando de qualquer maneira. — Então seu sorriso e alegria caíram para dar a Reia um olhar sombrio. — Mas vimos que ele estava ajudando você, e achei isso muito estranho.

— O que você quer dizer com você nos viu?

— Nós estivemos observando você, — Jabez interrompeu, chamando a atenção de Reia.

Ele acenou com as mãos no ar e uma bola que parecia ser feita de prata líquida começou a girar enquanto ele a conjurava. Uma vez que era do tamanho de seu torso, rolando como ondas em uma esfera, ele jogou as mãos para frente e achatou em um disco.

Uma imagem apareceu nele de sua casa. Sua pequena cabana de madeira cercada por uma clareira e uma floresta sombria - a vista de cima como a vista de um pássaro.

— Sempre observamos quando ele obtém uma nova oferta. — Jabez deu um sorriso cheio de humor. — É divertido ver como ele vai morrer. Um é comido por ele. Outra será comida por um Demônio correndo. Alguns são levadas por mim quando sobrevivem um pouco demais.

O queixo de Reia caiu.

— Você tem tomado elas?

Orpheus disse a ela que algumas foram levadas, mas ele nunca disse a ela por quem.

— Sim. É divertido vê-lo sofrer. Algumas nem chegam à cabana.

— O que ele está dizendo, — a mulher disse, avançando para apertar a mão de Reia com força. — É que nós sabemos o que você passou.

Ela puxou-a para longe, seu toque fazendo sua pele arrepiar por causa do que ela tinha acabado de descobrir. *Merda... Fomos vigiados?*

Ele levantou a mão para segurar o queixo enquanto olhava para a imagem da casa, enquanto as sobrancelhas da mulher se contraíam para franzir a testa com a ação repentina e dura de Reia.

— Mas não dá para ver dentro de casa. Esses encantos incômodos dele mantêm tudo fora, até mesmo minha magia. — Jabez acenou com a mão e a imagem se transformou em algo escuro movendo-se rapidamente pela floresta. — Bom. Parece que ele já está a caminho. Eu não tinha certeza se ele iria, já que ele não tinha vindo para nenhuma das outras que eu levei.

Ele bateu as mãos e o disco prateado de líquido desapareceu. Então ele se virou para eles com uma expressão monótona em seu rosto bonito, mas parecido com um alienígena.

Reia teve dificuldade em olhar além de seus chifres, suas orelhas pontudas e as impressionantes marcas pretas do lado de fora dele. A quantidade de músculos nele dizia que ele não tinha um único grama de gordura, e ele parecia tão notavelmente forte que ela tinha certeza que ele poderia quebrá-la como um galho.

— O que você é? — Reia murmurou.

Ele era livremente capaz de usar magia. Ele a tinha teletransportado para cá! O que mais ele poderia fazer?

Seus olhos enrugados com humor, sua cabeça abaixada enquanto ele sorria.

— Um pouco disso, um pouco daquilo.

Ao ver seu rosto contorcido, o nariz curvado para o lado, ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada profunda que ecoou na sala oca de pedra.

A mulher suspirou, dando-lhe um olhar de irritação como se

estivesse entediada com suas travessuras.

— Não ligue para ele. O Demônio nele o torna um idiota.

— Sim, mas o elfo em mim me faz perceber como é fácil conseguir o que quero quando sou astuto. Eu esperava brincar com ela. É divertido provocar os humanos. Você está arruinando minha diversão.

Um elfo? Mas não pensei que fossem reais. As sobranceiras de Reia se juntaram em concentração enquanto ela tentava pensar no livro que a Coruja Bruxa havia lhe dado. Falava de elfos, mas ela não tinha lido muito profundamente sobre a passagem deles. Ela desconsiderou isso como lixo.

Um ser que é semelhante a um humano, mas não humano. Orelhas pontudas, principalmente pele escura com cabelos brancos, e podem usar magia. Geralmente magro e atlético.

A mulher acenou com a mão para ele.

— Eu vou entretê-lo tanto quanto você quiser mais tarde. Depois de conseguir o que quero.

— Sempre depois de conseguir o que quer, — ele resmungou.

— É melhor que seja bom desta vez. Estou entregando o Mavka para você exatamente como você exigiu.

Reia tentou permanecer alerta e ouvir a conversa deles, mas ela não podia deixar de se perguntar o que mais seria real se os Elfos fossem. Ela o olhou cuidadosamente. *Se ele não tivesse aquelas orelhas, eu provavelmente não teria acreditado nele. Isso significa que existem cavalos meio humanóides vagando por aí como aberrações?*

— Você está gostando disso de qualquer maneira, Jabez. — Ela inclinou a cabeça para frente com as mãos nos quadris, olhando para ele com desaprovação. — Não se faça de tímido.

Seus lábios se curvaram conscientemente.

Ele acenou com a mão com desdém para eles.

— Que seja. Vou ter com os meus servos para ver se me trouxeram alguma coisa boa para comer. Você me conhece. Usar minha magia élfica me deixa com fome.

— Servos? — Reia guinchou.

— Sim. Meu castelo está cheio de Demônios. Mas não se

preocupe, eles sabem que não devem machucar nenhum dos humanos que trago para o meu castelo. Se você vai ser comida, será apenas por mim. — Ele acenou com a mão para a mulher na frente dela. — E ela me disse que você não vai ser minha refeição.

Ela acenou para ele enquanto ele se afastava para sair, antes de se virar para Reia, que estava congelada no local observando suas costas enquanto ele saía.

Eu tenho que sair daqui. Ela não sabia como fazer isso. *Duvido que consiga lutar para escapar.* Ela poderia querer, mas também não tinha desejo de morrer. *Posso ser imprudente, mas não sou estúpida.*

Mesmo sem o show de sua magia, que ela sabia que ele devia ter apenas arranhado a superfície do que ele pode fazer, Reia tinha visto suas presas e garras. Ele era alto, e o livro dizia que os elfos eram naturalmente rápidos. *Não posso lutar contra alguém maior, mais forte e mais rápido do que eu.*

Seria como lutar contra Orpheus, e ela sabia que ele a mataria com um golpe de suas garras.

Eles o querem. Então é melhor jogar junto com o que eles planejaram até que ele chegue aqui? Ela sabia que ele a protegeria, um escudo assustador, mas até então, ela era... uma donzela. Uma maldita donzela em perigo e ela não estava interessada em desempenhar esse papel patético. *Eu sou a isca.*

Mas a isca para quê? Ela não sabia dos planos deles. De qualquer maneira, ela não podia sair e sabia que teria que ser a isca até que ele chegasse para que pudessem escapar juntos.

Apenas se faça de boba, Reia. O que significava que ela tinha que ir contra seus instintos para revidar. Ela teria que aprender muito rápido como morder a língua. *Não se mate ou se machuque antes mesmo que ele chegue aqui.*

— Entendo que ele é bonito à sua maneira — disse a mulher com um tom mordaz. — Mas não pense em ter ideias de se oferecer a ele.

Reia virou a cabeça para frente desde que ela estava olhando para onde ele havia entrado por uma porta lateral. Com seu olhar estreitado em Reia, ela sabia que a mulher pensava que ela estava

olhando para ele com desejo.

— Ele é meu, e não permitirei que outra humana tome meu lugar como sua concubina. — Reia enrijeceu quando deu um passo à frente para agarrar as pontas de seu cabelo, levantando-as como se a estivesse examinando. — Se você fizer o que disse, vou me certificar de que você vá para casa.

— Não se preocupe, — Reia disse rapidamente com um tom seguro. — Não estou interessada.

Nem um pouco. Nem um pouco.

— Você está com Orpheus há mais de um mês e meio. Depois de experimentar algo terrível como isso, você merece pelo menos viver sua vida da melhor maneira possível.

Ela deu um passo à frente e enfiou seu braço à força no de Reia. Ela enrijeceu, querendo recuar imediatamente, mas permitiu que ela começasse a conduzi-la para longe da sala do trono através de uma grande porta marrom do outro lado.

Pelo menos ela cheira bem. Ela não conseguia identificar, mas a mulher cheirava fortemente a um perfume doce. O castelo inteiro também tinha seu próprio cheiro doce.

— Tudo o que tenho feito é viver naquela casa, — retorquiu Reia, resistindo ao impulso de reagir.

O que aconteceria se eu batesse nela por me tocar? Ela não conseguia entender o porquê, mas ela realmente não gostava dessa pessoa, embora ela aparentemente estivesse oferecendo sua liberdade.

Eles a roubaram e agora a estavam tratando como uma pobre e indefesa mulher que deveria bajulá-los por sua ajuda.

— Você não precisa esconder sua vergonha. Se você sobreviveu tanto tempo, só pode haver uma razão para isso.

Vergonha? Do que eu preciso me envergonhar?

Reia não disse nada. Ela precisava ficar quieta.

Ela mordeu os lados da língua para se lembrar de que deveria manter a boca fechada, mesmo que fosse provocada.

Ela inspecionou o longo e largo corredor pelo qual estava sendo levada. Havia tapetes vermelhos carmesim no chão com cortinas decorativas ocasionais penduradas nas paredes que escondiam a pedra

nua. Reia sabia que este lugar tinha muitas seções e torres quando o viu de longe. Tinha várias torres em torno de sua forma de caixa, e ela não tinha ideia de qual direção essa mulher a estava levando.

Embora este fosse um grande castelo, também era inexpressivo e estéril. Tudo parecia frio. O piso acarpetado, até as paredes como se elas próprias emitissem um calafrio. O próprio ar estava frio, como se nada estivesse vivo dentro dele, apesar de obviamente haver criaturas vivendo aqui.

Ela poderia dizer que alguém tentou decorá-lo, mas era escasso. Canteiros de velas de bronze pendurados nas paredes estavam acesos, mas eles apenas traziam luz, não um brilho caloroso e acolhedor.

— Cheira como a Vila dos Demônios aqui, — Reia comentou, sentindo aquele aroma doce semelhante.

— Ah, sim, — a mulher riu, suas pulseiras de tornozelo tilintando a cada pisada. — Nós vimos que Orpheus levou você lá. Jabez usou o mesmo feitiço de camuflagem de lá, aqui. Isso ajuda a manter os que estão dentro sãos. Eles podem ser Demônios superiores à maioria, mas eles ainda têm pouco autocontrole se sentirem cheiro de sangue ou medo.

Ela manteve os olhos nos corredores e nas diferentes curvas que elas faziam, caso ela precisasse voltar sozinha para a sala do trono. Mais para que ela pudesse correr de volta se descobrisse que Orpheus tinha vindo para que ele pudesse tirá-la daqui.

Eu sinto falta da minha casa. Este castelo frio e estéril nunca poderia ser comparado à sua pequena, mas aconchegante cabana.

— Para onde você está me levando?

— Para um banho. Tenho certeza que você quer se livrar do feitiço que ele colocou em você e, você sabe... todo o resto.

Por que ela sabe tanto sobre ele? Ela até sabia sobre o feitiço de camuflagem de cheiro. Ela não sabia o que queria dizer com todo o resto.

Quando ela estava prestes a perguntar quem ela era, ela foi levada a uma grande câmara de dormir. Era quase tão grande quanto a sala de estar e a área da cozinha em sua cabana, e abrigava uma cama

com dossel, várias cômodas, duas cadeiras em frente a uma mesa de centro e uma penteadeira espelhada com um banquinho almofadado.

Tudo era incompatível, como se tudo tivesse sido encontrado ou roubado e enfiado neste quarto para parecer habitado. Havia uma pequena película de poeira na maioria das superfícies, dizendo a ela que quase não era usado.

Ela a levou para um cômodo nos fundos que tinha uma banheira de pés de cerâmica branca. Além de um único frasco de sabonete líquido, não havia mais nada no quarto, nem mesmo uma toalha.

— Eu tinha isso preparado para você quando soube que Jabez tinha agarrado você com segurança. — Ela gesticulou para a água. — Ainda deve estar quente. Vou encontrar uma toalha para você.

Ela se virou para sair e Reia a observou. Então ela olhou para a banheira com água fumegante.

Por que ela está sendo tão gentil comigo? Um banho, sério? Estou fedendo ou algo assim? Ela levantou o braço para cheirar sua pele. Então, novamente, ela tinha preparado antes mesmo de Reia chegar. *É como se ela quisesse que eu lavasse as evidências de Orpheus.*

Ela enrugou os olhos com consternação. *Eu não quero.*

Apesar da apreensão, Reia desfez os laços das costas do vestido e deslizou-o pelo corpo. *Apenas faça o que ela disse.* Então ela tirou os sapatos enquanto desamarrava as laterais da calcinha antes de deslizar para dentro da água.

O banheiro era claro porque era iluminado por um candelabro de cristal que abrigava muitas velas. Parecia antinatural sentar nua em uma banheira com tanta luz, seus olhos queriam a penumbra a que ela estava acostumada.

A mulher apareceu momentos depois com uma toalha e a colocou no chão ao lado da banheira.

— Aqui, vou me livrar disso para você.

Ela se abaixou para pegar o vestido de Reia, beliscando-o, como se fosse uma coisa nojenta, e Reia disparou para frente enquanto estendia a mão sobre a borda.

— Ei! — ela exclamou. — Você não pode aceitar isso.

— Não se preocupe, — ela riu calorosamente, seus lábios fazendo beicinho com humor. — Vou trazer algo mais bonito para você vestir.

— Não — ela rebateu. — Eu preferiria usá-lo.

Seu sorriso sumiu de repente, e ela desdobrou a trouxa em seus braços para segurar seu vestido no ar pelas mangas curtas. Ela enrugou o nariz enquanto seus lábios se contorciam com desgosto.

— Mas por que? Tenho muitos vestidos feitos do melhor veludo, seda ou algodão que você pode usar. Muito disso foi roubado das ruínas do castelo na superfície, ou eu consegui os melhores alfaiates Demônios para criá-los — e eles não foram fáceis de encontrar, já que a maioria deles é péssimo em criar qualquer coisa humana.

As maçãs do rosto de Reia aqueceram.

— Porque eu consegui.

E porque Orpheus lhe dera os materiais para isso. Ela tinha um azul claro que estava fazendo quase igual, mas ela gostava deste.

— Eu estava me perguntando por que você de repente não estava usando os vestidos brancos ou aqueles que você tentou tingir com comida. — Ela olhou para o vestido mais uma vez, seu rosto de desinteresse ainda presente. — Bem, se você quer usar tanto assim, eu coloco na cama para não sujar.

Isso mesmo, eles disseram que não podiam ver por dentro. Isso significava que eles realmente não sabiam o que estavam fazendo. Alívio navegou por ela, grata por eles não terem sido capazes de ver os momentos privados e íntimos dela e Orpheus juntos.

Era deles, e ninguém, especialmente essas pessoas, merecia vê-los.

TRINTA E DOIS

Reia certificou-se de que seu banho fosse longo, querendo ficar o mais longe possível dessa estranha mulher.

Quanto menos tempo passasse com ela, menos provável seria que descobrissem que Reia estava planejando fugir. Ela tinha perguntas, mas se estivesse muito ansiosa, temia que isso revelasse que ela se importava com Orpheus.

Eles vão questionar por que eu quero saber seus planos?

Ela colocou as mãos nas laterais da cabeça, enterrando as pontas dos dedos. *Por que isso está acontecendo?*

Se eles queriam ferir Orpheus, por que não fazê-lo na cabana? Era óbvio que o Rei Demônio tinha poder, então ela não entendia por que eles estavam se dando ao trabalho de levar Reia. A mulher havia dito que era para ajudá-la, mas por que ajudá-la?

Ele disse que tirou outros humanos dele. Mas eles nunca disseram se os resgataram ou os mataram.

Por que prejudicar Orpheus? A menos que eles não quisessem machucá-lo e apenas quisessem tirar algo dele. *Ele roubou algo deles?* Ela não podia vê-lo fazendo algo assim.

Eles obviamente gostam de torturá-lo. Rindo de sua dor, sua solidão, sua dor por perder as oferendas que ele provavelmente tentou tanto fazer amizade, assim como ele fez com Reia.

Orpheus me disse que o Rei Demônio não gosta de Mavka porque não pode controlá-los. Era tão simples? Por um tirano não ser capaz de fazer uma criatura se submeter à sua vontade? *Mas é a mulher que o quer.*

Porra. Ela cavou os dedos com mais força. *Isso está tão estranho.*

Passado algum tempo, Reia só saiu da água porque tinha esfriado. Ela pegou a toalha e secou o corpo antes de enrolá-la em volta de si.

Talvez eu possa escapar do castelo e esperar por Orpheus lá fora. Então não haveria necessidade de enfrentá-los.

Ela saiu do banheiro, esperando encontrar o quarto vazio, apenas para ver a mulher sentada na penteadeira olhando para si mesma no espelho. Ela estava escovando o cabelo já escovado

enquanto sorria para si mesma.

— Finalmente, — ela suspirou, a escova batendo contra a mesa enquanto ela a colocava. — Eu estava começando a pensar que você tinha se afogado lá dentro.

— Desculpe, eu estava pensando.

— Eu entendo. Tenho certeza de que você tem muito o que processar. — Ela se virou para encará-la enquanto permanecia sentada.

— Apenas saiba que está tudo bem agora.

— Obrigada, — Reia respondeu enquanto caminhava em direção ao seu vestido.

Ela realmente vai me fazer trocar na frente dela?

Ela estava apenas sentada lá, não poupando Reia nenhuma privacidade.

Ela inclinou a cabeça com expectativa, e Reia conteve o desejo de gemer. Ela não se sentia desconfortável andando nua na frente de um Caminhante do Crepúsculo, mas a ideia de estar nua na frente de uma *mulher humana* a deixava ansiosa.

— Como eu disse, você não precisa ter vergonha.

Mais uma vez, aquela palavra *envergonhada* estava sendo mencionada. Isso deixou Reia mais insegura.

A mulher era curvilínea, com seios grandes e um rosto muito bonito. Reia não estava se comparando a ela, mas não podia deixar de sentir que esta mulher estava fazendo exatamente isso, e obviamente se sentia superior.

Com os ombros caídos em derrota, ela abaixou a toalha. Tentando ao máximo esconder os seios e apertar as coxas, ela pegou o vestido.

Reia não perdeu a contração desgostosa no lábio superior da mulher, seus olhos escuros com uma emoção feia.

— Eu sabia.

Reia parou de estender a mão e, em vez disso, encarou a mulher nua, recusando-se a mostrar um único pinga de timidez. Não havia nada de errado com seu corpo, e ela não permitiria que esta mulher a fizesse sentir que havia. Orpheus a achava bonita, e isso era tudo o que importava.

— Sabia o quê? — Reia disparou para ela.

— Você fez sexo com Orpheus.

Ela sentiu sua confiança desmoronar e abaixou a cabeça para olhar para o próprio estômago. *Merda, eu não acho que ela entenderia o que eles queriam dizer.*

Ela rapidamente agarrou seu vestido para empurrá-lo sobre seu corpo.

A mulher confundiu a linguagem corporal de Reia com querer esconder as feridas no estômago porque ela se levantou.

— Como eu disse, você não precisa ter vergonha. — Ela começou a levantar o vestido, revelando a calcinha amarrada, assim como o umbigo. Os olhos de Reia se arregalaram com o que ela viu. — Já estive no seu lugar.

Havia cinco cicatrizes em forma de meia-lua em seu estômago. Cicatrizes que espelhavam as feridas recém-curadas em sua própria barriga.

— Você... — Os joelhos de Reia quase desmoronaram em choque, revolução, desgosto. — Seu...

Ela fez sexo com Orpheus. Ela é...

Ela baixou o vestido. — Meu nome é Katerina.

Ela é a porra da mulher!

Ela não podia acreditar nisso.

— Ele me contou sobre você, — ela deixou escapar.

Sim, ele contou a história deles a Reia, mas não o nome dela nem o fato de ela ainda estar viva!

Seus lábios se transformaram em um beicinho cruel, seus olhos enrugados com humor.

— Claro que ele contaria.

— Isso foi há quase dois séculos! — Ela tropeçou alguns passos para trás. — Como-como você ainda está viva? Você deveria estar morta.

Gesticulando com a mão em direção ao resto do castelo, ela disse: — Jabez tem me mantido viva com sua magia. Ele é útil quando eu preciso dele. Eu meio que gosto dele também. Ele é um idiota, mas também é muito agradável estar por perto. — Então ela deu de

ombros, começando a acariciar e acariciar a frente de seu vestido para alisá-lo sobre seu corpo e colocá-lo de volta em seu devido lugar. — E eu não posso fazer sexo com homens humanos. Ele é o único que poderia tentar me satisfazer, e mesmo isso às vezes nem sempre é garantido.

Questões. Tantas perguntas giravam em torno de sua mente. Ela queria falar com ela desde o momento em que Orpheus lhe contou sobre Katerina. Para perguntar por que ela fez o que fez, por que Orpheus não conseguiu conquistar sua afeição. Por que Reia acabou em sua cabana, lenta mas seguramente começando a cuidar dele quando esta mulher não podia.

— Você viveu com Orpheus por cinco anos. Se você queria a vida eterna, por que não ficou com ele?

— Ficar com Orpheus? — ela zombou, cruzando os braços sobre o peito. — Porque ele é um Caminhante do Crepúsculo. Ele me roubou da minha casa, me fez viver em uma caverna.

Incapaz de evitar pular em sua defesa, Reia retrucou: — Mas ele construiu uma casa para você.

— Porque ele queria me manter complacente! — Ela bateu o pé, os braços dobrando com mais força sobre o peito grande. Seu grito fez Reia recuar. Ela não parecia zangada com Reia, mas zangada com Orpheus e estava desabafando sua frustração. — Ele me deu o que eu queria porque isso significava seu próprio ganho. Eu estava presa em uma maldita casa que era tão pequena que mal conseguia respirar, e não iria correr pelo Véu para escapar como uma idiota. Passei cinco anos com aquele monstro esperando uma saída.

Mas ele não é um monstro. Ela também pensou isso no começo, mas então ele mostrou a ela o quão doce ele era. *Ele quer se aconchegar como um cachorrinho com seu dono.* Como alguém poderia pensar em Orpheus como um monstro depois de passar um longo período de tempo com ele?

— Você sabe como é, — ela disse suplicante. — Ele mudou nossos corpos para si mesmo! Só para que ele pudesse fazer sexo conosco, e tínhamos que dar a ele ou então...

Ela estava fazendo parecer como... como se Orpheus a tivesse

forçado, mas ele nunca fez isso com Reia.

E eu pedi para ele fazer isso comigo. Claro, ela não sabia o que ele faria, mas ela queria tudo dele, e ele deu a ela.

Ela nunca sentiu vergonha disso. Nunca se arrependeu. E uma parte dela gostava de ver as cicatrizes de suas garras em seu abdômen, a prova de que eles eram capazes de compartilhar momentos de paixão por causa disso.

— Você disse não a ele?

Tudo o que Reia precisou fazer foi dizer que estava muito cansada, e seu desejo se transformou em preocupação. Em vez disso, ele se enrolou em torno dela para dormir, deixando-a descansar em paz em seu abraço durante a noite.

Ele nem mesmo tentou tocá-la intimamente pela manhã durante o banho depois que ela acordou. Ele a alimentou, fez com que ela bebesse água, perguntou se ela estava bem e até se desculpou por estar exagerando.

— Dizer a ele que não? — Ela jogou as mãos para a frente enquanto ria, como se o que Reia tivesse perguntado fosse absurdo. — Você fez? Eu não queria morrer, porra. Tudo que eu queria é viver. Por que eu faria algo tão estúpido? A última coisa que eu queria era ser comida por um maldito Caminhante do Crepúsculo com tesão.

Os lábios de Reia se curvaram em um sorriso. *Então é isso. Não era porque Orpheus era um monstro. Foi porque ela não conseguia ver além do que ele é para vê-lo como qualquer outra coisa.*

Esta mulher, Katerina, nunca expressou seus desejos, nunca negou Orpheus, simplesmente porque ela era cega demais para ver que ele teria parado de tocá-la se ela simplesmente dissesse não.

Orpheus aceitou oferendas masculinas porque não queria ficar sozinho. Ele queria um companheiro, mesmo que fosse apenas um amigo. Ele pode ter desejado Reia, mas foi ela quem iniciou o toque.

Ele estava apenas tentando fazê-la feliz porque se importava com ela, e tudo o que ela via era um Caminhante do Crepúsculo. Não a criatura gentil, doce e masculina que não queria ficar sozinha. Quem estava cheio de emoções e achava que ser íntimo de alguma forma era se compartilhar.

Ele disse a ela que gostava de estar conectado a ela porque o

fazia sentir que estavam mais próximos um do outro.

Katerina pensou que Orpheus estava apenas tentando torná-la complacente, dando-lhe o que ela quisesse apenas para que ele pudesse obter alívio sexual, quando na realidade ele estava fazendo isso porque queria satisfazê-la de qualquer maneira que pudesse.

Ela criou seu próprio pesadelo.

Reia conheceu o Mavka que era um pouco estúpido, e ela podia ver Orpheus sendo assim com Katerina. Abertamente curioso e indagando sobre ela, descobrindo-a de uma forma que pode ter parecido desconcertante, mas na verdade era curiosa.

Ela podia ver isso em sua mente. Esta mulher apenas sentou lá e deixou Orpheus ser seu eu curioso e permitiu isso. Ele nunca tinha visto uma boceta ou feito sexo antes. Se ela tivesse dado um tapa na mão dele e dissesse não, como Reia fez com o Mavka que ficou surpreso, Orpheus teria recuado como o Mavka também.

Eles eram tão parecidos. Ambos solitários, ambos ternos à sua maneira. O Mavka queria proteger Reia tanto quanto Orpheus quando passou pela Vila dos Demônios.

De certa forma, ela não podia culpar Katerina pelo que tinha feito. Ela pensou que estava sobrevivendo, mas nunca se permitiu ver Orpheus como ele realmente era. Ela *queria* ver uma besta irracional de um monstro, e ela fez um.

— Então, você escapou com um Demônio em vez disso? — Reia perguntou, sem saber por que eles eram diferentes dela.

Ele era tão monstro quanto Orpheus. Nenhum dos dois era humano, e ambos os comiam em um piscar de olhos.

— Um *Rei Demônio*, — ela acrescentou. — Que vive em um castelo, não em uma cabana na floresta.

— Mas ele come humanos também.

Katerina franziu a testa, parecendo não entender o que Reia estava dizendo.

— Sim, mas pelo menos ele tem um rosto. — Ela estremeceu como se um calafrio de repulsa a percorresse. — E não tem pelo feio e barbatanas de peixe nojentas. Pelo menos o pau dele é meio normal. Você só teve que olhar para uma caveira por um mês e meio, mas

olhar para ela por cinco anos foi como enfrentar o ceifador. Seu rosto significa apenas a morte.

E, no entanto, trouxe a Reia um prazer insondável. Sua língua era um pecado travesso e perverso e seu rosto lupino continha uma beleza sobrenatural. Muitas vezes ela se perdia olhando para ele.

Ela adorava a aparência dele. Seu pelo era incrivelmente macio, seu corpo tão quente que forçou seus músculos a relaxar. Suas barbatanas se erguiam quando ele era agressivo, sim, mas também o faziam quando ele estava prestes a gozar, mostrando a ela o quão profundamente ele estava reagindo a isso. Eles até estremeciam um pouco.

— Ele *arruinou* nossos corpos. — Os ombros de Katerina caíram. — Jabez é grande, mas até fazer isso com ele é uma luta. Assim que você voltar a viver com humanos e encontrar alguém com quem queira fazer sexo, você entenderá. Você vai odiar Orpheus ainda mais quando descobrir exatamente o que ele tirou de você.

— Sim, — Reia riu. — Eu já imaginei que o pau de um homem seria inútil para mim agora.

Katerina virou a cabeça para rir do teto sem humor.

— A única coisa que tornou esses cinco anos suportáveis foi que pelo menos *me senti* bem. Eu odiava isso, mas ele sempre me fazia gozar, mesmo que eu não quisesse.

Reia tinha certeza que sim, porque ele sempre prestava atenção extra para garantir que ela tivesse um orgasmo. Ele quase parecia frenético por isso às vezes, como se precisasse dela mais do que obter sua própria liberação.

— Eu entendo — disse Reia.

Eu entendo que você é uma vadia rancorosa que tratou Orpheus como se ele não fosse nada além de um animal irracional. Ela o machucou por causa de sua estupidez e preconceitos. *E eu odeio você. Eu te odeio tanto pelo quanto você o machucou.*

— Claro que sim, — ela disse, seus ombros rígidos relaxando enquanto ela desviava o olhar do teto para sorrir para ela. — Eu trouxe comida para você. — Ela gesticulou para a mesa de café no quarto. — É bom. Assegurei-me de que os criados aqui aprendessem a fazer

comida deliciosa para mim. Será melhor do que as enfadonhas refeições de vegetais que você foi forçada a comer por causa dele. É lamentável que você tenha sofrido em meu lugar.

Reia caminhou até a bandeja de prata com comida e ergueu a sobancelha para ela. Era uma porção saudável de bife, regado com algum tipo de molho de frutas vermelhas, com purê de batatas, cebola e cogumelos.

Eu fiz isso, apenas com carne de veado. Exceto talvez a manteiga, e ela ficou com água na boca pelo gosto.

— Eu não posso acreditar que depois de todos esses anos ele ainda está tentando me substituir, — Katerina riu, chamando a atenção de Reia enquanto ela lentamente começava a andar. — É patético. Ele sentiu minha falta e tem tentado encontrar outros humanos para preencher a lacuna para que ele possa fornicar com eles. — Ela torceu o nariz com desgosto. — Na verdade, é um pouco nojento. Sempre me perguntei com quais humanos ele fodeu e depois comeu.

— Nenhum, — Reia respondeu friamente. — Eu fui a primeira.

— Realmente? — ela disse com um sorriso radiante. — Isso é excelente. Então, ele realmente tem sofrido todos esses anos.

Seu coração doeu no peito. *Ela o odeia tanto que queria que ele sofresse.* Ela se sentiu tão mal por ele. Ele se importava com alguém que era inegavelmente cruel.

— Eu sabia quando você sobreviveu por tanto tempo que ele deve ter levado você. Eu não poderia assistir sabendo que você estava passando pelo que eu passei.

— Obrigada, — Reia disse, a palavra azeda em sua boca.

— Claro. Agora, depois de comer, você deve dormir um pouco. Tenho certeza de que você está cansada e gostaria de descansar adequadamente pela primeira vez em anos.

Os olhos de Reia caíram sobre a cama que parecia terrivelmente fria e solitária.

Não cheiraria a mogno enfumaçado e pinho. Não seria quente. Não teria o ritmo tranquilizador de um peito firme e grande pulsando contra ela de fortes respirações que ecoavam com os sons de um batimento cardíaco ainda mais forte.

— Seria bom passar um tempo sozinha, — Reia respondeu, tentando esboçar um sorriso agradecido que não parecesse falso e cheio de desprezo.

— Claro que sim. Ele segue você como um vira-lata perdido. Eu sei como é querer um tempo para você. — Katerina jogou os longos cabelos negros sobre o ombro como Reia tinha visto muitas mulheres vaidosas fazerem, antes de se dirigir para a saída. — Se precisar de alguma coisa, dois criados estarão esperando do outro lado da porta. Eles não vão entrar, então você não precisa se preocupar.

Droga. Lá se foram seus planos de esgueirar-se para fora.

TRINTA E TRÊS

Reia sentou-se em uma longa mesa de banquete, sentindo-se ridícula, pois havia pelo menos vinte lugares e apenas três deles estavam ocupados. As cadeiras eram grandes e seus dedos dos pés mal tocavam o chão enquanto ela se sentava em sua cadeira.

As paredes eram de pedra com mais cortinas vermelhas e uma tapeçaria encostada na parede atrás da cadeira principal. Dois candelabros de cristal estavam apagados acima deles, enquanto dois grandes candelabros estavam sobre a mesa. A mesa era feita de carvalho polido brilhante com padrões naturais em redemoinho e tinha cadeiras que combinavam.

Com a cabeça abaixada, ela olhou para Katerina sentada em frente a ela através de seus cílios. Jabez estava sentado na cabeceira com as botas sobre a mesa e recostado.

O sono a iludiu durante a maior parte da noite. Se revirando e virando, ela não foi capaz de parar de pensar. Ela sentia falta de Orpheus, e sua preocupação por ele não permitia que ela descansasse direito. Ela sabia que ele devia estar aflito, sabia que ele estaria preocupado.

Ela quase podia imaginá-lo choramingando enquanto corria para cá, e isso fez seu coração doer terrivelmente.

Ela estava cansada quando se sentou com eles, empurrando a comida pelo prato enquanto tentava comê-la. Era um bom café da manhã com ovos e bacon.

Era mais como um brunch tardio. O sol brilhava contra as janelas, alto no céu, mas as janelas estavam enegrecidas por algum tipo de magia rodopiante, impedindo que os Demônios dentro do castelo fossem queimados por sua luz.

Ela queria comer. Ela não comia um café da manhã frito normal como aquele desde que começara a viver com Orpheus, mas seu estômago enjoado não aguentava.

Katerina e Jabez estavam conversando, sendo excessivamente brincalhões porque ele obviamente exigia, embora Reia estivesse sentada ali. Ela não gostou de seu olhar errante sobre ela.

— Não pensei que os elfos fossem reais, — comentou Reia, tentando redirecionar a conversa.

— Não neste mundo, — ele respondeu, cruzando os braços atrás da cabeça e esticando seu corpo seminu, o que fez seus músculos se dilatarem. — Eu venho de outro mundo, assim como todos os Demônios.

— Usando um portal para chegar aqui?

Orpheus havia mencionado um portal.

— Isso mesmo. Viemos de uma terra parecida com esta, mas cheia de Elfos e Demônios. Elfos são nossa comida, mas são muito rápidos, fortes e possuem magia. Eu sou o produto de um acasalamento de um demônio e um elfo.

— Se eles são caçados por comida, por que um elfo faria sexo com um demônio?

— Quem disse que foi consensual? — ele soltou com um rosnado.

Parecia que ele não estava feliz com isso, que seu nascimento foi o produto de uma ação tão violenta.

— Como quando comem humanos, os demônios mudam. Eles ficam mais inteligentes, mais fortes e obtêm desejos estranhos, como agir como humanos e elfos e imitá-los. Tanto quanto sei, sou o único híbrido. — Ele ergueu a mão e sacudiu as orelhas pontudas. — Fui caçado pelo que era, porque sou uma abominação para os elfos. Então, escapei com a magia que tinha desde o nascimento e ganhei mais comendo-os até conseguir criar um portal.

— E aquele portal o trouxe até aqui, — Reia terminou para ele, colocando os dedos sobre a boca em pensamento.

— Exatamente. — Ele colocou a mão atrás da cabeça. — E então eu trouxe os Demônios aqui para que eles pudessem comer e um dia possamos voltar e destruir os Elfos.

— Você os trouxe aqui para formar um exército? Tipo para uma guerra?

Ele assentiu com a cabeça, seus lábios se estreitando. Seus olhos castanhos escuros pareciam vagar enquanto eles ficavam atordoados.

— Os Demônios me deixaram ser um rei porque eu posso fazer

coisas para eles, tornar a vida mais fácil para eles, dei a eles um lugar onde eles podem caçar livremente. Eles estão cada vez mais inteligentes e fortes para que um dia possamos voltar e matar os elfos. — Sua voz estava cheia de ódio enquanto ele mostrava suas presas demoníacas com um sorriso de escárnio. Ela imaginou que ele desprezava os elfos por caçá-lo. — Eles estavam morrendo lentamente por serem caçados até a extinção, eu permiti que eles crescessem.

— Elfos estiveram aqui então?

Ele encolheu os ombros.

— Se o seu tipo os conhece, então provavelmente, mas isso foi provavelmente antes de eu criar o portal e fazer a sombra do Véu.

Então, é tudo culpa dele que vivemos com medo por quase trezentos anos. Ela baixou o olhar para a comida antes que ele pudesse ver que ela estava olhando.

— Você fez o Véu?

— Levei muitos anos para cultivar as árvores, não foi uma tarefa fácil, mas a luz do sol sempre as queimou. Os Demônios precisavam de um lugar seguro para viver. Este desfiladeiro que abrange um quarto deste mundo era o lugar perfeito para o meu portal aparecer. No entanto, eu o tornei um pouco maior.

Katerina permaneceu quieta, parecendo entender porque Reia estava curiosa sobre isso.

Quando eu sair daqui, devo voltar para minha espécie e contar tudo isso a eles? Talvez ela e Orpheus pudessem contar a verdade ao mundo para que pudessem descobrir uma maneira de levar os Demônios de volta ao seu mundo natal. Então os elfos poderiam lidar com eles mais uma vez.

— Volto com frequência para aumentar minha magia consumindo mais elfos. Eles ainda são muito fortes para mim em seus números.

Algo fez seu corpo inteiro se contorcer, e ele abaixou as mãos para poder girá-las.

— Algo está errado? — Katerina perguntou a ele enquanto abaixava os talheres.

Eventualmente, uma bola menor de prata líquida do que no dia

anterior começou a se formar. Ele a jogou no ar e ela se achatou na frente de seu rosto. Reia não conseguia ver nada, pois a parte de trás refletia seu próprio rosto como um espelho.

— O Mavka entrou no meu território. Ele estará aqui em breve.

O sorriso sombrio no rosto de Katerina foi instantâneo, e fez Reia se arrepiar. Um suspiro profundo de tensão a deixou, suspirando pesadamente. *Ele está quase aqui.*

— Então... você disse que eu era um peão, — ela começou, olhando para os dois com cautela. Reia precisava de suas respostas, precisava planejar quando Orpheus chegasse. — O que vocês precisam que eu faça?

— Nada. — Katerina acenou com a mão para cima e para baixo com desdém. — Eu posso fazer o resto sozinha. Só precisava trazê-lo aqui para que ele a seguisse. Ele provavelmente pensa que pode levá-la de volta, mas não se preocupe, não vamos deixar. Você está perfeitamente segura.

Reia franziu a testa, abaixando seus próprios utensílios quando ambos começaram a se levantar como se quisessem se mexer. Ela estava grata por esta refeição desconfortável ter terminado.

— Então o que você vai fazer com ele? — ela perguntou quando eles estavam começando a sair da enorme, mas principalmente árida sala de jantar.

— Vou matá-lo — disse Katerina com alegria, quase saltando pelo corredor por onde haviam entrado.

Seu rosto empalideceu quando uma pontada de pavor enviou uma onda de frio por todo o seu corpo. Tão frio, na verdade, que sua pele ficou arrepiada. Isso a congelou no local.

— O que? — ela quase gritou, antes de limpar a garganta. — Você está planejando matá-lo?

Jabez a empurrou para trás para empurrá-la para frente para que ela continuasse andando.

— Levamos muito tempo para descobrir como matá-lo, — Jabez disse enquanto os conduzia para a sala do trono. — Mavka são extremamente difíceis de matar. A propósito, ela está mentindo para você. A única razão pela qual ela te salvou é porque só recentemente

aprendemos a matá-los. Qualquer humano poderia estar no seu lugar. — Ele bateu atrás de suas orelhas quando eles estavam parados no meio da sala do trono, como se fosse onde eles estivessem planejando cometer esse crime vil. — Gosto de ouvir tudo no meu castelo, mesmo quando não estou presente.

Os lábios de Katerina se estreitaram em irritação, colocando as mãos nos quadris enquanto ela o encarava. Ela não negou.

— Você não pode esfaqueá-los, isso apenas os enfurece — continuou ele, avançando para colocar o braço em volta dos ombros de Katerina. Suas orelhas pontudas piscaram em aborrecimento quando algumas mechas de seu cabelo fizeram cócegas sobre elas. — Esfaqueá-los no coração não funciona, e é quase impossível romper sua caixa torácica externa. Cortar a cabeça também não funciona. Você não pode nem mesmo arrancar seus cérebros. Dentro de um dia, não importa quão grande ou pequena seja a ferida, mesmo que o crânio esteja sem corpo, eles voltam a crescer.

Katerina estremeceu sob seu braço.

— Tão antinatural. Pelo menos se eu cortar sua cabeça, você morreria.

— Tenho que chegar primeiro — ele riu, passando a mão inteira em seu rosto como se estivesse tentando acariciá-lo. — Precisei de muitas tentativas com o Mavka com chifre de carneiro que peguei recentemente. Não importa o que eu fizesse, ele simplesmente não morreria.

Não conheço o Caminhante do Crepúsculo com chifres de carneiro. Mas não importava, eles *torturaram* um. Uma criatura com sentimentos e pensamentos sencientes. Tanto Orpheus quanto o Mavka já haviam mostrado a Reia que não gostavam de dor, e ainda assim eles se esforçaram para machucar alguém apenas para descobrir como matá-los.

— Então como? — Reia perguntou, olhando a sala com incerteza. Como eles estavam planejando matá-lo?

Ela franziu a testa quando viu sua espada ainda caída no chão. Sim, isso *não era* um esforço que ela via funcionando para ela. Como um cachorro com uma vara amarrada ao pescoço e um pedaço de

carne pendurado na outra ponta, ela sabia que nunca iria alcançá-la, por mais que tentasse.

Ele se inclinou e bateu com os nós dos dedos no topo da cabeça.

— Não tive chance de tentar porque a Bruxa Coruja o roubou de mim – ela é uma coisinha chata, sempre atrapalhando. Mas, quando mencionei quebrar seu crânio, seus olhos ficaram brancos pela primeira vez. Foi quando percebi que se eu cortasse alguma coisa, não importava se o crânio ainda estava intacto.

Eu vou quebrar seu crânio. Orpheus havia ameaçado essas palavras ao Mavka. *Eu vou estilhaçá-lo.* Ele ameaçou matá-lo, e seus olhos ficaram brancos de medo.

O que eles estavam dizendo era verdade, e agora ela sabia o que eles planejavam fazer.

Seu olhar se voltou para Katerina, que tinha um olhar intrigante em seu rosto sorridente, os dentes à mostra para mostrar o quão grande era.

Ela odiava tanto Orpheus que queria matá-lo, e com a ajuda do Rei Demônio, Reia não via como ele sobreviveria.

Merda, Orpheus. Retorne.

Ela queria que ele viesse aqui e a levasse para casa, mas agora que ela sabia que eles estavam planejando matá-lo, que eles sabiam como, o medo se instalou em seu estômago como uma bola pesada. Seu coração começou a correr em suas veias, perguntando-se como diabos eles deveriam sobreviver a isso.

Não posso lutar contra Jabez, ele me mataria em um segundo.

Não haveria nada que Reia pudesse fazer para ajudar se ela não quisesse morrer também.

Jabez estreitou os olhos e se afastou de Katerina. Sua cabeça se inclinou para o lado quando ele deu um passo em direção a ela.

— Você não cheira a medo desde o momento em que te trouxe aqui, — ele disse, virando a cabeça para o outro lado enquanto examinava Reia, que começou a recuar. — Por que você de repente cheira a isso com a menção de sua morte?

Ah merda. Reia parou e ergueu o queixo para ele.

— Não faço ideia do que você está falando.

— Você pode fingir, humana, mas não pode esconder isso de mim. — Ele começou a estalar os lábios, lambendo-os com a língua molhada. — Os Demônios não serão capazes de sentir o cheiro, mas eu sou o conjurador do feitiço de aroma e mesmo que não seja forte, não esconde o cheiro de medo que emana de você agora.

Ela não disse nada, olhando para ele com as mãos lentamente se fechando.

Não importa o quanto ela tentasse reprimir suas emoções, sua preocupação com Orpheus era muito forte. Ela não temia por si mesma, mas temia por ele.

Ele não merece isso.

— Reia? — Katerina perguntou suavemente, suas sobrancelhas escuras se franzindo.

Reia voltou seu olhar para ela ao invés disso, seus dentes cerrados com tanta força que ela sabia que seus músculos da mandíbula estavam tensos. Seu peito bombeava para dentro e para fora pesadamente, mas de forma constante.

— Eu não sei do que ele está falando, — Reia disse com um tom de escárnio em sua voz. — Não estou com medo por causa da morte de Orpheus. Por que eu deveria me importar? Você sabe o que ele fez.

Os olhos de Katerina escureceram enquanto seus lábios se estreitaram.

— Então por que você está com medo de repente? — Seu tom era profundo, como um aviso para observar como ela respondia.

Ela não podia dizer que de repente estava com medo de estar aqui, isso seria muito óbvio.

— Tenho medo de me machucar no processo.

As feições de Katerina se suavizaram em compreensão, mas Jabez virou a cabeça mais uma vez.

— Ela está mentindo. A frequência cardíaca dela está disparando.

Suas orelhas piscaram como se ele estivesse ouvindo atentamente Reia e o que estava acontecendo sob sua pele.

O rosto de Katerina endureceu mais uma vez.

— Você não se importa com ele, não é?

— Não, — Reia respondeu rapidamente, olhando-a nos olhos.

— Isso seria bom, — Katerina riu, suas pálpebras enrugadas. — Se fosse verdade. Você se importa com ele. *Ele*, um Caminhante do Crepúsculo. — Seus lábios começaram a se torcer horivelmente, manchando seu lindo rosto em algo verdadeiramente horrendo, seus olhos azuis ficando gelados. — Você realmente não *queria* fazer sexo com ele, não é?

Bem! O gato está fora do saco, eu acho. Não adiantava mais fingir.

Os lábios de Reia se curvaram brilhantemente em um sorriso zombeteiro.

— Claro, eu quis. — Então ela colocou a mão no queixo para bater nele com o dedo indicador. — Na verdade, tenho quase certeza de que implorei *pelo* pau dele da primeira vez, com tentáculos e tudo.

O desgosto marcou seu rosto e Reia riu.

Ela levantou os braços para o lado para se apresentar.

— Então, o que vai acontecer comigo agora?

— Você vai morrer, — Jabez disse, avançando para ela com as garras de sua mão direita levantadas.

Ela imediatamente virou a cabeça para ele com um olhar.

— Não — interrompeu Katerina enquanto o agarrava pelo braço. — Vai ser mais divertido se ela conseguir vê-lo morrer primeiro. Se você gosta tanto dele, pode me ver matá-lo por mentir para mim, deixando-me pensar que você entendeu como eu me sentia. Tentei *salvá-la*.

— Só está salvando alguém se eles quiserem ser levados embora. — Ela acenou com a cabeça em direção a Jabez. — E ele já me disse que você só me trouxe aqui para me usar para trazer Orpheus para cá. Você não passa de uma cadela egoísta.

Ela se dirigiu para Reia, que ficou lá sem recuar. Katerina deu um tapa nela, fazendo sua cabeça virar para o lado.

Ela sibilou em uma respiração. *Bem, isso doeu muito.* Todo o lado esquerdo de seu rosto estava ardendo.

Katerina então estendeu a mão e agarrou a mandíbula de Reia, apertando suas bochechas com os dedos enquanto puxava seu rosto para mais perto, até que estivessem quase nariz com nariz.

— Não pense porque você gosta dele que você é especial. Você não passa de minha pobre substituta. Ele sempre desejou por mim, me quis. Ele é meu, ele sempre foi meu.

Cerrando os dentes, os lábios torcidos com uma carranca enquanto ela deixava Katerina agarrá-la assim. Não é como se houvesse algo que ela pudesse fazer em troca, e se ela tentasse, provavelmente iria apenas irritá-los. Enquanto ela ainda estivesse viva, havia uma chance de que eles pudessem escapar, não importa o quão pequena fosse.

A raiva aumentou, mas também o ciúme intenso. Reia o aceitou, ele era *dela*.

Katerina fez sexo com Orpheus, foi a primeira mulher que ele tocou, e uma inveja como ela nunca tinha conhecido queimou como um incêndio em seu intestino. Esta mulher não gostou, mas Reia gostou, teria gostado, e ela odiou que Katerina o tivesse tocado.

Ela sentiu ciúmes no dia em que ele disse a ela que tinha estado com outra mulher depois que ela o acariciou para gozar pela primeira vez. Ela estava chateada então, e ela nem sabia que a mulher tinha sido essa cadela que era bonita por fora, mas notavelmente *feia* por dentro.

Katerina dera-lhe um nome e Reia desejou que fosse ela. Ela não mudaria isso, mas gostaria que tivesse sido ela quem tivesse feito isso, que ela fosse a primeira humana que ele encontrasse. Que ele não tivesse que passar por toda a sua dor e sofrimento por causa de uma vaca hedionda.

Ela podia fingir gentileza, mas tratou Orpheus horivelmente. Reia achou isso imperdoável.

— Isso seria bom, — Reia disse, dizendo suas palavras de volta para ela. — Se fosse a verdade. Orpheus é *meu*. Ele está vindo aqui por *mim*.

— É isso que você acha? — ela riu, deixando-a ir jogando a cabeça para trás. — Ele provavelmente pensa que você veio aqui voluntariamente, como eu fiz. Você acha que se ele pudesse escolher, ele escolheria você em vez de mim?

Sem um pinga de dúvida, Reia disse, — Sim.

— Então você vai ter seu coração partido por nada além de um

Caminhante do Crepúsculo imundo. — Seu sorriso era cruel quando ela cruzou os braços e ergueu o nariz para ela. — Não só vou fazer você me ver matá-lo, mas você vai descobrir que está *errada*.

— Então sua cara de derrota vai ficar ainda mais engraçada quando você descobrir que estou certa, — Reia retorquiu.

Jabez se contorceu novamente.

— Ele entrou no terreno do castelo, Katerina. — Seu sorriso dizia que ele estava realmente entretido ao observar as mulheres brigando na frente dele. Então ele conjurou uma adaga para dar a ela. — O que você quer que eu faça com ela?

Katerina se afastou deles para descer os degraus do trono e ficar no meio. Ela ficou de frente para as portas duplas de madeira marrons fechadas do outro lado, tão altas que um troll de três metros poderia passar por elas.

— Cubra-a e faça-a assistir.

Com um aceno de cabeça, ele estendeu a mão para Reia, que se afastou. Ela apontou o dedo para ele.

— Não me toque, aberração.

Levantando uma sobrancelha, seu sorriso cresceu. Então ele desapareceu apenas para se materializar atrás dela um segundo depois. Ele a agarrou e envolveu um braço ao redor de seu torso para prender seus braços ao lado do corpo enquanto colocava a mão em forma de garra em volta de sua mandíbula e pescoço.

Um brilho semelhante a névoa os envolveu como uma bolha enquanto ele a arrastava para o lado.

— Ela vai ficar tão animada comigo depois de tudo isso.

— Você parece gostar muito dela, — Reia zombou, contorcendo-se em seu aperto, mas incapaz de se livrar dele.

— Ela é útil. Os humanos são melhores no sexo do que os demônios.

Oh vamos lá. Ai credo! Isso significava que ele estava dormindo com Demônios em algum momento. Então, novamente, ele era um híbrido deles. Ela não deveria estar tão surpresa.

— Por que você está ajudando ela? — Reia perguntou, olhando para Katerina que enfiou a adaga na manga do vestido para escondê-la

antes de juntar as mãos na frente dos quadris para esperar.

— Porque ela exige isso desde o momento em que a peguei. — Ele deslizou a mão mais alto para forçar a mandíbula dela a fechar pressionando para cima. — E eu não gosto de Mavka porque eles não vão se juntar a mim. Eles são incrivelmente fortes. Mais fortes que os demônios, mas eles não vão me ajudar. Eles até tentam lutar comigo se me encontram em seu território, embora eu tenha criado o lar onde eles se escondem. Eles matam meu povo, comem Demônios, o exército que estou tentando aumentar. Eles devem ser erradicados, e seu Mavka será o primeiro.

Ele pressionou o nariz contra a bochecha dela com uma risada.

— Isso vai acontecer, humana. Você pode gritar e chorar por ele, mas ele não poderá ouvi-la sob minha capa, nem poderá sentir seu cheiro ou vê-la. Então, depois que ela o matar, eu vou comer você, e ela vai gostar de me ver fazendo isso.

Seus lábios se contraíram com desdém, tornando-se apertados enquanto ela os franzia.

— Mas eu desejo ouvir o que será dito com clareza, então fique quieta.

Então ele cobriu a boca dela, quase bloqueando o nariz também, dificultando a respiração sob sua mão grande.

TRINTA E QUATRO

Orpheus corria de quatro pelas terras do Rei Demônio, passando pelas muitas sebes descuidadas que pareciam nunca ter sido podadas. Árvores, tão altas que nem mesmo Orpheus poderia pular para o galho mais baixo, estavam situadas dentro das paredes de pedra da cerca do terreno do castelo, ao lado de roseiras espinhosas de cor preta. Ele se esquivou de toda a flora crescida, sentindo a queimação em seus músculos por correr.

Sua respiração bufava em altos bufos pela boca, muito forte e afiada para ser soprada pelo buraco do nariz, enquanto sua língua avançava constantemente para ajudar em cada expiração.

Ele não descansou no caminho até aqui, não parou ou diminuiu a velocidade, nem por um segundo. Seus ossos e juntas doíam, seu torso estava tenso com o esforço, mas a determinação lhe dava força.

Ele poderia lutar, lutaria, se isso significasse ter Reia de volta em seus braços.

Sua cabeça disparou para todos os Demônios que encolheram ao vê-lo e seus orbes brilhantes avermelhados.

Seguindo o caminho de terra, ele chegou aos grandes degraus do castelo e subiu por eles. Os dois Demônios que mantinham a guarda sibilaram e gritaram antes de disparar pelas laterais da escada para fugir dele.

Assim que ele estava na frente das grandes portas arqueadas de madeira, ele cravou suas garras nelas enquanto abria seu peso. Ele estava empurrando seu corpo antes mesmo de estarem meio abertas para entrar no saguão de entrada.

Ele deslizou pela larga faixa de carpete que foi colocada sobre o frio chão de pedra quando parou. Ninguém o cumprimentou no corredor mal iluminado. Não havia móveis além de dois armários compridos com velas acesas em cima deles ao lado das portas pelas quais ele acabara de entrar. Pisando em um círculo lento, ele ergueu o focinho no ar, farejando para ver se conseguia encontrar um traço do cheiro de Reia.

O forte aroma adocicado violou seus sentidos, não permitindo

que ele soubesse se estava vindo aqui para descobrir que ela já estava morta. Um gemido escapou dele com esse pensamento.

Sua cabeça disparou para o lado, para a porta no final do corredor que ele sabia que levava ao grande salão antes de se transformar na sala do trono que o mantinha. Seu cheiro era fraco, mas vinha daquela direção.

Seus olhos ficaram brancos. Ele estava com medo de ir por esse caminho.

Não por causa do Rei Demônio que poderia estar sentado dentro dela, mas porque a última vez que ele entrou naquela sala, ele enfrentou Katerina dois séculos atrás.

Duzentos anos atrás, ele entrou naquela mesma sala para encontrá-la sentada em seu colo, dizendo a Orpheus para ir embora e que ela o odiava. Que ela não queria estar ao lado dele.

Ele temia ser recebido com a mesma cena.

Reia não é Katerina.

Ele avançou devagar, cautelosamente, hesitante, de quatro em sua forma transformada para atravessar a sala de entrada.

Ele ergueu a mão e abriu as portas duplas.

O cheiro de Reia era forte aqui, como se ela tivesse estado apenas momentos antes, mas ele sabia à primeira vista que ela não estava lá. Nem o Rei Demônio.

Em vez disso, seu olhar caiu sobre Katerina, que estava sozinha no topo dos degraus do pódio do trono.

Em sua posição agachada, uma de suas mãos pressionada contra o chão deu um passo para trás como se o desejo de recuar o empurrasse para trás. Seu cabelo era tão preto quanto ele se lembrava, sua pele ainda brilhante com aquele brilho de luz nela como se tivesse sido escurecida pelo sol. Seus olhos azuis, que sempre pareciam gelo, ainda estavam frios como sempre.

E ainda assim ela sorriu para ele, seus lábios largos e carnudos se curvando.

Orpheus inclinou a cabeça. Ele não conseguia se lembrar se ela já havia sorrido para *ele* antes.

Ele olhou em volta enquanto se forçava a dar um passo à

frente.

Ele precisava saber que Reia estava viva, que ela estava segura, e descobrir onde ela estava para que ele pudesse levá-la para casa. Ele precisava que ela fosse protegida mais uma vez na segurança de seu círculo de sal, suas bugigangas, por seu corpo enquanto eles se deitavam em cima das peles, porque ela disse a ele que ele fazia estar sob eles muito quente quando eles se abraçavam.

— Orpheus, — ela cumprimentou quase calorosamente.

Seu sorriso se aprofundou a ponto de seus olhos enrugarem o canto de suas pálpebras.

Sua cabeça abaixou enquanto ele encolheu sob o poder de sua voz suave. Ele estava se aproximando dela, mas não sabia se deveria. *Ela saberá onde está.* Ela tinha que saber onde o Rei Demônio a teria levado.

O fato de que ele não estava aqui com ela enquanto eles deviam saber que Orpheus estava se aproximando, e agora estava dentro do castelo, o preocupava.

Onde está Jabez? ele pensou, subindo as escadas rastejando para ficar na frente de Katerina enquanto se mantinha abaixado.

O cheiro do perfume que ela usava fazia pouco para esconder dele o cheiro de canela e sálvia, assim como o cheiro do metal colocado sobre ela. Ela sempre gostou das coisas bonitas que os humanos usavam. Ela exigiu muito quando esteve com ele e ele a levou para a aldeia.

A única coisa que o aliviou foi que ele podia sentir o cheiro de Reia que esteve aqui recentemente, o que significava que ela ainda estava viva.

Levou quase uma noite e um dia inteiro para chegar aqui, e seus músculos, embora ainda tensos e muito doloridos, relaxaram um pouco ao saber que ela poderia estar segura.

— Onde está Reia? — ele perguntou a ela lentamente.

O sorriso de Katerina caiu instantaneamente, e seus olhos se estreitaram quando seus lábios se apertaram. Ele sempre se preocupava quando ela parecia zangada.

— Ela se foi, Orpheus.

Ele notou que as mãos dela se curvavam como se ela quisesse cerrá-las, mas se conteve.

— Mas eu posso sentir o cheiro que ela estava aqui agora.

Ele cruzou a mão na frente da outra, dando um passo para o lado e na direção em que o cheiro de Reia cheirava mais fresco. Ele queria segui-lo, sabendo que no final dessa trilha estaria sua pequena corça.

— Ela está com o Rei Demônio.

Ela seguiu seu passo, parando na frente dele como se quisesse impedi-lo de seguir em frente. Um arrepio percorreu sua espinha com as palavras dela, fazendo seu pelo eriçar e suas barbatanas se levantarem.

— Ele a está machucando?

Ele percebeu que Katerina respirou fundo pelo nariz e fechou os olhos por um momento, antes de soltá-lo e abri-los mais uma vez. Seu rosto suavizou, o sorriso mais simples presente.

— Ela tomou o meu lugar.

Ela ergueu a mão como se pretendesse tocar o focinho dele.

Ele recuou, sem saber por que ela estava tentando alcançá-lo quando nunca o fizera antes. Ela estava sendo... diferente.

— Tomou o seu lugar?

Ele tentou contorná-la novamente, sua visão disparando na direção que ele queria ir – não que ela fosse capaz de notá-lo fazendo isso.

— Fui enganada, Orpheus. — Ela deu a ele uma cara de dor, os cantos de suas pálpebras enrugando quando seus lábios se separaram.

— Me desculpe, eu não queria deixar você. Posso voltar para você agora.

Seus olhos ficaram amarelos escuros em curiosidade. *Ela não queria me deixar?*

— Mas você me disse que não queria estar ao meu lado, Katerina.

Espírito do vazio, ajude-o, ele não dizia o nome dela há eras. Ele nem tinha coragem de pronunciá-lo para Reia.

— Eu tive que fazer, — ela disse rapidamente, estendendo a

mão novamente e conseguindo segurar o focinho dele, segurando-o com inegável cuidado. — Ele me obrigou, disse que eu tinha que fazer. Ele me enganou para ter que ficar com ele e abandonar você, ou então eu morro.

Seu coração doía. Orpheus sempre quis isso, sempre *desejou* isso. Para Katerina voltar para ele, para desejá-lo como ele sempre fez com ela. Estar em seu abraço na casa que ele construiu para ela, decorou para ela, passou seu tempo criando um lugar onde ela se sentiria confortável e feliz.

Tudo o que ele fez, ele fez por *ela*.

— Mas por que agora? — Por que isso estava acontecendo agora, quando ele finalmente encontrou uma humana que queria estar com ele?

Ele se sentia dividido entre seu passado e seu presente. Katerina não era Reia, e Reia não era Katerina. Elas eram diferentes, mas eram importantes para ele.

Ele estava com ela há cinco anos, e Orpheus se preocupava profundamente com ela. Por aqueles poucos anos, Katerina tinha sido tudo para ele. Sua amiga, sua amante, seu calor, sua luz, a pessoa que lutou contra sua solidão e o fez sentir-se inegavelmente completo.

Ela tinha sido sua noiva, embora não tivesse lhe dado sua alma.

Ele não se importava que ela quisesse e tirasse dele, porque Orpheus queria dar. Os sorrisos dela, embora nunca tivessem sido dirigidos a ele, tinham sido seu objetivo, e eles lhe traziam prazer de uma forma que não tocava seu corpo, mas sim sua alma, seu coração.

E, no entanto, seu toque agora parecia estranho para ele. As mãos dela eram tão macias e quentes quanto as de Reia, elas pareciam o mesmo contra o osso de seu crânio, mas forçou o sopro de seu cheiro nas narinas.

Seu perfume picante não era suave como o de sabugueiro e rosas vermelhas.

— Reia se ofereceu para ficar no meu lugar para que eu não precisasse mais ficar com ele. Ela é muito boa. — Katerina deu-lhe outro sorriso. — Ela disse que se eu quisesse tanto voltar com você, ela estaria com Jabez.

Orpheus sentiu seu coração afundar tão fundo que parecia que estava se movendo em seu peito para sentar-se dolorosamente em seu estômago.

Ela se ofereceu a Jabez? Ele sentiu o rastejar familiar da traição sob sua carne, mas era muito pior do que Katerina tinha feito com ele.

Ele não queria acreditar nisso, que Reia o deixaria. *Ela disse que queria ficar comigo.*

Um gemido baixo sacudiu seus pulmões.

— Onde está Reia, Katerina? — ele perguntou, querendo falar com ela, falar com ela, para que ela mesma contasse a ele para que ele pudesse se lembrar da verdade com a mesma dor que fizera com Katerina.

Isso o ajudaria a se afastar. Isso o ajudaria a sair.

Seus olhos de repente se estreitaram enquanto seus lábios se estreitaram com força.

— Esqueça ela, — ela exigiu, puxando a cabeça dele para frente quando ficou óbvio que ele estava tentando procurá-la. — Ela não vai com você. — Então ela pegou um de seus chifres para pegar um sino pendurado nele. — Ela fez isso para você? Que brega.

Katerina puxou-o, arrancando-o de seu chifre para que pudesse olhar para ele na palma da mão.

— Ela colocou sinos em você como um gato.

A visão de Orpheus ficou vermelha, e ele se afastou bruscamente dela quando um leve rosnado saiu de seu peito. *Ela quebrou meu presente!* Reia disse a ele que ficaria chateada se ele os perdesse ou quebrasse!

Isso era algo que a velha Katerina teria feito, algo tão descuidado e egocêntrico. Orpheus gostava de seus sinos, queria usá-los. No entanto, se ela não gostasse de algo, ela se certificaria de que ele soubesse disso.

Mas ao tocá-los, fazendo-os tocar, ela lembrou a Orpheus que Reia os havia feito. Katerina nunca deu a ele nada além de seu corpo, e ela disse a ele quando foi com o Rei Demônio que odiava isso e cada momento com ele.

Seu rosto estava cheio de um brilho, o mesmo brilho que ela

usava quando estava com ele frequentemente.

Orpheus não confiava mais nela.

Katerina o machucou irreparavelmente, seja por má vontade ou não. Ele confiava em Reia, recusava-se a acreditar que ela estaria com o Rei Demônio depois de tudo que eles compartilharam.

Ela não precisava entregar seu corpo a Orpheus, mas em vez disso *ela* queria. Ela queria abraçá-lo, ler para ele, dar-lhe presentes e beijinhos doces contra seu crânio.

— Onde ela está? — Orpheus rosnou.

— Estou lhe dizendo que quero ir com você — disse Katerina, franzindo as sobrancelhas tão profundamente que sua testa começou a enrugar. — Eu disse a você onde ela está. Ela está com o Rei Demônio. Por que você continua perguntando sobre ela quando você me tem?

— Porque eu não quero você. — Ele se afastou dela para ir atrás da mulher que cheirava como o jardim mais doce. — Quero encontrar Reia.

— Você vai se arrepender disso, Orpheus, — ela disse com um tom sombrio.

Ele não se importava. Ele nem se incomodou em se virar e olhar para ela, não quando sua valente pequena humana estava atualmente em algum lugar neste castelo, possivelmente em perigo.

Reia apareceu de repente do nada.

Seu coração se aqueceu só de vê-la. Ela estava correndo para ele.

Na verdade, ela estava correndo e parecia com *raiva*.

Ela parecia tão brava, de fato, seus olhos cheios de ódio e rancor em sua direção, que o calor que ele sentiu de repente o deixou. Ele estava enganado? Katerina estava contando a verdade e ele erroneamente escolheu o caminho errado?

Mas ele não queria mais Katerina.

Mesmo que isso significasse que ele estava sozinho, ele não queria a mulher que o fez se sentir vazio por todas essas eras. A pessoa que, quando olhou para trás em suas memórias depois de ouvir as palavras dela o abandonando por outro, nunca olhou para ele de forma agradável.

Ele queria essa mulher, aquela que corria em sua direção como se estivesse prestes a lutar contra ele sem medo com rancor em seus olhos.

Orpheus recuou um passo e se agachou ainda mais preocupado.

Mostrando a ela que ele estava se rendendo, *se submetendo*, seus olhos ficando brancos, ele a observou se aproximar. *Talvez ela esteja apenas com raiva de mim porque ela foi levada.* Ele esperava que ela apenas o repreendesse e não estivesse aqui para dizer que o odiava também.

Ela passou correndo por ele.

Ele se virou bem a tempo de ver Reia enfrentar Katerina, que estava segurando uma adaga acima de sua cabeça enquanto ele desviava o olhar. Ela tiniu contra o chão de pedra, tocando na sala de eco.

Ele recuou surpreso. *Ela ia me atacar?*

E parecia que ela estava mirando direto no crânio dele – um golpe que o teria matado se ela tivesse conseguido perfurar seu crânio e quebrá-lo.

Katerina gritou de surpresa antes de cair no chão com Reia em cima dela, que então estendeu o braço para trás e começou a socá-la no rosto enquanto ela montava em sua cintura.

– Que diabos, Jabez!? – Katerina gritou, tentando lutar contra Reia agarrando seus braços. – Você deveria segurá-la!

Orpheus virou a cabeça para o cheiro do cheiro do Rei Demônio que de repente perfurou o ar da sala. Ele estava segurando sua virilha, seus dentes arreganhados como se estivesse sibilando em uma respiração.

– Ela mordeu minha mão e me deu um soco na porra da costura!

Orpheus sabia o quanto ser atingido na costura doía. Irradiava dor através de seu pênis, o saco que estava embutido na base, e todo o caminho através de sua virilha. Não é de admirar que ele tenha deixado Reia ir. Orpheus duvidava que fosse capaz de se agarrar a qualquer coisa se enfrentasse uma agonia tão extrema.

Mas Reia estava em perigo, sendo rolada para que Katerina

pudesse ficar acima dela. Ele se virou para elas para ajudar.

Ela me protegeu. A esperança disparou dentro dele. Katerina tinha mentido, Reia não queria estar aqui.

Jabez se materializou na frente dele antes mesmo que ele pudesse dar um passo.

— Aonde você pensa que vai, Mavka?

Orpheus rugiu e saltou para frente, derrubando a maior ameaça no chão. *Ele a roubou.* O Rei Demônio havia tirado sua fêmea dele, e atualmente ele era um perigo para ambos.

Quando atingiram o solo, antes que Orpheus pudesse abaixar as garras que erguera para atacar, Jabez desapareceu. Em vez disso, ele cortou a pedra.

Ele olhou para trás para onde seu cheiro reapareceu e correu naquela direção. Jabez desapareceu antes que pudesse alcançá-lo.

Materializando-se atrás dele, ele passou os braços em volta do pescoço de Orpheus, agarrou um chifre e começou a puxar sua cabeça para o lado.

— Eu sei como matar você agora, — ele riu, virando a cabeça enquanto puxava com mais força. — Esse seu crânio vai ficar bom quando for quebrado em pedaços.

O pescoço de Orpheus torceu enquanto ele girava a cabeça em seu pescoço, girando e girando e girando até que ele estava de frente para Jabez atrás dele. Como uma coruja, ele podia virar a cabeça quase 360 graus. Com um grunhido, lançou-o para frente e mordeu seu ombro.

Doce por causa do Elfo em seu sangue, mas também pútrido por causa do Demônio nele, seu sangue vermelho-púrpura escorregou para a boca de Orpheus. Seus olhos há muito se tornaram carmesim, e eles se aprofundaram quando a raiva e a fome se concentraram.

Jabez estremeceu antes de desaparecer para escapar das presas de Orpheus.

— Jabez! — Katerina gritou com a mão levantada para o lado.

Reia havia agarrado sua espada e agora corria em direção a Katerina com a intenção de brandi-la. Uma espada apareceu em sua mão bem a tempo de ela desviar o golpe de Reia.

Orpheus foi lançado do outro lado da sala quando um punho atingiu sua bochecha porque ele estava distraído. A dor o atravessou, seu pescoço desmoronando para o lado devido ao golpe, e ele atingiu o chão com um baque surdo e profundo.

Não havia nada que pudesse detê-lo enquanto ele girava de volta para seus quatro membros, rugindo mais uma vez enquanto corria para Jabez.

Ele desapareceu assim que tentou cortá-lo com suas garras. Orpheus deitou de barriga para baixo quando reapareceu ao lado dele para errar o punho que voava pelo ar para acertá-lo.

Enquanto ainda estava abaixado, ele se empurrou para frente e mordeu o tornozelo de Jabez.

Ele se afastou, fazendo-o tropeçar quando Orpheus se levantou. Balançando a cabeça, ele apertou sua mandíbula para cavar suas presas mais fundo. Jabez rugiu de dor, movendo-se ligeiramente de um lado para o outro nas costas devido ao feroz movimento de cabeça de Orpheus.

A luta deles foi equilibrada, apesar de Orpheus ser mais rápido e mais forte que o Rei Demônio. Sua capacidade de se teletransportar à vontade, mesmo quando capturado, o colocava em vantagem.

Ambos poderiam ter suas cabeças arrancadas, mas Orpheus poderia continuar a lutar se seu coração ou corpo fosse perfurado, enquanto Jabez exigiria uma retirada. Se a cabeça de Jabez fosse arrancada dele, ele morreria, mas a de Orpheus poderia crescer novamente.

No entanto, agora que ele sabia que o Rei Demônio havia aprendido como matar Mavka, ele tinha certeza de que quebraria seu crânio se o removesse de seu corpo desta vez - já que Orpheus teve sua cabeça removida por ele no passado apenas para reformar seu corpo um dia depois, onde seu crânio descansava.

Nenhum dos dois conseguiu acertar um golpe debilitante. As garras de Jabez perfuraram o peito de Orpheus em um golpe longo e profundo, mas Orpheus fez o mesmo em suas costas. Jabez cravou as garras em seu pescoço, mas Orpheus virou a cabeça e mordeu seu braço antes que pudesse rasgar sua garganta.

Os sons de espadas tinindo soavam ao fundo, e ele tinha visto espreitadelas de Reia e Katerina lutando uma com a outra. Seus movimentos eram lentos em comparação com a luta de Orpheus e Jabez, que eram rápidos e curtos com seus ataques, esquivando-se e desaparecendo em lampejos.

Orpheus não conseguia se concentrar neles, ele precisava enfrentar seu próprio oponente, mas ele viu que Katerina estava constantemente em desvantagem. O livro de treinamento da Coruja Bruxa deu a Reia as habilidades para lutar contra ela com facilidade.

— Vou arrancar sua cabeça, Mavka, — o Rei Demônio zombou, mostrando suas presas com um sorriso crescente. — Então vou deixar Katerina esfaqueá-lo com sua adaga, e vou foder ela com seu crânio morto montado na parede acima da minha cama para que seus olhos ocos possam nos observar.

Ele riu quando Orpheus se lançou, saltando no ar para que pudesse cair em cima dele com suas garras já em movimento para atacar quando ele aterrissasse. Ele desapareceu antes que Orpheus pudesse alcançá-lo e apareceu à esquerda.

Orpheus correu para lá, perseguindo sua presa que escapava constantemente.

— Mas primeiro, vou amarrar sua pequena humana para que eu possa começar pelos dedos dos pés enquanto a como. — Ele não alcançou Jabez a tempo antes de seu corpo desbotar. Sua voz soou por trás, e ele se virou quando começou a falar mais uma vez. — Ela vai gritar ao sentir cada mordida. Eu me pergunto onde vou chegar em seu corpo antes que ela sangre e morra.

— Você não vai tocá-la! — Orpheus gritou, então teve que recuar quando de repente ele estava na frente dele. Ele abaixou a cabeça para trás antes que Jabez pudesse agarrá-la, atirando-se para frente para morder - apenas para morder o ar.

Abaixando-se para a frente quando seu cheiro veio de trás de Orpheus, ele perdeu seu chifre sendo agarrado, mas as garras desceram na parte de trás de seu ombro. Ele abafou seu ganido, virando-se para descobrir que ele havia sumido.

Jabez não conseguia segurá-lo porque podia sentir o cheiro dele

constantemente, e Orpheus não conseguia se aproximar o suficiente dele sem que ele desaparecesse. Era um jogo de perseguição para os dois, nenhum realmente levando a melhor.

Eles já haviam disputado essa batalha antes, muitas vezes, na verdade, e nunca terminou em derrota ou sucesso.

Ele precisava pegar Reia e correr antes que algo acontecesse com ela. Ela não poderia sobreviver a um ferimento fatal como ele. *A vida dela é preciosa.* Sua pele era linda, e ele não queria ver uma marca nela que já não estivesse lá.

— Katerina! — Jabez rugiu, aparecendo perto de Orpheus, mas não o encarando.

Sua visão se voltou para onde ele estava olhando, apenas para descobrir que Reia enfiou sua espada no peito de Katerina. A lâmina estava saindo de suas costas, atravessando-a enquanto sangue vermelho escorria por ela.

Ela estava sob ela, e só se levantou quando Katerina começou a cair de joelhos com sangue escorrendo de sua boca. Ela puxou a espada para retirá-la dela lentamente.

Orpheus não esperou, não quando a visão do Rei Demônio estava sobre ela.

Ele correu e atacou Reia, protegendo-a com seu corpo antes que Jabez pudesse fazer qualquer coisa. A espada dela cortou seu lado, mas ele não se importou, não quando ela estava em perigo. Nada mais importava. Ele estava grato que o feitiço de camuflagem de cheiro estava no lugar, então ele não caiu sobre o cadáver moribundo de Katerina em vez de proteger Reia.

Deixando-a ir para que ele pudesse estar em suas mãos e patas acima dela, ele olhou para Jabez, cujo rosto estava lentamente se transformando em raiva.

— Estamos partindo — Orpheus disse a sua forma trêmula. — Podemos lutar, mas nenhum dos dois vencerá. Sempre foi assim.

Ele enrolou os braços em volta do torso dela, levantando-a lentamente para que pudesse começar a recuar em direção à saída enquanto a arrastava com ele.

Deixando-a cair quando desapareceu, Orpheus ergueu as mãos,

sabendo exatamente onde e o que iria fazer. Ele tentou agarrar Reia e, em vez disso, agarrou-o pelas mãos quando ele se materializou. Seus dedos se entrelaçaram e ambos se empurraram contra a força um do outro.

— Eu vou protegê-la e não vou deixar você me matar para que você possa machucá-la.

Ele atirou a cabeça para frente, acertando Jabez no nariz com a testa de seu crânio. Um estalo soou e Jabez recuou. Ele se foi, materializando-se ao lado para colocar espaço entre eles.

Mais uma vez, Orpheus ergueu Reia ao peito com um braço, que ali se agarrava à pelagem, e arrastou-a pela frente enquanto caminhava lentamente para trás.

— Obrigada por ter vindo me buscar, — ela sussurrou, fazendo seu coração apertar com uma emoção terna.

Ela queria que eu viesse. Isso significava mais para ele do que ela jamais saberia.

— Sua humana matou a minha — disse Jabez, estendendo a mão para pegar algo do chão. Ele estava de costas para eles, tornando difícil ver o que havia recuperado. — Mesmo que eu não consiga chegar até você, você saberá como é isso.

Seus músculos ficaram tensos, esperando que Jabez se teletransportasse na frente deles. Soltando Reia, ele se preparou.

Jabez virou-se rapidamente e jogou algo ao longe.

Ela deu um suspiro horrível assim que um *shalunk* molhado soou.

Os dedos dela agarraram seu pelo com tanta força que doeu quando as fibras puxaram sua carne grossa, e ele virou a cabeça para baixo para ver que ela estava virada para cima. Sua expressão era de dor.

— Reia? — ele perguntou, sua mão subindo para que ele pudesse cobrir a parte de trás de sua cabeça.

Algo projetando-se de suas costas o impediu de terminar seu movimento e ele se inclinou para trás para que pudesse ver.

Parecia as muitas vezes que ele pulou de cabeça em um riacho frio, esfriando seu corpo antes mesmo de estar submerso, quando viu

o cabo da adaga que Katerina planejara apunhalá-lo saindo dela.

Estava vindo de entre as omoplatas dela, e seu coração se apertou dolorosamente em seu peito. *Não...*

Antes que ele tivesse tempo de registrar isso, Jabez estava na frente deles, usando a distração de Orpheus para atacar.

Ele jogou a mão para cima inutilmente, sabendo que não faria nada para parar o que quer que ele estivesse prestes a fazer enquanto se agarrava a Reia com o outro braço. Ele não estava disposto a deixar sua forma trêmula ir. Orpheus não queria lidar com ele, não quando podia sentir o sangue dela se acumulando em sua mão.

Jabez foi jogado para trás como se tivesse tentado bater em uma parede, tropeçando em estado de choque.

Orpheus podia ver um símbolo mágico no ar, semelhante, mas não o mesmo, ao que ele conjurou na aldeia humana para protegê-la. Era enorme, abrangendo seus corpos inteiros para protegê-los em uma cúpula clara.

O que é isso? Ele nunca tinha conjurado um escudo protetor antes. Mas, como toda a sua magia, ele descobria algo novo por acaso quando mais precisava.

E agora, ele precisava ser capaz de protegê-los para que pudesse cuidar de sua fêmea ferida.

Jabez o atacou repetidamente, seu rosto contorcido em um olhar odioso e arreganhador de dentes, mas nenhum de seus ataques o rompeu ou mesmo o danificou. Parecia que ele estava batendo contra uma janela de vidro que se recusava a quebrar.

Como eu fiz isso? Normalmente algo deve ser sacrificado para que ele faça uma magia tão forte, um acordo, uma barganha. Ele ergueu a palma da mão para olhar o líquido carmesim que brilhava e desaparecia diante de seus olhos. *O sangue dela?*

— Ou... eu, — ela ralou, ficando de joelhos enquanto tremia.

Ele choramingou em resposta, ignorando Jabez para olhar para ela.

— Sinto muito, — ele disse com um tom tenso, sua visão desbotando para um azul pálido tanto de medo quanto de tristeza, ambas as emoções fortes demais para superar a outra. — Eu não te

protegi, Reia.

Eu não a protegi. Seu pulso batia freneticamente. *Eu não posso curar feridas.* Estava saindo de suas omoplatas; ele sabia que um ferimento como aquele iria matá-la. *Ela vai morrer.*

Respirações rápidas de ansiedade martelavam seu peito.

Mas não quero perdê-la...



Reia estremeceu quando começou a ficar mole, e Orpheus colocou os braços sob seu pescoço e parte inferior das costas para apoiá-la. Ela estava parcialmente deitada no ar, e tudo o que ela podia sentir era a dor irradiando por suas costas.

Cada respiração expandia sua caixa torácica, fazendo a área ao redor da adaga doer.

Isso machucava. Doía *muito*. Parecia que havia um caco de fogo dentro dela, e queimava.

Vendo que ele era incapaz de romper, o Rei Demônio recuou com um rosnado terrível, seu rosto menos bonito com a expressão que ele usava.

Ela estendeu a mão para segurar o focinho de Orpheus, ouvindo pequenos gemidos constantemente saindo de seu peito. Ela não sabia o que dizer, como fazê-lo se sentir melhor. Não havia nada que eles pudessem fazer para consertar isso.

— Tudo bem, veja sua humana morrer, — Jabez zombou deles. Então ele ergueu as mãos no ar como se estivesse convocando algo. — Mas vou remover o aroma de camuflagem, e você pode sofrer com isso e depois com a culpa que sentirá depois de comê-la. — O cheiro doce no ar começou a se dissipar lentamente. — Você tem cerca de cinco minutos, Mavka. É melhor torcer para que ela morra antes que você seja dominado pela fome com o cheiro de todo o sangue na sala e comece a comê-la viva. — Então ele apontou para o corpo

desmoronado no chão. — E Katerina também.

O branco brilhou em seus orbes brilhantes, mostrando seu medo disso, antes que eles voltassem ao azul opaco.

Ele virou a cabeça para ela quando ela acariciou seu rosto.

— Tudo bem. Você pode me comer.

O que mais ela poderia dizer? Tudo o que ela podia fazer era aliviar a culpa dele se isso acontecesse.

— Mas eu não quero que você morra. — Ela podia ouvir a dor e a tristeza em sua voz como um poço profundo e sem fundo, que nunca acabava. Ele se inclinou para a frente e pressionou o comprimento de seu rosto contra o dela. — Você disse que ficaria comigo, Reia. — Ele estremeceu contra ela, seus braços se movendo ao redor dela para segurá-la mais perto. — Eu não quero que você me deixe.

Lágrimas começaram a brotar em seus olhos, acumulando-se ao ponto que ela mal podia ver através da escuridão delas.

— V-você pode conseguir outra humana, — ela disse a ele, envolvendo os braços ao redor dele para que ela pudesse cravar os dedos em suas costas.

— Mas eu não quero mais ninguém, — ele choramingou enquanto balançava a cabeça contra ela. — Elas não serão você. Elas não serão corajosas e fortes como você. Não terão o sol nos cabelos, nem a floresta nos olhos, nem a neve na pele. Elas não terão o seu cheiro nem soarão como a sua voz.

Oh Deus, o que vai acontecer com ele quando eu morrer? Se ele não queria outra humana, isso significava que Orpheus estaria sozinho, *sentindo falta* dela? Querer ninguém porque não seria ela?

Embora ela não gostasse muito da dor que sentia agora, Reia não tinha medo de morrer.

— Você é preciosa para mim.

— Oh, boo hoo — disse Jabez, subindo os degraus e sentando-se em seu trono para observá-los enquanto colocava a bochecha contra o punho. — Vamos, Mavka. Mostre-me se sua espécie pode chorar. Isso é muito divertido para mim.

Ter zombado da dor de Orpheus machucou ainda mais seu coração.

— Você nem ficou tão triste quando Katerina disse que você não passava de um monstro inútil.

Reia enfiou os dedos nele com mais força, embora isso tensionasse suas costas e fizesse a dor penetrante piorar. *Ele me escolheu em vez dela.* Mesmo quando contaram mentiras sobre Reia e disseram que Katerina o queria de volta, Orpheus escolheu encontrar Reia. *Ele confiou em mim.*

— Você me deu algo que ninguém mais quis me dar, e eu não quero isso de ninguém além de você.

— E o que é isso? — ela soluçou, seu coração quebrando ainda mais por ele. Suas lágrimas finalmente caíram, pingando dos cantos dos olhos para escorrer pelas têmporas e pelos cabelos.

— Alguém que queria estar ao meu lado.

Por que isso tem que doer tanto? Suas palavras foram mais dolorosas do que a maldita adaga em suas costas.

Eu não quero que ele fique triste ou sozinho. Ela já tinha visto isso dele no começo e observando-o desaparecer lentamente quanto mais tempo ela estava com ele, era lindo de testemunhar. Observar lentamente Orpheus passar de preocupado e hesitante para caloroso e afetuoso a roubou.

Então, sem ela, alguém que precisava dele para acender as velas de sua casa para que ela pudesse ver, ele se sentaria no escuro naquela cabana sozinho? Chorando, choramingando e desejando que Reia voltasse para ele?

Ela sabia... já sabia há algum tempo que Orpheus era apegado a ela. Que ele não gostava de ficar sem a presença dela nem que fosse por algumas horas para conseguir água — não porque não confiasse que ela ficasse, mas porque não gostava de ficar longe dela.

Não sei se quero viver para sempre. Ela não estava apegada a este mundo, não tinha vontade de permanecer nele. *Mas não quero que ele fique triste por toda a eternidade.*

Ela podia senti-lo tremendo. Ela sabia que ele não estava bem e que não ia ficar bem.

Eu... As emoções que giravam dentro dela diziam a verdade, a verdade que ela não sabia se queria, mas sentia mesmo assim. *Eu quero*

ficar com ele mais do que tudo.

Por ele. Porque ele precisava dela, porque ele não poderia viver pacificamente sem ela, e Reia pensou que ela também não seria capaz de viver sem ele, se ela estivesse viva.

— Orpheus, — ela sussurrou, sentindo a força em seu corpo lentamente deixando-a.

— Não, Reia, — ele choramingou. — Eu não quero encontrar outra humana.

Ela enfiou a cabeça ainda mais contra ele.

— Como te dou minha alma?

Eu posso viver para a eternidade. Só se isso significasse que ela ficaria com Orpheus. Se eu puder passar com ele, ficarei feliz.

Em sua casa, cercada por todas as coisas que ele havia feito, em seu cheiro e em seu abraço, com todos os toques que a faziam se derreter por ele. Cozinhar, fazer enfeites e bijuterias de proteção, roupas e cuidar do jardim. Observá-lo vagar pelo quintal para ter certeza de que ela estava segura e protegida ou atizar a lareira para ter certeza de que ela estava aquecida enquanto perguntava se ela estava confortável ou se precisava de alguma coisa.

Sentir-se mimada, querida, admirada e bonita. Para não se sentir apenas como a única humana que importava, mas a única criatura viva no mundo que importava.

Ser olhada por orbes brilhantes em vez de olhos que refletiam emoções tão profundas que seu rosto etéreo não podia mostrar. Ela ficaria feliz em ser enterrada em um pelo que fazia cócegas em seu rosto enquanto ela acariciava todos os ossos salientes de seu corpo, e as barbatanas de peixe que se erguiam quando ela passava os dedos sobre elas.

Reia queria estar com esse ser estranho que era tão completamente diferente dela, mas tinha um coração tão terno e gentil que era mais puro do que qualquer criança ou animal inocente.

Não importava que ele comesse gente, que os outros o considerassem um monstro, não quando ele se importava tanto com ela que ficava chateado quando ela espetava o dedo em uma agulha de costura.

E, no entanto, ele a cortou com as pontas de suas garras várias vezes no calor dos arremessos, foi rude e travesso. Depois disso, ele sempre ficava desapontado consigo mesmo, mas Reia queria mostrar a ele que adorava isso, que gostava da sensação deles.

Reia era dele. No corpo e no coração, tudo o que restava era sua alma.

— Sua alma? — ele perguntou, levantando a cabeça para trás para olhar para ela.

— C-como?

Ela estava se sentindo mais fraca a cada segundo e estava preocupada por ter esperado muito para tomar essa decisão.

Ele se inclinou para trás para segurá-la.

— Você só tem que querer me dar.

Mas eu quero. Por que eu não... Uma sensação quente em seu peito começou a subir como se estivesse vindo de sua espinha.

Ela deslizou os braços para longe dele para tocar seu peito bem entre os seios. Quando aquele calor tocou a ponta dos dedos, ela sentiu o desejo inconfundível de se afastar.

Algo começou a se afastar dela. Sob suas palmas, uma luz brilhante começou a brilhar, e ela colocou as mãos em concha ao redor dela quando ela saiu de seu corpo. Orpheus recostou-se mais uma vez para dar espaço a ela enquanto os dois observavam.

À primeira vista, ela pensou que não era nada além de uma chama vermelho-alaranjada, mas olhando mais de perto, era na verdade uma mulher. Uma mulher feita de fogo líquido, com cabelos que fluíam de sua cabeça como se ela estivesse afundando na água.

Ela tinha exatamente a mesma forma do corpo de Reia, e seus olhos brilhavam com pequenos pontos verdes.

Esta é a minha alma? O espírito estava de joelhos. Ela olhou para Reia e então torceu o corpo para olhar para Orpheus. Ela estendeu os braços para ele.

— Não! — gritou Jabez enquanto se levantava de seu trono, mas nenhum deles se importou em prestar atenção nele.

— Eu quero que você fique com isso.

Quando ela começou a levantar as mãos, entregando-lhe sua

alma, o espírito começou a flutuar de joelhos, ainda tentando alcançá-lo como se ela quisesse que ele a tomasse. Até sua alma queria ir com ele.

Seus orbes, pela primeira vez, pareciam reflexivos enquanto ele olhava para eles, a cor e a forma deles refletindo em seus olhos como um brilho. Ele aproximou a cabeça para cheirá-la, e a alma dela tocou seu focinho como se ela o estivesse abraçando.

Era doce, até que de repente ele mastigou e comeu!

Seu corpo arrepiou quando ele engoliu.

Claro, ele comeu. Reia não deveria ter ficado tão surpresa, e ela não conseguiu evitar que seus lábios se curvassem.

No entanto, ela pensou que se sentiria diferente se o fizesse. Que ela não sentiria mais dor ou morreria, mas podia sentir a vida se esvaindo de seu corpo.

Com o que restava de sua força, ela segurou os lados de sua mandíbula.

Ela não sabia o que aconteceria agora ou se isso tinha funcionado. Pode ter sido tarde demais. Reia ainda poderia desaparecer dele. Mas ela esperava que tudo ficasse bem, e se não estivesse, ela queria que ele soubesse o quanto ela se importava com ele.

— Eu te amo, Orpheus, — ela disse tão suavemente que mal ouviu isso vindo dela, mas ela olhou diretamente para ele, então ele sabia que era a verdade.

Seus orbes ficaram rosa brilhante, e mais uma vez as lágrimas brotaram em seus olhos. *Ele...* antes que ela pudesse terminar seu pensamento, ela ficou atordoada quando sua visão embaçou pesadamente e seus braços caíram frouxamente. *Ele...*

A escuridão tomou conta dela enquanto ela perdia a consciência.

TRINTA E CINCO

Ela me deu sua alma.

Havia um calor em seu estômago que não pertencia a ele, mas era notável quando lentamente começou a se agitar em torno de seu corpo para encontrar um lugar para morar.

Orpheus assistiu enquanto os olhos de Reia rolavam de forma não natural na parte de trás de sua cabeça enquanto suas pálpebras começavam a se fechar lentamente ao mesmo tempo. Suas mãos caíram dele, uma deslizando para o lado para balançar enquanto a outra pousou em seu estômago.

O rosa em sua visão rapidamente se transformou em branco quando ele ouviu o batimento cardíaco dela parar, quando seus pulmões se acalmaram em total imobilidade, quando o sangue parou de fluir. Ela sentiu calor, mas estava desaparecendo.

Era... Eu não deveria comê-la? Isso parecia errado. Ele pensou que sentiria algo, como uma conexão com ela, a habilidade de sentir sua presença. Tudo o que ele sentiu foi o calor vibrante que ele pensou que alguém poderia sentir quando comia uma refeição satisfatória - mesmo que ele nunca tivesse experimentado algo assim.

Ela estava morta. Ele sabia que ela estava morta, podia vê-la, senti-la, ouvi-la, mas de alguma forma pensou que isso a traria de volta à vida. Como se a adaga fosse desaparecer e ela estendesse a mão para abraçá-lo. *Ela se foi?*

Ela não pode ter ido embora. Ele não queria que ela fosse.

— Reia?

Ele inclinou a cabeça enquanto batia com o focinho na bochecha dela, tentando trazê-la de volta à vida.

Azul profundo, mais profundo do que ele já tinha visto, encheu sua visão, tornando tudo o que ele olhava uma cor de tristeza.

Ele removeu o braço apoiando a parte inferior das costas dela para que ele pudesse cuidadosamente usar uma garra para mover um pouco de seu cabelo cobrindo seu rosto. Ele estava esperando por algo, qualquer coisa, um sinal que dissesse que ela ficaria bem. No entanto, parecia vazio agachar-se aqui segurando sua fêmea sem vida.

No momento em que ele moveu o cabelo dela, a pele de sua bochecha se desfez como um pedaço de cinza que estava se desfazendo. Ele afastou sua mão, mas outra apareceu acima de sua testa, então ao lado de sua mandíbula.

Um gemido agudo estremeceu seus pulmões quando Reia começou a *se desintegrar*. Como cinzas, ela estava se desfazendo, pedaços de sua pele se enrolando antes de cair dela.

Mais e mais rápido ela se separou antes que seu peso confortável se tornasse significativamente mais leve. Ela cedeu ao redor de seus braços, não lhe dando nada para segurar.

Ele cavou nas cinzas enquanto se preocupava, as garras cortando a pedra, enquanto as pequenas manchas cinza diminuíam como se ela estivesse se transformando em pó.

Seus orbes pareciam pesados enquanto o frio escorria sobre seu crânio, mas ele não parava de cavar mesmo quando não havia mais nada.

— Reia? Reia!

Onde ela está? Onde ela foi?

— Isso foi estranho — Jabez riu. — Mas parece que ela se foi, Mavka. Nenhuma humanazinha para você.

Ele começou a bater palmas, aplaudindo o show que Orpheus estava dando a ele enquanto Orpheus entrava em pânico, virando a cabeça para procurá-la. *Ela não pode ter ido embora. Ela não pode estar morta.*

Ela deu a ele sua alma. *Ela está destinada a estar eternamente comigo, segura.* Foi o que a Bruxa Coruja lhe disse. Ela disse que se ele quisesse se contentar com um humano, eles precisariam dar a ele sua alma e ele a levaria para manter, proteger, guardar para eles.

Ela não disse a ele para comê-la, apenas que ele saberia o que fazer com ela quando a visse. Orpheus sentiu um desejo incontrolável de comê-la, consumi-la, tê-la dentro de si.

A alma de Reia era dele para manter.

O doce aroma de camuflagem finalmente se foi, mas ele não sentiu uma ânsia de fome no corpo de Katerina e o cheiro de sangue que estava saindo dela. Havia muito disso, o suficiente para colocar

qualquer Mavka em frenesi, mas tudo o que ele sentia, tudo o que pensava, era encontrar Reia.

Mas ela desapareceu. Desapareceu na frente dele. Ela foi a algum lugar?

O Rei Demônio a tinha?

Orpheus rosnou enquanto levantava o olhar para ele. Ele era uma ameaça. Ele havia machucado Reia, e a ideia de que ele poderia realmente estar abrigando-a em algum lugar o enchia de raiva.

Ele estava cheio de magia poderosa, talvez ele a tivesse roubado mais uma vez, enganando-o fazendo-o pensar que ela havia desmoronado.

Investindo, ele correu através do escudo de bolha e mergulhou para Jabez. Seus olhos se arregalaram e Orpheus conseguiu cortar suas garras em seu rosto antes de desaparecer quando tentou agarrá-lo.

No momento em que ele estava se materializando, Orpheus já estava se movendo. Seu desespero, sua determinação o tornavam mais rápido. A adrenalina parecia ácido movendo-se em suas veias, bombeando seus músculos com uma queimação fria.

— Dê-a para mim!

Jabez sibilou para ele quando Orpheus o abordou enquanto estalava suas mandíbulas para morder sua cabeça. O Rei Demônio teve que desviar a cabeça para a esquerda e depois para a direita, para não ser mordido antes de desaparecer.

— Eu não a tenho, Mavka.

Orpheus não estava ouvindo.

Durante séculos, essa criatura o provocou e atormentou, usando todos os meios para fazer Orpheus sofrer. Para lutar contra ele, para tentar destruir sua casa quando os encantos foram quebrados, para roubar Katerina e muitas de suas oferendas. Orpheus sabia que o mataria antes que pudesse chegar ao castelo, e a única razão pela qual esperava não ter feito o mesmo com Reia era porque havia deixado para trás o amuleto desta vez.

Orpheus parecia um animal raivoso e enlouquecido enquanto corria pela sala do trono com tanta velocidade que deixou Jabez em desvantagem. Ele estava ficando com mais raiva, o constante ataque de

Orpheus – e ferindo-o – irritando-o.

Ele se teletransportou para trás de Orpheus para agarrar seus chifres para poder segurá-lo e rapidamente girou a cabeça no pescoço para encará-lo por cima das costas. Orpheus mordeu a mão de Jabez antes que ela pudesse alcançá-lo, roendo os músculos, tendões e, em seguida, os ossos de seu antebraço.

Jabez gritou, puxando para trás para cortar seu próprio braço enquanto o corpo de Orpheus estava girando lentamente para que ele pudesse agarrá-lo.

Ele se teletransportou ao lado de seu trono para escapar.

– Isso não é mais divertido, – Jabez rosnou enquanto segurava o toco de seu braço, colocando a palma da mão contra ele para estancar o sangramento. – Saia, Mavka. Eu não tenho a sua humana.

Orpheus balançou a cabeça, ouvindo um singular tilintar de sino, enquanto rosnava e rastejava para mais perto.

– *Você a roubou de mim.*

Sua fêmea, sua humana, sua pequena corça que não merecia morrer do jeito que ela morreu.

Ele não deveria ter testemunhado seu batimento cardíaco enfraquecido, seus pulmões ofegantes em respirações. Sentir seu corpo ficando frio com a falta de vida. Ele sabia que nunca tiraria a lembrança disso de sua mente.

Em segundos, Jabez estava de costas, lento devido à perda de sangue e dor. Orpheus rasgou seu peito antes de conseguir colocar os pés descalços entre eles.

– Dê o fora do meu castelo! – Jabez rugiu enquanto chutava Orpheus para longe dele.

Orpheus voou pela sala e atravessou um pequeno portal.

Aterrissando contra a terra que flutuava no ar com a perturbação de seu corpo, ele rolou sobre ela na grama espessa. O sol estava se pondo, a floresta do Véu fazendo parecer que a noite estava caindo muito antes do que deveria.

Virando-se rapidamente para o portal para poder enfrentar Jabez mais uma vez, ele se foi, e ele desviou o olhar para se encontrar

na frente de sua casa.

Um gemido curto doeu em seu peito. *Reia?*

Ele caminhou em direção à casa de quatro, empurrando-se pela porta que era estreita demais para seu corpo em sua forma monstruosa.

O ar estava frio, a casa vazia sem as velas ainda acesas. Ele empurrou as cadeiras da sala para fora do caminho, tentando ver se ela estava enrolada na dela, embora ele pudesse ver claramente que ela não estava.

Ele entrou na cozinha, farejando o chão, antes de derrubar a cadeira em que ela costumava sentar na mesa de jantar para verificar sob ela, mas ela também não estava lá.

Descendo o corredor, os cheiros no ar lhe diziam que eram velhos, que ela não estava aqui, mas ele não conseguia parar de olhar, de verificar, pensando que talvez seu nariz o estivesse enganando.

Ele abriu a porta do quarto e encontrou os lençóis vazios. Ele levantou a cama para verificar debaixo dela. A mesinha lateral caiu de lado quando ele se virou no quarto para poder sair.

Farejando a parte inferior da porta de seu quarto, ele abriu a porta, querendo encontrá-la em sua cama, mas não encontrou nada. Enfiando a cabeça sob ela, como se ela pudesse estar se escondendo, ele também não a encontrou lá.

Ele também não a encontrou na banheira, um lugar onde era difícil sentir o cheiro dela se ela estivesse coberta de água.

O Jardim? Ela não costumava ficar no jardim àquela hora do dia, mas ele ia mesmo assim, tomando cuidado para não danificar as plantas que ela comia.

Orpheus circulou a casa deles, esperando que ela aparecesse, mas ela nunca apareceu. Ele não tinha ideia de onde ela poderia estar.

Ele se sentou, cravando suas garras em suas costas e peito quando suas entranhas pareciam estar se contorcendo. A sensação de frio escorrendo em seu crânio nunca cessou, e seu corpo parecia *errado*. Nada parecia certo. Seu coração parecia que ia explodir a cada batida, tão cheio de perda e dor. Doía tão profundamente. Cada respiração era um grito ofegante, e ele cravou suas garras em si mesmo.

Ele se sentia perdido.

Eu não a protegi. Orpheus havia falhado com ela. *Ela se machucou por minha causa.* Por causa de Katerina e por tudo o que Orpheus fez com ela para fazê-la odiá-lo tanto.

O que eu fiz errado? Por que Orpheus não tinha permissão para ter Reia, para viver, na mente de Katerina?

Ele queria fazê-la tão feliz quanto ela o fizera.

Onde está Reia? Seus pés começaram a se mover. Ele se dirigiu para a floresta, cruzando o círculo de sal para que pudesse verificar atrás de arbustos e árvores, sob grandes pedras como se ela pudesse se esconder sob elas.

Orpheus se sentia... quebrado. Sua mente estava cheia apenas de pensamentos sobre ela, seu corpo e coração sentindo total e completamente solitário.

Aquele sino singular pendurado em seu chifre tilintou e chamou sua atenção a cada vez. Era como um toque de loucura para ele. Um único sino sem seu par.

Um. Sozinho. Incompatível. Assim como ele sem Reia.

Seu corpo começou a se mover mais rápido enquanto ele olhava. *Eu tenho que encontrá-la.* Ele procuraria até os confins do mundo, cruzaria o Véu, a superfície se fosse necessário, até encontrá-la. Ele seria uma criatura perdida procurando, nunca parando. Para sempre.

Ele não dormiria, não comeria, não pararia. Ele procuraria todo o caminho até o vazio da vida após a morte, se necessário.

Ele começou a correr, farejando o ar por apenas um toque de sabugueiro e rosas vermelhas. *Rei...*

Ele não prestou atenção aos Demônios pelos quais passou correndo.

– *Orpheus.* – Ele ouviu a voz dela, mas parecia distante – como se estivesse distante em suas memórias.

Ele balançou a cabeça com um gemido, as batidas do sino que ouviu fazendo-o correr mais rápido. *Eu preciso dela.*

Orpheus não apenas a queria, ele precisava dela. Ele precisava dela para afugentar a escuridão que sempre sentiu iluminando sua

vida.

Sua visão era tão escura que ele mal conseguia ver, mas ele iria olhar até que ela estivesse com ele novamente.

– *Orpheus*.

Ele ouviu a voz dela mais alto desta vez, mas doeu tanto que ele soltou um rugido para a floresta em resposta.

Isso dói...

TRINTA E SEIS

Reia começou quando recuperou a consciência, seus olhos se abrindo.

Ela não sentiu dor, como se seu ferimento tivesse desaparecido, enquanto olhava para a escuridão. *Onde estou?* Ela pensou que poderia estar morta, mas percebeu que não era para a escuridão vazia que ela estava olhando, mas para um rápido movimento de árvores quando ela passou sob seus galhos.

Estou na floresta? Ela virou a cabeça para a direita para ver as sombras dos troncos escuros das árvores passando por sua visão.

Vendo que ela estava se movendo enquanto estava deitada de costas, ela esperava sentir a mordida do vento, talvez o frio dele. Ela não podia sentir isso. Na verdade, ela não sentia absolutamente nada.

Nem o ar, nem as batidas de seu coração, nem mesmo sua própria respiração.

Ela inclinou a cabeça para a frente enquanto levantava os braços, apenas para ficar com os olhos arregalados. *Sou transparente.* Ela podia ver a forma de suas mãos como um brilho branco, mas ela podia ver através dele, ver seu corpo e a floresta atrás dele.

Eu sou um fantasma? Ela tocou o rosto para sentir, sabendo que sentia pressão, mas não o toque real de nenhum dos dois. Não seu rosto em suas mãos, ou suas mãos em seu rosto.

Parecia que seu corpo estava flutuando e ela olhou para baixo para ver no que estava deitada. Exceto que ela não estava deitada em nada, mas flutuando acima disso.

— Orpheus? — ela perguntou, vendo-o abaixo dela e de alguma forma arrastando-a junto.

Sua única resposta foi um gemido e ela franziu a testa com o sofrimento que ouviu nele. Ela se virou e tentou tocá-lo. A mão dela passou por ele!

Ela recuou e trouxe de volta. *Eu não posso tocá-lo.*

Havia uma chama entre seus chifres, amarrada a eles por um barbante preto e pegajoso. Ela sentiu o calor quando tentou tocá-lo, mas sua mão também o atravessou. Ele piscou mais brilhante, no

entanto.

— Orpheus, — ela tentou gritar, querendo que ele parasse de correr para que ela pudesse descobrir o que estava acontecendo.

Seu rugido de doer o coração a fez encolher.

Merda, ele não pode me ouvir direito.

Ela queria parar de flutuar com ele e mostrar que ela estava aqui. *Ele está procurando por mim?*

Olhando para as palmas das mãos, seus olhos enrugados em confusão. Se ela fosse um espírito, poderia ficar com ele para sempre, mas que sentido havia nisso? Ela não poderia tocá-lo, ele não poderia segurá-la, e isso não teria sentido.

Isso não era o que ela queria. *Eu quero meu corpo de volta!*

Ela começou a afundar através dele como se um peso em seu estômago a estivesse pressionando para baixo.

Eles se separaram quando ela tocou o chão, e ela *sentiu* isso. O frio, a sujeira, o pau duro que a cutucou na bunda. Felizmente, ela ainda estava usando o vestido que usava antes de morrer, caso contrário, isso pode ter realmente machucado.

O som de seus passos batendo ficou mais suave enquanto ele continuava correndo, sem saber o que havia acontecido. Ela mais uma vez voltou o olhar para as mãos para ver que eram sólidas e quase se deu um tapa na cara tentando tocá-las.

Eu sou física de novo? Tudo o que ela fez foi querer seu corpo de volta, e ela o teve.

O farfalhar em uma das árvores chamou sua atenção para o fato de que ela agora estava fisicamente, e *sozinha*, na floresta do Véu, no escuro, no que deveria ser o meio da noite.

Reia se levantou, estendendo a mão na direção que ele tinha ido.

— Orph... — Ela não conseguiu terminar seu grito antes que um Demônio a derrubasse no chão.

Seu grito foi interrompido quando presas morderam sua garganta enquanto garras cortavam seu peito. A dor ardente invadiu seus sentidos, e Reia lutou e lutou enquanto se sentia sendo comida viva. O som de sua pele rasgando, seus próprios gargarejos, foram a

última coisa que ela ouviu junto com os rosnados e estalos de lábios.

O frio rastejante da perda de sangue a lavou, entorpecendo-a de dor, até que ela desapareceu do mundo.

Quando ela abriu os olhos mais uma vez, ela se viu olhando para a copa das árvores que se moviam rapidamente sobre ela. Ela se virou para descobrir que estava flutuando acima de Orpheus mais uma vez.

Voltei? Ela realmente pensou que morreria permanentemente dessa vez. *Caramba, não quero sentir isso nunca mais.* Ser comida agora estava ainda mais alto em sua lista de como ela nunca queria morrer - e tinha estado no topo de sua lista para começar.

Orpheus estava correndo e ela não sabia como detê-lo. Não importa o quanto ela o chamasse, o quanto ela implorasse para ele parar, ele choraria e balançaria a cabeça. O sino singular soando parecia piorar.

Ela precisava de seu corpo de volta. Ele precisava ser capaz de vê-la, cheirá-la.

No entanto, no momento em que desejasse seu corpo, ela começaria a afundar nele novamente. Ela se preocupava, querendo permanecer fantasmagórica, e começava a flutuar novamente.

Ela também poderia se separar dele enquanto flutuava, mas precisava ficar com ele se quisesse detê-lo. Ele estava se movendo muito rápido para ela ficar na frente dele e a única vez que ela fez, ele correu através de seu meio sem realmente vê-la completamente.

E os sons que ele fez para qualquer coisa que ela tentou fazer para detê-lo a fez perceber que o estava *assombrando*. Ele não percebeu que era Reia, e provavelmente pensou que era apenas um truque de sua mente.

Ela desejou poder se tornar física e cair em cima de suas costas, mas não importa o quanto ela tentasse, ela continuava afundando nele.

O que eu faço? ela pensou, descansando a bochecha nos braços cruzados enquanto se deitava sobre ele enquanto olhava para baixo.

Um grande pássaro branco apareceu no caminho deles, parando ali, parando Orpheus completamente como se estivesse com medo e fazendo-o arrastar os pés para parar. Virou-se para eles, seus

olhos parecendo encontrar os de Reia ao invés dos dele, antes de voar.

A bruxa coruja? Parecia a coruja de tamanho humano que uma vez havia dançado em seu quintal na chuva.

Orpheus estava bufando alto, ofegando respirações nebulosas através de seu nariz e presas. Ele avançou lentamente agora que ela se foi.

Ele estava se movendo novamente. *Esta é a minha chance!*

Antes que ele pudesse começar a correr, Reia flutuou na frente dele.

Sua cabeça recuou enquanto ele tropeçava para longe. Então ele virou a cabeça para a forma fantasmagórica dela enquanto ela flutuava lá com os pés pairando acima do solo por um centímetro.

— Reia? — ele perguntou em uma voz tão cheia de esperança que era condenatória, enquanto se inclinava para cheirá-la.

Seu focinho passou por ela e ele ganiu, balançando a cabeça antes de se virar.

— Orpheus, — ela disse rapidamente, pisando na frente dele mais uma vez. — Estou aqui, por favor, não corra.

— Mas você não está aí. — Ele estendeu a garra para a frente para mostrar que atravessava o corpo dela. — Você não é real. Preciso encontrar você.

Seu olhar varreu o dele completamente, e ela sentiu muita pena dele. *Oh, Orpheus...* Seu corpo estava tremendo como um animal assustado e ferido, mas foram seus orbes brilhantes que a deixaram triste por ele.

Parecia que o fundo deles estava quebrado, como se fossem feitos de vidro, e um líquido brilhante escorria lentamente deles. Pingava nos buracos vazios de seu crânio antes de descer pelas laterais de suas maçãs do rosto para pingar no ar, quase flutuando antes de desaparecer.

Parecia que ele estava chorando.

— Estou aqui. — Ela colocou as mãos em volta do focinho dele enquanto tentava fazer com que não passassem por ele. — Eu não posso estar com você agora. Você está na floresta, é muito perigoso.

Ele se afastou dela e se abaixou confuso.

— Mas eu não posso te segurar assim. Onde está seu corpo? Você é um fantasma, Reia. Isso não é o que eu queria.

Ela se recusou a permitir que ele fugisse seguindo-a.

— Você pode me levar para casa, Orpheus?

Ele balançou sua cabeça. — Já procurei lá.

— Eu prometo a você que tudo ficará bem. Só quando estivermos em casa posso estar com você.

Ele choramingou levemente em resposta, virando a cabeça para olhar na direção que estava indo como se quisesse continuar procurando.

— Por favor? — Sua cabeça se virou para ela mais uma vez ao som de sua súplica. — Você não quer me manter segura?

Na verdade, como Reia estava agora, ela estava tão segura quanto poderia estar no Véu. Nada jamais poderia prejudicá-la assim.

— Casa? — ele perguntou, hesitante, dando um passo à frente um pouco. — Você vai ficar em casa comigo?

— Sim. Em casa, estarei fisicamente com você.

Ele inclinou a cabeça, mas começou a andar. Ele parava se ela não estivesse na frente dele, como se quisesse vê-la, olhar para ela, olhar através dela, enquanto voltava para a cabana.

Foi lento, e ele ficou abaixado como se estivesse incerto.

— Sinto sua falta, Reia, — ele disse suavemente, estendendo a mão para tocá-la novamente antes de trazer a mão de volta quando não conseguiu. — Como você pode ficar comigo se você é um fantasma?

Eu sou um fantasma? Fantasmas não podiam se tornar físicos.

Eles eram humanos que estavam tão desesperados para viver depois de serem comidos por demônios que assombravam os lugares onde foram mortos. Eles estavam presos dentro dos limites de suas casas ou das florestas, presos lá para sempre.

Mas Reia continuou voltando para ele, e ela poderia voltar ao normal.

O que eu sou então? Ela tentou pensar no que mais ela poderia ser.

Então uma seção de um dos livros que a Bruxa Coruja deu a ela

veio à sua memória, aquela sobre criaturas - tanto reais quanto míticas. Ela havia aprendido recentemente que os elfos eram reais, mas de outro mundo, e também havia uma página sobre *espíritos*.

Criaturas que viviam à beira da vida e da morte; um ser espiritual que tinha um corpo humano, se assim o desejassem. Eles geralmente estavam ancorados em alguma coisa, e ela voltou seu olhar para a chama flutuante acima de sua cabeça entre seus chifres.

Mas não era uma chama.

Foi o pequeno espírito que ela puxou de seu corpo. Ela estava enrolada em posição fetal, de frente. Seus tornozelos estavam cruzados, os joelhos no peito enquanto ela os abraçava, enquanto seu rosto pressionava contra o canto deles. O cabelo flamejante ainda estava flutuando.

De longe parecia apenas uma chama arredondada, mas de perto era fácil ver que era sua alma.

Ela parecia confortável, como se estivesse apenas dormindo enquanto estava enrolada no cordão preto e pegajoso que se enroscava em suas pernas, corpo e até garganta, que então se prendia a seus chifres.

Ele é minha âncora. Orpheus tinha ligado sua alma a ele, literalmente.

— Eu acho que você me transformou em um Espírito, — ela disse a ele, sem olhar para trás, confiando que ele os levaria de volta.

— O que é um Espírito?

Ele não sabia que isso iria acontecer comigo? Ela explicou o que pensou durante o tempo que eles levaram até passarem pelo círculo de sal.

Ele os levou para dentro e ela foi recebida pelo caos dele procurando dentro da casa.

A mesa de jantar estava inclinada de onde costumava ficar, a cadeira virada de lado. As cadeiras da sala estavam separadas com a mesinha entre elas derrubada. Os itens nas mesas estavam espalhados pelo chão, como se ele tivesse levantado o objeto em que descansavam para verificar embaixo em lugares que ela não poderia esconder.

Que bobagem, ela pensou com um sorriso triste.

Ela olhou para ele para descobrir que ele estava agachado na frente dela, olhando e esperando. Ela se perguntou se ele teria pacientemente sentado lá por toda a eternidade para que ela se tornasse física para ele.

Tudo o que ela tinha que fazer era querer, como se tivesse feito isso um milhão de vezes, e seu corpo incorpóreo começou a afundar. Seus dedos dos pés foram os primeiros a sentir a sensação quando tocaram o piso de madeira antes que ela caísse sobre os calcanhares. A pressão subiu por suas pernas, quadris, peito e depois pela cabeça.

Colocando as mãos para a frente, ela deu a Orpheus um sorriso caloroso quando colocou as palmas das mãos sob a mandíbula de seu focinho, tocando o calor e a dureza do osso.

Suas presas se separaram quando ele murmurou, — Reia.

Ele disparou para frente, fechando rapidamente o espaço entre eles para que pudesse segurá-la, seus braços apertando-a contra ele quando a ergueu para ficar de pé.

Envolvendo os braços em volta do pescoço dele e as pernas em volta da cintura dele, ela sentiu os músculos tensos dele se suavizarem com ela em seu abraço.

Ela não sabia que ele podia ficar de pé nas patas traseiras em sua forma monstruosa, mas mesmo que ele estivesse ligeiramente curvado para a frente, ela se sentia confortável e apoiada.

Ela acariciou a parte de trás de seu crânio até a pele atrás de seu pescoço saindo por baixo dele.

— Olá, meu grande Caminhante do Crepúsculo.

Ele a segurou com mais força, quase a esmagando. Ele começou a roçar o corpo dela com as garras, sentindo-a, tocando-a, acariciando-a desde o ombro até o traseiro e a coxa.

— Eu deveria ter protegido você. Eu não deveria ter deixado você se machucar. — Ele começou a baixá-los como se não pudesse ficar de pé e permitiu que ela recuasse apenas o suficiente para que pudessem se encarar enquanto ele ainda tinha um braço em volta dela.

— Você morreu em minhas mãos. Você está com raiva de mim?

— De jeito nenhum. — Seus olhos ainda eram o mesmo poço de azul, como a parte mais profunda do oceano, e eles ainda estavam

gotejando. Ela se preocupou que precisava aliviar sua culpa. — Você não tem culpa do que aconteceu. Por favor, não se sinta assim.

Ela se inclinou para frente e pressionou os lábios na ponta de seu focinho arredondado. Ela fez isso para o lado, então para cima, então sobre suas presas do outro lado. A cada vez ele chegava um pouco mais perto enquanto sua mão deslizava pelo corpo dela.

Quando ela foi beijar sua bochecha, ele colocou sua mão grande na base de seu crânio para segurá-la e deslizou levemente sua língua sobre seus lábios. Na segunda vez, ela encontrou a língua dele com a sua.

Então ele se tornou incessante, lambendo-a e esperando que ela o cumprimentasse a cada vez.

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele antes de deslizar um sobre sua bochecha para acariciá-lo, depois voltou para segurá-lo.

— Reia, eu... — Os dedos dele deslizaram até o cabelo dela para enfiá-los através dele com o delicioso arranhão de suas garras. — Eu preciso de você. Eu preciso sentir você.

Seu olhar se fixou no dele, vendo que eles ainda estavam tão tristes e gotejantes, como se ele não pudesse parar de se sentir para baixo.

Ela queria dar a ele o que ele precisava, tocá-la. Mas ela não podia, não com uma expressão que era insuportavelmente dolorosa de se olhar.

Ela se perguntou... *Ele nunca me machucaria.*

— O que aconteceria se eu fizesse você me perseguir?

Ela não se importava se os olhos dele estivessem vermelhos se ele a possuísse, se ele estivesse com fome ou com raiva, seria melhor do que ver sua dor. Ela sabia que ele tinha corrido o suficiente no dia anterior, mas ela precisava tirá-lo disso.

— Eu não quero perseguir você.

Quando ela tentou se livrar de seus braços, e ele não permitiu, Reia desejou que seu corpo se tornasse incorpóreo. Ela passou flutuando por seus braços, e ele a seguiu lentamente enquanto estava agachado.

— Mas eu quero que você me procure, Orpheus.

— Não sei o que vai acontecer. Eu posso te machucar. — Esses pingos pareciam ir um pouco mais rápido à medida que o ponto brilhante flutuando em torno dos orifícios de seu crânio se tornava mais persistente. — Por que você quer que eu faça isso?

— Eu sou sua para pegar. — Ele inclinou a cabeça enquanto ela sorria. Ela se curvou como se estivesse prestes a beijá-lo, mas em vez disso disse: — E quando o fizer, você pode me ter.

Roxo brilhou, mas voltou a essa tristeza instantaneamente. Então ela se foi, passando pela parede.

— Venha me buscar, Orpheus.

— Reia? — Seu coração doeu com o quão em pânico parecia.

Ela imediatamente se voltou para seu corpo físico para que ele pudesse pelo menos cheirá-la e ter algo para rastrear. Ela estava nos fundos da casa e, em segundos, ele estava correndo em sua direção.

Seus olhos ainda eram azuis, ainda gotejantes. Antes que ele pudesse agarrá-la, ela se tornou fantasmagórica novamente e ele a atravessou.

— Por favor, não faça isso, — ele choramingou enquanto a perseguiu enquanto ela flutuava para trás.

— Você não me quer? — ela brincou, movendo-se para o lado.

— Você não quer pegar sua presa?

Ela percorreu a casa, achando estranho ter apenas os ombros levantados até o chão. Evitando o jardim completamente para o caso de ele destruí-lo, ela se moveu para o outro lado da casa.

Materializando-se sólida, Reia esperou até ouvir de que direção ele vinha antes de começar a correr na direção oposta. Ela correu até a frente da casa, espiando por cima do ombro para ver seus olhos vermelhos piscarem algumas vezes.

Claro, ele era mais rápido do que ela, e ele investiu através dela quando ela se tornou fantasmagórica mais uma vez. Ele se virou para ela, seus olhos vermelhos um pouco mais desta vez.

— Reia, — ele avisou, abaixando-se enquanto avançava.

— Sua pequena corça quer que você a foda. — O roxo tentou dominar antes que aquele maldito azul o dominasse mais uma vez!

Mas pelo menos o gotejamento começou a diminuir. Quase não estava presente agora. — Ela está começando a achar que você não quer.

Antes que ele pudesse responder, ela estava flutuando pela casa mais uma vez. Ela gritou quando saiu do outro lado para encontrá-lo já vindo em sua direção.

Com uma risadinha, encontrando os olhos dele piscando mais rápido entre o vermelho e o azul, ela voltou para dentro. Ela esperou alguns segundos e então enfiou a cabeça exatamente onde ela estava para descobrir que ele havia sumido.

Ela se tornou física e começou a correr enquanto se dirigia para o jardim.

Ela o ouviu tarde demais, esperando ouvir seus pés batendo atrás dela. Reia foi derrubada no chão pela frente com os braços envolvendo-a e protegendo a maior parte de seu corpo enquanto eles aterrissavam com ela embaixo dele.

— *Fique*, — ele rosnou, enrolando-se ao redor do corpo dela para mantê-la junto a ele — como se isso fosse fazer qualquer coisa para realmente mantê-la no lugar.

Orpheus estava bufando descontroladamente, e ela podia sentir seu coração batendo freneticamente. Suas garras estavam cravando em seu ombro e quadril através de suas roupas.

Ela finalmente conseguiu o que queria; seus olhos vermelhos e cheios como se não estivessem mais quebrados e vazando. No entanto, não era o suficiente.

Ela estava jogando um jogo perigoso. Ela sabia disso, mas isso não a impediu de colocar os lábios contra a bochecha dele com um sorriso malicioso.

— Se você não estiver imediatamente dentro da minha boceta quando me pegar, você não conseguirá me manter.

Ela se tornou incorpórea em seus braços, preocupando-se um pouco quando começou a flutuar para cima através dele.

Orpheus bateu suas garras no chão, cavando na terra que deixou rastros para trás. Tremendo enquanto levantava a cabeça para encará-la, Orpheus rosnou com as presas molhadas, seus orbes ficando mais vermelhos.

— *Vou mantê-la.*

Ela sabia que ele estava realmente enfurecido por suas mandíbulas se abrindo ligeiramente, mostrando todas as suas presas e uma língua enrolada.

— Eu já sou sua.

Flutuando para trás, ela deixou que ele a perseguisse um pouco, antes de passar pela casa. Reia esperou, sabendo que ele estava em algum lugar lá fora, farejando, procurando, *caçando*, por ela.

Seu coração batia de excitação, a emoção de *ser* caçada como um afrodisíaco. Ela havia começado isso para ele, mas agora estava ficando impaciente para ser tomada, para ser preenchida.

Em seu corpo incorpóreo ela não podia sentir nada, mas quando ela era física, seu corpo formigava da cabeça até os dedos dos pés. Ela queria correr, queria ser pega, mas acima de tudo, queria Orpheus dentro dela. E ela o queria *feroz*, ela o queria rude, ela queria que ele fosse feroz com ela.

Sua calcinha estava grudada na umidade de sua boceta, encharcada e pingando com mais excitação cada vez que seu corpo vibrava com a necessidade. Reia se sentia vazia e oca.

Já quase ofegante, ela saiu na parte de trás da casa para descobrir que ele não estava lá.

Ele deve ter sentido o cheiro dela, porque ela ouviu um rosnado que parecia vir de *todos os lugares*. Isso fez sua pele dançar com arrepios quando os arrepios começaram. Seus dedos ficaram quentes com sua temperatura crescente, a excitação aquecendo-a.

Sua cabeça disparou para um lado e depois para o outro, seus pés movendo-se quase ariscos enquanto ela se dirigia para a frente da casa.

— *Não corra.*

Ela quase gritou quando ouviu a voz dele lá de cima! Virando-se, ela o viu rastejando por cima da casa, caminhando em sua direção antes de pular.

Suas mãos e pés bateram contra o chão, sua cabeça inclinando-se anormalmente a ponto de quase virar de cabeça para baixo. Com seus olhos vermelhos, era assustador, arrepiante, e ela gostava disso.

Seu rosto estremeceu quando ela sentiu um espasmo em seu abdômen, suas paredes internas estremecendo por isso, por ele assim em sua forma mais monstruosa.

— *Fique*, — ele alertou, quando ela começou a recuar.

Seu sorriso foi sua resposta, antes que ela fugisse.

Reia deu cinco passos antes de ser derrubada no estômago. Garras cavaram, rosaram e ressoaram, e ela se contorceu enquanto tentava rastejar para frente, já que apenas um dos braços dele estava ao redor de sua barriga.

Em uma respiração, ele estava sob sua saia e rasgando sua calcinha dela. No seguinte, Orpheus enfiou-se dentro dela até a base, os tentáculos encaixando-se em seus quadris.

Um suspiro agudo foi arrancado dela. O ajuste confortável era intenso depois de seu tempo separados, seu corpo ainda capaz de tomá-lo, mas mais apertado. A excitação dela e o lubrificante dele facilitaram a entrada, mas Reia sentiu uma pontada profunda de dor.

No entanto, ela ofegou profundamente, tremores percorrendo seu corpo na circunferência de seu pênis, o comprimento dele a preenchendo, o calor absoluto aquecendo suas entranhas. Ela se derreteu de joelhos com o rosto pressionado contra a grama, as pálpebras estremecendo de euforia enquanto pressionava os quadris contra ele para senti-lo ainda mais fundo.

Tão quente. Ele está tão quente dentro de mim.

Orpheus gemeu com o impacto, mas agora ele estava tremendo, suas garras cavando na carne nua de sua cintura com a mão sob a saia de seu vestido que havia sido empurrado para cima sobre seu traseiro. Sua outra mão estava espalmada contra o chão, como se ele precisasse se firmar enquanto ela finalmente o enlurvava.

Seus tentáculos pareciam mais longos do que o normal, como se tivessem o mesmo comprimento de seu pênis em sua forma monstruosa. Eles giraram em torno de seu traseiro, seus quadris e alcançaram a mão dele em sua cintura. Dois estavam onde sua bunda encontrava suas coxas, um estava sobre seu quadril, mas o último estava diretamente sobre seu clitóris, dentro dos lábios de suas dobras.

Ele se abaixou até o antebraço, cobrindo o corpo dela com o

dele e aproximando o focinho da orelha dela para que ela pudesse ouvi-lo bufar alto.

Apesar do roxo de desejo cintilando em seus olhos, o vermelho permanecia presente.

— *Te peguei.*

Seu corpo se agarrou a ele quando ele se afastou, fazendo-a gemer de perda, antes que ele avançasse.

Orpheus começou a estocar, enviando arrepios por ela. Ela gemeu levemente em cada uma enquanto sentia a forma dele e aqueles babados fazendo cócegas em seu interior. Seu pênis parecia sublime pressionando e cavando em todos os lugares que ela precisava dele.

Ele estava se movendo firmemente dentro dela, empurrando profundamente, seu tentáculo esfregando de volta sobre s cleitóris, mas... não era o suficiente.

Ele era mais lento do que ela queria, mais suave do que ela precisava que ele fosse, e não tão profundo quanto ela desejava.

— Mais, — ela implorou, tentando ondular para ele. — Dê-me mais, Orpheus.

Eu preciso que ele seja mais áspero. Ela queria o monstro rosnante que a perseguia, não o gentil Caminhante do Crepúsculo que estava sempre preocupado com ela.

Seus quadris aceleraram lindamente por alguns segundos antes de desacelerar. Uma respiração trêmula caiu dele depois.

— *Silêncio, Reia.* — À sua maneira, era um apelo.

Um apelo para ela não pressioná-lo, que ele já estava prestes a perder o controle, que não podia deixar Reia pedir mais caso ele se perdesse e entregasse a ela.

Ela cerrou os dentes enquanto cravava as pontas dos dedos na grama para pegar pedaços dela.

— Foda-me, Orpheus. Leve-me. — Ela queria que ele a fizesse gritar, chorar, arrebatá-lo seu corpo. — Mais forte. *Mais rápido. Mais.*

Suas garras cortaram sua pele enquanto também cavavam a terra e a grama abaixo delas. Seu corpo estremeceu quando ele deu a ela apenas um gostinho do que ela queria, e ela quase ficou vesga antes que ele se acomodasse novamente.

A frustração floresceu dentro dela.

— *Eu não posso*, — ele lamentou, e a única razão pela qual ela sabia que ele balançou a cabeça é porque ela ouviu o sino tocar. — *Eu machucarei você*.

Ela enterrou a cabeça contra o chão, sentindo o deslizar maravilhoso de seu pênis, mas querendo tudo o que tinha para dar. A tensão estava crescendo, precisando de uma saída que estava bombeando entre suas coxas como se ele não pudesse parar de se mover.

Eu preciso disso. Eu preciso muito disso. Seu orgasmo estava se enrolando lentamente como uma mola, mas ela precisava disso para estilhá-la como vidro. Para torná-la atingida por sua força, cega por ela, alterada por ela.

— Pare de hesitar, Orpheus! — ela gritou, levantando a cabeça para poder falar enquanto ofegava. — Sou sua. Eu não vou embora. Eu não vou desaparecer. Me machuque, me agarre, me morda. Eu quero você, eu quero que você me dê tudo. Eu quero seu pau batendo em mim. O que mais eu tenho que fazer para que você me deixe ir?

A ameaça de lágrimas ardeu em seus olhos. Ela queria que ele a penetrasse como se tivesse sido levado por uma loucura. Ela o queria tanto que não se importava se ele a rasgasse em dois no final, a quebrasse, a fodesse até a morte. Ela voltaria para ele, ficaria com ele.

Quando ele ainda não o fez, ela gritou: — Eu te dei minha alma!

Um rugido retumbante soou atrás dela. Ele começou a bater nela, golpes profundos e duros que empurraram seu corpo inteiro para frente.

Ele começou a se inclinar para trás quando seus quadris aceleraram, sua mão permanecendo enrolada em torno de sua cintura para agarrá-la completamente enquanto a outra pressionava contra suas omoplatas com os dedos abertos. Ele a estava prendendo com garras afiadas cravando-se, segurando-a ainda contra seus tentáculos que ameaçavam arrancá-la com ele, enquanto ele dirigia em seu corpo com um frenesi.

Foi tão profundo que ela não pensou que o tinha sentido chegar

assim, tão forte que quase doeu, tão rápido que ela não poderia dizer se ele estava entrando ou saindo. Ela não sabia dizer onde ele terminava e ela começava, e cada estocada para dentro tirava o ar de seus pulmões paralisados.

Seu tentáculo deslizando sobre seu clitóris, esfregando e acariciando-o com seus pequenos nódulos, quase a fez chorar com a sensação.

— Sim, — ela tentou dizer com sua falta de ar. — Bem desse jeito. Não pare.

De alguma forma, ele foi mais rápido e as pernas dela chutaram. Era como se ela estivesse tentando rastejar para frente, fugir e escapar, enquanto seu orgasmo a tomava pelas rédeas e a afogava.

Gritando, ela torceu seu pênis com pesados espasmos úmidos enquanto se perdia para ele. Seus rosnados, seus grunhidos, esse estranho som de ronronar misturado com isso, doía em sua mente.

Era uma tortura, e era uma felicidade. Reia encontrou o paraíso no Véu, e foi dado a ela pelo pênis de um Caminhante do Crepúsculo que a estava fodendo até o esquecimento.

Ele não parou nem mesmo quando ela parou de gozar, seu corpo tão relaxado que ela não podia fazer nada além de aguentar. Seus olhos estavam tão ofuscados que sua visão estava turva enquanto ela olhava para o nada com a linha das árvores embaçada, mas ela não tinha tensão suficiente para fechá-los. Lágrimas caíram deles para escorrer pelo nariz e bochecha com o intenso prazer.

Orpheus a estava esmagando sob suas mãos, pressionando-a com seu corpo, e ela adorava isso. Como uma âncora para este mundo, isso a fazia se sentir viva – apesar do fato de que ela sentia que ia desmaiar com o ataque dele, ficando mais tonta a cada segundo.

Pensamentos a deixaram além do nome dele sussurrando em sua mente. Ela não conseguia falar. Ela só podia senti-lo batendo nela com impulsos selvagens e frenéticos. Dentro e fora rapidamente enquanto suas entranhas eram acariciadas constantemente antes que suas batidas roubassem sua própria voz. Ela só podia ouvi-lo enquanto seus gritos eram abafados pelo volume de seus sons, sua respiração.

Ela cheirava a grama, ela cheirava a sujeira, e ela desejou poder

sentir o cheiro dele.

Suas paredes internas estavam apertando, sugando-o avidamente quando ela começou a gozar novamente. Seu grito deve ter ecoado na floresta além da segurança de sua casa, mas ela não se importava.

Ela estava muito consumida por Orpheus para saber se um Demônio tinha vindo para inspecioná-los do lado de fora.

Ela estava conseguindo exatamente o que queria enquanto seu corpo saltava e raspava contra a terra. Seu orgasmo escorrendo por suas coxas, fazendo cócegas nela e fazendo-a se contorcer ainda mais. *Apenas a presa se contorce*, e ela se contorceria o máximo que pudesse se isso o levasse ainda mais longe na loucura de seus desejos.

Suas estocadas soaram mais molhadas. Como um som de sucção constante enquanto seu pênis se movia dentro de sua boceta, agitando ela e seus orgasmos ao redor. Os esmagando.

Um gemido agudo veio dele antes que ele se empurrasse profundamente enquanto a puxava para ele, enterrando-se nela tão forte e profundamente que fez suas costas arquearem para baixo sob sua força. Ela sabia que ele a havia cortado com suas garras quando sentiu dor e o sangue brotando, mas ela mal sentiu quando ele a encheu tão completamente, ela podia sentir as protuberâncias de seu saco embutido bem em sua entrada como se eles também estivessem tentando empurrar.

Sua língua caiu para frente como ela precisava para ajudá-la a respirar através de sua respiração ofegante, quando ela sentiu seu sêmen quente derramando dentro dela, seu pênis inchando mais e mais para combiná-los. Explosões rápidas e pesadas invadiram cada centímetro dela rapidamente, fazendo suas pernas tremerem ao sentir isso se espalhando por ela.

Orpheus gemeu tão alto que quase soou de dor. Ela conseguiu olhar para trás para ver que a cabeça dele apontava para o céu com a mandíbula aberta.

Ele começou a bombear levemente como se não quisesse parar, e isso fez o líquido espesso dentro dela esguichar antes de vazá-la. *É tão bom.*

Quando ele terminou, ele saiu dela enquanto caía de lado ao lado dela. Bufando desesperadamente, seu corpo se contorceu e teve espasmos por toda parte enquanto seu pelo e barbatanas subiam e desciam como se não pudessem se acomodar.

Reia caiu para frente porque ela havia perdido a força em seu corpo há muito tempo, e a única coisa que a segurava eram os tentáculos dele mantendo-a perto dele.

Depois de alguns momentos dele arfando como se estivesse tentando recuperar o fôlego que havia perdido, seus olhos negros como se estivessem fechados, ele estendeu a mão e a arrastou para mais perto. Ele se enrolou em torno dela com todos os seus membros com as mãos amassando sua carne levemente.

Ele não a aninhou, mas ela sabia que ele teria se não estivesse tão gasto de energia.

Por um tempo, eles ficaram deitados juntos, abraçados. Ela nunca teve Orpheus tão mal-humorado depois que ele precisava se recuperar assim.

Ela podia sentir contra seu estômago que seus tentáculos se fecharam completamente em torno de seu pênis, embora estivesse totalmente estendido, e que estava lentamente recuando para dentro dele. Seu corpo começou a se mexer, retornando ao calmo Orpheus cujas roupas estavam lentamente voltando como se estivessem escondidas em algum lugar dentro dele.

— Reia... — ele disse baixinho, como se hesitasse em fazer uma pergunta. — Você poderia... Você poderia me fazer um sino novo?

Ela levantou a cabeça para olhar para a parte inferior de sua mandíbula.

— Isso te incomoda tanto?

— Sim. Sinto muito por ela ter quebrado.

— Não fique, não é sua culpa. — Ela deu um tapinha nas costas dele. — Estou muito feliz por tê-la matado. Você está chateado com isso?

— Não. A única coisa que importa é você.

Arrastando-se mais alto, ela ficou cara a cara com ele e começou a mexer em seu chifre.

— Estou feliz em fazer outro sino para você. Vou remover este por enquanto, para que você não precise ouvi-lo.

— Obrigado — ele murmurou, antes de lambe sua bochecha com apenas a ponta da língua.

TRINTA E SETE

Reia sentou-se nua no colo de Orpheus enquanto eles estavam sentados na cama dele – que ela achava ser dela também. Queria poder tocar seu corpo nu, acariciá-la com as pontas dos dedos e garras como se quisesse tocá-la, senti-la, ver que ela estava diante dele.

Ele tirou a própria roupa para que ela pudesse fazer o mesmo, e ficou surpreso quando ela optou por montar em seus quadris. Os joelhos dela não tocavam a cama embaixo dele.

Seus orbes brilhantes eram o azul claro normal, e ela ficou aliviada ao vê-los.

– Você me comeu Orpheus? – Ela lhe deu um sorriso caloroso para mostrar que não ficaria nem um pouco chateada se ele o fizesse.

– Não. Você... desmoronou como cinzas em meus braços, mas eu não estava com fome antes mesmo de você fazer isso.

Suas sobrancelhas se juntaram.

– Mas você me disse que está sempre com fome.

– Você me deu sua alma, – ele comentou, levantando a mão para raspar seu couro cabeludo com as pontas de suas garras, sabendo que isso a faria estremecer. – Foi muito bonito. – Ele as passou pelo cabelo dela como se quisesse penteá-lo ele mesmo. – Depois que comi, toda a minha fome desapareceu.

– Então, você não sentiu nenhum desejo de me comer, ou mesmo de Katerina?

Ele balançou a cabeça antes de incliná-la enquanto roçava suas garras sobre o ombro nu dela, fazendo sua pele formigar com arrepios.

– Não. Mesmo antes, quando eu estava perseguindo você ou quando senti o cheiro do seu sangue, não senti fome. – Ela sabia que ele olhava para ela quando levantou o rosto. – Eu não queria te machucar.

As pontas de seus dedos percorreram levemente as cinco pequenas fatias ao redor de sua cintura de onde ele a cortou com suas garras quando gozou.

Doíam um pouco, mas na maioria estavam bem.

– Eu gostei. Eu gostaria que você fosse assim. Eu quero que

você seja você mesmo. Para me levar do jeito que você quiser, sem se preocupar.

— Você é tão perfeita, minha noiva. — Ele se inclinou para frente e bateu a ponta do focinho contra a bochecha dela afetuosamente.

Essa foi a primeira vez que ele a chamou de sua noiva, e seu sorriso ficou mais brilhante.

Ela se inclinou em seu crânio ossudo para retribuir seu toque.

— E você é maravilhoso, meu grande e lindo Caminhante do Crepúsculo.

— Lindo? — Ele ergueu a cabeça para trás quando o amarelo escuro se infiltrou em seus orbes. Ele ergueu a mão para tocar o crânio lupino de seu rosto. — Você é linda, Reia. Eu pareço um monstro.

Suas sobrancelhas franziram enquanto seus olhos se curvavam ao ouvi-lo chamar a si mesmo assim.

— Discordo. Eu acho que você está adorável. Você tem uma beleza etérea e de outro mundo, Orpheus, e estou tão feliz por ter me permitido vê-la. — Ela se ergueu o suficiente para poder colocar os lábios contra uma de suas maiores presas. — Você também é muito doce, e eu me apaixonei por você por causa de quem você é.

Suas órbitas ficaram rosa-avermelhadas de vergonha, e ela não conseguiu conter o riso. *Tão doce.*

— Aqui, deixe-me mostrar-lhe.

Reia deslizou a mão de seu peito para baixo de seu corpo.

Seu abdômen afundou quando eles deslizaram sobre seu umbigo. Então ela começou a passar as pontas dos dedos sobre a costura que escondia seu pênis.

— O que você... — Suas palavras foram interrompidas quando Reia começou a empurrar seus dedos *dentro* dele.

Sua cabeça inclinada para trás, seu corpo tenso, quando uma umidade quase viscosa a cumprimentou uma vez que ela os afundou em seus dedos. Era confuso por dentro. Ela não sabia se estava tocando um pênis macio ou um tentáculo flexível.

Ela franziu as sobrancelhas em concentração enquanto olhava para baixo, vendo que as mãos dele estavam agarrando as peles

próximas a elas. Ela cavou mais fundo, e ele choramingou. Justamente quando ela pensou ter sentido os babados em sua cabeça do pênis, e que estava endurecendo o suficiente para ela encontrá-lo na bagunça quente e macia atrás de sua costura, uma de suas mãos disparou para a frente para agarrar seu pulso.

Sua cabeça disparou para cima. Ele ainda estava olhando para o teto com as costas arqueadas.

— Estou machucando você?

— Não. Parece estranho. — Ele estremeceu mais uma vez, e seus quadris se ergueram como se ele quisesse os dedos dela mais fundo. — Mas muito bom.

— Então por que você está me impedindo?

— Não sei.

Reia se aproximou e pressionou os lábios na parte inferior de sua mandíbula, depois no pelo de seu pescoço e depois em seu peito.

— Então apenas relaxe e deixe-me tocá-lo.

Ela empurrou através de seu aperto. Ela sabia que tinha encontrado seu pênis quando parecia mais duro, e aqueles babados faziam cócegas em sua palma. Acariciando a cabeça, era como se fosse ela quem o puxasse de sua costura quando começou a sair sem a proteção de seus tentáculos ao redor. Eles escaparam quando ele estava meio ereto, saindo de sua costura com pontas de busca para se agarrar a alguma coisa. Ela estava muito longe deles, e eles se contorceram no ar.

Reia acariciou o longo comprimento de seu pênis enquanto o apertava com uma mão parcialmente ao redor da circunferência dele.

Sua palma áspera e calejada deslizou sobre seu lado, roçando-a enquanto fazia um caminho para seus seios. Somente quando a mão dela deixou sua costura e o acariciou completamente enquanto estava totalmente duro, ele olhou para ela para cumprimentá-la com um olhar roxo profundo.

Acariciando seu mamilo com o polegar, pressionando-o e circulando-o para que se movesse, ela sentiu solavancos faiscando através do montículo. Ele segurou o outro, cobrindo-o completamente como se quisesse sentir o peso e a firmeza de seu seio.

— Você é tão macia. Eu gosto de como seu corpo é.

A língua dele saiu para lambar os lábios dela, e Reia acariciou-o, perdendo-se na paixão que crescia entre eles.

Ela brincou com a grande cabeça larga em forma de cogumelo enquanto passava a mão para frente e para trás sobre ela. Só quando inchou por um momento e um gemido saiu dele, Reia se inclinou para frente enquanto colocava as canelas nas coxas dele para que ela pudesse se levantar.

Ela não parou de beijá-lo, mesmo quando sua língua se moveu mais rápido, como se quisesse contornar a dela e entrar em sua boca como se estivesse no caminho.

Parou quando ela enfiou a ponta de seu pênis roxo contra sua entrada gotejante. Então ele soltou um suspiro profundo quando ela começou a afundar-se em torno de seu pênis inchado, tendo que pressionar-se com força para fazer a cabeça estourar para dentro. Era sempre uma luta, já que a borda de sua cabeça era um pouco grande demais para caber com facilidade.

— Você está me fazendo entrar em você, — ele quase engasgou, como se estivesse surpreso. — Você está pressionando sua - ah! — Ele entrou e ela escorregou até a metade dele. Ele gemeu, uma de suas mãos deixando seu seio para agarrar seus quadris enquanto sua cabeça se inclinava para trás para enfrentar o teto mais uma vez. — *Reia*.

Ela gemeu quando ele a ajudou a se enterrar, seus quadris empurrando para cima como se ele estivesse impaciente para que ela o envolvesse dentro das paredes confortáveis de sua boceta.

Como sempre, o calor a aqueceu por dentro, e seu corpo queimou levemente com aquela sensação maravilhosa de alongamento, dizendo que ela estava cheia de Orpheus. Seu corpo cantava por isso.

Seus tentáculos se contraíram enquanto circulavam seu traseiro e quadris, agarrando-se a ela e parecendo arrastá-la ainda mais para baixo.

— Você nunca transou com uma mulher por cima?

Ele parecia muito surpreso com isso para ela pensar em qualquer outra coisa.

— Não. — Ele balançou a cabeça quando se acalmou, seu choque inicial e prazer se acalmando para que ele pudesse olhar para ela mais uma vez. — Você quer me foder em vez disso?

— Mhm.

Ela assentiu com a cabeça e se inclinou para beijá-lo enquanto tentava levantar os quadris. Ela foi puxada para trás antes mesmo de entrar um centímetro em seu pênis. Quando ela tentou novamente, ela olhou para baixo para ver que seus tentáculos a impediam de se mover.

Orpheus geralmente a segurava para que ele pudesse moer para frente e para trás dentro dela, usando sua força para lutar contra seu próprio corpo segurando-a para ele.

— Você pode liberar seus tentáculos por um momento?

Ele fez o que ela pediu, e eles se contorceram como se estivessem infelizes. Ele grunhiu como se a ação fosse desconfortável.

Ela olhou ao redor de seu corpo, imaginando como deveria fazer isso. Depois de alguns segundos pensando, sentindo seu pênis palpitando como um batimento cardíaco e querendo desesperadamente se mover ao redor dela, ela finalmente arrastou os pés, então eles estavam descansando sob seu traseiro em cima dele.

Isso a empurrou para frente e seu abdômen pressionou contra o dele. Ela teve que firmar as mãos em seu peito firme e musculoso, mas seus tentáculos se enrolaram em torno de seus tornozelos, agarrando-os em voltas.

Ela sorriu com sua ideia engenhosa e o encarou, antes de ver se funcionava enquanto levantava os quadris. A liberdade deu a ela a capacidade de subir nele tanto quanto seu corpo permitisse, o que era apenas cerca de um quarto do caminho.

Orpheus não parecia se importar enquanto a envolvia com os braços completamente, segurando um de seus seios em sua mão enquanto ele a rodeava. Ele acariciou e beliscou seu mamilo latejante enquanto lambia seu pescoço, sua mandíbula, seus lábios enquanto ela se movia sobre ele.

Os babados de seu pênis estavam deslizando sobre o cume de seu ponto G, a área que a fazia ofegar enquanto ela tentava se mover

mais rápido nele, mais forte, sua mente ficando atordoada enquanto seu corpo ficava carente, faminto e egoísta.

Seu cheiro de mogno e pinho enfumaçado enchia seus pulmões a cada tragada, fazendo-a sentir como se estivesse se afogando, mas ainda assim ela queria mais.

Ela apertou nele, circulando seus quadris para que ele tocasse em todos os lugares. *Porra, isso é muito bom.* De alguma forma diferente.

Reia era quem estava no controle, quem ditava a profundidade e a velocidade e embora ela quisesse mais rápido, ela estava ficando profunda e dura enquanto tentava bater seu corpo para baixo.

— Eu gosto disso, Reia, — ele disse, lambendo-a em todos os lugares que podia alcançar enquanto ela o deixava enquanto se concentrava em se mover para os dois. — Eu consigo ver você, e seu rosto parece tão bom enquanto você usa meu pau.

Ele lambeu dentro de sua boca deslizando a língua por seus lábios entreabertos. Ele dobrou e rodou, provando tudo de sua língua, seus dentes, suas bochechas e até mesmo o céu da boca como se ele quisesse roubar toda a sua saliva.

Ela gemeu quando se perdeu nisso. Seu corpo começou a prendê-lo em espasmos, buscando a liberação lenta que ela estava dando a si mesma.

Afastando-se enquanto tentava se mover mais rápido, embora seu corpo parecesse pesado, sua cabeça caiu para trás.

— V-você ainda não disse isso para mim.

Ela cavou as pontas dos dedos em seu longo pelo de seu peito enquanto tentava se ajudar a levantar.

— Disse o que?

Sua cabeça pendeu para a frente para que ela pudesse olhar para ele e descobriu que a dele estava inclinada.

— Que você me ama.

Suas sobrancelhas se enrugaram quando o branco brilhou em seus orbes como se estivesse com medo ou preocupação, antes que sua mente se distraísse com sua boceta deslizando ao redor dele e eles voltassem ao roxo.

— Não pare de se mover, — ele gemeu, seu pênis inchando como se tivesse pulsado. Ele olhou para baixo para onde ela o cavalgava, e suas garras cavaram um pouco mais fundo enquanto ele se via desaparecendo dentro de seu canal. — Sua boceta é tão boa se movendo em mim. Eu gosto que você queira fazer isso comigo, se foder com meu pau. Quero sentir você gozar ao meu redor enquanto faz isso, como se você mesma quisesse me ordenhar para minha semente.

Um arrepio rastejou sobre sua carne, e ela tentou trabalhar mais duro nele. Seu grito de resposta o fez estocar, penetrando mais profundamente dentro dela, e quase a fez esquecer o que estava dizendo.

Ela queria seguir em frente, dar a ele exatamente o que ele acabara de dizer que queria.

— Orpheus? — ela questionou em meio a respirações ofegantes.

Quando ele percebeu que ela estava começando a desacelerar porque ele não estava respondendo, ele finalmente disse: — Não sei como é isso. Eu nunca senti isso.

Ele nunca amou Katerina? A ternura se espalhou por seu peito, fazendo seu estômago vibrar de adoração por ele.

Ela pode ter sido a primeira humana de Orpheus, mas havia tantas coisas que Reia estava experimentando com ele que eles nunca tiveram, e ela estava tão feliz.

Um sorriso doce encheu as feições de seu rosto enquanto ela acelerava seus quadris mais uma vez. Ela moeu em seu pênis, movendo seus quadris para frente e para trás enquanto subia e descia, tentando fazê-lo parecer mais profundo para ele.

— Eu te amo, Orpheus. — Ela segurou os lados de sua mandíbula e pressionou os lábios em seu focinho, ao lado dele, ao redor dele. Pequenos beijinhos por toda parte em seu crânio ossudo. — Eu amo seu rosto, seu corpo, seu pau e a maneira como ele se sente dentro de mim. Eu amo seu coração e como ele quer ser gentil comigo, e ainda assim você pode ser tão travesso às vezes. Eu amo o jeito que você cheira e sua voz. Eu te amo, exatamente como você é.

Suas esferas brilhantes ficaram rosa brilhante com suas palavras e a maneira como ela as disse. Ela riu quando ele levantou a mão para cobrir um olho como se estivesse confuso ao ver a cor.

— E eu acho que você me ama também. Acho que é por isso que seus olhos ficam rosa. — Ele inclinou a cabeça para ela como se não tivesse certeza. — Como você se sente quando eles são dessa cor?

— Quente por dentro e me sinto inteiro. Dá vontade de te abraçar e estar o mais próximo possível para que sejamos um só. Que não há mais ninguém no mundo que eu queira além de você.

Ela esfregou a testa no focinho dele.

— É assim que eu me sinto também. É assim que eu sei.

Suas mãos a apertaram para fazê-la parar, e ela se afastou para olhar para ele. Ele parecia estar pensando.

— Sim, — ele disse suavemente, acariciando seu focinho contra sua mandíbula bem na frente de sua orelha. — Eu te amo profundamente, minha pequena corça. Você é preciosa para mim.

Ela o aninhou de volta.

— Eu também te amo.

E Reia estava planejando mostrar a ele o quanto ela o amava esta noite. No entanto, ela iria conseguir que ele a ajudasse com isso levantando-a para cima e para baixo enquanto trabalhava sua boceta nele. Ele era grosso e comprido, e ela queria sentir aquele pau maravilhoso acariciando-a por dentro, assim como ela adorava.

TRINTA E OITO

Reia acordou assim que o sol se punha no final da tarde. A escuridão e a névoa da floresta do Véu eram de um azul acinzentado com a escuridão envolvendo-o lentamente enquanto ela espiava pela janela sobre o corpo de Orpheus.

Uma dor irradiava por seu estômago, fazendo-a sentir como se tivesse levado um soco no estômago repetidamente. *Nós estávamos indo a noite toda.* E, talvez, seu corpo muito menor e mais fraco não pudesse aguentar tudo.

No momento tinha sido maravilhoso, mas agora que ela estava relaxada e descansada, parecia o dia seguinte a uma rigorosa sessão de exercícios.

Não tinha sido tão difícil quanto fora, como se Orpheus não quisesse enlouquecer com o corpo dela, mas ainda era muito.

Ela continuou a olhar para fora com as pálpebras pesadas, deixando o calor do corpo dele confortá-la enquanto ela acordava sozinha. Era estranho, considerando que ele geralmente acordava antes dela, mas ela percebeu que ele estava exausto depois dos últimos dois dias correndo sem descanso.

Se eu sou a noiva dele, então o que isso faz dele? Seu noivo, seu marido? Esse conceito parecia estranho, especialmente porque eles não se casaram e provavelmente não se casariam da maneira convencional.

Mas ela estava com ele por toda a vida, por mais que fosse, e ela sabia disso. Ela ainda estava esperando para ficar chateada com isso ou sentir uma pitada de arrependimento, mas nunca aconteceu.

Apesar do quanto suas respirações suaves e grunhidos de sono ameaçavam puxá-la para baixo mais uma vez, seus olhos captaram algo descansando no peitoril da janela do lado de fora.

Reia franziu a testa e levantou-se para ver melhor.

Uma pena? Uma branca, para ser exata.

Para não perturbar seu companheiro de sono geralmente leve, ela lenta e cautelosamente ergueu os braços dele e desembaraçou suas pernas. Felizmente, seu pênis e todos os seus membros haviam recuado para dentro de seu corpo, pois ela duvidava que pudesse

movê-los sem acordá-lo.

Depois de ir para seu quarto, que abrigava seu guarda-roupa, ela vestiu o vestido com que costumava dormir antes de dormir nua ao lado de Orpheus. Foi fácil de colocar em comparação com todo o resto.

Reia saiu, não precisando ter medo se o círculo de sal fosse quebrado quando ela pudesse se tornar fantasmagórica a qualquer momento. *Ele estava certo, eu sempre estarei segura.* Tipo isso. Contanto que ela fosse rápida e inteligente.

Quando ela chegou à janela, pegou a pena para inspecioná-la. *Isto pertence à Coruja Bruxa.* Ela olhou ao redor do quintal em busca de qualquer sinal dela.

Seus olhos captaram a rigidez do branco na escuridão da floresta. Uma humana coberta por um manto de penas brancas estava sentada em um galho baixo enquanto observava Reia de longe.

Ela estava esperando.

Reia se aproximou dela, observando os detalhes de seu corpo humano que ela nunca tinha visto claramente.

Sua pele era escura. Um tom profundo de marrom que era suave e bonito. Seus olhos escuros como carvão perfuraram os de Reia, com cílios ainda mais escuros que sua pele. Ela pensou ter visto cachos apertados sob o capuz da capa, mas não tinha certeza.

Ela não usava sapatos e o vestido branco que usava era imaculado. Chegava ao meio de suas coxas enquanto descia pesadamente pelo peito para revelar seu decote generoso. Tinha mangas curtas e penas presas ao redor do peito e dos ombros. No capuz de seu manto de penas, várias penas se erguiam em dois lugares para parecerem orelhas.

A Coruja Bruxa começou a chutar seus tornozelos cruzados para frente e para trás enquanto Reia se aproximava.

— Olá. É um prazer finalmente conhecê-la, — Reia disse enquanto levantava sua pena que estava no parapeito da janela. — Você continua me deixando isso.

— E você continua seguindo-as, — ela respondeu, sua voz profunda e ainda completamente feminina. Havia força nisso, confiança e sensualidade. — Você tem sido um ser humano muito bom

em me deixar guiá-la.

— Você tem sorte que eu tenho. — Ela encontrou seu humor com uma elevação de seu queixo. — Só porque você fez o jardim crescer e Orpheus confia em você, pude seguir suas pistas até a livraria.

— Talvez seja instintivo que ele confie em mim. — *Ah sim. Uma pessoa que fala em enigmas, apenas a minha coisa favorita.* Não. — Você não vai sair do círculo de sal?

Ela apontou para ele separando-as. Ela questionaria por que queria que ela o deixasse, mas não precisava. Reia, com um levantar confiante de sua sobrancelha, virou fantasmagórica quando ela passou por cima dele. Não havia nada que a Coruja Bruxa, ou qualquer outra criatura à espreita na floresta, pudesse fazer com ela agora.

Ela não pareceu surpresa quando curvou os lábios em um sorriso.

— Você sabia que eu seria levada pelo Rei Demônio? É por isso que você me deu todos os livros?

A Coruja Bruxa inclinou a cabeça para o lado de modo que todo o seu cabelo castanho-escuro espesso e encaracolado caísse sobre aquele ombro. Ela mostrou a Reia um largo sorriso de dentes.

— De jeito nenhum, mas não era difícil adivinhar o que aconteceria. Você queria aprender a manejar uma espada, e eu dei um jeito de ensinar. A história quis se repetir, mas não esperava que uma garota fosse seu próprio cavaleiro de armadura brilhante.

Uma gargalhada zombeteira explodiu de Reia.

— Fui esfaqueada nas costas por uma adaga e morri, que heroína que eu fui.

A Bruxa Coruja virou a cabeça para a casa.

— Mas você era dele. Você matou o passado dele e deu a ele um futuro que ele sempre buscou. Qual é a sensação de ser um Espírito?

— Como se eu pudesse escapar do mundo. — Ela cruzou os braços sobre o peito e levantou uma sobrancelha para a pessoa estranha diante dela ainda sentada na árvore e chutando as pernas. — Você sabia que eu me tornaria um se eu desse a ele minha alma, então

por que você não disse a ele?

— Às vezes o mistério nos deixa querendo mais.

— Então é o livro infantil? Foi muito engraçado onde você deixou sua pena. — Ela zombou enquanto apertava os braços. — A Bela e a Fera, sério?

A Coruja Bruxa inclinou a cabeça para o outro lado.

— Você não gostou de ler para ele? Sua história não é a mesma, mas você ainda se apaixonou por alguém que a maioria acha horrível.

Estava ficando irritante que todos esses seres diferentes os observassem.

— Mas a fera era um idiota no começo, Orpheus foi gentil comigo o tempo todo.

— Ele também foi pior. Você quase foi comida muitas vezes. Achei que você não sobreviveria, mas aqui está você, falando comigo como se eu tivesse feito algo errado.

Reia inalou profundamente pelo nariz antes de deixar sua respiração suavizar seus músculos. Ela estava se sentindo um pouco ofensiva sem motivo.

Ela me ajudou. Não tenho motivos para ser rude.

— Tudo bem — ela concedeu com um suspiro. — Por que você está aqui agora?

— Por que não posso estar? Você é um produto do meu design. Não posso falar com você quando sou o motivo de você estar aqui?

— Há algo que você queira me dizer?

— Existe algo que você queira saber?

A tensão encheu seus músculos mais uma vez. A pouca paciência de Reia só ficava à vontade quando estava com Orpheus. Esta mulher parecia humana, mas era inegavelmente estranha.

— Você é quem me guiou para falar com você e esperou que eu o fizesse. Prefiro estar dentro de casa com Orpheus se não houver sentido nisso. — Quando ela não disse nada ou reagiu, apenas uma pergunta veio à mente, uma que a fez franzir a testa. — Por que você está ajudando ele? O que você ganha com isso?

A Coruja Bruxa passou a perna por cima do galho da árvore antes de mover a outra também, então ela caiu para trás para balançar

de cabeça para baixo na parte de trás dos joelhos.

Com o cabelo preso dentro do capuz de sua capa enquanto ela pendurava lá, ela inclinou a cabeça para o lado.

— Pode uma mãe não cuidar de seu filho?

Os lábios de Reia se abriram em choque, surpresa, descrença.

— Mãe? Como isso é possível? Você parece uma humana.

— Eu já fui, mas agora sou como você. — Ela ergueu a mão para segurar o queixo. — Eu dei minha alma ao vazio em troca da vida eterna e da magia, e ao acasalar com ele, dei à luz a espécie de Orpheus.

— Que porra é o vazio?

E como diabos alguém pode fazer sexo com ele?!

— Um espírito das trevas. Não é fácil acasalar com uma entidade feita de névoa e nuvem.

Reia desejou poder realmente sentir sua própria mão esfregando a testa em confusão. Tudo o que ela sentiu foi uma leve pressão.

— Você está me dizendo que os Caminhantes do Crepúsculo vêm de um Espírito e a porra do vazio? Como isso é possível?

— Como tudo é possível? Por que os humanos podem viver na Terra? Por que as árvores crescem? Como as criaturas aprenderam a manejar a magia? Tudo isso, que parece impossível, é possível.

— Merda, acho que é verdade.

Reia olhou para a Coruja Bruxa com cautela.

Ela estava apaixonada por um Caminhante do Crepúsculo e felizmente fez sexo com ele. Ela não podia, não deveria, ter preconceitos sobre esta mulher dormindo com algum espírito das trevas.

— Então, você está aqui apenas para ajudar seus filhos? E os outros, então?

— Meu filho com chifres de touro foi torturado, mas eu o salvei da morte. Meu filho com chifres de carneiro está viajando e eu me certifiquei de que ele está seguro. Meu filho com chifres de Impala estava sozinho e eu o ajudei a buscar o amor. Meu filho com chifres de veado ainda está aprendendo, mas eu o guiei até seu irmão que pode

ensiná-lo. Há os outros dois que não precisam de mim porque precisam um do outro. Depois, há os poucos que ainda não formaram completamente seus crânios.

— Você só dá à luz filhos?

Seus olhos de carvão se enrugaram com humor.

— Eu dou à luz nada, e o primeiro ser humano que eles comem dita seu gênero, como acontece com os demônios.

— Se você é a mãe deles, então por que não conta a eles?

— Quando eles não têm rosto, eles sabem que sou segura e que vou ajudar. Eles sabem, mesmo que não se lembrem. Eles confiam em mim. Por que eu deveria me importar além disso?

Reia sentiu-se empalidecer com a ideia. *Acho que Orpheus gostaria de saber de onde ele veio.*

— Se você quer ajudá-lo, então o que você precisa de mim agora?

— Nada, eu vim para ajudá-la em seu lugar. Há uma coisa sobre a qual vim alertá-la. — A Coruja Bruxa apontou para a barriga de Reia. — Eu cuidaria do seu útero se você não procurasse dar à luz a escuridão.

Reia deu um passo para trás enquanto cruzava os braços sobre a barriga como se para escondê-la.

— O que você quer dizer? Eu sou uma humana e ele é um Caminhante do Crepúsculo. Não podemos ter filhos juntos.

Seu sorriso era confuso quando ela estava de cabeça para baixo, parecendo uma carranca ao mesmo tempo.

— Mas você não é uma humana. Você é um espírito, assim como eu.

Ela se tornou incorpórea diante dos olhos de Reia, escorregando do galho da árvore para pairar acima do solo. Ela se levantou para encará-la e então caminhou para frente.

Ela colocou a mão no ombro de Reia e sentiu, da mesma forma que sentiu a pressão dela tocando sua própria carne transparente.

— Ele é feito de espírito e humano e agora fez de você espírito e humano. Sua alma está ligada a ele e agora você caminha à beira da vida e da morte, nunca verdadeiramente viva, nunca verdadeiramente

morta. — Ela colocou a mão na barriga de Reia. — Você acasala com um filho das trevas e fará mais se não for cuidadosa. Eu não estava pronta quando aconteceu pela primeira vez.

— Então... — Reia cambaleou para longe dela enquanto a inquietação a enchia. — Como diabos eu deveria ter cuidado? Não é como se eu pudesse simplesmente *não* ter um filho!

E a probabilidade de Orpheus gozar dentro dela, enchê-la com tanta semente que literalmente jorrava dela, significava que ela provavelmente estaria grávida dentro de um maldito dia!

Oh foda. Eles fizeram sexo três vezes na noite passada! *Eu já poderia estar grávida!*

A Bruxa Coruja tinha razão, Reia *não estava* preparada para algo assim. Ela tinha acabado de tomar a decisão de dar a ele sua maldita alma.

— Ele tem magia, ele pode aprender. Tudo o que ele precisa fazer é ter um motivo para selar seu útero e ele estará protegido. Ele aprende a fazer feitiços querendo algo, como querer proteger um humano que ele trouxe para o Véu, ou criar ilusões para impedir que pessoas e Demônios pensem que ele viaja sozinho.

— Ele pode aprender algo assim para evitar isso?

Seus ombros relaxaram, mas isso não impediu a preocupação de que já fosse tarde demais.

— Sim, embora todos possam aprender a curar e proteger, Orpheus é melhor com magia de proteção. Eles geralmente estão cheios de muita fome para curar, e é por isso que ele ainda não aprendeu. Ele fará isso com você agora que você acabou com a fome dele.

— Como eu fiz isso? Ele só comeu minha alma.

Ela sorriu mais uma vez para Reia.

— Porque, como o pai, eles são devoradores de almas. Eles consomem carne no desejo de consumir a alma que ela carrega, mas não podem ser comidos dessa maneira.

— Tem que ser dado, — Reia afirmou, colocando a junta da frente contra os lábios em pensamento e batendo neles com ela.

— Isso é mentira, — ela disse, seu rosto endurecendo pela

primeira vez. — O vazio pode comer todas as almas, mas só pode receber uma para acasalar. Meus filhos só podem comer uma alma, e então eles ficam presos a esse humano, quer eles queiram ou não. Eu disse a ele que ele deve receber uma alma para não amarrar a si mesmo um humano que o odeia, mas poderia ter sido levada se ele realmente quisesse.

— Será que ele teria? — Reia perguntou com as sobrancelhas franzidas.

— Se ele tivesse pensado que era possível, talvez. — Seus lábios franziram com irritação. — E se ele tivesse feito isso com Katerina, ele teria se sentido miserável.

— Eu entendo.

Claro, ela entendeu depois de conhecê-la. Ela nunca teria aceitado Orpheus, por mais que ele tentasse agradá-la.

Ele teria pegado a minhaquando eu estava morrendo se soubesse que podia. Orpheus a amava, não a deixaria ficar longe dele. Ela não sabia como se sentia sobre isso, já que não queria que sua escolha fosse tirada dela.

— Isso é tudo que você queria me dizer? — Reia perguntou, preocupada com que outras coisas malditas ela poderia descobrir.

— Sim, isso é tudo. No entanto, peço que, quando ele encontrar um humano, você dê o amuleto ao meu filho com chifres de veado. Ele vai perdê-lo se você der a ele agora. — A Bruxa Coruja se tornou física e começou a puxar seu manto sobre o corpo mais como se quisesse se esconder dentro dele. — E obrigada por fazer meu filho com chifres de Impala ajudá-lo. Eu não acho que ele teria ido tão longe a ponto de levá-lo para a aldeia sem a sua interferência.

— Sem problemas, eu acho. Você está saindo agora?

Com o jeito que ela estava inquieta, parecia que ela estava prestes a se despedir.

— Sim. Há muitos lugares onde devo estar ao mesmo tempo, e é difícil chegar sempre a tempo.

Ela fechou as costuras do meio de sua capa e começou a mudar, penas crescendo em seu corpo enquanto ela assumia a forma de uma coruja branca. Seu rosto não se transformou, mas o capuz caiu sobre

ele e cresceu um bico quando os olhos começaram a aparecer.

Os olhos de Reia se arregalaram enquanto ela assistia, absorvendo a impressionante transformação.

Assim que terminou, ela se virou e imediatamente levantou vôo, batendo as asas para poder disparar através da copa das árvores. Ela sumiu de vista em segundos.

Ficando ali por um longo tempo em confusão, choque e sendo totalmente oprimida, ela finalmente suspirou e balançou a cabeça. *Dane-se, estou com fome e quero chá.* Ela pensava em tudo isso enquanto preparava o jantar, já que era tão tarde.

Ela caminhou de volta para a casa, tornando-se física apenas uma vez que ela estava dentro, então a abertura da porta não acordou Orpheus. Não que isso importasse. Ela tentou ficar quieta, mas cozinhar era sempre barulhento.

Ele não acordou, porém, e ela comeu em silêncio enquanto tomava chá de gengibre e mel.

Uma hora inteira se passou enquanto ela pensava, desejando que aquela maldita dor incômoda em seu abdômen parasse. *Ok, então talvez ele estivesse certo sobre se conter.*

Assim que terminou de comer, sentou-se à mesa de jantar e mal conseguiu se impedir de girar os polegares. Era incomum ficar sozinha em casa enquanto ele dormia. Ele estava sempre com ela, e quando ele estava fora ela podia falar tão alto quanto quisesse.

Eu poderia ler. A ideia a entediou.

Ela virou a cabeça para o armário acima da cozinha. *Ele me pediu para fazer um novo sino.*

Silenciosamente, mais para que ela não fosse pega em flagrante ao invés de realmente acordá-lo, ela moveu sua cadeira para o balcão da cozinha e subiu nele. Ela recuperou tudo o que queria antes de devolvê-lo à mesa para começar a trabalhar nisso.

Ela fez o mesmo e, quando terminou, ouviu passos pesados descendo o corredor curto.

— Reia? — ele perguntou com uma voz grave como se estivesse grogue e cheio de sono, emergindo apenas vestindo suas calças como se tivesse colocado algo rapidamente.

— O que há de errado, Orpheus?

Seus olhos estão brancos.

Ela não esperava ser recebida com nada além de um Caminhante do Crepúsculo bem satisfeito e contente. Colocando o sino acabado na mesa, ela se aproximou dele.

— Você se machucou?

Ele começou a erguer os braços dela como se quisesse verificá-la. Ela começou a se checar junto com ele.

— Eu não acho.

— Então por que você cheira a sangue?

Ela ergueu o olhar para ele enquanto franzia a testa profundamente.

— Foi isso que te acordou?

— Sim.

Ela estava fazendo tanto barulho e ele só acordou por causa do cheiro do sangue dela. *Ele ainda parece tão cansado.* Ele basicamente caiu no sono depois da última vez que eles tiveram intimidade.

Ele começou a cheirar seu cabelo, seu pescoço, seu peito, movendo-se para baixo como se estivesse tentando encontrar a fonte. Seus olhos se arregalaram e ela o empurrou levemente para trás.

Ela correu para o banheiro.

Reia gritou de alegria quando percebeu que a dor incômoda em seu estômago era porque ela estava sangrando entre as coxas.

— Sim! — Ela ergueu o braço no ar. — Nunca fiquei tão feliz por ter minha maldita menstruação.

Nunca em sua vida ela pensaria que teria um susto de gravidez com um Caminhante do Crepúsculo! Ela quicou pelo corredor, agradecida por eles não terem que se preocupar com ele comendo-a com o cheiro de seu sangue agora.

Ele virou a cabeça para ela, parecendo totalmente confuso.

— Eu não entendo porque você está feliz. Isso geralmente não lhe causa dor?

— Oh, eu definitivamente estou com dor, mas prefiro isso do que estar grávida!

Seus olhos ficaram amarelos escuros em curiosidade.

— Mas não podemos fazer um filho. Por que você estaria preocupada com isso?

Suas bochechas esquentaram ligeiramente, como se ela estivesse nervosa por estar em apuros.

— Eu, uh, meio que tive uma conversa com a Coruja Bruxa mais cedo.

Um rosnado leve *imediatamente* saiu de sua garganta.

— Eu disse para você não falar com ela.

Ela revirou os olhos para ele e o fato de que ele nunca parecia aprender, ela raramente fazia o que lhe diziam. Havia coisas mais importantes para falar de qualquer maneira.

— Eu sei de onde você veio, Orpheus, e o que você realmente é. Você é parte espírito, parte humano. E quando te dei minha alma, você me transformou em um Fantasma – que também é parte espírito.

— Ainda não entendo por que isso a deixaria preocupada quando não estava antes.

Eles nunca falaram sobre isso, e Reia livremente o deixou gozar dentro dela porque ela não pensou que isso importaria. Ela não sabia se ter um filho com Orpheus era algo que ela queria, mas poder escolher era um alívio. Seu futuro era incerto. Tudo o que ela sabia era que sempre o teria nela.

Ela riu quando estendeu a mão para segurar seu focinho e arrastou sua cabeça para mais perto para que ela pudesse descansar contra ele.

— Você me fez gostar de você, e isso significa que somos compatíveis agora.

Ele se agachou para ficar ao nível dos olhos dela.

— Então, isso significa que podemos fazer um filho?

— Sim. — Ela deu a ele um pequeno sorriso ao dizer: — Mas eu ainda não quero agora.

Orpheus se encolheu para longe dela, seus olhos se tornando de um azul profundo.

— Você não quer fazer isso comigo?

Sua testa enrugou quando ela percebeu que ele parecia magoado com o que ela disse.

— Eu quis dizer ainda não. Não estou pronta para algo assim.

Isso pareceu aliviá-lo, e seus olhos voltaram ao amarelo. Ele rastejou para frente, batendo em seu focinho com uma garra em pensamento antes de fazer isso na parte inferior de seu estômago.

— Mas eu gostaria de fazer isso. Eu não sabia que poderia colocar minha semente em seu ventre para crescer, mas gostaria que você carregasse meu filhote. — Ele continuou a bater em seu estômago, como se isso fosse magicamente fazer isso acontecer. — Eu o protegerei.

— Tenho certeza que sim — respondeu ela, recuando apenas para que Orpheus a seguisse. — Mas agora não.

— Por que não agora, Reia?

Ok, então talvez ela não devesse ter contado a ele, já que ele agora estava muito decidido com a ideia. Ela não esperava que ele fosse tão carente de um filho.

Como seria?

A Bruxa Coruja havia dito que ela deveria ter cuidado se não quisesse dar à luz a escuridão, então seria como Orpheus? Um Caminhante do Crepúsculo? Ela não podia nem começar a imaginar como ele seria uma criança que não tivesse um crânio. Ela sabia que todo o pelo, barbatanas e carne dele vinham do que ele comia.

Ela estava preocupada com a coisa estranha que ela daria à luz.

— Porque eu gostaria de ficar a sós com você. — Ele ergueu o rosto para ela e deu uma inclinada inquisitiva com a cabeça. — Uma criança tiraria minha atenção de você.

— Eu também poderia estar envolvido na atenção da criança?

Merda. Ela pensou que isso funcionaria para detê-lo.

Ela estreitou os olhos para lhe dar uma expressão severa.

— Orpheus, estou dizendo não.

— Não?

Ele começou a bater no focinho mais uma vez, e era apenas algo que ela o vira fazer quando estava muito pensativo.

— E eu gostaria que você descobrisse o feitiço que a Coruja Bruxa me disse que você pode fazer para impedir que isso aconteça.

— Mas eu não sei como fazer isso.

Ela franziu os lábios.

Eu tenho que dar a ele um motivo para querer aprender o feitiço.

Cruzando os braços sobre o peito, ela ergueu o queixo enquanto virava a cabeça para o lado.

— Bem, eu não vou fazer sexo com você até que você descubra.

Ela viu em seu periférico que seus olhos ficaram brancos mais uma vez. Ele avançou, estendendo a mão para que pudesse colocar a mão na lateral do rosto dela.

— Mas eu não sei como fazer um feitiço assim, — ele repetiu um pouco mais apressadamente. — E eu quero estar perto de você.

— Então descubra.

Ela se afastou e deu a ele seu olhar semicerrado e estreito mais uma vez.

— Eu não vou gozar dentro de você até que eu aprenda, — ele ofereceu, seu tom dizendo a ela que ele estava ficando angustiado com essa possibilidade.

A ideia de ser coberta por aquele líquido quente enviou um arrepio de prazer por seu sistema.

Ela se perguntou quem ficaria mais chateado com isso, considerando que Reia não queria abrir mão de ter o pênis de Orpheus dentro dela. Ela gostava de seus momentos de paixão juntos. Ela queria vacilar, pois sabia que ser íntima era mais do que apenas prazer para ele.

Em vez disso, ela bufou uma risada.

— Isso não vai funcionar! — ela exclamou. — Você é como uma fonte sangrenta, Orpheus, e até mesmo o seu pré-sêmen pode me deixar grávida. Assim que você aprender, continuaremos. Até então, ainda podemos nos tocar, mas não dessa forma.

Ele deu um gemido lamentoso.

— Contanto que você seja feliz, farei o que você pediu.

Reia suavizou sua expressão e sorriu para ele enquanto estendia a mão para acariciar seu rosto.

— Obrigada. Eu fiz para você um novo sino. Você gostaria que eu colocasse os dois em você agora?

Seus olhos ficaram rosa brilhante, e ele acenou com a cabeça,

fazendo seu coração inchar por ele. *Estúpido bobo. Você me ama há muito tempo.*

EPÍLOGO

Orpheus percorria a superfície em que viviam os humanos, caçando sua fêmea que queria carne para comer com seus vegetais.

Agora que não estava mais com fome, sabia que essa tarefa seria muito mais fácil, pois não se perderia em um frenesi. Infelizmente, algo parecia ter o rebanho de veados que ele seguia em alerta máximo, e ele não conseguiu se aproximar sem assustá-los.

A perseguição ainda o deixava excitado. Ele acabou massacrando cruelmente aquele que recentemente conseguiu pegar, tornando-o incapaz de ser levado através do Véu.

Ele tentou pegar um coelho, mas foi rápido, e acabou esmagando-o sem querer ao bater com a mão nele. Ele nunca tinha tentado pegar um coelho antes, mas Reia disse que eles faziam uma boa carne para ensopados, e ele estava curioso para saber como ela poderia ensiná-lo a cozinhá-lo.

Foi a primeira vez que ele a deixou em duas semanas por um longo período de tempo e ele estava muito ansioso para voltar para ela. Um dia já havia se passado e ele desejava vê-la, abraçá-la, cheirá-la e ouvi-la cantarolar desde que ela começou a fazer isso ultimamente.

Ele esperava que fosse porque ela estava contente com ele.

Levou apenas uma semana para descobrir o feitiço que a impedia de gerar seu filho. Ele não gostou de não ser capaz de se conectar com ela, e sua urgência por isso o levou a aprender. Foi só depois da primeira vez que eles fizeram sexo novamente que ela começou a cantarolar para si mesma.

Orpheus caminhava agachado sobre os pés e as mãos, movendo-se devagar para não abalar demais os sinos. Ele estava começando a pensar que talvez o pequeno ruído que eles faziam fosse o que assustava o cervo, e ele considerou colocá-los no bolso da calça por enquanto.

Ele não queria e temia quebrá-los, já que não conseguia ver atrás de seu crânio para ver seus chifres.

Da próxima vez, vou pedir a ela para tirá-los antes de ir caçar. Pelo menos ele sabia agora.

O sol da manhã brilhava em seus olhos, mas parecia quente contra seu corpo, aquecendo suas roupas e a carne por baixo. Agora que a primavera estava quase no fim, havia muitas cores e flores.

Ele uma vez colheu flores para Katerina. Ele as achava bonitos, como ela, e quis dar a ela na esperança de que elas as achasse bonitas também. Ela não tinha gostado delas.

Reia gostaria de flores? A ideia de que ela poderia dar a ele aquele sorriso radiante e brilhante que ela usava, aquele em que parecia que seu coração estava derretendo em seu peito de uma forma semelhante a como seu sorriso o fazia sentir, implorou para que ele tentasse. *Vou levar algumas quando eu sair. Se ela não gostar delas, não farei isso novamente.*

Ele queria dar a ela rosas vermelhas, já que ela cheirava a elas. Ele queria que ela entendesse por que ele adorava o cheiro dela, e ele sabia que havia muitos arbustos de sabugueiro na beira do penhasco do Véu. Ele poderia apresentar ambos para ela cheirar, para que ela pudesse compartilhar o que ele experimentava em sua presença.

No momento em que se aproximava do rebanho de veados, vendo-os um pouco além das árvores, o cheiro de sabugueiro e rosas invadiu seus sentidos.

Ele queria voltar para ela tão profundamente que estava imaginando seu cheiro?

— Orpheus? — Ele ouviu aquela voz adorável atrás dele e rapidamente se virou.

Lá ela se sentava em uma pequena área de grama que tinha flores amarelas de ervas daninhas brotando dela. Ela estava sentada no quadril com as pernas dobradas para o lado, uma mão apoiada no chão para se apoiar.

Sua cabeça torceu para o lado com tanta força que quase virou de cabeça para baixo.

— Reia? — Ele veio em sua direção. — O que você está fazendo aqui?

Ela me seguiu? Mas por que ela iria? Ele não sabia como se sentia sobre isso. Ela não estava dentro da segurança de suas proteções domésticas e nem estava usando sapatos para proteger seus pezinhos.

Ela usava seu vestido azul claro que era semelhante ao rosa que ela teve que consertar por causa do corte na parte de trás da adaga que a matou. Orpheus odiava que ela também carregasse a cicatriz entre as omoplatas - um lembrete constante de que ele havia falhado com ela.

Ela não suportou o susto de quando aparentemente foi comida por um Demônio, algo que o angustiou ao descobrir. Ambos pensaram que talvez qualquer novo ferimento que ela ganhasse desapareceria na próxima vez que ela fosse morta - não que ele estivesse ansioso para descobrir a verdadeira resposta para isso.

Ela tinha pequenas desde quando ele acidentalmente a cortou com suas garras, e ele preferia vê-las lá do que saber que elas se foram porque ela foi ferida tão gravemente que morreu.

Com a pergunta dele, ela ergueu as mãos para olhar para as palmas.

— E-eu não sei. Em um minuto eu estava tomando meu café da manhã no jardim. — Ela encontrou seu olhar quando ele colocou a mão sobre seu cabelo para acariciá-la, uma emoção subindo por ele por ser capaz de tocá-la. — E então, de repente, eu desapareci e apareci atrás de você no chão.

Um dia se passou. Era mais ou menos nessa hora do dia que ele saía de casa para caçar.

Levava um dia para as feridas de um Mavka começarem a cicatrizar, não importa quão grandes ou pequenas. Um dia sem um membro completamente antes que ele crescesse em um segundo. Um dia sendo apagado como apenas um crânio, antes que o corpo voltasse a crescer em um líquido preto borbulhante e pegajoso antes que uma forma sólida endurecesse.

Ela estará sempre comigo. Certa vez, ele se perguntou o que aconteceria se um humano lhe desse sua alma e eles o abandonassem fugindo. Como eles poderiam estar sempre com ele se partiram mesmo depois de lhe dar sua alma?

Essa era a resposta dele para essa pergunta?

— Talvez só possamos ficar separados por um dia.

Como as feridas de um Mavka se curando, seu corpo apareceria com ele em um dia.

— Isso é realmente inconveniente, — ela gemeu, caindo para trás para se reclinar na grama. Seu coração murchou um pouco, pensando que ela não queria estar com ele agora, até que ela disse: — Eu nem comi uma única mordida no meu café da manhã antes de desaparecer. Vou ficar com muita fome em breve.

Orpheus riu dela, suas mandíbulas se abrindo com a profundidade de seu humor.

— Encontrarei comida para você, minha noivinha. Eu estava caçando veados, mas não poderei fazer isso com você aqui agora.

Ela rolou para se sentar e levantou uma sobrancelha para ele.

— Por que não?

Sua risada se aprofundou.

— Porque você é barulhenta e desajeitada, Reia. Você vai assustá-los.

Arrastando os pés, ela colocou as mãos nos quadris para dar a ele um olhar que estava vazio de qualquer raiva real.

— Não se eu fizer isso.

Ela virou fantasmagórica, fazendo seus pés pairarem acima do solo e silenciando-a quase completamente. Se não fosse por sua audição impecável, ele teria lutado para ouvi-la falar.

— Isso é verdade, mas eu prefiro que você esteja em casa, onde você está mais segura.

Ela se tornou física mais uma vez antes de revirar os olhos para ele com um acesso de raiva.

— Eu sempre estarei segura, Orpheus. Eu posso me transformar em um maldito espírito! Nem mesmo você pode me tocar.

Ele estalou as mandíbulas em aborrecimento, para fazer um som agudo de mastigação. Ele não gostava de não poder tocá-la assim, e ela frequentemente gostava de brincar com ele, ficando transparente em seus braços para provocá-lo.

— Tudo bem — ele rosnou levemente. — Você pode ficar comigo até que minha caça termine. Vou encontrar algo para você comer agora, para que não passe fome. — Ele estendeu a mão para ela enquanto ficava de pé, e ela a pegou. — Posso carregar você? Eu gosto de segurar você no meu braço.

— Claro.

Ela esperou que ele se inclinasse e estendesse o braço atrás dela, e sentou-se na curva de seu cotovelo. Ele a ergueu, envolvendo o braço e a mão firmemente ao redor de sua cintura antes de começar a caminhar com ela.

— Você sabe, — ela disse lentamente, olhando ao redor para a floresta brilhante que não era nada como a escuridão do Véu. — Isso me lembra da última vez que você me carregou acima da superfície.

— Agradeço por essa caminhada todos os dias, mesmo você fazendo barulho e não parando de reclamar do frio.

— Havia neve em todos os lugares! Você não entende como eu estava com frio? E, basicamente, tive que implorar para você diminuir a velocidade, e você ainda não quis!

Ela agarrou um de seus chifres e começou a balançar a cabeça para todos os lados enquanto ele começava a rir. *Eu gosto de provocá-la.* Ele era novo nisso, pois se sentia confortável em fazê-lo agora que sabia que ela não o deixaria.

— Você era estranha mesmo então. Eu deveria ter comido você no dia em que os Caçadores de Demônios me atacaram, mas o som de você rindo na minha boca me assustou.

— Foi um momento de loucura. Eu sabia que você iria, e foi meio assustador ter suas presas deslizando *lentamente* em volta da minha cabeça.

Ele inclinou a cabeça para cima para poder bater com o lado do focinho contra ela.

— Então eu sou grato pelo seu momento de loucura, porque isso significa que você está aqui comigo agora.

Reia resmungou algo como ele ser muito doce, mas ele nunca entendeu quando ela o chamou de algo que era o gosto da comida. Ele achava que algo muito doce era ruim, como ele não gostar de mel por isso mesmo.

No entanto, ele sabia que era uma coisa boa vindo dela, como um elogio, e aceitou.

— Você me fez uma promessa, a propósito, — ela disse, chutando as pernas para frente e para trás individualmente para

balançar sob o braço dele.

— Uma promessa? — Havia uma tarefa que ele disse que faria, mas não cumpriu? *Estou em apuros?*

Ela inclinou seu corpo para frente, confiando que ele não a deixaria cair para que ela pudesse fazê-lo livremente. Seu cabelo cobria o outro lado de sua cabeça enquanto ela olhava para ele enquanto lhe dava um sorriso que parecia sinistro vindo dela.

— Você disse que mataria aqueles que me feriram da minha aldeia.

Orpheus imediatamente redirecionou seu caminho, e ela levantou a cabeça quando percebeu que deveria procurar na floresta.

— Onde você está indo?

— Para sua aldeia, — ele respondeu claramente.

— Realmente? — ela quase parecia rir. — Você realmente vai me levar de volta para minha aldeia para que você os mate?

Ele trouxe seu olhar para ela, sem entender seu tom.

— Você não quer que eu vá?

— Sim! Eu gosto muito, mas não acho que devam ser os três. Aqueles que ajudaram Chad só o fizeram porque queriam impressioná-lo. Não foram eles que realmente me machucaram fisicamente jogando coisas. Darren, o homem que estava sendo oferecido a você, foi uma das pessoas que o ajudaram.

— Eu vou acabar com todos eles para você, Reia, se é isso que você procura. O que quer que a deixe satisfeita.

Na verdade, ele realmente queria. Eles machucaram sua pequena corça, atormentaram-na, e ele queria mutilá-los por isso.

— Vou pensar sobre isso no caminho. O que aconteceria se você comesse Chad agora?

— Não acho que isso me deixaria com fome ou me satisfaria, mas me tornaria um pouco mais humano, obteria um pouco mais de humanidade.

Ela gostaria que eu mudasse? Orpheus não tinha pensado nisso se talvez Reia pudesse querer que ele fosse menos peludo, ou monstruoso.

— Hmm, — ela parecia pensativa antes de torcer o nariz. —

Bem, eu não gosto disso. Poderíamos alimentá-lo com o Mavka? Ele é realmente estúpido, ele precisa obter mais humanidade.

Uma leve risada de concordância o fez cócegas.

— Ele *é* bastante estúpido. Nós podemos fazer isso.

Ciúme e aborrecimento queimaram em seu estômago, não gostando que Reia se importasse tanto com Mavka com chifres de veado, mas ele tentou não demonstrar. Orpheus estava apenas sendo, como Reia o chamava, egoísta e possessivo.

Ela me aceita. Ela gostava dele como ele era, e isso o fazia se sentir amado e desejado.

— Bom. Eu quero fazer isso, então. — Ela continuou a chutar as pernas enquanto parecia pensar por um longo tempo. — Você não vai me levar para casa imediatamente. Isso significa que você confia em mim para estar na superfície com você? Que estarei segura?

— Sim, — ele respondeu sem hesitar.

O fato de ela agora ser uma Espírito o aliviou. Ela não seria morta facilmente, e mesmo que fosse, ela voltaria para ele. Ele também confiava que ela não tentaria abandoná-lo. Ela era dele, e ela queria ser.

— Então, você vai me levar para viajar um dia para que eu possa conhecer o mundo?

— Se isso é o que você quer.

Enquanto ela estivesse com ele, ele a levaria a qualquer lugar que ela quisesse ir.

— O que acontecerá com nossa casa se não voltarmos para ela?

— Assim que as proteções desaparecerem, os Demônios tentarão habitá-la. Eles provavelmente irão destruí-la parcialmente se ficarmos fora por muito tempo.

Na verdade, ele ficou um pouco triste com a ideia de que a casa deles pudesse ser danificada enquanto eles estivessem fora. Mas, se isso era algo que Reia queria, ele aceitaria e consertaria quando eles voltassem assim que comesçassem a viajar – sempre que ela decidisse que queria.

— Você disse que o feitiço de proteção que você colocou para minha aldeia quando você me levou dura apenas dez anos e não pode

ser feito durante esse tempo.

— Sim, está correto.

Ele provavelmente teria tentado pegar uma nova oferta assim que a que ele pegou tivesse morrido, se não fosse o caso.

Em vez disso, ele passaria uma década sozinho, esperando que isso desaparecesse para poder barganhar por uma vida que pudesse ficar com ele mais uma vez. Ele ergueu o focinho e lambeu a mandíbula daquela que havia encontrado, e estava muito feliz.

— Nesse caso, vou esperar até lá para que você possa colocá-la em nossa casa para protegê-la enquanto estivermos fora. — *Ela sabia que eu não colocaria outra para os humanos já que a tenho.* — Dez anos não é tanto tempo se tivermos a eternidade juntos.

A visão de Orpheus ficou amarela brilhante. Ele adorou a ideia dela e ficou satisfeito por ela querer proteger o lar que eles compartilhavam. Aquele em que eles tinham memórias, aquele que ela começou a decorar para si mesma, e deu a ele grande prazer em vê-la fazê-lo. Ele não queria perder nada disso, e ela estava disposta a esperar por algo que desejasse para preservá-lo.

Ela é perfeita, mente, coração, corpo e alma. Reia é perfeita para mim.